

Curso de Quenya

A mais bela Língua dos Elfos

Helge Kåre Fauskanger

Curso de Quenya

A mais bela Língua dos Elfos

Tradução

Gabriel O. Brum

Arte & Letra

2004

Øados de Catalogação

A Capa: na capa do livro está constelação de Valacirca, Foice dos Valar, sobre um céu de anoitecer. A Vala Varda, esposa de Manwë e Rainha dos Valar criou a Valacirca como um símbolo. Em nossos céus, a Valacirca faz parte da constelação de Ursa Maior (não visível no hemisfério sul).

ÍNDICE

Prefácio à Edição Brasileira	11
por Fábio Bettega	
Introdução	13
Lição Um	49
Os sons do quenya	
Pronúncia e acentuação	
Lição Dois	72
Substantivos	
Plural	
O artigo	
Lição Três	81
Número dual	
Variação de radical	
Lição Quatro	89
Número dual	
Variação de radical	
Lição Cinco	101
O Verbo: presente e concordância em número	
Sujeito/objeto	
A forma superlativa de adjetivos	
Lição Seis	115
Pretérito	
Lição Sete	127
Futuro e Aoristo	
Lição Oito	139
Tempo perfeito	
Desinências pronominais $-n(y\check{e})$, $-l(y\check{e})$, $-s$	
Lição Nove	155
O infinitivo	
O verbo de negação	
Particípios ativos	

Lição Dez	166
Advérbios As desinências pronominais <i>-ntě</i> e <i>-t</i> Infinitivos com pronomes oblíquos O pretérito de verbos intransitivos em <i>-ya</i> Particípios passivos	
Lição Onze	186
O conceito de casos O caso genitivo	
Lição Doze	200
O caso possessivo-adjetivo Substantivos verbais ou abstratos e como eles interagem com os casos genitivo e possessivo	
Lição Treze	215
O caso dativo O gerúndio As desinências pronominais <i>-lmě</i> , <i>-lvě</i> e <i>-mmě</i> Um pronome indefinido	
Lição Catorze	233
Os casos alativo e ablativo <i>Equě</i> e <i>auta</i> : dois verbos peculiares Desinências pronominais possessivas: <i>-nya</i> , <i>-lya</i> , <i>-lva</i> , <i>-lma</i> , <i>-mma</i>	
Lição Quinze	256
A desinência <i>-rya</i> e mais sobre desinências pronominais possessivas O caso locativo Frases relativas Obscuridades da terceira pessoa	
Lição Dezesseis	276
O caso instrumental Verbos com uma vogal não enfatizada + <i>-ta</i> O imperativo A fórmula <i>nai</i>	
Lição Dezessete	292
Os demonstrativos: <i>sina</i> , <i>tan(y)a</i> , <i>enta</i> e <i>yana</i> . Declinando a “última palavra declinável”. Substantivos radicais <i>U</i> . Números ordinais em <i>-ěa</i> .	

Lição Dezoito	306
Pronomes independentes	
Verbos impessoais	
Verbos radicais U	
Os vários usos de <i>lá</i>	
 Lição Dezenove	 326
Pronomes em expressões imperativas	
Pronomes enfáticos	
Palavras interrogativas: <i>man, mana, manen</i>	
Posposições	
 Lição Vinte	 340
O obscuro verbo “ser”.	
<i>Ma</i> como uma possível partícula interrogativa.	
<i>Sa</i> introduzindo cláusulas nominais.	
 Apêndices	 353
 Vocabulário de Quenya	 404
 Respostas	 402

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

por Fábio Bettega

Não vou tratar do conteúdo do livro neste prefácio pois a Introdução cobre esse aspecto com perfeição. Vou escrever rapidamente sobre como este livro foi feito e de quem o gestou (sim, foi um nascimento dolorido!) para que coisas que não deveriam ser esquecidas não se percam. Também não pretendo usar uma linguagem impessoal, pois esse livro, ou melhor, a edição brasileira deste livro é toda “coração”.

Até a atual data eu não tenho conhecimento da existência de projeto semelhante. Mesmo o “The Languages of Tolkien’s Middle-earth” da Ruth Noel ou a futura gramática do Sindarin a ser lançada por do David Salo em outubro/2004 estão em patamares diferentes. Este é um livro feito por fãs e para os fãs de Tolkien e só por isso ele existe, pois não é um livro economicamente viável e não seria nunca lançado por uma grande editora que busca retorno financeiro garantido.

Acredito falar em nome de todos ao afirmar que não tínhamos uma noção exata do que começamos há alguns meses atrás, quando eu e o Gabriel (o tradutor do curso) decidimos “ver no que ia dar” pegar o curso de Quenya do Fauskanger e fazer uma apostila - nosso plano inicial - a qual acabou virando um livro com tiragem de 200 exemplares, capa 2 cores e sulfite até chegar nessa edição com capa colorida, papel de primeira e 1.000 exemplares. Acho que só teremos uma noção exata de tudo que foi feito e dos resultados quando tivermos o livro em mãos, impresso, completo, nascido.

Este pequeno livro é fruto do esforço abnegado de um grande grupo de pessoas, começando pelo autor Helge Fauskanger que nos cedeu os direitos de publicação, o tradutor Gabriel “Tilion” O. Brum que trabalho também sem vencimentos na tradução, revisão, re-revisão e re-re-revisão do curso, o criador da capa, Alex “Valarcan” Lima que sofreu por semanas o ataque das sugestões de uma dúzia de pessoas e que mesmo assim conseguiu criar uma capa que incorpora o espírito do Curso, o editorador Abrahão “Úvatar” Tessaro que paciente e diligentemente trabalhou mais de um mês para concluir o livro, o editor Thiago “Ispaine” Tizzot que nem por um momento duvidou da viabilidade do livro e não poupou esforços para que o mesmo saísse com a melhor qualidade gráfica possível.

E é isso. Mesmo que no final de tudo não consigamos vender dezenas de exemplares do Curso de Quenya e os utilizemos como suporte de mesa, peso de papel ou qualquer outra coisa, terá valido a pena, sem dúvida. E eu tenho certeza absoluta que este será apenas o primeiro de muitos outros livros - mais quatro já estão planejados - que virão e ajudarão a tornar o Brasil a ser um pouco mais tolkieniano.

INTRODUÇÃO

De todos os idiomas criados pelo filólogo e autor britânico J. R. R. Tolkien (1892-1973), o mais popular sempre foi o *quenya*. Parece também ser o mais desenvolvido de todos os idiomas inventados por Tolkien. De fato, apenas dois deles - quenya e sindarin - são tão completos que uma pessoa pode, com alguma facilidade, escrever textos substanciais neles sem recorrer a uma massiva invenção própria. Até recentemente, o sindarin era pouco compreendido, e sua complexa fonologia pode desanimar novos estudantes (especialmente se eles não possuem treinamento lingüístico). Meu conselho para as pessoas que querem estudar as criações lingüísticas de Tolkien definitivamente seria que elas comesçassem com o quenya. Ter o conhecimento desse idioma facilitará estudos posteriores de outras línguas, incluindo o sindarin, uma vez que o quenya representa apenas um ramo da família das línguas élficas: as línguas élficas não são entidades independentes, mas todas evoluíram de uma língua ancestral comum e, em muitos aspectos, o quenya situa-se mais próximo do seu original primitivo do que os outros idiomas.

Na realidade, em oposição a esse contexto imaginário, Tolkien bem sabia que tipo de estilo estava almejando e, tendo traçado um idioma “élfico primitivo”, ele habilmente desenvolveu mudanças sonoras que produziriam uma língua com o sabor desejado: o quenya é resultado de seu romance juvenil com o *finlandês*; ele estava, em suas próprias palavras, absolutamente intoxicado pelo som e o estilo deste idioma quando o descobriu (*The Letters of J.R.R. Tolkien*, pág. 214). Entretanto, deve-se enfatizar que o finlandês foi somente uma inspiração; o quenya não é de modo algum uma versão deturpada do finlandês, e apenas umas poucas palavras de seu vocabulário mostram alguma semelhança às palavras finlandesas correspondentes. (Ver o debate de Harri Perälä em http://www.sci.fi/~alboin/finn_que.htm; o escritor é ele próprio um finlandês.) Tolkien também mencionou o grego e o latim como inspirações; também podemos evidentemente adicionar o espanhol à lista.

A história fictícia ou interna do quenya é resumida no meu artigo regular sobre o quenya no website Ardalambion (ver <http://www.ardalambion.com.br/quenya.php>) e não necessita ser repetida em detalhes aqui. Bem resumidamente, dentro dos mitos de Tolkien, o quenya era o idioma dos elfos que viviam em Valinor no extremo oeste; sendo falada no Reino Abençoado, ela era a língua mais nobre no mundo. Posteriormente, um dos clãs de elfos, os Noldor, partiram em exílio à Terra-média, levando o quenya com eles. Na Terra-média, ele logo saiu de uso como uma fala diária, mas entre os Noldor ele foi sempre preservado como

um idioma cerimonial, e como tal ele também ficou conhecido pelos homens mortais em eras posteriores. Em consequência, no *Senhor dos Anéis* temos Frodo pronunciando a famosa saudação em quenya *elen síla lúmenn’ omentielvo*, *uma estrela brilha sobre a hora do nosso encontro*, quando ele e seus amigos deparam-se com alguns elfos (e os elfos ficam encantados por encontrar um estudioso da Língua Antiga). Se alguém estuda o quenya como um modo de imergir-se na ficção de Tolkien, realmente pode ser melhor descrever a si próprio como um estudante mortal na Terra-média na Terceira Era, por volta do período abrangido no *Senhor dos Anéis*. (Descrever-se como um falante nativo de élfico em Valinor na Primeira Era pode ser pretensioso demais.) A forma particular de quenya ensinada neste curso é - com intenção - precisamente a Exilada tardia ou uma variante da Terceira Era. Este é o tipo de quenya exemplificado no *Senhor dos Anéis*, com o Lamento de Galadriel (*Namárië*) como o exemplo mais substancial.

Numerosos entusiastas produziram um corpo limitado, mas em constante crescimento, da literatura do quenya, especialmente uma vez que uma quantia substancial de vocabulário finalmente tornou-se disponível com a publicação do *The Lost Road* em 1987, quatorze anos após a morte de Tolkien. Graças a esse e aos quinze outros livros de material da Terra-média que Christopher Tolkien, no período de 1977-96, editou a partir dos manuscritos deixados por seu pai, nós agora sabemos muito mais sobre os idiomas de Tolkien do que soubemos durante toda a vida de seu inventor. Certamente não podemos nos sentar e prontamente traduzir as obras de Shakespeare para o quenya, mas sabemos alguns milhares de palavras e podemos inferir as linhas gerais da gramática antevista por Tolkien. Ainda assim você não pode realmente tornar-se fluente em quenya, não importa quão arduamente você estude o que está disponível atualmente. Mas é certamente possível escrever textos bastante longos em quenya se alguém deliberadamente evitar as infelizes lacunas no nosso conhecimento, e podemos ao menos esperar que algumas dessas lacunas (especialmente com respeito a características gramaticais) sejam preenchidas por futuras publicações. No futuro, nós poderemos ser capazes de desenvolver o quenya em um idioma mais inteiramente utilizável. Mas devemos obviamente começar por reunir cuidadosamente as informações fornecidas pelo próprio material de Tolkien, até o ponto em que está disponível para nós.

Muitos têm desejado um curso ou tutorial regular, com exercícios e tudo o mais que lhes permita estudar o quenya com alguma facilidade por conta própria. Tal esforço foi feito antes: *Basic Quenya*, de Nancy Martsch. De modo geral, esse certamente foi um bom trabalho; o fato de o material ter sido publicado logo após ser escrito revelar agora certas deficiências não pode ser usado contra a autora. Entretanto, muitos gostariam de ter um curso mais atualizado, e eu venho

sendo abordado seguidamente por pessoas sugerindo que eu seria a pessoa certa para escrevê-lo. É claro que é bom quando os outros me chamam de perito na lingüística tolkieniana; na verdade eu diria que é difícil ser um perito nessas questões, devido à escassez de fontes de material. Entretanto, tenho sido tão privilegiado que tenho sido capaz de passar muito tempo estudando esses assuntos (tendo começado há mais de dez anos), e vejo isto como meu dever: transmitir quaisquer discernimentos que eu possa ter adquirido. Então, por fim, sentei-me e comecei a escrever este curso, destinado aos iniciantes. Seja como for, este curso não procura imitar um formato “língua-fônico” com longos diálogos etc. para ajudar o estudante a adquirir fluência básica em várias situações relacionadas à vida diária. Tal coisa seria totalmente sem sentido no caso de um idioma-arte como o quenya, que deve ser usado para prosa e poesia cuidadosamente preparadas ao invés de uma conversação casual. Estas lições particularmente tomam a forma de uma série de ensaios em várias partes da gramática do quenya, revendo e analisando as evidências disponíveis em uma tentativa de reconstruir as intenções de Tolkien, com alguns exercícios anexados.

Por que estudar quenya? Obviamente não porque você está indo a Valinor nas férias e precisa ser capaz de comunicar-se com os nativos. Alguns podem querer estudar esse idioma para de certa forma ficar em melhor harmonia com o espírito da autoria de Tolkien. Ele refere-se a

...o que eu penso é um “fato” primordial sobre o meu trabalho, que é todo da mesma espécie, e *fundamentalmente lingüístico* em inspiração. [...] Isso não é um “hobby”, no sentido de alguma coisa totalmente diferente do meu próprio trabalho, usado como uma válvula de escape. A invenção de idiomas é a base. As “histórias” foram feitas especialmente para fornecerem um mundo para os idiomas, não o contrário. Para mim um nome vem primeiro e a história sucede-o. Eu deveria ter preferido escrever em “élfico”. Mas, claro, uma obra como *O Senhor dos Anéis* tem sido editada e deixada apenas com a quantidade de “idioma” que eu pensei que seria digerível pelos leitores. (Eu agora descubro que muitos teriam gostado de mais.) [...] Isso é para mim, de qualquer forma, em grande parte um ensaio em “estética lingüística”, como eu às vezes digo às pessoas que me perguntam “sobre o que é isso tudo”. (*The Letters of J.R.R. Tolkien*, págs. 219-220)

Em consideração às declarações tão fortes feitas pelo autor, o estudo de seus idiomas não pode ser considerado como um escapismo tolo para adolescentes românticos. Ele deve ser considerado uma parte crucial da erudição relacionada à

autoria de Tolkien, ou de fato à sua obra em geral. Os idiomas construídos por Tolkien são parte da sua produção como filólogo, não necessariamente menos sérios do que seus escritos sobre idiomas pré-existentes como o anglo-saxão; repare que ele recusou-se a chamar seu trabalho fundamentalmente lingüístico de um mero hobby. Alguns podem chamar o quenya e os outros idiomas de obras de arte, mas não importa que palavra usemos para descrevê-los, pois no final tudo se reduz a isto: Tolkien não era apenas um lingüista descritivo, calmamente explorando e contemplando línguas pré-existentes - ele também era um lingüista *criativo*.

Obviamente a fluência em quenya ou sindarin não é um pré-requisito para que você possa dizer qualquer coisa inteligente sobre as narrativas de Tolkien; mesmo assim está claro que alguns críticos e estudiosos lamentavelmente subestimaram o papel crucial dos idiomas inventados, julgando a si próprios incapazes de aceitar mesmo declarações tão claras como a citada acima com total seriedade. Para apreciar completamente o escopo e a complexidade da subcriação lingüística de Tolkien, a pessoa tem que estudá-la ativamente por si só. Ela certamente deveria ser capaz de inspirar interesse para seu próprio proveito. Alguns anos atrás, o renomado estudioso de Tolkien, Tom Shippey, observou que

...está claro que os idiomas que Tolkien criou foram criados por, vocês sabem, um dos mais completos filólogos de nosso tempo, de modo que deve haver então algo de interessante neles, e eu também penso que neles está derramado muito do seu pensamento e conhecimento profissional. (...) Frequentemente tenho reparado que realmente existem observações muito valiosas sobre o que Tolkien pensava sobre a filologia real enterrada na ficção. E eu não ficaria de maneira alguma surpreso se houvesse valiosas observações enterradas nos idiomas inventados. Então deve haver, de fato, algo que surja deles. [De uma entrevista realizada durante simpósio Arda em Oslo, de 3-5 de abril 1987, publicada no jornal *Angerthas*, edição 31.]

Mesmo que alguém não acredite que existam novas visões filológicas esperando serem desenterradas da estrutura dos idiomas de Tolkien, não consigo ver por que conduzir estudos detalhados desses idiomas deva ser visto como escapismo, ou na melhor das hipóteses algum tipo de passatempo tolo para pessoas que sejam muito preguiçosas para encontrar algo melhor para fazer. Os idiomas construídos por Tolkien têm sido comparados à música; seu biógrafo Humphrey Carpenter observa que, se ele tivesse se interessado por música, ele muito provavelmente teria desejado compor melodias; então por que ele não deveria criar um sistema pessoal de palavras que fosse como uma sinfonia particular? Alguém pode

estudar os idiomas de Tolkien detalhadamente desenvolvidos assim como se pode estudar uma sinfonia musical: uma obra complexa de muitas partes interligadas, trançadas em intrincada beleza. Apesar disso, a sinfonia é fixa em sua forma, enquanto um idioma pode ser infinitamente re combinado em textos sempre novos de prosa e poesia, e ainda assim mantém sua natureza e sabor intactos. Uma das atrações do quenya é que podemos compor nós mesmos uma música lingüística apenas aplicando as regras de Tolkien, de modo que a comparação de Carpenter é muito limitada: Tolkien não apenas criou uma sinfonia, ele inventou uma forma inteira de música, e seria lamentável se isso morresse com ele.

Claro, outras pessoas podem querer estudar quenya para aprofundarem-se na ficção de Tolkien, sem pretensões de qualquer tipo de erudição: a visão de Tolkien dos *elfos* (Quendi, Eldar) é sem dúvida a principal realização da sua autoria, e o quenya era - pelo menos na opinião um tanto quanto preconceituosa dos Noldor - a principal língua élfica, a mais nobre, e a que mais preservava o caráter ancestral da fala élfica (*The War of the Jewels* pág. 374). Mas é possível tatear em direção à elficidade em um sentido mais profundo do que apenas mergulhar-se na ficção. Abandonando felizmente a já clássica idéia de elfos como pequeninas fadas excessivamente bonitas, Tolkien, por outro lado, idealizou a visão dos elfos como algo mais: “Eu creio que os *Quendi* são de fato nessas histórias muito parecidos com os elfos e fadas da Europa; e se eu fosse pressionado a racionalizar, eu diria que eles representam a beleza superior, a vida mais longa e a nobreza - os Filhos Mais Velhos” (*The Letters of J.R.R. Tolkien*, pág. 176). A quintessência da visão de Tolkien da elficidade está contida primeiramente nos idiomas, pois para os Eldar a criação da fala é a mais antiga das artes e a mais amada (*The Peoples of Middle-earth* pág. 398). De certo modo, o estudo do quenya pode ser uma busca para essa visão de algo belo e nobre além da capacidade do nosso eu finito e mortal: os elfos representam, aparentemente, os aspectos artísticos, estéticos, e puramente científicos do humano elevado a um nível mais superior do que é na verdade visto nos homens (*Letters*, pág. 176). A busca por um nível superior transcende toda ficção. A visão interior desse nível Tolkien traduziu parcialmente em imagens, de forma muito mais destacada em narrativas, mas (para ele) ainda mais importante, em palavras e sons de *linguagem*. No quenya a sua visão de beleza permanece, esperando aqueles capazes de compreender e apreciá-la.

Em seus websites, os lingüistas suecos do grupo Mellonath Daeron tentam justificar seu estudo dos idiomas de Tolkien:

Nossa atividade tem sido descrita como o luxo definitivo. Estudamos algo que não existe, apenas de brincadeira. É algo ao qual você pode permitir-se quando possui tudo o mais: comida, abrigo, roupas, amigos, e assim por

diante. Os idiomas de Tolkien já são dignos de estudo apenas pelos seus altos valores estéticos. E o conhecimento desses idiomas é a chave para uma apreciação completa da beleza da subcriação de Tolkien, seu mundo, Arda.

Concordo sinceramente com as duas últimas frases, mas não posso concordar que o quenya e o sindarin não existem. Obviamente não estamos falando de objetos físicos, tangíveis, mas isso serve para qualquer idioma. Esses não são idiomas fictícios, mas são idiomas tão reais quanto o esperanto ou qualquer outro idioma construído. O próprio Tolkien observou sobre seus idiomas que “eles possuem uma certa existência, uma vez que eu os compus com uma certa integridade” (*The Letters of J.R.R. Tolkien*, pág. 175).

Diferente do esperanto, o quenya está fortemente associado a uma *história fictícia interna*. (Tolkien uma vez declarou que o esperanto teria sido mais bem sucedido se houvesse mitos para acompanhá-lo!) Os mitos associados certamente enriquecem o quenya e nos ajudam a compreender que tipo de sabor lingüístico Tolkien almejava, e o fato de que esse idioma tem um papel a desempenhar nos mais famosos romances de fantasia já escritos obviamente lhe concede mais publicidade grátis, a qual o esperanto pode apenas sonhar em ter. Ainda assim deve ser enfatizado que o quenya não existe como uma entidade real no nosso próprio mundo e, como mencionado acima, ele possui uma literatura crescente, principalmente em verso: os textos existentes atualmente já devem ser centenas de vezes mais abrangentes do que todos os textos em quenya já escritos pelo próprio Tolkien. Ele refinava incessantemente a estrutura e evolução imaginária de seus idiomas inventados, no entanto escreveu consideravelmente poucos textos substanciais neles. Embora afirmasse que deveria ter escrito em “élfico” (ver citação acima), ele, na verdade, escreveu mais *sobre* as línguas élficas do que nelas propriamente ditas. O prazer encontra-se na própria criação, observa Christopher Tolkien (*Sauron Defeated*, pág. 440). Seu pai criou os idiomas apenas porque amava fazê-los, não porque ele necessitasse usá-los para algum propósito específico. Para ser preciso, Tolkien escreveu alguns poemas em élfico, mas sua quantidade é muito pequena comparada aos milhares de páginas que ele escreveu *sobre* a estrutura de seus idiomas.

Tolkien divertia-se na invenção plena, que era seu privilégio como o criador original. Entretanto, ousar dizer que poucas pessoas são capazes de retirar muito prazer da mera contemplação passiva da estrutura de um idioma, ou da leitura da gramática de um idioma inventado como se fosse algum tipo de romance. Imagino que a maioria das pessoas que querem estudar quenya tem alguma intenção, embora vaga, de pôr este conhecimento em uso para escreverem elas mesmas textos em quenya, ou pelo menos ao ler textos de outras pessoas (no

mínimo os do próprio Tolkien). Realmente, aprender qualquer idioma, de qualquer forma, requer uma participação ativa: mesmo que você jamais sonhe em publicar qualquer coisa em quenya, mas que particularmente queira avaliar o élfico de Tolkien para propósitos puramente acadêmicos, você ainda terá que se esforçar através de alguns exercícios para inteirar-se da gramática e do vocabulário. Tais exercícios são fornecidos neste curso.

Meu ponto de vista favorito no estudo dos idiomas de Tolkien é provavelmente este (construído sobre a analogia musical sugerida por Carpenter): eu diria que estamos de certa forma na mesma situação em que estaria um genial compositor que fosse inventar uma nova forma de música, que escreve muito sobre sua estrutura, mas cria relativamente poucas composições reais - algumas delas sequer publicadas durante a vida do próprio compositor. Mesmo assim, essas poucas composições ganham um crescente público internacional, um público que gostaria muito de ouvir mais - muito mais - músicas deste tipo. Estando o compositor original morto, o que faremos? Há apenas um caminho: devemos realizar um estudo metuculoso tanto das composições publicadas como dos escritos mais teóricos para decifrar e inteirar as regras e princípios para este tipo de música. Então podemos começar a compor nós mesmos, criando melodias inteiramente novas que ainda obedecem à estrutura geral desenvolvida pelo inventor original.

Isso, é claro, é uma analogia grosseira quando se trata das narrativas de Tolkien. Os temas e princípios de Tolkien de contar histórias têm sido adotados por gerações de novos autores, resultando no gênero da fantasia moderna - embora não fosse muito controverso dizer que pouquíssimos autores têm sido capazes de viver com os altos padrões estabelecidos pelo mestre. De certa maneira, a qualidade dos numerosos textos quenyanos pós-Tolkien varia enormemente. No caso de algumas tentativas recentes, escritas quando pouco material de fonte estava disponível, é agora fácil identificar vários defeitos e conclusões equivocadas do que Tolkien realmente pretendia. Hoje, com muito mais material disponível, eu diria que é possível escrever textos que Tolkien *provavelmente* teria reconhecido como, no mínimo, um quenya levemente correto (embora eu creia que ler textos em quenya que não fossem de sua própria autoria seria uma experiência estranha para ele; seus idiomas inventados eram originalmente algo muito particular).

Este curso deve ser, de qualquer modo, útil, não importando qual possa ser o seu ponto de vista sobre esse estudo - seja por quer aprender quenya para mergulhar na ficção de Tolkien, para melhor apreciar um lado crucial da sua composição, para aprender sobre as intrincadas criações de um linguísta talentoso, aceitar o desafio intelectual de tentar dominar um sistema sofisticado, continuar uma busca reflexiva pela elficidade, ou simplesmente para aproveitar o quenya esteti-

camente. Nenhum desses motivos é mutuamente exclusivo, é claro. Qualquer que seja seu ponto de vista, espero que você goste de ter uma parte em fazer a literatura de quenya crescer e florescer.

Outra citação de Tolkien pode ser colocada aqui: “Nenhum idioma é apenas estudado meramente como um auxílio a outros propósitos. Ele realmente servirá melhor a outros propósitos, filológicos ou históricos, quando for estudado por amor, por si mesmo” (MC: 189).

A QUESTÃO DOS DIREITOS AUTORAIS

Este é um assunto ao qual eu tenho que dedicar alguns parágrafos, embora isso provavelmente vá surpreender qualquer estudante novo e inocente que nunca tenha dado muita atenção a essa questão de forma alguma. Contudo, debates em torno das questões de direitos autorais têm tristemente causado muito rancor entre os estudantes que trabalham no campo da lingüística tolkieniana; tais debates basicamente desmantelaram a lista de discussão TolkLang, levando à criação da lista Elfling em seu lugar. Se os herdeiros de Tolkien ou seus advogados vierem a ler o que se segue, espero que eles não se ofendam. Isto realmente não é sobre roubar-lhes algo, mas sobre dirigir a atenção a uma parte muito importante da obra de Tolkien e ajudar pessoas a aprenderem sobre ela, de forma que ela possa viver, crescer e permanecer como um testemunho duradouro de seus esforços, e como um memorial dinâmico a ele mesmo. Falando sobre seu pai, Christopher Tolkien em uma entrevista de tv descreveu o quenya como o idioma que ele buscava, o idioma do seu coração. Os estudantes de quenya simplesmente querem que essa parte especial do coração de Tolkien continue a viver. Ninguém está tentando ganhar qualquer dinheiro ou lucrar de qualquer outra forma com isso. (Se o Tolkien Estate, ou de preferência a Harper Collins, viessem a querer publicar este curso em forma de livro, eu ficaria feliz em deixá-los fazê-lo, e eu não esperaria receber quaisquer royalties.)

Em 1998, e recentemente em 1999, na lista TolkLang, o advogado W. C. Hicklin argumentou vociferantemente que publicar descrições gramaticais não autorizadas de um idioma de Tolkien seria uma violação descarada dos direitos autorais do Tolkien Estate, afirmando que qualquer publicação do tipo faria indubitavelmente o Estate reagir com dinheiro, armas e advogados. (Espera-se que a parte sobre armas de fogo tenha sido uma figura de linguagem.) Não posso concordar com tal interpretação da lei de direitos autorais, especialmente considerando que o que sabemos sobre quenya na maior parte aprendemos ao estudar os exemplos que temos - e não lendo gramáticas explícitas de Tolkien, que ainda não

foram publicadas. Não posso imaginar que, ao estudar textos disponíveis de quenya, seja *ilegal* colocarmos nossas conclusões em palavras e contar aos outros sobre elas. Se isso é o que significa *direitos autorais*, então todos os tipos de comentários e críticas literárias imediatamente vão por água abaixo. Enquanto Hicklin dizia informar a posição de Christopher Tolkien (que ele invocava como base), o próprio Tolkien Estate até então se recusou a apresentar sua opinião sobre essas questões, mesmo quando convidado a fazê-lo pelo moderador da TolkLang, Julian Bradfield. Pode-se notar que a lei de direitos autorais não é a área na qual o Sr. Hicklin é especializado, e penso que ele espremeu o conceito de personagem até o ponto de declarar que cada palavra individual nos idiomas inventados deva ser considerada um personagem literário de Tolkien, aparentemente em pé de igualdade com personagens como Aragorn ou Galadriel. Misteriosamente, Hicklin ainda concorda que não há problema em escrever novos textos nos idiomas de Tolkien, embora no mundo de Hicklin isso pareça ser a analogia de se escrever novas histórias envolvendo personagens de Tolkien (o que, todos concordam, seria uma violação de direitos autorais).

Os problemas óbvios de Hicklin ao elaborar um argumento consistente, assim como as subseqüentes investigações conduzidas por mim e outros, levaram-me à conclusão de que adquirir os direitos autorais de um idioma como tal seria bastante impossível. O idioma em si não é comparável a um texto fixo escrito nele ou sobre ele; é um sistema inteiramente abstrato, e para qualquer coisa desfrutar da proteção autoral, ela deve primeiramente ter uma forma fixa para *ser* protegida. Argumentar que cada estrutura gramatical e vocabulário do idioma tornam sua forma fixa é sem sentido, pois ele é um *sistema* abstrato, não uma forma. Qualquer texto atual sobre (ou em) um idioma é protegido, mas não o idioma em si. Para retornar à analogia do nosso genial compositor que inventa uma nova forma de música: seus direitos autorais para suas próprias composições, e para seus escritos nessa forma de música *como textos fixos*, não podem e não devem ser contestados por ninguém. Mas ele ou seus herdeiros não podem bem assegurar que publicar composições inteiramente novas, ou descrições completamente originais dos princípios deste tipo de música, violaria de algum modo seus direitos autorais.

Este curso é escrito e publicado (grátis na Internet) por mim como uma pessoa privada. O Tolkien Estate não foi convidado a endossá-lo ou mesmo comentá-lo; ele de modo algum é oficial, e devo assumir total responsabilidade pela qualidade do conteúdo. Não é pretendido nenhum desrespeito quando aponto que qualquer endosso pelo Estate não teria muito significado no caminho de uma garantia de qualidade, uma vez que em certos trabalhos anteriores em quenya que *foram* publicados com explícita permissão do Estate podem ser vistas certas falhas e más interpretações. Há pouca razão para acreditar que os advogados do Estate

ou o próprio Christopher Tolkien sejam capazes de julgar a qualidade de uma gramática de quenya (e da mesma forma nenhuma razão para sustentar isso contra eles; aprender quenya a partir de fontes primárias é um estudo longo e desafiador reservado aos especialmente interessados). Em tal situação, espero e acredito que o Tolkien Estate respeite o direito dos estudiosos de continuar seus estudos sem perturbações, e apresentar os resultados de tais pesquisas - especialmente quando as publicações relevantes são inteiramente não-comerciais. Apesar das fortes declarações feitas por Hicklin e uns poucos outros, não há atualmente evidência concreta que o Estate ou Christopher Tolkien vejam tais estudos como uma violação de seus direitos autorais. Se eles vêem, deixemos que eles contatem-me e nós conversaremos.

A interpretação da gramática do quenya que é aqui iniciada é baseada em um estudo das fontes disponíveis, principalmente em análise de textos reais de quenya, e em exegese das relativamente poucas notas explícitas na gramática que estão atualmente disponíveis. Afirmo ser óbvio que este é primeiramente um trabalho de análise e comentário (apresentado em uma forma didática), e em termos de direitos autorais, discutir a estrutura do quenya não pode ser muito diferente de discutir (digamos) a estrutura do enredo do *Senhor dos Anéis*: em qualquer caso, está claro que qualquer coisa que eu possa dizer deve ser, no final das contas, baseada nos escritos de Tolkien, mas o estudo resultante ainda não é uma “obra derivada” em termos de lei de direitos autorais. O que estamos fazendo aqui não é recontar a ficção de Tolkien (apesar de que eu certamente irei *referir-me* a ela - mas então por uma perspectiva de um crítico, ou melhor, comentarista, para demonstrar como a ficção de Tolkien e a construção de idiomas interligam-se). Primeiramente estaremos estudando um dos idiomas de Tolkien como uma entidade natural ao invés de uma entidade fictícia. O fato de que esse idioma foi primeiramente apresentado ao mundo em um contexto de ficção não o torna um “idioma fictício”, e o seu uso ou discussão sobre ele não é necessariamente uma “ficção derivada”. Como já mencionado, o próprio Tolkien observou que seus idiomas como tais “possuem uma certa existência” simplesmente porque ele já havia desenvolvido-os - eles não residem exclusivamente dentro de um contexto fictício (*The Letters of J.R.R. Tolkien*, pág. 175).

Muito do vocabulário do quenya não é totalmente “original”; Tolkien admitiu com prazer que os vocabulários dos seus idiomas “élficos” estavam “inevitavelmente cheios de... reminiscências” de línguas pré-existentes (*The Peoples of Middle-earth* pág. 368). Embora frequentemente não tão óbvio que chegue a ser perturbador àqueles que querem estudar quenya como um idioma altamente exótico, permanece o fato de que os entendidos facilmente discernem palavras e radicais indo-europeus (e às vezes mesmo semíticos) que fundamentam muitas das

palavras “inventadas” de Tolkien. Isso não deve ser visto como algum tipo de falta de imaginação da parte de Tolkien; ele observou que “é impossível, na construção de idiomas imaginários a partir de um número limitado de sons componentes, evitar tais semelhanças” - acrescentando que ele sequer tentou evitá-las (*Letters*, págs. 384-385). Mesmo quando nenhuma inspiração plausível do “mundo real” para uma palavra do quenya possa ser citada, permanece o fato de que não há tradição legal, seja qual for, para permitir uma pessoa cunhar novas palavras para de alguma maneira declará-las como sua propriedade pessoal. O próprio Tolkien estava ciente de que não se podem adquirir os direitos autorais de nomes (*Letters*, pág. 349) e, portanto, também não se podem adquirir os direitos sobre substantivos comuns, verbos, adjetivos ou mesmo preposições, para evitar o uso “não autorizado” dos mesmos. Algumas palavras em uso comum hoje, tais como *robô*, ocorreram primeiro em um contexto de ficção. Uma pessoa não pode, portanto, afirmar que elas são palavras “fictícias”, protegidas em igualdade com personagens fictícios, e não para serem usadas, catalogadas ou explicadas sem a permissão explícita de alguém que as tenha cunhado (ou seus herdeiros).

As investigações legais, conduzidas após Hicklin ter feito suas declarações empoladas, confirmaram que *palavras* como tais automaticamente entram em domínio público no momento em que são cunhadas, e ninguém pode monopolizá-las ou reivindicar posse exclusiva delas. Você pode registrar uma palavra como uma *marca registrada*, é claro, mas isso é algo totalmente diferente: a Apple Computers não pode impedir qualquer pessoa de usar “apple” (maçã) como uma palavra cotidiana. Também é irrelevante que o fabricante de algum tipo de jogo de fantasia tenha que remover todas as referências a “balrogs”, pois aqui não é a palavra em sindarin *balrog*, mas balrogs como personagens que estão nos direitos autorais de Tolkien. O fato de que Tolkien cunhou a palavra *alda* para “árvore” dificilmente implica que árvores são personagens literários. Não é apenas uma árvore crescendo na Terra-média que pode ser chamada de *alda*; a palavra funcionará igualmente bem se eu escrever um poema em quenya sobre uma árvore que cresce do lado de fora da minha casa.

Concordo, todavia, que o quenya e os outros idiomas desfrutaram de alguma proteção *na sua capacidade como partes do ambiente da Terra-média*. Se alguém fosse escrever novas histórias de fantasia envolvendo elfos falando um idioma chamado quenya, e houvesse exemplos demonstrando que esse fosse de fato o quenya de Tolkien, obviamente este seria o mesmo tipo de plágio como o de qualquer escritor de fantasia que fosse “pegar emprestado” uma cidade chamada Minas Tirith, e que a descrição no livro deixasse claro que essa cidade por acaso fora construída em vários níveis e fosse vigiada por uma torre branca. Mas novamente: este

curso certamente não foi pretendido como uma ficção derivada. Trata-se de estudar e usar um dos idiomas de Tolkien de um modo amplamente independente do contexto fictício como tal - embora, uma vez que eu também pretendo apresentar o quenya como uma parte da autoria de Tolkien, terei, é claro, que mencionar, referir-me e algumas vezes até mesmo citar as narrativas, assim como apresentar meras técnicas. No entanto, é obviamente falso que os idiomas de Tolkien não possam de qualquer modo ser separados de seu mundo fictício (como Hicklin pareceu afirmar). Vicente Velasco foi, por exemplo, capaz de escrever um poema em quenya (*Ríanna*) em homenagem à Princesa Diana após sua trágica morte, mas isso não significa que o acidente no qual ela foi morta deva realmente ser um ponto do enredo de um romance de Tolkien. De fato, o próprio Tolkien fez uma tradução em quenya da oração do Pai Nosso, um texto que obviamente pertence a nossa própria realidade e não poderia ocorrer dentro do ambiente da Terra-média.

Ao discutir questões de direitos autorais, devemos fazer uma distinção muito clara entre o contexto fictício e o *uso real* de sistemas e idéias descritos dentro dessa ficção; o último é bastante irrelevante para uma discussão de direitos autorais. Para fins de comparação: concordo totalmente que, qualquer um que fosse escrever novas histórias de fantasia que envolvessem uma raça de pessoas pequenas com pés peludos que vivessem em estruturas subterrâneas chamadas smials claramente plagiaria Tolkien e possivelmente violaria seus direitos autorais. Mas não posso imaginar que viole os direitos autorais de alguém se covo um smial no meu jardim - ou se eu faço um transplante de cabelo da minha cabeça para meus pés. De forma parecida, ninguém iria sentir-se livre para escrever histórias de fantasia sobre elfos que falassem quenya, mas *realmente usar* as estruturas linguísticas inventadas por Tolkien para escrever novos textos que pelos seus conteúdos nada têm a ver com sua ficção não pode ser uma violação de direitos autorais. Os novos textos em quenya são de direito apenas de seus próprios escritores.

Felizmente, os herdeiros de Tolkien parecem concordar com isso; ao menos eles nunca tentaram impedir alguém de publicar seus poemas em quenya. Se o Estate não tem problemas com isto, só posso supor que seus advogados também concordam que é perfeitamente legal para qualquer um escrever gramáticas em quenya ou compilar listas de palavras em quenya. De outra forma, seríamos deixados com a noção especialmente absurda de um idioma que pode ser *usado*, mas não *ensinado* ou *descrito* de forma erudita. Não posso imaginar que o Estate declararia que o número agora muito grande de textos em quenya que não são escritos por Tolkien e que não têm nenhuma relação com sua ficção não pudessem ser sujeitos a estudos gramaticais ou lexicográficos simplesmente porque eles vieram a ser escritos em quenya. Essa seria uma tentativa de obstruir e vetar certos tipos de erudição relaci-

onados a um corpo inteiro de literatura, e não acho que isso pudesse ser sustentado, legal ou mesmo moralmente. Que eu saiba, os herdeiros de Tolkien não discordam.

Eu não tenho nenhuma intenção, entretanto, de contestar os direitos autorais do Estate para os *escritos reais* de Tolkien (sobre os idiomas ou não), e embora seja um exercício interessante “reconstruir o élfico original” que supostamente fundamenta alguns dos poemas ou histórias de Tolkien, ninguém deveria publicar traduções “élficas” em grande quantidade de textos contínuos de Tolkien. Todos esses textos estão dentro dos direitos autorais do Tolkien Estate até que eles expirem em 2023 (ou era 2048?), e publicar substanciais traduções ou releituras aproximadas a partir daí requereria a permissão do Estate, não importando o quão excessivamente obscuro seja o idioma-alvo: qualquer tradução ainda é derivada do próprio Tolkien, e o texto protegido. Nem deveriam escrever histórias longas localizadas no mundo de Tolkien; esta seria uma violação de direitos autorais não importando que idioma você use. Contudo, fazer traduções de uma quantidade *limitada* de textos de Tolkien pode provavelmente passar como uso legal (mas, por favor, não publique sua própria tradução em quenya do poema do Anel; já existem muitas versões concorrentes...). Nem há muita razão para acreditar que o Estate tomaria qualquer ação contra romances *curtos* em quenya mesmo se eles parecessem estar localizados na Terra-média, uma vez que deveria ser óbvio que o propósito real é demonstrar o uso do quenya, e não escrever novas histórias para competir com o próprio Tolkien (de qualquer forma, eu não publicaria tais romances de algum modo que pudesse ser concebivelmente visto como uma publicação comercial). Poemas *sobre* pessoas ou eventos no mundo de Tolkien (como o *Roccalassen* ou “Canção a Éowyn” de Ales Bican) eu imagino que possam passar como um ramo de um comentário ou de uma sinopse, contanto que não incluam nenhuma ficção nova de sua autoria. Mas por favor, não se estenda muito nisso; os herdeiros de Tolkien estão no seu direito pleno quando declaram seus direitos autorais sobre as histórias dele.

De qualquer modo, nos exercícios criados para este curso deliberadamente evitei quaisquer referências a pessoas, lugares ou eventos do mundo fictício de Tolkien (exceto por *uma* referência às Duas Árvores, pois a palavra em quenya fornece um ótimo exemplo de número dual). Ao invés de referir-se à ficção de Tolkien, na maioria dos casos recorri a um mundo de fantasia ou medieval completamente genérico; não há nada que *exclua* a possibilidade de que esse seja o mundo de Tolkien, mas também não há nada concreto para confirmá-la. Existem muitos elfos e anões nesses exercícios, mas embora inevitavelmente usemos palavras como *Eldar* e *Naucor* para esses povos quando falamos sobre eles em quenya, eles são realmente apenas elfos e anões “genéricos”. Sinta-se livre para imaginar

que esses “elfos” são os Eldar de Tolkien se você preferir, mas não há nada que definitivamente ligue-os a quaisquer mitos específicos.

Apesar de eu não achar que o Tolkien Estate pudesse *legalmente* impedir pessoas de fazerem o que bem entendessem com o quenya como um idioma real (separado da ficção de Tolkien), encorajo os estudantes a usarem qualquer conhecimento que possam obter de uma maneira respeitosa. Devemos sentir algum tipo de obrigação moral, ou mesmo gratidão, em relação a Tolkien como o criador desse idioma. O quenya como o conhecemos é o resultado de décadas de trabalho competente e de interminável refinamento; seu criador pretendia conceder-lhe um sabor nobre ou mesmo sagrado, e ele não deve ser usado para propósitos tolos ou inadequados. (Por favor, não divulgue suas composições em quenya em paredes de banheiros, por exemplo.) Há uma antiga entrevista televisiva onde Tolkien diz que não se importaria se pessoas tomassem conhecimento e desfrutassem de seus idiomas inventados, mas ele *não* gostaria de ver qualquer um deles transformado em algum tipo de dialeto “secreto” usado para excluir outras pessoas. Esse é um desejo que peço encarecidamente que todos os estudantes respeitem. Como um estudante e usuário do quenya, a pessoa também deve estar comprometida com a preservação da integridade do sistema de Tolkien, tomando grande cuidado para não distorcê-lo ou diluí-lo desnecessariamente. Ocasionalmente teremos que cunhar palavras novas, mas em tais casos, devem-se evitar invenções arbitrárias e, ao invés disso, trabalhar com os radicais do próprio Tolkien, usando seus métodos de derivação.

Tolkien escreveu: “Certamente o S[enhor] d[os] A[néis] não me pertence. Ele foi produzido e deve agora seguir seu caminho já designado no mundo, embora eu naturalmente tenha um profundo interesse no seu destino, como um pai teria no de um filho. Estou confortado em saber que existem bom amigos para defendê-lo” (*The Letters of J.R.R. Tolkien*, pág. 413-14). Talvez ele estivesse se sentindo do mesmo modo em relação aos idiomas exemplificados no livro do qual ele fala: eles foram criados e já trilham seu “caminho no mundo”, estudados e até usados por muitos – mas agora o quenya e os outros idiomas devem viver suas vidas independentemente de seu “pai”, pois ele já não está entre nós. Deixemos, então, os estudantes e usuários serem seus “bons amigos” e defenderem seus sistemas, adequando-se à visão do homem que passou uma vida inteira desenvolvendo-os. E isso nos traz de volta à estrutura do quenya em si.

COMO É O QUENYA?

Que tipo de idioma é esse, estruturalmente falando? Parece que o finlandês forneceu uma inspiração considerável não somente para os padrões sonoros,

mas também para a estrutura básica. Tolkien descreveu o quenya como um “idioma altamente declinado” (*The Road Goes Ever On* pág. 69). Isto é, as palavras aparecem em muitas formas diferentes dependendo da sua função precisa em qualquer contexto gramatical determinado. Essas diferentes formas são, na maior parte, construídas com o emprego de uma gama de *desinências*, desinências com significados que em português seriam freqüentemente expressas como palavras separadas. Em conseqüência, uma tradução em português de um texto em quenya normalmente consistirá de mais palavras do que o original em quenya: em *Contos Inacabados* pág. 10, 455, aprendemos que três palavras de quenya bem podem exigir uma tradução em português de sete palavras: **Anar caluva tielyanna** = “o sol brilhará sobre o seu caminho”. Alguns podem ver isso como uma evidência de que o quenya é um idioma mais eficiente que o português, mas se alguém usa uma palavra longa ou várias palavras curtas para expressar um certo significado não é algo muito crucial. O quenya deve ser desfrutado por suas próprias qualidades, não por comparação a outros idiomas. Mas a palavra **tielyanna** “sobre o seu caminho” ilustra a principal diferença entre o português e o quenya: pequenas palavras independentes como “seu” ou “sobre” freqüentemente tornam-se desinências - nesse exemplo, **-lya** e **-nna**, respectivamente.

O quenya é um idioma “difícil”? Falando sobre o quenya e o sindarin, os dois principais idiomas dos seus mitos, Tolkien escreveu que “ambos os idiomas são, certamente, extremamente difíceis” (*Letters*: 403). Indubitavelmente existem atualmente muitas complexidades inesperadas aguardando-nos na vasta quantidade de material não publicado. Mas até onde vai (ou não) nosso conhecimento hoje, eu certamente não chamaria o quenya de “extremamente difícil”. Ele pode ser de uma construção complexa e intrincada, mas com certeza menos complicada que o sindarin, e a compreensão do quenya como o conhecemos não é, de modo algum, um feito sobre-humano. Qualquer estudante dedicado deve ser capaz de atingir o domínio básico do sistema gramatical em relativamente pouco tempo: semanas, ou mesmo dias, ao invés de meses. Um conhecimento geral sobre lingüística obviamente seria útil em tal estudo, mas dificilmente um pré-requisito; neste curso tentei tornar as explicações tão simples que qualquer adolescente razoavelmente perspicaz deve ser capaz de compreender o que se passa. (Levando em consideração que algumas pessoas que querem estudar quenya são bastante jovens, eu pressupus não haver nenhum conhecimento sobre lingüística, e explicarei mesmo os termos lingüísticos elementares – os estudantes mais versados podem sentir que às vezes o rumo tomado seja o de uma conversa infantil.)

Deve-se compreender ainda que não é com um esperanto bem delineado que estamos lidando aqui. Tolkien tentou propositalmente tornar seus idiomas “naturais”; em conseqüência, há *alguns* verbos irregulares e similares, mas eu diria que

seu número é bastante manejável. O quenya provavelmente situa-se a meio caminho entre um “esperanto” totalmente regular e um típico idioma “real” com sua enorme quantidade de complexidades e irregularidades, ainda que talvez mais próximo ao primeiro. De fato, o quenya é provavelmente muito simples para ser inteiramente “crível” como um idioma supostamente não-construído, pelo menos se o compararmos aos desordenados idiomas dos homens mortais da nossa própria época. Mas então o quenya também não seria realmente “não-construído” dentro do escopo da história fictícia: ele foi construído e refinado pelos elfos, “e os Eldar conhecem sua língua, não apenas palavra por palavra, mas como um todo” (*The Peoples of Middle-earth* pág. 398). Então talvez os Eldar, estando muito cientes da estrutura de sua fala, tenderiam a criar idiomas com uma gramática relativamente ordeira. De qualquer forma, do ponto de vista dos estudantes, é difícil lamentar a ausência de mais formas irregulares para serem memorizadas; logo, se essa simplicidade realmente torna o quenya menos “crível” como um idioma natural, Tolkien é facilmente perdoado!

AS FONTES

Sabemos que Tolkien escreveu literalmente milhares de páginas sobre seus idiomas. Infelizmente - e aqui devo pedir aos novos estudantes que se preparem para seu primeiro grande choque, embora o fato chocante já tenha sido insinuado - *muito pouco desse material está disponível para nós*. Entretanto, Christopher Tolkien aparentemente tem tentado fazer preparativos para sua publicação. Durante a maior parte dos anos noventa, ele enviou fotocópias dos manuscritos lingüísticos de seu pai a um grupo de americanos muitas vezes (mas não oficialmente) mencionados como os *Elfconners*, aparentemente por causa da sua proeminência nas convenções da ELF, a “Elvish Linguistic Fellowship” (Sociedade Lingüística Élfica). Porém, o membro mais sincero do grupo parece ter se convencido completamente de que o termo “Elfconners” sempre teve a intenção de ser depreciativo, associando-o com “conning” (*engodo*). Como apontado pelo moderador da lista TolkLang, Julian Bradfield, é possível que esse membro do grupo esteja inventando insultos contra si mesmo, mas atualmente é politicamente correto referir-se a esse grupo simplesmente como a Equipe Editorial, abreviado para EE. Seja do que for que os chamarmos, o grupo consiste de Christopher Gilson, Carl F. Hostetter, Patrick Wynne e Arden R. Smith (nos últimos anos, Bill Welden também juntou-se a eles). Antes de começarem a receber os manuscritos de Tolkien, essas pessoas publicaram com bastante regularidade os jornais lingüísticos tolkienianos *Vinyar Tengwar* (editado por Hostetter) e *Parma Eldalamberon* (editado por Gilson), geralmente mantendo um padrão elevado.

Essa, devemos supor, foi a razão pela qual, primeiramente, Christopher Tolkien quis que eles publicassem os manuscritos lingüísticos de seu pai.

O fato mais infeliz e estranho é que, após começarem a receber os manuscritos de Tolkien para publicação, o ritmo de publicação do grupo caiu desastrosamente. Eles começaram a receber cópias manuscritas em 1991; uma década depois, eles conseguiram reunir cerca de 200 páginas de material novo para publicação (a maior parte do material em listas de palavras pertencentes aos estágios mais iniciais do trabalho de Tolkien, a muito retirado do cenário do SdA). Alguns de nós não estão impressionados. O pouco material que apareceu foi belamente apresentado, mas com o atual ritmo de publicação, o término do projeto deve estar muito longe. Em 1996, Christopher Gilson declarou que, no “ano seguinte”, seu grupo planejava publicar gramáticas “bastante abrangentes” para os dois principais idiomas dos mitos de Tolkien. No início de 2002, eles finalmente publicaram algum material relacionado a certos estágios do “gnômico”, um primitivo ancestral conceitual do idioma que Tolkien posteriormente chamou de sindarin; ainda estamos esperando por uma quantidade de material realmente substancial sobre o quenya. A maioria dos outros prazos finais que os membros do grupo de Gilson delineou provou-se igualmente sem valor e, desde 1998, eles têm evitado cada vez mais determinar qualquer prazo final. Ainda assim, esperemos que em dez (ou vinte, ou trinta...) anos saibamos mais - mas se a Equipe Editorial é capaz de começar uma eficiente publicação regular do material de Tolkien, eles ainda têm que demonstrar essa habilidade.

Devemos trabalhar, então, a partir das fontes já disponíveis - fontes que freqüentemente tocam nos idiomas mais ou menos acidentalmente. O aspecto lingüístico da autoria de Tolkien por sorte permeia suas obras a tal ponto que, se você reunir todos os pedaços de informações dispersas e analisá-los a fundo, você será capaz de compreender muito sobre seus idiomas mesmo sem ter acesso a suas gramáticas explícitas. Infelizmente esse método de estudo levará a muitas lacunas no nosso conhecimento, lacunas na maior parte irritantes a pessoas que tentam realmente *usar* esses idiomas. Em outros casos, o material é tão escasso que podemos formular não apenas uma, mas muitas teorias sobre como são as regras gramaticais fundamentais, e não possuímos quaisquer outros exemplos que nos permitiriam identificar a teoria correta. Apesar disso, sabemos muito sobre o quenya, embora uma certa parte do nosso conhecimento seja mais experimental do que gostaríamos. A análise das fontes tem seu lugar aqui; e devo ao menos explicar as abreviações usadas neste trabalho.

As obras narrativas primárias, *O Senhor dos Anéis* (SdA, 1954-55) e *Silmarillion* (Silm, 1977) não precisam de introdução. (É claro, também há *O Hobbit*, mas esse livro contém pouca informação lingüística, e dificilmente qual-

quer coisa sobre o quenya.) A maioria dos nomes élficos de pessoas e lugares encontrados no SdA (tais como *Aragorn*, *Glorfindel*, *Galadriel*, *Minas Tirith*) estão em sindarin, mas também há muitos exemplos substanciais de quenya. No SdA, encontramos um dos mais longos textos em quenya conhecidos, o poema *Namárië*, próximo ao final do capítulo VIII (“Adeus a Lórien”) no Livro Dois no primeiro volume, *A Sociedade do Anel*. Também conhecido como Lamento de Galadriel, esse é o poema iniciado com as palavras **Ai! laurië lantar lassí súrinen...**

Vários exemplos curtos de quenya também estão espalhados por todo o SdA, como a fala de Frodo na toca de Laracna (“*Aiya Eärendil Elenion Ancalima!* ele gritou, sem saber o que havia dito”), o louvor que os Portadores do Anel recebem no Campo de Cormallen (parte sindarin, parte quenya), a Declaração de Elendil, conforme repetida por Aragorn em sua coroação, e a saudação de Barbárvore a Celeborn e Galadriel. As partes em quenya do *Louvor de Cormallen* (como irei referir-me a ele), conforme encontrado no volume 3, Livro Seis, capítulo IV (“O Campo de Cormallen”), seguem desse modo: **A laita te, laita te! Andave laituvalmet!... Cormacolindor, a laita tárien!a!** (ver *Sauron Defeated* pág. 47.) Esse trecho é traduzido em *The Letters of J.R.R. Tolkien*, pág. 308: “Louvai-os, louvai-os, por muito tempo iremos louvá-los.” - “Os portadores do Anel, louvai-os com grande louvor”.

No capítulo seguinte (V) temos a *Declaração de Elendil*, repetida por Aragorn na sua coroação: **Et Eärello Endoreнна utúlien. Sinome maruvan ar hildinyar tenn’ Ambar-metta.** Ela é traduzida no texto como “do Grande Mar vim para a Terra-média. Neste lugar vou morar, e também meus herdeiros, até o fim do mundo”.

A *Saudação de Barbárvore* no capítulo seguinte àquele (VI) é **a vanimar, vanimálion nostari**, traduzida tanto em *Letters* pág. 308 (“ó belos seres, pais de belas crianças”) como em *Sauron Defeated* pág. 73 (“belos seres criadores de seres belos”; esta tradução é mais literal).

Material sobre o quenya (embora na maioria apenas palavras isoladas) também ocorre nos Apêndices do SdA, em particular no Apêndice E.

No *Silmarillion*, também temos algumas frases curtas em quenya. No capítulo 20 há alguns gritos de guerra: **Útúlie’n aurë! Aiya Eldalië ar Atanatári, utúlie’n aurë!** “O dia chegou! Vejam, povo dos Eldar e pais dos homens, o dia chegou!” - **Autá i lómë!** “A noite está passando!” - **Aurë entuluva!** “O dia virá novamente!”. Próximo ao final do capítulo 21 há o grito **a Túrin Turambar turun ambartanen**, “ó Túrin, mestre do destino, pelo destino derrotado” - mas nos *Contos Inacabados* pág. 138 é indicado que **turun** deveria ser lido de preferência **turún** (evidentemente encurtado a partir de uma forma maior **turúna**, o -a final sendo omitido porque a próxima palavra também começa em a-). O apêndice do *Silmarillion*, “Elementos em nomes nos idiomas quenya e sindarin”, também menciona muitas palavras pertencentes a esses dois idiomas.

No caso de outras fontes, uma análise mais resumida bastará, uma vez que estes livros e jornais (diferente do *SdA* e *Silm*!) não apareceram em muitas edições e traduções. Posso então simplesmente referir-me ao livro e página relevantes quando usar citações dos mesmos, e essa referência com sorte será precisa o suficiente. Iremos listá-los pelas seguintes abreviações:

· RGE0: *The Road Goes Ever On* (nossas referências às páginas são da segunda edição de 1978, ISBN 0-04-784011-0). A primeira edição foi publicada em 1968; essa é, portanto, uma das nossas poucas fontes fora do SdA que foram publicadas durante a vida de Tolkien, o que confere a ela uma autoridade extra (pois, quando algo era publicado, ele normalmente considerava-o uma parte fixa e imutável dos mitos). Apesar de RGE0 ser basicamente um ciclo de canções (poemas de Tolkien com música de Donald Swann), Tolkien incluiu também notas bastante abrangentes em dois poemas élficos que ocorrem no SdA, *Namárië* e o hino sindarin *A Elbereth Gilthoniel* (RGE0: 66-76). Além de escrevê-los na escrita fëanoriana, ele também forneceu uma tradução entrelinhas de ambos; isso nos permite saber com certeza o que significa cada palavra. Ele também reorganizou o *Namárië* em uma versão em “prosa” mais clara, como uma alternativa à versão poética no SdA – fornecendo-nos uma oportunidade única para comparar o estilo poético com o prosaico no quenya. Desse modo, irei referir-me algumas vezes ao “*Namárië* prosaico”.

· CI: *Contos Inacabados* (1980; Martins Fontes, 1ª edição brasileira [2002], ISBN 85-336-1537-X). Uma coleção de materiais publicada postumamente que suplementa e algumas vezes “disseca” as histórias do SdA e do *Silm*, embora, como o título indica, nem todas elas foram terminadas pelo autor. De particular interesse para os estudantes de élfico é o *Juramento de Cirion*, encontrado em CI: 340: **Vanda sina termaruva Elenna-nórëo alcar enyalien ar Elendil vorondo voronwë. Nai tiruvantes i hárar mahalmassen mi Númen ar i Eru i or ilyë mahalmar eä tennoio.** A tradução (não completamente literal) dada no texto é: “Este juramento há de permanecer em memória da glória da Terra da Estrela, e da fé de Elendil, o Fiel, aos cuidados daqueles que se assentam sobre os tronos do Oeste e do Um que está acima de todos os tronos para sempre”. Tolkien adicionou algumas notas interessantes sobre as palavras em quenya (CI: 497), permitindo-nos analisar o Juramento em si.

· Letters: *The Letters of J. R. R. Tolkien* (1981, ISBN 0-04-440664-9). Editado por Humphrey Carpenter, biógrafo de Tolkien, essa coletânea de cartas também contém algumas informações lingüísticas. Os leitores do SdA ocasionalmente escreviam para Tolkien fazendo perguntas mencionando exemplos de quenya e sindarin encontrados naquela obra, e sendo este o assunto favorito de Tolkien, ele freqüentemente escrevia respostas bastante detalhadas. Entre outras coisas, o *Letters* fornece traduções de alguns exemplos de élfico que não são traduzidos no próprio SdA, ver *Aiya*

Eärendil Elenion Ancalima - “Salve Eärendil, a mais brilhante das estrelas” (Letters: 385; nós já citamos a tradução do Louvor de Cormallen em Letters: 308).

· MC: *The Monsters and the Critics and Other Essays* (1983, ISBN 0-04-809019-0). Esse livro contém o ensaio de Tolkien *A Secret Vice* (“Um Vício Secreto”) (MC: 198-223), no qual ele expõe seus pensamentos e teorias sobre a construção de idiomas em geral. Ele também inclui alguns poemas élficos, sendo o mais notável o *Oilima Markirya* ou “A Última Arca”, que é listado em várias versões. A versão do *Markirya* que é mais interessante às pessoas que estejam estudando o tipo de quenya exemplificado o SdA é encontrada em MC: 221-223 (incluindo algumas anotações valiosas).

Tendo editado e publicado o Silm, CI e MC a partir dos papéis deixados por seu pai, Christopher Tolkien começou o que se tornaria um projeto altamente ambicioso. No período de 1983-1996, ele publicou uma série de não menos que doze volumes, demonstrando como seu pai desenvolveu suas narrativas mundialmente famosas no decorrer de muitos anos. A série *History of Middle-earth* (HoMe) apresenta as muitas “camadas” de manuscritos, documentando como o *Silmarillion* e o SdA, como os conhecemos, gradualmente vieram a existir, e também apresentando outros materiais relacionados à vasta mitologia de Tolkien. Por conveniência, listarei todos os volumes do HoMe por suas abreviações padrão, embora eu não vá realmente citar cada uma delas:

- LT1: *The Book of Lost Tales 1* (1983, ISBN 0-04-823231-5)
- LT2: *The Book of Lost Tales 2* (1984, ISBN 0-04-823338-2)
- LB: *The Lays of Beleriand* (1985, ISBN 0-04-440018-7)
- SM: *The Shaping of Middle-earth* (1986, ISBN 0-04-440150-7)
- LR: *The Lost Road* (1987, ISBN 0-04-440398-4)
- RS: *The Return of the Shadow* (1988, ISBN 0-04-440669-X)
- TI: *The Treason of Isengard* (1989, ISBN 0-261-10220-6)
- WR: *The War of the Ring* (1990, ISBN 0-261-10223-0)
- SD: *Sauron Defeated* (1992, ISBN 0-261-10305-9)
- MR: *Morgoth's Ring* (1993, ISBN 0-261-10300-8)
- WJ: *The War of the Jewels* (1994, ISBN 0-395-71041-3)
- PM: *The Peoples of Middle-earth* (1996, ISBN 0-216-10337-7)

Cada um desses livros fornece pistas para a estrutura dos idiomas de Tolkien, embora freqüentemente de um modo casual (Christopher Tolkien incluiu relativamente pouco dos escritos estritamente lingüísticos de seu pai que, sendo altamente técnicos, seriam de pouco interesse aos leitores em geral). Para as pessoas interessadas

nos idiomas de Tolkien como eles aparecem no SdA, os volumes mais importantes da HoMe são LR, WJ e SD, os quais qualquer estudante sério desses idiomas deve ter em sua biblioteca particular. O único texto longo em quenya que ocorre na HoMe, *Canção de Fíriel*, é encontrado em LR: 72 - mas, principalmente, esses livros reproduzem três importantes documentos de fontes aos quais eu freqüentemente irei referir-me simplesmente pelo nome (como fazem a maioria dos estudantes da criação lingüística de Tolkien). Portanto, eles serão brevemente descritos aqui. Estamos falando do *Etimologias* e dos ensaios *Quendi and Eldar* e *Lowdham's Report*.

1. O *Etimologias* (chamado “Etim” para simplificar) é encontrado em LR: 347-400. (devo mencionar que existem por aí diferentes versões do LR, então há, infelizmente, mais de uma paginação; minhas referências de páginas são da edição normalmente usada pelos lingüistas tolkienianos.) Indubitavelmente o documento mais desconcertante de toda a série do HoMe para os leitores casuais, esta é a nossa mais importante fonte única de vocabulário “élfico”. Contudo, este não é um dicionário comum. É uma lista em ordem alfabética de cerca de seiscentas “bases” ou raízes primitivas, as várias entradas listando palavras reais derivadas destas raízes como elas aparecem em idiomas élficos posteriores (às vezes, a real forma oculta e “élfica primitiva” também é mencionada, refletindo rigorosamente a própria “base”). Por exemplo, sob a entrada **ÁLAK** (LR: 348), propriamente definida como “veloz”, encontramos esta série: “**alk-wā* cisne: Q *alqa*; T *alpa*; NA *alpha*; N *alf*”. A idéia de Tolkien é que a palavra élfica primitiva *alk-wā* evoluiu para o Q[uenya] **alqa**, T[elerin] **alpa**, N[oldorin] A[ntigo] **alpha** e N[oldorin] **alf**. O *Etimologias* foi escrito na segunda metade dos anos trinta, e a ortografia e conceitos gerais diferem um pouco do cenário do SdA conforme publicado no início dos anos cinquenta. (Se formos atualizar o exemplo recém citado, devemos ler *Sindarin* no lugar de Noldorin, e o quenya **alqa** e o noldorin/sindarin **alf** devem dessa forma ser escritos **alqua** e **alph**, respectivamente – ambas palavras, assim escritas, são realmente confirmadas em obras posteriores.) Apesar do fato de que o *Etimologias* em alguns aspectos reflete um “cenário” lingüístico um tanto desatualizado, uma vez que Tolkien empreendeu revisões importantes após ter escrito o Etim, ele ainda é uma mina de ouro de informações (e como recém demonstramos, ele pode de certa forma ser atualizado com prazer de acordo com as idéias posteriores de Tolkien). De todos os idiomas de Tolkien mencionados no Etim, o quenya é, de qualquer forma, entre as línguas, o que menos foi afetado significativamente por suas revisões subseqüentes. (No caso do noldorin, por outro lado, ele “remendaria” sua fonologia e evolução imaginária, e alteraria drasticamente sua história interna, para produzir o sindarin como o conhecemos do SdA.)

2. *Quendi and Eldar* (às vezes “Q&E” para simplificar) é encontrado em WJ: 360-417. Este é ostensivamente um ensaio sobre a “Origem e os Significados

das palavras Élficas referentes aos *elfos* e suas variedades. Com apêndices sobre seus nomes para outros Encarnados”. Esse terreno é certamente abrangido, mas felizmente (do nosso ponto de vista!) há muitas digressões, apêndices e notas que fornecem muita informação extra sobre os idiomas élficos como Tolkien veio a concebê-los no período pós-SdA: esse ensaio data de cerca de 1959-60. Christopher Tolkien sentiu que uma seção substancial divergia radicalmente do assunto abordado no ensaio, e retirou-a na edição (ver WJ: 359, 396). Por sorte, a seção omitida foi posteriormente publicada no jornal *Vinyar Tengwar*, edição 39. Quando eu citar o *Quendi and Eldar*, irei referir-me, então, algumas vezes ao WJ e outras ao *Vinyar Tengwar* (VT). Embora a seção que apareça no VT possa ser “digressiva”, ela é, claro, de imenso interesse às pessoas que estudam os idiomas de Tolkien.

3. *Lowdham's Report*, ou na íntegra *Lowdham's Report on the Adunaic Language* (“Relato de Lowdham sobre o idioma adunaico”), pode ser encontrado em SD: 413-440. Como o título indica, esse relato está principalmente preocupado com outro idioma além do quenya: *adunaico* (nos Apêndices do SdA escrito *adûnaico*), o vernáculo de Númenor. Entretanto, um pouco de informação sobre o quenya, que nesse relato é referido como “avallonianiano”, também pode ser colhida - os dois idiomas às vezes sendo comparados ou contrastados. (“Lowdham” é apenas um personagem fictício de Tolkien. Tolkien algumas vezes apresentava até mesmo informações muito técnicas sobre seus idiomas como se estivesse meramente citando ou referindo-se às observações e pontos de vista de várias pessoas que viviam *dentro* dos seus mitos. Entre suas “fontes” ficcionais favoritas encontramos *Fëanor*, o maior, mas também o mais orgulhoso dos Noldor, *Rúmil*, o sábio de Tirion, e *Pengolodh*, o mestre de tradição de Gondolin: muitos dos personagens de Tolkien parecem compartilhar o interesse de seu autor em escritas misteriosas e idiomas estranhos.)

As fontes até agora mencionadas são aquelas publicadas ou editadas pelo próprio Tolkien ou por seu filho - exceto pelo *Letters*, que foi editado por Humphrey Carpenter. Além disso, existem algumas obras editadas e publicadas por outros. Alguns pedaços muito breves de informações podem ser extraídos do *J.R.R. Tolkien - Artist and Illustrator*, editado por Wayne Hammond e Christina Scull. Os resultados da Equipe Editorial, escassos mas não desprezíveis, também devem ser mencionados. O jornal *Vinyar Tengwar* (VT), editado por Carl F. Hostetter, teve sua “época de ouro” no período de 1988-93, quando o editor conseguiu manter uma contínua publicação bimestral. Quando Hostetter e os outros membros da EE, no início dos anos noventa, começaram a receber material original de Tolkien do maior interesse para ser editado e publicado, o ritmo de publicação caiu misteriosamente para cerca de uma edição por ano, e esta situação continuou durante a

segunda metade dos anos noventa e permanece assim na década atual. Nem todas das poucas edições que foram publicadas possuem algum material novo de Tolkien, e aquelas que o têm são geralmente dedicadas a partes muito curtas (que, além disso, são amostras de material muito primitivo que claramente não é compatível com o SdA).

Algumas edições, porém, sobressaem-se, e uma delas já foi mencionada: na edição 39, julho de 1998, Hostetter publicou a parte de *Quendi and Eldar* que Christopher Tolkien deixou de fora de WJ, assim como o ensaio *Ósanwe-kenta* (o último não é estritamente lingüístico pelo seu tema, mas Tolkien, entretanto, mencionou algumas palavras em quenya). Alguns materiais úteis também aparecem na edição 41, julho de 2000, que preenchem certas lacunas irritantes no nosso vocabulário (em particular com relação ao verbo “poder”) e fornecem novas e interessantes informações sobre a formação do tempo presente. Em janeiro de 2002, várias traduções em quenya do Pai Nosso e da Ave Maria foram publicadas na edição 43; Tolkien, o católico, produziu mais de uma versão élfica desses textos.

Os outros dois principais resultados da EE no esforço de edição consistem na maior parte de materiais de listas de palavras: o *Gnomish Lexicon* [“Léxico Gnômico”] (GL) e o *Qenya Lexicon* [“Léxico Qenya”] (QL, também conhecido como o *Qenyaqetsa*, abreviado QQ). O GL menciona também algumas palavras de “qenya” (do mesmo modo como o QL menciona algumas palavras *gnômicas*; os idiomas são freqüentemente comparados ou contrastados). Com relação ao “qenya” como oposto ao quenya (no estilo do SdA), ver abaixo. Esses léxicos foram publicados nas edições 11 e 12 do jornal *Parma Eldalamberon*, em 1995 e 1998, respectivamente. Eles foram originalmente escritos durante a Primeira Guerra Mundial, quando a versão mais primitiva dos mitos de Tolkien começou a tomar forma: o manuscrito do QL é geralmente datado de 1915, e o GL de 1917. Trechos substanciais já foram publicados em 1983-84, quando Christopher Tolkien trabalhou pesadamente sobre os léxicos nos apêndices de LT1 e de LT2. Prefixado a cada léxico, *Parma* também publicou alguns materiais relacionados: uma *gramática gnômica* nunca terminada, na edição 11, e algumas descrições fonológicas para o “qenya”, na edição 12.

Dos exemplos reais de quenya até agora mencionados, irei referir-me com freqüência ao *Namárië*, *Saudação de Barbárvore*, *Declaração de Elendil*, *Juramento de Cirion*, *Canção de Fíriel* e *Markirya* simplesmente pelo título ou “nome”, nem sempre fornecendo uma referência ao livro e página. Da consideração acima, o estudante saberá onde eles são encontrados. Na maioria dos outros casos fornecerei uma referência quando citar algo, uma vez que determinado exemplo será geralmente encontrado em uma das fontes que permitem uma precisa referência a livro e página (já que não há uma quantidade absurda de diferentes edições com

diferentes numerações de páginas por aí). Quando referir-me a entradas em *Etimologias* (em LR), simplesmente citarei a entrada-chave, que pode ser facilmente localizada em todas edições (independente das páginas).

UMA PALAVRA DE ADVERTÊNCIA COM RELAÇÃO ÀS PARTES DO CORPUS

Disperso nas fontes listadas acima, temos um “corpus” total de quenya que equivaleria a aproximadamente 150 páginas se fossem todas reunidas (embora a maior parte dele seja apenas materiais de listas de palavras sem relação; as amostras de *texto* real são muito mais raras e poderiam provavelmente ser colocadas em não mais do que duas ou três páginas). Mas aqui uma palavra de advertência é dada: se você quer aprender o tipo de quenya que encontrou no SdA, nem todas as amostras encontradas nesse corpus são totalmente “confiáveis” - mesmo que elas sejam com certeza genuinamente de Tolkien. Para evitar o que seria potencialmente uma confusão, o estudante deve inteirar-se imediatamente de um fato: *o tipo de quenya exemplificado no SdA não é apenas o único tipo de quenya que existe*. Se você começar a analisar todas as amostras de quenya que possuímos no momento, logo perceberá que elas não formam uma massa homogênea. A maioria das amostras certamente muito se “parece”, nunca se distanciando demais das formas de palavras inspiradas no finlandês, mas muito do material primitivo (nunca publicado durante a vida de Tolkien) pode ser mostrado para empregar ou pressupor palavras, desinências declináveis e regras gramaticais que diferem do sistema do quenya no estilo do SdA. Certamente, nenhuma amostra é *completamente* diferente do quenya no estilo do SdA - mas em materiais que antecedem a metade dos anos trinta, também não há qualquer exemplo que seja completamente idêntico.

Tolkien era, por assim dizer, excelente no que diz respeito à invenção de idiomas. Fixá-los em uma forma nítida e imutável era uma tarefa quase impossível para ele. Havia sempre novas idéias com as quais ele queria trabalhar nas suas estruturas, mesmo se essas idéias contradissem e tornassem obsoleto o que ele havia escrito anteriormente. Podemos ter certeza que o personagem fictício Lowdham fala pelo próprio Tolkien (SD: 240):

Ao idealizar um idioma, você é livre: livre demais (...) Quando você está apenas inventando, o prazer ou diversão está no momento da invenção; mas como você é o mestre, seu capricho é lei, e você pode querer a diversão novamente, renovada. Você pode sempre procurar defeitos, alterar, refinar e hesitar de acordo com o seu humor lingüístico e com suas mudanças de gosto.

Com a publicação póstuma de muitos escritos de Tolkien, temos muitas provas da “procura de defeitos, alteração, refinamento e hesitação” de sua parte. É agora evidente que o quenya apareceu em muitas personificações e, apesar de todas compartilharem o mesmo “estilo” geral e provavelmente parecerem uma só coisa para um estudante novo, elas na verdade diferem em muitos detalhes de gramática, vocabulário e mesmo na fonologia. Uma forte demonstração das extensas revisões de Tolkien é dada pelo poema *Markirya*, que existe em uma versão que data do início dos anos trinta (MC: 213) e outra que é quarenta anos mais nova, datando da última década de vida de Tolkien (MC: 221-223). Ambas as versões têm (quase) o mesmo significado, mas a versão posterior é, no sentido pleno da palavra, uma *tradução* da anterior, e não uma mera reescrita: apenas umas poucas palavras e desinências declináveis são comuns a ambos os textos.

Uma vez que Tolkien usava tipicamente nas fontes pré-SdA a grafia *qenya* ao invés de quenya (embora a pronúncia pretendida seja a mesma), outras pessoas e eu freqüentemente usamos “qenya” (de preferência em citações) como um nome das variantes primitivas do quenya que são mais ou menos diferentes da forma que aparece no SdA e em fontes posteriores. A primeira versão do *Markirya* chamei assim de poema em “qenya”; apenas a versão posterior é em quenya como o conhecemos a partir do SdA. Alguns outros poemas reproduzidos em MC (*Nieninqe* e *Earendel*, págs. 215-216), assim como um poema alternativo da “Última Arca” com significado diferente do *Markirya* clássico (MC: 221), também são decididamente “qenya” ao invés de quenya. Esses textos com certeza podem ser aproveitados por suas próprias qualidades, mas como material de pesquisa para estudantes que tentam compreender a estrutura do estilo de quenya do SdA, eles excluem-se mutuamente.

Como seria de se supor, o idioma *geralmente* torna-se mais similar à sua “forma final” quanto mais perto chegamos da composição do SdA por Tolkien. Por exemplo, o texto relativamente tardio, *Canção de Fíriel*, é quase, mas não inteiramente, quenya no estilo do SdA. Entretanto, não se deve ter uma visão simplista disso, acreditando que Tolkien começou em 1915 com um idioma que era diferente demais do quenya da SdA e que “gradualmente” evoluiu para o quenya no estilo do SdA, em uma bela e organizada linha evolutiva. A escassez de materiais publicados não permite-nos acompanhar o processo em qualquer detalhe, mas já é evidente que Tolkien continuou mudando de idéia constantemente, não apenas fazendo revisões, mas também freqüentemente desfazendo-as mais tarde: de fato alguns de seus materiais mais primitivos, escritos durante Primeira Guerra Mundial, dão uma grande impressão de serem *mais* parecidos com o quenya no estilo do SdA do que certos poemas em “qenya” do início dos anos trinta. Parece que Tolkien, ao invés de “progredir” ousadamente em direção ao quenya

no estilo do SdA, fez uma série de desvios no caminho, algumas vezes aventurando-se em revisões radicais que eventualmente mostravam-se desagradáveis e eram rejeitadas. Mesmo assim, em outros casos, certas revisões mostraram-se duráveis, com Tolkien evidentemente percebendo-as como melhorias genuínas - mas o processo completo era inteiramente imprevisível, pois em um jogo como esse não poderia haver critérios objetivos imagináveis para o que se constitui uma melhoria: como Tolkien dizia através de Lowdham, “Seu capricho é lei”.

Algo realmente próximo do quenya no estilo do SdA parece ter feito sua primeira aparição na segunda metade da década de trinta, com a criação do *Etimologias*. Mas não se deve pensar que tudo estava completamente resolvido mesmo após o SdA ter sido escrito e publicado na primeira metade dos anos cinqüenta; Tolkien realmente usou a oportunidade para fazer algumas correções, mesmo com as amostras de quenya *publicadas* nessa obra, quando a edição revisada apareceu em 1966 (e ainda mais reparos certamente estavam sendo feitos nos bastidores). Sete anos mais tarde ele morria, e há pouca razão para acreditar que alguma vez tenha conseguido (ou sequer tentado seriamente) fixar o quenya e seus outros idiomas em *uma* forma lapidada definitiva, ordenando cada detalhe. Membros da Equipe Editorial indicaram que os manuscritos tardios de Tolkien testemunham uma última fase de intensa experimentação mas, aparentemente, jamais surgiu uma versão final ou definida. Essa não era necessariamente uma “falha”, como a de um compositor que nunca consegue terminar sua grande ópera: “A mudança incessante, muitas vezes frustrante àqueles que estudam esses idiomas, era inerente à sua arte”, observa Christopher Tolkien (SD: 440). Em outro lugar ele comenta que, a respeito do trabalho de seu pai nos idiomas, “parece que a simples tentativa de escrever um relato definitivo produzia um descontentamento imediato e o desejo por novas construções: assim, os mais belos manuscritos eram logo tratados com desdém” (LR: 342). Enquanto “o prazer se situasse na criação em si”, Tolkien *não poderia* escrever um relato definitivo, ou sua diversão estaria terminada.

Contudo, se comparado à intensa experimentação de Tolkien nos vinte anos a partir de 1915, o quenya parece ter entrado em um tipo de fase “estável” na segunda metade dos anos trinta. No decorrer da década seguinte, Tolkien escreveu o SdA, que incluía algumas amostras de quenya como agora apresentava-se (de forma mais notável, o *Namárië*). Com a eventual publicação do SdA em 1954-55, essas formas tornaram-se uma parte “fixa” dos mitos (apesar das sutis correções de Tolkien na revisão de 1966). Publicado o SdA, Tolkien obviamente não poderia revisar seus idiomas tão livremente como antes. De acordo com o relatado, existem indicações nos seus manuscritos pós-SdA de que ele realmente sentiu-se de certo modo reprimido. Mas essa relativa estabilidade seria depois uma boa notícia para as pessoas querendo apren-

der ou estudar “o” quenya, a decisão mais ou menos definitiva de Tolkien de como esse idioma teria “realmente sido” nas distantes eras registradas pelas suas narrativas.

Algumas pessoas (incluindo a mim) referem-se a este como *quenya maduro*. Outras sentem que esse termo é indevidamente depreciativo às formas primitivas do quenya ou “qenya”, uma vez que fica uma noção inevitável de que elas eram de algum modo imaturas e inferiores. Artística e subjetivamente falando, creio que a forma “final” do quenya é mais atrativa do que os experimentos iniciais de Tolkien, e não pode haver dúvida de que *esse* é o tipo de quenya que a maioria dos estudantes irá querer aprender primeiramente - e não as variantes anteriores que o próprio Tolkien rejeitou. Por esse motivo, essa é certamente a versão do quenya que Tolkien gostaria que estudássemos; se dependesse dele, nós jamais teríamos visto quaisquer das outras versões! Ele tomou o maior cuidado para assegurar que seus mitos permanecessem livres de contradições internas, e ele nunca teria reconhecido variantes contraditórias do quenya como sendo de alguma maneira igualmente válidas. De fato deve-se observar que, já idoso, Tolkien referiu-se a essa forma mais inicial de quenya como “muito primitiva” (PM: 379). Portanto, não temos escolha a não ser tratar o material inicial com considerável cuidado, e há pouca razão para acreditar que Tolkien teria ficado muito insultado se outras pessoas dissessem (ou realmente concordassem!) que suas variantes primitivas de “qenya” não são tão atrativas como suas versões posteriores cuidadosamente refinadas do idioma.

Ainda assim, neste curso optei por falar não de “quenya maduro”, mas sim de *quenya no estilo do SdA*. O último termo deve ser completamente não controverso. O idioma que este curso ensina é, claro, quenya no estilo do SdA, tão bem quanto pode aproximar-se no atual estágio - mas não há nenhum ponto que afirme que as muitas variantes primitivas de “qenya” nunca existiram. De fato irei referir-me a algumas de suas características, para dar ao estudante alguma idéia de que tipo de variantes ocorrem no material. Com exceção de tais considerações acadêmicas, o material primitivo é algo ao qual poderemos “recorrer” quando o material mais próximo à composição (e preferencialmente posterior) do SdA seja insuficiente para os nossos propósitos. Em particular, podemos aproveitar o material de “qenya” para itens úteis de vocabulário, em cada caso tendo certeza de que as palavras tiradas do quenya no estilo do SdA ajustam-se a essa língua (isto é, elas não devem entrar em conflito com palavras posteriores de diferentes significados, e a forma das próprias palavras deve ajustar-se à fonologia e ao sistema derivativo do idioma como Tolkien eventualmente veio a prever). Afinal, *todas* as encarnações do q(u)enya em todo o período a partir do qual o idioma foi inventado, em 1915, até a morte de Tolkien em 1973, podem bem ser vistas, de certo modo, como variações intermináveis sobre os mesmos temas. É portanto, de certa

forma, apenas para ajustar isso aos nossos esforços de desenvolver uma forma utilizável de quenya que levamos tudo em consideração. Mas para a abrangente estrutura gramatical e fonológica, devemos priorizar a visão de Tolkien como manifestada no SdA e em escritos pós-datados a essa obra: se temos algum respeito pelas intenções de Tolkien, a forma de quenya que tentarmos consolidar deve ser compatível com o SdA.

Poucas coisas podem ser fáceis ou nítidas neste estranho canto da Linguagem. Reconstruir a estrutura do quenya é como tentar montar um gigantesco quebra-cabeça de peças muito espalhadas. Muitas peças estão simplesmente faltando, vastas quantidades de material estão inacessíveis a estudiosos (e, para tornar as coisas piores, aqueles que se supunha estarem publicando-o, parecem estar muito mais preocupados em cancelá-lo). Além disso, por causa das freqüentes revisões de Tolkien, sequer podemos ter certeza de que todas as peças que tenhamos encontrado pertençam ao mesmo quebra-cabeça. Algumas claramente não se ajustam e podem ser ignoradas; muitas outras caem na categoria do “duvidável”, e realmente não sabemos o que fazer com elas.

Neste curso mencionarei algumas das variações e apresentarei minhas suposições qualificadas (espero) do que devemos aceitar como confiável e o que é provavelmente melhor ser ignorado. De fato, devido à carência geral de informações gramaticais *explícitas* da parte de Tolkien, não apresentarei sempre a gramática do quenya com segurança e autoridade mas, sim, você irá ver-me revisar freqüentemente qualquer evidência que esteja disponível e tentar redigir algumas regras que possamos seguir quando montarmos nossas próprias composições em quenya. Mas, de certo modo, isso é precisamente o que eu gostaria de fazer, para assim inteirar os estudantes com o tipo de deduções que o campo da lingüística tolkieniana trata nesse estágio. Com respeito a alguns materiais que publiquei anteriormente, tenho recebido (gentis) reclamações de que eu meramente listei minhas conclusões sem mostrar em que elas foram baseadas, afirmando de uma forma um tanto dogmática que isto é “assim e assim, aceite minha palavra em relação a isso”. Creio que esse estilo era inevitável em uma apresentação breve, mas aqui irei, em muitos casos, aproveitar-me da oportunidade para voltar às fontes primárias e realmente *demonstrar* que tipo de deduções fundamenta cada coisa.

Precisamente por ser o quenya de Tolkien um tipo de entidade flexível, fixada em linhas gerais, mas com intermináveis variações contraditórias quando se chega aos detalhes, podemos sentir-nos de certa forma livres para consolidar nosso próprio padrão (não o tornando mais difícil do que podemos). Enquanto organizarmos um sistema utilizável a partir dos elementos fornecidos por Tolkien, mesmo que não haja modo de aceitarmos todas as variações conhecidas dentro de

um sistema simples e unificado, o idioma resultante *será* o quenya real - na medida em que tal coisa possa existir.

CONVENÇÕES ORTOGRÁFICAS

No decorrer das décadas, a ortografia de Tolkien para o quenya variou em determinados detalhes. Como tratado acima, quase cada aspecto do quenya era de algum modo “variável” mas, diferente da gramática instável, as variações ortográficas não são muito sucessivas: de qualquer modo, o nosso alfabeto não é, teoricamente, a escrita original para o quenya. Tolkien estava simplesmente hesitante sobre o melhor modo de converter em nossas próprias letras a suposta “escrita élfica original” (o *Tengwar*, também chamado de escrita *fëanoriana* - uma escrita singularmente bela que Tolkien desenvolveu com o mesmo cuidado afetivo dispensado aos próprios idiomas). Neste curso, uma ortografia consistente foi imposta ao material, baseada principalmente na ortografia usada no SdA (digo “baseada principalmente” porque a ortografia usada no SdA também não é completamente consistente, mas é bem próxima disso!). A respeito da ortografia usada no SdA, Tolkien escreveu: “O idioma arcaico de tradição [isto é, o quenya] é tido como um tipo de ‘latim élfico’ e, ao transcrevê-lo em uma ortografia muito parecida com a do latim (exceto pelo fato de que o *y* é usado apenas como uma consoante, como o *y* na palavra [inglesa] *Yes*), a semelhança com o latim aumentou a olhos vistos” (*Letters*: 176).

Delinearei as convenções ortográficas usadas neste trabalho. O que se segue não é algo que um estudante novo precise absorver cuidadosamente. As pessoas que quiserem estudar o quenya devem, porém, estar conscientes das principais inconsistências ortográficas nas fontes primárias. Guiado antes de mais nada pela ortografia que Tolkien usou no SdA, regularizei as seguintes características:

Comprimento da vogal indicado por um acento (e nenhum outro símbolo): na sua ortografia do quenya, Tolkien sempre usou algum tipo de símbolo para indicar as vogais que se pronunciam *longas* (se você não sabe o que é uma vogal, veja a primeira lição regular). Mas precisamente que símbolo ele usava é algo um tanto quanto variável. Algumas vezes ele usa um *mácron*, uma linha curta horizontal acima da vogal; isso é especialmente comum em *Etimologias* e em certas obras “filológicas”. Às vezes um *circunflexo* é usado; ex: ô na palavra *fôlima* “reservado” do dicionário de “qenya” mais primitivo (LT2: 340/QL: 38). Mas no SdA e na maioria das fontes posteriores, Tolkien usa tipicamente um *acento* normal para indicar o comprimento da vogal, e assim faremos aqui: á, é, í, ó, ú longos em

oposição a **a**, **e**, **i**, **o**, **u** curtos. Portanto, se eu alguma vez precisar da palavra **fólima**, irei escrevê-la **fólima**. Quando citar formas élficas primitivas, entretanto, usarei circunflexos para sinalizar vogais longas. Nas fontes, porém, os mácrons são geralmente usados: já citamos *alk-wā* “cisne” a partir da entrada *ÁLAK* no Etim., com o mácron acima do *a* final indicando que a vogal é longa.

C ao invés de K: se você incomodou-se em procurar a referência que forneci para a frase **Anar caluva tielyanna** acima (*Contos Inacabados* pág. 10), você pode ter notado que, na fonte, a palavra do meio é na verdade escrita **kaluva**. Em quenya, **k** e **c** representam o mesmo som (pronunciado K); Tolkien simplesmente não conseguiu decidir que letra usar. Em fontes pré-SdA, tais como o *Etimologias* e o primeiro *Kenya Lexicon*, ele usou principalmente **k** (embora, em alguns casos, o **c** também aparecesse nessas fontes). Uma vez que a inspiração original para o quenya foi o finlandês, e a ortografia finlandesa emprega a letra **k**, não é de se surpreender que Tolkien originalmente tenha preferido essa grafia. Mas é evidente, a partir do *Letters*: 176 citado acima, que ele mais tarde decidiu que no SdA escreveria o quenya o mais parecido possível com o *latim*. Guiado pela ortografia do latim, ele começou a usar a letra **c** ao invés da **k**: “Decidi ser ‘consistente’ e escrever os nomes e palavras élficas inteiramente sem o *k*” (*Letters*: 247). Por exemplo, a palavra para “metal” foi escrita **tinko** no *Etimologias* (entrada *TINKÔ*) mas, no Apêndice E do SdA, a mesma palavra com o mesmo significado aparece como **tinco**. Portanto, regularizaremos daí em diante **k** para **c**. É um fato curioso que Tolkien, mesmo nas fontes posteriores ao SdA, em muitos (de fato, na maioria dos) casos tenha voltado ao uso do **k**. Seus escritos são bastante inconsistentes nesse ponto. Uma palavra para “anão” é dada como **Kasar** com um **k** em WJ: 388; mesmo assim, na página seguinte, Tolkien troca para **c** quando cita o nome em quenya de Moria: **Casarrondo** (“Caverna dos Anões” ou “Salão dos Anões”). Uma palavra para “casa” aparece como **köa** em WJ: 369 (**köarya** “sua casa”), mas em MR: 250, a mesma palavra é escrita com um **c** na palavra composta **cöacalina** “luz da casa” (uma expressão élfica para a alma dentro do corpo). Em algumas notas tardias publicadas em VT41: 10, Tolkien mencionou uma palavra, **ruskuite** “astuto”, usando a letra **k** ao invés da **c**, mas logo após ele escreveu uma palavra, **calarus** “cobre polido”, usando **c** no lugar de **k**. Do *Silmarillion* publicado postumamente, lembramos de nomes como **Melkor** e **Tulkas**, mas em MR: 362, 382 as grafias usadas são **Melcor** e **Tulcas**. A palavra em quenya para “cavalo” é escrita **rocco** em *Letters*: 282, mas em *Letters*: 382, temos **rokko**. Imitar a persistente indecisão de Tolkien nesse assunto seria um tanto sem sentido ou mesmo confuso. Por exemplo, a palavra em quenya para “cama” é dada em LR: 363 como

kaima, mas no *Namárië* no SdA, a palavra obviamente relacionada, “deitam”, é escrita **caita**. Manter a ortografia inconsistente como um tipo de reverência equivocada obscureceria a relação entre as palavras; para combinar com **caita**, a palavra para “cama” deveria evidentemente ser escrita **caima**. Devo mencionar que há aqueles que, ao invés disso, regularizariam o material para **k**, descartando as grafias usadas no SdA em favor da ortografia que Tolkien usa em muitas outras fontes. Isso é apenas uma questão de gosto e, na questão do “C ou K”, todos os escritores podem basicamente fazer suas próprias escolhas, mas eu geralmente irei aderir à ortografia do SdA. Afinal de contas, o SdA é uma obra particularmente central no que diz respeito ao ambiente no qual Tolkien estabeleceu seus idiomas.

NOTA: Mas no caso do título do poema *Markirya*, tendo a manter o **k** simplesmente porque a palavra **markirya** ou “arca” ocorre apenas na primeira versão em “qenya” do poema. Ela não é encontrada na versão posterior em quenya, embora eu não saiba de que outra forma devemos chamá-la. Assim, nesse caso, deixarei o **k** para sinalizá-la como uma palavra em “qenya” primitivo, embora a forma **marcirya** seguramente também funcionaria no quenya no estilo do SdA - e essa é a grafia que eu usaria se precisasse da palavra “arca” em um texto em quenya. Creio que geralmente também manteria o **k** em alguns nomes aos quais estamos acostumados vindos do *Silmarillion*: **Melkor**, **Tulkas**, **Kementári** e alguns outros. Mas o *Silmarillion* também emprega formas como **Calaquendi** (ao invés de **Kalaquendi**); logo, há pouca consistência nessa obra.

QU ao invés de apenas **Q**: na maioria das fontes pré-SdA, a combinação “cw” é representada por uma letra **q**. Mas em algumas fontes recentes (publicadas apenas postumamente) e, mais importante, no SdA, Tolkien usou **qu** ao invés de apenas **q**: novamente a inspiração foi a ortografia latina. Isso afetou até o nome do idioma; como mencionado acima, a grafia original de Tolkien era **qenya**. Para citar outro exemplo, a palavra para “pena”, escrita **qesse** em uma fonte pré-SdA (Etim., entrada **KWES**), tornou-se **quesse** no SdA (Apêndice E). Essa é uma mudança que é consistentemente praticada em obras pós-SdA de Tolkien até onde as conhecemos, de modo que não precisamos hesitar ao impor também essa grafia às obras mais primitivas. (O próprio filho de Tolkien o faz em LT1: 170; ao examinar o primeiro elemento do nome **Qerkinga** que ocorre em material primitivo, Christopher Tolkien usa a grafia **querka**. Eu daria um passo adiante e escreveria **querca**.)

X ao invés de **KS** (ou então **CS**): a grafia de Tolkien para o que deve ser pronunciado “ks” varia. A maioria das fontes parece possuir **ks**, mas, ocasionalmente, a grafia com **x** é usada (já no *Kenya Lexicon* de cerca de 1915, pág. 95, parece que temos **tuxa** como uma grafia variante de **tuksa** “144”). No decorrer do *Etimologias*, a grafia **ks** é usada; ex: **maksa** “flexível, macio” (entrada **MASAG**). O *Etimologias*, entrada **KARAK**, fornece-nos assim **Helkarakse** como o nome da área ártica atravessada por alguns dos Noldor quando foram ao exílio. Entretanto, esse nome aparece como **Helcaraxë** no *Silmarillion* publicado, com **x** para **ks** (e **c** para

k), e regularizamos de acordo com a grafia posterior – ex: **maxa** ao invés de **maksa**. Nas fontes pós-SdA publicadas, Tolkien parece usar **x** no lugar de **ks** consistentemente; ex: **axan** “mandamento” e **nixe** “geada” em WJ: 399/417, ou **axo** “osso” em MC: 223 – logo, o **x** deve ser visto como sua decisão final nesse assunto. No Apêndice E do SdA, Tolkien refere-se às “combinações *ts, ps, ks* (*x*), que foram favorecidas na quenya”; isso também parece sugerir que o **ks** deve ser representado pelo **x** na ortografia normal. (Nenhum exemplo real de uma palavra em quenya que contenha **x/ks** parece ocorrer no SdA mas, como mencionado acima, temos **Helcaraxë** no *Silmarillion*.)

N ao invés de *Ñ*: em muitas fontes, Tolkien usa o símbolo *ñ*, que não deve ser pronunciado como na ortografia espanhola (ex., como em *señor*). “Na transcrição, o *ñ* [é usado para] a letra fëanoriana da nasal anterior, o *ng* de *king*” (MR: 350). Diferente do inglês, o quenya podia originalmente ter esse *ng* no início das palavras (assim como em outras posições onde também poderia ocorrer no inglês). Um exemplo conhecido é a palavra **Ñoldo**, plural **Ñoldor**, que é assim escrita em muitas fontes. Mas no Apêndice E do SdA, Tolkien escreveu que esse *ng* ou *ñ* “fora transcrito para *n* (como em *Noldo*) de acordo com a pronúncia na Terceira Era”. A lista dos nomes das tengwar no mesmo apêndice confirma o desenvolvimento ao qual Tolkien aludiu aqui: a pronúncia de certos símbolos de escrita Tengwar foi modificada levemente com o passar das longas Eras da Terra-média. As letras que originalmente eram chamadas de **ngoldo** e **ngwalme** (= **ñoldo**, **ñwalme**) foram posteriormente chamadas de **noldo** e **nwalme**; uma vez que as letras eram chamadas por palavras reais do quenya que continham o som indicado pela letra, reflete-se aí um desenvolvimento segundo o qual o **ñ**- inicial torna-se o **n**- normal. Já no *Etimologias* da metade dos anos trinta, Tolkien fez alusão a um desenvolvimento semelhante: na entrada *ÑGAR(A)M*, a palavra para “lobo” foi listada como “*ñarmo*, *narmo*”, que evidentemente devem ser compreendidas como uma forma anterior e uma posterior. MR: 350 menciona uma palavra **ñólë** “tradição, conhecimento”, que também é escrita com **ñ**- inicial no *Etimologias* (entrada *ÑGOL*, onde está listada como “sabedoria”), mas no Apêndice do *Silmarillion* (entrada *gúl*) grafia é **nólë**. Esta seria a forma posterior, a forma da Terceira Era. Valemos da forma da Terceira Era em toda parte, regularizando o **ñ** para **n**. (Observe, porém, que na escrita *Tengwar* a distinção entre os símbolos transcritos **ñ** e **n** foi preservada mesmo após ambos virem a serem pronunciados “n”. Mas isso não é um problema enquanto escrevermos o quenya no nosso alfabeto.) Indubitavelmente as combinações **ng** e **nc** no meio das palavras também são tecnicamente **ñg** e **ñc**, como em **anga** “ferro” ou **anca** “mandíbula”. Até onde se sabe, Tolkien nunca usou a letra **ñ** antes de **g** ou **c** em palavras em quenya, mas somente **n**.

S ao invés de *p*: esse é um caso um tanto parecido com o *ñ* vs. *n*: Tolkien imaginou que o quenya falado em Valinor possuía *p*, mais ou menos como o som do *th* na palavra inglesa *think*. (No quenya valinoreano, ele era um pouco mais parecido com *s* do que o som em inglês, pronunciado com a ponta da língua contra apenas os dentes superiores, e não entre os dentes superiores e inferiores como no inglês.) Entretanto, no dialeto dos Noldor, este *s* parecido com *p* finalmente tornou-se um *s* normal, fundindo-se com os *s*'s preexistentes (uma mudança à qual Fëanor se opôs veementemente, mas em vão: ver PM: 331-339 para um famoso exemplo de quão entrelaçados os idiomas de Tolkien podem ser). O quenya como um idioma cerimonial na Terra-média sempre possuiu *s*, uma vez que apenas o dialeto noldorin era lá conhecido. Em WJ: 484, Tolkien menciona *pinde* como uma palavra em quenya para “cinza, pálido ou cinza prateado”, mas acrescenta que, no dialeto noldorin (“*Ñ*”), essa palavra torna-se *sinde*. Em WJ: 319, encontramos *pelma* como uma palavra para “idéia fixa, vontade”; nesse caso, a forma noldorin tardia *selma* não é lá mencionada e em nenhum outro lugar, mas ainda usaremos a forma tardia aqui, já que estamos almejando o tipo de quenya que era usado na Terra-média na Terceira Era.

O trema: em muitos casos, Tolkien acrescenta um *trema*, dois pontos sobre uma vogal, como, por exemplo, *ä*, *ö*, *ë* nos nomes *Eärendil*, *Eönwë*. Isso ocorre somente para deixar clara a pronúncia, primeiramente para os leitores acostumados à ortografia inglesa. Deve-se enfatizar que o trema não é, de modo algum, “necessário” para escrever-se corretamente em quenya. Tolkien escreveu sobre a grafia *ë*, que é “apenas um artifício de transcrição, não necessário no original” - isto é, na suposta escrita Tengwar “original” (PM: 343). Ele tampouco é realmente “necessário” na transcrição - Tolkien nunca o usou em *Etimologias* - e pode seguramente ser deixado de fora em um e-mail. De fato, alguns estudiosos defendem a omissão geral em todas as mídias, vendo-o como supérfluo obstáculo gráfico útil apenas para pessoas que não conhecem o básico sobre o quenya (e para pessoas acostumadas a ortografias de idiomas como o alemão, sueco ou finlandês, ele evidentemente pode ser enganoso). Mas eu não sei; creio que gosto de ver o trema em textos cuidadosamente apresentados, mesmo que ele não diga-me nada que eu já não saiba de antemão. Ele acrescenta um tom exótico aos textos, e também representa um sinal na direção da impressão visual feita pelo finlandês escrito, já que a ortografia finlandesa emprega letras como *ä* e *ö* - que, contudo, denotam sons distintos do *a* e *o* normais, o que não é o caso na grafia do quenya.

Se formos usar o trema, devemos fazê-lo de uma maneira consistente. Em WJ: 425, Christopher Tolkien comenta o uso “muito variável” feito pelo seu

pai, de modo que alguma regularização é exigida. (O próprio Christopher Tolkien regularizou a grafia de seu pai em algumas citações; por exemplo, em PM: 371 ele cita a palavra em quenya **rossë** “chuva fina, orvalho”, da entrada *ROS'* em Etim., mas lá a palavra é na verdade escrita **rosse**, sem trema.)

O -ë final em (digamos) **Eönwë** tem a intenção de lembrar ao leitor que o -ë final não é mudo, como geralmente o é na ortografia inglesa. “O *e* final nunca é mudo ou um simples sinal de comprimento como no inglês”, observou Tolkien no SdA, Apêndice E. Ele acrescentou que, “para sinalizar, este *e* final é freqüentemente (mas não consistentemente) escrito *ë*”. Como ele diz, essa grafia não é usada consistentemente, seja no SdA ou em outras fontes - cf. algumas das palavras já citadas: **quesse**, **sinde**, **nixe**. Daqui por diante, entretanto, seremos consistentes quanto a isso: **quessë**, **sindë**, **nixë**. (Note, porém, que o trema não é usado em palavras onde o *e* final também é a *única* vogal, como em palavras curtas tais como **te** “-os, -los” ou **ve** “como” - ambas ocorrendo no SdA. De vez em quando vejo algum fã de “pontos” empolgado em criar grafias como **të** e **vë** mas, apesar disso não ser de modo algum “prejudicial”, é bastante supérfluo: Tolkien nunca usou tais grafias.)

Uma vez que apenas um -*e final* recebe o trema, os pontos desaparecem se você acrescentar uma desinência à palavra (ou usá-la como o primeiro elemento em uma palavra composta), já que então o -*e* não será mais final. Um exemplo confirmando disso é fornecido pela palavra **lámatyávë** “gosto pelo som” (prazer individual nas formas das palavras), o plural desta sendo escrito **lámatyáver** (MR: 215-216). Não vemos ****lámatyávër** pois, por causa da desinência de plural -*r*, a vogal *e* anterior não é mais final. (No decorrer deste curso, um asterisco duplo, **, é usado para sinalizar uma forma errada.) O Apêndice D no SdA indica que o plural de **enquië** (a semana eldarin de seis dias) deve ser escrito **enquier** ao invés de ****enquiër**.

Além do *ë* final, devemos usar o trema para esclarecer a pronúncia das combinações **ea**, **eo** e **oe** (isto é, para indicar que ambas vogais devem ser pronunciadas claramente separadas: *e-a*, *e-o*, *o-e*; por exemplo, o **ëa** *não* deve unir-se como o *ea* na palavra inglesa *heart*). No caso de **e + a** e **e + o**, o trema é colocado em cima do *e* enquanto aparecer como uma letra minúscula: **ëa**, **ëo**. Se, entretanto, for em maiúscula, os pontos passam então para a próxima letra: **Eä**, **Eö** (como em **Eärendil**, **Eönwë**). Os próprios escritos de Tolkien não são rígidos nesse aspecto; adotamos a grafia usada no SdA e no *Silmarillion*. Algumas vezes ele também coloca o trema sobre uma letra maiúscula; por exemplo, o nome em quenya do universo, em alguns textos, aparece como **Ëa** (ex: MR: 7), embora, de acordo com o sistema que recém delineamos, devesse ser **Eä** - como no *Silmarillion* publicado. (Uma variação gritante é vista

em Letters: 386, onde Tolkien refere-se à “tentativa de *Eärendil* de cruzar *Ēar* [o oceano]” - deveria ser ou **Ēarendil**, **Ēar** OU **Eärendil**, **Eär**!) De modo oposto, Tolkien às vezes coloca o trema sobre a segunda vogal no grupo mesmo quando a primeira vogal *não* é maiúscula, resultando em grafias como **eä** (CI: 340, 497); escreveremos tal palavra como **ëa** (como o próprio Tolkien fez em outros lugares; ver VT39: 6). Em uma nota de rodapé em MR: 206, Christopher Tolkien observa que seu pai oscilava entre **Fëanáro** e **Feänáro** (a forma em quenya do nome *Fëanor*); de acordo com o sistema aqui traçado, deveria ser **Fëanáro**.

No caso de **oe** (uma combinação muito rara), colocamos o trema sobre o **ë**, como no exemplo **loëndë** no Apêndice D do SdA (esse é o nome do dia do meio do ano no calendário dos elfos). No Apêndice E, Tolkien claramente afirma que o fato do **oe** ser dissilábico é “geralmente indicado ao escrever-se... *oë*”.

Em algumas fontes, a combinação **ie** também é separada com um trema, resultando em grafias como **Niënna** (nome de uma Valië ou “deusa”), como, por exemplo, em MR: 49. Apesar disso, essa grafia não é usada no *Silmarillion* publicado, que tem simplesmente **Nienna**. O próprio SdA é um tanto incerto nesse ponto. No Apêndice A temos os nomes **Telperiën** e **Silmariën** assim escritos (embora em *Contos Inacabados* pág. 194 ocorra **Silmariën**). Porém, o texto mais substancial no SdA, *Namárië*, não usa o trema nessa combinação - esse texto tem **tier**, não **tiër**, para “caminhos” (embora a última grafia ocorra em RGEO: 67). De acordo com esse exemplo, assim como **Nienna** no *Silmarillion*, não usaremos o trema na combinação **ie**. Se, entretanto, o grupo **-ie** ocorrer no *final* da palavra, o **e** receberá o trema porque ele será final (completamente independente ao fato de que ele também é parte da combinação **ie**), de acordo com a regra estabelecida acima. Por isso **Namárië**, **Valië** ao invés de **Namárie**, **Valie** e, se o primeiro elemento de **Nienna** ocorrer sozinho, o escreveremos **nië** - esta é a palavra para “lágrima”. Removendo a desinência de plural **-r** de **tier**, “ca-minhos”, se produz da mesma forma **tië** “caminho”, uma vez que o **-ë** torna-se final.

Em muitas fontes pós-SdA, Tolkien também começou a dissolver a combinação **oa** por meio de um trema (aparentemente para informar o leitor de que o “oa” não é unido como na palavra inglesa *load*). Logo, temos grafias como **hröa** “corpo” (MR: 350 e passim). Cf. também algumas das palavras citadas acima: **köarya**, **cöacalina**. Porém, no das, Tolkien simplesmente escreveu **oa**. Compare a grafia **loa** usada no SdA (Apêndice D: “os Eldar também observavam um curto período ou ano solar... geralmente chamado *loa*”) com a grafia **löa** em MR: 426 (onde a palavra ocorre no plural: *löar* a *löar* = anos a anos). Regularizando de

acordo com o sistema usado no SdA, não usaremos o trema na combinação **oa**. Portanto usaremos grafias como **hroa** “corpo”, **coa** “casa” etc. **Hroa** sem um trema é realmente encontrado em MR: 399-400 (e VT41: 13), de modo que não estamos “corrompendo” a grafia de Tolkien, e sim apenas consolidando um padrão ao escolher uma das opções que seus escritos nos fornecem e transmitem consistentemente. Assim, como tentei demonstrar, é verdadeira toda a regularização a qual eu impus ao material.

LIÇÃO UM

Os sons do quenya Pronúncia e acentuação

CONSIDERAÇÕES GERAIS

O quenya, como uma entidade real em nosso próprio mundo, existe primeiramente como um idioma *escrito*: os entusiastas do quenya tendem a estar amplamente espalhados e geralmente compartilham suas composições apenas por um meio escrito (de fato, geralmente irei referir-me aos usuários do quenya como “escritores” ao invés de “falantes”). Porém, todo estudante obviamente deve conhecer que pronúncia Tolkien imaginou, tão bem quanto suas intenções possam ser agora deduzidas.

Existem muito poucas gravações nas quais o próprio Tolkien lê textos em quenya. Em uma entrevista de tv, Tolkien escreve e pronuncia a saudação **elen síla lúmenn’ omentielvo**. De forma mais notável, ele fez duas gravações diferentes do *Namárië* (cantado e falado). Alguns versos dessa versão do *Namárië* diferem de suas contrapartes do SdA: a versão gravada tem **inyar únóti nar ve rámar aldaron / inyar ve lintë yulmar vánier** ao invés de **yéni únótímë ve rámar aldaron! / yéni ve lintë yuldar (a)vánier** como no SdA. A gravação foi feita antes do livro ser publicado (e, portanto, antes das revisões finais). Também existe uma gravação mais tardia, com o mesmo texto do livro. Não a escutei, de modo que não posso comentar mais do que isso.

As poucas gravações existentes são interessantes, mas elas não são nossa fonte principal de informações. A maior parte do que sabemos sobre a pronúncia do quenya é baseada nas *notas* escritas de Tolkien sobre como seus idiomas deveriam ser pronunciados, predominantemente a informação fornecida no Apêndice E do SdA. (De fato, a pronúncia real de Tolkien nas gravações nem sempre é impecável, de acordo com suas próprias descrições técnicas, mas ele também não era um falante nativo de quenya.)

Qualquer idioma natural possui uma *fonologia*, um conjunto de regras que define que sons são usados, como eles variam e comportam-se, e como eles podem ser combinados. Isso vale também para qualquer idioma inventado. O quenya definitivamente não é uma confusão de sons aleatórios; Tolkien construiu cuidadosamente sua fonologia - tanto como uma entidade em evolução (o quenya

clássico gradualmente desenvolvendo-se a partir do élfico primitivo) como uma forma “fixa” (definindo o tipo de quenya que era usado como um idioma de tradição e cerimônia na Terra-média). Tolkien observou, através de Pengolodh, o sábio de Gondolin, que as línguas élficas tendiam a usar relativamente poucos sons - “pois os Eldar, sendo habilidosos nas artes, não são esbanjadores nem ávidos por pequenos propósitos, admirando mais em uma língua o uso habilidoso e harmonioso de poucos sons bem balanceados do que uma profusão mal-ordenada” (PM: 398). Nenhum dos sons usados no quenya é particularmente exótico de um ponto de vista europeu, mas eles são combinados de uma maneira primorosamente ordeira. Comparados ao élfico de Tolkien, muitos dos idiomas “reais” é que, de fato, parecem confusos.

TERMOS BÁSICOS

Coloquemos alguns termos básicos em seus devidos lugares (as pessoas com treinamento lingüístico não precisam gastar muito tempo nesta seção). Os sons de qualquer idioma podem ser divididos em duas grandes categorias, *vogais* e *consoantes*. As *vogais* são sons criados ao deixar-se a corrente de ar passar “livremente” através da boca: diferentes vogais são produzidas ao se modificar a posição da língua e dos lábios, mas a corrente de ar não é diretamente obstruída. Ao extraírem-se várias vogais, pronunciando *aaaaa...* ou *eeeeee...* ou *ooooo...*, é fácil sentir como o ar flui bastante desimpedido pela boca: simplesmente modela-se a língua e os lábios para “formarem” o som desejado. As vogais podem ser mais, ou menos, “abertas” ou “fechadas”: você só precisa observar a posição da língua e do maxilar inferior ao pronunciar *aaah...* comparada com sua posição ao pronunciar *ooooh...* para compreender o que isso quer dizer. A vogal *a* (como na palavra *mal*) é mais aberta, enquanto a vogal *u* (como na palavra *rude*) é mais fechada. As outras vogais ficam em posições intermediárias. As vogais também podem ser mais ou menos “arredondadas”, dependendo principalmente da posição dos lábios; a vogal *u* (como recém descrita) é dita arredondada porque é pronunciada com os lábios unidos como que para um beijo. Uma vogal como *o* (como na palavra *porta*) é realmente pronunciada como o *a* de *parte*, mas o *o* é arredondado e o *a* não o é - o que torna as vogais distintas.

Ao pronunciarem-se as vogais, a corrente de ar é apenas *modificada* (por meios como os já descritos). Ela nunca é realmente “impedida”. No caso das *consoantes*, entretanto, o ar é mais obstruído. Assim, Tolkien pode informar-nos que o elemento élfico primitivo para *consoante* era *tapta tengwë* ou apenas *tapta*, que significa “elemento impedido” ou simplesmente “impedido” (VT39: 7). Nos casos mais “extremos”, a corrente de ar pode ainda ser completamente parada por

um momento: isso é facilmente percebido no caso de uma consoante como **p**, que é pronunciada ao unirem-se os lábios, momentaneamente interrompendo a corrente de ar dos pulmões e permitindo a criação de uma pressão no interior da boca. Os lábios são então repentinamente separados de novo, liberando o ar em uma pequena explosão - e essa explosão forma um **p**. Tais consoantes *oclusivas* incluem **t**, **p** e **k** e suas contrapartes **d**, **b** e **g** (isto é, **g** forte como em *guerra*, e não como em *giro*). Todas elas são formadas ao interromper e então liberar o ar repentinamente em vários lugares na boca. Ao invés de interromper completamente o ar, pode-se também deixá-lo “chiar através” de uma pequena abertura, como quando o **f** é pronunciado ao forçar-se o ar para fora entre o lábio inferior e os dentes superiores; tais sons de “fricção” são chamados de *fricativos* e incluem consoantes como **f**, **th** e **v**. E ainda há outras opções de como manipular a corrente de ar, tais como a de redirecioná-la através do nariz para produzir consoantes *nasais* como **n** ou **m**.

O conceito de *sonorização* também deve ser compreendido. Os humanos (e os elfos) vêm com um tipo de aparelho sonoro instalado em suas gargantas, chamado de *cordas vocais*. Ao fazer as cordas vocais vibrarem, pode-se adicionar “voz” à corrente de ar antes que ela entre nos órgãos de fala propriamente ditos. A presença ou ausência de tal sonorização é o que distingue sons como **v** e **f**. Ao se produzir um som como **ffff...** e repentinamente mudar para **vvvv...**, irá sentir-se a “campainha” na garganta soando (coloque um dedo na sua glote - o que nos homens é chamado de “pomo de Adão”, menos proeminente nas mulheres - e você realmente sentirá a vibração das cordas vocais). Em princípio, o aparelho de sonorização poderia ser usado para dobrar o número de sons que somos capazes de produzir, uma vez que todos eles podem ser pronunciados *com* vibração das cordas vocais (como sons *sonoros*) ou *sem* tal vibração (como sons *surdos*). Na prática, a maioria dos sons da fala não aparece em versões surdas. Muitos sons mal seriam perceptíveis sem a sonorização (o **n**, por exemplo, seria reduzido a não mais que um ronco fraco). Normalmente, todas as vogais são também sonoras; certamente o são no quenya (embora no japonês as vogais possam perder sua sonoridade em certos ambientes). Mas eu já me referi a **d**, **b** e **g** como as “contrapartes” de **t**, **p** e **k**; elas são contrapartes no sentido de que as primeiras são sonoras e as últimas não. Um aspecto característico do quenya (ao menos no dialeto noldorin) é a distribuição muito limitada das oclusivas sonoras **d**, **b** e **g**; elas ocorrem somente no meio das palavras, e apenas como parte dos encontros consonantais **nd**/**ld**/**rd**, **mb**, e **ng**. Alguns falantes também pronunciavam **lb** ao invés de **lv**. (Possivelmente Tolkien imaginou regras diferentes para o pouco atestado dialeto *vanyarin* do quenya: o *Silmarillion* refere-se a um lamento chamado **Aldudénië** feito por um elfo vanyarin; essa palavra tem confundido os pesquisadores, uma vez que o **d** central seria um tanto impossível no quenya noldorin.)

Sílabas: constituída de vogais e consoantes, a fala não é uma erupção indiferenciada de sons. Ela é particularmente compreendida por estar organizada em unidades rítmicas chamadas *sílabas*. As palavras mais curtas são necessariamente *monossilábicas*, possuindo apenas uma sílaba - como a palavra *de* ou sua equivalente em quenya *ho*. Palavras de mais de uma sílaba, as *polissilábicas*, formam séries mais longas de “batidas” rítmicas. Uma palavra como *veloz* tem duas sílabas (*ve-loz*), uma palavra como *ótimo* tem três (*ó-ti-mo*), uma palavra como *camiseta* tem quatro (*ca-mi-se-ta*), e assim por diante - embora não possamos ir muito além antes das palavras tornarem-se impraticavelmente longas e difíceis de se pronunciar. Alguns idiomas orientais, como o vietnamita, mostram uma grande preferência por palavras monossilábicas. Mas como fica evidente a partir dos exemplos em português recém citados, os idiomas europeus empregam frequentemente palavras mais longas, e o quenya de Tolkien faz uso de algumas bem grandes (assim como o finlandês). Considere palavras como *Ainulindalë* ou *Silmarillion* (cinco sílabas: *ai-nu-lin-da-lë*, *sil-ma-ril-li-on*). Uma palavra em quenya não declinada possui tipicamente duas ou três sílabas, e esse número é aumentado com frequência ao adicionarem-se desinências flexionáveis ou palavras compostas.

OS SONS DO QUENYA

Em quenya, as *vogais* básicas são **a**, **e**, **i**, **o**, **u** (curtas e longas). Elas também podem ser combinadas em *ditongos*, grupos de duas vogais básicas pronunciadas juntas como uma sílaba: há três ditongos em **-i** (**ai**, **oi**, **ui**) e três em **-u** (**au**, **eu**, **iu**, embora os ditongos **eu** e **iu** sejam bastante raros). As *consoantes* do quenya da Terceira Era podem ser listadas como **c** (= **k**), **d**, **f**, **g**, **gw**, **h**, **hy**, **hw**, **l**, **ly**, **m**, **n**, **nw**, **ny**, **p**, **qu**, **r**, **ry**, **s**, **t**, **ty**, **v**, **y** e **w** (essa listagem não está livre de controvérsia; o sistema consonantal do quenya pode ser plausivelmente analisado de mais de uma maneira). Na escrita élfica, a ortografia *Tengwar* também mantém a distinção entre algumas consoantes que na Terceira Era vieram a ser pronunciadas iguais e assim fundidas (**p** fundindo-se com **s**, enquanto o **ñ** inicial uniu-se ao **n** - ver a análise de convenções ortográficas). Na transcrição e ortografia empregadas neste curso, a presença anterior de consoantes distintas “perdidas” é refletida em apenas dois casos: **hl** e **hr**, que eram originalmente **l** e **r** *surdos*, mas posteriormente fundiram-se com **l** e **r** normais (e, portanto, não são incluídos na lista de consoantes do quenya da Terceira Era acima). Assim, escreveremos (digamos) **hrívë** (“inverno”) desse modo, apesar do fato de Tolkien ter imaginado a pronúncia típica da Terceira Era como simplesmente “rívë” (com um **r** normal).

Embora as consoantes **hy**, **gw**, **hw**, **ly**, **nw**, **ny**, **ry**, **ty**, e **qu** (e **hr**, **hl**) devam aqui ser escritas como duas letras (como *dígrafos*), elas devem evidentemente ser

consideradas como sons unitários: sua pronúncia será discutida com mais detalhes abaixo. Os dígrafos em -w representam consoantes *labializadas*, enquanto os dígrafos em -y representam consoantes *palatalizadas*; novamente, ver abaixo para uma análise adicional desses termos. Deve-se compreender que **qu** é simplesmente uma maneira estética de escrever o que seria de outra forma representado como **cw** (a maioria das pessoas concordará que **quenya** fica melhor do que **cwenya**), então **qu**, como **nw**, é uma consoante labializada. Ao dividir as sílabas, deve-se lembrar que na verdade há a vogal **u** no **qu**; o “u” aqui representa o **w**. Uma palavra como **alqua** (“cisne”) tem assim apenas duas sílabas: **al-qua** (= **al-cwa**). Não se deve achar que é “al-qu-a” e concluir que há na verdade três sílabas. Na escrita Tengwar, o **qu** é indicado por uma única letra e, na maioria das fontes primitivas, Tolkien também usou a letra única **q** para representar isso.

Consoantes duplas: algumas consoantes também ocorrem em versões *longas* ou *duplas*; consoantes duplas e simples podem ser comparadas a vogais longas e curtas. Os casos “óbvios”, as consoantes duplas diretamente representadas na ortografia, são **cc**, **ll**, **mm**, **nn**, **pp**, **rr**, **ss** e **tt** (ex: ecco “lança”, **colla** “manto”, **lamma** “som”, **anna** “presente”, **lappa** “bainha de manto”, **yarra-** “rosnar”, **essë** “nome”, **atta** “dois”). O grupo **pp** é muito raro, aparecendo somente em material muito anterior ao SdA. Em *Nota sobre a pronúncia* anexado ao *Silmarillion*, Christopher Tolkien observa: “Consoantes repetidas têm a pronúncia longa. Assim, *Yavanna* tem o *n* longo ouvido no inglês *unnamed*, *penknife*, não o *n* curto de *unaimed*, *penny*”. Palavras como **ana** “em direção a” vs. **anna** “presente”, **tyelë** “cessa” vs. **tyellë** “grau”, **ata** “novamente” vs. **atta** “dois” devem ser distintas de forma audível. - É possível que algumas das consoantes escritas como dígrafos também possam ser contadas como consoantes duplas quando ocorrem entre vogais; ex: **ny** = **n** longo ou palatalizado duplo (detalhes abaixo).

Encontros consonantais (vs. consoantes simples): é difícil pronunciar muitas consoantes sucessivas, de modo que a linguagem das palavras geralmente as confinam em grupos relativamente *pequenos* (ou “encontros”) de consoantes. A palavra mais típica, de qualquer idioma, é uma série de vogais e consoantes (encontros consonantais simples ou relativamente curtos) alternadas - o “núcleo” de cada sílaba sendo geralmente uma vogal. O quenya de Tolkien não é exceção; esse idioma na verdade possui regras bastante restritivas para o modo como as consoantes e vogais podem ser combinadas em sílabas e palavras mais longas. Ainda assim, os encontros consonantais são muito comuns, mas não são distribuídos tão “livremente” como no português. Enquanto o português e o sindarin permitem encontros consonantais no início das palavras, o quenya não o faz (SD: 417-418). Tolkien disse que o nome que os “Woses” ou Homens Selvagens usavam para si próprios, *Drughu*, fora adaptado para o quenya como **Rú** (CI: 385). O quenya

não poderia preservar o encontro inicial *dr-* da forma original dessa palavra incorporada (além do fato de que o quenya não poderia ter um **d** nesta posição). O quenya permite um número limitado de encontros consonantais *medialmente*, entre vogais no meio das palavras; entre os encontros “freqüentes” ou “favorecidos”, Tolkien citou **ld**, **mb**, **mp**, **nc**, **nd**, **ng**, **ngw**, **nqu**, **nt**, **ps**, **ts** e **x** (em vez de **cs**). Desse modo, temos típicas palavras no estilo quenya como **Elda** “elfo”, **lambë** “língua”, **tumpo** “corcunda”, **ranco** “braço” etc. *Finalmente*, no final das palavras, apenas cinco consoantes simples podem ocorrer: apenas **-l**, **-n**, **-r**, **-s**, ou **-t** são permitidas nessa posição (*Letters*: 425; entretanto, a maioria das palavras em quenya termina em uma vogal). *Encontros* consonantais ou consoantes *duplas* não são normalmente encontrados no final das palavras, embora possam ocorrer se uma vogal final for *elidida* (omitida), no caso da próxima palavra começar com a mesma vogal ou com uma semelhante. No SdA temos um **nn** “final” na frase **lúmenn’ omentielvo** (“sobre a hora do nosso encontro”), mas apenas porque essa é a forma reduzida de **lúmenna omentielvo** (essa forma completa ocorreu em WJ: 367 e *Letters*: 424). O único encontro consonantal genuíno que ocorre no final de uma palavra parece ser **nt**, usado como uma desinência gramatical específica (*dativo dual*, a ser discutido em lições posteriores) - ex: **ciryant** “para um par de navios”, formado a partir de **cirya** “navio”. Os experimentos mais primitivos do “qenya” de Tolkien, conforme registrados no Qenya Lexicon de 1915, eram mais liberais a esse respeito. O “qenya” permitia mais consoantes finais e mesmo encontros consonantais, mas conforme o quenya no estilo do SdA evoluía nas notas de Tolkien, a sua fonologia estreitou-se. Assim, ele deu ao idioma um gosto claramente mais definido.

PRONÚNCIA

Vogais: as vogais do quenya são puras. Para aqueles que querem pronunciar as vogais élficas com um certo grau de exatidão, Tolkien recomendou as vogais italianas como um modelo (como fez Zamenhof com o esperanto, por sinal; mas as vogais portuguesas também podem ser aplicadas perfeitamente). Falantes nativos de inglês possuem um hábito enraizado de “dissolver” muitas vogais, especialmente quando elas não são totalmente enfatizadas; assim, em uma palavra como *banana*, geralmente é apenas o **a** central que sai com um som “próprio” de **a**. Os dois outros **a**’s, que não são enfatizados, são tipicamente feitos para soar como uma indistinta e obscura “redução de vogal” que os lingüistas chamam de *schwa* (de uma palavra hebraica para “nada”). Mas em quenya *todas* as vogais, em *todas* as posições, devem ser clara e distintamente pronunciadas; quaisquer tendências para “dissolvê-las” devem ser fortemente combatidas.

Como lembramos, o quenya possui vogais *longas* e *curtas*, as longas sendo marcadas com um acento: **á, é, ó, ú, í**, vs. **a, e, o, u, i** curtas. Vogais longas e curtas devem ser mantidas separadas e pronunciadas clara e distintamente. Às vezes o comprimento da vogal é a única coisa que distingue duas palavras parecidas: por exemplo, **cu** com um **u** curto significa “pombo”, enquanto que **cú** com um **ú** longo significa “crescente”.

O **á** longo pode ser pronunciado como na palavra *máquina*, prolongando-se o “a” por mais tempo (algo como **áá**): **má** “mão”, **nárë** “chama”, **quáco** “corvo”. O **a** curto soa como na palavra *azul*. É absolutamente necessário dominá-lo, pois o **a** curto é de longe a mais comum das vogais em quenya. Tolkien observou que ele deveria ser mais “aberto” que o **á** longo.

NOTA 1: Caso você tenha o filme original de *Star Wars* disponível, escute cuidadosamente quando Harrison Ford aparece pela primeira vez por volta dos 45 minutos de filme e apresenta-se como “Han Solo”: Ford realmente produz um belo **a** curto no estilo do quenya em “Han”, fazendo essa sílaba soar do modo como seria nas palavras em quenya (ex: **hanu** “um macho” ou **handa** “inteligente”). Mas posteriormente nos filmes de SW, a vogal de “Han” é pronunciada inconsistentemente, seja com um **a** longo como em “página”, seja com a vogal ouvida em “quebra”, que é precisamente a vogal a ser evitada em quenya. Consistência lingüística nunca foi a “força” de *Star Wars*. A propósito, lembra-se de **Endor**, a lua verde onde George Lucas colocou seus ursinhos de pelúcias reinventados no terceiro filme? Adivinhe qual é a palavra em quenya para “Terra-média”? Lucas certamente diria que sua intenção fora a de fazer um *tributo* a Tolkien...

NOTA 2: Com o lançamento de *A Sociedade do Anel* de Peter Jackson, também posso citar exemplos da trilha sonora desse filme; a maioria das pessoas interessadas na obra de Tolkien certamente terá assistido ao filme, e muitos compraram ou compraram o mesmo em vídeo ou DVD. Bons exemplos do **a** curto élfico ocorrem no nome sindarin **Caradhras** “Chifre Vermelho” conforme pronunciado por Christopher Lee (“Saruman”) na cena onde seus corvos espíões retornam à Isengard: “Então, Gandalf, você tenta guiá-los sobre Caradhras...”. Lee também consegue pronunciar os **a**s curtos mais ou menos corretamente na cena que vem logo a seguir, quando ele se encontra no topo de Isengard lendo uma invocação em quenya: *Nai yarvaxëa rasselya taltuva notto-carinnar...* (mas a última palavra soa quase como **cárrinnar**, com a primeira vogal sendo *longa* - afinal de contas, Chris Lee não é um falante nativo de quenya.)

Deve-se tentar pronunciar um **a** completo em todas as posições, nunca “dissipando” o mesmo.

O **é** longo do quenya não possui um correspondente exato em português; entretanto, uma aproximação pode ser tentada ao se pronunciar o **e** curto do quenya com uma duração dobrada. Como observado por Tolkien, ele deve ser mais fechado que o **e** curto (ver Apêndice E do SdA), aproximadamente como nas palavras *medo* e *vê*, porém (como já mencionado) com maior duração: **nén** (“nêên”) “água”, **ré** (“rêê”) “dia”, **ména** (“mêêna”) “região”.

O **e** curto pode ser pronunciado como em *cedo* e *educar*, do modo como são pronunciados em português, sem a necessidade de prolongar a pronúncia da vogal como em **é**. Em quenya esse som também ocorre no final das palavras. Uma vez que o **e** final na ortografia inglesa geralmente é mudo, Tolkien com frequência usou a

grafia é nessa posição - e no decorrer deste curso, essa grafia é empregada consistentemente. Isso é apenas para lembrar aos leitores de inglês (e também a nós mesmos) que, no quenya, essa letra deve ser pronunciada distintamente. O *e* do quenya tem o valor descrito acima em todas as posições. Ele NÃO deve ser pronunciado “dissolvendo-se” em um *i*: **lómë** “noite”, **morë** “preto, negro”, **tinwë** “centelha”.

O *í* longo é pronunciado como em *incrível*: a palavra em quenya **sí** “agora” é parecida no som. Outros exemplos incluem **nís** “mulher” e **ríma** “beira, borda”. Esse *í* longo deve ser notavelmente mais longo que o *i* curto (isto é, deve ter sua pronúncia prolongada; ex: **nís** pronuncia-se *níís*), que pode ser pronunciado como em *menino* e *dolorido*: **titta** “pequenino, diminuto”, **imbë** “entre”, **vinya** “novo”. Isso se aplica também ao *-i* final (geralmente uma desinência de plural), que não deve ser “dissolvido”.

O *ó* longo pode ser pronunciado como em *olho* e *ônus*, de preferência um pouco mais carregado e “fechado” que o *o* curto, tal qual a relação *é/e*: **mól** “escravo”, **tó** “lá”, **óma** “voz”. O *o* curto pode ser pronunciado como em *objeto* e *corvo*. Algumas palavras com *o*: **rondo** “caverna”, **olos** “sonho”, **tolto** “oito”. O *o* também não deve ser “dissolvido” (como acontece na pronúncia de *rápido*, com o *o* final reduzindo-se a um *u*: *rápidu*). Deve-se ter cuidado especialmente com a terminação *-on*, freqüentemente encontrada em nomes masculinos (e também em *genitivos* plurais como **Silmarillion**; ver lições posteriores). A pronúncia “anglicanizada” de um nome como **Sauron** resultaria no que um confuso elfo tentaria representar na escrita como **Sór’n** (ou, na melhor das hipóteses, **Sóren**). O *-on* final deve soar como a primeira sílaba da palavra *ondulado*, com a vogal totalmente intacta, mesmo ela não sendo enfatizada em **Sauron**. No filme de Jackson, os atores geralmente apresentam uma boa pronúncia desse nome; escute especialmente como “Gandalf” e “Saruman” pronunciam-no. Bons exemplos de *o* curto élfico também ocorrem no nome **Mordor** conforme pronunciado pelos mesmos dois atores.

O *ú* longo deve ser pronunciado como em *unidade* e *urtiga*: **númen** “oeste”, **cú** “crescente, arco”, **yúyo** “ambos”. Ele deve ser distintamente mais longo que o *u* curto (como já mencionado em relação a *é* e *ó*), que é pronunciado como o *u* de *uso*: **cundu** “príncipe”, **nuru** “morte”, **ulundo** “monstro”.

Deve-se estar atento especialmente quando uma combinação *vogal + r* ocorrer. Nas combinações **ar**, **or**, **er**, **ir** e **ur**, evite alongar a vogal; nas palavras em quenya como **narda** “nó”, **lorna** “adormecido”, **sercë** “sangue”, **tirno** “observador” e **turma** “escudo”, a vogal antes do *r* deve ser *curta*, como indicado pela ausência de acento. No filme de Peter Jackson, os atores lutam para pronunciar a última sílaba do nome quenya **Isildur** corretamente, com resultados variáveis. Na cena

de flash-back onde Elrond (interpretado por Hugo Weaving) conduz Isildur para dentro da Montanha da Perdição e instiga-o a destruir o Anel, a pronúncia de Weaving do nome **Isildur** é muito boa - seguindo fielmente as instruções de Tolkien.

Ditongos: além dos sons unitários “básicos” das vogais discutidos acima, temos os ditongos - combinações de duas vogais básicas que formam uma sílaba, em muitos casos comportando-se como uma vogal unitária para o propósito da construção da palavra: os ditongos do quenya são **ai**, **au**, **eu**, **iu**, **oi**, e **ui**.

O ditongo **ai** é o mesmo ouvido na palavra *caixa*: **faila** “justo, generoso”, **aica** “apavorante, terrível”, **caima** “cama”, **aira** “sagrado”.

O ditongo **au** é pronunciado como em *mau*: **aulë** “invenção”, **laurëa** “dourado”, **taurë** “floresta”.

O ditongo **eu** é parecido com o da palavra *neutro*. Exemplos em quenya: **leuca** “cobra”, **neuma** “armadilha”, **peu** “par de lábios”. Esse ditongo não é muito comum.

O ditongo **iu** pode ser pronunciado como *yu* na palavra inglesa *yule*, como um ditongo “crescente”, de acordo com a pronúncia usual da Terceira Era. Porém, Tolkien imaginou que, originalmente, ele havia sido “decrecente” como os outros ditongos do quenya, enfatizado mais no primeiro elemento do que no último (SdA Apêndice E), como na palavra *viu*. A pronúncia da Terceira Era também seria igualmente “válida” dentro dos mitos. Esse ditongo, de qualquer modo, é muito raro; no *Etimologias*, ele só aparece em poucas palavras (**miulë** “lamentar, miar”, **piuta** “cuspir”, **siulë** “incitação” e o grupo **tiuca** “grosso, gordo”, **tiuco** “coxa” e **tiuya-** “inchar, engordar” - mais alguns exemplos de **iu** poderiam ser citados a partir de material de “qenya” de Tolkien).

O ditongo **oi** corresponde ao da palavra *oito*: **coirëa** “vivo”, **soica** “sedento”, **oira** “eterno”.

O ditongo **ui** possui o mesmo som que ocorre em *cuidado*: **huinë** “sombra”, **cuilë** “vida”, **uilë** “planta trepadeira”. Note que a combinação **qui** não contém esse ditongo; esse é apenas um modo visualmente mais agradável de se escrever **cwi** (ex: **orqui** “orcs” = **orcwi**).

Todos os outros grupos de vogais *não* são ditongos, mas apenas vogais pertencentes a sílabas separadas e devem ser pronunciadas claramente. Em termos lingüísticos, vogais que estão em contato direto sem formar ditongos são chamadas de *hiatos*. O élfico primitivo aparentemente não possuía tais combinações, ao menos não no meio das palavras: Tolkien fez Fëanor concluir que “nossos pais... ao construírem palavras, pegaram as vogais e separaram-nas com as consoantes como paredes” (VT39: 10). Mas algumas consoantes perderam-se no quenya, de

forma que as vogais que estavam então “separadas” entraram em contato direto (VT39: 6). Em quenya temos ainda palavras polissilábicas formadas apenas por vogais, como **Eä** (um nome do universo) ou **oa** (“longe”). As combinações mais freqüentes de vogais em hiato são **ea**, **eo**, **ie**, **io**, **oa**; cada vogal deve soar “por si própria”. Tolkien com freqüência enfatiza esse fato ao adicionar um *trema* a uma das vogais e, na grafia consistente imposta a este material, regularmente escreveremos **ëa** (Eä), **ëo** (Eö), **öë**. Aqui não usamos o trema nas combinações **ie** (exceto quando final) e **oa**, mas como indicado pela grafia **ië** e **öa** em certos manuscritos de Tolkien, as vogais devem ser pronunciadas distintamente. Algumas palavras com vogais em hiato: **fëa** “alma”, **lëo** “sombra”, **loëndë** “meio do ano” (o dia do meio do ano de acordo com o calendário élfico), **coa** “casa”, **tië** “caminho”.

Consoantes: a maioria das consoantes no quenya é fácil de se pronunciar para pessoas acostumadas a falar um idioma ocidental. Estes pontos devem ser observados:

C é sempre pronunciado **k**, nunca **s**; de fato, Tolkien usa letra **k** ao invés de **c** em muitas fontes. **Celma** “canal” ou **ciryä** “navio” *não* devem ser ditas como “selma”, “siryä”. (Isso aplica-se também à pronúncia sindarin: quando **Celeborn** é pronunciado “Seleborn” na versão animada do SdA, fica evidente que os realizadores do filme nunca leram o Apêndice E.)

Nos grupos **hw**, **hy**, **hl** e **hr**, a letra **h** não deve ser pronunciada separadamente. São apenas dígrafos que denotam consoantes unitárias.

Os dígrafos **hl** e **hr** eram originalmente **l** e **r** *surdos*. Isto é, esses sons eram pronunciados sem vibração nas cordas vocais, o que resultava no que pode ser descrito como versões “sussurradas” de **l** e **r** normais. Em quenya, esses sons são muito raros; exemplos incluem **hrívë** “inverno” e **hlócë** “serpente, dragão”. Entretanto, Tolkien afirmou que, na Terceira Era, **hr** e **hl** vieram a ser pronunciados como **r** e **l** sonoros normais, embora a *grafia* **hl** e **hr** tenha aparentemente continuado na escrita.

O dígrafo **hw** corresponde ao *w(h)* nas palavras inglesas *witch* e *which*. Simplificando, o **hw** é uma versão (fraca) do som que você faz ao apagar uma vela. **Hw** não é um som muito freqüente em quenya; esta parece ser uma lista bastante completa das palavras conhecidas onde ele ocorre: **hwan** “esponja, fungo”, **hwarin** “torto, trapaceiro”, **hwarma** “barra (transversal)”, **hwerme** “código de gestos”, **hwesta** “brisa, hálito, sopro de ar” (também como verbo: **hwesta-** “soprar”), **hwindë** “turbilhão, redemoinho”.

O dígrafo **hy** representa um som como o das palavras inglesas *hew*, *huge*, *human*; o **h** pode ser pronunciado como um (obscuro) **hy**. Cf. SD: 418-419, onde Tolkien afirma que em quenya ou “avalloniano”, o som **hy** é “aproximadamente equivalente ao... *h* em *huge*”. No Apêndice E do SdA, Tolkien também apontou que **hy**

possui a mesma relação com o *y* que **hw** (tratado acima) possui com o *w* normal: um é surdo; o outro, sonoro. Outro modo de chegar-se ao **hy** é começar com o som de *y* (como em *you*) e produzir uma variante surda e “sussurrada” dele. Uma vez que tenha reconhecido o som, você precisa apenas fortalecê-lo: **hyarmen** “sul”, **hyalma** “concha”, **hyellë** “vidro”. Parece que o **hy** ocorre principalmente no *início* das palavras; **ahya-** “mudar” é até agora o único exemplo conhecido de **hy** que ocorre entre vogais no meio de uma palavra. Porém, o **h** na combinação **ht** após certas vogais também deve ser pronunciado como **hy**; ver abaixo. - No Apêndice E, Tolkien observou que os falantes de westron (o suposto “idioma original” do Livro Vermelho, que Tolkien “traduziu” para o inglês) freqüentemente substituíam o som de *sh* pelo **hy** do quenya.

Fora dos grupos **hw**, **hy**, **hl** e **hr**, a letra **h** representa um som independente, mas é pronunciado de formas diferenciadas em posições diferentes. Parece que originalmente, o **h** do quenya (ao menos de onde provém do *kh* élfico primitivo) era tipicamente mais *forte* que na palavra inglesa *high*. Nos dias de Fëanor ele era pronunciado aparentemente como o *ch* na palavra alemã *ach* ou na palavra escocesa *loch*. Em escrita fonética, este som é representado como [x]. Mas posteriormente, no início das palavras, este [x] foi enfraquecido e tornou-se um som como o **h** inglês. No Apêndice E do SdA, Tolkien informa-nos que a tengwa para [x] era originalmente chamada **harma**; naturalmente, essa tengwa era assim chamada porque o **h** inicial dessa palavra era um exemplo do som que essa letra denotava, o [x]. Mas quando o [x] nessa posição eventualmente tornou-se um **h** no estilo inglês, a tengwa foi renomeada **aha**, pois no meio das palavras o [x] não era enfraquecido. Assim, podemos extrair estas regras: no *início das palavras* (antes de uma vogal), a letra **h** deve ser pronunciada como o *h* inglês. Mas no *meio* das palavras, o **h** deve ser pronunciado [x]: como entre as vogais em **aha** “ira”, e da mesma forma antes de **t** em palavras como **pahta** “fechado”, **ohta** “guerra”, **nuhta-** “tolher (o desenvolvimento)”.

Em uma fonte tardia, Tolkien observou que “em quenya e telerin, o [x] mediano eventualmente tornou-se *h* também na maioria dos casos” (VT41: 9). O grupo **ht** provavelmente deve ser sempre pronunciado como [xt].

Essa regra precisa de uma modificação. Provavelmente o **h** antes de **t** era originalmente pronunciado [x] em todos os casos. Após quaisquer das vogais **a**, **o**, e **u**, essa pronúncia persistiu, como nos exemplos **pahta**, **ohta**, **nuhta-** acima. Mas após as vogais **i** e **e**, o [x] original tornou-se um som parecido com o alemão *ich-Laut* (o alemão pode de fato ser a inspiração de Tolkien para esse desenvolvimento em particular da fonologia do quenya). Assim, em palavras como **ehtë** “lança” ou **rihta-** “sacudir”, o **h** deve ser pronunciado como o **hy** descrito acima. Novamente, Tolkien imaginou que falantes humanos (mortais) de westron tinham uma tendência a substituir um som como o *sh* inglês e dizer “eshtë”, “rishta”.

O **l** em quenya tem o mesmo som do **l** na palavra *leve*, e esse é o tipo de **l** que deve ser usado em *todas* as posições no quenya. Os perfeccionistas também devem observar outro detalhe: em *Letters*: 425, Tolkien mencionou o **l** entre as “dentais” do quenya, isto é, sons que são pronunciados com a ponta da língua tocando os dentes (superiores). Ao pronunciar-se o **l** do quenya, deve-se ter certeza de que a ponta da língua toque os dentes.

O **n** do quenya é como o **n** do português. Esse som era freqüentemente usado sempre como **n**, mas em alguns casos ele representa o dígrafo **ng** mais antigo, como nas palavras inglesas *king* e *ding* (note que não há um **g** distinto para ser ouvido, apesar da grafia). Ao contrário do português, o quenya também podia ter esse som no início das palavras. Como mencionado na discussão das convenções ortográficas, Tolkien algumas vezes usou a letra **ñ** para representar esse **ng** antigo, como em **Ñoldor**. Em suas cartas, Tolkien em um caso adicionou uma nota para a palavra **Noldor** (assim escrita), informando o receptor que o **N** inicial devia ser pronunciado “ng, como em *ding*” (*Letters*: 176). Essa devia, porém, ser uma pronúncia “arcaica”; as pessoas que falassem quenya nos dias de Frodo diriam simplesmente **Noldor**: o Apêndice E do SdA indica claramente que, na Terceira Era, o **ñ** inicial veio a ser pronunciado como um **n** normal e, portanto, a letra élfica para o **ñ** “foi transcrita como *n*”. Adotamos o mesmo sistema aqui, de modo que a letra **n** em quase todos os casos representa o **n** normal do português, independente de sua história fonológica no quenya. Digo “em quase todos os casos” porque o **n** ainda é pronunciado **ñ** antes de **c** (= **k**), **g** e **qu**. Esse não é um problema muito grande, pois é natural para muitos falantes do inglês e de muitos outros idiomas usar essa pronúncia, de qualquer forma: **anca** “mandíbula”, **anga** “ferro”. Note que o **ng** do quenya, ocorrendo no meio das palavras, deve sempre ser pronunciado *com um g audível* (isso também se aplica ao grupo **ngw**, como em **tengwa** “letra”). O **ng** em quenya nunca deve ser pronunciado “nj” como na palavra *angelical*, mas sempre como em *angústia*. O som de **g** “suave” como em *gelo* não ocorre em quenya.

O **r** do quenya representa o som das palavras *parede* e *atrito*, em todas as posições; o **r** do quenya deve ser *vibrante*. Certas sutilezas da grafia Tengwar sugerem que, em quenya, o **r** era um pouco mais fraco quando na frente de consoantes (em oposição às vogais) e no final das palavras. Apesar disso, ele deve ser vibrado corretamente, um som completamente distinto mesmo nessas posições: **parma** “livro”, **erdë** “semente”, **tasar** “salgueiro”, **Eldar** “elfos”. A vogal na frente do **r** não deve ser alongada ou afetada de qualquer modo. No filme de Jackson, os atores que interpretam Gandalf e Saruman geralmente pronunciam o nome **Mordor** corretamente, com **r**s vibrantes e vogais curtas (enquanto o “Frodo” de Elijah Wood diz constantemente *Módó* sem traço de quaisquer **r**s!). No filme, **Mordor** é a palavra

sindarin para Terra Negra, mas, por sua forma e pronúncia, a palavra poderia bem ser em quenya **mordor** = “sombas” ou “manchas” (a forma plural de **mordo**).

O **r uvular**, que é comum em idiomas como o francês e o alemão, deve ser evitado no quenya, pois o Apêndice E do SdA afirma que este era “um som que os Eldar consideravam desagradável” (é ainda sugerido que era assim que os orcs pronunciavam o **r**!)

A consoante **s** deve sempre ser surda (como o som de *selva* em português). Ao se pronunciar o quenya, deve-se ter cuidado para não adicionar sonoridade ao **s**, transformando-o em **z**: **asar** “festival”, **olos** “sonho”, **nausë** “imaginação”. O quenya exílico da Terceira Era definitivamente não possuía o som do **z**. (Tolkien imaginou que o **z** teria ocorrido em um estágio primário, mas depois teria se transformado em **r**, fundindo-se com o **r** original. Por exemplo, o CI: 436 indica que o plural de **olos** “sonho” fora a certo estágio **olozi**, mas posteriormente tornou-se **olori**.) Quando ocorre entre vogais, o **s** freqüentemente representa o **þ** mais antigo (mais ou menos = *th* como em *thin*); as palavras **asar** e **nausë** mencionadas acima representam **aþar** e **naupë** mais antigas e eram escritas assim em Tengwar.

Sobre **v** e **w**: devemos supor que as letras **v** e **w** são pronunciadas como nas palavras *vitória* e *William*, respectivamente (mas o **nw** inicial não é uma combinação de **n** + **w**, mas simplesmente um **n** labializado; veja abaixo). Porém, há alguns pontos obscuros aqui. O Apêndice E do SdA parece indicar que, no quenya da Terceira Era, o **w** inicial veio a ser pronunciado **v**: é dito que o nome da letra tengwa **vilya** teria sido primeiramente **wilya**. Da mesma forma, Tolkien indicou que a palavra **véra** (“pessoal, privado, próprio”) fora **wéra** no que ele chamou de “quenya antigo” (PM: 340). Em *Etimologias*, a evidência é um tanto divergente. Algumas vezes Tolkien usa radicais primitivos em **W-** que produzem palavras em quenya em **v-**, como quando o radical **WAN** produz o quenya **vanya-** “ir, partir, desaparecer”. Às vezes ele lista formas duplas, como quando o radical **WÂ** (ou **WAWA**, **WAIWA**) produz o quenya **vaiwa** e **waiwa**, ambas significando “vento”. Sob o radical **WAY**, Tolkien listou uma palavra para “envelope” como “*w-vaia*”, evidentemente indicando uma forma dupla **waia** e **vaia** (todos esses exemplos são encontrados em LR: 397). Em LR: 398, há ainda outras formas duplas, mas no caso do verbo **vilin** (“eu vôo”) a partir do radical **WIL**, Tolkien curiosamente *mudou-o* para **wilin**. Quem sabe ele repentinamente tenha decidido optar pela grafia do “quenya antigo” ao invés de rejeitar de fato uma em favor da outra?

O peso da evidência parece ser de que, no começo das palavras, o **w-** veio a ser pronunciado como o **v-** normal na Terceira Era; onde Tolkien listou as formas duplas em **w-** e **v-**, a primeira é aparentemente deve ser vista como a forma mais arcaica. Entretanto, não regularizei a grafia nesse ponto; e embora o *próprio* Tolkien tenha

usado ou listado uma forma em *v-* ao invés de *w-* (sozinha ou como uma alternativa para *w-*), usarei a forma em *v-* neste curso. (Isso também vale para *vilin*.) Contudo, é possível que, de acordo com a pronúncia da Terceira Era, *todos* os *w's* iniciais soassem como o *v*, com a distinção original entre o *v* inicial e o *w* tendo sido perdida na linguagem falada. Não está claro se Tolkien pretendia ou não que essa distinção fosse consistentemente mantida na ortografia Tengwar (como quando essa escrita manteve a distinção entre *p* e *s* mesmo após ambas virem a ser pronunciadas *s*). Assim sendo, a letra chamada (*wilya* >) *vilya* ainda era usada para o *v* que representava o *w* mais antigo, enquanto outra letra (*vala*) era usada para o *v* que sempre fora *v*. - Exceto no início das palavras, a distinção entre o *v* e o *w* foi mantida mesmo na Terceira Era. No caso dos grupos *lw* e *lv*, a distinção podia ainda ser enfatizada alterando-se a pronúncia do último: “para *lv*, não para *lw*, muitos falantes de quenya, especialmente os elfos, usavam *ll*” (Apêndice E do SdA). Assim, uma palavra como *elvëa* “estelar” seria frequentemente pronunciada “elbëa”, e isso também podia ser escrito na ortografia Tengwar. Apesar de freqüente, essa não parecia ser uma pronúncia padrão, e as grafias empregadas por Tolkien geralmente indicam a pronúncia do “*lv*”. Cf. por exemplo *celvar* (ou “kelvar”, que significa *animais*) ao invés de *celbar* na conversa de Yavanna e Manwë no *Silmarillion*, capítulo 2. Em PM: 340, porém, Tolkien cita uma palavra em quenya para “galho” como *olba* ao invés de *olva*.

A letra *y* “é usada apenas como uma consoante, como o *y* na palavra inglesa *yes*”: Tolkien escolheu essa como uma das poucas diferenças principais da grafia latina nas convenções ortográficas usadas para o quenya (Letters: 176). A vogal *y*, como no *ü* alemão ou “*u*” francês como em *lune*, não ocorre em quenya (embora seja encontrada em sindarin).

A QUESTÃO DA ASPIRAÇÃO

Há uma incerteza quanto à pronúncia precisa das oclusivas surdas *c* (= *k*), *t* e *p*: no inglês, assim como em alguns outros idiomas, esses sons, quando ocorrem antes de uma vogal no início de uma palavra, são normalmente *aspirados*. Isto é, há um sopro de ar com o som de *h* depois deles. Nessa posição eles são pronunciados um pouco como seqüências genuínas de *k* + *h*, *t* + *h*, *p* + *h* (como em *backhand*, *outhouse*, *scrap-heap*). O falante mediano não está de modo algum consciente disso, não percebendo, de fato, o *h* extra como um som distinto: esse é simplesmente o modo como “espera-se” que o *k*, *t* e *p* soem no início das palavras. Mas em alguns idiomas, como o francês, russo e (talvez com mais importância) o finlandês, não há tal *h* gratuito automaticamente vindo logo após essas consoantes quando elas ocorrem em certas posições.

T, p e c em quenya deveriam ser aspirados como em inglês ou deveriam ser pronunciados como em francês ou finlandês? Essa questão não está diretamente respondida em quaisquer das obras publicadas de Tolkien. Pode-se observar que t, p e c em quenya descendem de consoantes élficas primitivas que certamente não eram aspiradas, pois no idioma primitivo eles *contrastavam* com sons aspirados distintos: *th*, *ph* e *kh* primitivos que posteriormente tornaram-se *s*, *f* e *h* em quenya. (Cf. duas palavras primitivas completamente distintas como *thaurâ* “detestável” e *taurâ* “perito”). Então t, p e c do quenya ainda não eram aspirados, visto que eles haviam sido assim no idioma primitivo?

Uma vez que os sons primitivos aspirados mudaram, adicionar aspiração a t, p e c não causaria confusão. Porém, deve-se observar que, no sistema de escrita desenvolvido por Fëanor, havia originalmente letras distintas para sons aspirados: “o sistema fëanoriano original possuía também um grau com hastes expandidas, tanto acima quanto abaixo da linha [da escrita]. Elas normalmente representavam consoantes aspiradas (ex: *t + h*, *p + h*, *k + h*)” (Apêndice E do SdA). Entretanto, essas *não* eram as letras usadas para escrever-se t, p e c do quenya. Logo, considerando-se tudo, creio que t, p e c do quenya devam ser idealmente pronunciados sem aspiração. As contrapartes *sonoras* de t, p e c/k, são d, b e g (duro), respectivamente.

CONSOANTES PALATALIZADAS E LABIALIZADAS

Em quenya, encontramos palavras como **nyarna** “conto”, **tyalië** “jogo” ou **nwalca** “cruel”. A partir dessas grafias, parece que tais palavras comecem por encontros consonantais: **n + y**, **t + y**, **n + w**. Entretanto, isso não estaria de acordo com o enunciado explícito feito em *Lowdham's Report* de que o “adunaico, como o avallonianiano [= quenya], não permite mais do que uma simples consoante básica no início de qualquer palavra” (SD: 417-418). Então, como explicamos isso?

A solução parece ser a de que as “combinações” como **ny** de **nyarna** *são* apenas simples consoantes básicas: **ny** não é um encontro **n + y**, mas o mesmo som unitário que é apropriadamente representado como uma simples letra “ñ” na ortografia espanhola - como em *señor* (semelhante ao nosso **nh**). Este “ñ” é uma versão *palatalizada* do **n**. Uma consoante é palatalizada ao curvar-se a parte de trás da língua em direção ao céu da boca (o *palato*, daí o termo “consoante palatalizada”).

Além de **ny**, o quenya também possui as consoantes palatalizadas **ty**, **ly** e **ry** (ex: **tyalië** “jogo”, **alya** “rico”, **verya** “destemido, ousado”); essas são as contrapartes palatalizadas de **t**, **l** e **r** “normais”. **Ty** pode ser pronunciada como na palavra **tato**. Em Gondor, alguns falantes mortais de quenya supostamente pronunciavam o **ty** como *ch*, como na palavra inglesa *church*, mas essa não era a pronúncia élfica.

Quanto à consoante **ly**, ela é parecida com o “lh” do português, como em *olho*. No Apêndice E do SdA, Tolkien observou que o **l** (assim escrito) deveria também “até certo ponto [ser] ‘palatalizado’ entre *e*, *i* e uma consoante, ou em posição final após *e*, *i*”. A expressão “até certo ponto” parece sugerir que não teríamos um **l** regular e completamente palatalizado nessas posições (como o som de **ly**), mas em palavras como **Eldar** “elfos” ou **amil** “mãe”, o **l** deve ter apenas uma leve palatalização.

Além das consoantes palatalizadas, temos as consoantes *labializadas*: **nw**, **gw** e **qu** (= **cw**). Esses não são realmente encontros **n + w**, **g + w**, **c + w**. Elas representam as letras **n**, **g**, **c** (**k**) pronunciadas esticando-se os lábios, como quando pronunciamos o **w** de *William*. A **qu** do quenya pode certamente ser pronunciada como **qu** do português. **Nw** e **gw** representam de forma similar versões “fundidas” de **n/w**, **g/w**. - Deve-se notar que **nw** é uma simples consoante labializada apenas no *início* das palavras, onde ela representa a **ngw** primitiva (isto é, o que Tolkien também poderia escrever “ñw”, usando “ñ” para **ng** como em *king*). No meio das palavras, como em **vanwa** “perdido”, **nw** é realmente um encontro **n + w**, e assim também é escrita na ortografia Tengwar. No entanto, as consoantes labializadas **qu** e **gw** também ocorrem no meio das palavras. De fato, **gw** ocorre *apenas* nessa posição, e sempre na combinação **ngw** (não “ñw”, mas “ñgw”, ainda usando o “ñ” como Tolkien fazia): **lingwë** “peixe”, **nangwa** “mandíbula”, **sungwa** “vasilhame para beber”.

A questão do comprimento: parece que, quando ocorrem entre as vogais, as consoantes palatalizadas e labializadas contam como consoantes *longas* ou *dúplas* (como se os dígrafos de fato representassem encontros consonantais). Novamente usando a letra “ñ” com o valor espanhol de um **n** palatalizado, pode-se perguntar se uma palavra como **atarinya** (“meu pai”, LR: 61) representa, na verdade, “atariñña”. Se assim, o grupo **ny** no meio das palavras denota um **n longo palatalizado**. Então a própria palavra **quenya** seria pronunciada “queñña” (ou “quenña”) ao invés de “quen-ya”. Outra possibilidade é “queñya”, com o **n** sendo completamente palatalizado, mas aí há ainda um som de **y** relativamente distinto (que não pode haver quando o **ny** ocorre no início de uma palavra). Tolkien, lendo uma versão do *Namárië*, pronunciou pelo menos uma vez a palavra **inyar** como “iññar” (mas na segunda vez que ela ocorreu, ele simplesmente disse “inyar”, com **n + y**). De qualquer modo, os grupos **ny**, **ly**, **ry**, **ty** e **qu** (para **cw**) devem ser contados como consoantes longas ou encontros consonantais para fins de tonicidade (veja abaixo) - embora também seja claro que algumas vezes eles devam ser analisados como consoantes simples e unitárias.

* * *

TONICIDADE

Quando um idioma possui palavras polissilábicas, os falantes desse idioma podem pronunciar algumas sílabas mais fortes do que outras. Dizemos que essas sílabas são *tônicas* ou *ênfatizadas*.

As regras para *quais* sílabas são ênfatizadas variam muito. Uma vez que o idioma finlandês foi evidentemente a principal inspiração de Tolkien, pode-se pensar que ele teria copiado seu sistema simples de ênfatizar todas as palavras na primeira sílaba para o quenya. Na história “interna” ou fictícia do idioma, ele de fato imaginou um período inicial durante o qual as palavras do quenya eram assim ênfatizadas (o assim chamado *período de retração*, WJ: 366). Contudo, esse foi substituído por um novo sistema antes mesmo dos Noldor partirem para o exílio; logo, o quenya, como um idioma de tradição na Terra-média, empregava diferentes padrões de ênfase, cuidadosamente descritos no Apêndice E do SdA. Esse é o sistema que devemos usar. (Parece que Tolkien de fato copiou-o do latim.)

Palavras de uma sílaba, como **nat** “coisa”, obviamente não são nenhum problema; essa sílaba única é a sílaba tônica. As palavras polissilábicas mais simples, as *dissílabas*, também não são problema: no Apêndice E do SdA, Tolkien observou que “em palavras de duas sílabas [a ênfase] cai, em praticamente todos os casos, na primeira sílaba”. Como essa expressão indica, pode haver muito poucas exceções; a única exceção conhecida parece ser a palavra **avá** “não!”, que é ênfatizada na última sílaba: “aVÁ”. (Essa palavra, porém, também aparece na forma alternativa **áva**, ênfatizada na primeira sílaba de acordo com a regra normal: “ÁVa”.) Escuto às vezes pessoas pronunciarem o nome do Reino Abençoado, **Aman**, com a sílaba tônica na segunda sílaba ao invés da primeira - mas a pronúncia correta deve ser “AMan”, se pudermos confiar nas regras estabelecidas por Tolkien. (“AmAN” seria Aman, capital da Jordânia.)

Palavras mais longas, com três ou mais sílabas (*trissílabas* e *polissílabas*), são levemente mais complexas no que diz respeito à ênfase. Muitas delas são ênfatizadas na *penúltima* sílaba (as chamadas *paroxítonas*). Contudo, em alguns casos tal sílaba não é “capacitada” para receber a ênfase: essa sílaba não pode ser ênfatizada se for *curta*. Então como reconhecemos uma sílaba curta? Se ela não possui nenhuma vogal *longa* (nenhuma vogal marcada com um acento), isso é obviamente um indício. Logo, a própria vogal é necessariamente curta. Se essa vogal curta for seguida por *apenas uma consoante*, ou mesmo por *nenhuma consoante*, essa sílaba tem pouca chance de receber o acento. Sua única oportunidade de ser vista como uma sílaba longa é se, ao invés de uma simples vogal curta, ela possuir um dos *ditongos* do quenya: **ai**, **au**, **eu**, **oi**, **ui** ou **iu**. Duas vogais combinadas em um ditongo contam como tendo o mesmo

“comprimento” de uma vogal longa normal (marcada por um acento). Mas se não há ditongo, nem vogal longa, e nem mesmo uma vogal curta seguida por mais de uma consoante, a sílaba em questão é sem dúvida alguma *curta*. Se essa é a penúltima sílaba em uma palavra de três ou mais sílabas, essa penúltima sílaba terá perdido todas as chances de ser a tônica. Em tal caso, a sílaba tônica dá um passo a frente, para cair na *terceira* sílaba a partir do final (não importando como seja *essa* sílaba), e torna a palavra *proparoxítona*. Tolkien observou que palavras de tais formas “são preferidas nos idiomas eldarin, especialmente no quenya”. Exemplos:

Uma palavra como **vestalë** “casamento” é pronunciada “*VESTalë*”. A penúltima sílaba não pode receber a ênfase porque sua vogal (o *a*) é curta e é seguida por apenas uma única consoante (o *l*); desse modo, a ênfase passa para a antepenúltima sílaba. Algumas vezes escuto formas plurais como **Teleri** (os elfos do mar) e **Istari** (os magos) sendo pronunciadas de forma errônea pelas pessoas, ou seja, pronunciadas “*TeLERi*” e “*IsTARi*”; aplicando as regras de Tolkien, temos que concluir que ele na verdade imaginava-as como “*TELeri*”, “*ISTari*”. As penúltimas sílabas dessas palavras não podem ser enfatizadas.

Uma palavra como **Eressëa** (o nome de uma ilha próxima ao Reino Abençoado) é uma proparoxítona; uma vez que em **Er-ess-ë-a** a penúltima sílaba é apenas um *ë* curto não seguido por um grupo de consoantes (na verdade, nem mesmo *uma* consoante), essa sílaba não pode ser a sílaba tônica e a ênfase passa para a sílaba anterior: “*ErESSëa*”. Outras palavras do mesmo padrão (com nenhuma consoante vindo após uma vogal curta na penúltima sílaba): **Eldalië** “o povo dos elfos” (“*ElDALië*” – embora a própria palavra **Elda** “elfo” seja, é claro, pronunciada “*ELda*”), **Tilion** “O Provido de Chifres”, nome de um Maia (“*TILion*”), **laurëa** “dourado” (“*LAURëa*”), **Yavannië** “setembro” (“*YaVANNië*”), **Silmarillion** “[A História] das Silmarils” (“*SilmaRILLion*”).

Mas embora essas palavras fossem “preferidas”, com certeza não faltam palavras onde a penúltima capacita-se para receber a ênfase (paroxítonas). Exemplos:

O título de Varda, **Elentári** “Rainha das Estrelas”, é pronunciado “*ElenTÁRi*”, uma vez que a vogal *á* na penúltima sílaba é *longa*. (Se esse fosse um *a* curto, ele não poderia ser enfatizado, já que não é seguido por mais de uma consoante, e a antepenúltima sílaba seria então a tônica: “*ELENTari*” – mas não existe tal palavra.) Os nomes **Númenóre** e **Valinóre** são da mesma forma enfatizados no *ó* longo na penúltima sílaba (embora nas formas encurtadas, **Númenor** e **Valinor**, a ênfase deva ir para a antepenúltima sílaba, tornando-as proparoxítonas: *NÚMenor*, *VALinor*).

Palavras como **hastaina** “desfigurado” ou **Valarauco** “Demônio de Poder” (sindarin *Balrog*) são pronunciadas “*hasTAINa*”, “*ValaRAUCo*” – uma vez que ditongos como *ai* e *au* podem ser contados como vogais longas para propósitos de tonicidade.

Os nomes **Elendil** e **Isildur** são pronunciados “**ELENDil**” e “**IsILDur**”, já que a vogal na penúltima sílaba, embora curta, é seguida por mais de uma consoante (os grupos **nd** e **ld**, respectivamente). Uma consoante dupla teria o mesmo efeito de um encontro de diferentes consoantes; por exemplo, **Elenna** (“Na direção da estrela”, um nome de Númenor) é pronunciada “**ELENNa**”. (Diferente do adjetivo **elena** “estelar, das estrelas”: esse deve ser pronunciado “**ELena**”, uma vez que a penúltima sílaba, “**en**”, é curta e portanto incapaz de receber a ênfase - ao contrário da sílaba longa “**enn**” em **Elenna**.)

Note que a letra **x** representa duas consoantes, **ks**. Portanto, uma palavra como **Helcaraxë** “Gelo Atritante” (um nome de lugar) é pronunciado “**HelcarAXë**” (e não “**HelCARaxë**”, como se houvesse apenas uma consoante após o **a** na penúltima sílaba). Cf. a grafia alternativa **Helkarakse** em *Etimologias*, entrada **KARAK**.

Como observado acima, algumas combinações devem aparentemente ser vistas como consoantes simples: **qu** (em vez de **cw/kw**) representa o **k** labializado, e não **k + w**. De maneira parecida, **ny**, **ty**, **ly** e **ry** seriam **n**, **t**, **l** e **r** *palatalizados* (o primeiro = *ñ* espanhol). Mas no meio das palavras, para efeito de tonicidade, parece que **qu**, **ly**, **ny**, **ty**, etc. contam como grupos de consoantes (consoantes duplas ou encontros - não podemos ter certeza do que Tolkien pretendia exatamente). Em WJ: 407, Tolkien indica que a palavra composta **ciryaquen** “marinheiro, marujo” (criada a partir de **cirya** “navio” + **-quen** “pessoa”) deve ser pronunciada “**cirYAquen**”. Se o **qu** (= **cw/kw**) fosse aqui visto como uma simples consoante, o **k** labializado, não haveria um grupo de consoantes após o **a** e ele não poderia receber a ênfase: a palavra seria então pronunciada “**CIRYaquen**”. Logo, o **qu** aqui ou conta como um encontro **k + w**, ou representa um **k** labializado *longo* ou *duplo* (ou ainda um **kw** labializado seguido por **w**). O ponto principal é: pronuncie “**cirYAquen**” e fique aliviado que o resto seja principalmente divagações acadêmicas. Algumas outras palavras que possuem as combinações em questão: **Elenya** (primeiro dia da semana eldarin de seis dias, pronunciada “**ELENya**”), **Calacirya** ou **Calacilya** (um lugar no Reino Abençoado, pronunciado “**CalaCIRya**”, “**CalaCilya**”).

Uma palavra de advertência sobre o acento agudo: note que o acento agudo que pode aparecer sobre as vogais (**á**, **é**, **í**, **ó**, **ú**) indica *apenas* que a vogal é longa. Apesar desse símbolo ser frequentemente usado para indicar a sílaba tônica, esse não é o caso na ortografia normal de Tolkien do quenya. Uma vogal longa receberá *frequentemente* a ênfase, como no exemplo **Elentári** acima, mas não necessariamente: se a vogal longa não estiver na penúltima sílaba, seu comprimento (e o acento agudo que a indica!) será bastante irrelevante para efeito de tonicidade.

Em uma palavra como **Úlairi**, o nome em quenya dos Espectros do Anel ou Nazgûl, a ênfase vai para o ditongo **ai**, e não para o **ú**. A grafia **palantír** tem confundido muitas pessoas, fazendo-os pensar que essa palavra deva ser enfatizada no “tír”. Eis aqui algo que Ian McKellen, que interpretou Gandalf no SdA de Peter Jackson, escreveu enquanto o filme estava sendo filmado:

...Tenho que aprender uma nova pronúncia. Todo esse tempo estivemos dizendo “palanTÍR” ao invés da ênfase do inglês antigo na primeira sílaba. No momento em que a palavra estava a ponto de ser comprometida com a trilha sonora, uma correção veio de Andrew Jack, o professor de dialetos; ele me ensinou um sotaque de Norfolk para *Restoration*, e para o SdA ele supervisionou as pronúncias, idiomas e tudo que havia de vocal. *Palantír*, sendo estritamente de origem élfica, deve seguir a regra de Tolkien na qual a sílaba anterior a uma consoante dupla deve ser enfatizada - “paLANTír”, criando um som que é próximo ao de “lâmpada”...

Andrew Jack estava certo. **Palantír** não pode ter a sílaba tônica no final; na prática, nenhuma palavra polissilábica em quenya é pronunciada de tal modo (como disse acima, **avá** “não!” é a única exceção conhecida). Assim, o **a** na penúltima sílaba recebe a ênfase porque é seguido pelo encontro consonantal **nt** (não chamarei isso de uma “consoante dupla” como fez McKellen, uma vez que quero reservar esse termo para um grupo de duas consoantes *idênticas*, como **tt** ou **nn** - mas para propósito de tonicidade, consoantes duplas e encontros de diferentes consoantes têm o mesmo efeito). Logo, é de fato “paLANtír”. (Mas na forma plural **palantíri**, onde o **í** longo aparece repentinamente na penúltima sílaba, ela recebe a ênfase: “palanTÍRi”.)

No caso de palavras longas terminando em duas sílabas curtas, a última dessas sílabas pode receber uma *ênfase secundária* mais fraca. Em uma palavra como **hísimë** “névoa”, a ênfase principal recai sobre a sílaba **hís**, mas a sílaba final **-më** não é totalmente átona. Essa ênfase secundária é, porém, muito mais fraca do que a ênfase principal. (Apesar disso, Tolkien observou que, para fins de poesia, a ênfase secundária pode ser usada metricamente: RGEO: 69.)

VELOCIDADE

Por fim, uma breve nota sobre algo que pouco conhecemos: com que velocidade devemos falar em quenya? As poucas gravações nas quais Tolkien fala em quenya não são “confiáveis” nessa questão; ele inevitavelmente pronunciava as

palavras com bastante cuidado. Mas com respeito a mãe de Fëanor, *Míriel*, ele observou que “ela falava rapidamente e orgulhava-se dessa habilidade” (PM: 333). Então, o quenya rápido é evidentemente um bom quenya. Quando Tolkien também escreveu que “os elfos faziam um uso considerável de... gestos concomitantes” (WJ: 416), percebeu-se que ele possuía uma grande afeição pelo *italiano* - ver Letters: 223.

SUMÁRIO DA LIÇÃO UM: as vogais do quenya são **a, e, i, o, u**; vogais longas são marcadas com um acento agudo: **á, é** etc. As vogais devem ser puras, pronunciadas como no português; **á** e **é** longos devem ser notavelmente mais fechados do que o **a** e **e** curtos. Algumas vogais podem receber um trema (**ë, ä** etc.), mas isso não afeta sua pronúncia e apenas significa um esclarecimento para as pessoas acostumadas à ortografia inglesa. Os ditongos são **ai, au, eu, oi, ui, e iu**. A consoante **c** é sempre pronunciada **k**; o **l** deve ser pronunciado como um **l** dental “claro”, como no português; o **r** deve ser vibrante; o **s** é sempre surdo; o **y** só é usado como uma consoante (como no inglês *you*). Idealmente, as consoantes **t, p** e **c** devem ser provavelmente sem aspiração. Consoantes palatalizadas são representadas por dígrafos em **-y** (**ty, ny** etc.); consoantes labializadas são normalmente escritas como dígrafos em **-w** (ex: **nw**, mas o que seria **cw** é, ao invés disso, escrito **qu**). O **h** é pronunciado [x] (forte, como no alemão *ach-Laut*) antes de **t**, a não ser que essa combinação **ht** seja precedida por **e** ou **i**, quando o **h** soa (fraco) como no alemão *ich-Laut*. Fora isso, o **h** pode ser pronunciado como o **h** inglês; os dígrafos **hy** e **hw** representam, contudo, *ich-Laut* e **w** surdo (como o *w(h)* do inglês americano), respectivamente. As combinações **hl** e **hr** representavam originalmente **l** e **r** surdos, mas, na Terceira Era, esses sons vieram a ser pronunciados como **l** e **r** normais. Em palavras polissilábicas, a *ênfase* recai na penúltima sílaba quando essa é *longa* (contendo uma vogal longa, um ditongo ou uma vogal seguida por um encontro consonantal ou uma consoante dupla). Se a penúltima sílaba for curta, a *ênfase* recai sobre a antepenúltima sílaba, tornando-se uma proparoxítona (a não ser que a palavra tenha apenas duas sílabas; nesse caso, a primeira sílaba recebe a *ênfase*, seja ela curta ou longa).

EXERCÍCIOS

No que diz respeito às sutilezas mais importantes da pronúncia, infelizmente não posso fazer nenhum exercício; não estamos em uma sala de aula para que eu possa comentar sua pronúncia. Mas com respeito à *tonicidade* (*ênfase*) e a pronúncia do **h**, é possível fazer alguns exercícios.

1. Determine que vogal (vogal simples ou ditongo) recebe a ênfase nas palavras abaixo. (Não é necessário indicar onde a sílaba a qual ela pertence começa e termina.)

- A. Alcar (“glória”)
- B. Alcarë (variante mais longa da palavra acima)
- C. Alcarinqua (“glorioso”)
- D. Calima (“brilhante”)
- E. Oronti (“montanhas”)
- F. Únótimë (“incontável, inumerável”)
- G. Envinyatar (“renovador”)
- H. Ulundë (“inundação”)
- I. Eäruilë (“alga marinha”)
- J. Ercassë (“azevinho”)

Exercício extra sobre ênfase: apesar de ouvirmos muitas falas em sindarin nos filmes, uma das poucas amostras de quenya realmente proeminentes em *A Sociedade do Anel* de Peter Jackson é a cena onde “Saruman” (Christopher Lee), de pé no topo de Isengard, lê uma invocação para causar uma avalanche para barrar o caminho da Sociedade. Ele diz à montanha que eles estão tentando atravessar: **Nai yavaxëa rasselya taltuva notto-carinnar!** = “que seu chifre manchado de sangue desmorone sobre cabeças inimigas!” (não traduzida no filme). O ator enfatiza as palavras deste modo: **nai yarVAXëa RASSelya TALTuva notto-CARinnar**. As palavras estão enfatizadas como deveriam, de acordo com as instruções de Tolkien? Se não, o que está certo e o que está errado?

2. Onde a letra **h** aparece nas palavras em quenya do modo como elas são escritas nas nossas letras, ela pode ser pronunciada de vários modos. Ignorando os dígrafos **hw** e **hy**, a letra **h** pode ser pronunciada como:

- A) um **h** “aspirado”, como o **h** inglês em *high*,
- B) mais ou menos como nas palavras inglesas *huge*, *human* ou idealmente como o *ch* no alemão *ich*,
- C) como o *ch* no alemão *ach* ou escocês *loch* (em escrita fonética, [x]).

Além disso, temos a alternativa D): a letra **h** não é, de forma alguma, realmente pronunciada, mas indica meramente que a consoante seguinte era surda no quenya arcaico. Classifique as palavras abaixo nestas quatro categorias (A, B, C e D):

- K. Ohtar (“guerreiro”)
- L. Hrávë (“carne”)

M. Nahta (“uma mordida”)
N. Heru (“senhor”)
O. Nehtë (“ponta de lança”)
P. Mahalma (“trono”)
Q. Hellë (“céu”)
R. Tihtala (“piscadela, lampejo”)
S. Hlócë (“cobra, serpente”)
T. Hísië (“névoa”)

LIÇÃO DOIS

Substantivos

Plural

O artigo

O SUBSTANTIVO

Palavras que denotam coisas, em oposição, por exemplo, a ações, são chamadas *substantivos*. As “coisas” em questão podem ser inanimadas (como “pedra”), animadas (como “pessoa”, “mulher”, “menino”), naturais (como “árvore”), artificiais (como “ponte, casa”), concretas (como “pedra” novamente) ou completamente abstratas (como “ódio”). Nomes de pessoas, como “Pedro” ou “Maria”, também são considerados substantivos. Algumas vezes um substantivo pode denotar não apenas um objeto ou pessoa claramente distintos, mas também uma substância inteira (como “ouro” ou “água”). Logo, há muito a ser incluído.

Na maioria das línguas, um substantivo pode ser *flexionado*, isto é, ele aparece em várias formas para modificar seu significado, ou para encaixá-lo em um contexto gramatical específico. Por exemplo, se você quiser ligar dois substantivos portugueses como “Maria” e “casa” de tal modo que fique claro que Maria é dona da casa, você tem que adicionar a preposição *de* para criar a expressão possessiva *casa de Maria*. Ou, começando com um substantivo como *árvore*, e querendo deixar claro que você está falando sobre mais de uma única árvore, você deve modificar a palavra para sua forma plural ao adicionar a desinência de plural *-s* para formar *árvores*. Um substantivo português possui apenas duas formas que o modificam através de desinências: *singular* e *plural*.

Um substantivo em quenya, por outro lado, possui *centenas* de formas diferentes. Ele pode receber desinências não apenas para o plural, mas também desinências que denotam um *par* de coisas, além de desinências que expressam significados que em português seriam denotados colocando-se pequenas palavras como “para, em/ sobre, de, com” etc. na frente do substantivo. Por fim, um substantivo em quenya também pode receber desinências que denotam a quem ele pertence, como *-rya-* “dela/ sua” em *máryat* “suas mãos” no *Namárië* (o *-t* final, a propósito, é uma das desinências que denotam um *par* de alguma coisa - nesse caso, um par natural de mãos).

Ao ler o que foi citado, o estudante não deve sucumbir à idéia de que o quenya é um idioma terrivelmente difícil (“imagine, *centenas* de formas diferentes

por meio de desinências para se aprender enquanto o português possui apenas duas!”). O português e o quenya organizam a informação diferentemente, isso é tudo - o primeiro com frequência preferindo uma série de palavras curtas, enquanto o último de preferência mistura as idéias para serem expressas em uma grande palavra. As centenas de formas diferentes surgem porque um número muito pequeno de desinências pode ser *combinado*; logo, não há razão para desespero. É um pouco como contar; você não precisa aprender duzentos e cinquenta símbolos numéricos para ser capaz de contar até 250, mas apenas os dez de 0 a 9.

Só trataremos das muitas desinências que um substantivo pode receber quando chegarmos a lições muito posteriores. Começaremos com algo que deve ser suficientemente familiar: passar um substantivo para o plural - indo de um para vários.

PLURAL

Em quenya, há dois plurais diferentes. Um é formado ao adicionar-se a desinência *-li* ao substantivo. Tolkien chamava esse de “plural partitivo” (WJ: 388) ou um “pl[ural] geral” (ver *Etimologias*, entrada *TELES*). Infelizmente, a função desse plural - como ele difere do plural mais “normal” tratado abaixo - não é completamente compreendida. Temos alguns exemplos desse plural em nossas escassas fontes de materiais, mas eles não são muito úteis. Por muito tempo presumiu-se que esse plural indicava que havia “muitas” das coisas em questão; assim, **Eldali** (formada a partir de **Elda** “elfo”) significaria algo como “muitos elfos”. Pode ser algo desse gênero, mas, nos vários exemplos que temos, parece não haver indicação de “muitos”. Foi sugerido que **Eldali** possa significar mais exatamente algo como “vários elfos” ou “alguns elfos”, isto é, alguns fora de um grupo maior, *alguns* considerados como *parte* deste grupo: o termo “plural partitivo” pode apontar na mesma direção. Contudo, geralmente deixarei em paz o plural partitivo no decorrer deste curso. A sua função apenas não é bem compreendida o suficiente por mim para que eu elabore exercícios que apenas alimentariam algumas tentativas de interpretação de estudantes inocentes. (Apresento algumas considerações sobre o plural *-li* nos apêndices desse curso.)

Por ora, lidaremos com o plural “normal”. Qualquer leitor das narrativas de Tolkien terá encontrado muitos exemplos dessa forma; eles são especialmente comuns no *Silmarillion*. Substantivos que terminam em quaisquer das vogais *-a*, *-o*, *-i* ou *-u*, mais os substantivos que terminam no grupo *-ië*, formam seu plural com a desinência *-r*. Cf. os nomes de vários grupos de povos mencionados no *Silmarillion*:

Elda “elfo”, plural **Eldar**

Vala “deus (ou, tecnicamente, anjo)”, pl. **Valar**

Ainu “espírito da primeira criação de Deus”, pl. **Ainur**
Noldo “Noldo, membro do Segundo Clã dos Eldar”, pl. **Noldor**
Valië “Vala feminina”, pl. **Valier**

Para outro exemplo de -ië, cf. **tier** para “caminhos” no *Namárië*; compare com o singular **tië** “caminho”. (De acordo com as convenções ortográficas aqui aplicadas, o trema em **tië** é retirado na forma plural **tier** porque os pontos estão lá meramente para indicar que o -ë não é mudo, mas em **tier**, o e não é mais final porque uma desinência foi adicionada - e assim os pontos são omitidos.) Exemplos de plurais dos substantivos em -i são raros, uma vez que substantivos com essa desinência já são raros por si mesmos, mas em MR: 229 temos **quendir** como o pl. de **quendi** “elfo mulher/elfa” (e também **quendur**, como o pl. de **quendu** “elfo homem”; substantivos em -u também não são muito numerosos).

Esta palavra no singular, **quendi** “elfa”, não deve ser confundida com a palavra no plural **Quendi** que muitos leitores da ficção de Tolkien lembrarão do *Silmarillion*, como, por exemplo, na descrição do despertar dos elfos no capítulo 3: “A si mesmos, chamaram Quendi, querendo dizer aqueles que falam com vozes. Pois até então não haviam conhecido nenhum outro ser vivo que falasse ou cantasse.” **Quendi** é a forma plural de **Quendë** “elfo”; substantivos que terminam em -ë formam tipicamente seus plurais em -i e, como vemos, esse -i substitui o -ë final ao invés de ser adicionado a ele. Em WJ: 361, Tolkien claramente refere-se a “substantivos em -e, a maioria dos quais formam seus plurais em -i”.

Como essa expressão indica, há exceções; uns poucos substantivos em -ë são encontrados usando a outra desinência de plural, o -r. Já mencionamos uma exceção: quando o -ë for parte de -ië, teremos plurais em -ier, como em **tier** “caminhos”. Assim evitamos a forma plural estranha ****tii**. Outras exceções não podem ser explicadas tão facilmente. No Apêndice E do SdA, temos **tyeller** para “graus”, evidentemente o plural de **tyellë**. Por que **tyeller** ao invés de ****tyelli**? LR: 47 do mesmo modo indica que o plural de **mallë** “estrada” é **maller**; por que não ****malli**? É possível que os substantivos em -lë tenham plurais em -ler porque o ****li** “regular” pode causar confusão com a desinência de plural partitivo -li mencionada acima. Infelizmente, carecemos de mais exemplos que poderiam confirmar ou refutar essa teoria (e, portanto, eu não ousa elaborar quaisquer exercícios baseados nessa suposição, embora eu siga essa regra em minhas próprias composições em quenya). A forma **tyeller** confundiu os primeiros pesquisadores; com extremamente poucos exemplos para seguirem, alguns concluíram erroneamente que

substantivos em *-ë* regularmente possuem plurais em *-er*. O nome do jornal **Parma Eldalamberon** ou “Livro das Línguas Élficas” (ainda publicado esporadicamente) reflete esse engano; o título incorpora ****lamber** como o plural presumido de **lambë** “língua, idioma”, enquanto que sabemos agora que o plural correto deve ser **lambi**. Embora se tenha suspeitado do erro desde o princípio e ele seja agora reconhecido por todos, o editor nunca se dignou a mudar o nome do jornal para a forma correta **Parma Eldalambion** (e desse modo, de vez em quando, recebo um e-mail de algum estudante novato perguntando por que meu website é chamado **Ardalambion** e não **Ardalamberon**...). Em alguns casos, o próprio Tolkien parece incerto sobre qual desinência de plural deve ser usada. Em PM: 332, a forma plural de **Ingwë** “elfo do Primeiro Clã [também o nome do rei desse clã]” é dada como **Ingwi**, da mesma forma que suporíamos; ainda assim, umas poucas páginas depois, em PM: 340, encontramos, porém, **Ingwer** (lá é dito que o Primeiro Clã, os Vanyar, chamavam *a si próprios* de Ingwer; talvez isso reflita, então, um uso especial vanyarin?) Pode-se observar que, no “qenya” mais primitivo de Tolkien, mais substantivos em *-ë* aparentemente possuíam formas plurais em *-er*. Por exemplo, o poema primitivo *Narqelion* tem **lasser** como o plural de **lassë** “folha”, mas no *Namárië* no SdA, Tolkien usou a forma plural **lassi**.

Até onde eu sei, as palavras nos exercícios abaixo seguem, todas, a regra normal: substantivos terminando em *-ë*, exceto como uma parte de *-ië*, possuem plurais em *-i*.

Isso deixa apenas um grupo de substantivos a ser considerado, ou seja: aqueles que terminam em uma consoante. Esses substantivos, assim como aqueles que terminam em *-ë*, são vistos como possuidores de plurais em *-i*. Alguns exemplos: **eleni** “estrelas”, a forma plural de **elen** “estrela”, ocorre no *Namárië* (e também em WJ: 362, onde tanto a forma singular como a plural são citadas). O *Silmarillion* tem **Atani** para “homens” (não “machos”, mas humanos como opostos aos elfos); essa é formada a partir da palavra em singular **Atan**. De acordo com WJ: 388, a palavra **Casar** “anão” possui o plural **Casari** “anões”.

Destas duas desinências de plural - *r* como em **Eldar** “elfos”, mas *i* como em **Atani** “homens (mortais)” - Tolkien imaginou a última como sendo a mais antiga. A desinência de plural *-i* vem diretamente do élfico primitivo *-î*, uma palavra como **Quendi** representando assim a palavra primitiva *Kwendî*. A desinência de plural *-r* surgiu posteriormente: “Para a representação de muitos, o novo uso do *r* foi introduzido e usado em todas as palavras de uma certa forma - e isso, diz-se, foi iniciado entre os Noldor” (PM: 402). Em termos do mundo primário,

ambas desinências de plural estavam, contudo, presentes na concepção de Tolkien desde o princípio; no seu trabalho inicial com o “qenya”, escrito durante a Primeira Guerra Mundial, já encontramos formas como **Qendi** (como era então escrita) e **Eldar** coexistindo. As desinências de plural duplas são uma característica que evidentemente sobreviveu no decorrer de todos os estágios de desenvolvimento de Tolkien do quenya, de 1915 a 1973.

NOTA SOBRE AS DIFERENTES PALAVRAS PARA “ELFO”: como o leitor atento terá deduzido a partir do que foi citado acima, há mais de uma palavra em quenya para “elfo”. A palavra com a aplicação mais abrangente, dentro do escopo da ficção de Tolkien, era **Quendë** pl. **Quendi**. Essa forma é ao menos associada com a palavra “falar” (*quet-*), e Tolkien especulou que, no final das contas, essas palavras eram de fato relacionadas através de uma base muito primitiva, *KWE-*, que tem a ver com a fala (ver WJ: 391-392). Quando os elfos despertaram perto do lago de Cuiviénen, chamaram a si próprios de **Quendi** (ou, em élfico primitivo, *Kuendi*), uma vez que por muito tempo eles não tiveram conhecimento de outras criaturas falantes. Eventualmente o Vala *Oromë* encontrou-os sob um céu estrelado, e deu-lhes um novo nome no idioma que eles mesmos haviam desenvolvido: *Eldai*, freqüentemente traduzido como “Povo das Estrelas”. Em quenya, essa palavra primitiva apareceu posteriormente como **Eldar** (singular **Elda**). Enquanto que o termo **Eldar** (*Eldai*) fora originalmente pretendido para ser aplicado à raça élfica inteira, ele posteriormente foi usado apenas para os elfos que aceitaram a convocação dos Valar para ir e morar no Reino Abençoado de Aman e que começaram a Grande Marcha para chegar lá (o termo **Eldar** também é aplicável àqueles que realmente nunca percorreram todo o caminho até Aman, tais como os **Sindar**, ou elfos-cinzentos, que ficaram em Beleriand). Aqueles que recusaram a convocação eram chamados **Avári**, “Os Relutantes”, e assim todos os elfos (**Quendi**) podem ser subdivididos em **Eldar** e **Avári**. Apenas os primeiros representam uma parte importante nas narrativas de Tolkien. Logo, no quenya tardio a situação era esta: **Quendë** pl. **Quendi** permaneceu como o único termo verdadeiramente universal para todos os elfos de qualquer tipo, mas essa era uma palavra técnica usada primeiramente pelos Mestres de Tradição, e não uma palavra que seria usada na fala diária. As variantes específicas de gênero de **Quendë** “elfo”, ou seja, masculino **quendu** e feminino **quendi**, seriam presumivelmente usadas apenas se você quisesse falar de um(a) *elfo* homem/mulher em oposição a um(a) homem/mulher senciente de qualquer raça: essas não são as palavras regulares em quenya para “homem” e “mulher” (as palavras regulares são **nér** e **nís**, presumivelmente aplicáveis a um(a) homem ou mulher de qualquer raça senciente, não apenas elfos). O termo regular em quenya, cotidiano, para “elfo” era **Elda**, e o fato de que essa palavra *tecnicamente* não se aplicava aos elfos das obscuras tribos avarin que viviam em algum lugar distante no leste da Terra-média não era um grande problema, uma vez que nenhum deles jamais fora visto, de qualquer modo. A respeito da palavra composta **Eldalië** (que combina **Elda** com *lië* “povo”), Tolkien escreveu que, quando um dos elfos de Aman usava essa palavra, “ele queria dizer, vagamente, toda a raça dos elfos, embora ele provavelmente não estivesse pensando nos Avári” (WJ: 374). - No decorrer dos exercícios encontrados neste curso, usei **Elda** (ao invés de **Quendë**) como a tradução padrão da palavra portuguesa “elfo”, independente de qualquer significado específico que ela possa ter dentro dos mitos de Tolkien. Como disse na introdução, nestes exercícios evitei em grande parte referências aos mitos e narrativas de Tolkien.

O ARTIGO

Temos tempo para mais uma coisa nesta lição: o *artigo*. Um artigo, lingüisticamente falando, é uma palavra semelhante a “o, a” ou “um, uma” do português. Essas pequenas palavras são usadas em conjunto com substantivos para expressar diferentes matizes de significados, como “um cavalo” vs. “o cavalo”. Em primeiro lugar, qualquer pessoa capaz de ler este texto saberá qual é a diferença, de modo que nenhuma explicação prolongada é necessária. Em resumo, “um cavalo” refere-se a um cavalo que não fora mencionado anteriormente, então você

insere o artigo “um” como um tipo de introdução: “Veja, tem um cavalo lá!”. Você também pode usar a expressão “um cavalo” se você quiser dizer algo que é verdadeiro a qualquer cavalo, como “um cavalo é um animal”. Se, por outro lado, você diz “o cavalo”, geralmente refere-se a um cavalo definido. Assim, o “o” é chamado de *artigo definido*, enquanto que o “um”, desprovido desse aspecto “definido”, é chamado de *artigo indefinido*.

A esse respeito, ao menos, o quenya é um tanto mais simples que o português. O quenya possui apenas um artigo, que corresponde aos artigos definidos “o(s), a(s)” do português (e uma vez que não há artigo indefinido para ser distinguido, podemos simplesmente falar “o artigo” ao tratar-se do quenya). A palavra em quenya correspondente a “o(s), a(s)” do português é *i*. Por exemplo, o *Namárië* tem *i eleni* para “as estrelas”. Como pode-se deduzir do que foi citado acima, o quenya não possui palavras correspondentes a “um, uns, uma(s)” do português. Ao traduzir-se do quenya para o português, pode-se simplesmente introduzir o “um(a)” sempre que a gramática portuguesa exigir um artigo indefinido, como na famosa saudação *elen síla lúmenn’ omentielvo*, “*uma* estrela brilha sobre a hora do nosso encontro”. Como vemos, a primeira palavra da frase em quenya é simplesmente *elen* “estrela”, com nada que corresponda ao artigo indefinido “uma” antes dela (ou em qualquer outro lugar na frase). Em quenya, não há como se manter a distinção entre “uma estrela” e apenas “estrela”; ambas são simplesmente *elen*. Por sorte, não há muito para ser distinguido de qualquer forma. Idiomas como o árabe, o hebraico e o grego clássico empregam um sistema parecido: há um artigo definido correspondente a “o(s), a(s)” do português, mas nada que corresponda ao artigo indefinido “uma” (e esse é o sistema também usado no esperanto). Afinal de contas, a *ausência* do artigo definido é em si suficiente para indicar que um substantivo (comum) é indefinido; logo, o artigo indefinido é de certo modo supérfluo. Tolkien decidiu abrir mão dele em quenya, de forma que os estudantes têm apenas que preocupar-se com o *i* = “o(s), a(s)”.

Algumas vezes Tolkien liga o artigo à próxima palavra através de um hífen ou de um ponto: *i-mar* “a terra” (*Canção de Fíriel*), *i-coimas* “o pão de viagem” (PM: 396). Contudo, ele não o fez no SdA (já citamos o exemplo *i eleni* “as estrelas” no *Namárië*), e também não o faremos aqui.

O artigo no quenya é geralmente usado como no português. Entretanto, alguns substantivos que requereriam o artigo no português são aparentemente considerados como nomes próprios em quenya e, portanto, não levam artigo. Por exemplo, a frase *Anar caluva tielyanna* é traduzida “o sol brilhará sobre o seu caminho” (CI: 10); todavia, não há artigo na frase em quenya. “O sol” não é ***i Anar*, mas simplesmente *Anar*. Claramente *Anar* é visto como um nome próprio,

designando apenas um corpo celestial, e você não precisa dizer “o sol” mais do que uma pessoa falante de português diria “o Marte”. O nome da Lua, **Isil**, indubitavelmente comporta-se como **Anar** nesse aspecto. Pode-se observar que ambas as palavras são tratadas como nomes próprios no *Silmarillion*, capítulo 11: “Isil foi criada e preparada em primeiro lugar, e subiu primeiro para o reino das estrelas... Anar surgiu, glorioso. E a primeira aurora do Sol foi como um grande incêndio...”

Note também que, antes de um plural que denota um povo inteiro (ou mesmo uma raça), o artigo geralmente não é usado. WJ: 404 menciona um ditado: **Valar valubar**, “a vontade dos Valar será feita” (ou mais literalmente “os Valar reinarão”). Note que “os Valar” é simplesmente **Valar** em quenya, e não **i Valar**. De forma parecida, PM: 395 tem **lambë quendion** para “idioma dos elfos” e **coimas Eldaron** para “*coimas* [lembas] dos Eldar” - e não ****lambë i quendion, **coimas i Eldaron**. (A desinência **-on**, aqui anexada aos plurais **quendi** e **Eldar**, significa “dos”; essa desinência não influencia na presença ou não do artigo antes da palavra.)

Com essa convenção, compare com o uso de Tolkien para “homens” nas suas narrativas ao referir-se à raça humana como um todo: “homens despertaram em Hildórien ao nascer do Sol... uma escuridão encobria os corações dos homens... homens (ao que se diz) eram de início muito poucos...” (*Silmarillion*, capítulo 17.) Em contraste, “os homens” iria referir-se não a uma raça inteira, mas apenas a um grupo casual de “homens” ou humanos. Os plurais em quenya que denotam povos ou raças inteiras parecem portar-se do mesmo modo. Em um texto em quenya provavelmente não haveria artigo antes de plurais como **Valar**, **Eldar**, **Vanyar**, **Noldor**, **Lindar**, **Teleri**, **Atani** etc. enquanto a raça inteira ou povo fosse considerada, mesmo que as narrativas em português de Tolkien falem de “os Valar”, “os Eldar” etc. Entretanto, se substituíssemos **Eldar** por seu equivalente “elfos”, vemos que o artigo também não seria frequentemente obrigatório em português (ex: “elfos são bonitos” = **Eldar nar vanyë**; se você disser “os elfos são bonitos” = **i Eldar nar vanyë**, você estará provavelmente descrevendo um grupo em particular de elfos, e não a raça inteira).

Ocasionalmente, em especial na poesia, o artigo aparentemente é omitido sem nenhuma razão especial. Talvez ele seja simplesmente omitido por causa de considerações métricas. O primeiro verso do *Namárië*, **ai! laurië lantar lassi súrinen**, foi traduzido por Tolkien como “ah! como ouro caem as folhas...” - embora não haja um **i** antes de **lassi** “folhas” no texto em quenya. O poema Markirya também omite o artigo em alguns lugares, se formos julgar pela tradução de Tolkien para a nossa língua.

Sumário da Lição Dois: existe uma desinência de plural, **-li**, cuja função não compreendemos totalmente; portanto, vamos deixá-la de lado por ora. O plural normal é formado ao adicionar-se **-r** a substantivos que terminam em qualquer uma

das vogais -a, -i, -o ou -u, mais os substantivos que terminam em -ië. Se, por outro lado, o substantivo termina em -ë (exceto, é claro, como parte de -ië), a desinência de plural é geralmente -i (removendo-se o -ë final); substantivos que terminam em uma consoante também formam plurais em -i. O *artigo definido* em quenya, que corresponde a “o(s), a(s)” do português, é i; não há artigo indefinido como o “um” do português.

VOCABULÁRIO

A respeito de Frodo ouvindo Galadriel cantar o *Namárië*, o SdA afirma que “como acontece com as palavras élficas, elas permaneceram gravadas em sua memória”. Esse pode ser um pensamento reconfortante para os estudantes que estão tentando memorizar o vocabulário do quenya. Nas próprias lições, enquanto tratar de vários aspectos do quenya, geralmente mencionarei um bom número de palavras – mas nos exercícios usarei somente palavras da lista de “vocabulário” que daqui em diante será apresentada no final de cada lição. Assim, isso é tudo que é pedido ao estudante para que memorize (fazendo os exercícios das próximas lições, você precisará também do vocabulário introduzido anteriormente). Apresentaremos doze novas palavras em cada lição: um número adequado, já que os elfos de Tolkien preferiam contar às dúzias ao invés de dezenas, como fazemos.

minë “um” (de agora em diante, apresentaremos um novo número em cada lição)

Anar “(o) Sol”

Isil “(a) Lua”

ar “e” (uma palavra muito útil que lhe permitirá ter dois exercícios em um... traduzir “o Sol e a Lua”, por exemplo...)

Elda “elfo”

lië “povo” (isto é, um “grupo étnico” ou mesmo uma raça, como em *Eldalië* = o povo dos elfos)

vendë “donzela” (em quenya arcaico, *wendë*)

rocco “cavalo” (especificamente “cavalo veloz para cavalgada”, de acordo com o *Letters*: 382)

aran “rei”

tári “rainha”

tasar “salgueiro” (por sua forma, esse poderia ser o plural de ***tasa*, mas tal palavra não existe, e o -r é aqui parte da palavra básica e não uma desinência. Essa palavra ocorre, composta, no SdA - *Barbárvore* canta “Pelos prados de salgueiros de Tasarinan [Vale dos Salgueiros] caminhei na primavera...”)

nu “sob, embaixo”

* * *

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português:

A. Roccor

B. Aran (duas traduções possíveis!)

C. I rocco.

D. I roccor.

E. Arani.

F Minë lië nu minë aran.

G. I aran ar i tári.

H. Vendí.

2. Traduza para o quenya:

I. Salgueiros.

J. Elfos.

K. Os reis.

L. Povos.

M. O cavalo sob o (ou, debaixo do) salgueiro.

N. Uma donzela e uma rainha.

O. A rainha e as donzelas.

P. O Sol e a Lua

LIÇÃO TRÊS

Número dual Variação de radical

NÚMERO DUAL

A lição anterior abordou duas formas de plural do quenya: o misterioso “plural partitivo” em *-li*, e o plural “normal”, tanto em *-r* como em *-i* (dependendo principalmente da forma da palavra). Como vários idiomas “reais”, o quenya também possui uma forma *dual*. O número dual refere-se a *duas* coisas, um *par* de coisas. O dual é formado com uma das duas desinências: *-u* ou *-t*.

Dentro da linha de tempo fictícia imaginada por Tolkien, essas duas desinências possuíam originalmente significados um pouco diferentes, e assim não eram completamente intercambiáveis. Uma nota de rodapé em *Letters*: 427 fornece algumas informações sobre isso. A desinência *-u* (a partir da desinência élfica primitivo *-û*) era usada originalmente no caso de *pares naturais* de duas coisas ou pessoas de algum modo juntas como um casal lógico. Por exemplo, de acordo com VT39: 9, 11, a palavra **pé** “lábio” possui a forma dual **peu** “lábios”, referindo-se ao par de lábios de uma pessoa (e não, por exemplo, ao lábio superior de uma pessoa e ao lábio inferior de outra, que seriam apenas “dois lábios” e não um par natural). O substantivo **veru**, que significa “par casado (casal)” ou “marido e mulher”, está em uma forma dual; nesse caso, não parece haver um singular correspondente para “cônjuge” (mas temos **verno** “marido” e **vessë** “esposa”, a partir da mesma raiz; ver LR: 352). O substantivo **alda** “árvore” ocorre em forma dual com referência não a qualquer par casual de árvores, mas às Duas Árvores de Valinor: **Aldu**.

Note que, se a desinência *-u* é adicionada a um substantivo que termina em uma vogal, essa vogal é retirada: assim, a forma dual de **alda** é **aldu** ao invés de ****aldau** - embora uma palavra citada em PM: 138, que reproduz um rascunho para os Apêndices do SdA, parece sugerir que Tolkien considerou, por um momento, precisamente a última forma. Há também uma fonte antiga que possui **Aldaru**, aparentemente formada ao adicionar-se a desinência dual *-u* ao plural normal **aldar** “árvores”, mas essa parece ser uma experiência inicial de Tolkien que provavelmente já era há muito tempo obsoleta à época em que ele escreveu o SdA. Na forma dual **peu**, a vogal final de **pé** “lábio” aparentemente não é omitida pela desinência dual *-u*. Porém, é dito que a palavra em quenya **pé** descende da

palavra élfica primitiva *peñe*, enquanto que é dito que a forma dual **peu** vem de *peñû* (VT39: 9) - de modo que o *e* de **peu** originalmente não era final.

Quanto à outra desinência dual, **-t**, de acordo com o Letters: 427, ela representa um elemento antigo: *ata*. Esse, observou Tolkien, era originalmente “puramente enumerativo”; ele está de fato relacionado com a palavra em quenya para o algarismo “dois”, **atta**. Por “puramente enumerativo”, Tolkien evidentemente quis dizer que a forma dual em **-t** poderia denotar duas coisas apenas casualmente relacionadas. Por exemplo, **ciryat**, como a forma dual de **ciryá** “navio”, poderia referir-se a quaisquer dois navios; **ciryat** seria apenas um tipo de estenografia falada para a expressão completa **atta ciryar**, “dois navios”. Contudo, Tolkien mais adiante observou que “em q[uenya] tardio”, as formas duais eram “apenas comuns com referência a pares naturais”. O que precisamente ele quis dizer com quenya “tardio” não pode ser determinado; poderia referir-se ao quenya como um idioma ritual na Terra-média ao invés do vernáculo dos Eldar em Valinor. De qualquer forma, o quenya da Terceira Era que almejamos neste curso deve com certeza ser incluído quando Tolkien fala de quenya “tardio”, de modo que aqui seguiremos a regra na qual *qualquer* forma dual deve referir-se a algum tipo de par natural ou lógico, e não a duas coisas apenas casualmente relacionadas. Em outras palavras, a forma dual em **-t** vem a ter apenas o mesmo “significado” de uma forma dual em **-u**. Uma forma dual como **ciryat** “2 navios” (curiosamente escrita “ciritat” em Letters: 427, talvez um erro de digitação), não seria usada no quenya tardio com referência a quaisquer dois navios, mas apenas a dois navios que de algum modo formam um *par* - como dois navios gêmeos. Se você quiser referir-se apenas a dois navios que de nenhum modo formam um par natural ou lógico, como quaisquer dois navios que por acaso sejam vistos juntos, você não usará a forma dual, mas simplesmente o numeral **atta** “dois” - assim, **atta ciryar**.

Uma vez que as duas desinências, **-t** e **-u**, possuem o mesmo significado, é necessária alguma regra para determinar quando se deve usar cada uma delas. É possível deduzir que desinência deve ser usada aparentemente a partir da forma da própria palavra (assim como a forma da palavra geralmente determina se a desinência de *plural* deve ser **-i** ou **-r**). Em Letters: 427, Tolkien observou que “a escolha de *t* ou *u* [era] decidida pela eufonia”, isto é, por qual soava melhor - acrescentando como um exemplo que o **-u** era preferido ao invés do **-t** se a palavra que fosse receber uma desinência dual já possuísse um **t** ou um som parecido com **d**. Assim, a dual de **alda** é **aldu** ao invés de ***aldat**. Parece que, no que diz respeito ao quenya tardio, o **-t** seria sua primeira opção como a desinência dual, mas se o substantivo ao qual ela estiver para ser adicionada já possuir **t** ou **d**, opta-se, então, pelo **-u** (lembrando-se que essa desinência remove quaisquer vogais finais). As formas duais que

Tolkien mostrou na Carta Plotz, *ciryat* “um par de navios” e *lasset* “um par de folhas” (formadas a partir de *ciryā* “navio” e *lassë* “folha”) confirmam que as palavras sem **t** ou **d** nelas recebem a desinência dual -**t**. Talvez a desinência -**u** fosse preferida no caso de substantivos que terminassem em uma consoante, uma vez que o -**t** não poderia ser adicionado diretamente a tal palavra sem produzir um encontro consonantal final que a fonologia do quenya não permitiria; infelizmente, não possuímos exemplos do tipo. (Se a desinência -**t** deve ser usada de qualquer modo, uma vogal provavelmente tem que ser inserida antes dela, produzindo uma desinência mais longa - provavelmente -**et**. Evitaremos esse pequeno problema nos exercícios abaixo, visto que ninguém realmente sabe a resposta.)

Entretanto, é claro que o quenya possui um número de formas duais antigas que não seguem a regra de que a desinência é geralmente -**t**, substituída por -**u** apenas se houver um **d** ou **t** na palavra a qual ela será adicionada. Os exemplos *veru* “par casado (casal)” e *peu* “lábios, par de lábios” são provas disso; aqui não há **t** ou **d** presente, mas a desinência ainda é -**u** ao invés de -**t**. Presumivelmente, essas são formas duais “fossilizadas” que refletem o sistema mais antigo, no qual apenas o -**u** indicava um par natural ou lógico. O exemplo *peu* “(par de) lábios” sugere que a desinência -**u** é usada no caso de partes do corpo que ocorrem em pares, tais como olhos, braços, pernas. (A outra desinência, -**t**, pode ser, contudo, usada se outras certas desinências são inseridas antes da própria desinência dual; voltaremos a isso em uma lição posterior.) A palavra para “braço” é *ranco*; a forma dual que indica o par de braços de uma pessoa não é dada, mas meu melhor palpite é que seria *rancu*. A palavra composta *hendumaica* “olhar aguçado” mencionada em WJ: 337 *pode* incorporar uma forma dual *hendu* “(par de) olhos”. A palavra em quenya para “olho” é conhecida como *hen*, ou *hend-* antes de uma desinência (o *Etimologias* apenas menciona o plural normal *hendi* “olhos”, LR: 364). No caso dessa palavra, a desinência dual seria, de qualquer modo, -**u** ao invés de -**t**, já que há um **d** em *hend-*. A palavra para “pé”, *tál*, provavelmente possui a forma dual *talu* (quanto ao encurtamento da vogal, ver abaixo).

VARIAÇÃO DE RADICAL

Esse é um assunto no qual teremos que gastar alguns parágrafos, visto que mesmo neste estágio inicial do curso não fomos capazes de evitá-lo completamente. Entrarei em alguns detalhes aqui, mas o estudante pode ficar tranquilo, pois não se espera que se lembre de todas as palavras e exemplos abaixo; apenas tente ter uma idéia do que se trata a variação de radical.

Algumas vezes, a forma de uma palavra em quenya sutilmente *muda* quando se adicionam desinências a ela. Duas dessas palavras foram mencionadas aci-

ma. Ao adicionar-se uma desinência a **tál** “pé”, como por exemplo **-i** para plural ou **-u** para dual, a vogal longa **á** é encurtada para **a**. Logo, o plural “pés” é **tali** ao invés de ****táli**, a forma dual “um par de pés” é **talú** ao invés de ****tálu**. Em tal caso, pode-se dizer que **tál** “pé” possui o *radical* **tal-**. Da mesma forma, a palavra **hen** “olho” possui o *radical* **hend-**, já que seu plural é **hendi** e não apenas ****heni**. A forma de “radical” não ocorre por si só, mas é a forma à qual você adiciona desinências. Ao apresentar uma nota explicativa, representarei tal *variação de radical* ao listar a forma independente primeiro, seguida pela “forma de radical” em parênteses com um hífen onde a desinência é inserida; ex: **tál (tal-)** “pé”, **hen (hend-)** “olho”.

No caso de **tál** vs. **tal-**, a variação aparentemente deve-se ao fato de que as vogais eram freqüentemente alongadas em palavras de apenas uma sílaba, mas quando a palavra possuía desinências, ela obviamente tinha mais de uma sílaba e, então, o alongamento não ocorria (outro exemplo do mesmo tipo parece ser **nér** “homem” vs. o plural **neri** “homens”, MR: 213/LR: 354). Originalmente, a vogal era curta em todas as formas. É geralmente verdadeiro que a forma radical revela como a palavra parecia-se em um estágio *inicial* na longa evolução lingüística que Tolkien planejou em grandes detalhes. **Hen** “olho” em seu radical **hend-** reflete a “base” primitiva **KHEN-D-E** da qual ela é definitivamente derivada (LR: 364). O quenya não podia ter um **-nd** no final de uma palavra e o simplificava para um **-n** quando a palavra ficava sozinha (assim, **hen**, de certo modo, *representa* a impossível forma “completa” **hend**), mas antes de uma desinência o grupo **-nd-** não era final e podia então realmente aparecer. Com muita freqüência, a variação de radical tem a ver com encontros ou sons que não são permitidos no final das palavras, mas que podem aparecer em outro lugar. Cf. uma palavra como **talán** “chão, assoalho”. O plural “assoalhos” não é ****talani** como poderíamos supor, mas **talami**. O radical é **talam-** porque essa é a forma da palavra raiz do élfico primitivo: **TALAM** (LR: 390). Como o quenya evoluiu a partir do élfico primitivo, uma regra surgiu, na qual apenas algumas consoantes eram permitidas no final das palavras, e o **m** não era uma delas. A consoante “admissível” mais próxima era o **n**, e assim a antiga palavra **talam** foi alterada para **talán** - mas na forma plural **talami** (e outras formas que adicionavam uma desinência à palavra), o **m** não era final e, portanto, continuou inalterado. Outro caso parecido é **filit** “pequeno pássaro”, que possui o radical **filic-** (ex: plural **filici** “pequenos pássaros”): a palavra raiz primitiva era **PHILIK** (LR: 381), mas o quenya não permitia **-k** no final de uma palavra, de modo que nessa posição ele tornou-se **-t**. Não sendo final, ele permanecia **k** (aqui escrito **c**).

Em alguns casos, a forma “independente” é uma forma *simplificada* ou *encurtada* de uma palavra, enquanto a forma de radical reflete a forma mais completa. Por exemplo, Tolkien aparentemente imaginou que a palavra **merendë** “ban-

quite, festa, festival” era freqüentemente encurtada para **meren**, mas o radical ainda é **merend-** (LR: 372). Assim, o plural de **meren** é **merendi**, e não ****mereni**. Quando se encontra sozinha, a palavra **nissë** “mulher” é geralmente reduzida para **nis** (ou **nís** com uma vogal alongada), mas o *S* duplo continua antes de desinências: dessa forma, o plural “mulheres” é **nissi** (LR: 377, MR: 213). Um caso semelhante é **Silmarillë**, o nome de uma das jóias lendárias criadas por Fëanor; essa palavra geralmente é encurtada para **Silmaril** mas, antes de desinências, o *L* duplo da forma completa é preservado (**Silmarill-**); assim, o plural é sempre **Silmarilli**. No caso de palavras *compostas*, isto é, palavras criadas a partir de várias outras palavras, o segundo elemento no composto é freqüentemente reduzido, mas uma forma mais completa pode ocorrer antes de uma desinência. Por exemplo, o substantivo **Sindel** “elfo-cinzento” (WJ: 384) incorpora **-el** como uma forma reduzida de **Elda** “elfo”. O plural de **Sindel** não é ****Sindeli**, mas sim **Sindeldi**, preservando o encontro **-ld-** visto em **Elda**. (Uma vez que o **-a** final é perdido na palavra composta, não podemos ter o plural ****Sindeldar**.)

Em alguns casos a palavra pode ser *contraída* quando se adicionam desinências a ela. Em tais casos, a forma de radical *não* reflete a forma mais antiga e completa da palavra. Tal contração ocorre freqüentemente em palavras dissílabas que contêm duas vogais idênticas. Por exemplo, **feren** “faia” é reduzida para **fern-** antes de uma desinência; ex: plural **ferni** ao invés de ****fereni**. O WJ: 416 indica da mesma forma que **laman** “animal” pode ser reduzida para **lamn-** antes de uma desinência; assim, por exemplo, **lamni** “animais”, embora a forma não reduzida **lamani** também estivesse em uso. Ocasionalmente, as formas contraídas sofrem mudanças adicionais quando comparadas à forma não reduzida; como o plural de **seler** “irmã”, podemos supor ****selri**, mas já que **lr** não é um encontro consonantal admissível em quenya, ele é modificado para **ll** - o plural real “irmãs” sendo **selli** (cf. *Etimologias*, entrada **THEL-**, **THELES-**).

Outra forma de variação de radical é pouco atestada no que diz respeito aos substantivos, mas há evidências para o efeito de que a *vogal final* de algumas palavras muda quando uma desinência é adicionada. Em quenya, as vogais finais **-o** e **-ë** algumas vezes vêm de **-u** e **-i** no élfico primitivo. Em algum estágio da evolução lingüística, o **-i** curto original tornou-se **-e** quando a vogal era final; na mesma circunstância, o **-u** curto original tornou-se **-o**. Por exemplo, a palavra primitiva **tundu** “colina, monte” apareceu como **tundo** em quenya (LR: 395). Mas visto que essa mudança ocorria apenas quando a vogal era *final*, é possível que sua qualidade original fosse preservada antes de uma desinência. O plural “colinas” pode bem ser **tundur** ao invés de **tundor**, embora nenhuma das formas

seja atestada. De acordo com SD: 415, o substantivo em quenya **lómë** “noite” possui o “radical” **lómi-**, evidentemente significando que a vogal final **-ë** muda para **-i-** ao adicionar-se uma desinência depois dela. Por exemplo, ao adicionar-se a desinência dual **-t** para **lómë** (para expressar “um par de noites”) aparentemente se produziria **lómít** ao invés de **lómet**. Assim seria porque **lómë** vem da palavra élfica primitiva *dômi* (LR: 354), e o **-i** nunca se transformou em **-e**, exceto quando final. Algumas pessoas crêem que certas palavras no *Namárië*, **lírinen** e **súrinen**, são exemplos confirmados desse fenômeno: essas são formas de **lírë** “canção” e **súrë** “vento” (a última confirmada por si mesma em MC: 222; o significado da desinência **-nen** vista em **lírinen** e **súrinen** será tratado em uma lição posterior). Se essa palavra originalmente terminava em um **-i** que se tornou um **-ë** apenas posteriormente (e somente quando final), isso pode explicar por que nessa palavra o **-ë** aparentemente transforma-se em **-i-** antes de uma desinência. Diríamos então que **súrë** possui o radical **súri-**.

Parece haver uma variação semelhante envolvendo a vogal final **-o**, que em alguns casos origina-se de **-u** final em élfico primitivo; novamente a qualidade primitiva da vogal pode ser restaurada se uma desinência for adicionada a ela. Por exemplo, é dito que **rusco** “raposa” possui o radical **ruscu-**, então se adicionarmos a desinência dual para falar de um “par de raposas”, a forma resultante deve ser presumivelmente **ruscut** ao invés de **ruscot**. Contudo, não há um tratamento abrangente desse fenômeno nas obras publicadas de Tolkien; de fato, as afirmações feitas em SD: 415 e VT41: 10 de que **lómë** e **rusco** possuem radicais **lómi-** e **ruscu-** são o mais perto que chegamos de referências explícitas a ele.

O estudante não deve desesperar-se, pensando que todos os tipos de coisas estranhas acontecem sempre que se adiciona uma desinência a uma palavra em quenya, de forma que haveria uma grande capacidade para causar enganos embaraçosos (ou pelo menos muitas coisas extras para se memorizar). A maioria das palavras do quenya parece comportar-se muito bem, com nenhuma forma de “radical” distinta que deva ser lembrada; apenas adiciona-se a desinência e é só. Onde é conhecida a existência de uma forma de radical distinta (ou onde temos uma boa razão para suspeitar de uma), esta será, claro, indicada quando eu apresentar a palavra pela primeira vez, se for relevante para os exercícios.

SUMÁRIO DA LIÇÃO TRÊS: em acréscimo à(s) forma(s) plural(is), o quenya também possui um número *dual* usado para um par de coisas que formam algum tipo de casal natural ou lógico. (Devemos assumir que duas coisas casualmente associadas seriam indicadas por um plural normal em conjunção

com o numeral **atta** “dois”). A forma dual é criada com uma de duas desinências: **-t** ou **-u** (a última remove vogais finais; a forma dual de **alda** “árvore” é, portanto, **aldu**, ao invés de **aldau**). A primeira escolha parece ser **-t**, mas se a palavra a qual essa desinência for adicionada já possuir um **t** ou um **d**, a desinência alternativa **-u** será, então, preferida (por razões de eufonia - se você preferir, para evitar “encher” a palavra com **t**’s ou sons parecidos!). Entretanto, parece haver um número de formas duais antigas “fossilizadas” que terminam em **-u** mesmo que não haja **d** ou **t** na palavra, tais como **veru** “par casado (casal)” e **peu** “par de lábios”. O último exemplo pode sugerir que todas as partes do corpo que ocorrem em pares são indicadas por formas duais em **-u** ao invés de **-t**, independente da forma da palavra (embora a desinência **-t** seja evidentemente preferida se outras desinências forem inseridas antes da própria dual; mais sobre essa questão será visto posteriormente).

Um bom número de palavras em quenya sutilmente *muda* quando desinências são anexadas a elas; ex: **talán** “chão, assoalho” transformando-se em **talam-** na forma plural **talami**. Chamaríamos então **talam-** de a *forma de radical* de **talán**. De maneira parecida, as vogais finais **-o** e **-ë** às vezes aparecem como **-u** e **-i**, respectivamente, se alguma desinência for adicionada; assim, **lómë** “noite” possui o radical **lómi-**. Em muitos casos, a forma de radical imita a forma mais antiga das palavras (sons ou combinações que não poderiam sobreviver no final de uma palavra, mas sendo preservados quando não são finais), embora a forma radical também possa representar uma contração.

VOCABULÁRIO

atta “dois”

hen (**hend-**) “olho”

ranco “braço”

ando “portão”

cirya “navio”

aiwë “pássaro”

talán (**talam-**) “chão, assoalho”

nér (**ner-**) “homem” (adulto do sexo masculino de qualquer raça senciente - élfica, mortal ou outras)

nís (**niss-**) “mulher” (de forma similar: adulto do sexo feminino de qualquer raça senciente)

sar (**sard-**) “pedra” (uma pedra pequena - não “pedra” como uma substância ou material)

alda “árvore”

oron (**oront-**) “montanha”

* * *

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português:

A. Hendu

B. Atta hendi (e responda: qual é a diferença entre essa e **hendu** acima?)

C. Aldu

D. Atta aldar (e responda novamente: qual é a diferença entre essa e **Aldu** acima?)

E. Minë nér ar minë nís.

F I sardi.

G. Talami.

H. Oronti.

2. Traduza para o quenya:

I. Dois navios (apenas quaisquer dois navios que venham a ser vistos juntos)

J. Dois navios (que venham a ser navios gêmeos)

K. Braços (os dois braços de uma pessoa)

L. Duas montanhas (dentro da mesma extensão; Picos Gêmeos, se preferir - use uma forma dual)

M. Portão duplo (use uma forma dual)

N. Dois pássaros (que tenham formado um par)

O. Dois pássaros (apenas quaisquer dois pássaros)

P. Homens e mulheres.

LIÇÃO QUATRO

O adjetivo. O verbo de ligação. Concordância adjetiva em número.

O vocabulário de qualquer idioma pode ser separado em várias classes de palavras - várias *partes da língua*. Os idiomas de Tolkien foram planejados para serem “definitivamente de um tipo europeu em estilo e estrutura” (*Letters*: 175), de modo que as partes da língua que eles possuem não são muito exóticas, mas devem ser bastante familiares a qualquer aluno de colégio na Europa e na América. Já mencionamos os *substantivos* que, por uma definição um tanto simplificada, são palavras que denotam coisas. Agora iremos para os *adjetivos*.

O ADJETIVO

Adjetivos são palavras que assumiram a função especial de *descrição*. Se você quiser dizer que alguém ou alguma coisa possui uma certa qualidade, você pode freqüentemente encontrar um adjetivo que fará tal serviço. Em uma frase como *a casa é vermelha*, a palavra “vermelha” é um adjetivo. Ela descreve a casa. Existem adjetivos para todos os tipos de qualidades, muito úteis se você quiser dizer que alguém ou algo é *grande, pequeno, sagrado, triste, tolo, podre, lindo, fino, repugnante, alto, maravilhoso, ofensivo* ou seja lá o que for que a ocasião exija.

Podem-se distinguir dois modos diferentes de usar um adjetivo:

1. Você pode associá-lo ao substantivo que ele descreve, resultando em expressões como *homens altos* ou *(um/o) livro vermelho*. Tais expressões podem então ser inseridas em uma frase completa, como *homens altos me assustam* ou *o livro vermelho é meu*, onde as palavras *altos* e *vermelho* simplesmente fornecem informações extras sobre seus substantivos acompanhantes. Isso é chamado “usar o adjetivo *atributivamente*”. A qualidade em questão é apresentada como um “atributo” do substantivo, ou é “atribuída” a ele (*homens altos* - certo, então sabemos precisamente de que tipo de homens estamos falando aqui, os altos, sua altura sendo o “atributo” deles).

2. Mas você também pode construir frases onde o *ponto* central é que alguém ou alguma coisa possui uma qualidade específica. Você não “pressupõe” apenas a altura quando você fala de *homens altos* - você quer dizer que *os homens são altos*; essa é a parte da informação que você quer transmitir. Isso é chamado “usar um adjetivo *predicativamente*”: você escolhe um grupo sobre o qual quer falar algo (como *os homens*, nesse caso) e então adiciona um adjetivo para dizer que tipo de qualidade esse grupo possui. O adjetivo é então chamado de *predicado* dessa frase.

Como o leitor atento já deve desconfiar a partir do exemplo acima, há mais uma complicação: você não pode dizer simplesmente *os homens altos*, mas sim *os homens são altos*. Na verdade, frases como *os homens altos* estariam bastante corretas em um grande número de idiomas (e mesmo o quenya pode ser um deles), mas em português você tem que introduzir uma palavra como *são* ou *é* antes do adjetivo quando você usá-lo como um predicado: *O livro é vermelho*. *Os homens são altos*. Esse “é/são” realmente não acrescenta um significado maior aqui (há uma razão pela qual tantos idiomas permanecem sem qualquer palavra correspondente!), mas é usado para “ligar” o adjetivo às palavras que nos contam do que estamos realmente falando aqui - como *o livro* e *os homens* em nosso exemplo. Assim, o “é/são” é chamado de *verbo de ligação*. Em frases como *ouro é belo*, *eu sou esperto* ou *pedras são duras*, pode-se perceber a função principal do verbo de ligação (aqui manifestado de várias maneiras como *é*, *sou* e *são*), que é simplesmente conectar os adjetivos subsequentes *belo*, *esperto* e *duras* com a(s) coisa(s) ou pessoa de que estamos tratando: *ouro*, *eu*, *pedras*. O verbo de ligação é uma parte integral do predicado da frase. Essa é uma das mais importantes construções que os falantes de português têm a sua disposição quando querem dizer que X possui a qualidade Y.

Bem, partamos para o quenya. Quando comparados à quantidade de formas que um substantivo pode ter, os *adjetivos* do quenya são bastante restritos nesse ponto. A grande maioria dos adjetivos do quenya termina em uma de duas vogais: -a ou -ë. A última terminação é menos comum, e geralmente ocorre em adjetivos de cores: **ninquë** “branco”, **morë** “preto”, **carnë** “vermelho”, **varnë** “marrom” etc. Quando um adjetivo não termina em -a ou -ë, ele na prática termina sempre em -in; ex: **firin** “morto”, **hwarin** “torto”, **melin** “querido, prezado, caro” ou **latin** “aberto, livre, limpa (a terra)”. O último adjetivo é na verdade listado como **latin(a)** nos escritos de Tolkien (LR: 368), evidentemente sugerindo que **latin** é encurtado a partir de uma forma mais longa, **latina**, ambas as variantes ocorrendo no idioma. (Talvez todos os adjetivos em -in devam ser considerados formas encurtadas de formas completas em -ina.) Adjetivos que *não* terminam em -a, -ë ou -in são extremamente raros; há pelo menos **teren** “delgado” - mas mesmo esse adjetivo possui também uma forma mais longa em -ë (**terenë**).

Adjetivos em -a são de longe o tipo mais comum. A vogal final -a pode aparecer por si só, como em **lára** “plano, liso”, mas ela é frequentemente parte de uma desinência adjetiva mais longa como -wa, -na (variante -da), -ima ou -ya. Exemplos: **helwa** “azul (claro)”, **harna** “ferido”, **melda** “amado”, **melima** “amável”, **vanya** “belo”. A própria palavra **quenya** é em sua origem um adjetivo **ya** que significa “élfico, quendiano”, embora Tolkien tenha decidido que ela veio a ser usada apenas como um nome do idioma alto-élfico (Letters: 176, WJ: 360-361, 374).

Em quenya, assim como no português, um adjetivo pode ser diretamente combinado a um substantivo, descrevendo-o. Temos muitos exemplos atestados de adjetivos sendo usados atributivamente desse modo; eles incluem as expressões **lintë yuldar** “goles rápidos” (*Namárië*), **luini tellumar** “abóbadas azuis” (*Namárië* prosaico), **fána cirya** “um navio branco” (*Markirya*), **quantë tengwi** “sinais completos” (um termo usado por antigos lingüistas élficos; não precisamos discutir seu significado preciso aqui; ver VT39: 5). Nesses exemplos, a ordem das palavras é a mesma do inglês: adjetivo + substantivo. Essa é aparentemente a ordem normal preferida. Em quenya, entretanto, também é admissível deixar o adjetivo *suceder* o substantivo (como no português). Por exemplo, o *Markirya* possui **anar púrëa** literalmente “um ofuscado sol”, para “(um) sol ofuscado”, e em LR: 47 temos **mallë téra**, literalmente “reta estrada”, para “uma estrada reta” (cf. LR: 43). Talvez essa ordem das palavras seja usada no caso de querer-se enfatizar o adjetivo: o contexto em LR: 47 indica que essa é uma estrada *reta* em oposição a uma curva. Contudo, deixar o adjetivo *suceder* o substantivo pode ser a ordem normal das palavras no caso de um “título” adjetival que é usado em conjunção com um nome próprio: em CI: 340 cf. 497 temos **Elendil Voronda** para “Elendil, o Fiel” (bem, a forma encontrada em CI: 340 é na verdade **Elendil Vorondo**, porque a expressão é declinada; voltaremos à desinência -o vista aqui em uma lição posterior). Presumivelmente pode-se também usar a ordem das palavras mais normal e dizer **voronda Elendil**, mas essa - creio - seria simplesmente uma referência mais casual a “Elendil fiel”, não significando “Elendil, o Fiel” com o adjetivo usado como um título regular. Pode-se observar que o quenya, diferente do português, não insere o artigo antes de um adjetivo usado como um título (não sendo ****Elendil i Voronda**, ao menos não necessariamente).

O VERBO DE LIGAÇÃO

O que dizer, então, de usar-se adjetivos como *predicados*, como, por exemplo, “vermelho”, que é o predicado da frase “o livro é vermelho”? (Compare com o uso *atributivo* do adjetivo em uma expressão como “o livro vermelho”). O

adjetivo **vanwa** “perdido” é usado predicativamente no *Namárië*: **vanwa ná...Valimar** “perdida está...Valimar” (um lugar no Reino Abençoado que Galadriel pensou que nunca veria novamente). Essa frase nos diz que o verbo de ligação “está” possui a forma **ná** em quenya. O plural “estão” parece ser **nar**, visto em uma versão primitiva do *Namárië* gravada por Tolkien em fita (ver *An Introduction to Elvish* (“Uma Introdução ao Élfico”), de Jim Allan, pág. 5). Geralmente supõe-se que esses verbos de ligação sejam usados como no português; desse modo, por exemplo:

I parma ná carnë. “O livro é vermelho.”

Ulundo ná úmëa. “Um monstro é mau.”

I neri nar hallë. “Os homens são altos.”

Nesta lição, como originalmente publicada em dezembro de 2000, introduzi uma advertência nesse ponto:

Devo acrescentar, de qualquer forma que, devido à extrema escassez de exemplos, não podemos ter certeza de qual ordem de palavras é na verdade preferida. A partir do exemplo **vanwa ná...Valimar** “perdida está...Valimar” no *Namárië*, pode-se argumentar que **ná** deve *suced*er o adjetivo, de modo que “o livro é vermelho” deva preferencialmente ser **i parma carnë ná**, “o livro vermelho é”. Seria interessante saber se o **ná** “está” ainda sucederia **vanwa** “perdida” se passássemos **Valimar** para o início da frase; deveria “Valimar está perdida” ser **Valimar ná vanwa**, como em português (e em inglês), ou talvez **Valimar vanwa ná**? Nos exemplos acima e nos exercícios abaixo, organizei as frases usando a ordem de palavras “portuguesa”, mas Tolkien *pode* ter tido algo mais exótico em sua manga. Não há maneira de descobrir antes de mais material ser publicado.

Revisei esta lição em novembro de 2001 e, recentemente, mais alguns exemplos que envolvem a palavra **ná** “é/está” finalmente tornaram-se disponíveis. Parece haver uma tendência a colocar-se o **ná** no final da frase, como no exemplo **lá caritas... alasaila ná** (literalmente, “não fazê-lo, insensato é” - VT42: 34). O mesmo artigo que fornece esse exemplo também cita ainda a fórmula “**A ná calima lá B**” (literalmente, “A é brilhante além de B”) como a maneira em quenya de expressar “A é mais brilhante que B” (VT42: 32). Note que essa fórmula emprega um estilo português de ordem de palavras, com o **ná** “é” precedendo ao invés de suceder **calima** “brilhante”. Logo, parece que, afinal de contas, frases como **i parma ná carnë**, palavra por palavra correspondendo ao português “o livro é vermelho”, podem ser possíveis. Portanto, não revisei quaisquer dos exemplos ou exercícios deste curso, todos os quais empregam a ordem de palavras “portuguesa” no que

diz respeito ao verbo de ligação **ná**. Parece, entretanto, que a ordem **i parma carnë ná** “o livro vermelho é” deve ser considerada uma alternativa perfeitamente válida.

Em janeiro de 2002 alguns novos exemplos foram publicados. Parece que a ordem de palavras exata é simplesmente uma questão de gosto. O exemplo **elyë na manna** “vós sois bendita” de VT43: 26 possui uma ordem de palavras no estilo do português, e aqui o verbo de ligação “é/sois” aparece na forma curta **na** ao invés de **ná**. Contudo, mantive **ná** nos exercícios deste curso, principalmente por motivos de clareza: a palavra **na** possui muitos outros significados bastante distintos. Mas talvez a forma curta **na-** seja consistentemente preferida quando alguma desinência for adicionada; cf. a forma plural **nar** “são”. Pelo que sei, é claro que a forma não atestada **nár** poderia ser igualmente válida.

Na Canção de Fíriel (um texto pré-SdA), a palavra para “é” aparece como **ye** ao invés de **ná** ou **na**, como em **írima ye Númenor** “amável é Númenor” (LR: 72). Contudo, tanto o *Kenya Lexicon* (QL: 64) como o *Etimologias* (LR: 374) apontam para o **ná**, e no *Namárië* temos essa palavra exemplificada em um texto real. O Etim e o QL são anteriores à Canção de Fíriel, mas o *Namárië* é posterior; logo, parece que **ye** era apenas uma experiência passageira na evolução do quenya de Tolkien. Na Canção de Fíriel também vemos uma *desinência* para “é”, -**ië**, anexada a adjetivos e removendo sua vogal final: assim, nessa canção temos **márië** para “(isto) é bom”, derivada do adjetivo **mára** “bom”. Essa desinência -**ië** está claramente relacionada com a palavra independente **ye**. Não creio que o sistema de usar a desinência -**ië** para “é” ainda fosse válido no estilo de quenya do SdA, e não o recomendaria para escritores. A desinência -**ië** possui outros significados no quenya tardio.

Contudo, outro sistema pode bem ser válido: não usar qualquer verbo de ligação. Você simplesmente justapõe o substantivo e o adjetivo, a palavra “é/são” sendo compreendida: **Iluvanya** “o Mundo [é] belo” (*Canção de Fíriel*), **maller raicar** “estradas [são] curvas” (LR: 47). A fórmula “A é brilhante além de B” = “A é mais brilhante que B” referida acima é na verdade citada como “A (**ná**) **calima lá B**” em VT42: 32. Como sugerido pelos parênteses, **ná** pode ser omitido. O exemplo **mallë téra** “uma estrada reta”, mencionado acima também pode ser interpretado como “uma estrada [é] reta”, se o contexto permitir. A versão final da tradução em quenya de Tolkien da Ave Maria, publicada em janeiro de 2002, omite vários verbos de ligação: **Aistana elyë, ar aistana i yávë mónalyo** = “bendita [sois] vós, e bendito [é] o fruto de vosso ventre”.

Devemos supor que o verbo de ligação **ná, nar** não se limita a unir substantivos e adjetivos, mas que também pode ser usado para equiparar substantivos: **parmar nar engwi** “livros são objetos”, **Fëanáro ná Noldo** “Fëanor é um Noldo”. (Note, a propósito, que a forma apropriada em quenya do nome de Fëanor é

Fëanáro; “Fëanor” é uma forma híbrida quenya-sindarin usada na Terra-média após sua morte.) Novamente pode ser admissível omitir o verbo de ligação e manter o mesmo significado: **parmar nati, Fëanáro Noldo**.

CONCORDÂNCIA ADJETIVA EM NÚMERO

Os adjetivos do quenya devem concordar em número com o substantivo que descrevem. Isto é, se o substantivo está no plural, o adjetivo também deve estar; se o adjetivo descreve *vários* substantivos, ele também deve estar no plural, mesmo que cada um dos substantivos esteja no singular.

Não temos exemplos do que acontece a um adjetivo caso concorde com um substantivo na forma *dual*. É geralmente presumido, porém, que não há formas duais especiais de adjetivos, mas apenas uma forma de plural (ou, diríamos, “não-singular”). O poema *Markirya* indica que não há uma forma especial de adjetivo para combinar com a forma um pouco obscura de “plural partitivo” em **-li**; um adjetivo que descreva um substantivo em **-li** simplesmente aparece na forma plural normal. Isso pode sustentar a teoria de que adjetivos também não possuem uma forma *dual* especial.

Como, então, a forma plural dos adjetivos é construída? A partir dos exemplos agora disponíveis, pode ser visto que Tolkien experimentou vários sistemas com o passar dos anos. Em fontes *primitivas*, adjetivos em **-a** formam seus plurais ao adicionar-se a desinência **-r**, assim como fazem os substantivos em **-a**. Por exemplo, um “mapa” bem antigo do mundo imaginário de Tolkien (na verdade, representado como um navio simbólico) inclui uma referência a **I Nori Landar**. Isso evidentemente significa “As Terras Amplas”. (LT1: 84-85; o adjetivo **landa** “amplo” ocorre em *Etimologias*, entrada *LAD*. Christopher Tolkien em LT1: 85 sugere a tradução “As Grandes Terras”.) Aqui o substantivo no plural **nori** “terras” é descrito pelo adjetivo **landa** “amplo” - a propósito, outro exemplo de um adjetivo atributivo que *sucede* o substantivo - e visto que o substantivo está no plural, o adjetivo recebe a desinência de plural **-r** para concordar com ele. Esse modo de formar adjetivos no plural ainda era válido em meados de 1937 ou um pouco antes; já citamos o exemplo **maller raicar** “estradas [são] curvas” do LR: 47, onde o adjetivo **raica** “torto, curvo, errado” (listado sozinho em LR: 383) está no plural para concordar com **maller**.

Entretanto, esse sistema não pode ser recomendado a escritores; a evidência é de que, no quenya no estilo do SdA, ele foi abandonado. Tolkien, de certo modo, voltou ao passado e reviveu um sistema que ele usou no que pode ser o primeiro poema em “quenya” que escreveu: *Nargelion*, de 1915-16. Nesse poe-

ma, adjetivos em **-a** formam seus plurais através da desinência **-i**. Por exemplo, a expressão **sangar úmëai**, que ocorre nesse poema, aparentemente significa “grandes multidões” = “multidões grandes”; o adjetivo **úmëa** “grande, largo” está registrado no *Kenya Lexicon primitivo* (QL: 97 - em quenya tardio, por outro lado, a palavra **úmëa** significa “mau”). Posteriormente, entretanto, Tolkien introduziu mais uma complicação: adjetivos in **-a** possuíam plurais em **-ai** apenas no quenya arcaico. No quenya exílico, o quenya como era falado pelos Noldor após terem retornado à Terra-média, o **-ai** no final das palavras de mais de uma sílaba fora reduzido para **-ë**. (Cf. WJ: 407 acerca da desinência **-vë** representando o “*-vai* do quenya arcaico”). Assim, enquanto a forma plural de, digamos, **quanta** “completo” era aparentemente **quantai** nos estágios mais antigos do idioma, ela posteriormente tornou-se **quantë**. Já encontramos essa forma em um dos exemplos citados acima: **quantë tengwi**, “sinais completos”, onde **quanta** aparece na forma plural para concordar com **tengwi** “sinais” (VT39: 5).

Há um caso especial a ser considerado: adjetivos em **-ëa**, tais como **laurëa** “dourado”. No quenya arcaico, devemos supor que a forma plural era simplesmente **laurëai**. Mas quando o **-ai** posteriormente tornou-se **-e**, o que seria **?laurëe** provou não ser uma forma durável. Para evitar a combinação incômoda de dois **e**’s concomitantes, o primeiro deles foi modificado para **i**. Desse modo a forma plural de **laurëa** no quenya exílico aparece como **laurië**, como no primeiro verso do *Namárië*: **Ai! laurië lantar lassi súrinen...** “Ah, como ouro caem as folhas ao vento...” - o adjetivo estando no plural para concordar com o substantivo que ele descreve, **lassi** “folhas”.

Quanto aos adjetivos em **-ë**, eles parecem comportar-se como a maioria dos substantivos da mesma forma: **-ë** torna-se **-i** no plural. Não temos muitos exemplos, mas a expressão **luini tellumar** “abóbadas azuis” na versão em prosa do *Namárië* parece incorporar a forma plural de um adjetivo **luinë** “azul” (na verdade, não atestado nessa forma, mas, como observado acima, existem muitos adjetivos de cores em **-ë**). Além disso, em *Etimologias* Tolkien observou que o adjetivo **maitë** “hábil” possui a forma plural **maisi** (LR: 371). Evidentemente a forma plural foi em especial mencionada primeiramente para ilustrar outro ponto: que adjetivos em **-itë** possuem as formas plurais em **-isi**, a consoante **t** transformando-se em **s** antes de **i**. Porém, essa idéia em particular parece ter sido abandonada posteriormente: em uma fonte muito posterior, pós-SdA, Tolkien escreveu **hloníti tengwi**, e não **?hlonísi tengwi**, para “sinais fonéticos” (WJ: 395). Logo, talvez a forma plural de **maitë** possa também simplesmente ser **?maiti**.

Quanto à forma plural de adjetivos que terminam em uma consoante, tais como **firin** “morto”, parece que não temos quaisquer exemplos para orientar-nos. Tem-se tradicionalmente presumido que eles formam seus plurais em **-i**, as-

sim como fazem os substantivos que possuem essa forma, e isso ainda parece razoavelmente plausível. Assim, digamos, “homens mortos” poderia ser **firini neri**. Se algum argumento pode ser levantado contra essa hipótese, é o de que adjetivos em **-in** na verdade parecem ser formas encurtadas de adjetivos mais longos em **-ina**. Como indicado acima, Tolkien citou o adjetivo que significa “aberto, livre, limpa (a terra)” como **latin(a)**, indicando as formas duplas **latin** e **latina**. A forma plural de **latina** deve obviamente ser **latinë**, para a forma mais antiga **latinai**. Mas o que dizer de **latin**? Se essa é meramente uma forma encurtada de **latina**, quem sabe a forma plural ainda seja **latinë** ao invés de **latini**? Não podemos saber com certeza; nos exercícios abaixo segui a hipótese tradicional, usando plurais em **-i**. Adjetivos que terminam em uma consoante são, de qualquer forma, bastante raros; logo, essa incerteza não coloca muito em risco a qualidade de nossos próprios textos em quenya.

Em que posições os adjetivos concordam em número? Exemplos atestados da mesma forma que aqueles já citados, como **luini tellumar** “abóbadas azuis”, parecem indicar que um adjetivo atributivo na frente do substantivo apresenta concordância. Assim o faz um adjetivo que *sucede* o substantivo; o poema *Markirya* possui **i fairi nēcë** para “os fantasmas pálidos”, ou literalmente “os pálidos fantasmas” (**néca** pl. **nēcë** “turvo, débil, indistinto de se ver”, MC: 223). Um adjetivo *separado* do substantivo que ele descreve também concorda em número; assim, **laurëa** “dourado” aparece na forma plural **laurië** no primeiro verso do *Namárië*, **laurië lantar lassi** “como ouro caem as folhas” (o *Namárië* prosaico possui **lassi lantar laurië** “as folhas caem como ouro”). Quanto aos adjetivos *predicativos*, carecemos de exemplos tardios. Em alemão, os adjetivos concordam em número quando são usados atributivamente, mas os adjetivos usados predicativamente não. Todavia, o exemplo antigo **maller raicar** “estradas [são] curvas” em LR: 47 parece indicar que em quenya os adjetivos também concordam em número quando são usados predicativamente. Em quenya tardio, devemos ler presumivelmente **maller (nar) raicë**, uma vez que Tolkien modificou as regras de como a forma plural dos adjetivos é construída.

Então, em resumo, podemos concluir que adjetivos concordam em número com os substantivos que eles descrevem “em qualquer lugar” - quer apareçam antes, após ou separados do substantivo, quer sejam usados atributivamente ou predicativamente. Existem alguns exemplos, porém, que não se encaixam muito bem nisso. O Apêndice E do ensaio *Quendi and Eldar*, de cerca de 1960, contém vários exemplos “bem comportados” de adjetivos no plural que são usados atributivamente com o plural do substantivo **tengwi** “sinais”, construindo várias expressões usadas por antigos linguistas élficos quando tentavam analisar a estrutura de sua língua (como eu disse acima, não precisamos nos preocupar com o significado preciso desses termos aqui). Além de **hloníti tengwi** “sinais fonéticos”

e **quantë tengwi** “sinais completos” já citados acima (WJ: 395, VT39: 5), temos **racinë tengwi** “sinais despidos” e **penyë tengwi** “sinais escassos” (VT39: 6; o singular do último, **penya tengwë** “um sinal escasso”, é atestado: VT39: 19). Nessas expressões, os adjetivos **hlonítë** “fonético”, **quanta** “completo”, **racina** “desnudo, despido, privado” e **penya** “escasso, inadequado, insuficiente” assumem todas suas formas plurais, concordando belamente com **tengwi** “sinais, elementos, sons”. Até aqui, tudo bem. Mas então voltamos para o material *esboçado* para o Apêndice E de *Quendi and Eldar*. Aqui, Tolkien *não* permite aos adjetivos que concordem em número, e temos expressões como **lehta tengwi** “elementos livres/libertados”, **sarda tengwi** “sons rudes” e **tapta tengwi** “elementos impedidos” (VT39: 17). Esperaríamos, é claro, **lehtë tengwi**, **sardë tengwi** e **taptë tengwi**, mas esses não são encontrados. A menos que suponhamos que existem várias classes de adjetivos, alguns que concordam em número e outros que não - e creio que isso é absurdo -, parece que Tolkien, no material esboçado, usou um sistema no qual um adjetivo atributivo imediatamente a frente de seu substantivo *não* concorda em número. Mas quando escreveu o Apêndice de fato, ele parece ter introduzido também a concordância nessa posição, e então temos, por exemplo, **quantë tengwi** ao invés de **?quanta tengwi** para “sinais completos”. A gramática élfica podia mudar velozmente sempre que Tolkien estivesse em seu humor de “revisão”; logo, isso não seria surpreendente.

A última versão do poema *Markirya*, que Christopher Tolkien acredita ter sido escrita em algum ponto na última década de vida de seu pai (1963-73), também é relevante aqui. Na expressão “torres caídas”, Tolkien primeiro escreveu o adjetivo **atalantëa** “arruinado, caído, tombado” em sua forma plural **atalantië**, exatamente como esperaríamos. Então, de acordo com Christopher Tolkien, ele misteriosamente *mudou* **atalantië** para a forma singular (ou, de preferência, não flexionada) **atalantëa**, embora o substantivo adjacente “torres” tenha sido mantido no plural (MC: 222). Novamente Tolkien parece estar fazendo experiências com um sistema no qual adjetivos atributivos imediatamente a frente do substantivo que eles descrevem não concordam em número, mas aparecem em sua forma não flexionada. Um sistema parecido aparece nos escritos de Tolkien sobre o *westron*, a “Fala Comum” da Terra-média (um idioma que ele apenas esboçou). Talvez ele considerasse introduzir tal sistema também no quenya; e vemos essa idéia surgindo de vez em quando, supostamente, em seus escritos.

Entretanto, o sistema que eu recomendaria aos escritores seria o de deixar os adjetivos concordarem em número também nessa posição. No *Namárië* em SdA, temos a expressão **lintë yuldar** “goles rápidos”, e na tradução entrelinhas em RGE0: 66 Tolkien observou claramente que **lintë** é um adjetivo no “pl.”. Devemos supor, então, que **lintë** representa o **lintai** mais antigo, a forma plural de um

adjetivo **linta**. Se um adjetivo atributivo imediatamente a frente do substantivo que ele descreve não concorda em número, “goles rápidos” deveria ter sido, ao invés disso, **?linta yuldar**. A fonte onde Tolkien claramente identificou **lintë** como uma forma plural foi publicada durante sua própria vida e, além disso, a última vez em 1968, possivelmente datando até mesmo de após a última versão do *Markirya*. Assim, sua decisão final parece ter sido a de que os adjetivos também *concordam* em número com seus substantivos quando o adjetivo aparece imediatamente a frente do substantivo. Desconfia-se que ele passou muitas noites em claro considerando cuidadosamente os vários prós e contras dessa importante questão.

NOTA SOBRE ADJETIVOS USADOS COMO SUBSTANTIVOS: Como descrito acima, Tolkien em certo estágio fez os adjetivos em -a formarem seus plurais em -ar, mas posteriormente ele substituiu esse plural por -ë (para o -ai mais antigo). Contudo, adjetivos em -a podem ainda ter suas formas plurais em -ar se *eles forem usados como substantivos*, porque em tal caso eles são naturalmente declinados como substantivos. Tolkien observou que, ao invés de dizer-se **penyë tengwi** “sinais escassos”, os elfos poderiam simplesmente referir-se a **penyar** ou “escassos” - “usando [o adjetivo] *penya* como um substantivo técnico” (VT39: 19). Um exemplo bem conhecido é fornecido pelo adjetivo **vanya** “belo, lindo”; ele geralmente teria a forma plural **vanyë** (ex: **vanyë nissi** “mulheres lindas”). Entretanto, o adjetivo **vanya** também pode ser usado como um substantivo, “um *vanya*” ou “o belo”, que era a palavra usada para um membro do Primeiro Clã dos Eldar. Logo, o clã inteiro é chamado, claro, os **Vanyar**, como no *Silmarillion*, capítulo 3: “Os Vanyar eram seu [de Ingwë] povo. São os belos-elfos”. Usando outro (mas relacionado) adjetivo, “lindo”, que é **vanima**, Barbárvore empregou outro plural substantivado quando saudou Celeborn e Galadriel como a **vanimar** “ó belos” (a tradução é dada em Letters: 308). Adjetivos em -ë possuem, porém, sua forma plural comum em -i, mesmo que sejam usados como substantivos, visto que a maioria dos substantivos em -ë também forma seus plurais em -i.

SUMÁRIO DA LIÇÃO QUATRO: adjetivos são palavras usadas para descrever várias qualidades, tais como “alto” ou “lindo”. Eles podem ser combinados com substantivos, criando expressões como “(um/o) livro vermelho” ou “homens altos”, onde os adjetivos “vermelho” e “altos” descrevem os substantivos “livro” e “homens” diretamente; isso é chamado “usar adjetivo *atributivamente*”. Mas eles também podem ser ordenados de modo a criarem frases como “o livro é vermelho” ou “os homens são altos”, onde o ponto principal da frase é relacionar uma certa qualidade a um substantivo; aqui o adjetivo é usado como um *predicado*. Em tais casos, o português insere um *verbo de ligação*, como “é/está” ou “são/estão” nesses exemplos, para deixar clara a relação entre o substantivo e o adjetivo. Muitos idiomas não contam com esse artifício extra, e isso também parece ser admissível em quenya, mas o explícito verbo de ligação **ná** “é/está”/**nar** “são/estão” também ocorre no material. - A maioria dos adjetivos no quenya termina na vogal -a, alguns também em -ë; os únicos que terminam em uma consoante são alguns que possuem a desinência -in (aparentemente encurtada de -ina). Os adjetivos no quenya concordam em *número*; se um adjetivo descreve um substantivo no plural ou mais de um substantivo, o adjetivo também deve estar no plural. Adjetivos em -a possuem formas plurais em -ë (em relação ao antigo -ai); note que, se o adjetivo

termina em -ëa, ele forma seu plural em -ië (para evitar -ëe). Adjetivos em -ë possuem formas plurais em -i; para os poucos adjetivos em -in, carecemos de exemplos, mas supõe-se geralmente que eles adicionariam -i no plural.

VOCABULÁRIO

Exceto pelos dois primeiros itens, todos estes são adjetivos. Não se preocupe com as outras palavras que ocorrem nos exercícios abaixo; aquelas você já memorizou cuidadosamente, seguindo minhas instruções na Lição Dois, certo?

neldë “três”

ná “é/está” (**nar** “são/estão”)

vanya “belo, lindo”

alta “grande” (a palavra é usada apenas para tamanho físico)

calima “brilhante”

taura “poderoso”

saila “sábio” (usaremos essa forma encontrada em material tardio; uma fonte pré-SdA possui **saira**)

úmëa “mau”

carnë “vermelho” (suspeitamos que Tolkien, como católico devoto, estivesse pensando em *cardinals* com seus trajes vermelhos; a palavra italiana (e também portuguesa, já que vem do latim) *carne* também pode ser relevante aqui...)

ninquë “branco”

morë “preto, negro” (cf. o primeiro elemento da palavra em sindarin *Mordor* = Terra Negra)

firin “morto”

Exercícios

1. Traduza para o português:

A. **Morë rocco.**

B. **Calimë hendu.**

C. **Neldë firini neri.**

D. **Vanyë aiwi.**

E. **Tári ná taura nís.**

F. **I oronti nar altë.**

G. **Aran taura** (duas traduções possíveis!)

H. **I nér ar i nís nar sailë.**

2. Traduza para o quenya:

I. O portão branco.

J. Um navio grande.

K. O assoalho é vermelho.

L. Uma pedra preta e três pedras brancas.

M. Reis sábios são homens poderosos.

N. O homem poderoso e a mulher linda são maus.

O. Elfos são lindos.

P. Os elfos são um belo povo.

LIÇÃO CINCO

O Verbo: presente e concordância em número Sujeito/objeto A forma superlativa de adjetivos

Como mencionei no início da lição anterior, o vocabulário de qualquer idioma pode ser separado em várias classes de palavras, ou “partes da língua”. Até agora tratamos explicitamente dos *substantivos*, que denotam coisas, e *adjetivos*, que são palavras usadas para descrever substantivos (lingüistas julgariam estas definições particularmente simplistas, mas elas servirão ao nosso propósito). Na verdade, já tocamos também em três outras partes da língua, sem discuti-las em profundidade. Como parte da Lição Dois, você memorizou (espero) a palavra **nu** “sob, embaixo”, que é uma *preposição*; preposições são pequenas palavras ou “partículas” como *sob*, *sobre*, *de*, *para*, *em*, etc., com frequência usadas para fornecer informações sobre relações espaciais (ex: “*sob* a árvore” = **nu i alda**), embora frequentemente sejam usadas em contextos mais abstratos. Com a palavra **ar** “e” incluímos também a representante mais típica das *conjunções*, palavras usadas para ligar (ou, de fato, “unir”) outras palavras, expressões ou frases, ex: **Anar ar Isil** = “o sol e a lua”. Ainda assim, nenhuma discussão completa de preposições ou conjunções, como tal, parece ser necessária: em quenya elas parecem comportar-se muito como suas equivalentes portuguesas; logo, na maioria das vezes, você simplesmente tem que aprender as palavras correspondentes em quenya.

Outra parte da língua na qual já tocamos é muito mais sofisticada e intrigante: o *verbo*. Encontramos um verbo na lição anterior: **ná** “é/está”, com sua forma plural **nar** “são/estão”. Pelo modo como os verbos comportam-se, esse não é muito emocionante; ele é usado simplesmente para coordenar um substantivo com algum tipo de predicado que nos diz o que o substantivo “é”: **aran ná taura**, “um rei é poderoso”, **tasar ná alda** “um salgueiro é uma árvore”. Como eu disse na lição anterior, o verbo de ligação **ná** realmente não fornece muita informação extra aqui, exceto ao esclarecer a relação entre os vários elementos da frase. A maioria dos outros verbos (na verdade, quase *todos* os outros verbos) é, entretanto, cheia de significados. Eles não nos dizem apenas o que alguém ou algo “é”, mas sim o que alguém ou algo *faz*. O verbo traz *ação* ao idioma.

Em uma frase como “o elfo dança”, é fácil identificar “dança” como o verbo da ação, que nos diz o que está acontecendo aqui. E, sem dúvida, “dança” é uma forma do verbo português *dançar*. Esse verbo também pode aparecer em

outras formas; ao invés de “dança”, podemos dizer “dançou”, o que move a ação para o *passado*: “o elfo dançou.” Isso ilustra uma característica importante de verbos em idiomas europeus: a forma do verbo fornece informação sobre *quando* a ação indicada ocorre, no presente ou no passado. Alguns idiomas também possuem formas especiais de *futuro*. Tolkien construiu todas essas características no quenya.

As diferentes “formas temporais” do verbo são chamadas de *tempos*; falamos de tempo presente, tempo passado (pretérito) e tempo futuro. Trataremos apenas do presente nesta lição, e voltaremos aos outros mais tarde. (A trindade de presente, pretérito e futuro não representa uma lista completa de todos os tempos que existem. Trataremos de um total de cinco diferentes tempos neste curso, e eu ficaria muito surpreso se o material não publicado não descrevesse mais tempos além dos que conhecemos no momento.)

Aqui devo fazer um aviso: não possuímos muitas informações *explicitas* sobre o verbo em quenya. Na chamada Carta Plotz, que Tolkien escreveu para Dick Plotz em meados dos anos sessenta, ele apresentou a declinação do substantivo. Aparentemente, informações similares sobre o verbo viriam a seguir; isso nunca foi feito. Isso é, certamente, muito lamentável. Não que Tolkien tenha levado essa informação para o túmulo; sabemos que ele escreveu sobre esses assuntos, mas os escritos relevantes não foram publicados. Por enquanto devemos, na maior parte, tentar compreender as regras gramaticais por nós mesmos, se quisermos que nossos poemas em quenya possuam verbos. Com relação ao *presente*, alguns pedaços de informações felizmente apareceram em *Vinyar Tengwar* 41, de julho de 2000. Ao combinar essa informação com algumas deduções lingüísticas, provavelmente podemos decidir as principais características do sistema que Tolkien tinha em mente.

Conforme aparecem em várias fontes, os verbos do quenya parecem encaixar-se em duas categorias *principais* (embora haja alguns verbos em nosso corpus que também não se encaixem facilmente, mesmo se excluirmos o material mais primitivo em “qenya” onde algumas coisas realmente estranhas acontecem no sistema verbal). A primeira e maior categoria é a dos que podem ser chamados de *radicais A*, pois todos terminam em *-a*. Outro termo para os mesmos é verbos *derivados*, pois esses verbos nunca representam uma “palavra raiz” primitiva evidente, mas são produzidos ao *adicionarem-se desinências* a essa raiz. As mais freqüentes dessas desinências são *-ya* e *-ta*; com muito menos freqüência vemos *-na* ou apenas *-a*. Exemplos:

calya- “iluminar” (raiz *KAL*)

tulta- “invocar, mandar buscar/vir” (raiz *TUL*)

harna- “ferir” (raiz *SKAR*; o *sk-* inicial primitivo tornou-se *h-* em quenya)

mapa- “agarrar, segurar” (raiz *MAP*)

(Por convenção, ao listarem-se radicais verbais como tais, adiciona-se um hífen no final; Tolkien geralmente assim o fazia em seus escritos. O “radical” de um verbo é uma forma básica pela qual começamos para produzir outras formas, tais como tempos diferentes.)

Se esses radicais A podem ser chamados de “verbos derivados”, a outra categoria consiste dos verbos “não-derivados” ou *primários*. Esses são verbos que não apresentam desinências como -ya, -ta, -na ou -a. Os radicais verbais em questão podem ser chamados “primários” ou “básicos” uma vez que eles representam essencialmente uma raiz primitiva sem adições. Por exemplo, o verbo **mat-** “comer” vem diretamente da raiz **MAT-** de significado similar. **Tac-** “fixar, apertar” representa a raiz **TAK-** “fixar, amarrar”. **Tul-** “vir, chegar” pode ser identificado com a raiz **TUL-** “chegar, aproximar, avançar” (compare o verbo *derivado* **tulta-** “mandar buscar/vir, invocar, trazer” da mesma raiz, produzido por meio da desinência -ta). No caso das raízes **MEL-** “amar” e **SIR-** “fluir”, Tolkien sequer incomodou-se em repetir as definições para os verbos em quenya **mel-** e **sir-** (ver LR: 372, 385).

Ao tratar dos verbos do quenya, às vezes precisamos referir-nos à *vogal raiz*. Essa é a vogal da palavra raiz que fundamenta o verbo conforme ele aparece em quenya. No caso de verbos primários como **mel-** “amar”, certamente é fácil identificar a vogal raiz, já que o e é a única vogal que há (e, sem dúvida, essa também é a vogal da raiz embaixadora **MEL-**). No caso de verbos derivados como **pusta-** “parar” ou **ora-** “impelir”, as vogais das desinências adicionadas (aqui -ta e -a) *não* contam como vogais raízes. **Pusta-**, por exemplo, é derivado de uma raiz **PUS-**, e sua vogal raiz é, portanto, **u**, e não **a**. Na maior parte dos casos, a vogal raiz é simplesmente a *primeira* vogal do verbo (mas não necessariamente, pois pode haver algum elemento prefixado).

Com isso temos os termos necessários identificados, e podemos finalmente começar a tratar da formação do presente. Antes de tudo, os verbos primários; o que parece ser o presente do verbo **mel-** “amar” é visto em LR: 61, onde Elendil diz a seu filho Herendil: **Yonya inyë tye-méla**, “Eu também, meu filho, te amo”. Aqui temos o verbo descrevendo uma ação presente ou em andamento (nesse caso, bem permanente). Outro exemplo de um verbo primário no presente aparentemente pode ser encontrado no próprio SdA, na famosa saudação **elen síla lúmenn’ omentielvo**, “uma estrela *brilha* [ou, *está brilhando*] sobre a hora do nosso encontro”. **Síla** parece ser o presente do verbo **sil-** “brilhar (com luz branca ou prateada)”, registrada no apêndice do *Silmarillion*. **Méla** e **síla** mostram a mesma relação com os simples radicais verbais **mel-** e **sil-**: as formas do presente são produzidas pelo *alongamento* da vogal raiz (isso é indicado ao fornecer-se um acento, é claro) e pela *adição* da desinência -a. Essa conclusão é sustentada por um exemplo de VT41: 13: o verbo **quet-** “falar, dizer” lá aparece no presente **quéta** “está dizendo”.

Embora formas como **méla** e **síla** possam ocasionalmente ser traduzidas usando-se o tempo presente em português, tendo-se assim “ama” e “brilha”, parece que o presente do quenya indica propriamente uma ação *contínua* ou progressiva que é melhor traduzida usando a construção gerundial “está...ndo” do português, como no exemplo **quéta** recém citado: isto é, “está dizendo” ao invés de apenas “diz”. A conclusão de que o presente do quenya indica propriamente ações *contínuas* também é sustentada por outra evidência: o presente em quenya do verbo primário **mat-** “comer” não é atestado em lugar algum no material publicado. Contudo, Tolkien afirmou que *mâtâ* era “o radical da forma contínua”, que poderia ser traduzida “está comendo” (VT39: 9; o *â* aqui indica um *a* longo, em quenya escrito *á*). Tolkien, na verdade, colocou um asterisco na frente de *mâtâ* para marcá-la como uma forma “não atestada”; logo, isso evidentemente deve ser considerado como élfico primitivo ao invés de quenya. Pode-se deduzir como o quenya evoluiu do idioma primitivo a partir de muitos outros exemplos, então sabemos que *mâtâ* apareceria como **máta**. Essa forma parece seguir o mesmo padrão de **méla**, **síla** e **quéta**: vogal raiz alongada e desinência -a (e olhando para trás, podemos deduzir que Tolkien pretendia que **méla**, **síla** e **quéta** viessem do élfico primitivo *mêlâ*, *sîlâ* e *kwêtâ*). Aparentemente, essas são todas formas “contínuas”; assim como a primitiva *mâtâ* “está comendo”, elas aparentemente enfatizam a natureza *progressiva* da ação: **síla** pode literalmente ser “está brilhando” ao invés de apenas “brilha”. Talvez o alongamento da vogal raiz simbolize de alguma forma essa ação progressiva. No caso de **méla** na frase **inyë tye-méla**, é mais natural traduzir “eu te amo” do que “eu estou amando você”, mas o último parece ser o significado mais literal.

Devemos então considerar a segunda e maior categoria de verbos, os radicais A. No caso deles, a informação do VT41 é de especial valor.

Parece que os radicais A formam seu presente de certo modo pela mesma regra dos verbos primários, mas a regra necessita de uma pequena “adaptação” para encaixar-se à forma do verbo de radical A. Nosso único exemplo atestado é o verbo **ora-** “incitar” ou “impelir”. VT41: 13, 18 indica que seu presente é **órëa** (“está impelindo”). Como no caso dos verbos primários, a vogal raiz foi alongada e a desinência -a foi adicionada. Porém, há uma complicação: uma vez que o radical verbal **ora-** *já* termina em -a, essa vogal é *modificada para e*, de modo a evitar *a’s* em sequência: o que seria **óra-a** manifesta-se como **órëa**. Assim, devemos concluir que verbos como **mapa-** “agarrar, segurar” e **lala-** “rir” aparecem como **mápëa** e **lálëa** no presente.

Radicais A curtos, como **ora-** ou **mapa-** são, entretanto, de uma forma particularmente pouco comum, visto que eles adicionam apenas a vogal simples -

a à raiz original. Como tratado acima, radicais A nos quais o -a final é apenas parte de uma desinência derivacional mais longa (com maior frequência -ya ou -ta) são muito mais comuns. Já citamos exemplos como *calya-* “iluminar” e *tulta-* “invocar” (raízes *KAL* e *TUL*). Tais radicais A “complexos” possuem um *encontro consonantal* após a vogal da raiz original, como *ly* e *lt* nesses exemplos. Não temos exemplos reais do presente de tal verbo. Se fôssemos aplicar o modelo que deduzimos existir a partir do exemplo *órëa* “está impelindo”, chegaríamos a formas como *?cályëa* “está iluminando” e *?túltëa* “está invocando”. Entretanto, parece haver uma regra fonológica em quenya que proíbe uma vogal longa imediatamente em frente a um encontro consonantal. Tudo indica que uma palavra como *?túltëa* não pode existir (mas, francamente, não estou muito certo sobre *?cályëa*, já que *ly/ny/ry* algumas vezes parecem contar como consoantes palatalizadas unitárias ao invés de encontros consonantais). Carecendo de exemplos reais, só podemos supor que em tal caso o alongamento da vogal simplesmente seria abandonado, de modo que o presente de verbos como *calya-* e *tulta-* seria *calyëa*, *tultëa* (embora, como recém indicadi, *?cályëa* *pode* ser possível, até onde sei). Isso é aplicável sempre que houver um encontro consonantal que sucede a vogal do radical verbal. Outros exemplos são *lanta-* “cair”, *harna-* “ferir” e *pusta-* “parar”, que formariam todos - aparentemente - suas formas do presente em -ëa: *lantëa* “está caindo”, *harnëa* “está ferindo”, *pustëa* “está parando”.

Devemos supor que este sistema também se aplica onde houver um *ditongo* no radical verbal, visto que, como uma vogal em frente de um encontro consonantal, um ditongo não pode ser alongado de modo algum. As formas no presente de verbos como *faina-* “emitir luz” ou *auta-* “passar” seriam presumivelmente *fainëa* e *autëa*.

Agora sabemos o suficiente para começar a construir frases simples:

Isil síla. “A lua está brilhando.” (presente *síla* formado a partir do verbo primário *sil-* “brilhar”)

I Elda lálëa. “O elfo está rindo.” (presente formado a partir do radical A curto *lala-* “rir”)

Lassë lantëa. “Uma folha está caindo.” (presente formado a partir do radical A complexo *lanta-* “cair”; não podemos ter **lantëa* paralelamente a *lálëa* porque uma vogal longa não pode ocorrer na frente de um encontro consonantal)

NOTA: algumas das minhas deduções acima foram criticadas pelo editor do VT, Carl F. Hostetter. Ninguém discute o fato de que verbos primários formam seu tempo presente ou “contínuo” ao alongar-se a vogal raiz e ao adicionar-se -a, mas a noção de que radicais A possuem formas de presente em -ëa provou-se controversa. É claro, isso está baseado no único exemplo, *órëa* (de *ora-* “impelir”), e foi o próprio Hostetter que publicou essa forma e sugeriu que esse é um exemplo do tempo presente/contínuo. Porém, é possível que a idéia de formas de presente em -ëa represente meramente uma variação de vida curta nas concepções evolutivas de Tolkien. Não modifiquei quaisquer dos exercícios abaixo, mas até sabermos

mais sobre as intenções precisas de Tolkien, os escritores podem optar por evitar as formas de presente em -*ëa* em suas próprias composições. Como discutiremos mais tarde, há um modo de resolver essa incerteza específica.

O SUJEITO E O OBJETO

Alguns termos úteis podem ser incluídos aqui. Sempre que você inclui um verbo na frase, indicando algum tipo de *ação*, você geralmente deve dedicar outra parte da frase para contar quem está *praticando* essa ação. A parte que *faz* o que for que o verbo diga-nos que está sendo feito constitui o *sujeito* da frase. Em uma frase como **Isil síla** “a lua está brilhando”, é **Isil** “a lua” o sujeito, uma vez que é a lua que *executa* o brilhar que nos é dito pelo verbo **síla**. Em uma frase como **i Elda máta** “o elfo está comendo”, **i Elda** “o elfo” é o sujeito, uma vez que o elfo *pratica o ato de comer*.

Essa mesma frase, **i Elda máta**, tem possibilidades. Podemos adicionar mais um elemento, como o substantivo **massa** “pão”, e conseguir **i Elda máta massa** “o elfo está comendo pão”. Ora, qual é a função dessa palavra adicionada? Ela é o “alvo” da ação verbal; nesse caso, o que é *comido*. O alvo da ação verbal é chamado de *objeto*, a contraparte passiva do sujeito ativo: o sujeito *pratica* alguma coisa, mas o objeto é *ao qual* o sujeito *faz algo*. O sujeito “*sujeita*” o objeto a algum tipo de ação. Essa “ação” pode, é claro, ser muito menos dramática do que “*sujeito come objeto*” como no exemplo acima. Por exemplo, ela pode ser tão sutil como na frase “o sujeito *vê* o objeto” (preencha com outros verbos de sentidos se você quiser), onde a “ação” do sujeito não afeta fisicamente o objeto de modo algum. Esse não é o ponto aqui. A idéia básica da dicotomia sujeito-objeto é simplesmente de que o *sujeito* faz algo *ao objeto*, embora “faz algo ao” deva ser às vezes compreendido em um sentido mais amplo.

NOTA: Note, porém, que em frases com o verbo de ligação **ná/nar** “*é/são*”, como por exemplo **i alda ná tasar** “a árvore é um salgueiro”, **tasar** “um salgueiro” *não* conta como o objeto de **i alda** “a árvore”. **i alda** é o *sujeito*, claro, visto que esse é o elemento que “pratica” o pouco de ação que há na frase: “a árvore *é*...”. Mas **tasar** “um salgueiro” não é o objeto, pois nessa frase “a árvore” não *faz* alguma coisa a “um salgueiro” - e a característica marcante do objeto é que alguma coisa *lhe* é feita. Ao invés de fazer algo ao salgueiro, a árvore *é* um salgueiro, e isso é completamente diferente: **tasar** é aqui o *predicado* de **i alda**, como vimos na lição anterior. Mas se substituirmos **ná** “*e*” por **máta** “está comendo”, voltamos para uma construção sujeito-verbo-objeto: **i alda máta tasar**, “a árvore está comendo um salgueiro”. Se você está desnecessariamente preocupado pelo fato disso soar um tanto absurdo, fique tranqüilo, pois a *gramática* está perfeita.

No caso de alguns verbos, pode não haver objeto. No caso de (digamos) **lanta-** “cair”, você pode ter um sujeito e dizer **i Elda lantëa** “o elfo está caindo”. Aqui o sujeito não faz nada *a* um objeto; é apenas o próprio sujeito que está fazendo alguma coisa. Com um verbo como **mat-** “comer”, é um tanto opcional preencher a frase com um objeto ou não: **i Elda máta (massa)** “o elfo está comendo (pão)”; isso funciona como uma frase completa mesmo sem o objeto. Mas alguns verbos, por seu significado, *exigem* um objeto, e se sentiria a frase incompleta sem ele. Se disser-

mos **i Elda mápëa** “o elfo está agarrando”, isso apenas levanta a questão “o elfo está agarrando *o quê?*”, e devemos propor um objeto para tornar a frase completa.

Na Carta Plotz, Tolkien ressaltou que em uma variante de quenya, conhecida como *quenya livresco*, os substantivos possuiriam uma forma especial se funcionassem como objetos. Substantivos no singular que terminassem em uma vogal teriam essa vogal alongada (por exemplo, **círya** “navio” se tornaria **círyá** se aparecesse como o objeto de uma frase), e substantivos que geralmente empregariam a desinência de plural **-r** a trocariam para **-i** (assim, “navios”, como objeto, seria **círyai** ao invés de **círyar**). Essa forma especial de “objeto” (em termos lingüísticos, o *caso acusativo*) era supostamente usada em quenya (arcaico?) escrito. Contudo, esse acusativo não aparece em quaisquer textos reais, tais como o *Namárië* ou mesmo a última versão do poema *Markírya*, que deve ser quase contemporânea à carta Plotz. Supõe-se que *Namárië*, cantado por Galadriel, talvez reflita o uso do quenya falado da Terceira Era. Seja qual for o caso, não uso o acusativo distinto nos exercícios que elaborei para este curso (ou em minhas próprias composições em quenya). Parece claro que o uso do acusativo estava longe de ser universal, dentro ou não do contexto imaginário. Logo, eu diria **círya(r)** para “navio(s)” mesmo se a palavra aparecesse como o objeto de uma frase.

CONCORDÂNCIA EM NÚMERO

Com os termos sujeito e objeto explicados, podemos tratar de outra característica do verbo em quenya. Assim como os adjetivos concordam em número com os substantivos que eles descrevem, *os verbos concordam em número com seus sujeitos*. Vamos dar uma olhada melhor no primeiro verso do *Namárië*, **laurië lantar lassi** “como ouro caem as folhas”, ou literalmente “douradas caem [as] folhas”. Aqui o adjetivo **laurëa** “dourado” aparece na forma plural **laurië** para concordar em número com o substantivo no plural **lassi** “folhas”, conforme discutimos na lição anterior. Mas o verbo **lanta-** “cair” também deve concordar com seu sujeito no plural **lassi**. O verbo **lanta** recebe então a desinência **-r**. (O próprio verbo aparece no chamado *aoristo*, a ser tratado mais tarde; você pode pensar no aoristo **lantar** vs. o presente **lantëar** como correspondentes aos verbos portugueses “caem” vs. “estão caindo”, respectivamente.) A desinência de plural **-r** nós já encontramos no caso dos substantivos, como em **Eldar** “elfos”, mas os substantivos também possuem plurais em **-i**, dependendo da sua forma. No caso de verbos, a desinência de plural **-r** parece ser universal, não importando como o verbo seja. A desinência **-r** não é restrita ao presente dos verbos, mas é aparentemente usada em todos os tempos, sempre que ocorre um sujeito no plural.

Basicamente já encontramos a desinência de plural verbal no verbo **nar** “são”, o plural de **ná** “é”. (Pode-se perguntar por que **ná** não se torna **ʔnár** com a vogal longa intacta. A última forma pode muito bem ser tornada válida, mas **nar** “são”, com um **a** curto, é pelo menos pouco propensa à confusão com o substantivo **nár** “chama”.)

Sujeitos múltiplos possuem o mesmo efeito sobre o verbo como um (único) sujeito no plural, com o verbo recebendo a desinência **-r** em ambos os casos:

I araar. “Os reis estão comendo.” (sing. **I aran máta.** “O rei está comendo.”)

I aran ar i tári mátar. “O rei e a rainha estão comendo.” (se você quiser que o verbo **mat-** “comer” apareça aqui na forma singular do presente, **máta**, você deve livrar-se ou do rei ou da rainha, para que haja apenas um sujeito)

Por outro lado, ele não possui efeito sobre o verbo se tivermos um *objeto* no plural ou objetos *múltiplos*; ex: **i aran máta massa ar apsa** “o rei está comendo pão e carne” (**apsa** “comida cozida, carne”). O verbo concorda em número apenas com o sujeito.

Tem-se geralmente admitido que o verbo possui apenas uma forma plural, a desinência **-r** sendo universal. Em outras palavras, o verbo recebe a desinência **-r** não apenas onde o substantivo sujeito aparece no plural “normal” (desinência **-r** ou **-i**), mas também onde ele é dual (desinência **-u** ou **-t**) ou quando aparece na forma do “plural partitivo” (desinência **-li**). Entretanto, não temos exemplos reais do quenya no estilo do SdA, e em particular não rejeitarei a possibilidade de que possa haver uma forma *dual* especial do verbo para combinar com os sujeitos duais (desinência **-t** quanto a maioria dos substantivos, como **Aldu sílat** ao invés de **Aldu sílar** para “as Duas Árvores estão brilhando”?) O material publicado não permite uma conclusão exata sobre essa questão; logo, simplesmente evitarei sujeitos duais nos exercícios deste curso.

A última coisa que devemos considerar ao tratar do verbo é a questão da *ordem das palavras*. Onde na frase o verbo realmente se encaixa? Frases portuguesas geralmente listam o sujeito, o verbo e o objeto (se há algum objeto) nessa ordem. O leitor atento terá notado que a maioria das frases em quenya acima é organizada da mesma maneira. Essa parece ser a ordem das palavras *mais típica* na prosa do quenya. Exemplos de sujeito e verbo nessa ordem incluem **lassi lantar** “folhas caem” e **mornië caita** “escuridão se deita [sobre as ondas espumantes]” - ambas da versão em prosa do *Namárië*. Mas existem também exemplos do verbo sendo colocado antes; ex: o grito de Fingon antes da Nirnaeth Arnoediad: **Auta i lómë!**, literalmente “Passa a noite!”, mas traduzida “A noite está passando!” no *Silmarillion* cap. 20. De fato, ambos os exemplos citados acima da ordem sujeito-

verbo, do *Namárië* prosaico, aparecem na ordem verbo-sujeito na versão poética no SdA: **lantar lassí, caita mornië**. Em português, colocar o verbo na frente é um modo de tornar um enunciado declarativo em uma pergunta; ex: “elfos são bonitos” vs. “são os elfos bonitos?”, mas esse modo de formar perguntas evidentemente não funciona em quenya. (**Auta i lómë!** “passa a noite!” para “a noite está passando!” talvez seja um exemplo de estilo dramático ou fala afetuosas; a ação verbal é obviamente considerada mais importante do que o sujeito que a pratica. Desconfio que se diria em um contexto menos dramático **i lómë auta**.)

O *Namárië* também fornece um exemplo de uma frase com sujeito, verbo e objeto: **hísië untúpa Calaciryó míri**, “a névoa [*sujeito*] cobre [*verbo*] as jóias de Calacirya [*essa expressão inteira sendo o objeto*]”. Todavia, a ordem das palavras é novamente bastante flexível, especialmente na poesia, como mostram outros exemplos do *Namárië*. Temos objeto-sujeito-verbo na frase **máryat Elentári ortanë**, literalmente “suas mãos (a) Rainha das Estrelas ergueu” (no SdA traduzido “a Rainha das Estrelas... ergueu suas mãos”). A frase **ilyë tier undulávë lumbulë**, literalmente “todos caminhos cobertos pelas trevas”, possui a ordem objeto-verbo-sujeito (no SdA, Tolkien usou a tradução “todos os caminhos mergulharam fundo nas trevas”). Na versão em prosa do *Namárië*, Tolkien reorganizou interessantemente ambas as frases em construções sujeito-verbo-objeto: **Elentári ortanë máryat, lumbulë undulávë ilyë tier**. Essa é a nossa base principal para supor que essa é a ordem normal, preferida onde não há considerações poéticas ou dramáticas a serem feitas.

Em geral, deve-se ter cuidado ao colocar-se o objeto antes do sujeito, pois isso pode em alguns casos causar confusões, tal como que palavra *é* o objeto e qual *é* o sujeito (visto que a forma mais comum de quenya não mantém um caso acusativo distinto para indicar o objeto). Tais inversões são, entretanto, bastante admissíveis quando o sujeito é singular e o objeto é plural ou vice versa. Então o verbo, concordando em número apenas com o sujeito, o identificará indiretamente. Na frase **ilyë tier undulávë lumbulë** podemos claramente perceber que deve ser **lumbulë** “sombra, treva” e não **ilyë tier** “todos caminhos” o sujeito, porque o verbo **undulávë** *não* recebe a desinência -r para concordar com a palavra no plural **tier**. Assim, essa expressão não pode ser o sujeito - mas o substantivo singular **lumbulë** “sombra, treva” pode.

Mais Sobre Adjetivos

No português e em outros idiomas europeus, os adjetivos possuem formas especiais que são usadas para *comparação*. Em português, os adjetivos têm uma forma *comparativa* que é construída ao adicionarem-se as palavras *mais*, *tão* ou *menos* antes do adjetivo; eis as fórmulas dos três modos:

- mais + *adjetivo* + (do) que [comparativo de superioridade].
- tão + *adjetivo* + como (ou quanto) [comparativo de igualdade].
- menos + *adjetivo* + (do) que [comparativo de inferioridade].

Os adjetivos também possuem uma forma *superlativa* que é construída das seguintes maneiras:

- intensificando-se a qualidade de um ser *em* relação a um conjunto de seres. Ex.: Ele é **o mais inteligente da classe**.

- intensificando-se a qualidade de um ser *sem* relação com outros seres. Pode ser feita de duas formas:

- com o auxílio de palavras que dão idéia de intensidade (**muito, extremamente...**). Ex.: Ele é **muito** inteligente.

- por meio do acréscimo de sufixos (**-íssimo, -rimo, -imo**). Ex.: Ele é **intelligentíssimo**.

Alguns adjetivos, porém, possuem formas especiais quando apresentados em certos modos de comparativo e superlativo. São eles: **bom, mau, grande e pequeno**, que se tornam **melhor, pior, maior e menor**, respectivamente. Essas formas especiais do comparativo e superlativo são obrigatórias, especialmente porque é assumida em uma única palavra a idéia de intensidade do adjetivo; exemplos:

Ele é **mais bom** como vendedor do que como dentista. [Inadequado]

Ele é **melhor** como vendedor do que como dentista. [Adequado]

Na primeira versão desta lição de quenya, publicada em dezembro de 2000, escrevi: “mas em tratando-se do quenya, não há muito que podemos dizer. O material publicado não inclui absolutamente quaisquer informações sobre formas comparativas; ainda nem temos uma palavra independente para ‘mais’.” Desde então, a situação felizmente mudou; durante 2001, mais algumas informações apareceram nos jornais *Tyalië Tyelelliéva* (edição 16) e *Vinyar Tengwar*. Agora conhecemos uma fórmula especial que é usada para comparação: “A é mais brilhante que B” pode ser expressa como “A **ná calima lá** B”, literalmente “A é brilhante além de B” (VT42: 32). Entretanto, a palavra **lá** possui outros significados fora “além”, e será mais prático tratar e praticar seu uso em comparação em uma lição posterior (“Os vários usos de *lá*”, Lição Dezoito).

Aqui iremos concentrar-nos na forma *superlativa* dos adjetivos. É um tanto inquietante observar que, quando Tolkien estava fazendo uma tradução em quenya da Litanias de Loreto, ele interrompeu-a antes de traduzir a forma superla-

tiva latina *purissima* “a mais pura” - como se ele mesmo não tivesse certeza de como traduzi-la VT44: 19). Um pedacinho de informação está disponível há muito tempo: em Letters: 278-279, Tolkien explicou a forma adjetiva **ancalima**, que ocorre no SdA. Traduzindo-a como “excessivamente brilhante”, ele afirmou que isso é **calima** “brilhante” com o elemento **an-** adicionado, o último sendo um “prefixo superlativo ou intensivo”. Por essa razão, muitos escritores têm usado o prefixo **an-** como o equivalente da estrutura em português “**o(a) mais** [adjetivo] **de/do(s)/da(s)** [substantivo]”, para construir a forma superlativa de adjetivos - ex: **anvanya** “o(a) mais belo(a)” de **vanya** “belo, lindo” (mas deve ser entendido que **ancalima** permanece como nosso único exemplo *atestado* de **an-** usado nesse sentido).

Pode-se perguntar se a forma que é criada ao prefixar-se **an-** é realmente a equivalente de um superlativo em português, isto é, uma forma de adjetivo que implica ter a maior parte da propriedade envolvida *em comparação com certas outras*. Pode-se notar que Tolkien traduziu **ancalima** não como “o mais brilhante”, mas sim como “excessivamente brilhante”. Ao descrever **an-** como um “prefixo superlativo ou intensivo”, ele quase parece querer dizer “prefixo superlativo *ou mais exatamente* intensivo”. Logo, talvez **an-** signifique “muito, excessivamente” ao invés de “o mais” em comparação com outros. Observa-se, porém, que o contexto no qual a palavra encontra-se parece indicar uma certa quantidade de “comparação”: no SdA, **ancalima** ocorre como parte do grito de Frodo na toca de Laracna (volume 2, Livro Quatro, capítulo IX): **Aiya Eärendil Elenion Ancalima**. Nenhuma tradução é dada no próprio SdA, mas Tolkien afirmou posteriormente que isso significa “salve Eärendil, a mais brilhante das estrelas” (Letters: 385). Na mitologia de Tolkien, Eärendil, carregando a reluzente Silmaril, foi colocado nos céus como a mais brilhante das estrelas. Logo, aqui o significado parece ser o de um superlativo genuíno, “a mais brilhante” no sentido completo de “mais brilhante do que todas as outras”. De qualquer modo, nenhuma outra informação sobre como formar o superlativo aparece nas obras publicadas, então não temos outra opção a não ser usar essa formação. Devemos, entretanto, estar preparados, pois publicações futuras podem fornecer mais informações sobre isso, envolvendo formações alternativas do superlativo.

O prefixo **an-** nessa forma não pode ser mecanicamente prefixado a *qualquer* adjetivo do quenya, ou algumas vezes apareceriam encontros consonantais que o quenya não permite. **An-** pode ser prefixado “assim como está” a adjetivos que começam por uma vogal ou por **c-**, **n-**, **qu-**, **t-**, **v-**, **w-**, e **y-**:

an + alta “grande (em tamanho)” = **analta** “o maior”

an + calima “brilhante” = **ancalima** “o mais brilhante” (nosso único exemplo *atestado*!)

an + norna “rígido” = **annorna** “o mais rígido”
an + quanta “completo” = **anquanta** “o mais completo”
an + vanya “belo, lindo” = **anvanya** “o mais belo/lindo”
an + wenya “verde” = **anwenya** “o mais verde”
an + yára “velho” = **anyára** “o mais velho”

Talvez também possamos incluir adjetivos em **f-** e **h-** (sem exemplos):

an + fána “branco” = ?**anfána** “o mais branco”
an + halla “alto” = ?**anhalla** “o mais alto”

O que aconteceria em outros casos não podemos dizer com certeza. Ou uma vogal extra (provavelmente **e** ou **a**) seria inserida entre o prefixo e o adjetivo para romper o que seria, de outro modo, um encontro impossível, ou o **-n** final do prefixo mudaria, tornando-se mais parecido (ou completamente parecido) com a primeira consoante do adjetivo. Tal *assimilação* é observada em outra parte no nosso corpus, de modo que essa também tem que ser nossa teoria favorita acerca do comportamento do **an-**. Antes da consoante **p-**, o **n** de **an** é pronunciado provavelmente com os lábios unidos, porque a pronúncia do **p** envolve tal união; assim, o **n** torna-se **m**. De **pitya** “pequeno” teríamos assim **ampitya** para “o menor”, essa sendo a palavra impossível **anpitya** remanejada em uma forma admissível (o quenya não possui **np**, mas o encontro **mp** é freqüente mesmo em palavras unitárias).

Antes das consoantes **l-**, **r-**, **s-**, e **m-**, o **n** final de **an-** provavelmente seria completamente assimilado, isto é, tornaria-se idêntico à consoante seguinte:

an + lauca “aquecido” = **allauca** “o mais aquecido”
an + ringa “frio” = **arringa** “o mais frio”
an + sarda “duro” = **assarda** “o mais duro”
an + moina “querido, caro” = **ammoina** “o mais querido/caro”

Cf. assimilações confirmadas tais como **nl** tornando-se **ll** na palavra composta **Númel-lótë** “Flor do Oeste” (CI: 477, claramente uma aglutinação das palavras bem conhecidas **númen** “oeste” e **lótë** “flor”). Quanto ao grupo **nm** tornar-se **mm**, esse desenvolvimento é visto no nome do elfo **vanyarin Elemmírë**, mencionado no *Silmarillion*: seu nome aparentemente significa “Jóia Estelar” (**elen** “estrela” + **mírë** “jóia”).

Sumário da Lição Cinco: duas categorias principais de verbos do quenya são a dos verbos *primários*, que representam uma raiz primitiva sem adições, e a dos *radicais*

A, que adicionam uma desinência que inclui a vogal **a** à raiz original (às vezes o **-a** sozinho, mas geralmente alguma desinência mais longa como **-ya** ou **-ta**). Os verbos primários formam seu presente ao alongar-se a vogal raiz e ao adicionar-se **-a**; ex: **síla** “está brilhando” a partir de **sil-** “brilhar”. Os radicais A formam seu presente de certa forma pela mesma regra, mas quando a desinência **-a** é adicionada a tal radical (já terminando em **-a**), o que seria **-aa** é mudado para **-ëa**. No nosso único exemplo atestado do presente de um radical A, **órëa** a partir de **ora-** “impelir”, a vogal raiz foi alongada. Contudo, até onde compreendemos a fonologia do quenya, uma vogal longa não pode ocorrer normalmente na frente de um encontro consonantal, e a maioria dos radicais A possui um encontro consonantal que sucede a vogal raiz (ex: **lanta-** “cair”, **hilya-** “seguir”). Presumivelmente, tais verbos formariam seu presente em **-ëa**, mas a vogal raiz permaneceria curta. Apenas os (relativamente poucos) radicais A que *não* possuem um encontro consonantal que sucede a vogal raiz podem alongá-la no tempo presente. (NOTA: *algumas pessoas consideram todas as formas de presente em -ëa especulativas, e os estudantes devem compreender que, dada a escassez de material de fonte, novas publicações podem alterar significativamente esse cenário. O uso de tais formas nos exercícios abaixo deve ser considerado uma reconstrução ou extrapolação tentativa, e não necessariamente um “fato de Tolkien”.*) - Um verbo concorda com seu sujeito em *número*, recebendo a desinência **-r** se o sujeito está no plural: **elen síla** “uma estrela está brilhando”, **eleni sílar** “estrelas estão brilhando”.

Uma forma *superlativa* de adjetivos pode ser produzida ao adicionar-se o prefixo **an-**, como em **ancalima** “o mais brilhante” a partir de **calima** “brilhante”. Devemos, porém, supor que o **n** desse prefixo é em muitos casos assimilado à primeira consoante do adjetivo, ou surgiriam encontros consonantais que a fonologia do quenya não permite. Por exemplo, **an-** + **lauca** “aquecido” pode produzir **allauca** para “o mais aquecido” (***anlauca** sendo uma palavra impossível).

VOCABULÁRIO

canta “quatro”

Nauco “anão”

parma “livro”

tiuca “grosso, gordo”

mapa- verbo “agarrar, segurar”

tir- verbo “observar, vigiar, guardar”

lala- verbo “rir” (de acordo com uma fonte tardia, PM: 359; em material primitivo o verbo **lala-**, de uma derivação bem diferente, tem o significado de “negar”: ver a entrada **LA** em *Etimologias*. Não precisamos discutir se um torna o outro obsoleto; aqui usaremos **lala-** para “rir” somente.)

caita- verbo “deitar”

tulta- verbo “invocar, mandar buscar/vir”

linda- verbo “cantar” (cf. a palavra **Ainulindalë** ou “Música [lit. Canto] dos Ainur”)

mat- verbo “comer”

cenda- verbo “ler”

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português:

A. I nís lálëa.

B. I antiuca Nauco máta.

C. I tári tíra i aran.

D. I analta oron ná taura.

E. I nér tultëa i anvanya vendë.

F I aiwë lindëa.

G. I Naucor mápëar i canta Eldar.

H. I antaura aran ná saila.

2. Traduza para o quenya:

I. A mulher está observando o maior navio.

J. Os piores homens estão mortos.

K. O elfo está segurando o livro.

L. Quatro homens estão deitados sob uma árvore.

M. O elfo mais sábio está lendo o livro. (*cuidado*: o que provavelmente acontece ao prefixo superlativo quando ele é adicionado a uma palavra como **saila** “sábio”?)

N. O rei e a rainha estão lendo o livro.

O. Os pássaros estão cantando.

P. Os quatro anões estão observando um pássaro.

LIÇÃO SEIS

Pretérito

A lição anterior tratou do tempo *presente* do quenya, que é tipicamente usado para descrever uma presente ação corrente. Contudo, o quenya possui diferentes tempos que abrangem a trindade inteira de pretérito, presente e futuro, e ao recontar eventos passados, se usará geralmente o *pretérito*.

No quenya, a maioria das formas do pretérito é construída por meio da adição de uma desinência ao radical verbal. Até onde sabemos, todos os verbos no pretérito terminam com a vogal -ë (embora desinências adicionais, tais como a desinência de plural -r que é usada no caso de um sujeito no plural podem, é claro, ser acrescentadas após essa vogal). Em muitos casos, esta vogal -ë é parte da desinência -në, que parece ser a desinência de pretérito mais comum em quenya.

Como tratado na lição anterior, a maioria dos verbos do quenya é da classe dos *radicais A*, o que significa que eles terminam na vogal -a. O pretérito desses verbos é geralmente formado ao adicionar-se simplesmente a desinência -në. Por exemplo, o *Etimologias* menciona o verbo **orta-** “levantar, erguer” (ver a entrada *ORO*), e no *Namárië* no SdA seu pretérito é visto como sendo **ortanë**. (A tradução mais simples de **ortanë** é, claro, “levantou, ergueu”.) Outros exemplos a partir das notas de Tolkien:

ora- “incitar”, pretérito **oranë** “incitou” (VT41: 13, 18)

hehta- “excluir”, pretérito **hehtanë** “excluiu” (WJ: 365)

ulya- “derramar, verter”, pretérito **ulyanë** “derramou, verteu” (Etim, entrada *ULU*)

sinta- “desvanecer”, pretérito **sintanë** “desvaneceu” (Etim, entrada *THIN*)

Podemos incluir o verbo **ahyanë** “mudou”, visto desse modo apenas no pretérito, como parte da pergunta **manen lambë quendion ahyanë[?]** “como o idioma dos elfos mudou?” (PM: 395). O verbo “mudar” seria **ahya-**.

A respeito do verbo **ava-** (aparentemente significando “recusar, proibir”), Tolkien observou que seu pretérito **avanë** “revelava que em sua origem ele não era um radical verbal ‘forte’ ou básico”. O último parece ser mais ou menos como um verbo primário. Ele chamou **avanë** de uma forma de pretérito “fraca” (WJ: 370). Isso provavelmente aplica-se a todos os pretéritos até agora tratados. (O que Tolkien chamaria de um pretérito “forte” não está muito claro. Talvez ele fosse usar esse termo para pretéritos formados por meio de *infixação nasal* - ver abaixo.)

Devemos também considerar os verbos “básicos” ou “primários” sem desinência, verbos que, ao contrário dos radicais A, não possuem uma vogal final: verbos como **sil-** “brilhar”, **tir-** “observar” e **mat-** “comer”.

Parece que a desinência **-në** também pode ser usada para formar o pretérito de alguns verbos primários. Tolkien mencionou **tirnë** como o pretérito do verbo **tir-** “observar” (Etim, entrada *TIR*), e ele também citou **tamnë** como o pretérito do verbo **tam-** “bater (de leve)” (Etim, entrada *TAM*). Nesses casos, adicionar **-në** aos radicais verbais em questão não produz encontros consonantais impossíveis: tanto **rn** como **mn** são permitidos pela fonologia do quenya. Por essa razão, a desinência **-në** pode ser também *provavelmente* adicionada a radicais verbais que terminam em **-n**, visto que **nn** é da mesma forma uma combinação completamente aceitável em quenya. Por exemplo, o pretérito do verbo **cen-** “ver” é presumivelmente **cennë** “viu”, embora não tenhamos um exemplo do pretérito de um verbo dessa forma.

Mas sempre que o radical de um verbo básico terminar em qualquer *outra* consoante que não **-m**, **-n**, ou **-r**, simplesmente adicionar a desinência **-në** produziria encontros consonantais que o quenya não possui. As formas do pretérito de verbos como **mat-** “comer”, **top-** “cobrir” ou **tac-** “atar, unir, ligar” não podem ser ****matnë**, ****topnë** e ****tacnë**, pois encontros como **tn**, **pn** e **cn** não são encontrados no idioma. O que acontece então?

O modo difícil de descrever o que ocorre é dizer que o **n** da desinência **-në** é substituído por uma *infixação nasal* colocada antes da última consoante do radical verbal. O que é “infixação”? Já mencionamos os *suffixos*, elementos adicionados no final de uma palavra (como a desinência de plural **-r**, anexada ao substantivo **Elda** na sua forma plural **Eldar**), e os *prefixos*, elementos adicionados no começo de uma palavra (como o prefixo superlativo **an-**, anexado ao adjetivo **calima** “brilhante” em sua forma superlativa **ancalima** “o(a) mais brilhante”). Se você quer adicionar algo a uma palavra, há apenas três lugares para encaixá-la nela; se não for para ser *prefixado* ou *suffixado*, a última opção é *infixá-lo*, isto é, comprimi-lo no *interior* da palavra. Por exemplo, o verbo **mat-** “comer” possui o pretérito **mantë** “comeu” (VT39: 7), com um **n** *infixado* aparecendo antes da consoante final do radical verbal (**t** tornando-se **nt**). De forma parecida, o verbo **hat-** “quebrar em pedaços” possui o pretérito **hantë** (Etim, entrada *SKAT*).

Antes da consoante **p**, o infixo toma a forma de **m** ao invés de **n**, de modo que o pretérito de **top-** “cobrir” é **tompë** (Etim, entrada *TOP*). Antes de **c**, o infixo aparece como **n** (ou, na verdade, **ñ**; ver abaixo), de forma que o pretérito de **tac-** “atar, unir, ligar” é **tancë** (Etim, entrada *TAK*). As várias formas do infixo **- n**, **m** ou **ñ**, dependendo da circunstância - são todas *nasais*, sons emitidos ao fazer a

corrente de ar dos pulmões sair através do nariz ao invés da boca. Assim, *infixação nasal* é um termo apropriado para esse processo fonológico.

Como eu disse, esse era o modo difícil de determinar o que acontece. Colocando de maneira mais simples: se adicionar a desinência de pretérito **-në** a um verbo primário resulta em quaisquer dos encontros impossíveis **tn**, **cn** e **pn**, o **n** e a consoante antes dele trocam de lugar. **Tn** e **cn** simplesmente se tornam **nt** e **nc**; o que seria **np** muda para **mp** para facilitar a pronúncia. (Realmente, o que seria **nc** muda similarmente para **ñc**, usando **ñ** para **ng** como em *king* como Tolkien fez algumas vezes - mas de acordo com as convenções ortográficas aqui empregadas, **ñc** é representado simplesmente como **nc**.) Assim:

mat- “comer”, pretérito (***matnë* >) **mantë** “comeu”

top- “cobrir”, pretérito (***topnë* > ***tonpë* >) **tompë** “cobriu”

tac- “atar, unir, ligar”, pretérito (***tacnë* >) **tancë** “atou, uniu, ligou”

Esse, ao menos, é um modo fácil de se imaginar a situação para propósitos pedagógicos. Não podemos saber com certeza se Tolkien imaginou ser esse o desenvolvimento real - uma forma parecida com **matnë** realmente ocorre em um estágio mais primitivo, mas posteriormente tornando-se **mantë** ao trocar-se as consoantes **t** e **n**. O termo lingüístico para tal mudança de dois sons é *metátese*, e existem outros exemplos de consoantes que sofrem metátese na evolução imaginária dos idiomas de Tolkien (ver por exemplo *Etimologias*, entrada *KEL*-). Contudo, algumas pistas sugerem que Tolkien imaginou esses pretéritos para refletir uma infixação nasal “genuína” que já ocorria no élfico primitivo, e não meramente uma posterior transposição de consoantes. Afinal, ele fez um de seus personagens observar que a “infixação nasal é de considerável importância no avalloniano” (SD: 433; avalloniano é outro termo para quenya). Mas essa é uma questão acadêmica.

Verbos primários com **-l** como sua consoante final devem receber uma atenção especial. É dito que o verbo **wil-** “voar” possui o pretérito **villë** (Etim, entrada *WIL*). Esse **ll** provavelmente representa alguma combinação de **l** e **n**. Talvez **villë** represente o **wilnë** mais antigo com a desinência normal de pretérito (note que, nesse caso, o **v** vem de **w** antigo: raiz *WIL*), o grupo **ln** tornando-se **ll** em quenya. Entretanto, outros exemplos sugerem que o **ln** mais antigo produziria, ao invés disso, o **ld** do quenya. Pode bem ser que **villë** tenda a representar **wilnë** mais antigo, isto é, uma variante infixada nasalmente do verbo **wil-** (uma vez que **nl** também tornou-se **ll** em quenya; por exemplo, é dito que o substantivo **nellë** “riacho” vem de *nen-le* mais antigo: Etim, entrada *NEN*). Seja qual for o

desenvolvimento que Tolkien possa ter imaginado, verbos primários com *l* como sua consoante final parecem formar seu pretérito ao adicionar-se *-lë*.

NOTA: em *telerin*, o idioma irmão do quenya no Reino Abençoado, é dito que um verbo formado a partir de uma raiz *DEL* (“ir”) possui o pretérito *delle*: WJ: 364. Como apontado por Ales Bican, essa forma provavelmente descende de *denle* mais antigo (com infixação nasal). Se descendesse de *delne*, ela provavelmente teria permanecido a mesma no *telerin*, visto que o encontro *ln* é permitido nesse idioma (cf. uma palavra *telerin* como *elni* “estrelas”, WJ: 362). Essa observação sustenta a visão de que pretéritos com infixação nasal já ocorriam no élfico primitivo.

O sistema mencionado acima é o que eu consideraria o modo “regular” de formar-se o pretérito de um verbo em quenya. Isto é, enquanto um verbo adequar-se a esse sistema, não listarei explicitamente seu pretérito quando mencioná-lo pela primeira vez. Todos os pretéritos nos exercícios abaixo são construídos de acordo com esse sistema, de modo que a sua tarefa desta vez é assimilar as regras acima. Algumas formas irregulares serão tratadas em lições posteriores, mas, ainda assim, analisaremos aqui certas formações de pretérito “alternativas” (compará-las com formas mais regulares pode realmente ser útil para memorizar o sistema normal - mas não se espera que o estudante memorize essa análise como tal). Logo, aproveite o que puder do que for tratado abaixo, e prosiga para os exercícios quando achar que já absorveu o suficiente.

O pretérito de verbos primários com *-r* como sua consoante final é relativamente bem atestado: exemplos atestados incluem *car-* “fazer”, pret. *carñë* (Etim, entrada *KAR*), *tir-* “observar, vigiar, guardar”, pret. *tirñë* (Etim, entrada *TIR*) e *tur-* “governar”, pret. *turnë* (Etim, entrada *TUR*). Assim, acima enunciamos a regra na qual verbos desse tipo possuem formas de pretérito que são construídas ao adicionar-se o sufixo *-në*. Mas uns poucos verbos comportam-se muito diferentemente. O pretérito do verbo *rer-* “semear” não é ***rernë* como poderíamos supor, mas *rendë*: ver Etim, entrada *RED*. A razão para isso é precisamente o fato de que a palavra raiz original era *RED* ao invés de ***RER*. Desse modo o verbo *rer-* apareceu como *red-* em um estágio primitivo e, portanto, o pretérito *rendë* é na verdade bastante “regular”: ele é formado simplesmente a partir de *red-* por meio de infixação nasal + a desinência *-ë* (assim como um verbo regular tal como *quet-* “dizer” possui o pret. *quentë*). O que complica um pouco essa questão é que, em quenya, o *d* original sobreviveu apenas como parte dos encontros *ld*, *nd*, e *rd*; em todas as outras posições ele foi modificado, e após um vogal ele geralmente tornou-se *r*. Dessa forma *red-* transformou-se em *rer-*, enquanto o pretérito *rendë* permaneceu incólume pelas mudanças fonológicas. Nessa perspectiva, o verbo não é, estritamente falando, de nenhum modo “irregular”; ele apenas comporta-se diferentemente porque ele possui uma história especial - e isso se aplica a muitas das “irregularidades” em quenya: como observado pelo seu filho, as criações linguísticas de Tolkien “idea-

lizavam o idioma não como uma ‘estrutura pura’, sem ‘antes’ ou ‘depois’, mas como um crescimento, no tempo certo” (LR: 342). Tolkien claramente gostava de deixar várias indicações sobre esse longo “crescimento” imaginário.

Não conhecemos muitos verbos em -r que devam ter pretéritos em -ndë por causa de sua história especial. Do *Etimologias* devemos presumivelmente incluir os verbos **hyar-** “fender, partir” e **ser-** “descansar” (uma vez que esses vêm das raízes *SYAD* e *SED*; ver as entradas relevantes no Etim - mas Tolkien na verdade não mencionou as formas de pretérito **hyandë** e **sendë**). Em uma fonte pós-SdA temos um verbo **nir-** “pressionar, empurrar, forçar”; mais uma vez nenhuma forma de pretérito foi publicada, mas já que o radical é dado como *NID*, ela deve ser, ao que tudo indica, **nindë** ao invés de **nirnë** (VT41: 17). Mais exemplos atestados podem ser citados a partir de material de “qenya” primitivo, mas esses escritos não possuem autoridade no que diz respeito ao estilo de quenya do SdA. Por exemplo, o *Kenya Lexicon* de 1915 parece incluir o verbo **nyar-** “contar, relatar” nessa categoria (pretérito **nyandë**, QL: 68). Mas em material tardio, Tolkien produziu esse verbo a partir de uma raiz *NAR* (entrada *NAR*² no Etim) ao invés de *NAD*, de modo que agora que seu pretérito seria aparentemente regular (**nyarnë**).

Alguns verbos primários também aparecem usando uma formação de pretérito que dispensa quaisquer sons nasais. O verbo recebe a desinência -ë, a vogal usada por todas as formas de pretérito, mas ao invés de adicionar um som nasal (infixado ou como parte da desinência -në), a vogal raiz do verbo é *alongada*. Por exemplo, o pretérito do verbo **lav-** “lamber” é tido como **lávë** (visto no *Namárië* como parte do verbo **undulávë** “mergulhado, engolido”, isto é, “coberto”). Da mesma forma, é dito que o pretérito do verbo de negação **um-** “não fazer” ou “não ser” é **úmë** (Etim, entrada *UGUIUMU*; voltaremos a esse verbo peculiar na Lição Nove). Essa formação de pretérito é bastante comum no *Kenya Lexicon* primitivo, e ela também ocorre em fontes relativamente tardias (mas ainda pré-SdA). A *Canção de Fíriel*, de aproximadamente 1936, concorda com o *Lexicon* de 1915 que o pretérito do verbo **car-** “fazer” é **cárë** (QL: 45, LR: 72; a grafia usada nas fontes é **káre**). Contudo, de acordo com o *Etimologias* (entrada *KAR*), o pretérito é **carnë** - e essa é a forma que usaremos aqui: o *Etimologias* é, ao menos em parte, um pouco mais novo que a *Canção de Fíriel*. Seguindo o padrão de **cárë**, algumas fontes pré-SdA dão **túlë** como o pretérito do verbo **tul-** “vir, chegar” (LR: 47, SD: 246), mas **villë** como o pretérito de **vil-** no *Etimologias* sugere que o pretérito “veio, chegou” poderia ser, em vez disso, preferencialmente **tullë** (representando *tulne* ou *tunle* mais antigo).

Podemos parecer que Tolkien eventualmente decidiu limitar o uso da formação de pretérito representada por **túlë** e **cárë**, embora ela jamais tenha sido abandonada completamente, como a forma **undulávë** no *Namárië* no SdA demonstra.

Poderíamos realmente ter suposto que o pretérito de *lav-* “lamber” fosse ****lambë** ao invés de *lávë*. Uma forma de pretérito **lambë** seria construída por infixação nasal da palavra raiz original *LAB* (ela mesma registrada no Etim): em quenya, o **b** original geralmente torna-se *v* após uma vogal, mas **b** prosseguiu inalterado no grupo **mb**. O *Kenya Lexicon* realmente registra **ambë** como o pretérito de um verbo *av-* “partir” (QL: 33); esse pode ser um exemplo desse fenômeno. Entretanto, ****lambë** como pretérito de *lav-* entraria em conflito com o substantivo **lambë** “língua, idioma”; talvez seja por isso que Tolkien decidiu manter a formação irregular *lávë*. Ou devemos generalizar a partir de *lav-* e deixar *todos* os verbos primários do quenya em *-v* formarem seus pretéritos conforme o modelo de *lávë*?

Felizmente esses verbos não são muito numerosos. Há um verbo distinto *lav-* que significa “permitir, conceder” (raiz *DAB*, ver Etim), possivelmente um verbo **tuv-** “encontrar” (radical verbal isolado de uma forma mais longa), e mais **tyav-** como o verbo “experimentar, provar” (ver entrada *KYAB* no Etim). O pretérito “provou” deveria ser **tyambë** ou **tyávë**? A última forma de pretérito é na verdade atestada no *Kenya Lexicon* (pág. 49), mas, uma vez que no QL é visto o uso dessa formação de modo um tanto liberal comparada ao quenya tardio, não podemos ter certeza de que a informação é válida para os estágios posteriores da concepção de Tolkien. (*Tyávë* é atestada em uma fonte pós-SdA como o *substantivo* “gosto”; não está claro se isso vai contra a mesma forma, sendo usada como um pretérito “provou”. No *Lexicon* de 1915, Tolkien colocou substantivos e tempos verbais de sonoridade similar coexistindo; ver QL: 49, entrada *KUMU*.)

Existem alguns casos curiosos, onde mesmo verbos derivados longos (radicais A) *perdem suas desinências* e possuem pretéritos no estilo de *lávë* derivados diretamente da raiz sem desinência. Um exemplo primitivo é o verbo **serta-** “amarrar”, pretérito **sérë** (QL: 83) ao invés de ****sertanë** como poderíamos supor. Essas formações estão longe de serem incomuns no *Lexicon* de 1915, mas a idéia também não era completamente obsoleta no quenya posterior: *Etimologias*, da metade dos anos trinta, registra que o verbo **onta-** “gerar, criar” possui dois pretéritos possíveis: além da forma regular **ontanë**, temos também a forma irregular **ónë** (Etim, entrada *ONO*).

Os radicais A mais simples, aqueles que adicionam a desinência curta *-a* à raiz (e não desinências mais longas, como *-ta* ou *-ya*), também podem perder essa desinência em algumas formações de pretérito. Acima citamos a forma do QL **tyávë** como um pretérito atestado do verbo **tyav-** “provar, experimentar”, mas no *Lexicon* de 1915, o verbo “provar” é de fato dado como um radical A **tyava-**: ele não é um verbo primário **tyav-** como tornou-se em fontes tardias (QL: 49 vs. Etim, entrada *KYAB*). Dentro do último sistema, esperaríamos que um radical A **tyava-** tivesse o pretérito **tyavanë**, mas a validade de ambas as formas no estilo de

quenia do SdA é altamente questionável. Mais freqüentemente, os verbos radicais A mais simples possuem pretéritos que são “regulares” o suficiente - se você fingir que o -a final não existe! Acima citamos **oranë** como um exemplo do pretérito regular de um simples verbo radical A (**ora-** “impelir”), mas imediatamente após escrever **oranë**, Tolkien realmente adicionou **ornë** como uma alternativa parentética (VT41: 13). Certamente **ornë** seria uma forma perfeitamente regular se ela fosse o pretérito de um verbo primário ****or-** (cf. por exemplo **tur-** “governar”, pret. **turnë**). Na verdade, **ora-** pode comportar-se como um verbo primário no pretérito, descartando sua desinência e pulando para outra classe. O material mais primitivo possui exemplos do mesmo fenômeno: no QL, as formas de pretérito dos verbos **papa-** “tremar” e **pata-** “dar pancadas (secas e rápidas)” são dadas como **pampë** e **pantë** (pág. 72), e não ****papanë** e ****patanë** como suporíamos de acordo com o sistema “regular”. As formas de pretérito infixadas nasalmente seriam perfeitamente “regulares” se admitíssemos que no pretérito os verbos radicais A simples **papa-** e **pata-** estão disfarçados como verbos primários ****pap-** e ****pat-**. Assim, não podemos ter certeza se o pretérito do verbo **mapa-** “agarrar, segurar” deva ser **mapanë** ou **mampë**; os escritores têm usado ambos. Uma vez que Tolkien parece indicar que o pretérito de **ora-** possa ser tanto **oranë** como **ornë**, talvez ambos sejam admissíveis.

NOTA: em QL: 59, Tolkien de fato relacionou o pretérito de **mapa-** como **nampë** (sic!). No cenário de 1915, havia duas raízes variantes, **MAPA** e **NAPA**, que compartilhavam o pretérito **nampë**. Ousaríamos presumir que essa idéia ainda fosse válida décadas depois? O verbo **mapa-** é indicado em *Etimologias*, mas se Tolkien ainda tivesse imaginado seu pretérito como sendo tão irregular quanto **nampë**, inclino-me a pensar que isso também teria sido mencionado claramente no Etim. Além do mais, no Etim não há sinal da raiz alternativa **NAPA**; encontramos apenas **MAP** (LR: 371) correspondendo a **MAPA** no QL. Mas por outro lado, a forma **nampë** é atestada; logo, se você achar essa melhor do que as formas não atestadas **mapanë** ou **mampë**, sinta-se livre para usá-la.

O verbo **lala-** “rir” é outro exemplo de um dos radicais A mais simples. Ele pode ter o pretérito **lalanë**, mas também é possível que ele se comporte como um verbo primário no pretérito. Mas sendo assim, devemos levar em conta o fato de que **lala-** deva ser derivado de *g-lada-* mais antigo (PM: 359); esse é um dos casos onde um **d** original após a vogal tornou-se **l** ao invés de **r** (influenciado pelo **l** anterior na palavra). Então se **lala-** possui um pretérito “curto”, ele provavelmente não deve ser **lallë**, e sim **landë** - derivado de uma forma infixada nasalmente da palavra original *g-lada-*. Por outro lado, o parecido mas distinto verbo **lala-** “negar” encontrado em *Etimologias* (LR: 367) nunca incluiu um **d**, de modo que seu pretérito pode bem ser **lallë** (a menos que seja **lalanë**, e acho que inclino-me àquela forma).

O *Etimologias* realmente fornece poucos exemplos de radicais A ainda mais complexos que também perdem suas desinências e na verdade transformam a si mesmos em verbos primários no pretérito. É dito que o verbo **farya-** “bastar,

satisfazer” possui o pretérito **farnë** (Etim, entrada *PHAR*); aqui a desinência **-ya** inteira perde-se no pretérito, que é formado como se esse fosse um verbo primário ****fer-**. Baseados em tal exemplo regular como o que citamos acima - ou seja, **ulya-** “derramar, verter”, pretérito **ulyanë** - iríamos supor que o pretérito de **ferya-** fosse ****feryanë**. Mas, na verdade, mesmo o nosso exemplo “regular” **ulya-** também possui uma forma de pretérito alternativa **ullë** (Etim, entrada *ULU*), e esse é um exemplo particularmente interessante, pois Tolkien indicou que os dois pretéritos, **ulyanë** e **ullë**, não eram intercambiáveis. Eles possuíam significados um tanto diferentes. Haverá uma discussão mais completa disso na Lição Dez; por ora, basta dizer que creio que a maioria dos verbos em **-ya** mantém essa desinência quando o sufixo de pretérito **-në** é adicionado. (Mas **ullë**, como um pretérito de **ulya-**, formado diretamente a partir de **ul-** ao invés da forma completa do verbo, parece confirmar que verbos primários em **-l** geralmente têm pretéritos em **-lë**. Exceto por **ullë**, temos apenas o exemplo **vil-** “voar”, pret. **villë** com o qual contar - então uma confirmação adicional desse padrão, se indireta, é muito bem-vinda!)

Enfim, trataremos de uma estranha formação de pretérito que pode ocorrer no caso de verbos em **-ta**. Talvez ela não deva ser vista como irregular, pois Tolkien na verdade descreveu tal pretérito como “regular... para um verbo **-ta** dessa classe” (WJ: 366). No entanto, essa formação é menos do que clara. Ela é exemplificada já no material mais primitivo: o Lexicon de 1915 possui um verbo **lahta-** (QL: 50; o verbo não é claramente indicado), mas seu pretérito não é ****lahtanë** como poderíamos supor: ao invés disso encontramos **lahantë**. Em outras palavras, o verbo **lahta-** é remanejado para **lahat-** (a vogal raiz sendo repetida entre a segunda e terceira consoantes, desfazendo o encontro consonantal, enquanto que o **-a** final é retirado), e o pretérito **lahantë** é então formado a partir desse **lahat-** por meios de inflexão nasal e um **-ë** adicionado, em si um processo familiar bastante regular dos verbos primários.

Um exemplo muito mais tardio pode ser encontrado em *Etimologias*, onde o verbo **orta-** “erguer, levantar” recebe uma forma de pretérito como **orontë** (Etim, entrada *ORO*), embora **orontë** não é apresentado lá claramente como uma forma do quenya: no Etim, de fato não é evidente a que idioma pretendia-se que ela pertencesse. Contudo, em alguns dos rascunhos mais antigos de Tolkien para o *Namárië*, o pretérito de **orta-** aparecia como **orontë**, e não o “regular” **ortanë** como tornou-se na versão final. Então, o que acontece aqui?

Nossa única pista real é o que Tolkien escreveu em WJ: 366, onde ele, de forma um tanto surpreendente, afirmou que a forma **oantë** - o pretérito de **auta-** “ir embora, partir” - era bastante regular “para um verbo **-ta** dessa classe”. De acordo com o sistema “regular” que tentamos compreender, **oantë** ao invés de ****autanë**

parece inevitavelmente muito irregular. Tolkien produziu o verbo **auta-** a partir de uma raiz *AWA* (WJ: 365), de modo que sua forma no idioma primitivo deve provavelmente ser *awatâ* (minha reconstrução). Na medida em que o élfico primitivo evoluía para o quenya como o conhecemos, a segunda de duas vogais curtas idênticas em sílabas concomitantes foi perdendo-se com frequência; assim, *awatâ* teria sido encurtada para *aw'tâ* = *autâ*, e essa, por sua vez, é a ancestral direta do quenya **auta-**. Mas parece que o pretérito antigo de um verbo como *awatâ*, com uma vogal imediatamente anterior à desinência *-tâ*, era formado por infixação nasal: Tolkien claramente deu o pretérito do verbo primitivo como *awantê* (WJ: 366; a grafia lá usada é na verdade *áwa-n-tê*, os hífens antes e depois do *n* aparentemente enfatizando que esse é um infix - enquanto que o acento no *á* inicial aqui significa apenas que ele é enfatizado, e não que a vogal é longa).

No caso de uma palavra como *awantê*, a regra na qual a segunda de duas vogais curtas idênticas é perdida não pode ser aplicada (não sendo ***aw'ntê*), pois tal perda não ocorre imediatamente a frente de um encontro consonantal - e a infixação nasal aqui produziu um encontro *nt*. A forma quenya “definitiva” de *awantê*, ou seja, **oantë**, é um tanto obscurecida, pois o grupo *awa* posteriormente tornou-se **oa** em quenya - mas essa mudança não tem nenhuma relação com a formação do pretérito. Agora podemos explicar uma forma como **orontë** como o pretérito de **orta-**: em *Etimologias*, a raiz original é dada como *ORO* (LR: 379), então Tolkien provavelmente pretendia que o verbo **orta-** descendesse de *orotâ-* mais antigo após a perda normal da segunda vogal. Mas o pretérito desse *orotâ-* era a forma infixada nasalmente *orontê* (ambas são reconstruções minhas), e isso produziu em quenya **orontë**, a segunda vogal aqui sendo preservada por causa do encontro seguinte **nt** (ninguém gostaria de dizer ***orntë*!)

Quando Tolkien aparentemente mudou de opinião e alterou o pretérito de **orta-** de **orontë** para **ortanë** (uma forma “regular” de acordo com o sistema que apresentamos), ele pareceu sugerir que agora havia decidido que as formas primitivas seriam então *ortâ-*, com o pretérito *orta-nê*: no final das contas, nunca houve qualquer vogal imediatamente a frente da desinência *-tâ* e, portanto, o pretérito não era formado por infixação nasal, mas pela desinência independente *-nê* (> quenya *-në*). Esse não é o único exemplo de Tolkien aparentemente mudando de opinião sobre que verbos realmente pertencem a essa “classe” exclusiva. O *Etimologias* registra um verbo **atalta-** “desmoronar, ruir” (entrada *TALÁT*); nenhum pretérito é mencionado aqui, mas em um texto temos **atalantë** (LR: 56, traduzido “caída”). Isso parece pressupor que as formas primitivas eram *atalatâ-*, com o pretérito *atalantê* (minhas reconstruções, mas cf. WJ: 319 com respeito a *ATALAT* como uma forma derivada da raiz *TALAT*). Ainda assim, nos textos tardios de Tolkien o pretérito de

atalta- tornou-se **ataltanë** (LR: 47 e SD: 247), simplesmente formado pela adição da desinência normal **-në**. Logo, agora Tolkien presumivelmente veio a antever as formas primitivas como *ataltâ-*, pretérito *atalta-nê* (minhas reconstruções).

Se as aparentes revisões **orontë** > **ortanë** e **atalantë** > **altantanë** não refletem mudanças em suas idéias sobre formas do élfico primitivo, pode ser que ele tenha imaginado um desenvolvimento segundo o qual os Eldar substituíram as formações de pretérito mais complexas pelas formas análogas mais simples. Por exemplo, **orontë**, como pretérito de **orta-**, poderia ter sido substituído por **ortanë** por causa da analogia com tais formações claras de pretérito como **hehta-**, pret. **hehtanë** (WJ: 365). Em *Etimologias*, a forma **orontë** é de fato marcada com um símbolo que indica que ela é “poética ou arcaica” (cf. LR: 347); isso sugere que ela foi simplesmente substituída pela forma “não-arcaica” **ortanë**? Considerando-se especialmente como Tolkien posteriormente veio a antever a história do quenya - que era usado como um idioma cerimonial na Terra-média, mas já não era a língua materna de ninguém - poderíamos supor muito plausivelmente que sua gramática foi um tanto simplificada, as formações mais complexas sendo suprimidas e substituídas por outras análogas mais simples. De fato, **oantë** ao invés de ****autanë** como o pretérito de **auta-** “partir, deixar” é o único verbo no qual posso pensar onde “devemos” usar essa formação de pretérito especial, a menos que aceitemos alguns dos materiais mais primitivos de “qenya” sem restrições (e eu tenho muitas).

Com isto concluímos nossa análise dos vários modos estranhos ou irregulares de formar-se o pretérito; como disse acima, os exercícios abaixo visam, porém, refletir o sistema *regular*.

Lembre-se que, assim como os verbos no presente, uma forma de pretérito recebe a desinência **-r** se possuir um sujeito no plural (ou múltiplos sujeitos). Por exemplo, o pretérito mais simples do verbo **lanta-** “cair” é **lantanë**, mas com um sujeito no plural ele torna-se **lantaner** (SD: 246). Naturalmente, o trema sobre o **-ë** final desaparece, uma vez que a vogal não é mais final quando a desinência de plural **-r** é adicionada a ela.

SUMÁRIO DA LIÇÃO SEIS: à medida que várias formações irregulares ocorrem, parece que o pretérito dos verbos do quenya é geralmente formado de acordo com estas regras: verbos radicais A simplesmente recebem a desinência **-në**. Os verbos “primários” ou sem desinência também podem receber essa desinência se a última consoante desses for **-r** ou **-m**, e também provavelmente **-n** (sem exemplos). Se adicionada a um verbo primário em **-l**, a desinência **-në** torna-se **-lë** (resultando em um l duplo: **ll**; ex: **villë** como pretérito de **vil-** “voar”). Verbos

primários que terminam em uma das consoantes **p**, **t** ou **c** possuem pretéritos construídos adicionando-se a desinência *-ë* combinada com uma *infixação nasal* introduzida antes da última consoante do radical verbal; o infixado manifesta-se como **m** antes de **p** (assim, **tompë** como o pretérito de **top-** “cobrir”), e de outro modo como **n** (assim, **mantë** como o pretérito de **mat-** “comer”).

VOCABULÁRIO

lempë “cinco”

elen “estrela”

harma “tesouro”

sil- verbo “brilhar” (com luz branca ou prateada, como o luar ou o brilho das estrelas)

hir- verbo “encontrar”

cap- verbo “pular”

tec- verbo “escrever”

quet- verbo “falar, dizer”

mel- verbo “amar” (como amigo; nenhuma palavra em quenya referindo-se a amor erótico entre os sexos foi publicada)

cen- verbo “ver” (relacionado com **cenda-** “ler”, cuja palavra é derivada de uma forma fortalecida do mesmo radical e que significa, basicamente, “olhar atentamente”)

orta- verbo “erguer”, também usado = “levantar, alçar”.

harya- verbo “possuir; ter” (relacionado ao substantivo **harma** “tesouro”, basicamente referindo-se a uma “posse”)

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português (e pratique seu vocabulário ao mesmo tempo; a maioria das palavras empregadas nos exercícios *A-H* foram apresentadas em lições anteriores):

A. I nér cendanë i parma.

B. I Naucor manter.

C. I aran tultanë i tári.

D. Nís lindanë.

E. I vendi tirner i Elda.

F. I lempë roccor caitaner nu i alta tasar.

G. I eleni siller.

H. I Nauco cennë rocco.

2. Traduza para o quenya:

I. Um anão encontrou o tesouro.

J. O elfo falou.

K. O cavalo pulou.

L. O rei amava os elfos.

M. Um homem escreveu cinco livros.

N. A rainha levantou-se.

O. Os reis possuíam grandes tesouros.

P. O rei e a rainha mandaram vir quatro elfos e cinco anões.

LIÇÃO SETE

Futuro e Aoristo

O TEMPO FUTURO

Nesta lição introduziremos dois novos tempos do verbo, o *futuro* e o *aoristo*. Teremos que usar vários parágrafos para tentar definir a função do último, mas a função do futuro é fácil o suficiente de se captar: esse tempo é usado com referência a ações *futuras*.

O português (ao contrário do inglês) possui formas distintas de futuro. Tolkien evitou as características assimétricas existentes no inglês (com o futuro formado por verbos auxiliares como “shall” ou “will”). Idiomas como quenya e sindarin possuem verdadeiras formas de futuro do verbo. Por exemplo, o futuro do verbo **hir-** “encontrar” aparece próximo do final *Namárië*, na frase **nai elyë hiruva**, “talvez tu mesmo *hajas de encontrá-la*”. O exemplo **hiruva** “hajas de encontrar” inclui o que parece ser o indicador de futuro - possivelmente universal - normal do quenya: a desinência **-uva**. Esse modelo é confirmado pelo poema *Markirya*, que inclui os exemplos **cenuva** “considerará”, **tiruva** “observará” e **hlaruva** “escutará” (verbos **cen-** “ver, contemplar, considerar”, **tir-** “observar, guardar”, **hlar-** “escutar”). No LR: 63, Tolkien traduz o verbo **queluva** como “faltar”, mas esse é apenas um exemplo do “presente” ou não-pretérito do inglês que abrange também o futuro. O contexto claramente indica que a ação verbal em questão pertence ao futuro: **Man tárë antáva nin Ilúvatar, Ilúvatar, enyárë tar i tyel írë Anarinya queluva?** “O que dar-me-á Ilúvatar, ó Ilúvatar, naquele dia além do fim, quando meu Sol *faltar-me*?”

Os exemplos registrados até agora exemplificam apenas o futuro de verbos “primários” ou sem desinência. Parece que a desinência **-uva** também é usada no caso dos verbos radicais A mais numerosos que, entretanto, *perdem seu -a final* antes que a desinência de futuro seja adicionada (com uma exceção; ver nota abaixo). Em uma fonte pós-SdA, o futuro do verbo **linda-** “cantar” aparece como **linduva** (atestado com uma desinência secundária aqui removida; ver o artigo de Taum Santoski na edição de outubro de 1985 do informativo *Beyond Bree*). Além disso, o que deve ser o futuro de um verbo radical A **ora-** “incitar, impelir” aparentemente é dado como **oruva** em outra fonte pós-SdA (VT41: 13, 18; Tolkien na verdade escreveu **oruv-**, mas o editor observou que “o ponto pode ser um *a* incompleto não intencional”: nenhuma palavra em quenya pode terminar em **-v**.)

NOTA: repare, porém, que um -a final não é retirado antes da desinência -uva quando esse -a também é a *única* vogal do radical verbal. Assim, a forma de futuro dos verbos de ligação derivados do radical *NĀ* “ser, estar” (cf. *nā* “é, está”) não é ****nuva**, mas *nauva*: essa palavra para “será” é atestada em VT42: 34.

É possível que Tolkien a um certo ponto tenha imaginado um sistema um tanto mais complicado com respeito aos radicais A. Acima citamos um verso do texto pré-SdA geralmente chamado de *Canção de Fíriel*, que inclui **antáva** como o futuro de **anta-** “dar” (LR: 63, 72). Aqui Tolkien parece estar usando um sistema segundo o qual verbos radicais A formam seu futuro pelo *alongamento* do -a final para -á e ao *adicionar-se* a desinência -va (variante mais curta de -uva?). Entretanto, devido aos exemplos tardios **linduva** e **oruva** (ao invés de ****lindáva** e ****oráva**), podemos concluir que Tolkien eventualmente decidiu fazer de -uva o indicador de futuro mais ou menos universal: essa desinência simplesmente ocasiona a retirada do -a final de radicais A. Meu melhor palpite é que, no quenya no estilo do SdA, o futuro de **anta-** deva ser **antuva** ao invés de **antáva**, uma vez que Tolkien parece ter simplificado o sistema.

Contudo, também há uma *possível* complicação no quenya no estilo do SdA, com respeito aos verbos primários. No *Namárië* no SdA ocorre a forma de futuro **enquantuva**, “reencherá”. Removendo o prefixo **en-** “re-”, temos **quantuva** para “encherá”. Esse costumava ser considerado o futuro do **quanta-** “encher”, relacionado ao adjetivo **quanta** “cheio”. A lista de palavras em “quena” mais antiga de Tolkien de fato relaciona tal verbo (QL: 78, lá escrito **qanta-**). De qualquer forma, cerca de cinco anos após a publicação do SdA, Tolkien, no ensaio *Quendi and Eldar*, aparentemente citou o verbo em quenya “encher” como **quat-** (WJ: 392). Esse parece ser um verbo primário, o pretérito sendo presumivelmente **quantë** (o pret. “qante” é realmente dado em QL: 78, mas lá ele está apenas representado como um encurtamento admissível da forma completa “qantane”; o pretérito regular do verbo **quanta-** também seria **quantanë** em quenya tardio). Se Tolkien decidiu que o verbo “encher” em quenya é na verdade **quat-**, e seu futuro é **quantuva** como o *Namárië* parece indicar, devemos concluir que os mesmos verbos que formam seus pretéritos em infixação nasal + a desinência -ë formam de maneira similar seus *futuros* com infixação nasal + a desinência -uva? Por exemplo, as formas futuras de verbos como **mat-** “comer”, **top-** “cobrir” e **tac-** “atar” devem ser **mantuva** “comerá”, **tompuva** “cobrirá” e **tancuva** “atará”? (Compare com a infixação nasal nas formas de pretérito: **mantë**, **tompë** e **tancë**.) Ou devemos apenas acrescentar a desinência -uva ao radical verbal sem quaisquer manipulações adicionais, tendo assim **matuva**, **topuva** e **tacuva**? Os princípios gerais talvez sugeririam a última opção, mas então permanece o curioso exemplo de **quantuva** em relação a **quat-**. Se não houvesse infixação nasal nas formas de futuro, teríamos que aceitar que o verbo “encher” pode ser tanto **quanta-** como **quat-**, com os futuros separados **quantuva** e **quatuva**.

Tenho usado formas de futuro com infixação nasal em certas composições minhas (e assim também fazem algumas pessoas que depositam mais confiança na minha suposta “opinião de especialista” do que possivelmente deveriam). Mas pode bem ser que Tolkien, aludindo à forma **quat-** em WJ: 392, realmente pretendesse que esse fosse simplesmente o modo da raiz básica *KWATA* manifestar-se em quenya. A expressão exata na fonte envolve a referência “ao radical verbal **KWATA*, Q *quat-* ‘encher’”. Se **quat-** é meramente o modo pelo qual o radical antigo *KWATA* aparece em quenya, o verbo “encher” de fato pode ainda ser **quanta-** com o futuro **quantuva**. (Compare, por exemplo, com a entrada *PAT* em *Etimologias*, essa raiz *PAT* produzindo o verbo em quenya **panta-** “abrir”. Há também um *adjetivo* **panta** “aberto”, exatamente paralelo ao **quanta** “cheio” em relação ao verbo **quanta-** “encher”; talvez o verbo seja derivado do adjetivo em ambos os casos.)

Alternativamente, **quat-** é realmente o verbo “encher” e não apenas uma forma raiz básica, mas o futuro **quantuva** *ainda* pressupõe um radical A mais longo **quanta-**. Talvez Tolkien tenha apenas simplesmente *esquecido* que ele já havia publicado uma forma do verbo radical A **quanta-** “encher”, de modo que ele não estava mais livre para mudá-la para um verbo primário **quat-**. (Ver PM: 367-371 para um exemplo onde Tolkien desenvolve algumas explicações lingüísticas elaboradas que ele teve que abandonar porque descobriu que elas entravam em conflito com algo que ele já havia publicado no SdA - uma nota de rodapé fatal em um Apêndice forçando-o a rejeitar suas belas novas idéias!)

Assim, o material agora disponível não permite qualquer conclusão exata sobre esse assunto. Os escritores podem igualmente, de maneira plausível, deixar os verbos que mostram infixação nasal no pretérito também fazê-lo no futuro (argumentando a partir do par **quat-/ quantuva** que é desse modo que o idioma funciona) ou escolher explicar **quat-** diferentemente e formar o futuro de *qualquer* verbo primário simplesmente ao adicionar-se a desinência **-uva** (como em **hir-/ hiruva**). Como usuários do quenya, provavelmente bem podemos permitir-nos viver com dialetos levemente diferentes no que diz respeito a esse detalhe, até que futuras publicações permitam-nos (esperamos) escolher a explicação correta.

Deve-se supor que o futuro, como todos os outros tempos, recebe a desinência **-r** onde ocorre com um sujeito no plural (ex: **elen siluva** “uma estrela brilhará”, mas com o plural **eleni siluvar** “estrelas brilharão”).

O AORISTO

Agora tratamos de todos os três tempos verbais que correspondem à trindade básica de pretérito, presente e futuro. Ainda assim, o verbo do quenya

também possui outros tempos. Um deles é chamado *auristo*. O uso desse termo com referência à gramática do quenya foi por muito tempo contestado por alguns, mas um texto de Tolkien, que finalmente tornou-se disponível em julho de 2000, demonstra que ele havia de fato inventado um tempo verbal do quenya que chamou de *auristo* (VT41: 17).

Enquanto pessoas mesmo sem treinamento lingüístico facilmente compreendem para “que” servem o pretérito, presente e futuro, da mesma forma dificilmente é entendida que função o *auristo* possui. (Alguns lingüistas diriam que o *auristo* não é, de modo algum, um “tempo verbal” em si, de acordo com certas definições desse termo; entretanto, Tolkien usou a expressão “tempo *auristo*” em VT41: 17. Não trataremos dessa questão aqui, completamente acadêmica como ela é.) Então o que, realmente, é um *auristo*?

Começando com a palavra em si, ela vem do grego e significa literalmente algo como “ilimitado” ou “indeterminado”. A palavra foi originalmente cunhada para descrever uma certa forma grega do verbo. Em grego essa forma contrasta com o pretérito ou “imperfeito”, o último sendo usado para uma ação passada que *estava sendo feita* durante um período de tempo (não apenas uma ação momentânea). O *auristo*, por outro lado, não possui tais implicações com respeito à “duração” da ação. Ele apenas indica um período, ação passada, sem distinções adicionais. Quando comparado com o imperfeito, o *auristo* grego pode ser usado por uma ação momentânea ou claramente terminada (não corrente). Outro uso do *auristo* grego não está especificamente associado com o passado: o *auristo* poderia ser usado para expressar *verdades universais* que não são limitadas por qualquer tempo específico, como “carneiros *comem* grama”.

Mas esse era o *auristo* grego; o *auristo* do quenya não funciona exatamente do mesmo modo. Ainda assim suas funções coincidem em alguns aspectos, que devem ser a razão pela qual Tolkien decidiu empregar esse termo da gramática grega em primeiro lugar. Tentaremos determinar a *função* do *auristo* em quenya antes de discutirmos como ele é realmente formado. Por ora, apenas aceite a minha palavra de que os verbos nos exemplos que cito são *auristos*.

O *auristo* do quenya, como o grego, pode ser usado para expressar “verdades universais”. Nosso melhor exemplo é uma frase que ocorre em WJ: 391, onde os elfos são descritos como *i carir quettar ómainen*, “aqueles que *criam* palavras com vozes”. O verbo *auristo* *carir* “criam” aqui indica um hábito universal dos elfos, abrangendo passado, presente e futuro, pois os elfos estiveram criando palavras no decorrer de sua história. A frase *polin quetë* “*eu posso* falar” (VT41: 6) inclui outro verbo *auristo*, e novamente uma “verdade universal” é apresentada, embora nesse caso ela relacione-se apenas ao falante: o significado é, claro, “eu

posso (sempre) falar”, mostrando uma habilidade *universal*, e não apenas algo que se aplica somente ao tempo atual (como se o falante estivesse mudo ontem e possa vir a ficar mudo de novo amanhã). Logo, uma importante função do aoristo do quenya é que ele é usado, ou melhor, *pode* ser usado, para ações verbais que transcendem o aqui e agora - descrevendo particularmente alguma verdade “eterna” ou situação “universal”. No *Namárië* do SdA, Galadriel descreve o sombrio estado da Terra-média usando um verbo aoristo: **sindanóriello *caita* mornië** “de uma terra cinzenta a escuridão se *deita*” (não o presente **caitëa** = “está deitando”, como se esse fosse meramente um fenômeno estritamente presente, a passar logo). As primeiras palavras do *Namárië* também incluem um aoristo: **laurië *lantar* lassi**, “como ouro *caem* as folhas” - mas isso não é apenas uma descrição aqui-e-agora de folhas que *estão caindo* (que presumivelmente seria **lantëar**, no presente): os versos seguintes indicam que Galadriel descreve a situação geral na Terra-média, a constante decadência outonal como ela tem observado durante **yéni únótimë**, “longos anos inumeráveis”. Logo, nosso exemplo “carneiros *comem* grama” provavelmente é melhor vertido para o quenya usando-se um verbo aoristo: **mámar *matir* salquë** (singular “carneiro” = **máma**, “grama” = **salquë**). Como o exemplo **polin *quetë*** “eu posso falar” demonstra, o aoristo também pode ser usado para descrever as habilidades ou hábitos de um único indivíduo (**i máma *matë* salquë** = “o carneiro *come* grama”).

Porém, parece que o aoristo do quenya não é usado apenas para descrever “verdades universais”. Em alguns casos, o próprio Tolkien parece hesitar na escolha entre o aoristo e o presente, o segundo descrevendo mais tipicamente uma situação aqui-e-agora corrente. Essa hesitação da parte de Tolkien sugere que esses tempos verbais são de certa forma intercambiáveis. Temos um aoristo na frase **órenya *quetë* nin** “meu coração *conta*-me” (VT41: 11), que é aparentemente sinônima da expressão alternativa **órenya *quëta* nin** (VT41: 13) que emprega uma forma de presente ao invés de um aoristo. Na famosa saudação **elen *síla* lúmenn’ omentielvo**, “uma estrela *brilha* [ou, melhor, *está brilhando*] sobre a hora do nosso encontro”, Tolkien finalmente decidiu usar uma forma de presente - mas em esboços mais primitivos ele usou, ao invés disso, um aoristo **silë** (RS: 324). Essa saudação, tendo relevância apenas para “nosso encontro”, obviamente não pode descrever qualquer “verdade universal” que transcende o tempo. Ainda assim é admissível usar uma forma aorista mesmo em tal contexto (embora Tolkien tenha decidido que era *melhor* usar o presente).

Deve-se notar que o aoristo do quenya é geralmente associado com o presente, e não com o passado como em grego. Conforme Jerry Caveney escreveu sobre Tolkien na lista Elfling (3 de agosto de 2000):

No que me parece típico de sua criatividade e “diversão” na criação de idiomas, ele pegou a idéia do aspecto do aoristo, e disse, na verdade, “O que aconteceria se um idioma usasse o aoristo para comparar ações *presentes* universais (ilimitadas) com ações presentes contínuas ao invés de usá-lo para comparar ações universais passadas com presentes contínuas [como no grego clássico]?” O resultado é o “aoristo presente” de Tolkien. Ele criou assim um idioma que pode distinguir simplesmente ações presentes contínuas das universais, algo que o grego clássico não podia fazer com facilidade, e que o português e francês modernos, por exemplo, podem fazê-lo apenas com palavras extras (*eu ando*, *eu estou andando*; *je marche*, *je suis en train de marcher*). Desconfio que Tolkien se divertiu com a elegância dessa distinção gramatical básica, da qual eu não estou ciente de que qualquer idioma “vivo” possua.

Por outro lado, Carl F. Hostetter acredita que o aoristo do quenya é usado para descrever uma ação que é “pontual, habitual, ou de outra forma atemporal” (VT41: 15). Isso está provavelmente correto na maioria dos casos, descrevendo a função *típica* do aoristo. Mesmo assim alguns exemplos sugerem que pode ser melhor dizer que, enquanto o presente identifica claramente uma ação *corrente*, o aoristo do quenya simplesmente não é *distinguido* no tocante à duração. Ele não contrasta necessariamente com o tempo presente contínuo; um aoristo *como tal* não indica que uma ação verbal deve ser não-contínua ou “atemporal”. Sem dúvida, como Caveney diz, essa é uma forma “universal”, um “tempo presente” de múltiplas funções que simplesmente não esclarece a questão de que se ação indicada é contínua, habitual ou momentânea. Como Lukáz Novák observou na lista Elfling (1º agosto de 2000): “Parece que o aoristo é desse modo ‘aoristos’ [grego: ilimitado], que pode expressar quase tudo.”

Na exclamação **auta i lómë!** “a noite está passando” (*Silmarillion* cap. 20), a forma **auta** parece ser um aoristo (contrastando com o presente, que é provavelmente **autëa**) - apesar disso, Tolkien emprega a tradução “está passando” ao invés de “passa”. De modo que parece que o aoristo também pode ser usado para uma ação *corrente*; ele apenas não é distinguido como tal, gramaticamente falando. Se isso estiver certo, seria difícil reconhecer qualquer caso onde seja claramente *errado* substituir o presente por um aoristo. Usar o aoristo seria simplesmente um modo bastante neutro de se falar sobre ações “presentes” – se tal ação é realmente corrente, habitual ou meramente uma expressão de “verdades universais”. (Assim, **mámar matir salquë** = “carneiros *comem* grama” também pode ser compreendida como “careiros *estão comendo* grama”, embora para esse

significado seja provavelmente melhor - mas dificilmente obrigatório - usar o presente: **mátar**.) Ao escolher entre o aoristo e o presente, a única regra obrigatória parece ser a de que o presente *não* deve ser usado com referência a ações inteiramente atemporais: o presente do quenya é sempre usado com respeito a algum tipo de ação *contínua*. (De fato alguns estudantes dispensam o termo “presente” e falam de preferência da forma “contínua”.) Além dessa única restrição, parece que os escritores podem escolher bem livremente entre o aoristo e o presente.

Geralmente, entretanto, parece que o aoristo do quenya corresponde ao presente do indicativo do português. Tolkien freqüentemente traduziu os aoristos do quenya desse modo; ex: **topë** “cobre” (LR: 394), **macë** “racha, fende (com machado)” (VT39: 11), **tirin** “observo” (LR: 394). O *presente* do quenya, por outro lado, é com freqüência melhor traduzido usando-se o gerúndio do português (está... -ndo): **tópa** “está cobrindo”, **máca** “está fendendo”, **tíran** “estou observando”. (A desinência -**n** nos exemplos **tirin/tíran**, assim como na forma **polin** “posso” citada acima, significa “eu”: esse sufixo será discutido na próxima lição.) Na Lição Cinco salientamos que a forma de presente **quéta** indica “está dizendo” ao invés de “diz”; de modo oposto, o aoristo **quetë** é geralmente “diz” ao invés de “está dizendo”. Se o aoristo em quenya é usado de certa forma como o presente do indicativo português, o aoristo pode ser usado para descrever ações que são percebidas como atemporais ou habituais. Por exemplo, um aoristo como **capë** “pula, salta” pode descrever uma ação que é momentânea (“ele pula”) ou habitual/característica (“qualquer sapo pula”).

Todavia, parece que também temos exemplos de Tolkien usando o presente/ “contínuo” do quenya ao invés do aoristo onde o português ainda traduziria o verbo em questão como uma forma do presente do indicativo, não como uma construção “está... -ndo”. Considere este verso do *Namárië*: **hísië untúpa Calaciryo míri** “névoa *cobre* as jóias de Calacirya”. A forma de presente **untúpa** descreve uma ação contínua, mais literalmente “está cobrindo”, mas aqui Tolkien escreveu, porém, “cobre”. Presumivelmente, de modo algum estaria errado usar um aoristo. Afinal, a névoa cobrindo as jóias de Calacirya é evidentemente percebida como um estado universal de coisas, e não meramente como um fenômeno meteorológico corrente que logo passará! (O aoristo ao que tudo indica seria **untupë** - quem sabe essa forma, enfatizada na primeira sílaba ao invés da penúltima, apenas não se encaixava na métrica do poema de Tolkien? De qualquer modo, o último elemento desse verbo **untup-** parece ser uma variante de **top-** em *Etimologias*, ambos os verbos significando “cobrir”.)

Outro exemplo de presente onde poderíamos esperar ver um aoristo pode ser encontrado no Juramento de Cirion (CI: 340, 497), na frase **i hárar mahalmassen mi Númen** = “daqueles que se *assentam* sobre os tronos do Oeste”. A frase refere-se

aos Valar, e o fato de eles estarem entronados no Oeste deve ser considerado uma “verdade universal”, assim como é uma verdade universal que os elfos *criam* (aoristo **carir**) palavras com vozes. Mesmo assim Tolkien usou o que parece ser um presente ao invés de um aoristo: **hára**, aqui o plural **hárar**, aparentemente sugerindo um verbo primário **har-** “sentar, assentar”. O aoristo plural seria provavelmente **harir**. Pode-se observar que, enquanto Tolkien traduziu **hárar** como “assentam” na tradução corrente em português no CI: 340, ele empregou a tradução mais literal “estão sentados” na sua discussão lingüística em CI: 498. Isso ainda parece demonstrar que, em quenya, pode-se usar o presente assim como o aoristo para também descrever um estado universal de coisas. Afinal de contas, o estado milenar de estarem entronados dos Valar também é “contínuo”. Cf. também a frase **yonya inyë tye-mëla**, “eu também, meu filho, te *amo*” (LR: 61), onde Tolkien usa um presente ao invés de um aoristo: literalmente **inyë tye-mëla** parece significar “eu *estou* te *amando*”, mas a referência deve ser a um estado emocional um tanto “permanente”. Se qualquer pessoa, que não Tolkien, tivesse escrito isso, eu aconselharia firmemente o escritor a usar um aoristo (**melë**) ao invés de **mëla** - na verdade, eu *ainda* penso que o aoristo ficaria melhor nesse contexto, embora tenha sido Tolkien que escreveu isso! Mas esse exemplo confirma que o presente também pode ser usado para descrever “verdades universais” ou situações mais ou menos permanentes, embora esse seja *mais tipicamente* o campo do aoristo.

Posso bem imaginar que, após essa discussão, o estudante desejará saber se há alguma finalidade em manter o aoristo e o presente como tempos distintos, uma vez que suas funções parecem sobrepor-se nesse ponto - a única regra concreta sendo aquela que, se algum tipo de ação presente não pode de maneira alguma ser vista como contínua, mas é inteiramente atemporal, deve-se usar o aoristo. Em quase todos os outros contextos, qualquer um dos tempos aparentemente servirá, e o uso do aoristo pode não implicar necessariamente que uma ação *tenha* que ser atemporal: por exemplo, ele também pode descrever uma “verdade universal”, ou de fato uma ação corrente (como em **auta** = “está passando”). O contexto deve ser levado em consideração.

Só posso dizer que não fui eu que criei esse idioma: outra pessoa o fez. Talvez futuras publicações esclareçam quaisquer distinções sutis que Tolkien tivesse em mente. Mas nos exercícios que criei para este curso, usei consistentemente aoristos para o presente do indicativo do português, enquanto uso o presente do quenya para a construção de gerúndio (está... -ndo) do português. Acredito que os escritores, ao transpor o uso do português para o quenya usando essa fórmula, o fariam bem (ou, pelo menos, não criariam erros evidentes!) na maior parte do tempo.

Essa é a *função* do aoristo; difícil, embora seja necessário reconhecê-la. Agora devemos discutir como o aoristo em quenya é realmente *formado*.

Parece que em élfico primitivo as regras de como o aoristo era construído eram bastante simples: no caso de um verbo “derivado” ou radical A, o aoristo é simplesmente idêntico ao radical verbal em si (independente do fato de que o aoristo pode, é claro, receber tais desinências secundárias como o indicador de plural -r, onde tal for exigido). Nenhum indicador de tempo verbal tem que estar explicitamente presente. No que diz respeito aos radicais A, esse sistema permanece no quenya. O aoristo de um verbo como **lanta-** “cair” é simplesmente **lanta** “cai” (que ocorre no *Namárië*, lá com a desinência de plural -r para concordar com seu sujeito no plural “folhas”: **laurië lantar lassi**, “douradas *caem* [as] folhas”).

No caso dos verbos “primários” ou sem desinência como **mat-** “comer”, eles originalmente (no élfico primitivo) formavam seu aoristo ao adicionarem a desinência -i: “come” aparentemente costumava ser *mati*. É um tanto argumentável se a desinência -i é aqui estritamente um indicador de aoristo. Sendo assim, poderíamos esperar vê-la também na formação de aoristos radicais A. Talvez a regra para a formação do aoristo no élfico primitivo devesse ser expressa desse modo: *o aoristo é geralmente idêntico ao radical verbal, mas no caso de radicais verbais “primários” ou sem desinência, eles recebem a desinência -i como um tipo de substituto para compensar a ausência de qualquer outra desinência*. (Devo acrescentar que essa concepção “simplificada” não está completamente livre de problemas, mas ela funciona na maior parte do tempo.) Esse sistema continua essencialmente no quenya, mas o desenvolvimento fonológico que ocorre desde o élfico primitivo acrescentou uma pequena complicação: quando final, o -i curto do élfico primitivo era em certo ponto modificado para -ë. (Por exemplo, é dito que a palavra em quenya **morë** “negro, preto” vem da primitiva *mori*: ver a entrada *MOR* em *Etimologias*. Onde o *quenya* possui -i final, ele é geralmente encurtado a partir do -î longo no idioma primitivo.) Assim, a antiga forma *mati* “come” tornou-se **matë** em quenya. Mas visto que essa mudança só ocorria onde o -i era *final*, ainda vemos **mati-** se a forma aorista recebe qualquer desinência, tal como -r no caso de um sujeito no plural. Por conseguinte, **Nauco matë** “um anão *come*”, mas com um sujeito no plural, temos **Naucor matir** “anões *comem*”. A desinência “protegeu” o -i final de modo que ele não era mais final no fim das contas e, portanto, não mudou para -ë.

NOTA 1: existem alguns exemplos do que parecem ser formas aoristas onde a desinência -ë permanece na forma -e mesmo se o aoristo receber uma desinência. Por exemplo, o que deve ser o aoristo plural do verbo **ettul-** “aparecer” aparece como **ettuler** (ao invés da forma esperada **ettulir**) em SD: 290. Talvez Tolkien em certo estágio tenha imaginado que a desinência primitiva -i tornava-se -e em *todas* as posições, mesmo onde ela não era final – como **ettulir** sendo alterada para **ettuler** em comparação com a forma sem desinência **ettulë**. Mas isso parece ter sido apenas uma “etapa” passageira na evolução de Tolkien do quenya: em nossa melhor fonte tardia, o ensaio *Quendi and Eldar* de aproximadamente 1960, o aoristo plural de **car-** “criar, fazer” aparece como **carir**, e não ****carer** (WJ: 391). Assim, Tolkien restabeleceu o sistema que

também havia usado um quarto de século antes, em *Etimologias*. – A forma **ettuler** é (aparentemente) traduzida “estão ao alcance” em SD: 290; uma tradução mais literal seria presumivelmente “estão aparecendo”. Isso confirmaria que pode ser admissível usar o aoristo também para ações correntes; esse tempo simplesmente não é *distinguído* com relação a duração da ação, enquanto que o “presente” ou tempo “contínuo” claramente identifica uma ação como corrente. Em nossos exercícios, usaremos ainda assim o aoristo no modo mais “típico” (para indicar ações que são momentâneas ou habituais/atemporais).

NOTA 2: no caso de verbos primários, o aoristo e o presente diferem não somente no que diz respeito à desinência. No presente, a vogal raiz é alongada (**máta** “está comendo”), enquanto que no aoristo, ela permanece curta (**matē** “come”). Há ainda algumas poucas formas estranhas em nosso corpus que parecem aoristos por sua desinência, mas ainda mostram uma vogal raiz longa; ex: **tápē** “pára, bloqueia” (Etim, entrada *TAP*). Esperaríamos **tapē**, com uma vogal curta (é tentador acreditar que o acento sobre o *a* seja apenas uma mancha de tinta no manuscrito de Tolkien...). – Também pode ser notado que alguns verbos *derivados* (radicais A) incluem uma vogal “intrinsecamente” longa; ex: **cúna-** “curvar, entortar”, **súya-** “respirar” ou **móta-** “trabalhar, labutar”. Usando o último verbo como um exemplo, seu aoristo ao que tudo indica seria **móta**, embora isso possa *parecer-se* com o presente de um verbo primário não-existente ****mot-**. (Devemos supor que o presente real de **móta** seja **mótēa**.)

NOTA 3: como salientei anteriormente, uma interpretação gramatical apresentada neste curso mostrou-se controversa: a noção de que verbos radicais A possuem formas de presente em *-ëa* (como **mótēa** na nota acima). Isso depende reconhecidamente de uma interpretação particular do exemplo único **órëa**. Os escritores que não quiserem usar as controversas formas de presente em *-ëa* podem resolver esse problema ao usar o aoristo. Afinal de contas, Tolkien indicou que uma forma como **auta** pode ser traduzida como “está passando” (e não apenas “passa”), de modo que o aoristo pode *abranger* claramente a função da construção portuguesa “está... -ndo”. De fato alguns estudantes de quenya (que não aceitam a teoria da *-ëa*) acreditam que, no caso de verbos radicais A, não há distinção entre aoristo e presente: apenas o contexto pode decidir se **auta** é melhor traduzida como “está passando” ou simplesmente “passa”. Isso tornaria o sistema verbal do quenya um tanto assimétrico, mas, no estágio atual, é simplesmente impossível reconstruir todas as intenções de Tolkien com segurança.

SUMÁRIO DA LIÇÃO SETE: em quenya, o futuro é formado com a desinência *-uva*. Quando adicionada a um radical A, o *-a* do radical é retirado antes dessa desinência; por exemplo, o futuro do verbo **linda-** “cantar” é **linduva** (e não ****lindauva**). O quenya possui também um tempo verbal chamado *aoristo*, que difere do presente por este último descrever explicitamente uma ação corrente. O aoristo nada diz sobre a duração da ação, e enquanto o uso de uma forma aorista não *impede* que a ação indicada seja corrente, parece que esse tempo verbal é mais tipicamente usado para descrever ações atemporais, habituais, características ou no geral eternas. Um exemplo de um aoristo é **quetē** = “fala”, em oposição ao presente **quéta** “está falando”. É possível que o aoristo do quenya bem corresponda ao presente do indicativo do português (“fala”), enquanto o presente do quenya corresponde preferencialmente à construção de gerúndio (está... -ndo) do português (“está falando”). No caso de verbos radicais A, o aoristo é idêntico ao próprio radical verbal (independente de quaisquer desinências secundárias que o verbo aoristo possa receber). No caso de verbos primários, o aoristo é formado por meio da desinência *-i* que, contudo, muda para *-ë* se nenhuma desinência secundária (ex: *-r* para plural) seguir-se. Assim, o aoristo de **mat-** “comer” é **matē** “come” se

não houver nenhuma desinência adicional acrescentada à palavra, mas de outra forma vemos **mati-** + desinência (ex: **matir** “comem” no caso de um sujeito no plural).

VOCABULÁRIO

enquë “seis”

ilya, substantivo/adjetivo “todo, cada” (“cada” antes de um substantivo no singular, ex: **ilya Elda** “cada elfo”, mas **ilya** ocorrendo por si só significa “todo”). Note que antes de um substantivo no plural, essa palavra também significa “todo” e é declinada para o plural como um adjetivo comum, tornando-se assim **ilyë** para o **ilyai** mais antigo (cf. **ilyë tier** “todos os caminhos” no *Namárië* e **ilyë mahalmar** “todos os tronos” no *Juramento de Cirion*)

rimba, adjetivo “numeroso”, aqui usado para “muitos” (presumivelmente tornando-se **rimbë** quando usado em conjunção com substantivos no plural, se ele for declinado como qualquer outro adjetivo - assim, ex: **rimbë rávi** “muitos leões”)

Atan “homem” (não “macho senciente”, que é **nér**, mas homem mortal em oposição a elfo imortal, ou anão. Dentro dos mitos de Tolkien, essa palavra veio a ser usada especialmente para os amigos-dos-elfos de Belerian e seus descendentes, aqueles chamados *Edain* ou *Dúnedain* em sindarin. Mas mesmo dentro dos mitos, a palavra era originalmente usada simplesmente para humanos como opostos a elfos, e assim a usamos aqui. Cf. as palavras de Ilúvatar no *Silmarillion*, capítulo 1: “Olhem a Terra, que será uma mansão para os Quendi e os Atani [elfos e homens]!”)

ohhtar “guerreiro”

rá (**ráv-**) “leão”

Ambar “o mundo” (a palavra em quenya provavelmente não exige o artigo **i**; ela é escrita em maiúscula e aparentemente é tratada como um nome próprio)

hrávë “carne”

macil “espada”

fir-, verbo “morrer, falecer” (cf. o adjetivo **firin** “morto”)

tur-, verbo “governar, controlar, empunhar”

or, preposição “sobre, acima”

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português

A. **Rimbë Naucor haryar harmar.**

B. **Anar ortuva ar i aiwi linduvar.**

C. **Enquë neri tiruvar i ando.**

D. **Ilya Atan firuva.**

- E. Ilyë Atani firir.*
F. Saila nér cenda rimbë parmar.
G. Ilya elen silë or Ambar.
H. I Elda mapa i Nauco.

2. Traduza para o quenya:

- I. Cada elfo e cada homem.*
J. O elfo encontrará o anão.
K. O cavalo pula sobre o anão.
L. O rei controla muitos guerreiros e controlará (/governará) todo o mundo.
M. O rei e a rainha lerão o livro.
N. O guerreiro empunha uma espada.
O. Todos os leões comem carne.
P. Seis leões estão comendo carne.

LIÇÃO OITO

Tempo perfeito

Desinências pronominais *-n(yë)*, *-l(yë)*, *-s*

O TEMPO PERFEITO

Tolkien certamente imaginou mais tempos verbais para os verbos do quenya do que aqueles que aparecem em material publicado, mas resta apenas um desses tempos verbais conhecidos para ser discutido. O último tempo verbal do quenya conhecido é o *perfeito*. (Existem ainda outras *formas* do verbo que teremos que discutir mais tarde, tais como o infinitivo, o gerúndio e o imperativo, mas esses não contam como tempos verbais.)

O português constrói o pretérito perfeito composto com o acréscimo do verbo “ter” ao particípio passado do verbo principal da expressão, como em “tem estudado”, “tem falado”, etc. (assim como o inglês, que acrescenta o verbo “to have”). O pretérito perfeito composto descreve uma ação que em si é passada, mas ao usar o tempo perfeito, enfatiza-se que essa ação passada é ainda de alguma forma diretamente relevante para o momento presente. Em inglês, pelo menos, tais construções também podem ser usadas para descrever uma ação que começou no passado e ainda continua no momento presente: “The king *has ruled* (ou, *has been ruling*) for many years.” = “O rei *tem* reinado (ou *tem estado reinando*) por muitos anos¹.”

O quenya, ao contrário do português (e do inglês), possui um tempo perfeito verdadeiro - uma forma unitária do verbo que expressa esse significado, sem circunloquções e verbos extras. Vários exemplos desse tempo perfeito ocorrem no SdA. Dois deles são encontrados no capítulo *O Regente e o Rei* no volume 3. O primeiro exemplo é da *Declaração de Elendil*, repetida por Aragorn durante sua coroação. Ela segue, em parte: **Et Eärello Endoreнна *utúlien*** = “Do Grande Mar para a Terra-média *estou vindo* (vim) [ou: *tenho vindo*]”. Removendo a desinência **-n** que significa “eu”, descobrimos que o presente puro “tem/está vindo (veio)” é **utúlië**

¹ Contudo, é mais comum no português omitir esses verbos “ter” e “estar”, pois o significado de uma determinada expressão fica subentendido no contexto da frase (assim, enquanto no inglês temos “the day has come”, em português isso é melhor traduzido como “o dia chegou”); porém, para evitar uma confusão um tanto grande, principalmente com o pretérito dos verbos, mantereí as formas com os verbos “ter” e “estar”, tendo assim a tradução mais literal dos termos; entretanto, colocarei entre parênteses (exceto quando a tradução literal for a mais adequada) a tradução mais usual no português, como acontece nas citações das versões das obras de Tolkien já traduzidas, como o SdA e o Contos Inacabados (ex: “Do Grande Mar para a Terra-média *estou vindo*”: na tradução brasileira, a expressão “estou vindo” tornou-se “vim”, encaixando-se assim perfeitamente no contexto da frase, e não deixando a mesma com uma eufonia um tanto quanto estranha). O estudante, é claro, também é livre para escolher a forma que melhor adapte-se à sua preferência. [N. do T.]

(de acordo com as convenções ortográficas aqui empregadas, devemos acrescentar um trema ao -e quando esse torna-se final). Mais adiante no mesmo capítulo, Aragorn encontra a muda da Árvore Branca, e exclama: **Yé! utúvienyes!** “Encontrei-a!” (A palavra **yé** não é traduzida; ela é aparentemente uma simples exclamação “Sim!” ou “Ah!”). **Utúvienyes** pode ser dividida como **utúvie-nye-s** “tenho encontrado-eu-a”. Somos deixados assim com **utúvië** como o tempo perfeito do verbo **tuv-** “encontrar”. (Esse verbo não é atestado de outra forma, a menos que possa ser igualado com o verbo **tuvu-** “receber” encontrado em material muito primitivo [1917]; ver GL: 71. Se esse **tuv-** difere de algum modo em significado de **hir-**, não temos como saber. Nos exercícios deste curso, uso sempre **hir-** para “encontrar”).

Um exemplo pós-SdA de um tempo perfeito de quenya é encontrado em VT39: 9, com Tolkien mencionando a forma **irícië** “tem torcido (torceu)” - evidentemente o tempo perfeito do verbo primário **ric-** “torcer” (não atestado de outra forma, mas o *Etimologias* registra a raiz primitiva **RIK(H)-** “sacudir, mover repentinamente”). Como indicado acima, a forma **utúvië** “tem encontrado (encontrou)” parece pressupor um verbo **tuv-** “encontrar”, e **utúlië** “tem vindo (veio)” é o tempo perfeito do verbo **tul-** “vir, chegar” que é atestado em *Etimologias* (entrada **TUL-**). A partir desses exemplos fica claro que o tempo perfeito é formado com a desinência **-ië**, mas o radical do verbo também é manipulado de outras formas. No caso de verbos primários ao menos, a vogal raiz é *alongada*: **utúvië**, **utúlië**, **irícië**.

O estudante aplicado lembrará que um alongamento ocorre no presente (temos **túva** “está encontrando”, **túla** “está chegando”, **ríca** “está torcendo”), mas a formação do tempo perfeito difere não apenas no fato de que ele recebe a desinência **-ië** ao invés de **-a**. O perfeito, único de todos os tempos verbais do quenya, também recebe um tipo de prefixo. Esse prefixo é variável em forma, pois ele é sempre o *mesmo que a vogal raiz* (mas curto). Assim, os verbos **tuv-** “encontrar” e **tul-** “vir, chegar” tornam-se **utúvië** e **utúlië** no perfeito (sublinhei o prefixo), uma vez que a vogal raiz é **u**. Por outro lado, o verbo **ric-** “torcer”, com a vogal raiz **i**, torna-se **irícië** no tempo perfeito. Outros exemplos (construídos por mim, com a vogal raiz e o prefixo sublinhados):

Vogal raiz **A**: **mat-** “comer” vs. **amátíë** “tem comido”

Vogal raiz **E**: **cen-** “ver” vs. **eceníë** “tem visto”

Vogal raiz **I**: **tir-** “observar” vs. **itírië** “tem observado”

Vogal raiz **O**: **not-** “contar (numericamente)” vs. **onótië** “tem contado”

Vogal raiz **U**: **tur-** “governar” vs. **utúrië** “tem governado”

O prefixo visto no tempo perfeito é geralmente relacionado como o *aumento*. Também pode ser notado que o processo de “copiar” ou “repetir” uma

parte de uma palavra, como a prefixação de vogais raízes vista aqui, é chamado por um termo lingüístico de *duplicação*. Logo, para usar tantas palavras bonitas quanto possíveis, uma característica do tempo perfeito do quenya é que ele inclui uma vogal raiz *duplicada* que é *prefixada* como um *aumento*.

Até agora usamos apenas exemplos envolvendo verbos primários. As evidências na verdade são extremamente escassas no que diz respeito aos verbos derivados (radicais A). Princípios gerais sugerem que eles perdem o -a final antes que a desinência -ië seja adicionada. Por exemplo, o tempo perfeito de **lala-** “rir” ou **mapa-** “agarrar” é presumivelmente **alálië** “tem rido (riu)”, **amápië** “tem agarrado (agarrou)”. (Onde tal verbo possui uma vogal raiz longa, ela pelo jeito continua longa no perfeito, onde teria sido alongada de qualquer modo. Porém, o aumento provavelmente deve ser sempre uma vogal curta; assim, um verbo como **móta-** “trabalhar” pode ter o tempo perfeito **omótië** “tem trabalhado”).

Contudo, muitos radicais A possuem um encontro consonantal após a vogal raiz; ex: **rn** após o primeiro A em um verbo como **harna-** “ferir”. Visto que o quenya não é simpático a vogais longas imediatamente em frente a encontros consonantais, devemos supor que o alongamento das vogais raízes simplesmente não ocorre em verbos dessa forma. De outro modo, o tempo perfeito seria formado de acordo com as regras normais: duplicar a vogal raiz como um aumento e substituir o -a final pela desinência -ië (logo, “tem ferido [feriu]” seria **aharnië**, e não ****ahárníë**). Podemos ter alguns exemplos atestados de perfeitos *sem aumento* nos quais se verifica que omitem o alongamento da vogal raiz onde há um encontro consonantal a sucedendo (ver abaixo).

Os numerosos radicais A que terminam em -ya podem ser um tanto especiais. Pegue um verbo como **hanya-** “entender”. De acordo com as regras dadas até agora, o perfeito “tem entendido (entendeu)” deveria ser ****ahanyië** (ou mesmo ****ahányië** com a vogal alongada, pois é um tanto incerto se o **ny** aqui conta como um encontro consonantal ou como uma consoante unitária - **n** palatalizado como o **ñ** espanhol). Contudo, tal forma é impossível, pois a combinação **yi** não ocorre em quenya.

Podemos ter um exemplo para nos guiar: no **Namárië**, ocorre um tempo perfeito **avánië** “tem passado (passou)” (na verdade, ele aparece no plural: **yéni avánier ve lintë yuldar lisse-miruvóreva** = “anos *têm passado* (*se passaram*) como goles rápidos do doce hidromel” - note que o perfeito, como outros tempos, recebe a desinência -r quando ele ocorre com um sujeito no plural. No ensaio *Quendi and Eldar* de cerca de 1960, Tolkien explicou **avánië** (ou **vánië** sem o aumento) como sendo o tempo perfeito do verbo altamente irregular **auta-** (WJ: 366). Mas um quarto de século antes, em *Etimologias*, ele havia registrado o verbo **vanya-** “ir,

partir, desaparecer” (ver a entrada *WAN*). É bem possível que *quando ele de fato escreveu o Namárië* nos anos quarenta, ele ainda pensasse em (a)**vánië** como o tempo perfeito deste verbo **vanya-**, embora ele posteriormente fosse sugerir outra explicação (talvez ele quisesse eliminar o conflito entre o adjetivo **vanya** “belo”, apesar das palavras não serem difíceis de se distinguir no contexto). Sendo assim, Tolkien revelou como tratar os verbos em **-ya**: no tempo perfeito, a desinência **-ya** é retirada antes que o **-ië** seja adicionado, e o que sobra do verbo é tratado como se fosse um verbo primário. O tempo perfeito, portanto, mostra tanto o aumento como o alongamento da vogal raiz, algo dessa forma:

hanya- “entender”, perfeito **ahánië** “tem entendido (entendeu)”
hilya- “seguir”, perfeito **ihlíië** “tem seguido”
telya- “terminar”, perfeito **etélië** “tem terminado (terminou)”
tulya- “conduzir”, perfeito **utúlië** “tem conduzido”

Claro que, a partir das formas de tempo perfeito, você não pode determinar com certeza como o radical verbal original se parece. Por exemplo, **ihlíië** também poderia ser o perfeito de um verbo primário ****hil-** ou um radical **A **hila-**. Nesse caso, não se conhece a existência de tal verbo, mas **utúlië** seria o perfeito não apenas de **tulya-** “conduzir”, mas também do verbo primário distinto **tul-** “vir, chegar”. Logo, pode-se depender aparentemente do contexto para se descobrir se o perfeito **utúlië** é formado a partir de **tulya-** (de forma que significa “tem conduzido”) ou a partir de **tul-** (significando assim “tem vindo [veio]”). O mesmo com o perfeito **ahárië**: essa forma significa “tem possuído (possuiu)” se for construída a partir de **harya**, mas “tem sentado, tem estado sentando” se for o perfeito de **har-** (aparentemente o verbo primário “sentar”; apenas o presente do plural **hárar** “estão sentados” é atestado: CI: 340, 497).

Verbos que incluem ditongos: em alguns casos pode ser um tanto difícil determinar qual é a vogal raiz. Quando um verbo possuir um *ditongo* em **-i** ou **-u**, provavelmente é a *primeira* vogal desse ditongo que funcionará como um aumento no tempo perfeito. Por exemplo, o tempo perfeito de verbos como **taita-** “prolongar” ou **roita-** “perseguir” seria provavelmente **ataitië** e **oroiitië**, e o tempo perfeito de **hauta-** “cessar, descansar” é aparentemente **ahautië**. (A vogal raiz dificilmente pode ser alongada quando é parte de um ditongo; logo, não esperaríamos ver ****atáitië**, ****oróitië**, ****aháutië**.) As raízes originais desses verbos são dadas em *Etimologias* como *TAY*, *ROY* e *KHAW* respectivamente; assim, as vogais raízes apropriadas desses verbos são vistas como *A*, *O* e *A* (mais uma vez respectivamen-

te). O -i ou -u finais vistos nos ditongos do quenya surgem das consoantes originais -y e -w, de modo que eles não podem contar como vogais raízes.

Perfeitos não-aumentados: o material contém alguns exemplos de verbos no tempo perfeito que são construídos de acordo com as regras apresentadas, exceto pelo fato de que eles não possuem qualquer aumento prefixado. MR: 250 (que reproduz uma fonte pós-SdA) menciona a forma **fírië** “está desvanecido (desvaneceu)” ou, em uso mais atual, “está morto (morreu)”; o aumento está ausente, embora não haja razão para supor que a forma “completa” **ifírië** estivesse errada. (A tradução real de **fírië** dada em MR: 350 é “ela desvanecera”, mas nenhum elemento que signifique “ela” pode ser identificado; ele é compreendido logicamente.) O verbo **avánier** “têm passado (passaram)” que ocorre no *Namárië* era, na verdade, **vánier** sem aumento na primeira edição do SdA; Tolkien forneceu o aumento na segunda edição (1966). Antes disto, no ensaio *Quendi and Eldar* de cerca de 1960, ele explicou a variante não-aumentada como sendo simplesmente uma forma variante “que aparece em verso” (WJ: 366). Adicionar uma sílaba, como Tolkien fez ao introduzir a forma completa **avánier** no poema em 1966, de fato não se encaixa muito bem na métrica do *Namárië* - mas ele evidentemente decidiu deixar a precisão gramatical tomar prioridade.

Nos outros perfeitos que ocorrem no SdA (**utúlien**, **utúvienyes**), o aumento também estava presente na primeira edição de 1954-55. Porém, parece que a idéia completa do aumento de verbos no tempo perfeito apareceu relativamente mais tarde na evolução de Tolkien do quenya. Em fontes primitivas, o aumento está ausente. Por exemplo, a expressão “os Eldar têm vindo (vieram)” aparece como **i-Eldar tulier** no “qenya” mais primitivo de Tolkien (LT1: 114, 270). O perfeito de **tul-** que aparece aqui apresenta a mesma desinência -ie- como no quenya no estilo do SdA, mas o aumento, assim como o alongamento da vogal raiz, ainda não havia sido introduzido no idioma. Ao atualizar-se essa frase para o quenya no estilo do SdA implementando-se as revisões tardias, provavelmente produz-se **Eldar utúlier** (com um perfeito aumentado e sem artigo antes de **Eldar** quando refere-se à raça élfica inteira).

Em material muito posterior, mas ainda pré-SdA, encontramos **lantíë** (com um sujeito plural **lantier**) como uma forma do verbo **lanta-** “cair, abaixar”: LR: 56. Essas formas também parecem ser perfeitos não-aumentados, mostrando a desinência -ië característica desse tempo verbal. Realmente, Tolkien traduziu essas formas como “caiu, abaixou” (**lantíë nu huinë** “caiu sob a sombra”, **ëari lantier** “mares abaixaram”) como se elas representassem algum tipo de forma de pretérito - e não o perfeito “tem caído/abaixado”. Entretanto, ele posteriormente observou que “as formas de pretérito e perfeito tornaram-se progressivamente mais estritamente

te associadas no quenya” (WJ: 366). Se isso significa que o quenya pode às vezes usar o perfeito onde o português particularmente teria um pretérito, podemos explicar “caiu” ao invés de “tem caído” como uma possível tradução de **lantîë/lantier**. Em SD: 310, onde Christopher Tolkien discute uma versão tardia do texto em questão, ele registra como seu pai mudou de **lantier** para **lantaner** - aparentemente substituindo uma verdadeira forma de pretérito por um perfeito-usado-como-pretérito.

Se **lantier**, sing. **lantîë**, pode de fato ser considerada uma forma de perfeito, ela confirmaria que a vogal raiz não pode ser alongada antes de um encontro consonantal (não sendo ***lantîë**). Por volta desse estágio, Tolkien certamente introduziu tal alongamento da vogal raiz no perfeito; a *Canção de Fíriel* possui **cárier** para “criou” (ou “eles criaram”, uma vez que a desinência de plural -r está incluída). Essa forma do verbo **car-** “criar, fazer” parece ser outro perfeito-usado-como-pretérito, a julgar pela tradução. Visto que a vogal raiz é alongada em **cárier**, devemos supor que ela permanece curta em **lantier** por razões puramente fonológicas: vogais longas não são permitidas antes de um encontro consonantal. - Pode ser que a ausência do aumento em algumas fontes primitivas deva-se simplesmente ao fato de que Tolkien não o havia inventado ainda; no quenya no estilo do SdA, eu recomendaria **alantië** como o tempo perfeito de **lanta-** e **acárië** como o perfeito de **car-**.

No entanto, o exemplo citado acima **firië** “está desvanecido, está falecido (desvaneceu, morreu)” a partir de uma fonte pós-SdA (MR: 250) parece indicar que, mesmo em quenya no estilo do SdA, é *admissível* omitir o aumento, construindo o perfeito simplesmente através da desinência -ië + o alongamento da vogal raiz se não houver um encontro consonantal que a suceda. Perfeitos possivelmente não-aumentados tendem a ser mais comuns na linguagem falada ou informal, e em poesia pode-se omitir o aumento se a sílaba extra comprometer a métrica (assim, **vánier** para **avánier** no *Namárië*, embora Tolkien tenha mudado de idéia em 1966 e introduzido a forma completa). Contudo, nos exercícios que criei para este curso, todas as formas de tempo perfeito incluem o aumento.

Verbos que começam por vogais: verbos que começam por uma *vogal* propõem um problema. Quando um verbo possuir um prefixo que começa por uma vogal, o aumento poderá encaixar-se entre o prefixo e o radical verbal mais básico. Por exemplo, o verbo **enyal-** “chamar de volta, lembrar” é bem literalmente **enyal-** “re-chamar”, onde **yal-**, e não **en-**, é o radical verbal básico que incorpora a vogal raiz; em tal caso, suponho que o perfeito seja **enayálië**. Mas alguns verbos começam por uma vogal mesmo sem qualquer elemento prefixado; ex: **anta-** “dar”. Em tal caso, a primeira vogal também é a vogal raiz, que ocorre aqui sem qualquer consoante na frente dela. Um verbo também pode incluir um prefixo que

vem a ser idêntico à vogal raiz; ex: **onot-** “somar” (formado a partir de **not-** “contar” com o prefixo **o-** que significa “junto”; assim **onot-** é literalmente “contar junto”). Outros radicais verbais já prefixam a vogal raiz como um tipo de intensificação; ex: **atalta-** “desmoronar, ruir” (vs. o verbo **talta-** com um significado não tão forte: “inclinar, deslizar, escorregar”). Em todos esses casos, é difícil prefixar a vogal raiz como um aumento no tempo perfeito. Não podemos ter **a’antië** para “tem dado (deu)”, **o’onótië** para “tem somado (somou)” e **a’ataltië** para “tem desmoronado (desmoronou)”. Então, o que temos ao invés disso?

Um pressuposto popular tem sido o de que, em tais casos, a primeira sílaba inteira é duplicada como um aumento: logo, o tempo perfeito de **anta-** “dar” seria **anantië** (**antantië?**), e assim por diante. Com a publicação da edição 41 de *Vinyar Tengwar* em julho de 2000, essa teoria foi *quase* confirmada. Soube-se que, em uma fonte tardia, Tolkien registrou **orórië** como o tempo perfeito do verbo **ora-** “impelir, incitar” (VT41: 13, 18; na verdade, essa forma não é claramente identificada como o tempo perfeito, mas ela dificilmente pode ser outra coisa). Note que a primeira sílaba inteira (**or-**) é duplicada no perfeito: ao duplicar-se a *consoante* após a vogal raiz, assim como a própria vogal raiz, a estranha forma ****o’órië** é evitada; em **orórië**, a consoante duplicada **r** mantém o aumento e a vogal inicial do radical verbal confortavelmente à parte. Pois bem - o único problema é que, após escrever a forma **orórië**, Tolkien *riscou-a!* Se isso significa que voltamos à estaca zero, ou se Tolkien riscou a forma **orórië** não porque a invalidou, mas simplesmente porque ele não teve vontade de tratar do tempo perfeito de **ora-** imediatamente, ninguém pode dizer.

Uma vez que não está claro como devemos adicionar o aumento à maioria dos verbos que começam por uma vogal, simplesmente evitei o tempo perfeito de tais verbos nos exercícios criados para este curso. Mas visto que perfeitos não-aumentados parecem ser admissíveis, a solução mais fácil deve ser a de simplesmente *omitir* o aumento no caso de tais verbos: **anta-** “dar” tornando-se **antië** “tem dado (deu)”, **onot-** “somar” tornando-se **onótië** “tem somado (somou)” (embora esse também seja o perfeito de **not-** “contar!”), e assim por diante. Após a forma rejeitada **orórië**, Tolkien na verdade escreveu **orië**. Esse era um tempo perfeito substituto, sem aumento? Eu esperaria **órië**, com uma vogal raiz alongada; **orië** parece mais uma forma bem diferente do verbo (um *gerúndio*, a ser discutido em lições posteriores). Mesmo assim, essa palavra é digna de nota.

Antes de deixar o tempo perfeito, devo comentar brevemente uma forma um tanto estranha que ocorre no *Silmarillion*, capítulo 20. Aqui temos a exclamação **utúlie’n aurë**, traduzida “o dia chegou”. **Utúlie** (**utúlië**) é claramente o perfeito de **tul-** “vir, chegar”, como confirmado pela tradução “tem chegado

(chegou)". Contudo, o 'n adicionado é de certo modo um mistério. O que essa consoante extra está fazendo aqui? A forma **utúliē'n** é remanescente de **utúlien** "estou vindo (vim)" na Declaração de Elendil no SdA, mas aqui o -n é uma desinência *pronominal* que significa "eu" (ver a próxima seção). Tal desinência não pode estar presente em **utúliē'n**, dada a tradução de Tolkien. O apóstrofo (') inserido antes desse último **n** provavelmente indica também uma pronúncia diferente; em **utúliē'n**, talvez se pretenda que a consoante final soe como uma sílaba separada. É possível que esse **n** seja adicionado simplesmente devido a eufonia, evitando três vogais em sequência (visto que a próxima palavra também começa com uma vogal; se você contar o ditongo **au** em **aurē** como duas vogais, seriam ainda *quatro* vogais sucessivas). Se um tempo perfeito aparece sem uma desinência secundária anexada a -ië, e a próxima palavra começa em uma vogal, devemos *sempre* inserir 'n para evitar tantas vogais em hiato? Usei tal sistema em pelo menos uma composição de minha autoria, mas essa conclusão é extremamente experimental: nos exercícios abaixo não usei nenhuma vez esse 'n extra, já que ninguém conhece sua função realmente. Algumas pessoas pensam ainda que ele representa uma manifestação alternativa do artigo (que normalmente aparece como i): afinal, Tolkien empregou a tradução "o dia chegou". Assim, **utúliē'n aurē** = ?**utúlië en aurē** ou ?**utúlië in aurē** "chegou o dia"? (Para uma possível atestação de **in** como um artigo do quenya, ver PM: 395.) Podemos apenas esperar que publicações futuras esclareçam isso. Pode-se observar que Christopher Gilson, que tem acesso ao material não publicado de Tolkien material, defende a interpretação do 'n = "o".

PRONOMES

É hora de introduzir um dos artifícios de linguagem realmente econômico, o *pronomie*. (Se você sabe perfeitamente o que é um pronome, e conhece também as três diferentes "pessoas" nas quais os pronomes pessoais são divididos, por favor desça até que você veja a palavra *quenya* em negrito. Não estou tentando fazer ninguém perder seu tempo aqui.)

A palavra "pronomie" é auto-explicativa; ela simplesmente significa "por (ao invés de) um nome". Pronomes são palavras (ou desinências) que podem *substituir* um substantivo, freqüentemente referindo-se a um substantivo que já foi mencionado. Desse modo você não tem que repetir o próprio substantivo o tempo todo. Os pronomes fornecem um tipo de estenografia falada, salvando o idioma do tédio absoluto. Graças aos pronomes, os falantes do português podem manter uma conversa com outra pessoa sem ter que repetir incessantemente o nome do outro indivíduo cada vez que se dirigem a ele; ao invés disso, o pronome *você* é usado como substituto.

Em vez de dizer “o grupo recém referido” ou “as pessoas das quais está falando-se agora”, falantes de português têm a sua disposição a palavra curta e ágil *eles*. E tente imaginar como você trataria de referir-se a si mesmo sem o pronome *eu*. Expressões como “esta pessoa” ou “o que está falando agora” se tornariam tediosas rapidamente.

Existem vários tipos de pronomes (mesmo *interrogativos* como “quem”), mas os mais frequentemente encontrados são os *pronomes pessoais*, aos quais iremos concentrar-nos nesta introdução. Costumeiramente, eles são divididos em três diferentes “pessoas” (não que os pronomes envolvidos refiram-se somente a seres sencientes; nesse contexto, “pessoa” é apenas um termo estabelecido para uma classe de pronome). Em português, essa classificação dividida em três partes produz uma tabela como esta:

PRIMEIRA PESSOA (referindo-se a si próprio ou um grupo próprio): singular *eu*, como objeto *me*, *mim*, de posse *meu*; plural *nós*, como objeto *nos*, de posse *nosso*.

SEGUNDA PESSOA (dirigindo-se diretamente a outra pessoa ou outro grupo): singular *tu*, como objeto *te*, *ti*, de posse *teu*; plural *vós*, como objeto *vos*, de posse *vosso*.

TERCEIRA PESSOA (referindo-se a outra pessoa ou grupo): singular *ele*, *ela*, como objeto *o*, *a*, *lhe*, de posse *dele*, *dela*; plural *eles*, *elas*, como objeto *os*, *as*, *lhes*, de posse *deles*, *delas*.

Apesar do conceito dessas três “pessoas” como tal ser quase universal nos idiomas do mundo, é um tanto arbitrário o que outros idiomas distintos constroem em suas tabelas.

O finlandês, sempre relevante para este estudo uma vez que ele foi a principal inspiração de Tolkien para o quenya, possui apenas uma única palavra (*hän*) que abrange tanto “ele” como “ela”: os finlandeses entendem-se muito bem sem fazer essa distinção. Por outro lado, outros idiomas podem ir além do inglês (que, além de “he [ele]” e “she [ela]”, possui “it”, que é neutro e é usado para animais e objetos). Por exemplo, os hebreus aparentemente acharam que a distinção masculino/feminino era tão interessante que não era suficiente ter palavras separadas para “ele” e “ela”. O hebraico também possui palavras separadas para “você” (*atta*, ao falar-se com um homem e *att* ao falar-se com uma mulher); o idioma mantém esse princípio até mesmo no plural ao possuir palavras separadas para “eles” (*hem* quando se refere a um grupo de homens, mas com referência a um grupo apenas de mulheres, “elas” é *henna* [israelense moderno *hen*]... conforme compreendo isso, um grupo misto é mencionado pelo termo “masculino” *hem*, e então somos deixados para imaginar se um grupo de 10.000 mulheres e 1 homem ainda seria *hem* ao invés de *henna*).

O que dizer, então, do **quenya**? Que distinções pronominais Tolkien fez seus elfos criarem?

É um tanto difícil dizer qualquer coisa muito definida sobre o sistema pronominal do quenya. Mesmo agora, com quantidades enormes de material ainda não disponíveis para estudo, já é seguro dizer que os pronomes dos idiomas élficos de Tolkien eram bastante “instáveis” - provavelmente ainda mais do que muitos outros aspectos de suas construções lingüísticas sempre flexíveis. As tabelas de pronomes parecem ter passado por incontáveis revisões, e algumas pessoas acham que Tolkien nunca conseguiu classificar bem cada detalhe. (Pessoalmente acho que ele conseguiu - sem dúvida, o problema é que ele fazia isso *frequentemente*.)

Sabemos que o sistema pronominal do quenya, como Tolkien via-o em seus últimos anos, faz algumas distinções que não são regularmente expressas em português. Em primeiro lugar, do mesmo modo que o quenya possui uma forma *dual* do substantivo em adição às formas no singular e no plural, também há pelo menos alguns pronomes duais. Assim, na primeira pessoa não encontramos apenas o “eu” e o plural “nós”, mas também um pronome dual distinto que significa “você e eu” ou “nós dois”. Outra distinção sutil é feita nas palavras para “nós”: em quenya, existem palavras separadas ou desinências para “nós”, dependendo se o grupo ao qual se dirige está ou não incluído em “nós”. Por outro lado, parece que o quenya não mantém sempre a distinção entre “ele”, “ela”: esses podem ser abrangidos por um único pronome.

Na medida em que este curso prosseguir, discutiremos várias partes da tabela pronominal e suas obscuridades associadas, e também voltaremos às distinções pronominais especiais feitas em quenya. Contudo, vamos introduzir alguns pronomes agora mesmo.

Uma coisa deve ser compreendida: em quenya, os pronomes aparecem tipicamente como *desinências*, e não tão frequentemente como palavras independentes. (Quando um pronome em quenya aparece como uma palavra separada, ele geralmente é enfático - produzindo o mesmo efeito de colocar-se um pronome português em itálico: “*você* [e ninguém mais] fez isso”. Voltaremos aos pronomes independentes mais tarde.) Nos últimos versos do *Namárië* encontramos a palavra **hiruvalyë**, traduzida “tu encontrarás” por Tolkien. Se você resolveu todos os exercícios, irá lembrar-se da forma **hiruva**, futuro de **hir-** “encontrar”. Essa **hiruva** “encontrará” aparece aqui com a *desinência pronominal* **-lyë** anexada, que indica o sujeito do verbo. Essa desinência pertence à segunda pessoa e significa “tu” - ou, usando uma tradução menos arcaica, “você”. Assim **hiruvalyë** = “tu encontrarás”, ou “você encontrará”. O sufixo **-lyë** pode ser anexado a qualquer verbo para indicar que seu sujeito é “você, tu”.

Mencionado esse pronome, nos deparamos com a Obscuridade Instantânea, uma situação na qual nos encontraremos frequentemente enquanto tratar-

mos dos pronomes do quenya. Não está muito claro se essa desinência -lyë abrange ou não tanto singular como plural; no *Namárië* ela está no singular, como demonstrado pela tradução “tu”. Em um dos rascunhos de Tolkien para os Apêndices do SdA, ele de fato escreveu que os idiomas élficos não distinguiam entre o singular e o plural na segunda pessoa: “todos esses idiomas... não possuíam, ou apenas originalmente não possuíam, distinção entre o singular e o plural dos pronomes na segunda pessoa; mas eles possuíam uma distinção indicada entre as formas *familiares* e as *polidas*” (PM: 42-43). A desinência -lyë, usada por Galadriel ao dirigir-se a um relativo estranho como Frodo, parece ser um “você” polido ou cortês. No *Namárië* ela é assim usada como o “tu” singular, dirigindo-se apenas a uma pessoa, mas de acordo com PM: 42-43 recém citado, ela poderia bem ser igualmente “vós” (logo, se todos os membros da Sociedade compreendessem quenya, eles ainda não poderiam ter certeza de que Galadriel estava dirigindo-se a todos eles ou apenas a Frodo).

Entretanto, no ensaio *Quendi and Eldar* escrito cerca de cinco anos após a publicação do SdA, Tolkien indicou a existência de desinências pronominais que fazem a distinção entre a segunda pessoa do singular e a segunda do plural (WJ: 364). Aqui ele refere-se a “afixos pronominais reduzidos da segunda pessoa”, indicando ser -t no singular e -l no plural. Esse -l pode bem ser uma forma “reduzida” de -lyë, que seria então “vós”. Ainda assim, Tolkien incontestavelmente usou essa desinência para um “você (vós)”, no *singular*, no *Namárië*, visto que ele traduziu-a como “tu” no texto no SdA. Essa desinência -l mais curta também é atestada como parte do verbo *hamil* “você julga” (VT42: 33), e esse também pode ser considerado como no singular, embora o contexto tampouco seja conclusivo. Parece que, na segunda metade dos anos cinqüenta, Tolkien esteve repensando o sistema pronominal. A afirmação feita no rascunho para os Apêndices do SdA, para o fato de que o élfico não distinguiu a segunda pessoa do singular e a segunda do plural, na verdade não foi feita no SdA publicado. Por esse motivo, ele não estaria preso a ela. (Enquanto estivermos lidando com material de Tolkien que foi publicado apenas postumamente, jamais poderemos ter certeza de que a informação fornecida é inteiramente “canônica”: o autor podia sempre mudar de idéia, e o fez frequentemente, especialmente no que diz respeito aos idiomas.)

Tolkien aparentemente descobriu que, afinal de contas, o quenya possui pronomes distintos para a segunda pessoa do singular e do plural. Talvez a nova idéia (de aproximadamente 1960) seja mais ou menos esta: -lyë e a variante mais curta -l seriam *adequadamente* “vós (vocês)”, mas elas também são usadas como *singular polido*, por conseguinte a tradução “tu” no *Namárië*.

Para resumir: a desinência -l(yë) *certamente* pode ser usada como “vós (singular)”, e é provavelmente uma forma cortês/polida ao invés de uma forma

familiar/intima (= “você”). *Pode* ser que -l(yë) também abranja o “vós” no plural², esse podendo ser mesmo o seu significado adequado, mas é nisso que as coisas tornam-se um tanto obscuras. Tolkien provavelmente mudou de idéia sobre os detalhes constantemente. Nos exercícios abaixo, eu simplesmente usei a palavra neutra “vós” como o equivalente de -l(yë). Então é impossível dar errado.

NOTA: Desde que eu escrevi o mencionado acima, mais informações vieram à tona. De acordo com VT43: 36, (uma versão de) quenya possui -lyë como a desinência para um “vós” ou “tu” distintamente *singular*, com a desinência para “vós” *plural* sendo -llë. Assim, quando Tolkien indicou que -l é um afixo pronominal “reduzido” para “vós” plural, ele na verdade pensou nele como uma forma encurtada de -llë? Logo, é claro, o -l ainda parece ser “vós” singular no exemplo **hamil** “vós julgais”. A desinência sing. -lyë e a desinência pl. -llë coincidem como uma desinência -l encurtada, que abrange tanto o singular “vós” como o plural “vós” assim como o pronome português? (Novamente, cuidado com uma possível confusão!) De fato, Tolkien *sempre* pensou na desinência -lyë apenas como o singular “tu”, ou ela também *poderia* ser “vós” plural? O único “fato” canônico restante no redemoinho de concepções mutantes é o de que a desinência -lyë (encurtada para -l) pode ser traduzida por “vós” ou “tu”! Os escritores que quiserem um “vós” distintamente plural podem considerar a desinência -llë para esse significado, mas os exercícios que criei para este curso ainda têm apenas -l(yë) com a tradução “neutra” *vós*! Impossível dar errado, realmente...

Mas parece que mergulhamos direto na segunda pessoa; voltemos para a primeira. Na primeira pessoa do singular, as coisas felizmente são claras (bem, ao menos muito próximas disso). O pronome “eu” é representado com maior frequência pela desinência -n. (Linguistas observaram que, nos idiomas do mundo, o termo para “eu, mim” inclui com muita frequência algum som nasal como N ou M. Quaisquer que sejam as características sutis da psicologia humana que sustentem esse fenômeno, Tolkien parece ter gostado dessa associação, e a introduziu em vários de seus idiomas. Cf. sindarin *im* = “eu”.) Note como a desinência -n é adicionada aos verbos **utúlië** (tempo perfeito de **tul-** “vir, chegar”) e **maruva** (futuro de **mar-** “residir, morar”) na Declaração de Elendil:

Et Eärello Endorennā **utúlien** = “do Grande Mar **eu vim** para a Terra média.”
Sinomë maruvan = “neste lugar **eu vou morar**”.³

Contudo, a desinência -n para “eu” também ocorre como uma variante mais longa, -nyë. (Como observado acima, a desinência -lyë para “vós” possui uma variante mais curta -l; a variação -nyë vs. -n para “eu” seria um paralelo disso.) Essa variante mais longa é vista em uma palavra na qual já tocamos nessa

² Isso realmente pode acabar sendo confuso em português, mas espera-se que o sentido seja compreendido devido ao contexto onde o “vós” for aplicado, na expressão ou frase. [N. do T.]

³ Na tradução da editora Martins Fontes do SdA, o pronome “eu” não aparece, por questões gramaticais; porém, para evitar algum problema com a omissão do pronome (que é subentendido pelo contexto da frase) decidi mantê-lo, deixando assim bem claro a relação da desinência -n do quenya com o mesmo. [N. do T.]

lição, a forma **utúvienyes!** “Encontrei-a!” - a exclamação de Aragorn quando encontrou a muda da Árvore Branca. A palavra **utúvië**, aparentemente o tempo perfeito do verbo **tuv-** “encontrar”, ocorre aqui com *duas* desinências pronominais. A primeira delas, **-nyë** ou “eu”, indica o sujeito do verbo: **utúvie+nyë** “tenho encontrado (encontrei) + eu” = “encontrei”. Entretanto, sucedendo **-nyë** temos ainda outra desinência pronominal, o sufixo de terceira pessoa do singular **-s**, que significa “o, a, isto”. Dessa forma, uma frase inteira de verbo, sujeito e objeto foi encurtada em uma única palavra: **utúvienyes** = “eu encontrei-a”.

NOTA: Observe que, de acordo com as convenções ortográficas aqui empregadas, o **-ë** final perde seu trema sempre que uma desinência é adicionada, de forma que ele não é mais final: **utúvië + -nyë = utúvienyë** e não **utúviënyë**; adicionando **-s** a **utúvienyë** produz do mesmo modo **utúvienyes** e não **utúvienyës**. Essa é somente uma questão de ortografia.

Podemos simplificar essa regra gramatical: se um verbo receber *duas* desinências pronominais, a primeira indicará o sujeito do verbo e a segunda o objeto: a desinência pronominal reta é anexada primeiro e a desinência pronominal oblíqua depois. No material publicado, há dois ou três outros exemplos disso, além de **utúvienyes**.

Então é óbvio por que a forma longa **-nye-** é preferida aqui. Enquanto **utúvien** serve perfeitamente para “eu tenho encontrado (encontrei)”, a desinência oblíqua **-s** “a, o, isto” não poderia ser adicionada à desinência curta **-n**, uma vez que ****utúviens** não é uma palavra possível em quenya. Logo, podemos formular outra regra: a forma longa **-nyë (-nye-)**, e NÃO o **-n** curto, deve ser usada para “eu” se outra desinência pronominal sucedê-la. (Semelhantemente, para “vós (você)” *deve-se* usar a desinência longa **-lyë [-lye-]**, e não a forma mais curta **-l**, se uma segunda desinência pronominal for adicionada: “você tem encontrado (encontrou)” poderia ser tanto **utúviel** como **utúvielyë**, mas “você encontrou-a” deve ser **utúvielyes**, uma vez que ****utúviels** seria impossível.)

A desinência longa **-nyë** “eu” pode, porém, ocorrer mesmo se não houver um pronome oblíquo sucedendo-a (como pode a forma longa **-lyë** para “você, tu”, cf. **hiruvalyë** “tu encontrarás” no *Namárië*). A forma **linduvanyë** “eu cantarei” ocorre no frontispício na edição bilíngüe francesa de 1975 de *As Aventuras de Tom Bombadil*. O frontispício reproduz uma página manuscrita por Tolkien, que inclui algumas breves notas lingüísticas. (Taum Santoski, ao analisar essas notas no informativo *Beyond Bree*, outubro de 1985, leu essa forma como “linduvanya” - mas como apontado por Carl F. Hostetter, Tolkien provavelmente pretendia, ao invés disso, “linduvanyë”. Tolkien era capaz de uma caligrafia maravilhosa, mas sua caligrafia normal é com frequência um desafio para os transcritores!) Enquan-

to nenhuma segunda desinência pronominal suceder-se, aparentemente é completamente opcional usar a desinência longa **-nyë** ou a desinência curta **-n** para “eu”. Temos a desinência longa em **linduvanyë** “eu cantarei”, mas a Declaração de Elendil usa a desinência curta em **maruvan** “eu vou morar”. Certamente esses exemplos podem ser misturados para produzir **linduvan** e **maruvanyë** com exatamente o mesmo significado.

Parece, entretanto, que a desinência curta **-n** é muito mais comum do que o sufixo mais longo **-nyë**. Já encontramos esse **-n** anexado a vários verbos, tais como **polin** “eu posso” e **tirin** “eu observo” na lição anterior. Tolkien com muita frequência cita verbos primários desse modo, listando-os conforme aparecem no aoristo da primeira pessoa (com a desinência **-i-** intacta, pois ela mesma é seguida por uma desinência e portanto não é final, de forma que ela tornaria-se **-ë**). **Tirin** é um exemplo realmente encontrado em *Etimologias* (entrada *TIR*), mas pelos padrões dessa área, os exemplos realmente abundam: **carin** “eu crio, construo” (entrada *KAR*), **lirin** “eu canto” (*GLIR*) ou “eu então” (*LIR'*), **nutin** “eu amarro” (*NUT*), **nyarin** “eu conto” (*NAR*²), **rerin** “eu semeio” (*RED*), **serin** “eu descanso” (*SED*), **sucin** “eu bebo” (*SUK*), **tamin** “eu bato (de leve)” (*TAM*), **tucin** “eu puxo, arrasto” (*TUK*), **tulin** “eu venho” (*TUL*), **turin** “eu exerço (poder)” (*TUR*), **tyavin** “eu provo” (*KYAP*), **vilin** “eu vôo” (*WIL*), **umin** “eu não faço” (*UGU/UMU*). A forma **polin** “eu posso” (VT41: 6) é um dos muitos exemplos de fontes pós-SdA. Presumivelmente não estaria de modo algum errado usar, ao invés disso, a desinência longa **-nyë** (ex: **polinyë**), mas o **-n** é a desinência mais comum no corpus publicado. Mas especialmente para propósitos de poesia, muitas vezes é prático ser capaz de escolher entre uma desinência pronominal longa e uma curta, de forma que se pode incluir ou retirar uma sílaba se a métrica o exigir.

Note também que a desinência **-nyë**, assim como **-lyë** para “vós”, faz com que a ênfase recaia na sílaba que precede a desinência porque o **ny** e o **ly** aqui contam como encontros consonantais. Cf. ver as regras de tonicidade na Lição Um. Se **hiruvanyë** “eu encontrarei” (com a ênfase no **a**) não soar bem no seu poema, você pode sempre usar a forma curta **hiruvan** e fazer, ao invés disso, a ênfase cair sobre o **i** na primeira sílaba. (Novamente podemos ter o mesmo sistema na segunda pessoa: é completamente possível que, no *Namárië*, Tolkien tenha escrito **hiruvalyë** ao invés da forma mais curta **hiruval** simplesmente porque a primeira variante encaixa-se melhor em sua métrica poética.)

Quanto à desinência **-s**, que significa “a, o, isto” e que ocorre como um pronome oblíquo em **utúvienyes** “eu encontrei-a”, parece que ela também pode ser usada como um sujeito. Por exemplo, se **polin** é “eu posso”, podemos supor que “ele pode” seria **polis**. Entretanto, a desinência **-s** nos traz para a terceira

pessoa com seu próprio grupo de obscuridades, que deixaremos para mais tarde (Lição 15). Nos exercícios abaixo, -s é usada do mesmo modo como no exemplo **utúvienyes**: anexada a outra desinência pronominal para indicar o *objeto* do verbo (assim como a primeira desinência adicionada ao verbo indica seu *sujeito*).

SUMÁRIO DA LIÇÃO OITO: o tempo perfeito do quenya é formado ao adicionar-se a desinência -ië ao radical verbal (se o radical termina em uma vogal, ela aparentemente é omitida antes de -ië ser adicionada; verbos em -ya parecem perder essa desinência inteira). A menos que seja seguida de um encontro consonantal, a vogal raiz é alongada. Geralmente ela também é duplicada como um *aumento* prefixado ao verbo (**ric-** “torcer” vs. **irícië** “tem torcido (torceu)”, **hanya-** “entender” vs. **ahánië** “tem entendido (entendeu)”). Contudo, também aparecem alguns perfeitos não-aumentados no corpus publicado (notavelmente **fírië** ao invés de **ifírië** para “está desvanecido [desvaneceu]”), de modo que pode ser admissível omitir o aumento e ainda possuir uma forma de tempo perfeito válida. Não está muito claro como o aumento deve ser prefixado a radicais verbais que começam por uma vogal. - Os *pronomes* do quenya aparecem mais tipicamente como desinências do que como palavras separadas. Entre essas desinências pronominais temos -n ou -nyë “eu”, -l ou -lyë “tu, vós” e -s “a, o, isto”. Duas desinências pronominais podem ser adicionadas ao mesmo verbo, a primeira delas indicando o *sujeito* do verbo, e a segunda seu *objeto*.

VOCABULÁRIO

otso “sete”

seldo “menino” (na verdade, Tolkien não forneceu uma definição explícita, mas a palavra é citada em um contexto onde ele discute palavras em quenya para “criança”, e **seldo** parece ser uma forma masculina. Ver a entrada **SEL-D-** no *Etimologias*.)

mól “escravo”

an “pois” (ou “uma vez que, porque”, introduzindo uma frase dando uma *razão*, como em “eu confio nele, pois ele com frequência tem sido de ajuda para mim”.)

tul- verbo “vir, chegar”

lanta- verbo “cair”

nurta- verbo “ocultar, esconder” (cf. a **Nurtalë Valinóreva** ou “Ocultação de Valinor” mencionada no *Silmarillion*)

lerya- verbo “libertar”

metya- verbo “terminar” = “pôr fim a”

roita- verbo “perseguir”

laita- verbo “abençoar, louvar”

imbë preposição “entre”

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português (e pratique seu vocabulário; exceto pelo numeral *otso* e pelas desinências pronominais, os exercícios *A-H* empregam apenas palavras que se supõe que você tenha memorizado em lições anteriores):

- A. I nér ihírië i harma.*
- B. I rávi amátier i hrávë.*
- C. I aran utultië i tári.*
- D. I nissi ecendier i parma.*
- E. I úmëa tári amápië i otso Naucor.*
- F. Etécielyë otso parmar.*
- G. Equétien.*
- H. Ecénielyes.*

2. Traduza para o quenya (com todos os verbos no *perfeito*):

- I. O homem chegou.*
- J. Os sete anões comeram.*
- K. Os meninos viram um leão entre as árvores.*
- L. Os seis elfos perseguiram os sete anões.*
- M. O anão escondeu um tesouro.*
- N. Eu louvei o rei, pois o rei libertou todos os escravos.*
- O. Você caiu, e eu o vi.*
- P. Eu tenho posto (pus) um fim a isto. [/eu terminei-o].*

LIÇÃO NOVE

O infinitivo O verbo de negação Particípios ativos

O INFINITIVO

Todas as formas do verbo que discutimos até agora, todos os tempos verbais, são o que um lingüista chamaria de formas *finitas* do verbo. A definição de um verbo finito é que ele é capaz de funcionar como o *predicado* de uma frase, a parte da frase que nos diz o que o sujeito faz (ou *é* - na Lição Quatro mostramos que uma expressão constituída de verbo de ligação + substantivo ou adjetivo também conta como um predicado; ex: “ouro é belo”, mas aqui lidaremos, ao invés disso, com verbos mais normais). Em uma frase como **i Elda máta massa** “o elfo está comendo pão”, os lingüistas podem facilmente classificar as funções de todas as partes da frase: assim como **i Elda** “o elfo” é o sujeito e **massa** “pão” é o objeto, o verbo **máta** “está comendo” é o núcleo do *predicado* da frase.

Os infinitivos portugueses possuem vários usos, mas uma importante função do infinitivo é que ele permite que *vários* verbos sejam combinados em uma frase. Em uma frase como “os anões queriam comer”, o verbo “queriam” é uma forma finita conjugada, que aparece em um tempo específico (nesse caso, o pretérito). Mas o verbo “comer” aparece como um infinitivo, complementando o verbo finito para formar uma expressão verbal mais longa: “queriam comer”.

Em quenya, parece não haver um indicador independente de infinitivo como o “to” (ex: *to eat*, “comer”) no inglês, de forma que não precisamos preocupar-nos onde incluí-lo ou omiti-lo. É quase certo que exemplos atestados de infinitivos em quenya não existam em abundância, mas há a frase **polin quetë** “eu posso falar” (VT41: 6). Aqui o verbo **polin** “eu posso” é uma forma finita, o aoristo do verbo primário **pol-** que aparece com a desinência pronominal **-n** “eu” anexada - mas a palavra **quetë** deve ser analisada como um infinitivo. Claro, **quetë** é parecida em forma com o aoristo “fala”, mas como indicado pela tradução “falar” assim como o contexto, a forma **quetë** é infinitiva aqui. Podemos dizer, portanto, que verbos primários como **quet-** possuem infinitivos em **-ë** (indubitavelmente representando o *-i* do élfico primitivo). A desinência pode ser analisada simplesmente como um tipo de substituto temporário que é fornecido para compensar a ausência

de qualquer outra desinência, ou **quetë** pode ser visto como representando o “radical I” primitivo não flexionado *kweti*. Não importa como imaginamos a derivação definitiva e o “significado” da desinência -ë: provavelmente sabemos o suficiente para começar de fato a usar a forma infinitiva de verbos primários. Aqui estão alguns exemplos (caseiros) que combinam infinitivos com várias formas finitas (tempos) dos verbos **mer-** “desejar, querer” e **pol-** “poder”. Verbos finitos em *itálico*, infinitivos sublinhados:

I Elda **polë** cenë i Naucor. “O elfo *pode ver* o anão.” (note que, embora os verbos **pol-** “poder” e **cen-** “ver, contemplar” recebam aqui a mesma desinência -ë, o primeiro é um aoristo e o último é um infinitivo: o contexto deve decidir se a forma **cenë** deve ser compreendida como o aoristo “vê” ou o infinitivo “ver”)

I Naucor **merner** matë. “Os anões *queriam comer*.” (verbo finito **merner** “queriam”, flexionado para o pretérito e plural, + o verbo infinitivo **matë** “comer”)

I seldo **pollë** hlarë ilya **quetta**. “O menino *podia ouvir* cada palavra.”

Polälyë carë ilqua. “Você *pode fazer* tudo.”

I nissi **meruvar** tulë. “As mulheres *desejão vir*.”

O que dizer dos radicais A? Em *Etimologias*, Tolkien freqüentemente registrava verbos radicais A como se eles fossem infinitivos; ex: **anta-** “presentear, dar”, **varya-** “proteger” ou **yelta-** “detestar” (entradas *ANA*¹, *BAR* e *DYEL*). Isso não é, por si só, uma evidência conclusiva de que uma forma como **anta** pode de fato ser usada como o infinitivo “dar” em um texto em quenya, pois, na tradição dos lingüistas ocidentais, o infinitivo é geralmente a forma usada para designar, listar ou registrar um verbo em listas de palavras. Às vezes esse sistema é posto em prática mesmo onde tal definição está estritamente errada: uma lista de palavras hebraico-portuguesas pode insistir que *nathan* significa “dar”, embora na verdade signifique “ele deu” - essa sendo a forma mais simples e básica desse verbo, a forma lógica a ser registrada em um dicionário. Entretanto, uma forma como **anta-** é simplesmente um radical A não flexionado, e Tolkien referiu-se a certas circunstâncias gramaticais “onde o radical puro do verbo é usado... como infinitivo” (MC: 223). O sistema geral também parece sugerir que radicais A sem adições podem funcionar como infinitivos. (Note que ambos infinitivos de verbos primários e radicais A parecem ser similares em forma a aoristos sem desinência.) Logo, acho que podemos ter frases como as seguintes:

I vendi **merner** linda. “As donzelas *queriam cantar*.”

I norsa **polë** orta i alta ondo “O gigante *pode erguer* a rocha grande”

Merin cenda i parma “Eu quero *ler* o livro”

Vários infinitivos podem provavelmente ser justapostos por meio de **ar** “e”:

I neri merir cenda ar tecë rimbë parmar “Os homens querem ler e escrever muitos livros”

A discussão acima certamente não abrange tudo que há para ser dito sobre os infinitivos do quenya. Mais detalhes são conhecidos e serão inseridos posteriormente neste curso, mas existem muitos pontos obscuros. Em algumas notas muito tardias (cerca de 1969), Tolkien refere-se ao “‘infinitivo’ (aoristo) geral formado ao adicionar-se *-i*” (VT41: 17), mas uma vez que apenas breves notas desse material foram publicadas, não podemos ter certeza do que ele quis dizer. Existe um “infinitivo aoristo” específico? Tratamos anteriormente da distinção feita entre tais formas como **máta** “está comendo” (presente/tempo contínuo) e **matë** “come” (aoristo). Essas distinções persistem no infinitivo, de modo que se pode de alguma forma distinguir “comer” (aoristo infinitivo) de “estar comendo” (infinitivo contínuo)?

Além disso, ao que Tolkien referia-se com “adicionar-se *-i*”? Obviamente há um infinitivo que é formado adicionando-se **-i** ao radical verbal (dos verbos primários, ao menos). Mas essa desinência é um sufixo contemporâneo em quenya ou ela representa uma forma élfica primitiva? Como mencionado acima, o infinitivo atestado **quetë** “dizer” pode ter a intenção de representar a forma primitiva *kweti*, que seria de fato a raiz *kwet-* com “*-i* adicionado”. Mas se esse **-i** é um sufixo contemporâneo em quenya, haveria um infinitivo alternativo **queti** “dizer”. Como ele é usado, ou se ele é intercambiável com a forma atestada **quetë**, não podemos sequer começar a supor. No ensaio *Quendi and Eldar*, Tolkien mencionou algumas formas de verbo que parecem exemplificar um infinitivo em **-i**, ou seja, **auciri** e **hóciri**, ambas significando “cortar” (em dois sentidos diferentes, ver WJ: 365-366). Mas adiante no ensaio, ele citou as mesmas formas com um hífen anexado (**auciri-**, **hóciri-**), como se essas fossem radicais verbais ao invés de formas infinitivas independentes (WJ: 368). Logo, não podemos estar seguros de nada, e devemos esperar a publicação de mais material.

Como observado acima, o infinitivo é tradicionalmente usado para *designar* ou *listar* verbos, ou para dar o seu significado como um registro geral. De agora em diante iremos freqüentemente definir os verbos de tal maneira; ex: registrando um radical verbal como **tul-** como “vir, chegar” e **lanta-** como “cair”. Deve-se compreender que o mero radical de um verbo primário como **tul-** não pode agir como um infinitivo real (“**tul**”) em um texto em quenya (ele deve ser então **tulë**). É simplesmente costumeiro e conveniente dar o significado de um

verbo citando sua definição no infinitivo. Nas listas dos Vocabulários das Lições 5 a 8, tive que escrever “verbo” na frente do nome de cada novo verbo para deixar bem claro a que parte da língua a palavra nova pertence.

O VERBO DE NEGAÇÃO

Este pode ser um bom lugar para introduzir um verbo do quenya um tanto peculiar. Anteriormente mencionamos o verbo de ligação **ná** “é/está”, ao qual agora podemos referir-nos como um tempo do verbo “ser/estar”. (Não me pergunte se **ná** é o presente ou o aoristo, e os outros tempos desse verbo infelizmente são ainda mais obscuros: o verbo “ser/estar” é notoriamente irregular nos idiomas do mundo, e Tolkien também pode bem ter inventado algumas belas irregularidades para o quenya.)

De qualquer modo, o quenya também possui um verbo único que significa “*não* ser/estar”; você pode expressar esse significado sem combinar alguma forma de **ná** com uma palavra separada para “*não*” (embora o quenya também possua tal negação). Esse verbo é registrado em *Etimologias*, entrada *UGUI/UMU*, onde aparece como **umin** “eu não sou/estou” (outro exemplo do hábito freqüente de Tolkien de registrar verbos primários na primeira pessoa do aoristo). O pretérito também é registrado, um tanto irregular: ele é **úmë**, e não ****umnë** como teria que ser de acordo com o padrão “regular” mais simples. **Úmë** como o pretérito do verbo primário **um-** parece pertencer ao mesmo padrão de **lávë**, pret. de **lav-** “lamber” (cf. **undulávë** “mergulhado, engolido” = “coberto” no *Namárië* no SdA). Deve-se ter cuidado para não confundir a forma de pretérito **úmë** “não era/estava” com o aoristo sem desinência **umë** “não é”.

Como o *futuro* desse verbo, podemos esperar **umuva**, e essa forma não atestada pode bem ser admissível - mas na verdade uma forma mais curta, **úva**, ocorre na *Canção de Fíriel*. Aqui temos a expressão **úva... farëa**, “não será suficiente” (**farëa** = adjetivo “suficiente, bastante”). É possível que essa **úva** seja na verdade o futuro de outro verbo: além de **umin** “eu não sou/estou” da raiz *UMU*, Tolkien também registrou a forma **uin**, de mesmo significado - aparentemente derivada da raiz *UGU*. Talvez **úva** seja estritamente o futuro do último verbo. Ela pode representar uma forma primitiva de certo modo como *uguba*, enquanto **uin** parece ser derivada de *ugin* (ou *ugi-ni* em um estágio ainda mais antigo). Entre vogais, o *g* era perdido em quenya, de forma que os dois *u*'s de *uguba* fundiram-se em um *ú* longo em **úva**, enquanto que o *u* e o *i* de *ugin* fundiram-se em um ditongo *ui* (como em **uin**) quando o desaparecimento do *g* causou o contato direto das duas vogais. Qualquer que seja o desenvolvimento que Tolkien possa ter imaginado, usaremos aqui **úva** como o futuro de **um-** “não ser/estar”, evitando a forma não atestada (e talvez um tanto estranha) **umuva**.

Como ná, esse “verbo de ligação negativo” presumivelmente pode ser usado para ligar um sujeito com um substantivo ou um adjetivo:

I Nauco umë aran. “O anão não é um rei.”

I nissi umir tiucë. “As mulheres não são gordas.”

I rocco úmë morë. “O cavalo não era preto.”

I neri úmer sailë. “Os homens não foram sábios.”

Elda úva úmëa. “Um elfo não será mau.”

Nissi úvar ohtari. “Mulheres não serão guerreiras.”

Ou, usando desinências pronominais ao invés de um sujeito independente:

Umin Elda. “Eu não sou um elfo.”

Úmen saila. “Eu não fui sábio.”

Úvalyë ohtar. “Você não será um guerreiro.”

Mais acima, eu disse que esse era um bom lugar para introduzir o verbo de negação. Isso se dá porque ele provavelmente também pode ser combinado com os *infinitivos*.¹ Carecemos de exemplos reais, mas na entrada *UGUI/UMU* no Etim, Tolkien indicou que **umin** não significa sempre “eu não sou/estou”. Ele também bem pode significar “eu não (faço algo)”. Ao combinar-se tal verbo com um infinitivo, podem-se provavelmente negar os verbos em questão. Exemplos caseiros que envolvem vários tempos do verbo de negação:

Umin turë macil. “Eu não empunho uma espada.”

Máma umë matë hrávë. “Um carneiro não come carne.”

I Nauco úmë tulë. “O anão não veio.”

I neri úmer hirë i harma. “Os homens não encontraram o tesouro.”

I nís úva linda. “A mulher não cantará.”

I neri úvar cenë i Elda. “Os homens não verão o elfo.”

Devemos supor que, após o verbo de negação, assim como em outros contextos, *vários* infinitivos podem algumas vezes ser combinados, como **merë** e

¹ Em inglês, frases como “a mulher não cantará” são formadas por um verbo auxiliar + o infinitivo: *the woman will not sing*. Já em português, o mesmo não ocorre, e o que seria em inglês uma expressão verbo auxiliar + infinitivo, como *will not sing*, traduz-se por uma expressão verbal completa, sem o infinitivo: *não cantará* (nesse caso, o verbo está no futuro). O quenya segue o padrão do inglês nesse caso, sendo necessário que se preste atenção para que confusões sejam evitadas, não tentando traduzir literalmente para o português uma frase ou expressão em quenya que possua verbo auxiliar + infinitivo. [N. do T.]

cenë nessa frase (o verbo finito em *itálico*, os dois infinitivos sublinhados, o primeiro com uma única linha e o segundo com duas):

I Elda *úmë* merë cenë i Nauco. “O elfo *não quis ver* o anão.”

Ou novamente, com os infinitivos **merë** e **cenda**:

I Nauco *úva* merë cenda i parma. “O anão *não desejará ler* o livro.”

Presumivelmente o tempo presente/contínuo do verbo de negação, que teria que ser **úma**, pode ser usado para negar a existência de uma ação *corrente*:

I Nauco úma linda “O anão não está cantando” (nesse instante)

Compare com o aoristo: i Nauco umë linda “o anão não canta”. O último frequentemente teria (mas não necessariamente) uma aplicação mais abrangente, como “o anão não é um cantor”. De qualquer modo, ficaremos com o aoristo nos exercícios abaixo.

PARTICÍPIOS ATIVOS

As várias partes da linguagem, tais como substantivos, verbos e adjetivos, permanecem categorias relativamente distintas na maior parte do tempo. Contudo, algumas palavras unificam as propriedades de várias partes da linguagem. Os *particípios* são palavras com uma função basicamente adjetiva, mas eles são derivados diretamente de verbos, e no caso de particípios ativos, eles ainda são capazes de reger um objeto.

Os particípios são subdivididos em duas categorias, frequentemente chamadas *particípios presentes* e *particípios passados*. Esses termos estão um tanto equivocados, pois a distinção mais importante entre eles não tem nada a ver com tempos verbais. Os termos alternativos *particípios ativos* e *particípios passivos* são melhores, e tentaremos usá-los consistentemente aqui.

Deixaremos o particípio passivo ou “passado” para a próxima lição e nos concentraremos nos *particípios ativos* ou “presentes” aqui. Em inglês, essa forma é produzida por meio da desinência *-ing*; já no português, geralmente usam-se os sufixos gerundiais *-ando*, *-endo*, *-indo*, *-ondo*, *-undo* ou sufixos adjetivos *-ante*, *-ente* e *-inte*. Por exemplo, o verbo “seguir” possui o particípio ativo “seguinte”.

Esse adjetivo verbal descreve o estado de algo ou alguém que realiza a ação do verbo correspondente: o dia que *se segue* pode ser descrito como o dia *seguinte*.

Se o verbo for capaz de reger um objeto, também o será seu particípio correspondente. Uma pessoa que *ama elfos* pode ser descrita como uma pessoa *amante de elfos*.

A desinência em quenya correspondente ao particípio ativo do português é *-la*. Existem muitos exemplos de particípios ativos no poema *Markirya*. Por exemplo, Tolkien, em seu comentário, observou que “*ilkala* [é o] particípio de *ilka* ‘brilhar (branco)’” (MC: 223). O particípio *ilcala* (como escreveríamos aqui) significa assim “brilhante”, e ele é usado desse modo no poema, em uma expressão traduzida “na brilhante lua” (MC: 215).

Parece que, em um particípio ativo do quenya, a vogal raiz é alongada se possível. Em *ilcala* o *i* não pode tornar-se *í* longo porque há um encontro consonantal sucedendo-o. Contudo, Tolkien, em MC: 223, também mencionou a verbo *hlapu-* “voar ou ondear ao vento” (um dos raros *radicais U*, uma categoria de verbos bastante obscura). Seu particípio aparece como *hlápula* na página anterior: *winga hlápula*, traduzido “soprante espuma” (cf. MC: 214). Devemos supor, então, que o particípio de um verbo como *lala-* “rir” é *lálala* (!) “risonho”: a vogal raiz é alongada. Se o radical verbal inclui uma vogal que já é longa, ela simplesmente permanece longa no particípio: os particípios de *píca-* “diminuir, definir” e *rúma-* “deslocar, mover, levantar” aparecem como *pícala* e *rúmala* no poema *Markirya*.

No caso de radicais verbais mais longos onde as vogais raízes ocorrem duas vezes, como em *falasta-* “espumar” (a raiz evidentemente sendo *PHALAS*), parece que é a *segunda* ocorrência da vogal raiz que deve ser alongada se possível. Neste caso ela não pode ser alongada, visto que é seguida por um encontro consonantal; o particípio “espumante” é atestado (no *Markirya*) como *falastala*. A primeira ocorrência da vogal raiz *poderia* ter sido alongada até o ponto em que diz respeito à fonologia (***fálastala*), mas essa primeira vogal evidentemente não “conta” para o propósito de alongamento. (Presumivelmente ela também não é alongada no presente: *falastëa* “está espumando”; dificilmente ?*fálastëa* e muito menos ***fálastëa*.)

Os verbos primários são um problema. Adicionar a desinência *-la* aos seus radicais simplesmente resultaria em encontros consonantais que não são permitidos em quenya. Por exemplo, o particípio do verbo *tir-* “observar” não pode ser ***tirla* (muito menos ***tírla*), uma palavra bastante impossível em quenya. Supõe-se que, em tais casos, que seja possível começar a construir o “radical contínuo” (similar ao presente) ao alongar-se a vogal raiz e ao adicionar-se *-a*; ex: *tíra* “está observando”, e então produz-se o particípio ao adicionar-se a desinência participial *-la* a *essa* forma: *tírala* “observante”. O *Markirya* possui *hácala* como o

particípio “bocejante”; infelizmente o verbo fundamentador “bocejar” não é atestado, mas se ele for um verbo primário **hac-**, a forma participial atestada confirmaria tal teoria. Mas é claro, o verbo que fundamenta o particípio **hácala** poderia bem ser um radical A **haca-** ou **háca-** (cf. **hlápula** “soprante, ondeante” de **hlapu-** e **pícala** “minguante” de **píca-**).

Com a publicação de *The Peoples of Middle-earth* em 1996, uma forma que parece ser o particípio de um verbo primário tornou-se disponível: PM: 363 refere-se à raiz “[como em] **itila** ‘brilhante, cintilante’, e **íta** ‘um brilho’, **ita-** verbo ‘cintilar’.” Mas **itila** é realmente o particípio de um verbo primário **it-**? Tolkien refere-se a **it-** como um “radical” ou raiz (cf. PM: 346), e não como um verbo do quenya. O verdadeiro verbo do quenya em questão é registrado como **ita-**, um radical A curto que significa “cintilar”. Seu particípio presumivelmente seria **ítala**, e não **itila**. Se o último não é de modo algum um particípio, ele é um tanto peculiar: ele não mostra alongamento da vogal raiz (não sendo ****ítala**), e uma vogal de ligação **-i-** é inserida antes da desinência **-la**. Uma vez que o aoristo de um verbo **it-** seria **iti-** (tornando-se **itë** apenas na ausência de quaisquer desinências), pode-se perguntar se **itila** é um *particípio aoristo*. Isso significaria que o quenya seria capaz de manter a distinção de aoristo/presente no particípio, de modo que haveria formas diferentes para “fazendo” (habitualmente ou momentaneamente) e “fazendo” (continua-mente): talvez algo como **carila** e **cárala**, respectivamente (do verbo **car-** “fazer”). Mas isso é especulativo, e não posso recomendar tal sistema a escritores; devemos esperar a publicação de mais material. Pode ser que **itila** seja simplesmente uma antiga formação adjetiva que não “conta” mais como um adjetivo em quenya. A desinência **-la** ocorre também em adjetivos, como por exemplo **saila** “sábio”; indubitavelmente **-la** é em origem simplesmente uma desinência adjetiva que veio a ser favorecida como o sufixo usado para produzir adjetivos verbais = particípios.

Ainda assim, os particípios do quenya parecem ter estabelecido a si próprios como formações bem distintas dos adjetivos, pois em um aspecto seu comportamento difere: ao contrário dos adjetivos, os particípios ativos aparentemente *não* concordam em número. Por exemplo, o *Markirya* tem **rámar sisílala** para “brilhantes asas” (a segunda palavra sendo o particípio do verbo **sisíla-**, uma variante mais longa do verbo **sil-** “brilhar [com luz branca]”). Como lembramos, adjetivos normais em **-a** possuem formas plurais em **-ë** (que representam o **-ai** do quenya arcaico). Logo, se **sisílala** fosse concordar em número com o substantivo que descreve, esperaríamos ter ****rámar sisílalë**. Talvez Tolkien não quisesse que particípios em **-la** concordassem em número precisamente porque a forma plural da desinência participial teria que ser **-lë**: essa desinência poderia facilmente ser confundida com a conhe-

cida desinência *abstrata* -lë (que em inglês corresponde a “-ing”) que é adicionada a radicais verbais para produzir substantivos - ex: **lindalë** “canto”, a partir de **linda** “cantar” (como em **Ainulindalë** “Canto Ainu”, a tradução livre sendo “Música dos Ainur”). Tanto **lindala** como **lindalë** são traduzidas como “singing (canto/cantante, dependendo do contexto)” em inglês, mas o último é um *substantivo* (“a singing [um canto]”), enquanto o primeiro é “cantante” no sentido *adjetivo*.

O português com frequência emprega o particípio ativo para expressar o significado de um tempo contínuo, combinando o particípio com um verbo de ligação como “é/está” ou “era/estava”; ex: “o menino está rindo”. Mas no que diz respeito ao menos a ações presentes, o quenya preferencialmente expressa esse significado usando o tempo presente/contínuo genuíno: **i seldo lálëa**. Ninguém pode dizer se a expressão no estilo do português **i seldo ná lálala** é uma frase válida em quenya; suspeita-se que, embora isso fosse inteligível, os Eldar (/Tolkien) não pensariam nele como “quenya agradável”.

Apesar de não termos qualquer exemplo atestado de um particípio ativo regendo um objeto, devemos supor que ele é possível; ex: **Nauco tírala Elda**, “um anão observando um elfo”.

SUMÁRIO DA LIÇÃO NOVE: o infinitivo é uma forma do verbo que não é flexionado por tempo e, portanto, é incapaz de agir como o predicado de uma frase (como pode um verbo *finito*); um infinitivo pode ser combinado com outros verbos para formar expressões verbais mais longas. Apesar de haver algumas obscuridades, o (ou um) infinitivo do quenya é aparentemente idêntico ao próprio radical verbal, exceto que verbos primários recebem a desinência -ë - ex: **quet-** “falar” na frase **polin quetë** “eu posso falar”. Este infinitivo parece ser o usado quando verbos finitos e infinitos são combinados (como no exemplo recém citado, onde o infinitivo **quetë** é combinado com a forma finita do verbo **pol-** “poder”). - O *verbo de negação* **um-** (pretérito **úmë**, futuro **úva**) aparentemente pode agir como um verbo de ligação negativo (“não ser”) e como um verbo que pode ser combinado com o infinitivo de outros verbos para expressar “não fazer...” algo; ex: **umin quetë** “eu não falo”. - O *particípio ativo*, um adjetivo verbal que descreve o estado daquele que executa a ação indicada pelo verbo correspondente, é produzido ao adicionar-se **-la** ao radical verbal correspondente. A vogal raiz é alongada se não houver encontro consonantal sucedendo-a. Não está muito claro como a desinência **-la** deve ser adicionada aos radicais de verbos primários, mas uma hipótese plausível pode ser a de que a desinência é sufixada à forma “contínua” (com a vogal raiz alongada e a desinência **-a**; ex: **tíra** de **tir-** “observar”, tendo assim **tírala** como o particípio “observante”).

VOCABULÁRIO

tolto “oito”

pol- “ser (fisicamente) capaz de”, geralmente traduzido “poder” (onde esse refere-se a alguma habilidade física - e *não* “poder” no sentido de “saber como”, referindo-se à habilidade intelectual, ou “poder” no sentido de “ser permitido”, referindo-se à liberdade a partir de proibições. Para os dois últimos significados, o quenya usa palavras distintas.)

um- verbo de negação “não fazer” ou “não ser/estar”, pretérito **úmë**, futuro **úva**
mer- “desejar, querer”

hlar- “escutar” (relacionado ao sindarin *lhaw* como em *Amon Lhaw*, a Colina da Audição no SdA)

verya- “ousar” (da mesma raiz do nome sindarin *Beren*, que significa “destemido” ou “ousado”)

lelya- “ir, prosseguir, passar por, viajar”, pretérito **lendë**, perfeito **[e]lendië** (mais sobre esse verbo “irregular” na próxima lição)

pusta- “parar”

ruhta- “aterrozar, amedrontar” (completamente relacionado a **urco** ou **orco**, as palavras em quenya para “orc”)

coa “casa” (apenas a construção, e não “casa” = “família”)

mir preposição “em, dentro de”

ter preposição “através” (uma variante mais longa, **terë**, também existe, mas usei **ter** nos exercícios abaixo)

EXERCÍCIOS

Traduza para o português:

A. Sílala Isil ortëa or Ambar.

B. I cápala Nauco lantanë ter i talan.

C. Polin hlarë lindala vendë.

D. Minë nér túrala minë macil úva ruhta i tolto taurë ohtari.

E. Mól mápala taura nér umë saila.

F. I tolto rávi caitala nu i aldar ortaner, an i rávi merner matë i neri.

G. Rá umë polë pusta matë hrávë.

H. I ruhtala ohtar pustanë tirë i lië, an i ohtar umë saila.

Traduza para o quenya:

I. O homem perseguindo o anão é um guerreiro.

J. O rei queria ir.

K. A donzela não ousou ver a rainha.

L. As mulheres risonhas foram para dentro da casa.

M. Os oito anões viajantes podem encontrar muitos tesouros.

N. Você não louvou o elfo, você não louva o homem [**Atan**], e você não louvará o anão.

O. Eu quero viajar através do mundo e libertar todos os povos.

P. Um homem ousado passou através do portão e para dentro da montanha.

LIÇÃO DEZ

Advérbios

As desinências pronominais *-ntë* e *-t*
Infinitivos com pronomes oblíquos
O pretérito de verbos intransitivos em *-ya*
Participípios passivos

ADVÉRBIOS

Os advérbios formam uma parte da linguagem que é usada para fornecer “informações extras” em uma frase. Uma frase típica fornece informação sobre quem faz o que (a quem), envolvendo um sujeito, um predicado e, se necessário, um objeto. Mas você também pode querer introduzir informação sobre *quando*, *onde* ou *de que maneira* a ação verbal ocorre. É aqui que os advérbios entram no palco lingüístico.

Em muitos casos, os advérbios são para os verbos o que os adjetivos são para os substantivos. Assim como um adjetivo pode descrever um substantivo, um advérbio pode descrever a *natureza da ação verbal* da frase. Em uma frase como “eles saíram rapidamente”, a última palavra é um advérbio que descreve *como* ou *de que maneira* “eles saíram”. Se dissermos “ela está cantando agora”, a palavra “agora” é um advérbio que responde a pergunta de *quando* a ação verbal acontece. E se dissermos “eles fizeram isso aqui”, a palavra “aqui” é um advérbio que nos diz *onde* a ação verbal aconteceu.

Alguns advérbios podem ser chamados de “básicos”, uma vez que eles não são derivados de outra parte da linguagem. Considere tal advérbio de tempo como o português “agora” e seu equivalente em quenya *sí*; nenhum dos dois pode ser analisado além disso. Mas muitos advérbios portugueses não são básicos desse modo. Eles são evidentemente derivados de adjetivos, como em um dos exemplos recém usados: o advérbio “rapidamente” é obviamente baseado no adjetivo “rápido”. O grande formador de advérbios portugueses é o sufixo *-mente*, que pode em princípio ser adicionado a qualquer adjetivo, tornando-o um advérbio (produzindo pares tais como profundo/profundamente, final/finalmente, grande/grandemente, alto/altamente, rápido/rapidamente e incontáveis outros). Visto que temos apenas um punhado de palavras que Tolkien explicitamente identificou como advérbios, mas um monte de adjetivos, seria bom se pudéssemos reconhecer um formador de advérbio em quenya como o sufixo português *-mente*. Então poderíamos produzir nossos próprios advérbios em quenya.

Talvez tenhamos tal desinência em quenya. Ela ocorre no SdA, como parte do *Louvor de Cormallen* (volume 3, Livro Seis, capítulo IV: “O Campo de Cormallen”). Como parte do louvor recebido pelos Portadores do Anel, temos as duas palavras **andavë laituvalmet**, traduzidas “longamente os louvaremos” em Letters: 308. Temos aqui o advérbio **andavë**, “longamente” (que aqui significa “por muito tempo”). Sabemos que o *adjetivo* em quenya “longo, comprido” é **anda** (cf. *sindarin and* como em *And+duin* = *Anduin*, “Rio Comprido”). Parece, então, que esse adjetivo foi transformado em um advérbio ao fornecer-se a desinência **-vë** (provavelmente relacionada à preposição do quenya **ve** “como”). Logo, se **alta** é “grande”, podemos usar **altavë** para “grandemente”? Uma vez que **tulca** é uma palavra para “firme”, “firmemente” seria **tulcavë**? Sabendo que **saila** significa “sábio”, podemos supor que **sailavë** seja uma palavra aceitável para “sabiamente”? De um modo geral, creio que tais formações são plausíveis, embora a aplicação potencial da desinência **-vë** possa não ser literalmente ilimitada. O adjetivo em quenya, “bom”, é **mára**; pode-se perguntar se **márovë** para “bem” soaria da mesma forma como “boamente” em português! (Um advérbio básico **vandë** “bem” ocorre na lista de palavras mais primitiva de “qenya” de Tolkien [QL: 99]; se essa ainda era uma palavra válida no quenya no estilo do SdA quarenta anos mais tarde, ninguém pode dizer.)

Como **anda** “longo”, a grande maioria dos adjetivos do quenya termina em **-a**. Os adjetivos menos freqüentes em **-ë** em praticamente todos os casos vêm de formas de élfico primitivo em **-i**, vogal que seria preservada imutável antes de uma desinência ou em palavras compostas: compare **morë** “escuro, preto, negro, sombrio” com a palavra composta **moriquendi** “elfos escuros”. Devemos supor que a qualidade original da vogal seria preferida antes da desinência adverbial **-vë** – então, se tentarmos produzir o advérbio “sombriamente” a partir de **morë**, ele provavelmente deveria ser **morivë** ao invés de **morevë**. Na verdade, poucos dos adjetivos em **-ë** são aptos a possuir quaisquer advérbios correspondentes; eles indicam principalmente cores. Talvez possamos ter **mussë/mussivë** “suave/suavemente”, **nindë/nindivë** “tênue/tenuamente” e **ringë/ringivë** “frio/friamente” (mas em uma fonte tardia, a palavra para “frio” aparece como **ringa** ao invés de **ringë**, e então o advérbio seria simplesmente **ringavë**).

Como a desinência **-vë** seria adicionada aos poucos adjetivos em **-n** é bastante incerto. O adjetivo **melin** “querido, caro, prezado” (não confundir com o aoristo na primeira pessoa com sonoridade parecida “eu amo”) poderia ter o advérbio correspondente **melinvë** “prezadamente”, pois apesar de **nv** não ocorrer em palavras unitárias, é uma combinação possível em quenya (cf. o título de Aragorn **Envinyatar** “Renovador”, onde **en-** = “re-”). Por outro lado, se a desinência **-vë** está relacionada com a preposição **ve** “como”, ambas provavelmente descen-

dem de *be* em élfico primitivo. Poderíamos argumentar então que o original *melin-be* surgiria preferencialmente como **melimbë** em quenya. Ainda por outro lado (se podemos pressupor mais lados), adjetivos em **-in** parecem ser encurtados a partir de formas mais longas em **-ina**, e então se poderia afirmar que esse **a** seria preservado antes de uma desinência. Assim, “prezadamente” poderia ser **melinavë**. (Eu diria, esqueça **melin** e comece, ao invés disso, a partir de **melda** ou **moina**, adjetivos que também significam “querido”. Então podemos simplesmente ter **meldavë** ou **moinavë**.)

Em português, ao menos, um advérbio não descreve necessariamente uma ação verbal. Ele também pode ser usado para modificar o significado de um adjetivo (ou mesmo de outro advérbio). Esse é um tipo de metadescrição, uma palavra descritiva descrevendo outra. Ninguém sabe se advérbios em quenya (ou especificamente aqueles em **-vë**) podem ser usados de tal modo. Por exemplo: sabendo que **valaina** é o adjetivo em quenya “divino”, podemos sentir-nos livres para usar **valainavë vanya** para “divinamente lindo”? Tolkien forneceu **aqua** como o advérbio “completamente, totalmente, inteiramente” (WJ: 392 - esse é um advérbio “básico” *não* derivado de adjetivo, diferente das palavras portuguesas em *-mente* que são derivadas dos adjetivos “completo, total e inteiro”). Parece muito provável que esse **aqua** possa modificar um adjetivo; ex: **aqua morë** “completamente escuro”. Se não é assim, Tolkien deveria ter-nos contado.

Pode ser observado que, em algumas fontes primitivas, Tolkien usa advérbios em **-o** ao invés de **-vë**. A única confirmação do último é, como demonstrei, **andavë** vs. o adjetivo **anda** “longo”. Contudo, existe uma frase primitiva em “qenya” que é traduzida como “os elfos permaneceram longamente adormecidos em Koveniéni [posteriormente: Cuiviénen]”; ver *Vinyar Tengwar* 27. Nessa frase, o advérbio “longamente” aparece como **ando**, e não **andavë**. Exemplos adicionais de advérbios em **-o** incluem **ento** “depois” e **rato** “logo, em breve” (de uma frase “Ártica” citada em *Father Christmas Letters* - obviamente uma forma de “qenya”, apesar de aparecer em um contexto que não tem nada a ver com a produção literária séria de Tolkien). Podemos ainda incluir o advérbio **voró** “sempre, continuamente” de uma fonte relativamente tardia como *Etimologias* (entrada *BOR*), embora nessa palavra o **-o** final possa ser simplesmente a vogal raiz duplicada e sufixada.

O exemplo **ando** “longamente” (não confundir com o substantivo “portão”), que é obviamente derivado do adjetivo **anda**, parece indicar que a desinência **-o** pode ser usada para produzir advérbios a partir de adjetivos. Podemos ter, então, (digamos) **tulco** “firmemente” a partir de **tulca** “firme”, como uma alternativa para **tulcavë**? Ou devemos entender que Tolkien, por volta do período do SdA,

abandonou -o como uma desinência adverbial? Sendo assim, ele introduziu -vë como uma substituição, e não como uma alternativa (mudando **ando** para **andavë**).

Não podemos saber se -o ainda é uma desinência adverbial válida no quenya no estilo do SdA. Mas ao se derivarem advérbios de adjetivos, eu recomendaria usar a desinência “segura” (ou, pelo menos, mais segura) -vë. Nos exercícios abaixo, não usei a desinência -o, mas apenas -vë. Por outro lado, nesse estágio, eu não mexeria com advérbios atestados como **ento**, **rato**, **voro** (mudando-os para ?**entavë**, etc.)

Os advérbios concordam em número como os adjetivos? Foi sugerido que **andavë** é na verdade um advérbio no *plural*, que concorda com um verbo no plural (**andavë laituvamet** “longamente os louvare**mos**” – note a desinência de sujeito no plural anexada ao verbo). Sendo assim, -vë poderia ser a forma plural de uma desinência adverbial *singular* -va, completamente não atestada. De acordo com esse sistema, teríamos tal variação como **i nér lendë andava** “o homem viajou longamente” (advérbio no singular correspondendo a um verbo no singular) vs. **i neri lender andavë** “os homens viajaram longamente” (advérbio no plural combinando com verbo no plural). Mas isso é 100% hipotético. Apesar de nada poder ser rejeitado nesse estágio, tendo a acreditar que não há tal variação. O mais provável é que a desinência adverbial -vë seja invariável em forma, relacionada à preposição **ve** “como” como sugerido acima.

Para terminar, devo mencionar que alguns advérbios do quenya são derivados de outras partes da linguagem além dos adjetivos. No *Namárië* temos **oialë** como o advérbio “para sempre” (ou “eternamente”, como a tradução entrelinhas no RGE0: 67 mostra). Mas *Etimologias*, entrada *OY*, indica que **oialë** é mais adequado ou em sua origem um *substantivo* que significa “era duradoura”. Aparentemente esse substantivo é usado como um advérbio no *Namárië*.

Expressões que envolvem preposições muito frequentemente possuem uma função adverbial em primeiro lugar, e algumas vezes advérbios unitários podem desenvolver-se a partir delas: no *Juramento de Cirion* temos **tennoio** como outra palavra em quenya que significa “para sempre”, mas em CI: 498, Tolkien explica que essa forma é simplesmente uma contração de duas palavras originalmente distintas: a preposição **tenna** “até” + **oio** “um período infinito”.

Finalmente temos o que já chamei de “advérbios básicos”, não derivados de qualquer outra parte da linguagem. **Aqua** “completamente” e **sí** “agora” mencionados acima são apenas dois exemplos; também podemos incluir palavras como **amba** “para cima”, **háya** “longe” (lido talvez **haiya** como na forma da Terceira Era), **oi** “sempre”, e outros.

AS DESINÊNCIAS PRONOMINAIS *-NTĚ* E *-T*

Na Lição Oito, introduzimos três desinências pronominais: *-n* ou o *-nyë* mais longo para “eu”, *-I* ou o *-lyë* mais longo para “você”, e *-s* para “a, o”. Mas obviamente existem mais pronomes, e tentaremos agora identificar as desinências pronominais da terceira pessoa do plural: como sujeito “eles, elas”, como objeto “os, as, lhes”.

O *Juramento de Cirion* em CI: 340 inclui a palavra **tiruvantes**, em CI: 498 traduzida por “eles o guardem”. O verbo **tir-** “observar, guardar”, a desinência de futuro *-uva* e a desinência pronominal *-s* “a, o” agora devem ser familiares ao estudante. Somos deixados com *-nte-* como o elemento traduzido “eles”. CI: 498 claramente confirma que *-ntë* é a “inflexão da 3ª pessoa do plural quando não se menciona o sujeito previamente”. Como a maioria das breves notas lingüísticas de Tolkien, essa requer algum comentário. Devo supor aqui que a intenção de Tolkien é esta: se uma frase possui um sujeito no plural que foi “mencionado previamente”, ocorrendo antes do verbo, o verbo recebe apenas a desinência normal de plural *-r* (ex: **i neri matir apsa** “os homens comem carne”). Mas se *não* há sujeito “previamente mencionado”, a desinência *-r* é substituída por *-ntë*, que significa “eles”: **matintë apsa**, “eles comem carne”. Aparentemente, essa desinência ainda seria usada se o sujeito fosse identificado *posteriormente* na frase; talvez possamos ter uma frase como **matintë apsa i neri** “eles comem carne(,) os homens”. O *Juramento de Cirion* também identifica o sujeito posteriormente na frase (**nai tiruvantes i hárar mahalmassen mi Númen** “seja que eles o guardem, *aqueles que se assentam sobre os tronos no oeste...*”)

O *Juramento de Cirion* ocorre em material pós-SdA, de modo que a informação fornecida em CI: 340, 498 certamente pretendia ser compatível com o SdA. Entretanto, uma desinência pronominal bem diferente para “eles” ocorre no material mais primitivo de Tolkien. Em LT1: 114, encontramos a forma em “qenya” **tulielto** “eles chegaram”, incluindo a desinência *-lto* para “eles”. Esta desinência ainda era corrente quando Tolkien escreveu a *Canção de Fíriel*, que inclui as formas **cárielto** “eles fizeram” e **antalto** “eles deram” (LR: 72). Se ela também é válida no quenya no estilo do SdA já é outro assunto. A desinência *-lto* parece um tanto estranha comparada às outras desinências pronominais conhecidas. Das desinências pronominais atestadas no SdA ou durante o período pós-SdA, *todas* as desinências retas que constituem uma sílaba separada terminam na vogal *-ë* (seis desinências ao todo, se incluirmos *-ntë* tratada acima). Um sufixo *-lto* que termina em *-o* parece não se encaixar muito bem (de modo que alguns mudariam de *-lto* para *-ltë* no quenya no estilo do SdA, embora não haja evidência de tal desinência). Tendo a supor que Tolkien eventualmente desfez-se dessa desinência completamente, substituindo-a por *-ntë*.

A opinião expressa é a de que **-lto** é válida mesmo assim. Alguns interpretam a nota de Tolkien sobre **-ntë** sendo usada “onde nenhum sujeito é previamente mencionado” em um sentido *absoluto*: não seria suficiente que o sujeito não fosse “previamente mencionado” na *mesma frase*, como supus acima. Claro, quando a palavra “eles” é usada em português, geralmente refere-se a algum grupo mencionado anteriormente no texto ou conversação. De acordo com a estrita interpretação da nota de Tolkien sobre **-ntë**, essa desinência pronominal não pode ser usada para quaisquer “eles” que se refere a algum grupo mencionado anteriormente, mesmo se ela estivesse em uma frase bem diferente. A desinência **-ntë** apenas apontaria *adiante*, para algum grupo que deva ser identificado *posteriormente* no texto ou frase (como é o caso no Juramento de Cirion). “Eles”, referindo-se a algum grupo (já mencionado em outra frase), exigiria uma desinência diferente, talvez a **-lto** atestada em fontes mais primitivas.

Não posso afirmar que essa não é uma interpretação *possível* das palavras de Tolkien ou dos exemplos disponíveis. Contudo, ainda não me sinto bem usando a desinência **-lto** no quenya no estilo do SdA. Nos exercícios que criei para este curso, ignorei **-lto**, supondo que **-ntë** pode ser usada como uma desinência pronominal que significa “eles” de forma geral. Quando Tolkien fala de **-ntë** sendo usada apenas para um sujeito que não tenha sido “previamente mencionado”, suponho que ele queira dizer “não mencionado previamente *na mesma frase*” (pois se um sujeito no plural já tivesse ocorrido, o verbo receberia apenas o indicador normal de plural **-r**). Assim podemos - presumivelmente - ter formas como estas, com **-ntë** anexada aos vários tempos de **pusta-** “parar”:

Aoristo **pustantë** “eles param”
 Presente **pustëantë** “eles estão parando”
 Pretérito **pustanentë** “eles pararam”
 Futuro **pustuvantë** “eles pararão”
 Perfeito **upustientë** “eles têm parado”

Como indicado pelo exemplo atestado **tiruvantes** = “eles o guardem”, uma segunda desinência pronominal pode ser anexada após **-ntë** (**-nte-**), indicando o *objeto* da frase. Isso nos leva a outra questão: se **-ntë** é a desinência reta “eles”, qual é a desinência oblíqua “os, as, lhes” correspondente?

Ao tratar acima dos advérbios, já citamos a frase **andavë laitualmet** “longamente os louvaremos” do SdA. Sabendo que **laitualmet** significa “os louvaremos”, podemos facilmente isolar o **-t** final como o elemento traduzido “os”. (O estudante perspicaz também será capaz de isolar a desinência pronominal que

significa “nós”, mas deixaremos essa para depois: na verdade, o quenya possui várias desinências para “nós”, com diferentes significados.)

Como sempre, as coisas não estão bem claras. Os que estão sendo louvados aqui são Frodo e Sam, *duas* pessoas. Alguns, porém, supõem que esse -t seja um “eles” *dual*, sugerindo ainda que *laituvalmet* pode ser traduzido “louvaremos ambos [os dois]”. Aqueles que aderiram a essa teoria foram encorajados pelo fato de que também há uma desinência dual -t (como em *ciryat* “2 navios”; ver a Lição Três). Nada pode ser definitivamente rejeitado nesse ponto, mas a desinência -t “os” parece concordar com -ntë “eles” muito bem. Não acho que -t seja exclusivamente dual mas, de qualquer forma, essa é *uma* desinência que pode ser traduzida “os”. Assim, formas como seguintes devem ser possíveis:

Tirnenyet. = “Eu os observei.”

Melilyet. = “Você os ama.”

Hiruvanyet. = “Eu os encontrarei.”

e ainda:

Pustanentet. = “Eles os pararam.”

Provavelmente, isso se refere a dois grupos diferentes. “Eles pararam *a sí mesmos*” é possivelmente expresso de outro modo (infelizmente não sabemos realmente como).

INFINITIVOS COM PRONOMES OBLÍQUOS

Até agora identificamos duas desinências pronominais que podem ser usadas como o *objeto* da frase, -s para “o, a” e -t para “eles”. Como é evidente a partir dos exemplos atestados (*tiruvantes* “eles o guardem”, *laituvalmet* “os louvaremos”), essas desinências oblíquas podem ser anexadas a um verbo finito que sucede outra desinência pronominal que indica o sujeito. Mas e quanto a uma expressão verbal mais longa que envolve um *infinitivo*?

Vamos começar com uma frase como *i mól veryanë cenë i aran ar i tári*, “o escravo ousou ver o rei e a rainha”. Aqui temos o verbo finito *veryanë* “ousou” + o infinitivo *cenë* “ver”. Agora queremos livrar-nos de toda a expressão “o rei e a rainha”, substituindo-a pelo pronome oblíquo “los”, assim “o escravo ousou vê-los”. (Note que construí propositalmente um exemplo que será compatível com a teoria do -t “os” sendo apenas *dual*, embora eu acredite que esse não seja o caso...

riscos desnecessários são apenas isto, desnecessários!) Bem, onde colocamos a desinência -t? Obviamente, ela deve ser anexada ao infinitivo **cenë** “ver”. **Cenet**, então? Ou, uma vez que o infinitivo **cenë** parece representar o *keni* do élfico primitivo e o -i primitivo muda para -ë apenas quando final, pode-se pensar que **cenit** é uma melhor escolha. Logo, “o escravo ousou **vê-los**” = **i mól veryanë cenit**, certo?

Errado! Em *Vinyar Tengwar* 41, julho de 2000, foi revelado que o infinitivo de verbos primários é formado com a desinência -ita se quaisquer desinências pronominais forem adicionadas (na verdade o sufixo é apenas -ta-, que adicionado a um infinitivo como **cenë** = **cen-** produz **cenita-**). Tolkien, em algumas de suas notas tardias (por volta de 1969), refere-se ao “infinitivo” (aoristo) geral formado ao adicionar-se -i (e como tal não sendo capaz de qualquer sufixação adicional; com afixos pronominais ele era o radical do aoristo); o infinitivo particular com -ita diferenciando-se em uso do anterior principalmente ao ser capaz de receber afixos pronominais oblíquos” (VT41: 17). Ele continuou citando o exemplo **caritas**, “fazê-lo” - um infinitivo do verbo **car-** “fazer” com a desinência oblíqua -s “-lo (o)” anexada.

Como salientado na lição anterior, não está claro se a referência a um infinitivo construído ao “adicionar-se -i” significa que há um infinitivo contemporâneo em quenya que mostre a desinência -i. Tolkien pode simplesmente referir-se à forma original da desinência de infinitivo; ex: o élfico primitivo *kwetj* como a forma que fundamenta a forma contemporânea em quenya **quetë** “falar” (atestada na frase **polin quetë** “eu posso falar”). De qualquer modo, esse infinitivo “não era capaz de qualquer sufixação adicional”, aparentemente para evitar confusão com “o radical do aoristo”. O infinitivo de **car-** “fazer” seria **carë** (**cari-**), mas se tentarmos adicionar uma desinência como -s “o, a” diretamente a ele para expressar “fazê-lo”, a forma resultante ****caris** pareceria exatamente como o aoristo “faz”. A forma real **caritas** não é ambígua.

No caso de “eles fazem” vs. “fazê-los”, haveria uma distinção mesmo sem o -ta- extra, visto que a desinência reta “eles” (-ntë) difere da desinência oblíqua “os” (-t). Mesmo assim, Tolkien aparentemente decidiu eliminar qualquer confusão possível entre formas aoristas com desinências retas e infinitivos com desinências oblíquas: os infinitivos inserem -ta- entre o infinitivo propriamente dito e os sufixos pronominais. Contudo, o infinitivo “ver” é aumentado de **cenë** para **cenita-** quando recebe qualquer desinência oblíqua. “O escravo ousou **vê-los**” deve na verdade ser **i mól veryanë cenitat**, o -ta- extra introduzido entre o infinitivo e a desinência oblíqua.

Não está claro se verbos radicais A comportam-se do mesmo modo. Em *Vinyar Tengwar* 41 foi publicada apenas uma citação muito breve das notas de Tolkien de 1969 (o editor aparentemente precisou do espaço para coisas mais importantes, como um profundo artigo sobre a melhor tradução búlgara do Poema do Anel). A citação, reproduzida acima, trata aparentemente apenas da forma

infinitiva de verbos primários - aqueles que possuem aoristos em -ë ou com desinências -i-. Alguns escritores supõem que verbos radicais A que funcionam como infinitivo adicionam de maneira parecida o -ta antes de quaisquer desinências oblíquas serem sufixadas. Logo, com verbos como **metya-** “terminar, pôr fim a” e **mapa-** “agarrar, segurar”, ela funcionaria mais ou menos assim:

Merintë metyatas. “Eles querem terminá-lo.”

I ohtari úvar mapatat. “Os guerreiros não os agarrarão.”

Talvez tais frases estejam certas, talvez não. Atualmente não há maneira de dizer. Pode-se duvidar que a desinência -ta seja adicionada ao radical de um verbo que já termina em -ta, como **orta-** “levantar, erguer”. “Eu posso erguê-lo” seria realmente **polin ortatas**? Geralmente, o quenya não aprecia duas sílabas adjacentes que soem de forma parecida, como as duas **ta**’s aqui.

Felizmente, podemos contornar essa incerteza. Podemos simplesmente evitar anexar desinências pronominais oblíquas aos infinitivos de verbos radicais A, uma vez que conhecemos pelo menos alguns pronomes oblíquos *independentes* (ex: **te** “os (los), as (las), lhes” ao invés da desinência -t – então para, digamos, “você quis agarrá-los” podemos ter **mernelyë mapa te** ao invés da construção incerta **?mernelyë mapatat**). Trataremos dos pronomes independentes em uma lição posterior. Nos exercícios abaixo, os infinitivos em -ita + sufixo oblíquo envolvem apenas verbos primários.

É interessante notar que Tolkien traduziu **caritas** como “fazê-lo” (VT41: 17). Isso pode sugerir que tais infinitivos também podem funcionar como o *sujeito* de uma frase; ex: **cenitas farya nin** “vê-lo é suficiente para mim” (**farya-** verbo “bastar, ser suficiente”; **nin** “para mim”).

O PRETÉRITO DE VERBOS INTRANSITIVOS EM -YA

Na Lição Seis, apresentamos algumas regras para a formação “regular” de pretérito, mas também chegamos a várias formas “irregulares” (isto é, formações de pretérito que seguem facilmente os padrões mais comuns). Algumas dessas podem de fato formar sub-grupos que são “regulares” o suficiente de acordo com suas próprias regras especiais.

Primeiro deixe-me introduzir dois termos que facilitarão a discussão a seguir: *transitivo* e *intransitivo*. Em terminologia lingüística, um verbo é dito transitivo se ele exigir um objeto. A maioria dos verbos facilmente exige, mas não todos. Um

verbo como “cair” não é transitivo (= *intransitivo*). O sujeito em si pode “cair”, mas o sujeito não pode “cair” outra coisa; não pode haver objeto. Um típico verbo intransitivo descreve apenas uma ação que o sujeito em si pratica, e não uma ação que está sendo, ou pode ser, feita *a* alguém ou alguma coisa. (Digo “típico”, pois o quenya na verdade possui alguns verbos que não podem sequer ter um sujeito, os assim chamados verbos *impessoais* - a serem discutidos na Lição Dezoito.)

Alguns verbos formam pares quando um verbo é transitivo e o outro intransitivo. O sujeito pode *erguer* um objeto (transitivamente), mas o sujeito sozinho pode apenas *erguer-se* (intransitivamente) – não envolvendo qualquer objeto. Outros exemplos de tais pares incluem o transitivo “derrubar” vs. o intransitivo “cair”. Mas em muitos casos, o português usa a *mesma* forma de verbo tanto intransitivamente como transitivamente; ex: “afundar”. Um sujeito pode *afundar* um objeto (ex: “o torpedo afundou o navio”, verbo transitivo tanto com sujeito como com objeto), ou o sujeito apenas “afunda” por si mesmo, por assim dizer (ex: “o navio afundou”, verbo intransitivo com apenas o sujeito – obviamente “afundou” é usado com dois significados bem diferentes aqui). Tal ambigüidade também pode ocorrer em quenya; por exemplo, *orta-* abrange tanto “erguer” e “erguer-se”, e o contexto deve ser levado em conta para determinar qual significado é relevante. (Para ser mais concreto: confira se a frase inclui um objeto ou não. Ex: *i aran orta* = “o rei *ergue-se*”, mas *i aran orta ranco* = “o rei *ergue* um braço”.)

Vamos considerar então alguns verbos “irregulares” em quenya. É dito que o verbo *farya-* “basta, ser suficiente” possui o pretérito *farnë*, irregular no sentido de que a desinência *-ya* do radical verbal é retirada antes da desinência de pretérito *-në*: poderíamos esperar ***faryanë*, mas *Etimologias* registra mais alguns verbos que exemplificam o mesmo fenômeno: *vanya-* “ir, partir, desaparecer” possui o pretérito *vannë*. (Provavelmente Tolkien substituiu posteriormente o verbo *vanya-* por *auta-* de significado similar, mas ainda podemos considerá-lo aqui.) A esses exemplos do *Etimologias* (ver entradas *PHAR*, *WAN*) podemos adicionar um verbo que o estudante deve ter memorizado como parte da lição anterior: *lelya-* “ir, prosseguir, passar por, viajar” em WJ: 363. Seu pretérito não é ***lelyanë*, mas sim *lendë*, aparentemente uma forma bem irregular (embora não tão irregular como o português “ir” vs. seu pretérito “foi”!) A súbita aparição do encontro *nd* não é um grande mistério; ele surge pela infixação nasal da raiz original *LED*. (Essa raiz é registrada em *Etimologias* embora, de acordo com uma fonte posterior, *LED* seja remanejada a partir de *DEL*, ainda mais primitiva. É pretendido que *lelya-* descenda do primitivo *ledyâ-* [*ledjâ-*], “visto que *dj* tornou-se *ly* medialmente em quenya” [WJ: 363]. O pretérito *lendë* viria de *lendê*, não muito diferente do verbo *ledyâ-* conforme essas formas posteriormente tornaram-

se.) O verdadeiro mistério aqui é este: por que os verbos *farya-*, *vanya-* e *lelya-* abandonam a desinência *-ya* no pretérito?

Pode-se observar que, pelos seus significados, todos os três verbos são distintamente *intransitivos*: bastar, desaparecer, ir. Isso pode ser apenas uma coincidência, é claro, mas *Etimologias* fornece-nos outro exemplo muito interessante. Na entrada *ULU*, o verbo *ulya-* “derramar, verter, despejar, servir (bebida)” é registrado. Tolkien indicou que ele possui um *pretérito duplo*. Se o verbo é usado em um sentido transitivo, como em “o servo despejou água em uma taça”, o pretérito “despejou” é *ulyanë*. Essa seria uma forma inteiramente “regular”. Contudo, se o verbo é usado *intransitivamente*, o pretérito de *ulya-* é *ullë* (presumivelmente representando *unlë* mais antigo, formado por infixação nasal de *ul-* sem a desinência *-ya*; cf. *villë* como o pretérito de *vil-* “voar”, embora no último caso a desinência *-ya* não apareça em qualquer forma do verbo). Logo, se você quiser traduzir “o rio *verteu* em um desfiladeiro”, a forma a ser usada é *ullë*, e não *ulyanë*.

Parece, então, que podemos discernir um padrão aqui: verbos intransitivos em *-ya* perdem essa desinência no pretérito; o pretérito é formado a partir de raiz sem desinência, como no caso de verbos primários. Ou colocando de modo diferente: no pretérito, verbos intransitivos em *-ya* abandonam essa desinência para se passarem por verbos primários. Nos raros casos onde um verbo pode ser tanto transitivo como intransitivo, a desinência *-ya* é mantida quando ele for usado em um sentido transitivo (como na forma de pret. *ulyanë*), mas é perdida quando o verbo é usado em um sentido intransitivo (*ullë*).

O *porquê* disso ser assim é, claro, inteiramente obscuro. Em outros tempos verbais além do pretérito, o verbo *ulya-* “derramar, verter” parece mostrar-se na mesma forma não importando se é transitivo ou intransitivo (aoristo *ulya* “derrama”, presente *ulyëa* “está derramando”, futuro *ulyuva* “derramará” etc.). Mas a intenção de Tolkien nunca foi de criar um novo esperanto, um idioma que visa ser 100% regular e lógico. Dentro de seus mitos, o quenya é tido como uma língua falada usual, desenvolvida durante milhares de anos. Assim, Tolkien deliberadamente pode ter incluído o que você encontrará em qualquer idioma natural: certas características que não fazem necessariamente “sentido” imediato.

A maioria dos verbos em *-ya* é transitiva, e presumivelmente mantém sua desinência no pretérito, antes do sufixo de pret. *-në* ser adicionado (como no exemplo atestado *ulyanë*). Aqui está a maioria dos verbos *intransitivos* em *-ya* remanescentes, apesar de Tolkien na verdade não ter mencionado quaisquer formas de pretérito no caso deles: *hwinya-* “rodopiar, girar” (pretérito *hwinnë?*), *mirilya-* “brilhar, resplandecer” (pret. *mirillë?* - cf. *ulya-*, pret. *ullë*), *ranya-* “extraviar-se, perder-se” (pret. *rannë?*), *súya-* “respirar” (pret. *súnë?*), *tiuya-* “inchar,

engordar” (pret. **tiunë?**). O verbo **yerya-** pode ser tanto transitivo “gastar (até estragar)” como intransitivo “envelhecer”. Quem sabe o pretérito seja **yeryanë** no primeiro sentido e **vernë** no último, assim como temos o transitivo **ulyanë** coexistindo com o intransitivo **ullë** como o pretérito “derramou”?

Devo acrescentar que tudo isso é um tanto hipotético, uma vez que Tolkien na verdade não mencionou o pretérito de muitos verbos intransitivos em **-ya**. Mas o estudante deve ao menos prestar atenção nos pretéritos “irregulares” *atestados*, incluindo o pret. duplo de **ulya-** “derramar, verter” e especialmente **lendë** “foi” como a forma de pretérito particularmente inesperada de **lelya-** “ir, viajar, prosseguir”.

NOTA: O tempo *perfeito* desse verbo aparece como **lendië** em alguns textos. SD: 56 indica que, em um rascunho, Tolkien usou **lendien** ao invés de **utúlien** para “eu tenho vim” na Declaração de Elendil (“Do Grande Mar eu vim para a Terra-média”). **Lendien** significaria, literalmente, “eu fui/parti/viajei” ou algo parecido. Essa forma de perfeito não é aumentada, talvez simplesmente porque Tolkien não havia inventado ainda o aumento que é geralmente prefixado no tempo perfeito. Geralmente forneço-o, usando **lendië** como o perfeito de **lelya-**. Usei esse perfeito em um dos exercícios abaixo.

PARTICÍPIOS PASSIVOS

Retornemos então aos participípios. A contraparte lógica dos participípios ativos tratados na lição anterior é obviamente a dos *participípios passivos*. Eles são freqüentemente chamados, de “participípios passados” (assim como os participípios ativos são freqüentemente referidos como “participípios presentes”). Entretanto, o termo “participípio passivo” é bastante apropriado. Esse participípio é uma forma adjetiva derivada do radical de um verbo, e descreve o estado em que algo ou alguém é deixado ao ser exposto à ação verbal correspondente. Por exemplo: se você *oculta* alguma coisa, ela está *ocultada*, *oculta*. Portanto, “ocultada” é o participípio passivo do verbo “ocultar”. As palavras “oculta” e “ocultada” podem ser usadas como adjetivos, tanto predicativamente (“o tesouro está oculto”) como atributivamente (“tesouro oculto”). O *participípio passivo* “ocultado” contrasta com o *participípio ativo* “ocultante”: o último descreve o estado do *sujeito*, a parte atuante, enquanto que o participípio passivo descreve o estado do *objeto*, aquele passivamente exposto à ação verbal.

No caso de verbos intransitivos, onde nenhum objeto pode estar envolvido, esse participípio descreve o estado do próprio sujeito *após* executar a ação verbal em questão: se você *cai*, você estará, por conseguinte, *caído*; se você *canta*, você terá, portanto, *cantado*. Aqui o termo freqüentemente usado “participípio passado” faz sentido; participípios como *caído* ou *ido* descrevem a condição do sujeito após executar alguma ação “passada”. Eles contrastam com os “participípios presentes” (participípios ativos) *cadente* e *cantante*, que descrevem a condição do sujeito enquanto a ação verbal ainda é “presente” ou corrente. Mas enquanto estivermos

tratando de verbos transitivos - e a maioria dos verbos é transitiva - acredito que seja melhor falarmos de “particípios ativos” vs. “particípios passivos”.

Em português, a maioria dos particípios passivos possui os sufixos *-ado* e *-ido* (os chamados *particípios regulares*: *suspendido*, *encontrado*, etc.); os *particípios irregulares* possuem um grande número de terminações, mas quase todos terminam em *-o* (ex: *pago*, *gasto*, *visto*, etc.). Então, como se parecem as formas correspondentes em quenya?

A grande maioria dos particípios em quenya parece ser formada através da desinência *-na* ou de sua variante mais longa *-ina*. Alguns particípios radicais A atestados incluem a desinência mais longa, o *-a* final do radical verbal e o *i* do sufixo *-ina* fundindo-se em um ditongo *-ai-* (que recebe a ênfase, como qualquer ditongo na penúltima sílaba). Um exemplo é fornecido pela expressão **Arda Hastaina**, “Arda Desfigurada”, um termo élfico para o mundo como ele é, corrompido pelo mal de Morgoth (MR: 254). Essa **hastaina** “desfigurada” parece ser o particípio passivo do verbo **hasta-** “desfigurar”, não atestado de outra forma. Contudo, o verbo **hosta-** “reunir, recolher, agrupar” é atestado tanto no *Etimologias* (entrada *KHOTH*) como no poema *Markirya* (MC: 222-223). Seu particípio passivo aparece na *Canção de Fíriel*, onde ele é indicado como sendo **hostaina** (atestado na forma **hostainiéva** “será reunido”; o sufixo *-iéva* “será” dificilmente é válido no quenya no estilo do SdA, mas o particípio certamente o é). Podemos provavelmente concluir que radicais A em *-ta* quase sempre possuem particípios passivos em *-taina*. Visto que **anta-** significa “dar”, o particípio “dado” seria **antaina**. E uma vez que **orta-** significa “erguer” (ou usado intransitivamente, “erguer-se”), a palavra para “erguido” seria **ortaina**.

É possível que a desinência *-ina* seja adicionada a quase todos os radicais A? A partir de um verbo como **mapa-** “agarrar, segurar”, acho que bem podemos produzir **mapaina** como o particípio “agarrado, segurado”. (Um apoio indireto para isso: a desinência *-ina* também é usada para produzir adjetivos, como em **valaina** “divino” - obviamente uma formação adjetiva baseada em **Vala**, substantivo que é análogo em forma a um simples radical A como **mapa-**. Realmente, é dado a entender que o substantivo **Vala** é derivado originalmente de um simples verbo radical A **vala-** “ordenar, ter poder”: WJ: 403-4. Se ele tivesse permanecido apenas um verbo, **valaina** poderia ter significado, ao invés disso, “ordenado”).

Em sua tradução em quenya da Ave Maria, Tolkien usou **aistana** ao invés de **aistaina** para “abençoado” (VT43: 28, 30). O verbo “abençoar” parece ser **aista-**. Talvez Tolkien tenha produzido aqui o particípio passado por meio da desinência curta *-na* ao invés de *-ina* para evitar duas sílabas concomitantes que contivessem o ditongo *ai* (não podemos saber se **?aistaina** realmente seria uma forma válida).

O comportamento de radicais A em **-ya** é levemente obscuro. No *Etimologias*, Tolkien registrou uma raiz *PER* “dividir no meio, repartir igualmente” (cf. sindarin *perian* “pequeno, hobbit”). Ele mencionou então a palavra em quenya **perya**, evidentemente um verbo que preserva o significado da raiz. Imediatamente após **perya**, ele registrou uma palavra indefinida **perina**. É esse o particípio passivo “repartido”? Creio que esse é quase certamente o *significado* dessa palavra, mas talvez devêssemos vê-la como uma formação adjetiva independente derivada diretamente da raiz, e não como o particípio passivo do verbo **perya**. (Poderíamos ter excetuado **périna** com um *é* longo se esse fosse um particípio passivo; ver abaixo a respeito do modelo **rácina**.)

Em outro lugar em *Etimologias*, na entrada *GYER*, temos o verbo **yerya** “gastar, envelhecer”. A mesma entrada também menciona a palavra **yerna** “gasto”. Até o ponto em que as palavras portuguesas estão relacionadas, **yerna** poderia ser o particípio passivo do verbo **yerya**. Deveríamos concluir, então, que verbos em **-ya** formam seus particípios passivos ao substituir-se essa desinência por **-na**? Novamente creio que **yerna** não é realmente o particípio de **yerya**, mas sim uma formação adjetiva independente. Os seguintes fatos sustentam isso: 1) Tolkien remontou **yerna** ao *gyernâ* do élfico primitivo, de modo que posteriormente ela não derivou do verbo; 2) Tolkien na verdade registrou a forma **yerna** antes de mencionar o verbo **yerya**, novamente sugerindo que a primeira não é derivada da última; 3) **yerna** está definida como “velho” assim como “gasto”, e a primeira palavra sugere que **yerna** deve ser considerada um adjetivo independente, e não um particípio. Dá-se o mesmo, então, com **perina** acima. Isso serviria também para um par como **halya** “ocultar” vs. **halda** “oculto, escondido” (entrada *SKAL*): a última forma Tolkien referiu ao *skalnâ* do élfico primitivo (o *sk-* inicial se tornando *h-* e *ln* se tornando *ld* em quenya). Pode bem ser que, em élfico primitivo, *skalnâ* não contasse como o particípio passivo da raiz verbal *SKAL*- “encobrir, esconder”, mas seu descendente em quenya, **halda**, desenvolveu-se em um adjetivo independente (uma das notas de Tolkien para essa palavra, “sombrio”, também é um adjetivo). Assim, **halda** não é necessariamente o particípio passivo do verbo **halya**- derivado a partir da mesma raiz, embora ela tenha de certa forma o mesmo significado que o particípio real teria.

Então como, realmente, trataremos os verbos em **-ya**? Creio que uma pista muito interessante é fornecida em MR: 326 (cf. MR: 315), onde Christopher Tolkien nos diz que, em um texto pós-SdA, Tolkien usou **Mirruyainar** ou **Mirroayainar** para “os Encarnados”. Removendo a desinência de plural **-r**, somos deixados com **mirruyaina/mirroayaina** como o possível particípio “encarnado” - e se também retirarmos a presumida desinência participial, o verbo “encarnar” parece ser **mirruya-** ou **mirroya-**. Tolkien posteriormente modificou a palavra **Mirruyainar/Mirroayainar** para

Mirroanwi, não envolvendo qualquer **-ya-**, mas as formas rejeitadas ainda podem revelar como o particípio passivo de um verbo em **-ya** se pareceria. Tais verbos parecem ter particípios em **-yaina**, assim como verbos em **-ta** possuem particípios em **-taina**. Logo, supondo que **lanya-** seja o verbo “tecer”, a palavra para “tecido” pode bem ser **lanyaina**. Os particípios passivos normais dos verbos **perya-** “dividir em dois”, **yerya-** “gastar, envelhecer” e **halya-** “ocultar” seriam, de forma parecida, **peryaina**, **yeryaina** e **halyaina** (significando o mesmo que os adjetivos relacionados **perina**, **yerna** e **halda**, é claro, mas os últimos podem não implicar tão claramente que os estados descritos são *infligidos* - ver abaixo a respeito de **harna-** vs. **harnaina**).

Podemos provavelmente concluir que quase todos os verbos radicais A formam seus particípios passivos ao adicionar-se **-ina**. (De acordo com VT43: 15, existe uma descrição do sistema verbal do quenya onde Tolkien confirma explicitamente que **-ina** é o sufixo do que ele chamou de “particípio ‘passivo’ geral”.) Além de **aistana** ao invés de **?aistaina** para “abençoado”, a única exceção que ocorre no corpus publicado é a forma **envinyanta** “curado” ou mais literalmente “renovado” (MR: 405). Esse parece ser o particípio passivo do verbo **envinyata-** “renovar” (não atestado sozinho, mas cf. o título de Aragorn **Envinyatar** “Renovador”). Esse particípio é formado através de infixação nasal inserida antes da desinência **-ta**. Não podemos saber se a formação mais “regular”, **envinyataina**, ela mesma não atestada, seria uma forma válida.

Entretanto, a desinência **-ina** não é usada apenas no caso de radicais A; verbos primários com **c** ou **t** como suas consoantes finais também formam seus particípios passivos através dessa desinência. O poema *Markirya* inclui a forma **rácina** “quebrado” (**man tiruva rácina cirya[?]** “quem observará um navio quebrado?”, MR: 222). Tolkien claramente identifica **rácina** como o particípio passivo (ou “passado”) do verbo **rac-** “quebrar” (MC: 223). O verbo “contar, calcular” é **not-**, e na *Canção de Fíriel* temos **nótina** como o particípio passivo “contado”. Parece, então, que verbos primários que terminam em oclusivas surdas como **c** ou **t** formam seus particípios passivos ao *alongar-se* a vogal raiz e ao *adicionar-se* a desinência longa **-ina**. Parece que não temos qualquer exemplo atestado do particípio de um verbo primário que termine em **-p** (outra oclusiva surda), mas isso com certeza insere o mesmo padrão: o verbo **top-** “cobrir” teria o particípio passivo **tópina** “coberto”. (O verbo **top-** é listado em *Etimologias*; o poema *Namárië* no SdA pode sugerir que Tolkien posteriormente modificou-o para **tup-**. Desse modo, o particípio seria, é claro, **túpina**.) Talvez verbos primários em **-v** também formem seus particípios passivos de acordo com esse padrão; ex: **lávina** “permitido, concedido” a partir do verbo **lav-** “permitir, conceder” (não confundir com o verbo de sonoridade semelhante “lamber”). Porém, carecemos de exemplos.

Exemplos atestados também não existem exatamente em abundância para outros verbos primários, mas a maioria deles provavelmente prefere a desinência curta **-na** ao invés de **-ina**. MR: 408 (cf. MR: 405) indica que Tolkien usou **vincarna** para “curado”; o significado mais literal é evidentemente “renovado” ou, de um modo completamente literal, “recentemente feito”: **vin-** é o radical do adjetivo em quenya **vinya** “novo, recente”, e **carna** “feito” só pode ser o particípio passivo do verbo **car-** “fazer”. Logo, verbos primários que terminam em **-r** possuem particípios passivos em **-rna** (e por causa do encontro consonantal que aparece aqui, a vogal raiz que a precede obviamente *não* pode ser alongada como na classe **rácina** tratada acima). Supondo que **mer-** seja o verbo em quenya “querer, procurar”, os cartazes de *Procurado* do Velho Oeste do quenya teriam evidentemente **Merna**.

Na versão original deste curso, escrevi neste ponto: “Talvez **mérina** e **cárina** (sucendo **rácina**) seriam possíveis particípios passivos alternativos de **mer-** e **car-**, talvez não. Creio que é melhor deixar o exemplo atestado **carna** guiar-nos aqui.” De acordo com VT43: 15, Tolkien na verdade citou o exemplo **carina** “feito” na mesma descrição do sistema verbal do quenya a qual nos referimos acima (nos é dito que o manuscrito relevante pode datar dos anos quarenta). O exemplo tardio **rácina** “quebrado” aparentemente indica que ele finalmente decidiu que, em tais formações, a vogal raiz era alongada; **carina** tornaria-se então **cárina**. Mas parece que as formas alternativas mais longas seriam admissíveis, de modo que os cartazes de *Procurado* do Velho Oeste do quenya também poderiam ter **Mérina**.

Para verbos primários em **-m** e **-n**, temos apenas o que pode ser chamado de exemplos indiretos de seus particípios passivos, mas eles provavelmente são bons o suficiente. O verbo **nam-** “julgar” (**namin** “eu julgo”, VT41: 13) parece possuir o particípio passivo **namna**. Essa forma é atestada como um *substantivo* que significa “estatuto” (como em **Namna Finwë Míriello**, “o Estatuto de Finwë e Míriel”, MR: 258). Aparentemente o particípio **namna**, significando basicamente “julgado”, também é usado como o substantivo “julgamento, decisão jurídica” e então “estatuto”. Quanto a verbos primários em **-n**, podemos considerar tais substantivos como **anna** “presente” e **onna** “criatura” vs. os verbos **anta-** “dar, presentear” e **onta-** “criar” (ver as entradas *ANA'* e *ONO* no Etim). Esses não são verbos primários, é claro (e em quenya esperaríamos que eles tivessem os particípios **antaina** e **ontaina**) - mas os substantivos **anna** e **onna** podem descender de formações participiais primitivas baseadas na palavra raiz pura, antes que **-ta** fosse adicionada para produzir os verbos como eles aparecem em quenya. Assim, **anna** pode vir de um particípio primitivo “dado”, apenas posteriormente usado como um substantivo “algo que é dado” = “presente”. **Onna** pode representar da mesma forma o particípio passivo original “criado”, posteriormente usado como um substan-

tivo “um ser criado” = “criatura”. Tendo a crer, porém, que a desinência *-na* pode ser adicionada aos radicais de verbos primários do quenya que terminam em *-n*. Por exemplo, visto que *cen-* é o verbo “ver”, *cenna* bem pode ser o particípio passivo “visto”. Mas, novamente, *cénina* pode ser uma formação alternativa admissível (pelo que sei, talvez possamos ter também *námina* para “julgado”). Uma vez que VT43: 15 revela que o particípio passivo de *car-* pode ser tanto *c[á]rina* assim como *carna* (como em *Vincarna*, MR: 408), isso parece agora mais provável do que nunca.

O que dizer de verbos primários em *-l*, tais como *mel-* “amar”? Se não recorrermos ao padrão de *rácina* novamente, usando *mélina* para “amado”, a desinência *-na* teria que ser adicionada diretamente ao radical verbal. Mas uma vez que ***melna* não é uma palavra possível em quenya, *ln* tornaria-se *ld*, assim como em um exemplo tratado acima (*halda* em quenya vindo de *skalnâ* do élfico primitivo). *Etimologias* na verdade registra a palavra *melda*, que significa “amado, querido”. Essas palavras são adjetivos, mas pelo seus significados elas estão, é claro, muito próximas do particípio “amado”. Então estamos mais uma vez olhando para um particípio original que se desenvolveu em um adjetivo independente? O particípio real de *mel-* diferiria em forma, precisamente para distingui-lo desse adjetivo? Sendo assim, podemos considerar *mélina* novamente. Ou *melda* é tanto o adjetivo “querido” como o particípio “amado”? Pode-se perguntar se há mesmo algum propósito em tentar distinguir-se entre eles, já que seus significados seriam na prática o mesmo.

Outro exemplo também pode ser considerado: o verbo em quenya “carregar, portar, vestir” parece ser *col-*, embora ele nunca tenha sido atestado independentemente: apenas várias derivações são encontradas no nosso corpus. Uma delas aparece em MR: 385: *colla* = “portado, vestido” (também usado como o substantivo “vestimenta, manto”, considerado como “algo que é usado”). Esse é um exemplo do particípio passado de um verbo primário que termina em *-l*? Podemos então usar *mella* para “amado”? Tendo a crer que *colla* é preferencialmente um derivado adjetival - talvez representando o *konlâ* primitivo com inflexão nasal da raiz *KOL* (não no Etim). Por sua derivação original ele seria paralelo a um adjetivo em quenya tal como *panta* “aberto” (que Tolkien relacionou ao *pantâ* do élfico primitivo, derivado da raiz *PAT* listada no Etim). Temo que nenhuma conclusão exata pode ser alcançada com respeito aos particípios passivos de verbos primários em *-l*, mas creio que o mais seguro seria usar tanto a desinência *-da* (representando o *-na* mais primitivo), *como* a desinência mais longa *-ina* combinada com o alongamento da vogal raiz.

Os particípios passivos devem concordar em número, assim como os adjetivos normais? Em outras palavras, o *-a* final deve transformar-se em *-ë* (para o *-ai* mais antigo) se o particípio descrever um substantivo no plural? Até onde

posso ver, o corpus não fornece algum exemplo que pudesse guiar-nos. Lembra-mos que os participípios ativos (desinência *-la*) *não* concordam em número. Entretanto, tendo a crer que os participípios passivos comportam-se como adjetivos normais a esse respeito. Recém vimos que em muitos casos é mesmo difícil determinar se uma forma deve ser considerada um participípio passivo ou um adjetivo, visto que adjetivos podem ser produzidos com as mesmas desinências. (Isso também serve para o português: um adjetivo como *querido* poderia bem ser um participípio passivo por sua forma.) Uma vez que assume-se que adjetivos como *valaina* “divino” e *yerna* “gasto” devam concordar em número, é difícil imaginar que participípios como *hastaina* “desfigurado” ou *carna* “feito” não mostrariam tal concordância. Logo, eu mudaria o *-a* final para *-ë* quando o participípio descrever um substantivo no plural (ou vários substantivos).

Em português, participípios passados/passivos são usados como parte das circunlocuções que simulam a função de um tempo perfeito verdadeiro: “o anão tem *visto* o elfo”; “a mulher está *caída*”. Mas aqui o quenya simplesmente usaria, ao invés disso, o tempo perfeito real: *i Nauco ecënië i Elda; i nís alantië*. Talvez *ná lantaina* também seja admissível para “*está caída*”, mas traduzir “o anão tem visto o elfo” como ***i Nauco harya cenna i Elda* (copiando diretamente a construção da expressão em português) apenas resultaria em algo sem sentido.

Uma nota final: em alguns casos, formas em *-na* que foram originalmente participiais ou adjetivais tornaram-se verbos radicais A. A palavra primitiva *skarnâ*, registrada na entrada *SKAR* em *Etimologias*, talvez tenha sido originalmente o participípio passivo “rasgado, arrancado” (visto que é dito que a própria raiz *SKAR* significa “rasgar, arrancar”). Em quenya, *skarnâ* tornou-se *harna* “ferido”, provavelmente parecendo um adjetivo ao invés de um participípio. O engraçado é que *harna-* também veio a ser usado como o verbo “ferir”, e se esse verbo possui seu próprio participípio passivo, *harnaina*, teremos fechado o círculo! Em português, tanto *harna* como *harnaina* devem ser traduzidas “ferido”, mas enquanto *harna* meramente descreveria o estado de se ficar ferido, *harnaina* claramente implica que as feridas foram *infligidas*. Cf. o adjetivo português “cheio” (que meramente descreve um estado) vs. o participípio passivo “cheio” (que implica que o estado em questão resulta do ato de se encher).

SUMÁRIO DA LIÇÃO DEZ: advérbios são palavras usadas para fornecer informações extras sobre o *como*, o *quando*, ou o *onde* da ação verbal descrita em uma frase. Pelo menos em português, um advérbio também pode ser usado para modificar o significado de um adjetivo, ou mesmo outro advérbio. – A desinência

pronominal em quenya para “eles” é aparentemente **-ntë** (Tolkien provavelmente abandonou a desinência **-lto** que ocorre em material mais primitivo); a desinência oblíqua correspondente “os, as, lhes” parece ser **-t** (embora alguns creiam que ela seja apenas dual: “os dois deles”). - Verbos primários, que possuem infinitivos em **-ë** (ex: **quetë** “falar, dizer”), tornam-se formas em **-ita-** se uma desinência pronominal que indica o objeto for adicionada (ex: **quetitas** “dizê-lo”, com a desinência **-s** “o, a”). - Exemplos disponíveis parecem sugerir que verbos intransitivos em **-ya** abandonam essa desinência no pretérito, que é formado, ao invés disso, diretamente a partir do radical (como se o verbo fosse um verbo primário). Por exemplo, o pret. de **farya-** “bastar” é **farnë**, e não ****faryanë**. - Partícipios passivos são derivações adjetivas que geralmente descrevem o estado que é infligido a alguém ou alguma coisa pela ação verbal correspondente: o que você *oculta* (verbo) torna-se *ocultado* (particípio passivo). Verbos radicais A parecem formar seus partícipios passivos em **-ina** (ex: **hastaina** “desfigurado” de **hasta-** “desfigurar”). Essa desinência também é usada no caso de verbos primários que terminam em **-t** e **-c**, provavelmente também **-p** e ainda possivelmente **-v**; nessa classe de verbos, a desinência é combinada com o alongamento da vogal raiz (ex: **rácina** “quebrado” de **rac-** “quebrar”). É possível que o mesmo padrão possa ser aplicado a *todos* verbos primários, mas verbos em **-r**, ao invés disso, usam a desinência **-na**, sem alongamento da vogal raiz (**carna** “feito” a partir de **car-** “fazer”). Verbos primários em **-m**, e provavelmente também **-n**, usariam de maneira similar a desinência simples **-na** (ex: **namna** “julgado” a partir de **nam-** “julgar”, **cenna** “visto” a partir de **cen-** “ver”). É um tanto incerto como devemos tratar os verbos primários em **-l**; se formos usar a desinência simples **-na**, ela tornaria-se **-da** por razões fonológicas (ex: **melna** > **melda** “amado” como o particípio passivo de **mel-** “amar”; **melda** é atestado como o adjetivo “amado, querido”). Partícipios passivos provavelmente concordam em número do mesmo modo que os adjetivos, mudando o **-a** para **-ë** se eles descreverem um substantivo no plural ou vários substantivos.

VOCABULÁRIO

nertë “nove”

núra “profundo”

anwa “real, atual, verdadeiro”

nulda “secreto”

telda “final, último” (adjetivo derivado da mesma raiz do nome dos *Teleri*, o Terceiro Clã dos Eldar, assim chamados porque eles sempre eram os *últimos* ou mais atrasados durante a marcha a partir de Cuiviénen - bem atrás dos Vanyar e dos Noldor, que estavam mais ansiosos para alcançar o Reino Abençoado)

linta “rápido” (pl. *lintë* no *Namárië*, que o poema refere-se a *lintë yuldar* = “goles rápidos”)

hosta- “reunir, agrupar”

nórë “terra” (uma terra associada a um povo em particular, WJ: 413)

lambë “língua = idioma” (e não “língua” como uma parte do corpo)

car- “fazer, criar”

farya- “bastar, ser suficiente”, pret. **farnë** (e NÃO ***faryanë* – por o verbo ser intransitivo?)

ve preposição “como”

EXERCÍCIOS

Traduza para o português:

A. *Melinyet núravë.*

B. *Lindantë vanyavë, ve Eldar lindar.*

C. *I nurtaina harma úva hirna [ou hírina].*

D. *Merintë hiritas lintavë.*

E. *Haryalyë atta parmar, ar teldavë ecendielyet.*

F. *Anwavë ecénien Elda.*

G. *Ilyë nertë andor nar tirnë [ou tírinë].*

H. *Úmentë merë caritas, an cenitas farnë.*

Traduza para o quenya:

I. Eles têm viajado [/ido] secretamente através da terra.

J. Os elfos reunidos quiseram vê-lo.

K. Idioma escrito não é como idioma falado.

L. Cinco navios não eram suficientes [/não bastavam]; nove bastaram.

M. Eu realmente pararei de fazê-lo [/verdadeiramente cessarei de fazê-lo].

N. Eles rapidamente reuniram os nove anões apavorados.

O. Finalmente você irá vê-los como você tem desejado vê-los.

P. Eles não querem escutá-lo.

LIÇÃO ONZE

O conceito de casos

O caso genitivo

CASOS

As Lições de 1 a 10 trataram principalmente de adjetivos e verbos. Quanto aos substantivos, nós apenas discutimos como seu plural e suas formas duais são construídos. Há, porém, muito mais a ser dito sobre a declinação do substantivo em quenya. A segunda metade deste curso tratará predominantemente do elaborado sistema de *casos* do quenya, que é de fato a característica mais típica do idioma. É no tratamento dos substantivos que a estrutura gramatical do quenya reflete mais claramente duas das inspirações de Tolkien: o finlandês e o latim.

O que, lingüisticamente falando, são casos? Um substantivo pode posuir muitas funções em uma frase. O português pode indicar que função um substantivo possui por meio apenas da ordem das palavras. Em uma frase como “o homem ama a mulher”, é meramente a ordem das palavras que revela o fato de que “o homem” é o sujeito e “a mulher” é o objeto. A regra que muito cedo é inserida na mente subconsciente das crianças expostas ao português é mais ou menos desse modo: “o substantivo em frente do verbo predicado é seu sujeito, enquanto o substantivo que vem depois dele geralmente é seu objeto”. Quando a ordem de palavras não é suficiente, o português pode inserir preposições esclarecedoras na frente de um substantivo; ex: “para” em uma frase como “o elfo dá um presente *para* o anão”. Existem idiomas que não precisariam ter um “para” aqui; ao invés disso, o substantivo “anão” ocorreria de uma forma declinada especial.

Claro, o quenya também possui preposições, e o estudante já encontrou várias: **nu** “sob”, **or** “sobre”, **imbë** “entre”, **ve** “como”, **mir** “dentro de” (palavra que, por sinal, é formada a partir da preposição mais simples **mi** “em”). Mas é uma característica do quenya que, enquanto o português freqüentemente coloca uma preposição em frente de um substantivo, ou depende unicamente da ordem das palavras para indicar qual é a função de um substantivo, *ele por sua vez possui uma forma especial do substantivo* que por si só indica sua função. Essas várias formas especializadas do substantivo são chamadas de *casos*. Por exemplo, o citado acima - “o elfo dá um presente para o anão” - seria traduzido para o quenya em algo como **i Elda anta anna i Naucon**, onde a *desinência casual* -**n** adicionada a **Nauco** “anão” corresponde a preposição portuguesa “para”. (Esse caso em particular é chamado de *dativo*, a ser discutido completamente na Lição 13.)

Certas preposições também podem exigir que a palavra (substantivo ou pronome) que as suceda apareça declinada em algum caso - algumas vezes um tanto sem relação com a função independente normal desse caso. Diz-se então que a preposição relevante “rege” este ou aquele caso.

As formas do substantivo em quenya até agora tratadas (singular, plural ou dual) são exemplos do caso *nominativo*. A função gramatical mais importante do nominativo é a de que esta é a forma que um substantivo possui quando ele funciona como o sujeito de um verbo. Na Lição Cinco, tocamos brevemente em outra forma do substantivo - o caso *acusativo*, que é a forma que o substantivo assume quando ele é o *objeto* de um verbo. O português moderno não preserva qualquer distinção entre nominativo e acusativo em substantivos. Os substantivos portugueses não mudam sua forma quanto ao substantivo ser o sujeito ou o objeto da frase - e também não o fazem os substantivos no quenya da Terceira Era. Tolkien imaginou uma forma arcaica de quenya, o “quenya livresco”, que possuía um caso acusativo distinto do nominativo em sua forma. O substantivo “navio” seria *ciryá* (pl. *ciryar*) se ele fosse usado como o sujeito de uma frase, mas seria *ciryá* (pl. *ciryai*) se aparecesse como o objeto: nominativo vs. acusativo. Entretanto, o acusativo distinto desapareceu do idioma como falado na Terra-média; as formas *ciryá* (pl. *ciryar*) vieram a ser ambas usadas como sujeito e objeto. Logo, ou você pode dizer que no quenya da Terceira Era os casos nominativo e acusativo vieram a ser idênticos em forma, ou pode dizer que o nominativo assumiu as funções do acusativo distinto de modo que, na verdade, não existe mais acusativo. Isso reduz-se exatamente à mesma coisa.

Mas até onde sabemos, o acusativo foi o único caso do quenya que se perdeu entre os Exilados. Os casos remanescentes, em acréscimo ao nominativo, são o *genitivo*, o *possessivo*, o *dativo*, o *alativo*, o *ablativo*, o *locativo*, e o *instrumental*. Há também um caso misterioso que Tolkien registrou na Carta Plotz, mas sem discutir seu nome ou uso - logo, há pouco que eu possa dizer sobre ele aqui.

Nas Lições 11 a 16, trabalharemos a lista de casos do quenya, discutindo suas funções e como eles são formados. Precisamente por termos a abençoada Carta Plotz, estamos agora em um terreno um tanto mais sólido do que geralmente encontramos ao discutir a gramática do quenya. (Tolkien realmente deveria também ter enviado a Dick Plotz uma lista de pronomes e formas do verbo.)

O GENITIVO

Começaremos nossa discussão dos casos do quenya com as poucas formas de substantivos do quenya que realmente possuem (mais ou menos) um equi-

valente direto em português. Enquanto o quenya possui nove ou dez casos do substantivo, o português possui apenas um (puro): o nominativo (os outros casos são formados geralmente por uma preposição + o nominativo). Já tratamos do nominativo: em português, assim como no quenya exílico, um substantivo aparece no nominativo quando ele é o sujeito ou o objeto de uma frase. Em ambos os idiomas, o nominativo no singular pode bem ser considerado a forma mais simples do substantivo. Não há uma desinência especial ou outro elemento declinável para indicar que “esta é uma forma nominativa”; mais exatamente, é a *ausência* de tais elementos que nos diz em que caso está o substantivo.

Todos os outros casos, porém, apresentam elementos especiais. Um desses casos é o *genitivo*. Em português, no singular ele é formado pela adição de uma preposição, *de*, e duas contrações (*da* e *do*) antes do substantivo; ex: casa *de* boneca, etc.

A função gramatical desse caso deve ser familiar o suficiente pra qualquer um capaz de ler este texto; já na Lição Dois, tocamos brevemente nesta “forma de propriedade”. O caso genitivo é usado para indicar “origem ou posse”. Em uma combinação como *a boneca da menina*, o caso genitivo é usado para coordenar dois substantivos de forma a indicar que o segundo é dono ou possuidor do primeiro. (Dessa primeira palavra, a qual a forma de genitivo conecta-se, como “boneca” no nosso exemplo, diz-se algumas vezes ser *regida* pelo genitivo. De modo oposto, pode-se dizer que a forma de genitivo em si “depende” dessa outra palavra; essa é a expressão de Tolkien em CI: 497.) O genitivo português não implica necessariamente “posse” no sentido mais estrito, mas também pode ser usado para descrever outros tipos de “pertence”, tais como relações familiares - ex: *a mãe da menina*. Quanto ao genitivo que sugere *origem*, podemos pensar em expressões como *os desenhos do arquiteto* (os desenhos feitos pelo arquiteto, e não necessariamente pertencentes a ele, mas *originando-se* dele). O substantivo genitivo pode ainda não indicar um ser senciente; ex: *os melhores artistas da Inglaterra* (os melhores artistas vindos da/que vivem na Inglaterra). O último exemplo também pode ser chamado de genitivo de *locação*; os melhores artistas da Inglaterra são os melhores artistas localizados *na Inglaterra*.

O substantivo do qual a forma de genitivo depende bem pode ser *outro* genitivo, que por sua vez refere-se a um terceiro substantivo - ex: “a casa da irmã da rainha”. A princípio podemos ligar um número infinito de genitivos (“o cão do irmão da tia do pai do rei... [etc. etc.]”) - embora não deva ser um grande choque para ninguém que as pessoas que se importam com o estilo e clareza geralmente não levam isso muito adiante.

De certa forma como os adjetivos, os genitivos podem ser usados atributivamente e como predicados. Todos os exemplos acima são exemplos de genitivos

atributivos, diretamente associados com um substantivo do qual o genitivo então depende. Um genitivo, entretanto, funcionaria como um predicado em uma frase como *o livro é de Pedro*. Mas ao invés de usar genitivos como predicados, o português frequentemente recorre a circunlocuções (como *o livro pertence a Pedro*).

E o que dizer do quenya? As funções dos genitivos portugueses são abrangidas por *dois* casos de substantivos do quenya; discutiremos o outro caso relevante na próxima lição. As funções do caso geralmente referido como o genitivo do quenya são de certa forma mais limitadas do que as funções do genitivo português. Mas em primeiro lugar, vamos tratar da maneira que o genitivo do quenya é formado.

A desinência básica do genitivo do quenya é **-o**. A partir dos substantivos que agora devem ser bem conhecidos pelo estudante, podemos produzir genitivos como **arano** “do rei”, **tário** “da rainha” e **vendëo** “da donzela”. Se o substantivo *já termina em -o*, a desinência de genitivo geralmente torna-se “invisível”. Em CI: XXII temos **ciryamo** para “do marinheiro”. Essa é a nossa única confirmação desse substantivo, mas não há razão para duvidar de que sua forma nominativa “marinheiro” é do mesmo modo **ciryamo** (essa palavra é obviamente derivada de **cirya** “navio”, e a desinência masculina/pessoal **-mo** [WJ: 400] é bem atestada em outro lugar: assim, **cirya-mo** = “pessoa de navio”). Um nome como **Ulmo** poderia ser tanto nominativo “Ulmo” como genitivo “de Ulmo”; o contexto deve decidir como a forma deve ser compreendida. (Contudo, no caso de substantivos em **-o** que possuem formas de radicais especiais em **-u**, como **curo**, **curu** – “artifício habilidoso”, provavelmente veríamos **curuo** como a forma do genitivo.)

Substantivos que terminam em **-a** perdem essa vogal quando a desinência de genitivo **-o** é adicionada: uma vez que a fonologia do quenya não permite a combinação **ao**, ela é simplificada para **o**. Por exemplo, o *Namárië* demonstra que o genitivo “de Varda” é **Vardo**, e não ****Vardao**. E acontece, então, que alguns substantivos de outra forma distintos coincidem no genitivo; por exemplo, parece que tanto **anta** “face, rosto” como **anto** “boca” possuem a forma de genitivo **anto**. O contexto deve ser levado em conta para determinar qual substantivo é pretendido.

No *plural*, a desinência de genitivo **-o** é aumentada para **-on** (como veremos depois, o indicador de plural **-n** ocorre em várias das desinências casuais do quenya). Essa desinência **-on** é adicionada à forma mais simples de plural (nominativo) do substantivo, em **-r** ou **-i**. Assim, um plural **r**- como **aldar** “árvores” possui o plural genitivo **aldaron** “das/de árvores” - enquanto que um plural **i** como **eleni** “estrelas” possui a forma genitiva **elenion** “das/de estrelas”. (As regras normais de tonicidade ainda aplicam-se, de modo que, enquanto **eleni** é enfatizada na primeira sílaba, a ênfase deve cair sobre **-len-** na forma mais longa **elenion**.) Ambas são atestadas no SdA: o *Namárië* tem **rámar aldaron** para “asas das árvores”

(uma circunlocução poética para “folhas”), e Frodo, falando em quenya em Cirith Ungol, refere-se a Eärendil como **elenion ancalima**, “a mais brilhante das estrelas”.

Um exemplo conhecido de um genitivo plural é o próprio título do **Silmarillion**, formado a partir do nominativo plural **Silmarilli** “Silmarils”. Esse título é bem aplicado, considerando que é propriamente apenas uma metade de uma expressão mais longa de genitivo, encontrada no frontispício que sucede o *Ainulindalë* e o *Valaquenta*: **Quenta Silmarillion**, “A História das Silmarils”.

Quanto ao genitivo *dual*, Tolkien indicou que sua desinência é **-to**, combinando a desinência dual **-t** com a desinência básica de genitivo **-o**. Na Carta Plotz, Tolkien usou o exemplo **ciryato**, “de um par de navios”. Há uma incerteza aqui, não mencionada em Plotz: a desinência também deve ser **-to** no caso dos substantivos que possuem formas duais em **-u** ao invés de **-t**? Ou o **u** simplesmente substituiria o **t** aqui, de modo que tais pronomes, ao invés disso, possuiriam genitivos duais em **-uo**? Concretamente: se o nominativo “(as) Duas Árvores” é **Aldu**, o genitivo “das Duas Árvores” deve ser **Alduto** ou **Alduo**? Uma forma como **Alduto** teria um indicador de dual *duplo*, tanto **u** como **t**, mas então genitivos no plural incluiriam da mesma forma indicadores duplos de plural (**elenion**, **aldaron**). Ainda assim, não estou pronto para excluir a possibilidade de que genitivos em **-u** devam ter genitivos em **-uo**; ex: **i cala Alduo** para “a luz das Duas Árvores”. Mas visto que o material publicado não permite conclusões certas a esse respeito, eu simplesmente evitei o problema nos exercícios abaixo.

As “formas de radicais” especiais de alguns substantivos também são relevantes para a formação de genitivos. A partir de **rá** (**ráv-**) “leão” teríamos o genitivo **rávo** “de/do leão”; a partir de **nís** (**niss-**) “mulher” teríamos **nisso** “de/da mulher”. As formas no plural seriam **rávion** “de/dos leões” e **nission** “de/das mulheres” - cf. os plurais nominativos **rávi** e **nissi**. Não estou muito certo sobre as formas duais; talvez possamos ter **ráveto** e **nisseto** (um **-e-** inserindo-se antes da desinência **-to** de modo que encontros consonantais impossíveis não aparecem; ver as lições posteriores com respeito a exemplos atestados de um **-e-** extra sendo introduzido dessa forma).

Até agora vimos a formação do genitivo; agora devemos retornar à sua *função*. Em português, o genitivo freqüentemente indica quem é dono do que, como em “a casa do homem”. De fato, essa é a principal função do genitivo português. Contudo, o caso genitivo do quenya *não* é geralmente usado para descrever simples posse de coisas. Tolkien indicou expressamente que esse caso justamente “não era [usado] como um ‘possessivo’, ou adjetivamente para descrever qualidades” (WJ: 368).

Para compreender sua função, é bem útil ter em mente sua derivação final. Tolkien explicou que “a fonte da declinação do ‘genitivo’ mais usada do quenya” foi um antigo elemento adverbial ou “preposicional” que significava basicamente *de* ou *dentre*. De acordo com WJ: 368, ele originalmente possuía a forma *HO* ou, como um elemento adicionado a substantivos, *-hô*. O último foi a fonte direta da desinência casual *-o* (plural *-on*) do quenya. Mas de acordo com *Etimologias*, o quenya também possuía uma preposição regular *ho* “de (no sentido de *proveniente de*), desde”, e em WJ: 368 Tolkien menciona *hó-* “desde, fora de” como um prefixo verbal; ex: em *hótuli-* “vir de longe” (literalmente deixar um lugar ou grupo e unir-se a outros em pensamento ou no local do falante).

Mesmo a desinência casual *-o* pode ocasionalmente expressar “de, desde”, o significado mais básico do elemento primitivo *HO*. No *Namárië* prosaico temos o verso **Varda... ortanë máryat Oioloossë**, “Varda... ergueu suas mãos do Oioloossë” (essencialmente o mesmo na versão do SdA, mas com uma ordem “poética” de palavras mais complicada). A tradução no SdA tem “Varda... do Monte Semprebranco ergueu suas mãos” - **Oioloossë** “Semprebranco” sendo um nome de Taniquetil, a grande montanha do Reino Abençoado onde Manwë e Varda habitam.

Entretanto, **Oioloossë** é o nosso único exemplo de genitivo do quenya sendo usado com tal significado. (Para “[vindo] de”, o quenya geralmente usa outro caso - o *ablativo*, a ser tratado em uma lição posterior.) Normalmente, a desinência *-o* é vista como possuidora de outros significados mais abstratos. No entanto, uma importante função do genitivo do quenya ainda reflete claramente a idéia de alguma coisa vindo “de” algo ou de outra pessoa: o genitivo do quenya pode ser usado para descrever a *fonte*, *origem* ou *dono anterior* de algo - chamados “genitivos derivativos” (WJ: 369). Tolkien explicou que **róma Oromëo** “trompa de Oromë” se refere a uma trompa *vinda de* Oromë, e não uma trompa que Oromë ainda possui, ou ainda possuísse no momento em que ela fosse considerada (WJ: 168). Da mesma maneira, **lambë Eldaron** não poderia ser usada para “o idioma dos Eldar”, pois isso significaria “o idioma vindo dos Eldar”; Tolkien acrescentou que tal expressão apenas seria válida “em um caso onde o idioma inteiro fosse adotado por outro povo” (WJ: 368-369). Levando-se isso em conta, a expressão genitiva **Vardo tellumar** “abóbadas de Varda” no *Namárië* pode não implicar necessariamente que as “abóbadas” celestiais *pertencam* a Varda, mas sim que ela criou-as, que elas *originaram-se* dela.

Tolkien também registrou “dentre” como um dos significados do elemento primitivo *HO*, e esse significado é discernível em exemplos de *genitivo partitivo* do quenya, o genitivo indicando do que alguma coisa ou alguém faz *parte*. Na expressão **Eärendil Elenion Ancalima** “Eärendil, a mais brilhante das estrelas” (Letters: 385), as palavras **elenion ancalima** na verdade implicam “a mais

brilhante *dentre* as estrelas”: após sua lendária transformação, Eärendil, ao carregar a Silmaril, é ele mesmo uma das estrelas, como indicado pelo capítulo *O Espelho de Galadriel* no Volume Um do SdA (“Eärendil, Estrela da Tarde, a mais amada pelos elfos, emanava do céu um brilho...”)

Parece que um genitivo partitivo também pode indicar do que alguma coisa é parte em um sentido completamente físico: em uma expressão traduzida como “as mãos dos Poderes”, a *Canção de Fíriel* usa o genitivo plural **Valion** para “dos Poderes” (ou seja, “dos **Valar**” - como indicado por *Etimologias*, entrada *BAL*, **Vali** é uma alternativa válida para **Valar** como a forma plural de **Vala**). As mãos dos Valar, quando estão encarnados, são fisicamente *parte* dos próprios Valar.

A relação entre um *lugar* e algo *localizado naquele lugar* também pode expressa por meio do caso genitivo (cf. nosso próprio exemplo “os melhores artistas da Inglaterra”). O *Namárië* possui **Calaciryó míri** para “jóias de Calaciryá” (**Calaciryá** “Fenda de luz” é um lugar no Reino Abençoado; note que como no caso de **Vardo** “de Varda”, a desinência de genitivo -o “engole” o -a final). Talvez isso também possa ser analisado como um genitivo partitivo, se algo localizado em um lugar é de alguma forma considerado *parte* desse lugar. Uma construção mais abstrata, mas talvez basicamente parecida, é encontrada em no *Juramento de Círión*: **Elenna-nóreõ alcar** “a glória da terra de Elenna”. Se não percebermos **alcar** ou glória como estando de alguma forma “localizada” em Elenna (= Númenor), devemos pensar nela como emanando *de* Elenna, de modo que o genitivo indica *fonte*. (Ver a próxima lição a respeito do caso comparável **alcar Oromëo**.)

Relações familiares são indicadas pelo caso genitivo. Na Saudação de Barbárvore a Celeborn e Galadriel ocorre a expressão genitiva **vanimálion nostari**, “pais de belas crianças” (Letters: 308) ou mais literalmente “geradores de seres belos” (SD: 73) - **vanimáli** significa “seres belos” (genitivo pl. **vanimálion**) e **nostari** significa “geradores”. Pode-se argumentar também que esse exemplo mostra que um substantivo que indica algum tipo de agente, e outro substantivo que indica aquele que ao qual esse agente *faz* alguma coisa, podem ser coordenados por meio do caso genitivo (os “seres belos” foram *gerados* pelos *geradores*). Qualquer que seja o caso, temos outros exemplos de relações familiares descritas por meio de um genitivo. No glossário do *Silmarillion*, entrada “Filhos de Ilúvatar”, aprendemos que essa é a tradução de **Híni Ilúvataro**. Visto que Ilúvatar (“Pai de Todos”) é um título de Deus, esse exemplo é um tanto profundo. Isso serve também para **Amillë Eruva lissëo** “Mãe de graça divina”, uma expressão que ocorre na tradução de Tolkien para o quenya da Litania de Loreto (VT44: 12; isso é **Amillë** “Mãe” + **Eruva** “divina, de Deus” + **lissëo**, genitivo de **lissë** “graça, doçura”). Contudo, o caso genitivo certamente também seria usado em expressões mais triviais como

“os filhos do rei” (provavelmente **i arano yondor**). Na medida em que o caso genitivo descreve relação de *pais* quanto à sua prole, podemos analisar as construções como genitivos derivativos, os pais sendo a origem física de seus filhos. Mas no exemplo **Indis i-Ciryamo** “a Esposa do Marinheiro” (CI: XXII), o genitivo inquestionavelmente descreve uma relação familiar e nada mais, uma vez que o “Marinheiro” não é de modo algum a fonte ou origem de sua esposa.

Talvez possamos generalizar mais além e dizer que relações entre *pessoas* podem ser descritas pelo caso genitivo do quenya. Em WJ: 369, Tolkien indicou que o genitivo seria usado em uma expressão como **Elwë, Aran Sindaron** “Elwë [= Thingol], Rei dos Sindar [elfos-cinzentos]”. Aqui a relação é aquela entre um governante e os governados. A mesma construção, porém, poderia ser usada com referência à *área* que é governada: “Rei de Lestanóre” seria **Aran Lestanóre** (Lestanóre sendo o nome em quenya da terra chamada *Doriath* em sindarin). O caso genitivo também pode referir-se a *coisas* que são controladas: em um livreto que acompanhava uma exibição nos Arquivos da Universidade de Marquette em setembro de 1983, *Catálogo de uma Exibição dos Manuscritos de JRRT*, Taum Santoski apresentou a tradução em quenya de Tolkien do título “Senhor dos Anéis”: **Heru i Million**, que é **heru** “senhor” + **i** “o” + o que provavelmente seria o genitivo plural de um substantivo **millë** “anel”, não atestado de outra forma. No próprio SdA, porém, a palavra em quenya para “anel” é dada como **corma**, Frodo e Sam sendo saudados como **Cormacolindor** ou Portadores do Anel (essa palavra ocorre no Louvor de Cormallen). Para “Senhor dos Anéis” poderíamos esperar, portanto, **Heru i Cormaron**, mas de qualquer modo, a expressão **Heru i Million** confirma que o caso genitivo pode ser usado para descrever a relação entre um governante e o governado (pessoas, área ou coisa).

Um dos significados mais abstratos que o caso genitivo pode adquirir é *de* = *sobre, a respeito*, como em **Quenta Silmarillion** “a História das (= a respeito das) Silmarils”. Outro exemplo atestado é **quentalë Noldoron** “a história dos Noldor” (VT39: 16). É provável que o genitivo possa ser usado neste sentido também em ligação com os verbos como **nyar-** “contar, relatar” ou **quet-** “falar”, ex: **nyarnen i Eldo** “eu contei sobre o elfo” ou **i Naucor quetir altë harmaron** “os anões falam de grandes tesouros”. Porém, carecemos de exemplos atestados.

Algumas vezes o significado preciso de um genitivo é difícil de definir-se claramente. Na famosa saudação **elen síla lúmenn’ omentielvo**, “uma estrela brilha sobre a hora do nosso encontro”, o genitivo simplesmente coordena os substantivos “encontro” e “hora” para indicar que o “encontro” aconteceu na “hora”. Na expressão **Heren Istarion** “Ordem dos Magos” (CI: 426), pode-se perguntar se o genitivo **Istarion** “dos Magos” implica que a ordem foi *fundada* por magos,

que ela *pertence* a magos, que ela *é composta* de magos, que ela *organiza* ou *controla* (ou ainda *é controlada por*) magos, etc. Com toda probabilidade, várias ou todas essas nuances de significado poderiam estar envolvidas ao mesmo tempo.

Considere também esta passagem do SdA, no capítulo *As Casas de Cura* no terceiro volume:

Logo em seguida entrou o mestre-de-ervas. - Vossa Senhoria solicitou a *folha-do-rei* (sic), como os rústicos a chamam - disse ele -, ou *athelas* na língua nobre, ou ainda para aqueles que conhecem um pouco da língua de Valinor... - Eu a conheço - disse Aragorn -; e não quero saber se você a chama de *asëa aranion* ou *folha-do-rei* (sic), contanto que tenha um pouco.

Assim, *asëa aranion* é a expressão em quenya (ou na “língua de Valinor”) para “folha-dos-reis”, a erva chamada *athelas* em sindarin. A palavra *asëa* refere-se a algum tipo de planta útil ou benéfica, mas que significado preciso o genitivo plural *aranion* “dos reis” expressa aqui? Os reis não *possuíam* ou *criaram* a folha-do-rei; ela era meramente *usada* por eles para propósitos de cura. A menos que isso seja comparável à construção *Calaciryo míri* pelo fato de que a folha-dos-reis estava fisicamente com os reis quando eles usavam-na para cura (“Vida dos que morrendo estão/ Que o rei detém em sua mão!”), devemos concluir que o genitivo também pode ser usado para indicar estados mal definidos de “propriedade”, ou mera associação.

Finalmente, posso mencionar uma função do genitivo que era desconhecida até o início de 2002, quando eu já havia completado a primeira versão deste curso: fica-se sabendo que a expressão “cheio de [alguma coisa]” é traduzida como *quanta* “cheio” + um substantivo no caso genitivo. Nosso exemplo atestado é um tanto profundo: em sua versão para o quenya da Ave Maria, publicada primeiramente em *Tyalië Tyelelliëva* 18, Tolkien traduziu a expressão “cheia de graça” como *quanta Eruanno*. Isso parece significar, literalmente, “cheia do presente de Deus” (uma vez que *Eruanno* é mais provavelmente a forma genitiva de *Eruanna*, cf. *anna* “presente”). A mesma construção presumivelmente seria usada em um contexto mais trivial, de modo que “cheio de água” pode ser traduzida *quanta neno* (o substantivo “água” sendo *nén*, *nen*-).

Não temos um exemplo atestado de uma forma genitiva do quenya funcionando como o *predicado* de uma frase - mas também não há qualquer razão em particular para duvidar-se de que (digamos) “o anel é de Sauron” possa ser traduzida por *i corma ná Saurondo*. (O nome *Sauron* provavelmente possui a forma de radical *Saurond*-, devido à derivação que Tolkien indicou em Letters: 380.)

Ordem das palavras: na versão prosaica do *Namárië*, Tolkien colocou um genitivo na *frente* do substantivo do qual ele depende: Aldaron lassi = literalmente “asas das árvores”, ómaryo lírinen = literalmente “na canção de sua voz”, Calaciryo míri = literalmente “jóias de Calacirya” – cf. a tradução entrelinhas em RGE0: 66-67. (Deve-se observar que aldaron lassi foi alterado a partir de lassi aldaron na versão “poética” no SdA.) Em cima da versão “prosaica” inteira, Tolkien também colocou o sobrescrito Altariello nainië, “lamento de Altariel (= de Galadriel)”. O *Juramento de Cirion* apresenta a mesma ordem de palavras: nórëo alcar “a glória da terra”, Elendil vorondo voronwë “a fé de Elendil, o Fiel” (a desinência de genitivo sendo anexada à *última* palavra na expressão Elendil voronda “Elendil [o] Fiel”; como sempre, a desinência remove um -a final). No SdA também temos elenion ancilima para “a mais brilhante das estrelas”. Então em prosa normal o genitivo deve sempre vir antes?

Não necessariamente, ao que parece. A maioria dos genitivos atestados em quenya *sucede* o substantivo do qual depende, com a mesma ordem de palavras da construção com *de* em português. No caso da maior parte dessas atestações, não temos qualquer razão para supor que a ordem das palavras é particularmente “poética”: Quenta Silmarillion “História das Silmarils”, Heru i Million “Senhor dos Anéis”, lúmenn’ omentielvo “sobre a hora do nosso encontro”, asëa aranion “*asëa* [planta benéfica] dos reis” (folha-dos-reis; os dois últimos exemplos são do SdA), Híni Ilúvataro “Filhos de Ilúvatar” (Glossário do *Silmarillion*), mannar Valion “para as mãos dos Poderes” (*Canção de Fíriel*), Heren Istarion “Ordem dos Magos” (CI: 426), Pelóri Valion “Elevações Circundantes dos Vali [Valar]” (MR: 18), Aran Sindaron “Rei dos Sindar” (WJ: 369), Aran Lestanóreo “Rei de Doriath” (*ibid.*), i equesti Rúmilo “os ditos de Rúmil” (WJ: 398), lambë Eldaron ou lambë Quendion “o idioma dos elfos” (WJ: 368/PM: 395), Rithil-Anamo “Círculo do Destino” (WJ: 401).

Um mal-entendido em potencial pode ser mencionado aqui: ocasionalmente as pessoas vêem-se completamente seduzidas pelas construções com *de* do português, achando que a desinência de genitivo -o deve aparecer no mesmo lugar na expressão assim como a preposição *de*. Por esse motivo elas terminam *anexando a desinência de genitivo à palavra errada* em uma tentativa inútil para copiar a ordem portuguesa de todos os elementos na expressão. Peça a dez pessoas para traduzir “a glória de Aman” para uma expressão genitiva em quenya, e é bem provável que várias delas irão sugerir algo como i alcaro Aman, que na verdade significa “Aman da glória”! O que queremos é Amano alcar ou (i) alcar Amano.

Quanto à ordem de palavras empregada quando uma *preposição* é usada em conjunto com uma expressão genitiva, o *Namárië* prosaico fornece o estranho

exemplo **Vardo nu luini tellumar**. Tolkien traduziu-o como “sob as abóbadas azuis de Varda”. Como vemos, a expressão em quenya é literalmente “de Varda sob abóbadas azuis”, a preposição *sucedendo* o substantivo genitivo - uma ordem mais inesperada, especialmente considerando-se que essa deve ser a prosa normal. O *Namárië* prosaico também tem ainda **ve aldaron rámar** para “como as asas das árvores”. Aqui a ordem das palavras é exatamente o que esperaríamos, ou seja, preposição + genitivo + o substantivo que ele rege (e não ****aldaron ve rámar** ou o que quer que seja!). É quase tentador supor que **Vardo nu luini tellumar** seja simplesmente um erro para **?nu Vardo luini tellumar**. Ao menos neste estágio, eu usaria sempre a ordem de palavras no “estilo inglês” exemplificada por **ve aldaron rámar**. Talvez **Vardo nu luini tellumar** seja um exemplo da sintaxe extremamente obscura preferida pelos Eldar, cujos pensamentos não são como aqueles dos homens mortais... ou talvez isso seja apenas um erro de digitação. Devemos esperar pela publicação de mais material.

O uso do artigo: um genitivo determina o substantivo do qual depende, assim como faz o artigo definido: **Indis i-Ciryamo** significa “a Esposa do Marinheiro”. Isso não pode ser interpretado “uma esposa do marinheiro” em um sentido indefinido ou indeterminado, embora o artigo definido *i* esteja ausente antes do substantivo **indis** “esposa, noiva”. O mesmo com **lambë Quendion** “o idioma dos elfos” (PM: 395, ênfase adicionada); isso não pode ser interpretado como “um idioma dos elfos”, pois **lambë** é determinada pelo genitivo **Quendion**. Deve-se compreender que, enquanto o primeiro substantivo de uma construção portuguesa com *de* pode ou não ser definido e conseqüentemente receber o artigo apropriado (*o, a* ou *um, uma*), um substantivo em quenya ligado ao genitivo que o sucede é sempre determinado, sendo o artigo *i* usado ou não.

Quando o genitivo *sucede* o substantivo do qual depende, o uso do artigo definido antes desse substantivo aparentemente é opcional. O substantivo é definido de qualquer forma, de modo que incluir o artigo é de certa forma supérfluo; ainda temos os exemplos **i arani Eldaron** “os reis dos Eldar” (WJ: 369) e **i equessi Rúmilo** “os ditos de Rúmil” (WJ: 398). **Equessi Rúmilo** e **arani Eldaron** sem o artigo significariam precisamente a mesma coisa. De forma oposta, a expressão **indis i ciryamo** “a esposa do marinheiro” poderia presumivelmente ter sido ampliada para ser lida **i indis i ciryamo** “a esposa do marinheiro”, novamente sem alterar o significado.

Nenhum exemplo atestado de um genitivo *precedente* é seguido por um artigo. Mas se pudéssemos escolher livremente entre **i equessi Rúmilo** e apenas **equessi Rúmilo**, esse princípio talvez ainda aplicaria-se se o genitivo fosse movido para o início da expressão? **Rúmilo equessi** “os ditos de Rúmil” é certamente uma expressão válida, mas e quanto a **Rúmilo i equessi**? Isso seria igualmente possível

ou soaria tão estranhamente como “de Rúmil os ditos” em português? Quanto a mim, eu evitaria essa construção incerta e não atestada.

Algumas preposições regem o caso genitivo. É dito que *ú* “sem” é geralmente seguida por genitivo, com Tolkien mencionando o exemplo *ú calo* “sem luz” (VT39: 14). Essa *calo* parece ser a forma genitiva do substantivo *cala* “luz” (como em *Calaquendi* “elfos da luz” ou *Calacirya* “Fenda de Luz”).

SUMÁRIO DA LIÇÃO ONZE: o substantivo em quenya é declinado em vários *casos*, formas especiais do substantivo que esclarecem qual função o substantivo possui em uma frase. As formas até agora tratadas são exemplos do caso *nominativo*, usado quando um substantivo é o sujeito ou o objeto de uma frase (um caso de “objeto” distinto, o *acusativo*, ocorreu anteriormente mas saiu de uso no quenya exílico). A caso *genitivo* do quenya possui a desinência *-o* (que desloca um *-a* final, quando tal está presente); a forma no plural é *-on* (adicionada ao nominativo plural), enquanto os genitivos duais recebem a desinência *-to* (mas substantivos com formas nominativas duais em *-u* teriam possivelmente genitivos duais em *-uo* ao invés de *-uto*). O substantivo regido pelo genitivo pode vir tanto antes como após o mesmo; *Rúnilo equessi* ou *(i) equessi Rúnilo* serviriam igualmente para “os ditos de Rúmil”. O genitivo do quenya indica propriamente fonte ou origem (incluindo possuidores *anteriores*), mas também abrange a maioria das relações entre pessoas (como relações familiares), assim como o relacionamento entre um governante e o governado (povo ou território). “Xo Y” ou “Y Xo” também pode implicar “Y de X” no sentido de Y sendo uma parte física de X, ou (se X é uma palavra no plural) Y sendo um de X. Assim, diz-se Eärendil ser *elenion ancalima* “a mais brilhante das (/dentre as) estrelas”. A relação entre um lugar e algo localizado naquele lugar também pode ser expressa por meio de um genitivo: *Calaciryo míri* “as jóias de Calacirya”. Um genitivo também pode expressar “de = sobre, com respeito a”, como em *Quenta Silmarillion* “a História das Silmarils”. Além disso, a preposição *ú* “sem” geralmente rege o caso genitivo.

VOCABULÁRIO

cainen “dez”

laman (*lamn-*) “animal” (a forma de radical também pode ser simplesmente *laman-*, mas usaremos *lamn-* aqui)

yulma “taça, copo”

limpë “vinho” (dentro dos mitos de Tolkien, *limpë* era um tipo de bebida especial dos elfos ou dos

Valar - mas no *Etimologias*, entrada *LIP*, Tolkien também fornece a palavra como “vinho”, e usaremos a palavra nesse sentido aqui)

rassë “chifre” (“especialmente em animais vivos, mas também aplicado a montanhas” - Etim., entrada *RAS*)

toron- (**torn-**) “irmão”

Menel “o firmamento, céu, os céus” (mas a palavra em quenya está no singular. Ela aparentemente não é usada em um sentido religioso, referindo-se apenas aos céus físicos. Cf. **Meneltarma** “Coluna dos Céus” como o nome da montanha central em Númenor. A palavra **Menel** está em maiúscula e é tratada aparentemente como um nome próprio, não exigindo assim qualquer artigo.)

ulya- “verter, derramar, despejar, servir (bebida)” (pretérito transitivo **ulyanë**, intransitivo **ullë**)

sírë “rio”

cilya “fenda, desfiladeiro” (também **ciryä**, como em **Calaciryä** “Fenda de Luz”, o nome aparecendo na verdade como **Calacilya** em alguns textos - mas uma vez que **ciryä** também significa “navio”, usaremos **cilya** aqui)

anto “boca” (possivelmente representando *amatô*, *amto* mais primitivas; sendo assim, ela provavelmente vem da mesma raiz do verbo **mat-** “comer”)

ú preposição “sem” (geralmente seguida por genitivo)

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português:

A. *Hirnentë i firin ohtaro macil.*

B. *Menelo eleni sílar.*

C. *Tirnen i nisso hendu.*

D. *Cenuvantë Aran Atanion ar ilyë nórion.*

E. *Coa ú talamion umë anwa coa.*

F. *I tário úmië torni merir turë Ambaro lier.*

G. *I rassi i lamnion nar altë.*

H. *I cainen rávi lintavë manter i rocco hrávë.*

2. Traduza para o quenya:

I. Os pássaros do céu verão dez guerreiros entre os grandes rios.

J. O servo do rei despejou vinho dentro da maior das taças. (“o[a] maior” = *analta*. Hora de repetir a Lição Cinco, onde tratamos dos superlativos?)

K. O irmão do elfo reuniu os dez livros sobre estrelas.

L. O grande rio da terra verteu em um desfiladeiro.

M. Um homem sem uma boca não pode falar.

N. Eu vi (*tempo perfeito*) a maior de todas as montanhas sob o céu.

O. Eu quero encontrar uma terra sem grandes animais como leões.

P. Você verá um animal sem chifres. (*dual*: um par de chifres)

LIÇÃO DOZE

O caso possessivo-adjetivo

Substantivos verbais ou abstratos e como eles interagem com os casos genitivo e possessivo

Esta lição é dedicada principalmente a um caso que por sua função de muitas maneiras complementa o caso genitivo. Mas em primeiro lugar, deixe-me dizer que não há resposta fácil para a questão sobre como este caso deve ser chamado. Tolkien registrou-o na Carta Plotz, mas não lhe deu um nome. O caso em **-o** ou **-on** que tratamos na lição anterior é referido simplesmente como o “genitivo” em várias fontes. Mas em WJ:369, Tolkien refere-se às formas em **-o(n)** como “genitivos partitivos-derivativos”, enquanto o outro caso que discutiremos agora é chamado “[genitivo] possessivo-adjetivo”. Na página anterior, ele observou com respeito ao caso com a desinência **-o(n)** que “apropriadamente ele era usado partitivamente, ou para descrever a fonte ou origem, e *não como um ‘possessivo’*” (ênfase adicionada). O contexto indica que o outro caso que ele continuou a descrever *é* usado como um “possessivo”. Então, simplesmente para ter uma designação adequada desse caso, adotarei a palavra *possessivo* como seu nome. (Outro termo plausível é “caso adjetivo”, que também é usado por alguns estudantes.)

O POSSESSIVO

Por sua função, esse caso - em vez do caso em **-o(n)** que Tolkien geralmente chama de “genitivo” ao discutir a gramática do quenya - corresponde melhor ao genitivo português em *de*.

O caso possessivo é formado ao adicionar-se a desinência **-va**; ex: **Eldava** como a forma possessiva de **Elda**. No caso de um substantivo que termine em uma consoante, a desinência assume, ao invés disso, a forma **-wa**. A hipótese de que a desinência **-va** aparece na forma variante **-wa** depois de consoantes também é sustentada por este fato: o sufixo **-va** é em origem uma mera desinência adjetiva, também encontrada em alguns adjetivos comuns, e em tais casos ela aparece como **-wa** após uma consoante - ex: **anwa** “real, verdadeiro” ou **helwa** “azul claro”. Em élfico primitivo, a desinência possuía a forma **-wâ**, mas em quenya, o *w* tornou-se geralmente *v* quando intervocálico (= ocorrendo entre vogais). Cf. outro adjetivo comum que apresenta essa desinência, **tereva** “fino, agudo”, palavra que Tolkien registrou ter sido **terêwâ** em élfico primitivo (ver Etim., entrada **TER**, **TERES**).

Uma vez que a maioria dos substantivos do quenya termina em uma vogal, o *w* de *-wâ* tornava-se tipicamente intervocálico quando essa desinência era adicionada, e geralmente transformava-se em *v* (ex: *Eldâ-wâ*, *Eldawâ* tornando-se *Eldava*, assim como *terêwâ* tornou-se *tereva*). Mas se combinarmos essa desinência com um substantivo que termine em uma consoante, como, por exemplo, *atar* “pai” (inalterado desde o élfico primitivo), *atar-wâ* presumivelmente produziria *atarwa* em quenya, o *w* permanecendo *w* porque aqui ele não é intervocálico.

A Carta Plotz não lista formas *duais* do caso possessivo, mas não consigo imaginar por que tais formas não devam existir. Ainda assim, não construirei quaisquer exercícios que envolvam essas formas levemente hipotéticas, mas presumivelmente o sufixo simples *-va* seria usado após uma forma dual em *-u* - ex: *Alduva* como a forma possessiva de *Aldu* “Duas Árvores”. As formas duais mais freqüentes em *-t* provavelmente teriam formas possessivas em *-twa*, uma dual como *ciryat* “um par de navios” tornando-se *ciryatwa* (ênfaticada na penúltima sílaba por causa do encontro consonantal *tw*).

Assim como a Carta Plotz não lista qualquer forma dual do caso possessivo, Tolkien também não mencionou qualquer forma de *plural* - fato que levou alguns investigadores a concluir que esse caso não possui plural de modo algum! Mas outro material indica que tal forma existe (sugerindo que podemos também sentir-nos livres para extrapolar uma forma dual como tentamos fazer acima: a Carta Plotz não inclui necessariamente *tudo*). Em WJ: 368 Tolkien indica que o possessivo possui uma forma plural em *-iva*, combinando a simples desinência *-va* com o indicador de plural *-i*. Nesse caso, essa desinência é usada mesmo se o sufixo possessivo for adicionado a palavras que geralmente teriam plurais nominativos em *-r*, como *Eldar*: o possessivo plural *não* é ***Eldarva* ou ***Eldarwa* ou seja lá o que for, mas *Eldaiva*, atestado na expressão *lambë Eldaiva* “idioma dos Eldar” (WJ: 369). É dito que a forma de plural *-iva* é uma inovação em quenya, e não uma forma herdada dos estágios mais antigos de élfico.

Quando a vogal inicial da desinência *-iva* funde-se com a última vogal do substantivo para produzir um ditongo, como *ai* em *Elda* + *iva* = *Eldaiva*, esse ditongo recebe, é claro, a ênfase (*eld-AI-va*). A maioria dos substantivos em *-ë* teria em um estágio mais antigo se comportado de modo similar, com um ditongo *ei* surgindo; o possessivo plural de *lassë* “folha” pode a certo ponto ter sido *lasseiva* (para *?lasseiwâ* ainda mais antigo, se tal forma já esteve em uso). Mas o ditongo *ei* finalmente tornou-se o *í* longo em quenya, de modo que talvez a forma corrente fosse *lassíva* - com um *í* longo ainda atraindo a ênfase. Na Carta Plotz, tal *í* longo é observado na forma plural de outro caso: *lassínen* como o *instrumental* plural, a ser tratado na Lição Dezesseis. (A forma *lassíva* obviamente não é confirmada por

Plotz, uma vez que nenhuma forma de plural do caso possessivo é lá discutida, mas a forma **lassínen** parece confirmar o princípio geral: provavelmente pretende-se que essa forma represente *lasseinen* mais antiga, e então a *lasseiva* mais antiga deve produzir em quenya **lassíva**.)

Não está bem claro o que acontece quando a desinência **-iva** é adicionada a um substantivo que já termina em **-i**, como **tári** “rainha”, ou um substantivo com uma forma de radical em **-i**, como **lómë** (**lómi-**) “noite” (SD: 415). Possivelmente os dois **i**'s iriam fundir-se em um **í** longo, de forma que “das rainhas” ou “das noites” é algo como **?táríva** e **?lómíva** - enquanto que as formas no singular “de uma rainha” e “de uma noite” devem ser **táríva** e **lómíva**. (A pronúncia seria acentuadamente diferente: essas formas no singular seriam enfatizadas na primeira sílaba, enquanto que as formas no plural seriam enfatizadas na penúltima sílaba por causa da vogal longa que surge repentinamente ali - *se* o **-i** final do substantivo e a primeira vogal da desinência **-iva** de fato fundem-se em um **í** longo) Mas também é possível que uma forma como **táríva** sirva tanto para o singular e o plural, de modo que deve-se contar com o contexto para distinguir “de uma rainha” de “das rainhas”.

Existem mais algumas coisas para se dizer sobre a formação do caso possessivo (ver “Notas variadas” abaixo), mas retornaremos agora à sua *função*.

Esse é o caso que você usa para descrever simples *posse*, a função típica do genitivo português. Na lição anterior, descrevemos como o genitivo do quenya é usado de preferência para indicar *fonte* ou *origem*, e não simples posse. Se o genitivo do quenya descreve a relação entre possuidores e as coisas que eles possuem, estamos lidando com a posse *prévia* ao invés da atual. Tolkien explicou isso com precisão ao comparar os casos genitivo e possessivo, e podemos bem permitir-nos citá-lo, recapitulando a função do genitivo no processo:

A “posse” era indicada pela desinência adjetiva *-va...* Assim, “trompa de Oromë” era *róma Oroméva* (se ela permanecesse em sua posse)... mas [a expressão genitiva] *róma Oromëo* significava “uma trompa vinda de Oromë”; ex: como um presente, em circunstâncias onde o receptor, mostrando o presente com orgulho, pode dizer “esta é a trompa de Oromë”. Se ele dissesse “esta *era* a trompa de Oromë”, ele diria *Oroméva*. De forma parecida [a expressão genitiva] *lambe Eldaron* não seria usada para “o idioma dos Eldar” (a não ser concebivelmente em um caso onde o idioma inteiro fosse adotado por outro povo), que é expressa [preferencialmente]... por... *lambe Eldaiva*. [W]: 368-369]

Logo, o caso possessivo pode indicar simples *posse* no momento em que ela está sendo considerada (pretérito ou presente - enquanto que *origem*, ou posse *prévia*, é indicada pelo caso genitivo). Um exemplo do *Silmarillion* é **Mindon Eldaliéva**, a “Torre dos Eldalië [= povo élfico]”, que significa simplesmente uma torre pertencente aos Eldalië. (Certamente eles também criaram-na, mas eles ainda eram seus proprietários; logo, um genitivo seria menos apropriado.) Também teríamos expressões como (i) **coa i Eldava** “a casa do elfo”, i **parmar i vendíva** “os livros das donzelas”, i **míri i Naucoiva** “as jóias dos anões”. Quanto a essa ordem de palavras, deve-se observar que o substantivo que recebe a desinência possessiva aparece como a *última* palavra da expressão possessiva em todos exemplos atestados: o substantivo que ela rege (que indica a coisa que é *possuída*) vem antes dela.

Na primeira versão desse curso escrevi: “É muito provável que se possa inverter a ordem das palavras e dizer (por exemplo) **?i Eldava coa** com a mesma ordem de palavras como em inglês: ‘the Elf’s house’ (a casa do elfo). Entretanto, eu evitaria essa construção até que a tenhamos atestada nos papéis de Tolkien”. Talvez a tenhamos atestada agora. Em junho de 2002, a expressão **Amillë Eruva lissë** “Mãe de graça divina” apareceu em VT44: 12, na tradução incompleta em quenya de Tolkien da Litanía de Loreto. Literalmente, isso parece significar “Mãe da graça de Deus”. Ao remover-se **Amillë** “Mãe”, assim como a desinência genitiva -o anexada aqui à **lissë** “graça, doçura”, somos deixados com **Eruva lissë** para “graça de Deus (de Eru)”. Esse poderia ser um exemplo (atualmente único) de uma forma possessiva que precede ao invés de suceder o substantivo ao qual está ligada. Contudo, a ordem oposta parece ser muito mais comum, e certamente **lissë Eruva** também poderia ter sido usada aqui. Nos exercícios abaixo, deixe consistentemente a forma possessiva suceder o substantivo ao qual está ligada ao invés de precedê-lo, usando uma ordem de palavras mais comum.

O substantivo regido pelo possessivo não recebe o artigo na maioria dos nossos exemplos atestados; ele já é suficientemente determinado: **róma Oroméva** não é indefinido “uma trompa de Oromë”, como se ela fosse introduzida pela primeira vez na história, ou como se estivesse implícito que Oromë também possuísse outras trompas. (De acordo com Tolkien, esse significado seria expresso através de um “composto livre”, com as palavras simplesmente sendo justapostas sem envolver quaisquer desinências casuais: **Oromë róma** = “uma trompa de Oromë”.) **Róma Oroméva** é “trompa de Oromë” = “a trompa de Oromë”, **róma** sendo determinada por **Oroméva**. Mas poderíamos certamente introduzir um artigo explícito e dizer i **róma Oroméva** sem mudar o significado; como demonstrado na lição anterior, ambas as construções são igualmente válidas em uma expressão que envolve um

substantivo *genitivo*. Um exemplo atestado que envolve o caso possessivo é a expressão **i arani Eldaivë** “os reis dos Eldar” (WJ: 369; isso primeiramente significa “aqueles reis em uma assembléia em particular que eram élficos”, enquanto **i arani Eldaron** com um genitivo significa “aqueles entre os Eldar que eram reis”, ou simplesmente “os reis que governam os Eldar”). O artigo pode provavelmente ser omitido sem mudar o significado: **arani Eldaivë** significaria ainda “os reis dos Eldar”, a forma possessiva **Eldaivë** determinando **arani** de qualquer modo. (Quanto ao porquê da desinência **-iva** aparecer aqui como **-ivë**, ver abaixo; isso provavelmente contradiz certas evidências do SdA, de modo que iremos ler, ao invés disso, **Eldaiva**.)

O caso possessivo não indica sempre “posse” no sentido mais estrito, mas também pode descrever a relação de alguém com seus atributos ou propriedades mais ou menos abstratos. Em tais contextos, também se pode usar o genitivo. Tolkien mencionou que “o esplendor (glória) de Oromë” podia ser expresso de dois modos: pode-se usar o caso possessivo-adjetivo e dizer **alcar Oroméva**, referindo-se ao **alcar** ou esplendor de Oromë como um atributo *permanente* dele. Mas também se pode usar o caso genitivo; a expressão **alcar Oromëo** enfatiza que Oromë é a *fonte* do esplendor. Isso pode referir-se ao “seu esplendor como visto no momento (originando-se dele) ou em algum ponto em uma narrativa” – focalizando o momento ao invés de um estado permanente (WJ: 369). O Juramento de Cirion usa o *genitivo* na expressão **Elenna-nórëo alcar** “a glória da terra de Elenna”. Se ao invés disso o possessivo fosse usado, para produzir a expressão (i) **alcar Elenna-nóreva**, isso aparentemente colocaria a ênfase na “glória” de Elenna como um atributo *permanente* da terra. Na Terra-média, o Juramento de Cirion foi proferido muito após Elenna (Númenor) ter sido destruída e sua “glória” provou ser menos do que permanente, de modo que talvez isso fosse inadequado.

No nosso exemplo caseiro **alcar Elenna-nóreva**, adicionamos a desinência possessiva a um substantivo que não indica um ser sciente. Isso dificilmente é inadequado, pois temos exemplos atestados como **Taurë Huinéva** “Floresta da Obscuridade” e **Nurtalë Valinóreva** “Ocultação de Valinor”. Quando nenhum ser sciente estiver envolvido, o caso possessivo obviamente empregará outras nuances de significado; nenhuma “posse” pode estar envolvida, uma vez que coisas ou substâncias não podem possuir qualquer coisa. Cf., por exemplo, o primeiro exemplo desse caso que já foi publicado, no *Namárië* no SdA. Aqui temos **yuldar... lisse-miruvóreva** para “goles de doce hidromel” (no *Namárië* prosaico, RGE0: 68, as palavras estão na verdade diretamente justapostas como **yuldar lisse-miruvóreva**; na versão poética no SdA, várias outras palavras ficam entre os dois elementos dessa expressão). Por décadas, esse foi o único exemplo disponível do caso em **-va**. Aqui, essa desinência casual implica “(feito) de”: os **yuldar** ou “goles”

consistem de lisse-miruvóre ou “doce hidromel”. Seguindo esse exemplo, dois substantivos como *rië* “coroa” e *telpë* “prata” podem evidentemente ser combinados como *rië telpeva*, “coroa de prata”. Pode-se observar que em tal caso - o substantivo possessivo indicando um *material* - o substantivo que ela rege não é necessariamente determinado por ela (não sendo “a coroa de prata”). De outra forma, *yuldar lisse-miruvóreva* teria que significar **“os goles de doce hidromel”, mas Tolkien não traduziu-a desse modo. - Tendo apenas esse único exemplo do *Namárië* com o qual trabalhar, os pesquisadores mais antigos acreditaram que o caso em -*va* fosse o que eles chamam de um caso “composto” que indica do que algo consiste (é *composto* de). Esse uso deve ser observado, mas agora sabemos que essa é apenas uma das funções secundárias desse caso.

Ainda permanece o fato de que a desinência -*va* é simplesmente adjetiva em origem, de modo que esse caso pode facilmente assumir uma função “descritiva”. Com respeito ao caso *genitivo* em -*o*, Tolkien observou que ele corretamente NÃO era usado “adjetivamente para descrever qualidades” (WJ: 368): essa é preferencialmente a função do caso em -*va*. O exemplo *Taurë Huinéva* (Etim, entrada *PHUY*) aparentemente significa “Floresta da Obscuridade”; cf. os substantivos *taurë* “floresta” e *huinë* “sombra profunda, obscuridade”. Quase se pode tratar melhor *huinéva* como um adjetivo regular e traduzir *Taurë Huinéva* como “Floresta Obscura” ou “Floresta Sombria”. A idéia é de que a “floresta” é caracterizada pela “obscuridade”, de forma que o caso em -*va* pode descrever o que *caracteriza* algo ou alguém. Talvez a expressão *Eruva lissë* (isolada a partir de uma expressão mais longa, VT44: 12) também se encaixe aqui: ela poderia ser traduzida como “graça de Deus”, mas a Lítania de Loreto que Tolkien estava traduzindo para o quenya possui “graça divina” nesse lugar, e pode bem ser que *Eruva* seja aqui melhor compreendido como o adjetivo “divina” - e não como um substantivo “de Deus”. A palavra *Eruva* descreve a qualidade divina da “graça” como uma *característica* dessa graça.

Tal “característica” também pode ser algo *abstrato* ou uma *ação*: em material primitivo (LT1: 14) encontramos o exemplo *Mar Vanwa Tyaliéva* “Chalé do Brincar Perdido” - *mar* ou “chalé” sendo caracterizado por *vanwa tyalië*, “brincar perdido” (deve-se ler os manuscritos mais primitivos do *Silmarillion* reproduzidos em LT1 e LT2 para compreender-se precisamente ao que isso refere-se). Deve-se observar, contudo, que o caso genitivo também pode ser usado em tal contexto; no ensaio tardio *Quendi and Eldar*, temos *Rithil-Anamo* para “Círculo do Destino” (WJ: 401; a antiga palavra em quenya *rithil* “anel, círculo” se tornaria provavelmente *risil* em quenya exílico). *Rithil-Anamo* não se refere ao Anel de Sauron, mas sim ao *Máhanaxar*, o círculo onde os Valar sentavam-se em julgamento. A palavra *anamo* não é atestada de outra forma, mas deve ser o genitivo de *anama* ou *anan* (com o

radical **anam-**); ela aparentemente significa “destino, julgamento” - a atividade que caracteriza ou ocorre no Círculo (**Rithil**). Talvez o caso possessivo pudesse ter sido usado (**?Rithil Anamáva** ou **?Rithil Ananwa**) sem modificar o significado.

Em algumas ocasiões pode-se de fato ficar em dúvida sobre qual caso usar, o genitivo ou o possessivo; algumas vezes a própria escolha de Tolkien é um pouco surpreendente. Ele usou o possessivo na expressão **Noldo-quentasta Ingoldova** “a História dos Noldor de Ingoldo” (VT39: 16) - o elfo Ingoldo sendo o autor desta **Noldo-quentasta** ou “história Noldo” em particular. Mesmo assim, a ênfase dificilmente está no fato de que Ingoldo *possui* essa “história Noldo” (a não ser que os direitos autorais fossem uma questão importante em Valinor). Ingoldo é apenas o autor ou criador, e por esse significado podemos esperar que, ao invés disso, o caso genitivo seja usado, uma vez que ele freqüentemente descreve origem ou fonte. Ainda assim pode haver certas questões conflitantes aqui: visto que o caso genitivo também pode significar *sobre, a respeito de* (como em **Quenta Silmarillion**), talvez **Noldo-quentasta Ingoldo**, com um genitivo, pudesse facilmente ser confundida com “a história Noldo sobre Ingoldo”.

De qualquer modo, em um exemplo atestado, a escolha de Tolkien do caso certamente significa uma clara contradição do que ele havia escrito anteriormente, no ensaio *Quendi and Eldar*: citamos sua explicação do porquê geralmente seria inadequado usar o genitivo em uma expressão como **lambë Eldaron** “o idioma dos Eldar” - isso significaria “o idioma vindo dos Eldar, posteriormente assumido por outros”! Teria-se que usar, ao invés disso, o caso possessivo: **lambë Eldaiva**. Mesmo o *próprio Tolkien* usou **lambë Quendion** para “o idioma dos elfos” em uma fonte muito tardia (PM: 395) - e **Quendion** é inconfundivelmente um genitivo plural. O fato de que Tolkien usa aqui outra palavra para “elfo” (**Quendë** ao invés de **Elda**) dificilmente pode fazer alguma diferença: de acordo com o sistema apresentado em *Quendi and Eldar*, teríamos **lambë Quendíva**, o caso possessivo sendo usado para posse atual. Talvez possamos resolver a contradição em termos “internos”, recorrendo a um desenvolvimento lingüístico dentro dos mitos: Tolkien observou que havia uma tendência crescente para preferir-se o caso genitivo, com as pessoas algumas vezes usando-o ao invés do caso possessivo (WJ: 369). Logo, em “uso tardio”, talvez fosse mais natural dizer **lambë Quendion** do que **lambë Quendíva**, com as distinções anteriores desaparecendo. Se alguém estiver em dúvida sobre qual caso usar, o genitivo ou o possessivo, provavelmente é melhor escolher o primeiro.

* * *

NOTAS VARIADAS

que inserem alguns detalhes

NOTA 1: alongamento da vogal na sílaba que antecede a desinência casual: o estudante observador terá notado que, algumas vezes, a última vogal de um substantivo é *alongada* quando a desinência **-va** é adicionada. Por exemplo, **Eldalië** + **va** produz **Eldaliéva** com um *é* longo (que deve então receber a ênfase, de acordo com as regras normais). **Oroméva** e **tyaliéva** como as formas possessivas dos substantivos **Oromë** e **tyalië** são outros exemplos. Note que as palavras **Eldalië**, **Oromë** e **tyalië** terminam todas em duas sílabas *curtas* (que não contêm encontros consonantais, ditongos ou vogais longas). Se a desinência **-va** fosse adicionada a elas e mudanças adicionais não fossem feitas, a sílaba extra fornecida por essa desinência faria a ênfase ir para o que agora seria a antepenúltima sílaba (cf. as regras de tonicidade apresentadas na Lição Um). Isso resultaria nas pronúncias um tanto estranhas ****orOMÉva**, ****eldaLLeva** e ****tyaLLeva**. Assim, quando a desinência **-va** é adicionada a um substantivo que termina em duas sílabas curtas, e não há consoante final, a vogal da última dessas sílabas é aparentemente *alongada* para garantir que ela receba a ênfase: **oroMÉva**, **eldaliÉva** e **tyaliÉva**. Mas se o substantivo terminar em uma consoante, não haverá nunca a necessidade de alongar-se a vogal, pois onde lidamos com um substantivo de tal forma, a sufixação da desinência casual (provavelmente aparecendo como **-wa**) resultará em um encontro consonantal que fará a ênfase ir de qualquer forma para a vogal anterior ao novo encontro. Por exemplo, enquanto que um nome como **Menelmacar** (o nome em quenya de Órion) é naturalmente enfatizado na penúltima sílaba porque ele termina em duas sílabas curtas, sua forma possessiva **Menelmacarwa** seria enfatizada no **-arw-** por causa do encontro **rw** que surge aqui: esse encontro faz a que agora é a penúltima sílaba ficar *longa*, e portanto ela recebe a ênfase.

Na versão original deste curso escrevi: “Não está claro se o sistema apenas esboçado - a vogal final de um substantivo que termina em duas sílabas curtas sendo alongada antes da desinência **-va** – ainda seria válido no caso de uma palavra que *apenas* consiste dessas duas sílabas curtas”. Como também escrevi, meu pressentimento era de que, em tal caso, não haveria alongamento. Isso agora foi confirmado pelo exemplo **Eruva** como a forma possessiva de **Eru** (VT44: 12, publicado em junho de 2002). Embora **Eru** termine em duas sílabas curtas, não vemos ****Erúva** no possessivo, pois as duas sílabas curtas de **Eru** também são a palavra inteira. A regra de alongamento aplica-se apenas às palavras de mais de duas sílabas.

Huinéva (ao invés de ****huineva**) como a forma possessiva de **huinë** “sombra, obscuridade” é, entretanto, um exemplo confuso. Aqui vemos o alongamen-

to do -ë final para -é-. Por um tempo realmente pensei que o -ë final fosse sempre alongado antes da desinência -va, mas a Carta Plotz indica que a forma possessiva de *lassë* “folha” é *lasseva* (e não ***lasséva*). Se o *ui* de *huinë* fosse contado como *duas sílabas* (u-i), e não como um ditongo, esse exemplo se adequaria à regra apresentada acima: *hu-i-në* teria sua vogal final alongada quando -va fosse adicionada, produzindo *huinéva*. Mas uma vez que Tolkien claramente indicou que o *ui* em quenya é um ditongo - pronunciado assim como *uma* sílaba longa e não como duas curtas - essa explicação não é satisfatória. Todavia, *ui* também parece ser um ditongo em sindarin, mas em um poema em sindarin, o *ui* ocorre onde a métrica poética exige duas sílabas. Talvez *ui*, ainda que um ditongo, seja de algum modo “longo demais” e *conte* algumas vezes como duas sílabas, mesmo que ele seja percebido como uma sílaba pelo ouvido. O ponto principal é: se a desinência casual -va for adicionada a um substantivo com *ui* em sua penúltima sílaba, a vogal na última sílaba é aparentemente alongada antes que o -va seja sufixado. Assim, a forma possessiva de substantivos como *cuilë* “vida” ou *tuima* “broto” deve evidentemente ser *cuiléva* e *tuimáva*.

Quanto à desinência *genitiva -o*, não há alongamento similar quando a desinência é adicionada a um substantivo que termina em duas sílabas curtas: a forma genitiva de *Oromë* é atestada como *Oromëo*, e não ***Oroméo* (compare com o possessivo *Oroméva*). A forma *Oromëo* deve ser enfatizada no -rom-. Parece provável, portanto, que nada de especial aconteça quando o -o também for adicionado a uma palavra como *huinë* (o genitivo provavelmente sendo *huinëo*, e dificilmente *?huinéo*). Contudo, gostaria de ver um exemplo atestado do que acontece quando a desinência -o é adicionada a um substantivo que termine em duas vogais curtas em hiato – com maior frequência -ië, como em *Valië* “Vala feminina”. *?Valiëo* teria que ser enfatizada no i, que soa um tanto estranho; o mesmo vale para a forma no plural *?Valieron*. Suspeito fortemente que, em tal caso, a vogal na sílaba antes da desinência genitiva seria alongada, atraindo assim a ênfase: *Valiéio*, *Valiéieron*. Mas, mais uma vez, não há modo de estar-se certo; devemos aguardar publicações posteriores.

NOTA 2: formas especiais de radicais de substantivos: quando um substantivo possuir uma forma especial de radical, ela sempre aparecerá quando a desinência de genitivo -o for adicionada. O genitivo de *nís* (niss-) “mulher” ou *talan* (talam-) “chão, assoalho” seria *nisso* “de mulher” e *talamo* “de assoalho”. Todavia, a desinência -va ou -wa para o possessivo pode às vezes produzir resultados mais complexos. Adicionar -wa a um substantivo como *talan*, *talam-*, resultaria provavelmente em *talanwa*, e não ***talamwa*, uma vez que *mw* regularmente torna-se *nw* em quenya. Sufixar -wa a *filit* (fili-) “pássaro” resultaria em *filiwca*, está certo, mas isso pode-

mos escrever como **fliqua** de acordo com as convenções normais. Não estou muito certo de como a forma possessiva de **nís** (**niss-**) “mulher” deva ser. ****Nisswa** certamente não é uma palavra possível em quenya; talvez veríamos algo como **nisseva**, com um **e** extra surgindo antes da desinência para separar um encontro consonantal impossível (e, sucedendo uma vogal, veríamos normalmente **-va** ao invés de **-wa**). - A “forma de radical” de alguns substantivos é simplesmente uma contração; ex: **fern-** como o radical de **feren** “faia”. Seguramente o genitivo seria **ferno**, mas o possessivo pode bem ser **ferenwa** sem qualquer contração, visto que outros exemplos indicam que tal contração não ocorre antes de um encontro consonantal (****fernwa** não é uma palavra possível em quenya). É claro que também poderíamos inserir um **e** aqui, produzindo **?ferneva**, mas eu certamente apostaria em **ferenwa**.

NOTA 3: uma regra tolkieniana que podemos dar-nos ao luxo de ignorar (!): em WJ: 407, Tolkien indica que o caso produzido ao adicionar-se **-va** nunca perde suas fortes conotações adjetivas; ele na verdade diz que ele “era e permaneceu um adjetivo”. Compare com **Eruva** sendo usado no sentido de “divino” ao invés de “de Deus” na Litanía de Loreto em quenya de Tolkien. Como lembramos da Lição Quatro, adjetivos em **-a** possuem formas plurais em **-ë** (por causa do **-ai** arcaico). De acordo com o que Tolkien diz em WJ: 407, um substantivo possessivo (com a desinência **-va**) que rege uma palavra no *plural* concordaria com ela em número assim como qualquer outro adjetivo, com a desinência **-va** transformando-se em **-vë**. Por essa razão, ele usou **i arani Eldaivë** para “os reis dos Eldar” em WJ: 369: **Eldaiva** “dos Eldar” torna-se **Eldaivë** (arcaico **Eldaivai**) para concordar em número com o substantivo no plural do qual depende, ou seja, **arani** “reis”.

Entretanto, esse pode ser um dos casos de Tolkien revisar a gramática élfica sem perceber que suas novas idéias contradizem algo que ele já havia publicado. Pois no *Namárië* no SdA, temos **yuldar... lisse-miruvóreva** para “goles de doce hidromel”, e Tolkien posteriormente confirmou essa construção em *The Road Goes Ever On*. Uma vez que **yuldar** “goles” é uma palavra no plural, **lisse-miruvóreva** deveria ter sido **lisse-miruvórevē** de acordo com o sistema que Tolkien posteriormente apresentou em WJ: 407. Como eu disse, a explicação “externa” mais provável é a de que Tolkien simplesmente introduziu uma nova regra sem notar que ele já havia publicado algo que a contradizia. Em termos “internos”, talvez possamos supor que a forma possessiva ainda era vista como um tipo de adjetivo derivado no período mais antigo e, portanto, ela também concorda em número como os adjetivos normais. Mas com o passar das Eras na Terra-média, as formas produzidas por meio da desinência **-va** vieram a ser vistas como apenas um caso do substantivo, e ao final da Terceira Era, quando Galadriel compôs seu Lamento, o estilo de concordância em número havia sido abandonado. Não o uso nos exercícios deste curso.

SUBSTANTIVOS VERBAIS OU ABSTRATOS

e como eles interagem com os casos genitivo e possessivo

Definimos anteriormente os substantivos como palavras que indicam *coisas*, enquanto os verbos são palavras que indicam *ações* - mas também dissemos que os linguistas achariam tais definições bastante simplistas. Alguns substantivos indicam ações, e eles são apropriadamente chamados de *substantivos verbais*. Uma vez que tais substantivos podem interagir com os casos genitivo e possessivo de um modo que deve ser observado, este é um bom lugar para introduzi-los.

Um substantivo verbal é formado a partir do radical de um verbo; *canto* é o substantivo verbal correspondente ao verbo *cantar*; em outras palavras, o *canto* é a ação que você executa ao *cantar*.

Em quenya, os radicais de alguns verbos primários são a fonte de formações abstratas em **-më**; algumas delas parecem ter sido substantivos verbais originalmente. Por exemplo, enquanto o verbo “amar” é **mel-**, o substantivo “amor” é **melmë**. Alguns desses substantivos podem possuir significados mais especializados. **Carmë** é usado para “arte” (CI: 436), embora basicamente esse seja apenas um tipo de substantivo verbal derivado do verbo **car-** “fazer” - assim, literalmente, “feitura”. (Ver abaixo com respeito a **oiencarmë**.)

Verbos primários também podem receber a desinência **-ië**; o verbo **tyal-** “brincar, jogar” corresponde à formação abstrata **tyalië** “brincadeira, jogo, (o) brincar (subst.)” (cf. **Mar Vanwa Tyaliéva** ou “Chalé do Brincar Perdido” mencionada acima). Adicionada a um verbo radical A, a desinência **-ië** faz o **-a** final desaparecer; cf. **naina-** “lamentar”, que produz o substantivo abstrato **nainië** “um lamento”.

Outra formação freqüente é alongar a vogal raiz de um verbo primário e adicionar a desinência **-ë**. O verbo **ser-** “descansar” corresponde ao substantivo abstrato **sérë** “descanso, repouso, paz”. Muito freqüentemente, os substantivos assim derivados assumiram um significado de alguma forma mais concreto. Do verbo **sir-** “fluir, correr” temos **sírë**, que basicamente se referiria a um “fluxo”, mas esse substantivo é usado para “rio”. O substantivo **nútë** associa-se com o verbo **nut-** “amarrar”, mas o substantivo desenvolveu-se além do inteiramente abstrato “amarração” e veio a significar, ao invés disso, “nó”. De **lir-** “cantar” temos **lírë**, usado para “canção” ao invés de apenas “canto, cântico”. Mesmo assim, a idéia fundamental de um substantivo verbal é ainda freqüentemente compreensível.

Os radicais de alguns verbos radicais A, especialmente em **-ta**, também podem ser usados como substantivos abstratos sem adições. **Vanta-** é o verbo “andar, caminhar”, mas **vanta** também é usado como um abstrato: “uma caminhada”. De forma parecida, o verbo **lanta-** “cair” corresponde ao substantivo **lanta**

“uma queda”. Contudo, o substantivo também pode ser **lantë**, como no nome da canção **Noldolantë** ou “Queda dos Noldor” mencionada no *Silmarillion*. Em quenya, substantivos abstratos de fato mostram uma grande preferência pela desinência -ë, tanto sozinha como parte de uma desinência mais longa.

Tal desinência é -lë, que parece ser um dos mais versáteis sufixos abstratos em quenya. É possível que ela possa em princípio ser adicionada a qualquer verbo radical A, e que a palavra resultante seja basicamente um substantivo verbal. O verbo **laita-** “abençoar/louvar” ocorre no SdA (no Louvor de Cormallen), e o substantivo abstrato correspondente **laitalë** “louvor” ocorre em CI: 186 (onde a referência é feita ao **Erulaitalë** ou “Louvor a Erú”, um festival númenoreano). Em lições anteriores usamos o verbo **nurta-** “ocultar, esconder”, que na verdade é atestado apenas como um substantivo verbal **nurtalë** “ocultação” (ver abaixo a respeito da expressão **Nurtalë Valinóreva** “Ocultação de Valinor”).

Voltemos então para os casos genitivo e possessivo. Se você combinar um substantivo verbal (ou uma formação abstrata que ainda associa-se claramente a um verbo) com um substantivo no caso *genitivo*, isso sugere que esse substantivo é o “sujeito” do verbo correspondente. Um exemplo atestado é **Altariello nainië** para “lamento de Galadriel” (RGEO: 66; a forma em quenya do nome de Galadriel é **Altariel** com o radical **Altariell-**). O genitivo **Altariello** “de Galadriel” que rege o substantivo abstrato **nainië** “lamento” indica que Galadriel é aquela que *faz o lamento*: genitivo de sujeito. Talvez a expressão **i equessi Rúmilo** “os ditos de Rúmil” (WJ: 398) também possa ser analisada de tal forma: Rúmil é o *sujeito* que originalmente “disse” os “ditos”. Um caso óbvio é fornecido pela expressão **Oiencarmë Eruo** “a produção perpétua do Um [de Erú, de Deus]” (MR: 471). Erú é aquele que *faz* a “produção perpétua” (**oi-en-carmë** = provavelmente “sempre-re-feito”), e isso é indicado pela forma genitiva **Eruo**: novamente genitivo de sujeito.

Na Lição Dois, apontei o erro contido no título do jornal **Parma Eldalamberon**; ele deveria ter sido, ao invés disso, **Parma Eldalambion**. Devo agora tratar do título de outro (bom!) jornal lingüístico tolkieniano, **Tyalië Tyelelliéva**. A intenção desse era de significar “Jogo dos Tyelellië” (um povo de pequenos elfos). Mas uma vez que os **Tyelellië** são os *sujeitos* do substantivo abstrato “jogo” (aqueles que praticam o jogo), provavelmente teria sido melhor usar o caso genitivo aqui: talvez **Tyalië Tyelelliéo**. Até agora vimos o genitivo de sujeito; o que dizer do genitivo de *objeto*?

Nosso primeiro e único exemplo atestado de um genitivo de objeto em quenya parece indicar que, para esse significado, o quenya usa o caso em -va. Esse único exemplo é encontrado no *Silmarillion*, próximo ao final do capítulo 11: **Nurtalë Valinóreva**, a “Ocultação de Valinor” (**Valinóreva** é formado a partir de **Valinóre**, uma

variante mais antiga do nome geralmente encurtado como **Valinor**). O ponto é que os Valar ocultaram Valinor, de modo que Valinor é o *objeto* da **nurtalë** ou “ocultação”. Se, ao invés disso, fosse usado o caso genitivo, dizendo **Nurtalë Valinóreo**, isso poderia implicar que esse é um genitivo de sujeito - Valinor *causando* a ocultação ao invés de ser seu objeto. Isso faria pouco sentido, já que Valinor não é uma pessoa que pode “ocultar” qualquer coisa. De modo oposto, **oiencarmë Eruo** não pode ser compreendido como “produção perpétua *de* Um” mesmo se algum tipo de sentido pode ser compreendido a partir disso, pois se Eru fosse um objeto gramatical que *é produzido*, evidentemente veríamos, ao invés disso, **oiencarmë Eruva**.

Provavelmente, o caso de **o** pode ser usado para o genitivo de sujeito e o caso de **va** para o genitivo de objeto dentro da mesma expressão; assim sendo, provavelmente seria melhor deixar o primeiro genitivo *preceder* o substantivo verbal. **Nurtalë Valinóreva** ou “Ocultação de Valinor” poderia então ser aumentada para **Valaron nurtalë Valinóreva**, “a ocultação de Valinor dos Valar”. Ou, para usar um exemplo completamente caseiro:

Eruo melmë Ataniva = “amor de Deus *dos* homens”

e inversamente:

Atanion melmë Eruva = “amor dos homens *de* Deus”

SUMÁRIO DA LIÇÃO DOZE: o caso *possessivo* (ou *adjetivo*) é formado ao adicionar-se a desinência **-va** (provavelmente **-wa** após substantivos que terminam em uma consoante); no plural, **-iva**. (Não há informação clara sobre as formas duais; presumivelmente a desinência **-va** pode ser adicionada a substantivos com formas duais em **-u**, enquanto que a desinência casual pode aparecer como **-wa** quando adicionada a uma forma dual em **-t**.) Se a desinência **-va** for adicionada a um substantivo de pelo menos três sílabas que termine em uma vogal, e as duas últimas sílabas forem *curtas*, então a vogal final é alongada antes da desinência casual ser adicionada, de modo que ela atrai a ênfase: a forma possessiva de **Oromë** é portanto **Oroméva** (e não ****Oromeva**). Por alguma razão, tal alongamento também ocorrerá se o ditongo **ui** ocorrer na penúltima sílaba do substantivo; a forma possessiva de **huinë** “obscuridade, sombra profunda” é, assim, **huinéva**. - Uma expressão possessiva como “X Yva” pode significar “X de Y” referindo-se a simples posse; ex: **lambë Eldaiva** “o idioma dos elfos” ou **coa i Eldava** “a casa do elfo”. O padrão “X Yva” também pode referir-se a um atributo permanente (ex: **alcar Oroméva** “a glória de Oromë”), ou a uma *característica* predominante de um

lugar (ex: **Taurë Huinéva** “Floresta da Obscuridade”). Outro uso desse caso é expresso “X que consiste de Y” (ex: **yuldar lisse-miruvóreva** “goles de doce hidromel”). - *Substantivos verbais*, ou *substantivos abstratos* derivados de verbos, indicam uma ação vista como uma “coisa” ou processo. Tais substantivos podem ser formados de modos variados; as desinências relevantes incluem **-më**, **-lë**, **-ië** e **-ë**. Note especialmente a desinência **-lë**, que (ao que parece) pode em princípio ser adicionada a qualquer verbo radical A, como quando o verbo **linda-** “cantar” produz **lindalë** “canto, música”. Quando dependente de um substantivo verbal ou de um abstrato claramente associado com algum verbo, o caso genitivo assume o significado de um *genitivo de sujeito* (como em **Altariello nainië** “lamento de Galadriel”), enquanto que o caso possessivo é usado para *genitivo de objeto* (**Nurtalë Valinóreva** “Ocultação de Valinor”).

VOCABULÁRIO

minquë “onze”

varya- “proteger”

alya “rico”

seler (sell-) “irmã”

malta “ouro” (assim de acordo com o Apêndice E do SdA; *Etimologias*, entrada *SMAL*, dá, ao invés disso, a forma **malda** - mas fontes pós-SdA parecem confirmar indiretamente que **malta** foi a decisão final de Tolkien, como quando PM: 366 cita a raiz eldarin para “ouro” como *MALAT*.)

engwë “coisa”

muilë “sigilo, segredo” (incluindo uma das desinências abstratas mencionadas acima, **-lë**; nesse caso, ela é adicionada diretamente à raiz *MUY*, aqui manifestando-se como **mui-**. Aparentemente essa palavra está relacionada a *muil* em sindarin como o nome de um lugar que ocorre no SdA: *Eryn Muil*, possivelmente significando algo como Colinas do Sigilo ou Colinas Ocultas).

séré “paz” (em origem uma formação abstrata baseada no verbo **ser-** “descansar”, derivada a partir da mesma raiz *SED* que também produz o nome de **Estë** [de *Esdë/Ezdë*], a Valië ou “deusa” de descanso e sono)

ramba “muralha”

ondo “pedra” (como material, embora **ondo** também seja usado = “uma rocha”; o equivalente em sindarin *gon, gond* ocorre nos nomes *Gondor* e *Gondolin*, o último sendo adaptado do quenya **Ondolindë**)
osto “cidade” (de acordo com fontes tardias, também usado = “fortaleza”, mas a usaremos aqui no sentido de “cidade”; a palavra parece referir-se primariamente a uma cidade *fortificada*, de modo que pode não haver muita distinção de qualquer modo)

mornië “escuridão” (cf. **morë** “preto, negro”; a palavra **mornië** é na verdade uma formação abstrata baseada em outro adjetivo derivado a partir da mesma raiz primitiva *MOR*, ou seja, **morna** = “escuro”)

EXERCÍCIOS

Estes exercícios envolvem tanto o caso genitivo como o possessivo/adjetivo. Tenha certeza ao escolher o caso certo nos Exercícios *I-P* (embora, às vezes, ambos os casos servirão).

1. Traduza para o português:

A. I limpë Eldaron vs. i limpë Eldaiva (e uma vez que ambas as expressões podem possuir a mesma tradução em português, explique qual é a diferença)

B. Haryalyë yulma maltava.

C. I rocco i Eldava alantië mir i núra cilya.

D. Neri séreva úvar ohtari.

E. Altë rambar ondova nurtaner i coar i cainen analyë neriva i osto.

F I coa i arano selerwa ná carnë.

G. Minë i mólion amápië i macil i aranwa.

H. I vendëo toron hirnë ilyë i harmar i minquë Naucoiva imbë i canta rassi i ninqui orontion.

2. Traduza para o quenya:

I. Rios de vinho verteram para a boca do homem.

J. A irmã dos meninos reuniu as coisas dos meninos e foi para dentro da casa da rainha.

K. O sigilo das mulheres protegeu um grande tesouro de ouro.

L. Os onze guerreiros não puderam proteger a paz da cidade, pois uma grande escuridão caiu.

M. Eles irão através de uma terra de grandes árvores e muitas pedras, pois eles querem ver a cidade do guerreiro poderoso.

N. Uma muralha de sigilo protegeu o ouro oculto da cidade, e eu não encontrei-o.

*O. A terra dos elfos é uma terra de muitas coisas belas; uma terra sem elfos é uma terra de escuridão, pois os homens (**Atani**) da terra não escutam o rico idioma dos elfos.*

*P. A reunião de livros sobre elfos da irmã do rei. (Para criar um substantivo abstrato “reunião”, tente adicionar a desinência -lë ao verbo **hosta-** “reunir”).*

LIÇÃO TREZE

O caso dativo

O gerúndio

As desinências pronominais *-lmë*, *-lvë* e *-mmë*

Um pronome indefinido

O CASO DATIVO

Na Lição Cinco, introduzimos o conceito de *objetos* gramaticais, o “alvo” da ação verbal praticada pelo sujeito: *i Elda máta massa* = “o elfo está comendo pão”, *i Nauco hirnë harma* = “o anão encontrou um tesouro”.

Até agora neste curso, todos os objetos com os quais preocupamo-nos têm sido, mais precisamente, objetos *diretos*. Esses são objetos diretamente afetados pela ação verbal. Em quenya arcaico, tais objetos possuíam seu próprio caso gramatical, o acusativo - mas esse caso não possuía mais quaisquer formas distintas no quenya da Terceira Era. Mas existem também objetos *indiretos*, aos quais a gramática do quenya designa igualmente formas especiais de caso. O caso que indica objetos indiretos, o *dativo*, ainda estava vivo e bem no quenya da Terceira Era. Mas antes de discutirmos como as formas dativas são construídas, vamos dar uma olhada mais de perto nos objetos indiretos.

Um objeto indireto é, logicamente, um objeto *indiretamente* afetado pela ação verbal da frase. Assim, o objeto indireto é freqüentemente o beneficiário da ação verbal (embora ele também possa indicar um indivíduo que é contrariamente afetado por essa ação). O exemplo típico envolve o verbo “dar”, que logicamente deve vincular três partes: o sujeito que *dá* algo, o objeto direto que é a coisa que é *dada*, e mais o objeto indireto que é o *receptor* do presente e assim é o *beneficiário* da ação verbal:

O homem [sujeito] deu ao menino [objeto indireto] o livro [objeto direto].

O português moderno (diferente, digamos, do alemão) não possui o caso dativo distinto, de modo que no exemplo português acima, o substantivo “menino” recebe elementos extras para indicá-lo como o objeto indireto da frase. Assim, a ausência de um caso *dativo* distinto é freqüentemente compensada por meio de circunlocuções preposicionais: as duas preposições usadas com mais freqüência para simular a função do caso dativo são “para” e “ao/a”. Dessa forma, teríamos “o homem deu um livro ao

menino". Exemplos com "para" poderiam ser, digamos, "fizemos isto para as crianças", ou "os homens trabalham para a rainha".

Em quenya, "o menino", "as crianças" e "a rainha" desses exemplos seriam considerados objetos indiretos - as partes indiretamente afetadas pela ação verbal - e os substantivos correspondentes seriam declinados para o caso dativo. Não haveria necessidade de manter uma ordem de palavras específicas, ou usar preposições como "ao" ou "para". Cf. a pergunta que ocorre no meio do *Namárië*, onde o pronome **ni** "eu" (relacionado à desinência pronominal -**n** ou -**nyë** de significado similar) aparece no caso dativo:

Sí **man i yulma nin** enquantova? "Agora quem encherá novamente a taça para mim?"

O elemento aqui traduzido "para" não é uma palavra separada em quenya; ele é simplesmente o -**n** final de **nin** - esse -**n** sendo a desinência dativa em quenya. Assim, **nin** = "eu-para", ou em português correto: "para mim". Em outros contextos ela também seria traduzida "a mim" ou (dependendo da ordem das palavras em português) simplesmente "me": com o verbo "dar" sendo **anta-**, o equivalente em quenya de "você me dará um livro" seria muito provavelmente **antuvalyë nin parma**. O pronome dativo **nin** aparece no último verso da *Canção de Fíriel*, como parte da frase que Tolkien traduziu "o que dar-me-á o Pai...?" (LR: 72). É claro, também se pode traduzir "... dará para mim".

A Carta Plotz confirma que a desinência -**n** para o dativo não é apenas aplicada a pronomes; ela também pode ser anexada a substantivos comuns. (Plotz lista **ciryān** como a forma dativa de **ciryā** "navio" e aponta para **lassen** como a forma dativa de **lassë** "folha".) Assim podemos construir frases como **carnelyes i Naucon** "você fez isto para o anão" ou **i nér antuva i parma Eldan** "o homem dará o livro para um elfo". Em português, a última frase também poderia ser traduzida "o homem dará *a um elfo* o livro", a ordem de palavras indicando sozinha que "a um elfo" deve ser compreendido como o objeto indireto da frase em português. Em quenya, a ordem de palavras seria mais livre (a principal vantagem de um idioma altamente declinável), com a desinência casual indicando que o substantivo em questão é o objeto indireto não importando onde o substantivo ocorra na frase. Isso permite ao falante mover o objeto indireto de modo a expressar nuances sutis de ênfase. Por exemplo, podemos provavelmente colocar o objeto indireto na frente para dar um foco especial sobre ele: **Eldan i nér antuva i parma**, significando algo como "é *a um elfo* [e não a um anão, etc.] que o homem dará o livro". Pode não ser muito importante o objeto direto ou indireto vir primeiro ou não;

enquanto **i nér antuva i parma Eldan** significa “o homem dará o livro a um elfo”, **i nér antuva Eldan i parma** pode ser traduzido “o homem dará a um elfo o livro”.

No *plural*, as formas dativas terminam em **-in**. Substantivos com plurais nominativos em **-i** na verdade simplesmente adicionam a desinência dativa **-n**; a Carta Plotz aponta para **lassin** como a forma dativa de **lassi** “folhas”. O plural dativo de uma palavra como **laman** (**lamn-**) “animal” seria, portanto, **lamnin** = “a animais” ou “para animais”. A desinência **-in** também é, contudo, adicionada a substantivos que teriam plurais nominativos em **-r**; o indicador de plural **-r** não aparece em formas dativas. Do primeiro verso da *Canção de Fíriel* (traduzida “o Pai criou o Mundo para elfos”), sabemos qual seria o dativo plural de **Elda**: **Eldain**. Deve-se observar que a desinência **-in** funde-se com a última vogal do substantivo para formar um ditongo, como **ai** nesse caso. A *Canção de Fíriel* também fornece o plural dativo de “mortais”: **Fírimoin** (plural nominativo **Fírimor**, LR: 245; Tolkien mais tarde veio a preferir a forma **Fírimar**, como no *Silmarillion* publicado, capítulo 12. O plural dativo se tornaria, então, **Fírimain**, é claro.)

Na lição anterior salientei que “não está bem claro o que acontece quando a desinência [possessiva-adjetiva de plural] **-iva** é adicionada a um substantivo que já termina em **-i**, como **tári** ‘rainha’, ou um substantivo com uma forma de radical em **-i**, como **lómë** (**lómi-**) ‘noite’ (SD: 415)”. O mesmo problema surge no caso de formas plurais dativas. O singular dativo “a/para uma rainha” presumivelmente seria **tárin**, mas ao tentar-se produzir um dativo plural ao adicionar-se **-in** a **tári**, provavelmente somos deixados com **tárin** mais uma vez (o **-i** final do substantivo e o **i-** inicial da desinência simplesmente fundindo-se). As duas vogais concebivelmente podem fundir-se em um **i longo**, produzindo **tárin** como a palavra para “às/para rainhas”, mas essa parece ser uma palavra um tanto improvável: o quenya raramente possui uma vogal longa em uma sílaba final não enfatizada (embora exista a palavra **palantír**). Pode bem ser que **tárin** tenha a função tanto de singular como de plural, de modo que se deve confiar no contexto para descobrir qual número é pretendido.

A desinência dativa *dual* é dada como **-nt** na Carta Plotz, a forma dativa dual de **ciryá** “navio” sendo listada como **ciryant** - que significaria algo como “para um par de navios”. Claro, essa desinência **-nt** simplesmente combina a desinência dativa **-n** com a desinência dual **-t**. Já na Lição Um mencionei, brevemente, que esse **-nt** parece ser o único exemplo de um encontro consonantal final sendo permitido no quenya no estilo do SdA. - É possível que apenas substantivos com formas duais nominativas em **-t** possuam formas dativas duais em **-nt**; no caso de substantivos com formas duais em **-u**, é possível que a desinência dativa mais simples, **-n**, seja empregada. Mais uma vez, usando **Aldu** “Duas Árvores” como nosso exemplo, a forma dativa talvez não devesse ser **Aldunt**, mas sim **Aldun**

(ou possivelmente **Alduen**; ver abaixo a respeito de **Ar-Veruen**). De qualquer forma, carecemos de exemplos.

Em alguns casos, uma frase pode incluir um objeto indireto (em quenya, um objeto dativo) mesmo que a frase não possua objeto direto. No equivalente em quenya de “os homens trabalham para o rei”, a preposição portuguesa “para” seria representada pela desinência casual **-n** adicionada a **aran** (provavelmente produzindo **aranen**, com uma vogal **-e-** auxiliar sendo inserida antes da desinência). Existe pelo menos um exemplo atestado de uma frase com um objeto dativo, mas nenhum objeto direto: Tolkien, em sua versão em quenya do *Pai Nosso*, usou uma forma dativa do pronome “nós, nos” ao traduzir a expressão “... aqueles que nos tenham ofendido”. (Esse, a propósito, é um exemplo do caso dativo sendo usado para identificar uma parte *contrariamente* afetada pela ação verbal: o contexto deve decidir se a forma dativa deve ser traduzida “nos tenham” ou “para nós”. Gramaticalmente falando, ambas interpretações seriam igualmente válidas, mas “aqueles que tenham ofendido *para nós*” não faria sentido nesse contexto em particular.) O verbo “ofender” ou “pecar” pode não ter objeto direto, mas obviamente alguma parte pode ser indiretamente afetada pela ofensa ou pecado, de modo que pode haver um objeto indireto - adequadamente apresentado como um objeto dativo em quenya.

Formas dativas também podem aparecer em frases com *sujeito oculto*. Tais frases podem ser comparadas a expressões como “parece-me que...”, onde o sujeito fica subentendido pelo pronome oblíquo *me*; **orë nin caritas**, literalmente “[isto] induz-me a fazê-lo”, significado que em português pode ser expresso mais ou menos como “eu gostaria [ou, sinto necessidade] de fazê-lo” (VT41: 13). Note que a frase **orë nin caritas** não possui um sujeito claramente expresso, mas possui um objeto dativo: **nin** “a mim, para mim (me)”. **Or-** ou **ora-** “impelir, incitar” é um dos *verbos impessoais* do quenya que atrai tais construções; voltaremos a esses verbos em uma lição posterior.

Formas dativas podem até aparecer em expressões onde não ocorre qualquer verbo. A tradução (incompleta) de Tolkien da Glória ao Pai é, em parte: **Alcar i ataren ar i yondon ar i airefëan** = “glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo” (VT43: 36). Observe a desinência dativa **-n** anexada a **atar** “pai”, **yondo** “filho” e **airefëa** “espírito santo”. (Na forma **ataren**, uma vogal de ligação **-e-** é inserida antes da desinência **-n**, uma vez que ****atarn** não seria uma palavra possível em quenya.)

Uma antiga aplicação da desinência casual -n: na longa evolução de Tolkien do quenya, **-n** não foi sempre uma desinência dativa. A partir da perspectiva do cenário do SdA, uma das poucas coisas que estão “erradas” com o quenya do *Etimologias* (escrito no meio dos anos trinta) é que o **-n** aqui é a desinência *genitiva*.

Por exemplo, a entrada *LEP* lista os nomes de vários dias da semana valinoreana, incluindo **Ar Manwen** = Dia de Manwë, ou **Ar Ulmon** = Dia de Ulmo (cf. o substantivo **ar(ë)** “dia” - apesar de posteriormente Tolkien ter mudado a palavra para “dia” para **aurë** ou **ré**, como indicado pelos apêndices do SdA).

Esse uso da desinência **-n** também é encontrado em uma expressão escrita no meio dos anos quarenta, reproduzida em SD: 303: **Quenta Eldalien**, “História dos Elfos [*Eldalië*, povo élfico]”. Em versões esboçadas do poema que veio a tornar-se o *Namárië*, Tolkien usou **Vardan** como o genitivo “de Varda” (ver, por exemplo, a versão primitiva reproduzida em TI: 284-285). Em um dos manuscritos posteriores, Tolkien ainda escreveu **Vardan**, mas então ele riscou essa palavra e substituiu-a por **Vardo**. Isso parece apontar o momento no qual Tolkien mudou a desinência de genitivo de **-n** para **-o**. Na verdade, a desinência de genitivo **-o** também aparece em fontes mais primitivas; um poema em “qenya” do início dos anos trinta já possuía **ciryó** (escrita **kiryo**) como o genitivo de **ciryá** “navio” (**langon veakiryo** “a garganta do navio”, MC: 216). Quanto ao caso dativo, o “qenya” da composição pré-SdA, *Canção de Fíriel*, já usava **-n** (pl. **-in**) como a desinência dativa, como está evidente a partir de alguns exemplos citados acima. Posteriormente, o **-n** voltou a ser por algum tempo a desinência de genitivo, como refletido pelos esboços do *Namárië*. Parece, então, que Tolkien mudou de idéia constantemente com o passar das décadas - mas a decisão final, como refletida no SdA e como codificada na Carta Plotz, foi de que o **-o** fosse a desinência de *genitivo*, enquanto que o **-n** é a desinência *dativa*.

Alguns dos genitivos obsoletos de *Etimologias* ainda são interessantes como formas. Na entrada *AY*, é dito que o substantivo **ailin** “lago, lagoa” possui o “g. sing.” (genitivo singular) **ailinen**. Por causa das revisões tardias de Tolkien, a forma **ailinen** deve, ao invés disso, ser compreendida como um singular *dativo* no quenya no estilo do SdA - significando “para um lago” ao invés do genitivo “de um lago”. O exemplo **ailinen** é interessante ao mostrar-nos o que acontece se a desinência casual **-n** (não importa a que caso ela esteja designada!) é adicionada a um substantivo que termine em uma consoante, como **ailin**. Uma vez que ****ailinn** não é uma palavra possível em quenya, um **e** é inserido antes da desinência, produzindo **ailinen**. Apesar da desinência **-n** ter seu significado redefinido, o princípio de inserir essa vogal auxiliar quando necessário ainda é válido. Essa suposição foi recentemente confirmada por **ataren** como a forma genitiva de **atar** “pai”, VT43: 36. Essa é uma forma dativa genuína de quenya pós-SdA, de modo que Tolkien ainda estava usando a mesma vogal de ligação mesmo após ter modificado o significado da desinência casual **-n**.

Se o substantivo possui uma forma especial de radical - a consoante final tornando-se outra consoante ou um encontro consonantal ao serem adicionadas

desinências - tais mudanças também ocorrem antes desse -e- extra: na entrada *LIN*² em *Etimologias*, aprendemos que **Laurelin** (**Laurelind-**), o nome da Árvore Dourada de Valinor, possui o “g. sing.” **Laurelinden**. No quenya no estilo do SdA esse seria o dativo singular, mas a forma como tal ainda é presumivelmente válida. O mesmo aplica-se à **lissen** como uma forma de **lis** (**liss-**) “mel”; ver a entrada *LIS*. Podemos supor então que um substantivo como **nís** (**niss-**) “mulher” seria tratado de maneira similar: dativo **nissen**.

Uma das formas de “genitivo” do *Etimologias* pode ainda esclarecer como o *dativo* posterior de formas duais em -u se pareceria. Um dos dias valinóreanos da semana registrado nas entradas *BES* e *LEP* é **Arveruen** ou **Ar-Veruen**, o “Dia dos Cônjuges”, referindo-se ao casal Vala Aulë e Yavanna. Aqui temos **veruen** como o genitivo de uma forma dual **veru** “cônjuges, par casado”. Deve-se observar que a vogal auxiliar -e- também é empregada aqui (de um modo um tanto surpreendente: se poderia pensar que ****verun** fosse uma forma aceitável). Se esse genitivo **veruen** ainda fosse uma forma válida após Tolkien ter redefinido a desinência -n de modo que **veruen** seja a forma *dativa* no quenya no estilo do SdA, isso indicaria que substantivos com formas duais nominativas em -u deveriam possuir formas dativas em -uen. O dativo de **Aldu** “Duas Árvores” não seria então nem **Aldunt** e nem **Aldun**, mas sim **Alduen**. Mas eu dificilmente diria que não estamos em terreno firme aqui, e não irei elaborar quaisquer exercícios baseados em tais hipóteses.

O GERÚNDIO

Na maioria das vezes, os substantivos e verbos são partes distintas da língua. Existem, é claro, os *substantivos verbais* tratados na lição anterior, mas eles são inquestionavelmente substantivos genuínos - formações abstratas que indicam ações verbais consideradas como “coisas”. Mas os verbos possuem uma forma, o *gerúndio*, que quase desafia a dicotomia de substantivo vs. verbo. Pode-se dizer que um gerúndio é um verbo disfarçado de substantivo.¹

¹ Em português, o gerúndio é formado com -ndo, e tem a função que em inglês é expressa pelo tempo verbal *continuo* (“continuous”, que pode ser *presente*, *pretérito*, etc); como o presente curso foi desenvolvido usando como base a gramática da língua inglesa, as incompatibilidades de regras gramáticas são inevitáveis e, neste caso em particular, não possuem um equivalente satisfatório em português; assim, a tradução literal não se adequa aqui. Em inglês, o gerúndio é formado pela desinência -ing (que realmente corresponde ao -ndo do português, mas apenas no caso de tempos contínuos); mas ele não é usado apenas com uma função verbal: também é usado como *substantivo* e como o *infinitivo* de verbos (ex: **singing**; essa palavra, dependendo do contexto da frase onde ela encontrar-se, pode ser traduzida como **cantando**, **canto** ou **cantar**). Usarei essa tradução aqui, já que tentar adaptar as regras apresentadas para o português resultaria em frases e expressões sem sentido; espera-se que haja pouca confusão quanto a isso, já que o gerúndio em quenya é facilmente discernível ao ser formado com a desinência -ië (independentemente da língua para a qual ele é traduzido). Porém, a existência de alguma dificuldade não está descartada, uma vez que os substantivos abstratos em quenya também são formados em -ië (ver nota abaixo). [N. do T.]

No Juramento de Cirion ocorre a palavra **enyalien**, que significa literalmente “para o rechamamento” (isto é, “rememorar”). O prefixo **en-** significa “re-”, e o **-n** final é a desinência casual discutida acima, o indicador de dativo correspondente à preposição portuguesa “para”. Desfazendo-nos desses elementos extras, somos deixados com **-yalië-**, **yalië**. Em suas notas sobre o Juramento de Cirion, reproduzidas em CI: 497-8, Tolkien deixa claro que **yalië** é uma “forma do infinitivo (ou do gerúndio)” do verbo **yal-**, que significa “convocar” ou “invocar”. Assim, podemos isolar **-ië** como uma desinência gramatical usada para produzir formas “infinitivas ou gerundiais”.

Anteriormente neste curso, tratamos de outro tipo de infinitivo, que é simplesmente o radical do verbo (com **-ë** adicionado, no caso de verbos primários). Um exemplo atestado é a frase **polin quetë**, “eu posso falar” (VT41: 6), com **quetë** como a forma infinitiva do verbo **quet-** “falar”. Uma vez que Tolkien claramente identifica **-ië** como uma desinência infinitiva em CI: 497, *pode* ser que **polin quetië** fosse igualmente possível (mais sobre isso abaixo). No seu tutorial *Basic quenya*, escrito antes do exemplo **polin quetë** tornar-se disponível, Nancy Martsch usa **-ië** do princípio ao fim como a desinência infinitiva do quenya. Isso pode não estar necessariamente errado; Tolkien definitivamente imaginou um antigo infinitivo élfico em **-ie**. Em *Etimologias*, entrada *NAR*², a palavra em noldorin antigo *trenarie* “recontar” é explicitamente chamada de uma forma “inf.” (“noldorin antigo” sendo o idioma ao qual Tolkien posteriormente referiu-se como *sindarin* antigo, após revisar seus mitos lingüísticos no início dos anos cinquenta). Entretanto, creio que em muitos casos as formas de verbo do quenya produzidas por meio do sufixo **-ië** são chamadas de *gerúndios* (ao invés de infinitivos).

Em inglês, um gerúndio é uma forma do verbo que pode funcionar como um substantivo, com muito do mesmo significado de um substantivo verbal genuíno. Contudo, um gerúndio ainda é capaz de reger um objeto, e isso também serve para os gerúndios em quenya: com respeito à forma gerundial do quenya em **-ië** que Tolkien usou no Juramento de Cirion, ele observou que ela estava “regendo um objeto direto” (CI: 497).

NOTA: Em quenya, como em inglês, os gerúndios e os substantivos abstratos não podem ser sempre claramente distinguidos. Assim como a desinência inglesa **-ing** é usada para criar tanto gerúndios como substantivos verbais, a desinência do quenya **-ië** também pode ser usada para criar abstratos; ex: **tyalië** “jogo” a partir do verbo **tyal-** “jogar”. De fato, **-ië** também é usada como uma desinência abstrata geral.

Como sempre, há uma escassez extrema de exemplos atestados. Mas devemos supor que em quenya, assim como em inglês, os gerúndios podem frequentemente funcionar como sujeitos de frases, talvez em algo como isto:

Hirë harma caruva nér alya. “Encontrar um tesouro fará um homem rico.”

Tirë i aiwi anta i vendin alta alassë. “Observar os pássaros dá às donzelas [vandin, dativo] grande prazer.”

Nesses exemplos, temos os gerúndios com objetos (**harma** e **i aiwi**), mas um gerúndio certamente poderia funcionar como sujeito sem quaisquer outras adições, deste modo, por exemplo: **matie ná i analta alassë ilyë tiucë Naucoron**, “comer é o maior dos prazeres de todos os anões gordos”.

Presumivelmente os gerúndios em quenya também podem funcionar como o *objeto* de uma frase, comparável a construções como “eu adoro pescar”. O gerúndio ao funcionar como objeto pode, por sua vez, reger seu próprio objeto: uma frase como “eu adoro observar os pássaros” talvez possa ser traduzida para o quenya como **melin tirë i aiwi** (“observar” sendo o objeto da expressão “eu adoro”, e “os pássaros” por sua vez sendo o objeto do gerúndio “observar”). Talvez a última também possa ser expressa como “eu adoro observar os pássaros” = **melin tirë i aiwi** (?), usando um infinitivo ao invés de um gerúndio. Gerúndios e infinitivos bem podem ser intercambiáveis em muitos contextos em quenya.

Realmente, nossa terminologia pode ser mais rígida do que aquela usada pelo próprio Tolkien, se reservarmos o termo *infinitivo* para formas como **tirë** “observar” e insistir em chamar **tirë** “observar” (!) apenas de *gerúndio*: em CI: 497, citado acima, o próprio Tolkien refer-se às formas em **-ië** como “infinitivas” e “gerundiais”. Como mencionamos acima, no “noldorin antigo” do *Etimologias*, uma forma em **-ie** é claramente identificada como um infinitivo. O exemplo pós-SdA **polin quetë** “eu posso falar” demonstra que **-ië** pelo menos não pode ser uma desinência universal de infinitivo. **Polin quetië** seria uma expressão possível, ou isso soaria quase tão estranho quanto “eu posso falando” em português? E o que dizer de “eu quero encontrar um tesouro”? **Merin hirë harma** estaria certo, ou os Eldar achariam essa expressão tão estranha quanto “eu quero encontrando um tesouro” em português? Pode ser mais seguro usar o infinitivo mais simples, **hirë**, em tal contexto.

Especialmente quando uma ação verbal funcionar como sujeito, creio que é mais seguro usar o gerúndio (a forma em **-ië**) em quenya. Mas uma vez que não temos nenhum exemplo real, é presentemente impossível dizer com qualquer segurança o que Tolkien teria pensado como sendo quenya aceitável a esse respeito.

Há, entretanto, um uso importante do gerúndio que felizmente é atestado no nosso pequenino corpus. Em português, o infinitivo normal (indicado pelo “r”) é freqüentemente usado para indicar *propósito* se expresso com a preposição *para*: “eles vieram *para ver* o rei.” Se isso poderia ser traduzido “diretamente” para o quenya como **?utúlientë cenë i aran** ninguém pode dizer atualmente - mas

tendo a duvidar de que essa seja uma construção válida. Note a expressão usada no *Juramento de Cirion*: **Vanda sina termaruva Elenna-nórëo alcar enyalien**. A tradução de Tolkien em CI: 340 é “este juramento há de permanecer em memória da glória da Terra da Estrela”, mas mais literalmente, a expressão em quenya é algo como “este juramento permanecerá para rememorar a glória da terra de Elenna”. Cf. os comentários de Tolkien sobre a forma **enyalien** em CI: 497, já citados em parte:

yal- “convocar”, na forma do infinitivo (ou do gerúndio) *en-yalië*, aqui no dativo “para o rechamamento”, mas regendo um objeto direto, *alcar*: portanto “rememorar ou ‘comemorar’ a glória”.

Então aqui temos o verbo **en-yal-** “re-chamar, re-memorar” = “comemorar”. Adicione a desinência gerundial **-ië**, e temos o gerúndio **enyalië**, “rechamar”. Uma vez que um gerúndio pode ser descrito como um verbo que funciona como um substantivo, ele também pode receber *desinências casuais* como um substantivo. Assim, Tolkien forneceu a desinência *dativa -n* “para” para produzir **enyalien** “para o rechamamento”. A palavra agora pode funcionar como o objeto indireto da frase, o “doador” da ação verbal: o juramento **termaruva** “permanecerá”, e essa ação promove o “rechamamento” (**enyalië**). O gerúndio dativo **enyalien** “para o rechamamento” por sua vez possui **Elenna-nórëo alcar**, “[a] glória da terra de Elenna”, como seu objeto.

O exemplo “este juramento permanecerá *para rememorar* a glória da terra de Elenna” parece dizer-nos que os infinitivos portugueses que indicam *propósito* devem ser traduzidos para o quenya como gerúndios com uma desinência dativa adicionada. “Eles vieram (a fim de) para ver o rei” seria então traduzido como **utúlientë cenien i aran**, literalmente “eles vieram para ver o rei”. (Se fossemos seguir fielmente a ordem de palavras que Tolkien usou no Juramento de Cirion, com o gerúndio no final da frase, na verdade teríamos que dizer **utúlientë i aran cenien** = “eles vieram o rei ver”! Contudo, a ordem de palavras em quenya é, com toda a probabilidade, bem flexível.) A regra que tentamos descrever pode ser resumida desse modo: se em português você puder adicionar as palavras “a fim de” na frente de um infinitivo sem destruir o significado (não importando o estilo!), esse infinitivo indicará *propósito* e deverá ser traduzido para o quenya como um gerúndio declinado para o dativo.

Formando gerúndios a partir de verbos radicais A: todos os gerúndios até agora exemplificados foram formados a partir de verbos primários (sem desinência). O que acontece se a desinência **-ië** vem a ser adicionada a um verbo radical A? Não possuímos quaisquer atestações diretas explícitas para guiar-nos, então deixe

esse problema para o fim. Mas todas as evidências indiretas apontam para uma conclusão: o **-a** final deve ser retirado antes que a desinência **-ië** seja sufixada.

Etimologias, entrada **ORO**, lista o verbo em quenya **orta-** “erguer, levantar”, mas a forma **ortie** também é citada, embora ela esteja em “noldorin antigo” (/ sindarin antigo) e não em quenya. Essa palavra **ortie**, simplesmente definida como “ascensão”, seria uma forma élfica arcaica que posteriormente evoluiu para um infinitivo sindarin. Mas ela poderia muito bem corresponder a um gerúndio em quenya, **ortië** “erguer, levantar”, visto que o “noldorin antigo” é relativamente próximo ao quenya. Isso indicaria que, quando a desinência **-ië** é adicionada a um verbo radical A, o **-a** final desaparece antes da desinência. Temos uma *possível* atestação de uma forma em quenya que confirmaria essa conclusão: ao listar várias formas do verbo **ora-** “impelir, incitar”, Tolkien incluiu **orië** (VT41: 13), e embora ele não identifique claramente essa ou qualquer outra das formas, **orië** pode bem ser pretendida como o gerúndio. Note também **nainië** “lamento” como um derivado do verbo **naina-** “lamentar” (compare RGeo: 66 com o *Etimologias*, entrada **NAY**): **nainië** pode ser visto tanto como um gerúndio como um substantivo verbal.

Conforme já mencionamos, **-ië** também pode funcionar como uma desinência abstrata geral, de certa forma como “-dade” ou “-ão” em português. Quando **-ië** é usada para formar substantivos abstratos a partir de adjetivos, os adjetivos em **-a** perdem essa vogal final antes que **-ië** seja adicionada; **mornië** “escuridão” é aparentemente formada a partir de **morna** “escuro”. Outro par atestado desse tipo é **láta** “aberto” vs. **lātië** “abertura”. A desinência abstrata **-ië** certamente está intimamente relacionada com a desinência gerundial **-ië**; basicamente é com a mesma desinência que estamos lidando (como observado acima, a distinção entre gerúndios e substantivos abstratos com frequência torna-se difícil). Se a desinência **-ië** ocasiona a perda de um **-a** final quando é adicionada a adjetivos, parece muito provável que isso também aconteça quando ela é adicionada a verbos radicais A. Desse modo, começando a partir de verbos como **orta-** “erguer” e **nurta-** “ocultar”, provavelmente podemos produzir os gerúndios **ortië** e **nurtië**, e construir frases como **ortië Pelóri nurtien Valinor úmë mára noa** “erguer [as] Pelóri para ocultar Valinor não foi uma boa idéia”. (E não foi mesmo - ver MR: 401, 405 para os comentários críticos de Tolkien sobre essa ação dos Valar.)

No caso de verbos em **-ya**, ex: **harya-** “possuir”, a desinência inteira **-ya** provavelmente desaparece antes de **-ië** ser sufixada. De outra forma, o gerúndio teria que ser ****haryië**, mas **yí** não é uma combinação possível em quenya. Substantivos abstratos formados por meio da desinência **-ië** a partir de *adjetivos* em **-ya** são vistos abrindo mão da última desinência; ex: **verië** “ousadia” a partir de **verya** “ousado” (ver *Etimologias*, entrada **BER**). Podemos provavelmente supor que **verië**

também seria o gerúndio do verbo relacionado **verya-** “ousar”. Assim, o gerúndio de um verbo como **harya-** “possuir” muito provavelmente é **harië** (ex: em um lugar-comum como **harië malta úva carë nér anwavë alya**, “possuir ouro não fará um homem verdadeiramente rico”).

O PRONOME “NÓS”

Temos praticado várias desinências pronominais: **-n** ou **-nyë** “eu” (a forma curta não deve ser confundida com a desinência dativa!), **-lyë** “você”, **-s** “o, a, lhe”, **-ntë** “eles” e **-t** “os, as, lhes”. É hora de introduzir as desinências para a primeira pessoa do plural, que corresponde ao pronome português “nós”.

Esta é uma história um tanto complicada. Há na verdade várias desinências em quenya para “nós”, e Tolkien parece ter redefinido o significado delas repetidamente. Uma das desinências relevantes ocorre no Louvor de Cormallen: **andavë laituvamet**, “longamente os louvaremos”. Aqui temos um verbo no futuro com desinências pronominais para “nós” (sujeito) e “os” (objeto): **lait-uva-lme-t**, “louvar-iremos-nós-os”. A desinência para “nós” é vista como sendo **-lmë** (**-lme-**).

Entretanto, em WJ: 371 Tolkien discute a exclamação em quenya **vá**, que indica *recusa* ou *proibição*: com efeito, “não!” no sentido de “não irei” ou “não faça!”. Tolkien também indicou que esse **vá** poderia receber desinências pronominais explícitas, tais como **-n(yë)** para “eu”, produzindo a forma **ván** ou **ványë** para “eu não irei”. Mas Tolkien também mencionou a forma **vammë**, “nós não iremos”. Desse modo, a desinência pronominal para “nós” repentinamente não é **-lmë**, mas sim **-mmë**.

NOTA: Observe, a propósito, como o **á** longo de **vá** é encurtado na forma **vammë**. Esse é um dos exemplos que indica que o quenya não pode ter uma vogal longa na frente de um encontro consonantal ou de uma consoante longa - uma regra fonológica a qual referimo-nos repetidamente neste curso anteriormente. O fato de que a vogal permanece longa em **ványë** sugere que **ny** é visto como uma única consoante, um **n** palatalizado como o **ñ** espanhol, e não como um encontro **n + y**.

Mas não terminamos. No VT42: 35, no artigo *Negação em quenya* de Bill Welden, ele cita uma frase que inclui **-lwë** como a desinência para “nós” (a palavra relevante é **navilwë** “nós julgamos”). Contudo, em VT43: 6, é dito que uma desinência para “nós” inclui as consoantes **-lv-**, e não **-lw-** como em **-lwë**. Essa desinência para “nós” corresponderia rigorosamente à desinência para “nosso” (ver a próxima lição) e, munidos desse conhecimento, reconhecemos outra desinência **-lv-** na palavra **omentielvo** “de nosso encontro”, que ocorre no SdA. (E não iremos confundir ainda mais a questão citando evidências que apontam para **-ngwë** como ainda uma outra desinência para “nós”!)

Em resumo, há toda uma gama de desinências que parecem significar “nós” e, antes que possamos compreendê-las melhor, dois fatos devem ser conhecidos. Primeiro, o caos deve-se em parte às incessantes revisões de Tolkien; de modo algum devemos pensar que todas essas amostras pertencem à mesma forma de quenya. Segundo, o quenya mantém distinções que não aparecem em português. Para um falante de português, o pronome “nós” é apenas “nós”. Mas esse sistema pareceria simplificado demais para os Eldar. Eles distinguiam entre vários tipos de “nós”.

E o mais importante: “nós” pode ser tanto *inclusivo* como *exclusivo*. Tolkien referiu-se à desinência -**mmë** como a “primeira pessoa do plural *exclusivo*” (WJ: 371, ênfase adicionada). Na época em que escreveu isso, a desinência -**mmë** indicava um “nós” *exclusivo*, um “nós” que exclui a(s) pessoa(s) à(s) qual(is) dirige-se. A exclamação **vammë** “nós não iremos” representa uma recusa *como seria falada a algum outro indivíduo* (provavelmente aquele que “nós” recusaremos a obedecer). Esse outro indivíduo não está incluído em “nós”, situa-se fora do grupo “nós”. Portanto, o “nós” exclusivo é apropriado aqui.

Por outro lado, a desinência -**lmë** em certo momento indicava um “nós” *inclusivo*: o indivíduo ao qual dirige-se está incluído em “nós”. Quando Tolkien escreveu pela primeira vez a frase **andavë laitualmet**, “longamente os louvaremos”, ele provavelmente pretendia que ela fosse interpretada do seguinte modo: as pessoas que estão louvando Frodo e Sam estão dirigindo-se umas às outras, e não aos Portadores do Anel. Eles encorajam *uns aos outros* a louvarem os Portadores do Anel. Se eles tivessem dito ao invés disso “longamente louvaremos *vocês*”, dirigindo-se a Frodo e Sam diretamente, eles teriam que ter usado um “nós” exclusivo. Frodo e Sam não seriam parte desse “nós” exclusivo; eles permaneceriam fora do grupo “nós” que dirigia-se a eles.

Na Lição Oito, foi observado que o autor deste curso pode às vezes referir-se a si mesmo como “nós”. O autor tende a incluir o leitor nesse “nós”, como que indicando que o autor e os leitores de alguma forma partilham desta odisséia pelos vários aspectos da gramática do quenya. De qualquer forma, em quenya não poderia haver mal-entendido. Há formas distintas para “nós” exclusivo e para “nós” inclusivo. Um “nós” real, referindo-se apenas ao falante/escritor, só poderia ser exclusivo. Um autor, ao usar a palavra “nós” para referir-se a si mesmo *e aos seus leitores*, dirigindo-se diretamente a eles neste texto, teria que usar o “nós” inclusivo.

Muito bem - mas quais *são* as desinências para “nós” inclusivo e exclusivo, de acordo com a decisão mais ou menos final de Tolkien? Algumas das formas citadas acima aparentemente foram abandonadas ou redefinidas. Na época em que Tolkien publicou o SdA, a desinência para “nós” inclusivo era claramente -**lmë**, como em **laitualmet** “os louvaremos”. A desinência correspondente para

“nosso” inclusivo ocorria na saudação “uma estrela brilha sobre a hora do nosso encontro”: na primeira edição do SdA, a palavra “do nosso encontro” apareceu como **omientielmo** (note que ela inclui a mesma combinação **-lm-** como em **-lmë**). Já mencionamos que, no ensaio *Quendi and Eldar*, escrito cerca de cinco anos após a publicação do SdA, Tolkien identificou explicitamente **-mmë** como uma desinência para “nós” *exclusivo* (WJ: 371). Na primeira versão deste curso, usei da mesma forma **-lmë** para “nós” inclusivo e **-mmë** para “nós” exclusivo.

Porém, sabe-se agora que Tolkien posteriormente realizou uma importante revisão dessa parte da tabela pronominal e, uma vez que essa revisão foi parcialmente refletida na Segunda Edição do SdA (1966), creio que ela é tão “canônica” que os professores e estudantes de quenya deveriam levá-la em consideração. Quando Tolkien revisou sua obra-prima, o original **omientielmo** na saudação de Frodo a Gildor tornou-se **omientielvo**. Dick Plotz, famoso entre os lingüistas tolkienianos como o destinatário da Carta Plotz, que contém a tabela das desinências casuais do quenya, também recebeu uma carta de Tolkien que explicava essa mudança: as formas em **-lm-** afinal de contas não eram inclusivas, mas *exclusivas*! Visto que Frodo está falando *com* Gildor e os outros elfos quando diz “nosso encontro”, uma forma exclusiva não seria apropriada e, de acordo com as últimas descobertas de Tolkien, a forma inclusiva devia incluir o encontro **-lv-**: assim, **omientielmo** teve que tornar-se **omientielvo**. O VT43: 6 refere-se à essa revisão de **-lm-** para **-lv-** nas formas inclusivas. (Discutiremos essa revisão exaustivamente na próxima lição.)

Uma consequência dessa revisão é a de que o Louvor de Cormallen deve ser re-interpretado. Quando Tolkien usou pela primeira vez a expressão **andavë laitivalmet** “longamente os louvaremos”, ele com certeza pensou nisso como um “nós” *inclusivo*: as pessoas de Gondor estão encorajando umas as outras a louvar os Portadores do Anel. Após a revisão refletida na Segunda Edição, a forma **laitivalmet** repentinamente contém um “nós” *exclusivo*: agora, o significado deve ser algo como “nós, o povo de Gondor, falando ao universo em geral, declaramos que nós [exclusivo!] louvaremos longamente os Portadores do Anel!”.

Um pequeno problema que já mencionamos: se a desinência (revisada) para “nós” inclusivo contém **-lv-**, por que a desinência **-lvë** (ao invés de **-lvë**) aparece na palavra **navilwë** “nós julgamos” (VT42: 35)? Várias explicações foram oferecidas, nenhuma inteiramente convincente. Usarei **-lvë** aqui.

Existe pelo menos uma outra desinência para “nós”, chamada “nós” *dual*, que se refere apenas a duas pessoas: “nós dois”. (As desinências **-lvë** e **-lmë** significariam “nós” envolvendo três ou mais pessoas.) De acordo com VT43: 6, as desinências pronominais para “nós” dual possuem **-mm-** (ao invés de **-lv-** ou **-lm-**). A desinência **-mmë** é realmente atestada, por exemplo, na forma **vammë** “nós não iremos”

mencionada acima. Mas essa forma data da fase conceitual mais antiga, quando **-mmë** ainda era a “primeira pessoa do plural *exclusivo*” (WJ: 371, ênfase adicionada). Posteriormente, Tolkien mudou de idéia e decidiu que **-mmë** deveria ser dual e não plural. Uma pergunta permanece: em seu significado revisado, **-mmë** é “nós” *inclusivo dual*, isto é, “tu e eu”, ou “nós” *exclusivo dual*, isto é, “eu e uma outra pessoa”? Ou, quem sabe, a distinção entre as formas inclusivas e exclusivas não seja mantida nos pronomes duais? Mesmo que não seja, eu tenderia a acreditar que **-mmë** é uma forma exclusiva, uma vez que ela poderia estar então relacionada com o pronome independente exclusivo dual **met** “nós (dois)” que ocorre no *Namárië*. Mas não podemos ter certeza. Se as distinções plural/dual e inclusivo/exclusivo fossem mantidas em todas as formas, obviamente exigiriam quatro desinências distintas para “nós”. De fato, quatro desinências para “nós” parecem estar implicadas: **-lvë** (variante **-lwë**), **-lmë**, **-mmë** e **-ngwë**. Tolkien criou um certo problema ao tentar decidir a qual parte da grade plural/dual e inclusivo/exclusivo essas desinências pertencem. Mas (como interpreto) a resolução mais ou menos final foi esta: a nova desinência para “nós” *inclusivo* é **-lvë** (substituindo a anterior **-lmë**), a nova desinência para “nós” *exclusivo* é **-lmë** (redefinida de inclusiva para exclusiva!), enquanto que **-mmë** (anteriormente exclusiva plural) é agora “*dual*” (inclusivo? exclusivo? ou ambas, se não houver distinção?!). Apenas as desinências **-lvë** e **-lmë** são usadas nos exercícios abaixo; as desinências **-mmë**, e ainda mais **-ngwë**, permanecem um tanto obscuras.

UM PRONOME INDEFINIDO

Em português, uma palavra como “alguém” é freqüentemente usada com uma referência propositalmente vaga ou geral: “alguém tem que ganhar a vida...”. Para tais significados, o quenya possui o pronome **quen** (WJ: 361) - essencialmente uma variante sem ênfase do substantivo **quén**, que simplesmente significa “pessoa”. Embora intimamente relacionado a **Quendë** “elfo”, essas palavras não possuem nenhuma referência especial quanto aos elfos. Como sempre, carecemos de exemplos atestados, mas devemos supor que **quen** seria usada para “alguém” em frases como **quen milyanë leryalë** “alguém ansiou pela libertação” ou **quen hantë i yulma** “alguém quebrou a taça”. Aparentemente **quen** também pode receber desinências casuais; ex: o genitivo **queno** “de alguém” ou o dativo **quenen** (que em português seria freqüentemente traduzido “para você” ao invés de “para alguém”: **matie yávë ná mára quenen**, “comer fruta é bom para você” - “você” aqui significando “pessoas em geral”!).

A maioria dos pronomes em quenya geralmente aparece como *desinências*, e pode ser que Tolkien em certo estágio até lidou com uma desinência pronomi-

nal para o pronome indefinido “alguém”. Existe um texto antigo em “quenya” onde esse significado parece estar associado com uma desinência -o: **kildo kirya ninqe**, traduzido “um navio branco alguém viu” (MC: 220-221). Entretanto, transformar a frase em quenya no estilo do SdA provavelmente exigiria mais do que alterar a grafia para **cildo cirya ninquë**: enquanto que as duas últimas palavras certamente seriam aceitáveis, a forma verbal **kildo** não parece encaixar-se no sistema tardio de Tolkien, e a situação da desinência -o no estágio do SdA é altamente duvidosa. Se almejamos o quenya no estilo do SdA, certamente é muito mais seguro usar o pronome indefinido **quen** tirado de uma fonte pós-SdA.

NOTA: outro pronome impessoal é **mo**, como na frase de Tolkien *alasaila ná lá carë tai mo navë mára*, “é insensato não fazer o que alguém julga bom” (VT42: 34). Mas não está muito claro se esse **mo** poderia receber desinências casuais (no genitivo, essa forma ficaria inalterada!). Nos exercícios deste curso, usei **quen**.

SUMÁRIO DA LIÇÃO TREZE: o caso *dativo* em quenya identifica objetos indiretos, o indivíduo indiretamente afetado por uma ação verbal (frequentemente o beneficiário dessa ação, embora o objeto indireto também possa ser contrariamente afetado por ela). No singular, a desinência dativa é -**n** (quando ela é adicionada a um substantivo que termina em uma consoante, uma vogal auxiliar -e- é inserida antes dela). Substantivos com plurais nominativos em -**i** possuem plurais dativos em -**in**; essa desinência -**in** também é usada no caso de substantivos que possuem plurais nominativos em -**r**, de modo que a forma dativa correspondente ao nominativo **Eldar** é **Eldain**. A desinência dativa *dual* é -**nt**, pelo menos no caso de substantivos que possuem formas duais nominativas em -**t**. (Substantivos com formas duais nominativas em -**u** talvez devessem possuir formas dativas duais em -**uen**, se pudermos confiar no material mais primitivo onde a desinência -**n** foi na verdade determinada para o caso genitivo ao invés do dativo.) – Um *gerúndio* é uma forma do verbo que quase sempre funciona como um substantivo (em inglês), indicando a ação verbal correspondente mas, ao contrário de substantivos verbais normais, os gerúndios ainda são capazes de reger objetos. Os gerúndios em quenya são formados com a desinência -**ië** (também uma desinência abstrata geral); se esse sufixo é adicionado a um radical A, o -**a** final evidentemente desaparece. No caso de verbos em -**ya**, essa desinência inteira aparentemente é omitida antes do -**ië**. Infinitivos portugueses que expressam *propósito* (isto é, infinitivos que significam “[a fim de] fazer” algo, geralmente formados com a preposição *para*) são traduzidos em quenya como gerúndios declinados para o dativo; ex: **hirien** “(a fim de) encontrar”. - O quenya possui várias desinências pronominais que correspondem ao “nós” português. Uma delas é (aparentemente) -**lvë**, que indica um “nós” que *inclui* o indivíduo ao qual dirige-se, enquanto que a desinência

-**lmë** expressa um “nós” *exclusivo*, usado quando o falante dirige-se a um indivíduo fora do grupo “nós” ao qual o próprio falante pertence. (Ignoramos uma fase conceitual mais primitiva, onde -**lmë** era “nós” inclusivo e -**mmë** o exclusivo.) - O pronome *indefinido* “alguém” é, em quenya, **quen**. Provavelmente ele pode receber desinências casuais; ex: o genitivo **queno** “de alguém”.

VOCABULÁRIO

Em cada seção de Vocabulário, nós primeiramente introduzimos um novo número. Os números 1-11 são claramente mencionados em *Etimologias*: **minë**, **atta**, **neldë**, **canta**, **lempë**, **enquë**, **otso**, **tolto**, **nertë**, **cainen** e **minquë**. O modo élfico de contagem, com base 12 ao invés de 10, obviamente também exige uma palavra para “doze” - o último dos números básicos. Contudo, *Etimologias* não menciona a palavra em quenya para “doze”, e ela não é atestada em nenhum outro lugar. O Etim apenas cita a *palavra raiz* primitiva para esse número: **RÁSAT**. “Outras formas não são dadas”, observa Christopher Tolkien. Contudo, os estudantes de élfico concordam que uma palavra em quenya derivada dessa raiz muito provavelmente teria a forma **rasta** (a palavra élfica primitiva completa sendo algo como *rásatâ*, o acento agudo aqui indicando ênfase ao invés de comprimento). Alguns escritores têm usado **rasta** em suas próprias composições, de modo que esta é ao menos uma palavra em quenya pós-Tolkien. Para completar nossa análise dos números básicos, incluí **rasta** no vocabulário abaixo - mas deve ser compreendido que, apesar dessa ser definitivamente uma palavra plausível, ela não é explicitamente apresentada em material publicado. (Em outro ponto, Tolkien citou *yunuk(w)*- como a raiz élfica para “doze” e, logo, a palavra em quenya talvez fosse algo como **yunque!** Ver VT42: 24, 31. No que diz respeito à “doze”, Tolkien aparentemente tinha o desagradável hábito de citar apenas as raízes antigas e não as palavras reais em élfico tardio...)

?**rasta** “doze”

mahta- “lutar”

anta- “dar”, pretérito irregular **ánë**. (Esse pretérito é listado em uma fonte muito antiga, o *Kenya Lexicon* pág. 31. É inteiramente possível que, no quenya tardio de Tolkien, o pretérito de **anta** pudesse bem ser regular: **antanë**. Entretanto, a forma verbal em sindarin **ónen** “eu dei” que ocorre no Apêndice A do SdA corresponderia ao quenya **ánen** ao invés de ?**antanen**. *Etimologias*, entrada **ONO**, indica que o pretérito do verbo **onta**- “gerar, criar” pode ser tanto **ónë** como **ontanë**; talvez o pretérito de **anta**- possa ser, de maneira similar, tanto **ánë** como **antanë**. Usaremos a forma atestada **ánë** aqui.)

suc- “beber”

anna “presente, dom”

alassë “alegria”

hroa “corpo” (relacionada a uma palavra introduzida anteriormente, **hrávë** “carne”; Tolkien pretendia que elas descendessem do élfico primitivo *srawâ* e *srâwê*, respectivamente. Ver MR: 350.)

noa “idéia”

cala “luz” (como em **Calaquendi** “Elfos da Luz”, **Calacirya/-cilya** “Fenda de Luz”)

mára “bom” (no sentido de “útil, adequado” - o quenya possui outras palavras para “bom” no sentido moral)

quen pronome indefinido “alguém”

arwa adjetivo “possuidor”, “no controle de”, seguido por genitivo (veja nota)

NOTA SOBRE **ARWA** “POSSUIDOR, NO CONTROLE DE”: esse adjetivo é listado em *Etimologias*, entrada *3AR* (embora ele seja derivado da raiz variante *GAR*). Ele pode ser usado para formar adjetivos compostos; Tolkien mencionou o exemplo **aldarwa** “árvores crescidas” (**alda** + **arwa**, “árvores-possuidoras”). Mas aparentemente **arwa** “possuidor” também pode ser usado sozinho, e ele então seria seguido por uma forma genitiva. (Conforme mencionamos acima, a desinência genitiva do quenya era -n quando Tolkien escreveu o *Etimologias*, mas devemos supor que a regra como tal ainda era válida quando ele posteriormente mudou a desinência para -o.) Logo, provavelmente podemos ter expressões como **nér arwa collo**, “um homem possuidor de um manto” (**colla** “manto”, genitivo **collo**). Talvez isso possa ser traduzido simplesmente como “um homem *com* um manto”, e se usarmos **arwa** com o significado de “com”, isso significaria que as palavras para “com” e “sem” (**arwa** e **ú**, respectivamente) são ambas seguidas por genitivo! Ainda assim, **arwa** é vista como um adjetivo e não uma preposição, de modo que **arwa** presumivelmente concorda em número, tornando-se **arwë** (para a palavra arcaica **arwai**) quando referir-se a uma palavra no plural: **neri arwë collo**, “homens possuidores de um manto”, **Naucor arwë harmaron** “anões possuidores de tesouros”, **arani arwë ohtarion** “reis no controle de guerreiros”.

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português:

A. I **nér ánë i nissen anna**.

B. **Anar anta cala Ambaren**.

C. **Hiruvälë i harma, ar antuvalves i rasta Naucoin**.

D. **Matîë hrávë carë quen tiuca, ar umilvë merë tiucë hroar, an tiucë hroar umir vanyë**.

E. **Lendelmë mir i osto hirien i sailë nissi, an mernelmë cenitat**.

F. **Nér arwa márë noaron ná saila ar antuva sérë ar alassë i oston**.

G. **Utultielmet quetien rimbë engwion**.

H. **Sucië limpë umë mára queno hroan**.

2. Traduza para o quenya:

I. Alguém deu ao guerreiro uma espada grande.

J. Fazer (*gerúndio*) uma casa para os meninos é uma boa idéia.

K. Nós (*inclusivo*) lutamos pela paz; lutar (*gerúndio*) não dá ao povo [qualquer] alegria, pois nós (*inclusivo*) vimos (*perfeito*) a luz.

L. Falar (*gerúndio*) a língua élfica (**Eldalambë**) é uma grande alegria para os homens (**Atani**).

M. Os guerreiros das duas terras lutarão pelos [dois] povos (*dual*), e nós (*exclusivo*) passaremos por uma grande escuridão para encontrar a luz.

N. Os homens possuidores do bom vinho queriam taças para beber o vinho, e os servos do rei deram aos homens doze taças de ouro.

O. Nós (*exclusivo*) queremos ir para dentro da [/entrar na] cidade para libertar todos os homens (**Atani**) e dar o ouro do rei aos escravos.

P. As muralhas da cidade são grandes; nós (*inclusivo*) as construímos (*perfeito*) para proteger o povo.

LIÇÃO CATORZE

Os casos alativo e ablativo

Equë e auta: dois verbos peculiares

Desinências pronominais possessivas: *-nya, -lya, -lva, -lma, -mma*

OS CASOS ALATIVO E ABLATIVO

A desinência do caso *dativo* **-n** apresentada na lição anterior às vezes pode corresponder à preposição portuguesa “a (à), para”, como quando ela é anexada a gerúndios: **enyalien** = “para o rechamamento” (CI: 497). Ainda assim, esse é um tipo mais abstrato de “para”.

Contudo, o quenya possui uma forma especial de caso que significa “a (à), para” em um sentido mais básico de “na direção” ou “contra”; o termo latino para tal caso é *alativo*. A desinência relevante em quenya é **-nna**: na entrada *Eldanna* no glosário do CI, Christopher Tolkien identifica essa desinência como um “sufixo... de movimento numa direção”. A própria palavra *Eldanna* não é um mau exemplo; ela pode ser traduzida “Na direção dos elfos” e era usada pelos númenóreanos como o nome de uma baía na costa oeste de Númenor e, portanto, na direção do Reino Abençoado onde os Eldar moravam (CI: 188). Na Declaração de Elendil, repetida por Aragorn na sua coroação, a desinência **-nna** transmite toda a força de “a (à), para” com a implicação de movimento em direção a algum lugar: **Et Eärello Endorenna utúlien** = “do Grande Mar vim para a Terra-média [**Endor**]”. Cf. também a frase **Sin Quentë Quendingoldo Elendilenna** (PM: 401) - aparentemente significando “Assim Falou Quendingoldo a Elendil” (ou talvez “Isto Quendingoldo Disse a Elendil”; o significado da palavra **sin** não está muito claro). Como as formas alativas de **ciryä** “navio” e **lassë** “folha”, a Carta Plotz aponta para **ciryanna** “a um navio” e **lassenna** “a uma folha”. (É claro, a ênfase cai sobre a vogal na penúltima sílaba por causa do encontro consonantal seguinte introduzido pela desinência **-nna**: **ciryAнна, lassEнна.) Logo, se você quiser dizer “irei a um navio” em quenya, geralmente você não usará uma palavra separada para “a”, mas empregará, ao invés disso, a desinência **-nna**: **lelyuvan i ciryanna**.**

NOTA: além de **-nna**, também existem traços de uma desinência alativa mais antiga em quenya. Em élfico primitivo ela possuía a forma **-da**, posteriormente reduzida para **-d** (WJ: 366). Em quenya, esse **-d** se tornou **-z** e posteriormente **-r**, e nós já a encontramos na palavra **mír** “para dentro de” (isso é literalmente **mi-r** “em-para”, cf. **mí** “em”!). Uma vez que essa desinência veio a entrar em conflito com a desinência de plural **-r**, como em *Eldar*, ela apenas sobreviveu em algumas palavras que indicam movimento *para ou em direção* a um ponto. Exemplos atestados incluem **tar** “para lá”, **oar** “longe”, **yar** “a quem” e **mír** “para dentro de”. Na verdade, “para dentro” também pode ser **minna** com a “moderna” desinência alativa normal **-nna**. De mesma forma, “para lá” pode ser tanto **tanna** como **tar**.

No *plural*, a desinência **-nna** muda para **-nnar**, assim **lassennar** “às folhas” e **ciryannar** “aos navios” (ex: **lelyuvan i ciryannar** “irei aos navios”). O **-r** final aqui parece ser o mesmo elemento plural com o qual estamos familiarizados no nominativo, como **Eldar** e **ciryar**.

Visto que o quenya pode expressar “para, na direção de” por meio de uma desinência casual, a questão que naturalmente surge é a de que se também existe uma desinência para “de” no sentido de “proveniente de”. Existe.

Como mostramos na Lição 11, a desinência de genitivo **-o** ocasionalmente pode assumir esse significado, como em uma palavra no *Namárië*: **Oiolossëo** = “do Oiolossë” (Monte Semprebranco). Contudo, a idéia de “(proveniente) de” é expressa mais regularmente pelo caso *ablativo*, que é indicado pela desinência **-llo**. De acordo com Plotz, podemos ter formas como **lassello** “de uma folha” e **ciryallo** “de um navio” (novamente enfatizada na penúltima sílaba, é claro). Logo, podemos construir frases como **tulin i ciryallo** “eu vim do navio”. Para um exemplo criado por Tolkien, cf. a expressão **métima hrestallo** “da última costa” no poema Markirya. Tanto o caso ablativo como o alativo estão exemplificados na expressão **telmello talmanna** “do capuz [**telmë**] à base [**talma**]”, isto é, “de alto a baixo”. (Na entrada **TEL** do *Etimologias* conforme reproduzida no LR, essa expressão é na verdade citada como “**telmello telmanna**”, mas isso é claramente um erro de digitação pois, como está evidente a partir da entrada **TAL**, a palavra para “base, fundação, raiz” não é **telma**, mas **talma**.)

Quanto à forma *plural* do ablativo, aparentemente existem várias opções. Assim como o sufixo **-nna** para o alativo transforma-se em **-nnar** no plural, a desinência ablativa **-llo** pode ter um equivalente no plural **-llor**: no poema Markirya, Tolkien usou **elenillor** como o ablativo plural de **elen** “estrela”, assim sendo, “das estrelas”. Além disso, ao fazer uma tradução em quenya de *Sub Tuum Praesidium*, Tolkien traduziu “de todos perigos” como **ilya raxellor** (VT44: 5); o substantivo “perigo” parece ser **raxë**. (Casualmente, poderíamos ter esperado, ao invés disso, **ilyë raxellor**; cf. **ilyë tier** para “todos os caminhos” no *Namárië*.)

Porém, de acordo com a Carta Plotz, o ablativo plural deve possuir a desinência em **-llon**. Aqui temos o mesmo indicador de plural **-n** como na desinência **-on** para o genitivo plural (a desinência genitiva básica **-o** + o indicador de plural **-n**, WJ: 407). Uma das mais antigas tabelas de Tolkien sobre as desinências casuais do quenya lista tanto **-llor** como **-llon** como as possíveis desinências ablativas plurais. Assim, “eu venho dos navios” poderia evidentemente ser tanto **tulin i ciryallor** como **tulin i ciryallon**. Geralmente prefiro **-llon**, a variante Plotz, uma vez que a Carta Plotz é a nossa melhor fonte tardia a respeito do sistema de casos do quenya - mas **-llor** deve ser considerada uma alternativa válida.

Alativo/ablativo dual: as formas *duais* das desinências alativas e ablativas incluem o já familiar elemento dual *-t*, que substitui uma das consoantes dos sufixos *-nna* e *-llo* para produzir *-nta* e *-lto*. Desse modo, o nominativo *ciryat* “dois navios, um par de navios” corresponde a uma forma alativa *ciryanta* “para (em direção a) um par de navios” e a uma forma ablativa *ciryalto* “de um par de navios”. Esses são os exemplos que Tolkien usou na Carta Plotz, mas novamente não temos certeza se as mesmas desinências seriam sufixadas a um substantivo que forma seu nominativo dual em *-u* ao invés de *-t*. Ainda usando *Aldu* como nosso exemplo padrão, “às Duas Árvores” deve ser *Aldunta* ou simplesmente *Aldunna*? De maneira similar, “das Duas Árvores” deve ser *Aldulto* ou simplesmente *Aldullo*? Tendo a pensar em *Aldunna* e *Aldullo* como as formas mais prováveis, mas, carecendo de exemplos atestados, não podemos ter certeza. (Para uma discussão mais completa, ver os Apêndices deste curso.)

Nuances adicionais de significado dos casos alativo e ablativo: embora o significado principal desses casos seja “para, em direção a” e “(proveniente) de”, eles também podem possuir outras nuances de significado.

A idéia de movimento físico real em direção a ou de alguma coisa não está sempre presente. Note o uso do ablativo em uma expressão encontrada em *J.R.R. Tolkien - Artist and Illustrator*: *Itarildë Ondolindello*, “Itarildë de Ondolindë”, ou usando as formas em sindarin mais conhecidas: Idril de Gondolin. Essa tradução como “*de* Gondolin”, identifica Idril como uma pessoa que vive em Gondolin; a expressão em quenya pode não implicar necessariamente que Idril na verdade *deixou* Gondolin. Possivelmente, o ablativo também pode ser usado de outros modos que não transmitam um significado de movimento. Pode ser observado que, com respeito ao verbo em quenya *ruc-* “ter medo ou horror, temer”, Tolkien escreveu que ele é “construído com ‘de’ do objeto temido” (WJ: 415). Ele não forneceu qualquer informação ou exemplos adicionais, mas “(proveniente) de” é geralmente expresso pelo caso ablativo em quenya. Assim, supondo que a palavra em quenya para “monstro” seja *ulundo*, talvez “eu temo o monstro” traduziria algo como *rucin i ulundollo*.

Quanto ao alativo, ele não significa sempre “a, para, em direção a”, mas também pode implicar “em, sobre”: os significados são relacionados na medida em que um objeto que se apóia “sobre” alguma coisa também é pressionado “em direção a” ela, apesar de não haver movimento real. Esse uso do alativo pode ocorrer tipicamente em união com o verbo *caita-* “deitar, situar, repousar”, como na frase do *Namárië* prosaico: *mornië caita i falmalinnar*, “a escuridão deita-se sobre as ondas espumantes” (*falma* “onda espumante”, aqui não apenas com a

desinência de alativo plural **-nnar**, mas também com o indicador de “plural partitivo” **-li**, nesse contexto possivelmente significando um grande número de ondas: na tradução entrelinhas em RGEO: 67, Tolkien analisou **falma-li-nnar** como “ondas espumantes- muitas-sobre”). Exemplos adicionais de formas alativas que significam “em, sobre” são encontrados no poema Markirya; temos **atalantië mindoninnar** (ou, **mindonnar**) “sobre torres caídas” e **axor ilcalannar** “em brilhantes ossos”.

Entretanto, o estudante também deve notar que, enquanto os casos alativo e ablativo nem sempre podem significar movimento físico a ou a partir de alguma coisa, seus significados básicos de “a, em direção de” e “de” também podem ser *reforçados*. Ao invés de apenas indicar movimento em “direção a” alguma coisa, o alativo também pode sugerir movimento “em, para dentro de”: exemplos atestados incluem **ëari lantier cilyanna** “mares caíram para dentro de um abismo” (LR: 56) e **mannar Valion** “nas mãos dos Vali [Valar]” (Canção de Fíriel). O ablativo da mesma forma pode indicar movimento “para fora de” alguma coisa ao invés de meramente “de” alguma coisa: a palavra **sindanóriello**, que ocorre no *Namárië*, Tolkien traduziu “de (no sentido de “fora de”) uma terra cinzenta” (apesar de que, na análise entrelinhas no RGEO: 67, ele desmontou essa construção como **sindanórie-llo**, “cinzenta-terra-desde”).

Esses usos adicionais dos casos alativo e ablativo podem levar a algumas ambigüidades: **lenden i coanna** deve ser interpretada como “eu fui para a casa” ou “eu fui para dentro da casa”? Onde a confusão puder surgir, provavelmente será melhor usar a palavra independente **mir** (ou **minna**) se “para dentro” for o significado desejado: **lenden mir/minna i coa**. Quanto a “(fora) de” como meramente oposto a “desde”, a Declaração de Elendil demonstra que a palavra **et** “fora” pode ser colocada na frente de uma forma ablativa para esclarecer o significado: **Et Eärello... utúlien**, “do Grande Mar vim”. Alguns ainda analisariam **et** “fora” como uma preposição que rege o caso ablativo (como **ú** “sem” rege o caso genitivo).

Adicionando as desinências alativas e ablativas a substantivos que terminam em uma consoante: sufixos como **-nna** e **-llo** e suas variantes duais/plurais nunca podem ser diretamente adicionados a um substantivo que termina em uma consoante sem criar encontros consonantais impossíveis. Por exemplo, o alativo “a Elendil” não pode ser ****Elendilnna**, pois a fonologia do quenya não permite o grupo “l^hnn”. Como está evidente a partir da forma real **Elendilenna** que ocorre em PM: 401, o idioma pode consertar esse problema ao inserir uma vogal de ligação e antes da desinência casual. As formas ablativa e alativa que ocorrem na Declaração de Elendil no SdA podem ser exemplos do mesmo: **et Eärello** “do Grande Mar” (**Eär**: nome em quenya do oceano), **Endoreнна** “para a Terra-mé-

dia” (**Endor**: palavra em quenya para “Terra-do-meio” = “Terra-média”). Contudo, a palavra **Eär** também é citada na forma **Eärë** (SD: 305), e **Endor** é encurtada de uma forma mais antiga, **Endórë**, de modo que não podemos ter certeza absoluta de que os **e**s que ocorrem antes das desinências casuais nas formas **Eärello** e **Endoreнна** não são simplesmente parte dos próprios substantivos. Por outro lado, o exemplo **Elendilenna** quase que com certeza inclui uma vogal de ligação **e**, pois não há razão para supor que o nome **Elendil** já terminou em **-ë** alguma vez. Assim, a principal estratégia para evitar encontros consonantais não desejados antes de desinências casuais é provavelmente inserir **-e-** antes da desinência.

Deve-se notar, porém, que no caso de um substantivo no *plural* que exige uma vogal de ligação, parece que **-i-** é preferida ao invés de **-e-**. Já mencionamos que, no poema *Markirya*, Tolkien usou **elenillor** como a forma ablativa plural de **elen** “estrela”. De fato, a desinência ablativa de pl. **-llor** foi adicionada ao nominativo plural **eleni**. Uma versão do poema *Markirya* também possui **mindoninnar** como o alativo pl. “sobre as torres” (antes que Tolkien decidisse optar, ao invés disso, por uma forma contraída; veja abaixo). Aqui, a desinência alativa pl. foi adicionada ao nominativo plural **mindoni** “torres”.

NOTA: observe, porém, que substantivos em **-ë** com nominativos plurais em **-i** (ex: **lassë** “folha”, pl. **lassi**) não mudam seu **-ë** final para **-i** antes que **-nnar** ou **-llon/-llor** seja sufixada: Plotz indica que as formas alativa e ablativa pl. de **lassë** são **lassennar** e **lassellon**, respectivamente - e não ****lassinnar** e ****lassillon**. Cf. também **raxellor**, e não ****raxillor**, como o ablativo plural de **raxë** “perigo” (VT44: 5). As desinências alativas/ablativas plurais são simplesmente adicionadas à forma não declinada em **-ë**. Nesse aspecto, os casos alativo e ablativo diferem do caso genitivo: um substantivo que forma seu nominativo plural em **-i** *sempre* recebe essa desinência antes da desinência genitiva plural **-on** ser adicionada - o genitivo plural de **lassë** sendo **lassion**, e não ****lassëon**.

Se nenhuma vogal de ligação for inserida, outro modo de livrar-se de encontros consonantais não desejados é simplesmente *omitir a consoante final* do substantivo que deve receber uma desinência casual. Especialmente quando a consoante final do substantivo é idêntica à primeira consoante da desinência casual, essas duas consoantes podem simplesmente fundir-se. Como indicado acima, Tolkien primeiro usou **mindoninnar** como o alativo plural de **mindon** “torre”. Mas então ele decidiu abandonar a vogal de ligação que se inseria antes de **-nnar** e introduziu uma forma contraída: **mindonnar**, que simplesmente representa *mindon-nnar*. Como vemos, o **-n** final de **mindon** funde-se com o primeiro **n** da desinência **-nnar**. Um exemplo mais conhecido é **Elenna** (para *Elen-nna*) como um nome de Númenor: após seguir a Estrela de Eärendil através do oceano até seu novo lar, os Edain “chamaram aquela terra de Elenna, que significa Na Direção da Estrela” (*Akallabêth*; cf. CI: 497: **Elenna-nórë** = “a terra chamada Na Direção da Estrela”). De forma similar, talvez o *ablativo* de **Menel** “céu” pudesse - ou mesmo devesse - ser **Menello** (para *Menel-llo*) ao invés de **Menelello**.

NOTA: podemos perguntar-nos como certos substantivos com formas especiais de radicais seriam tratados. No caso de **talán**, **talam-** “chão, assoalho”, o alativo “a um assoalho” ou “sobre um assoalho” provavelmente pode ser expresso como **talamenna** com uma vogal de ligação inserida (o ablativo quase com certeza seria **talamello**), mas quem sabe também pudéssemos começar a partir de **talán** e usar **talanna** (para *talán-**na***) como a forma alativa? E o que dizer de um substantivo como **toron**, **torn-** “irmão”? “A um irmão” deveria ser **tornenna** com uma vogal de ligação e inserida entre a forma em radical e a desinência casual ou podemos simplesmente dizer **toronna** para *toron-**na***? Nesse estágio, não podemos saber o que Tolkien teria aceitado como quenya correto. Eu não rejeitaria qualquer dessas alternativas como errada.

Parece que o **-n** final das quatro direções, **Formen**, **Hyarmen**, **Rómen** e **Númen** “norte, sul, leste e oeste” regularmente é abandonado antes das desinências casuais para o alativo, ablativo e locativo (o caso locativo será tratado na próxima lição). Um porto no leste de Númenor era chamado **Rómenna**, literalmente “Rumo ao Leste” (veja sua entrada no glossário do CI, e cf. LR: 47) - claramente porque os navios velejavam para o leste a partir dele. É claro, *Rómen-**na*** > **Rómenna** como tal é apenas outro exemplo de uma consoante final de um substantivo fundindo-se com a primeira consoante da desinência casual por serem idênticas. Porém, o *Namárië* fornece **Rómello** “do Leste” como o ablativo de **Rómen** “leste”, e não há dúvida de que aqui o **-n** final foi omitido para evitar a forma impossível ****Rómenllo**. É possível que **Rómenello**, com uma vogal de ligação inserida, também fosse uma forma válida, mas como eu disse, formas contraídas parecem ser normais quando as palavras para as quatro direções básicas são declinadas para o alativo ou ablativo.

EQUÊ E AUTA: DOIS VERBOS PECULIARES

O verbo *equê*: já introduzimos anteriormente a palavra em quenya para “dizer” ou “falar”: **quet-** (aoristo **quetë**, presente **quéta**, pretérito **quentë**). Mesmo assim esse verbo não é sempre usado; há uma palavra alternativa que pode ser usada para introduzir citações. Em WJ: 392, Tolkien refere-se a

... uma forma curiosa e evidentemente arcaica que sobrevive apenas nos idiomas de Aman: **ekwê* [primitiva], q[uenya] *equê*, t[elerin] *epe*. Ela não possui formas temporais... sendo principalmente usada antes tanto de um nome próprio (sing. ou pl.) como de um pronome independente completo, nos sentidos *diz/dizem* ou *dissel/disseram*. Uma citação então segue-se, tanto direta como, com menos frequência, indireta após uma conjunção “que” [ex: “Galadriel disse que ela quer ir para a Terra-média”]

Assim, até o ponto em que diz respeito à flexão, esse *equê* pode bem ser o verbo mais simples em todo o idioma. “Ele não possui formas temporais”, de modo que *equê* pode ser interpretado tanto como o pretérito “disse” como o presente

“diz”, dependendo do contexto (talvez ele possa abranger ainda o futuro “dirá”!). Ele é usado principalmente onde o sujeito é um *pronome independente completo* (a ser tratado posteriormente neste curso) ou um *nome próprio* (e não um substantivo comum). Note também a ordem de palavras indicada por Tolkien: a palavra **equë** vem *antes* do seu sujeito. Tolkien não nos dá frases reais que contenham a palavra **equë**, mas baseado na informação que ele forneceu, algo como o que se segue pode ser possível:

Equë Elendil: “Et Eärello Endoreнна utúlien.”

Elendil diz/disse: “Do Grande Mar vim para a Terra-média”.

Tolkien listou **equë** não apenas como “diz”, mas também como “dizem”. Parece que, ao contrário dos verbos normais, **equë** *não* recebe a desinência -r mesmo quando possui um sujeito no plural ou mais de um sujeito. Note que Tolkien afirmou que **equë** é tipicamente “usado antes... de um nome próprio (sing. ou pl.)”. Ora, nomes próprios geralmente não aparecem no plural (exceto em frases como “há muitos Pedros nesta cidade”), de modo que, quando Tolkien fala de nomes próprios no “pl.”, ele provavelmente quer dizer *vários* nomes próprios que ocorrem juntos. Logo, podemos supor que uma frase como esta seria aceitável:

Equë Altariel ar Teleporno: “Utúliemmë Valinorello.”

Altariel e Teleporno [Galadriel e Celeborn] dizem/disseram: “Vimos de Valinor.” (observe a desinência -mmë para “nós” dual!)

Tolkien indicou que **equë** raramente recebia sufixos de qualquer tipo, geralmente nem mesmo desinências pronominais (WJ: 392), embora formas como **equen** “disse eu” também possam ocorrer (WJ: 415).

Não pode ser *errado* substituir **equë** por uma forma do verbo **quet-**, completa com todas as flexões normais (**Elendil quetë/quentë...** “Elendil diz/disse...”, **Altariel ar Teleporno quetir/quenter...** “Galadriel e Celeborn dizem/disseram...”). Onde o sujeito *não* é um nome próprio ou um pronome independente completo, parece que uma forma de **quet-** geralmente é preferida: **i nís quentë...** “a mulher disse...” Talvez a ordem das palavras também seja significativa. Tolkien parece estar dizendo que **equë** é usado para introduzir uma citação *seguinte*; se o falante e o ato da fala são mencionados *após* a citação, talvez seja melhor usar uma forma de **quet-**; ex:

Equë Elendil: “Utúlien”. = Elendil disse: “Eu vim”.

mas:

“Utúlien”, **Elendil quentë**. = “Eu vim”, disse Elendil.

Provavelmente também seja melhor usar uma forma de **quet-** quando nenhuma citação direta ou indireta estiver incluída na frase. Cf. o exemplo atestado **Sin Quentë Quendingoldo Elendilenna** mencionada acima (PM: 401) - aparentemente significando “Assim Falou Quendingoldo [= Pengolodh] a Elendil”. Talvez **quentë** também pudesse ter sido substituída aqui por **equë** - mas provavelmente não.

O verbo **auta-**: esse verbo significa “passar” ou “ir embora, deixar (o ponto do pensamento do falante)” (WJ: 366). Os leitores do *Silmarillion* encontram-no no capítulo 20, como parte de um grito de guerra: **Auta i lómë!** “A noite está passando!”

De acordo com as regras apresentadas até agora no curso, esse verbo é bastante irregular, embora Tolkien possa não ter pensado nele desse modo: em WJ: 366 ele refere-se às suas várias “formas regulares”. De qualquer maneira, o pretérito de **auta-** não é ****autanë** como poderíamos supor. Na verdade, existem várias formas de pretérito possíveis. Uma delas é **anwë**, formada pela infixação nasal da palavra raiz primitiva *AWA*; a desinência **-ta** vista em **auta-** (primitiva *?awatâ-*) não aparece de modo algum nessa forma de pretérito. Entretanto, a forma **anwë** era “apenas encontrada em linguagem arcaica”, de modo que iremos concentrar-nos nas formas “modernas”.

Há *dois* grupos de formas de pretérito e perfeito do verbo **auta-**, com nuances de significado um tanto diferentes. Se o significado for “foi embora” em um sentido puramente físico, sobre alguém deixando algum lugar e indo para outro, a forma de pretérito **oantë** é usada. De acordo com Tolkien, essa forma é “regular para um verbo **-ta** dessa classe” (embora a maioria dos verbos em **-ta** pareça formar seu pretérito simplesmente ao adicionar-se a desinência **-në**). Supõe-se que o pretérito descenda de *awantë*, evidentemente uma forma infixada nasal de *awatâ* e, em quenya, essas palavras regularmente desenvolveram-se para **oantë** e **auta**, respectivamente. (Para a mudança *awa* > *oa*, cf. uma palavra introduzida na lição anterior: **hroa** “corpo”, que Tolkien derivou a partir da palavra primitiva *srawâ*.) - O tempo *perfeito* de **auta-** usado no mesmo sentido “físico” é **oantië** = “tem ido (foi) embora [para outro lugar]”. Essa forma perfeita é obviamente influenciada pelo pretérito **oantë**. Tolkien observou que a forma **oantië** mostra “intrusão de *n* a partir [da forma de] pretérito” (WJ: 366): geralmente, a infixação nasal não ocorre no tempo perfeito.

O outro grupo de formas de pretérito e perfeito do verbo **auta-** parece não menos irregular. O pretérito alternativo é **vánë**, o perfeito **avánië**. A primeira sílaba de **vánë** aparentemente é a descendente em quenya do radical *wâ* (WJ: 366, aparentemente outra manifestação de *AWA*), enquanto a desinência **-në** deve ser

simplesmente a desinência normal de pretérito. (Novamente, a forma do perfeito parece influenciada pela forma do pretérito - o **n** de **vánë** entrando sorrateiramente no perfeito **avánië**.)

A forma **vánë** e o perfeito correspondente **avánië** adquiriram um significado mais “abstrato” do que as formas **oantë** e **oantië**. **Vánë** *não* significa “foi embora (para outro lugar)”, mas sim “desapareceu”, “passou”. O perfeito **avánië** ocorre (com a desinência de plural **-r**) no *Namárië*, na frase **yéni ve lintë yuldar avánier** = “os longos anos se passaram como goles rápidos”. Essa frase ilustra belamente o significado dessa forma de perfeito, pois obviamente o significado não é o de que **yéni** ou “longos anos” foram-se para outro lugar (isto é, **oantier!**). Os “longos anos” simplesmente passaram, e agora eles acabaram. Onde o sujeito é mais tangível do que “longos anos”, as formas **vánë/avánië** implicariam que o sujeito *desapareceu*, *está perdido*, *morreu* etc.

De fato Tolkien indicou que o significado de **vánë/avánië** foi influenciado pela palavra relacionada **vanwa** “ido”, “perdido”, “desaparecido”, “acabado”. Ela ocorre duas vezes no *Namárië*: **Sí vanwa ná, Rómello vanwa, Valimar** = “agora perdida, perdida [para aqueles] do Leste, está Valimar”. Em WJ: 366, Tolkien chama **vanwa** de “particípio passado” de **auta-**, embora ele obviamente não tenha ligação com os particípios passados ou passivos que discutimos anteriormente neste curso (construídos com a desinência **-na** ou **-ina**). Existe alguma evidência para um particípio alternativo e mais raro em **-nwa**. Entretanto, para todos os propósitos e intenções, pouco importa se chamamos **vanwa** de particípio ou meramente de adjetivo verbal (como o faz Nancy Martsch em seu *Basic Quenya*).

NOTA 1: como mostrado na Lição Oito, pode bem ser que, quando Tolkien escreveu *Namárië*, ele tenha pensado na palavra **avánier** como a forma perfeita de um verbo listado em *Etimologias*: **vanya-** “ir, partir, desaparecer” (veja a entrada *WAN*). Ainda assim deveríamos aceitar as idéias pós-SdA de Tolkien sobre o verbo **auta-**; ele ocorre, afinal de contas, em uma fonte primária como o *Silmarillion*. Interessantemente, a palavra adjetiva **vanwa** “ido, perdido, acabado” já é encontrada no *Quenya Lexicon* de 1915 (QL: 99) e foi mantida durante todos os estágios do desenvolvimento de Tolkien do quenya.

NOTA 2: em *Etimologias*, entrada *GAWA*, um verbo bastante distinto **auta-** “inventar” é listado. Parece que o verbo tardio **auta-** “ir embora” não existia na época em que Tolkien escreveu o Etim. Se, no entanto, aceitarmos ambos os verbos como quenya válido, podemos fazer uma distinção entre eles em alguns tempos, pois **auta-** “inventar” talvez possa ter o pretérito mais simples: **autanë**.

DESINÊNCIAS PRONOMINAIS POSSESSIVAS

Já tratamos de algumas desinências pronominais que podem ser sufixadas a verbos para funcionarem como seus sujeitos: **-nyë** (frequentemente encurtada para **-n**) “cu”, **-lyë** “você”, **-ntë** “eles” e **-lvë** e **-lmë** “nós” (inclusivo e exclusivo, respectivamente - também temos ainda **-mmë** e **-ngwë** como outras desinências para

“nós”, mas sua aplicação exata nos estágios tardios do cenário evolutivo de Tolkien é incerta). Também mostramos que os pronomes em quenya geralmente aparecem como desinências, e não tão frequentemente como palavras separadas como em português.

Pronomes também podem descrever posse ou propriedade. Entre os *pronomes possessivos* portugueses temos “meu(s)”, “seu(s), sua(s)”, “nosso(s)”, “seu(s), sua(s) (deles ou delas)”. O quenya também possui desinências para esses pronomes, embora essas desinências sejam logicamente adicionadas a *substantivos*, e não a verbos. Por exemplo, a desinência para “meu” é *-nya*. Assim, “minha casa” é *coanya*, enquanto “minha terra” seria *nórenya*. A ênfase recai sobre a sílaba anterior à desinência pronominal: *co-A-nya*, *nó-RE-nya*. Todas as desinências pronominais começam em um encontro consonantal e, de acordo com as regras normais, a tonicidade recai na penúltima sílaba quando sua vogal é seguida por um grupo de consoantes.

Note que, das desinências retas que já introduzimos, todas terminam na vogal *-ë*: *-nyë* “eu”, *-lyë* “você” etc. As desinências pronominais possessivas correspondentes podem ser produzidas *simplesmente ao mudar-se a vogal final para -a*; Assim:

- nyë “eu”/-nya “meu”
- lyë “você”/-lya “seu”
- lvë “nós” (incl.)/-lva “nosso” (incl.)
- lmë “nós” (excl.)/-lma “nosso” (excl.)

Logo, além de *coanya* “minha casa” podemos ter *coalya* “sua casa”, e tanto *coalva* como *coalma* seriam traduzidas com “nossa casa” em português.

NOTA: quanto à distinção entre “nosso” inclusivo e exclusivo, ela corresponderia estritamente à distinção entre “nós” inclusivo e exclusivo, explicada na lição anterior. Assim, “nossa casa” é expresso como *coalva* se aquele(s) ao(s) qual(is) dirige-se também está(ão) entre os possuidores da casa e, portanto, *incluído(s)* na palavra “nossa”. De modo oposto, *coalma* é a palavra usada para “nossa casa” se você estiver falando a algum(ns) indivíduo(s) que *não* está(ão) entre os possuidores da casa e, assim, *não* incluído(s) na palavra “nossa”.

Parece bastante razoável supor que a desinência *-ntë* “eles” possui uma contraparte *-nta* “seu(s), sua(s) (deles ou delas)”, apesar do último sufixo não ser atestado em material publicado. Um problema pode ser o de que ela entraria em conflito com a desinência alativa dual mas, no contexto, dificilmente seria muito complicado afirmar se (digamos) *ciryanta* deve ser interpretada como “a um par de navios” ou “seu navio”. Presumivelmente as desinências poderiam até mesmo ser combinadas: *ciryantanta*, “a seu par de navios”. Não farei quaisquer exercícios envolvendo a desinência não atestada *-nta* “seu(s), sua(s) (deles ou delas)”, mas acho que é seguro o suficiente recomendá-la a escritores.

Combinando desinências pronominais possessivas com desinências para caso e número: combinar esses dois tipos de desinências é o que verdadeiramente faz o número total de formas que um substantivo em quenya pode assumir aumentar consideravelmente. Ficamos, assim, com centenas de combinações possíveis, mas uma vez que elas são apenas isso - combinações - as desinências envolvidas estão longe de serem tão numerosas, e a carga na memória do estudante não é tão grande, afinal de contas.

Aqui segue-se **sambelya** “seu quarto” (**sambë** “quarto, câmara” + **-lya** “seu”) declinada em todos os números e casos tratados até agora neste curso. Se esta lista parecer um tanto complicada e desanimadora à primeira vista, o estudante ficará aliviado ao descobrir que ela na verdade é *perfeitamente regular* e de certo modo não contém qualquer informação nova: apenas comece a partir de **sambelya** “seu quarto” e trate-o como você trataria qualquer outro substantivo em **-a**, adicionando as desinências normais para número e caso. Uma consequência disso é que a palavra agora possui um plural em **-r** (**sambelyar** “seus quartos”), embora **sambë** “quarto”, ao ocorrer sozinha, fosse um plural-**i** (**sambi** “quartos”).

NOMINATIVO/ACUSATIVO: singular **sambelya** “seu quarto”, dual **sambelyat** “seu par de quartos”, plural **sambelyar** “seus quartos”. (Na forma arcaica do quenya que possuía um acusativo distinto, presumivelmente veríamos o ac. sing. **sambelyá** e o ac. pl. **sambelyai** mas, neste curso, não usamos formas distintas de acusativo.)

GENITIVO: singular **sambelyo** “de seu quarto” (a desinência genitiva - **o** regularmente substituindo o **-a** final de **sambelya**, mesmo o **-a** sendo aqui parte de outra desinência), dual **sambelyato** “de seu par de quartos”, plural **sambelyaron** “de seus quartos”.

POSSESSIVO: singular **sambelyava** “de seu quarto”, dual **sambelyatwa** “de seu par de quartos”, plural **sambelyaiva** “de seus quartos”. (Apesar de fornecermos aqui a mesma tradução para os casos genitivo e possessivo, há com certeza certas nuances de significado sutis que os distingue.)

DATIVO: **sambelyan** “para seu quarto”, dual **sambelyant** “para seu par de quartos”, plural **sambelyain** “para seus quartos”.

ALATIVO: **sambelyanna** “ao seu quarto”, dual **sambelyanta** “ao seu par de quartos”, plural **sambelyannar** “aos seus quartos”.

ABLATIVO: **sambelyallo** “do seu quarto”, dual **sambelyalto** “do seu par de quartos”, plural **sambelyallon** (ou, **-llor**) “dos seus quartos”. (No caso do alativo e do ablativo, a ênfase recai sobre a vogal anterior à desinência casual [ex: **sambelyAllo**], de acordo com as regras normais de tonicidade - que aplicam-se a todas as formas aqui listadas.)

NOTA: a Declaração de Elendil incluí as palavras **sinomë maruvan, ar hildinyar** “neste lugar irei morar, e meus herdeiros”. A partir do exemplo **hildinyar** “*meus herdeiros*”, pode-se argumentar que substantivos no plural com formas em **-i** (como **hildi** “herdeiros”) devam assumir essa desinência antes que desinências pronominais e indicadores de plural secundários (como a **-nya-** e **-r** de **hildinyar**) sejam adicionados. Sendo assim, “seus quartos” na verdade deveria ser **sambilyar** ao invés de **sambelyar** como sugerido acima. Isso é possível, mas o exemplo **hildinyar** pode ter suas próprias peculiaridades; veja abaixo.

Note que a desinência pronominal possessiva é adicionada por *primeiro*, e as desinências para número e caso são adicionadas *depois* dela: “do seu quarto” é, portanto, **sambelyallo**, e *não* ****sambellolya**. Para um exemplo criado por Tolkien, cf. a saudação **Anar caluva tielyanna** “o sol brilhará sobre seu caminho” (CI: 10, 455): o substantivo **tië** “caminho” aqui aparece combinado com a desinência pronominal **-lya** “seu”, e **tielya** “seu caminho” é posteriormente aumentada com a desinência alativa **-nna** “sobre” para expressar “sobre seu caminho”. (Em alguns dos textos de Tolkien publicados postumamente, a ordem oposta ocorre, de modo que talvez “sobre seu caminho” também pudesse ser **tiennalya**. Mas a ordem “desinência pronominal primeiro, desinência casual em seguida” parece ser o sistema mais canônico, usado consistentemente neste curso.)

Outro exemplo de um substantivo equipado tanto com uma desinência pronominal como com uma desinência casual ocorre na mais famosa saudação élfica de todas, “uma estrela brilha sobre a hora do nosso encontro”: **elen síla lúmenn’ omentielvo**. Com esta lição finalmente apresentamos toda a gramática necessária para compreender-se completamente essa frase: **elen** “uma estrela”, **síla** “brilha” ou de preferência “está brilhando” (o tempo presente/contínuo do verbo **síl-**), **lúmenn’** ou, na forma completa, **lúmnenna** “sobre (a) hora” (o substantivo **lúmë** “hora” + a desinência alativa **-nna** “sobre”), e finalmente a palavra que é relevante para nossa presente discussão: **omentielvo**. Essa deve ser analisada como o substantivo (ou gerúndio?) abstrato **omentië** “encontro”¹ + a desinência **-lva** para “nosso” inclusivo (até agora só atestada aqui), e **omentielva** “nosso encontro” é assim equipada com a desinência genitiva **-o** para expressar “do nosso encontro”: assim, **omentielvo**, uma vez que a desinência **-o** substitui o **-a** final.

A primeira edição do SdA (1954-55) tinha **omentielmo** ao invés de **omentielvo**, leitura essa que Tolkien introduziu na edição revista de 1966. Quanto ao exato argumento embasador dessa mudança, foram publicadas informações um tanto contraditórias e confusas. Tolkien aparentemente criou uma explicação “interna” para essa mudança, brevemente mencionada em uma das notas de Humphrey Carpenter na coleção de cartas de Tolkien que ele editou (Letters: 447, notas sobre a carta 205):

O idioma élfico quenya faz uma distinção em sua declinação dual, que se volta para o número de pessoas envolvidas; o fracasso em compreender isso era, observou Tolkien, “um erro geralmente cometido por mortais”. De modo que, neste caso, Tolkien fez uma nota na qual o “Livro do Thain de Minas Tirith”, uma das supostas fontes d’*O Senhor dos Anéis*, possuía a leitura *omentielvo*, mas que o manuscrito (perdido) original de Frodo provavelmente tinha *omentielmo*; e que *omentielvo* é a forma correta no contexto.

A questão em sua totalidade é bastante obscura, e realmente gostaríamos de ver a fonte de Carpenter para essa explicação vaga. Qual, exatamente, foi o erro que ocorreu no “manuscrito (perdido) original” (!) escrito pelo próprio Frodo Bolseiro (!!)? Por que **omentielmo** estava errada e **omentielvo** correta “no contexto”? De acordo com essa fonte, uma “declinação dual” está envolvida. Na primeira versão deste curso, interpretei isso desta forma: Frodo, ao dizer “uma estrela brilha sobre a hora do nosso encontro” a Gildor, deveria ter usado um “nosso” *dual*, uma vez que apenas duas pessoas estão envolvidas (Frodo + Gildor). Mas Frodo usou por engano um “nosso” *plural*. Ora, isso não parece ser um erro particularmente óbvio pois, ao dizer “nosso encontro”, Frodo poderia bem estar referindo-se a seu próprio grupo (os hobbits) encontrando o grupo de Gildor (os elfos). Assim, o número de pessoas envolvidas de longe passaria de dois, e um “nós” plural seria apropriado afinal de contas. No entanto, o único sentido que consegui depreender da nota obscura de Carpenter foi que **omentielvo** significaria “do nosso (*dual*) encontro”, enquanto que **omentielmo** significaria “do nosso (*plural*) encontro”. Tentei ligar de alguma forma o -v- dos pronomes em -lv- à desinência dual -u, de modo que os pronomes em -lv- iriam referir-se a um “nós” *dual* constituído de apenas duas pessoas: “tu e eu”.

Ainda assim apareceu outra explicação para o pequeno erro gramatical de Frodo - o erro que foi piedosamente corrigido no “Livro do Thain de Minas Tirith” por um copista posterior. Dick Plotz, fundador da Tolkien Society of America e receptor da Carta Plotz, cometeu um erro que resultou em uma leitura distorcida em certas edições americanas do SdA. Aqui está sua confissão, como citada no estudo de 1978 *Introduction to Elvish* (editor Jim Allan), pág. 20:

A versão original era *Elen síla lúmenn’ omentielmo*, que significa, literalmente, “Uma estrela brilha sobre a hora do nosso (meu, dele, dela, NÃO

¹ *Meeting*, em inglês; daí a idéia de *gerúndio* por causa da desinência -ing. [N. do T.]

seu) encontro”. Tolkien, refletindo sobre isso, modificou-a para *omientielvo*, “do nosso (meu, seu, possivelmente dele, dela) encontro”. Essa foi[,] é claro, uma mudança apropriada, e foi assim que ela apareceu nas primeiras impressões da edição da Ballantine. *Eu*, contudo, vi isso como um erro óbvio, e convenci a Ballantine a CORRIGI-LO! A “correção” introduziu outro erro, uma vez que [a leitura resultante] *omentilmo*, até onde sei, não significa nada. Agora eles não corrigirão de novo, porque é caro demais. Mas *omientielvo* está correto. Desculpe por ter bagunçado tudo.

(Deduzo que, nas edições atuais americanas, o erro causado pela boa intenção - porém com esforços mal direcionados - do Sr. Plotz tenha sido corrigido há muito tempo.) Então, o que Plotz está nos dizendo é que *omientielvo* contém um “nosso” *inclusivo* (que está correto no contexto), enquanto a forma rejeitada *omentielmo* contém um “nosso” que Tolkien finalmente decidiu ser *exclusivo* (e, portanto, não é apropriado aqui, pois quando Frodo diz “nosso encontro”, ele obviamente inclui nesse “nosso” os elfos com os quais está falando). Essa não é a explicação que Carpenter deu a entender em sua nota na carta 205 de Tolkien, citada acima, onde o problema parece ser de “inflexão dual” ou a falta da mesma. Ainda assim Plotz sugeriu que a explicação que ofereceu era baseada em uma carta que havia recebido de Tolkien, embora essa carta aparentemente não mais exista (uma pena... tanto a comunidade de lingüistas tolkienianos como a Sotheby’s ficariam muito interessadas).

Em janeiro de 2002 tivemos a edição 43 do jornal *Vinyar Tengwar*, onde os editores comentam sobre “a reestruturação do sistema pronominal que precedeu a publicação da Edição Revista d’*O Senhor dos Anéis*” (pág. 6). Uma das modificações envolveu “a mudança de *-lm-* para *-lv-* como o indicador” de “nós, nosso” inclusivo plural. (Anteriormente *-mm-* era exclusivo e *-lm-* inclusivo; agora Tolkien tornara *-lm-* exclusivo, enquanto que *-lv-* foi introduzido como o novo pronome inclusivo, substituindo *-mm-* que, de acordo com VT43: 6, tornara-se agora “dual”... No mais tardar, neste ponto o estudante pode avaliar a observação de Christopher Tolkien em SD: 440 - de que as revisões incessantes de seu pai são “freqüentemente frustrantes para aqueles que estudam esses idiomas”!) A informação do VT43 parece confirmar a explicação de Plotz da revisão *omentielmo* > *omientielvo*, mas ela não encontra qualquer sustentação na nota de Humphrey Carpenter em Letters: 447, embora essa seja vaga.

Bill Welden, membro do grupo que publica os manuscritos lingüísticos de Tolkien, deu sua contribuição em uma mensagem da lista de discussão Elfling de 8 de fevereiro de 2002:

O relato de Carpenter não é um cânone, tendo sido simplesmente levantado, sem a participação de Tolkien, de suas próprias notas, e poderia assim ter facilmente sido uma noção passageira (mal pensada). O relato de Plotz, que diz não mais que **-lmo** era um erro, é um cânone, na medida em que Tolkien considerava cada coisa [...] que criava uma decisão efetiva ao enviar por correspondência.

Logo, Welden argumenta que, “uma vez que Tolkien enviou sua explicação a Dick Plotz, ela deve ser aceita como cânone”. Agora posso citar outras idéias das cartas lingüísticas de Tolkien que ele, apesar de tudo, parece ter abandonado posteriormente. (Um exemplo drástico: em 1958, Tolkien escreveu à Rhona Beare que “os Valar não possuíam idioma próprio, por não necessitarem de um”, mas no ensaio *Quendi and Eldar*, escrito talvez apenas um ano mais tarde, ele citou muitas palavras do idioma dos Valar – Letters: 282 vs. WJ: 397-407.) Porém, na versão atual deste curso, adotei o sistema apresentado no VT43 e por Dick Plotz. Assim, “nosso” *inclusivo plural* é indicado pela desinência **-lva**, “nosso” *exclusivo plural* possui a desinência **-lma**, e aparentemente também há a desinência **-mma** para um *nosso “dual”* (embora permaneça obscuro se esse é inclusivo, “teu e meu”, ou exclusivo, “dele/dela e meu”). Isso corresponde às desinências para “nós” usadas na lição anterior: **-lvë** para “nós” inclusivo, enquanto que **-lmë** é “nós” exclusivo (e **-mmë** um “nós” *dual* - se inclusivo ou exclusivo não sabemos).

Adicionando desinências pronominais a substantivos que terminam em uma consoante: para evitar encontros consonantais impossíveis, uma vogal **-e-** extra pode ser inserida antes da desinência pronominal quando necessário. Como lembramos, essa vogal extra também pode aparecer antes de desinências casuais. Combinando **atar** “pai” com **-lya** “seu” para expressar “seu pai”, provavelmente produziríamos **atarelya** (uma vez que ****atarlya** não é uma palavra possível em quenya). “Nosso pai” é atestada como **ataremma** na tradução de Tolkien do Pai Nosso (VT43: 8; versões posteriores curiosamente apresentam **átaremma** com uma vogal longa inicial, que talvez seja uma contração de **a Ataremma** “ó Pai nosso”). Essa forma pertence à fase conceitual mais antiga, quando a desinência para “nosso” exclusivo ainda era **-mma** ao invés de **-lma** como se tornou posteriormente, mas deveria ser observado que Tolkien inseriu **-e-** como uma vogal de ligação entre o substantivo e a desinência. Se ele tivesse revisado sua tradução do Pai Nosso nos últimos anos de sua vida, a primeira palavra presumivelmente teria tornado-se **atarelma** (ou **átarelma**), com uma nova desinência, mas com a mesma vogal de ligação antes dela.

É possível que, se o substantivo estiver no *plural*, um *i* seja usado como a vogal de ligação, se desinências pronominais e casuais comportam-se do mesmo modo. Cf. **elenillor** de Tolkien para “das estrelas”. Assim, “suas estrelas” pode, de maneira similar, ser **elenilyar**, e “nossos (excl.) pais” evidentemente deveria ser **atarilmar** ao invés de **atarelmar**. (É claro, primeiramente é o *-r* final que funciona como um indicador de plural aqui, de modo que não pode haver qualquer equívoco com respeito ao número.) É possível que **hildinyar** “meus herdeiros” da Declaração de Elendil seja um exemplo disso, se o substantivo “herdeiro” for *?hil* com o radical **hild-**, daí o pl. **hildi**.

Contudo, a desinência *-nya* “meu” parece ser um tanto especial. Quando uma vogal de ligação é exigida, aparentemente *sempre* prefere-se *-i-*, estando o substantivo ao qual ela é adicionada no singular ou no plural. Parece que essa vogal de ligação reflete a vogal da raiz primitiva que produz os pronomes eldarin de 1ª pessoa, chamada *NP* (listada em *Etimologias* e simplesmente definida como “eu”). A Canção de Fíriel tem **Anarinya**, e não ***Anarenya**, para “meu Sol”. De maneira similar, “meu pai” é **atarinya** (LR: 61) ao invés de *?atarenya*; não podemos saber se a última forma realmente é válida. O (nominativo) plural “meus pais” certamente seria **atarinyar**, de modo que o singular e o plural permanecem distintos. Do mesmo modo, a forma singular de **hildinyar** “meus herdeiros” talvez seja **hildinya** “meu herdeiro” com a mesma vogal de ligação *i*, uma vez que ela sempre é preferida pela desinência *-nya* (a forma **hildinya** era hipotética quando escrevi a primeira versão deste curso, mas ela agora apareceu em um manuscrito de Tolkien: VT44: 36). No caso de outra desinência, como *-lma* “nosso”, podemos concebivelmente ver uma variação entre **hildelma** (?) “nosso herdeiro” e **hildilmar** “nossos herdeiros”; no último caso, o *-i* é a desinência normal do nominativo plural usada como uma vogal de ligação. (O *Etimologias*, entrada *KHIL*, lista precisamente a forma plural **hildi** - lá como “seguidores”, próximo o suficiente a “herdeiros” em significado.)

Foi sugerido que a desinência *-nya*, adicionada a um substantivo em *-ë*, também substituiria esse *-ë* por *-i-* (assim como a desinência de plural *-i* substitui um *-ë* final quando adicionada a um substantivo). Entretanto, um exemplo de Tolkien que foi publicado no inverno de 2000 demonstra que não é assim: VT41: 11 possui **órenya**, e não ***órinya**, para “meu coração” (**óre**: “coração” no sentido de “consciência”). De acordo com o sistema que estamos tentando esboçar, mesmo o plural “meus corações” seria **órenyar** ao invés de *?órinyar*, uma vez que **óre** termina em *-ë* e, assim, não exige qualquer vogal de ligação antes de sufixos. Cf. a Carta Plotz: **lassennar**, e não ***lassinnar**, como o alativo plural de **lassë** “folha” - embora o nominativo pl. seja **lassi**. De maneira parecida, provavelmente veríamos **lassenya** “minha folha” vs. **lassenyar** “minhas folhas” (e dificilmente ***lassinyar**).

A vogal de ligação -i- apenas aparece onde substantivos no plural que terminam em uma *consoante* devam receber desinências; substantivos no singular, ao invés disso, possuem -e-, exceto no caso da desinência -nya “meu”, que prefere -i-, estando o substantivo ao qual ela é adicionada no singular ou no plural. (Se ele estiver no plural, isso será suficientemente indicado pelas desinências secundárias de número e/ou caso que são adicionadas *após* a desinência -nya.)

NOTA: é claro, devemos supor que substantivos em -ë que possuem *formas de radicais* em -i- apareçam na última forma quando desinências são adicionadas. Assim, se lírë (líri-) significa “canção”, “minha canção” evidentemente seria lírinya (plural lírinyar “minhas canções”). Mas na verdade essa é uma questão um tanto diferente, pois aqui evidentemente veríamos líri- antes de *qualquer* sufixo, para pronome ou caso (lírilya “sua canção”, genitivo lírio “de uma canção”, etc.)

Em alguns casos, formas *contraídas* são usadas ao invés de inserir-se qualquer vogal de ligação. O CI: 221 fornece a forma **aranya**, não traduzida, mas que aparentemente significa “meu rei” (Erendis usa essa palavra ao dirigir-se ao rei de Númenor). Aparentemente isso é **aran** “rei” + -nya “meu”, a forma impossível ***arannya** sendo simplificada para **aranya**. Possivelmente **?araninya** também seria aceitável em quenya, mas quando o substantivo terminar na mesma consoante na qual a desinência pronominal começar, pode ser admissível deixar a última consoante do substantivo e a primeira consoante da desinência fundirem-se - um fenômeno também observado onde desinências casuais estão envolvidas. (Cf. **mindonnar** ao invés **mindoninnar** como o alativo pl. de **mindon** “torre”; talvez “minhas torres” fosse **mindonyar** ao invés de **mindoninyar**.)

Especialmente quando a desinência -nya “meu” estiver envolvida, formas *contraídas* poderão aparecer mesmo quando nenhuma contração for “necessária”, para alcançar-se uma palavra admissível em quenya. A palavra alto-élfica para “filho” é **yondo**, de modo que “meu filho” pode simplesmente ser **yondonya**, e há pouca razão para duvidar que essa seja uma forma válida. Ainda assim, em LR: 61 Elendil dirige-se a seu filho como **yonya**, aparentemente uma variante *contraída* de **yondonya**. Talvez **yonya** fosse usada para “meu filho” primeiramente ao *dirigir-se* ao filho envolvido. Sendo assim, isso seria paralelo a outro exemplo: uma palavra em quenya para “criança” é **hína**, ou **hina** com uma vogal curta - a última sendo usada apenas ao “dirigir-se a uma criança” (WJ: 403). Tolkien prosseguiu para observar que essa **hina**, usada como uma forma de referência, freqüentemente aparecia na forma **hinya** “minha criança” - a última sendo *contraída* a partir de **hinanya** (ainda em WJ: 403).

SUMÁRIO DA LIÇÃO CATORZE: o caso *alativo* do quenya possui a desinência -nna (plural -nnar) e expressa a idéia básica de “a (à), em direção de”;

ex: *ciryanna* “a um navio”. Em certos contextos, esse caso também pode expressar “em, sobre” ou “para dentro de”. O caso *ablativo* possui a desinência *-llo* (plural *-llon*, alternativamente *-llor*) e significa “(proveniente) de”; ex: *ciryallo* “de um navio”; algumas vezes o ablativo também pode implicar “fora de”. As formas *duais* das desinências alativa e ablativa são *-nta* e *-lto*, respectivamente (pelo menos no caso de substantivos com formas nominativas duais em *-t*; é possível que substantivos com formas nominativas duais em *-u* ao invés disso possuam as desinências básicas *-nna* ou *-llo* sucedendo essa vogal). Se um substantivo que termine em uma consoante for receber a desinência casual para alativo ou ablativo, uma vogal de ligação (no singular *-e-*, no plural *-i-*) poderá ser inserida antes da desinência casual para evitar um encontro consonantal impossível; de outro modo, uma forma contraída é usada (ex: *Rómello* “do leste”, para *Rómen-llo*). – O verbo *equë* é uma forma peculiar que não é flexionada em tempo verbal e raramente recebe desinências de qualquer tipo; ele significa “disse/disseram” ou “diz/dizem” e é usado para introduzir citações onde o sujeito (que sucede o verbo *equë* e precede a citação) é um nome próprio ou um pronome independente. – O verbo *auta* “passar, ir embora, partir” possui formas surpreendentes tanto de pretérito como de perfeito: *oantë* ou *oantië* se o verbo referir-se a deixar um lugar fisicamente (e ir para outro), mas *vánë* e *avánië* se o verbo referir-se a desaparecer, ser perdido, ou morrer. – Os *pronomes possessivos* em quenya são geralmente expressos como desinências adicionadas ao substantivo relevante (a coisa que é possuída). Esses sufixos incluem *-nya* “meu”, *-lya* “seu”, *-lva* “nosso” (inclusivo), e *-lma* “nosso” (exclusivo). As desinências para “nós” passaram por certas revisões nos anos sessenta, mas essa parece ser a decisão final. Note que essas desinências possessivas correspondem às desinências pronominais retas sufixadas a verbos, a primeira desinência terminando em *-a*, enquanto a última termina em *-ë* (portanto, a desinência não atestada para “seu[s], sua[s], [deles, delas]” pode bem ser *-nta*, correspondendo a *-ntë* “eles”). Há também uma desinência para “nosso” *inclusivo dual*, evidentemente *-mma* após as revisões de Tolkien, embora não esteja claro se essa desinência é inclusiva (“teu” e “meu”) ou exclusiva (“dele/dela” e “meu”). Quando exigidas, as vogais de ligação podem ser encaixadas antes do substantivo e da desinência pronominal, provavelmente pelas mesmas regras que se aplicam às desinências casuais *-nna* e *-llo*, exceto que a desinência *-nya* “meu” parece preferir consistentemente a vogal de ligação *-i-*. Uma vez que um substantivo tenha recebido uma desinência pronominal possessiva, esse substantivo pode ser posteriormente declinado em número ou caso, assim como o seria um substantivo regular em *-a*.

* * *

VOCABULÁRIO

Já esgotamos os números básicos 1-12 (incluindo o número inferido **raſta**). Números maiores infelizmente são mais incertos, embora tenhamos algumas pistas. Posso acrescentar algumas idéias sobre isso no apêndice deste curso, mas nesta e nas próximas duas lições introduziremos os números *ordinais* atestados - mostrando ordem ou posição em uma série, como em português: “primeiro”, “segundo”, “terceiro”, etc.

minya “primeiro” (cf. o número **minë** “um” e a desinência adjetiva **-ya**. O nome original do Primeiro Clã dos elfos era **Minyar**, literalmente “Primeiros”, embora os Noldor os tenham chamado posteriormente de Vanyar ou “belos” [WJ: 380, 382-383].)

equë “diz(em), disse(ram)” (verbo atemporal que introduz citações)

auta- “partir, ir/falecer” (pretérito **oantë** e perfeito **oantië**, alternativamente **vánë** e **avánië**, as duas últimas formas referindo-se a *desaparecer* ou *morrer*, como explicado acima). O “particípio passado” de **auta-** é dito ser **vanwa** “perdido, ido, desaparecido” - mas essa palavra pode ser tratada quase que como um adjetivo independente.

menta- “enviar”

ruc- “sentir medo ou horror”; “temer” (dito ser construído com “de” do objeto temido, presumivelmente significando que o que seria o objeto direto em português aparece no caso ablativo em quenya)

ambo “colina”

mindon “(grande) torre” (cf. a **Mindon Eldaliéva** ou “Grande Torre dos Eldalië” mencionada no *Silmarillion*. A primeira sílaba de **mindon** está relacionada com o número **minë** “um”, uma vez que **mindon** é uma torre *isolada*, e não parte de uma estrutura maior.)

Númen “oeste” (cf. **Númenor**, **Númenóre** “Poente” ou “Terra Ocidental”: **núme(n)-nóre**). parece que os nomes das direções básicas são tratados como nomes próprios, com letra maiúscula e não exigindo o artigo.

sambë “quarto, câmara” (sindarin *sam*, *samm-*; cf. as *Sammath Naur* ou “Câmaras de Fogo” dentro da Montanha da Perdição)

yondo “filho”

haira “longe, distante, remoto”

et “fora” (seguida por ablativo, expressa “fora de”)

Em acréscimo à nossa lista tradicional de doze palavras novas, também introduziremos alguns nomes próprios, exigidos nestes exercícios. De acordo com nossa posição estabelecida, iremos evitar referências explícitas aos mitos de Tolkien nestes exercícios, de modo que nenhum nome próprio criado por ele aparecerá aqui. Ainda assim, podemos criar facilmente novos nomes usando seus princípios. A desinência **-(n)dil** freqüentemente ocorre em nomes masculinos e significa “amigo” ou “amante”; ex: **Eärendil** “Amigo do Mar” ou **Elendil** “Amigo das Estrelas” (mas também significando “Amigos dos

Elfos”, uma vez que as palavras **elen** e **Elda** são intimamente relacionadas e eram até confundidas pelos Edain: WJ: 410). Logo, podemos arriscar, digamos, **Calandil** “Amigo da Luz”. Quanto aos nomes femininos, um padrão observado é o de que um adjetivo em **-a** pode ser transformado em um nome fem. ao mudar-se a desinência para **-ë** (não confundir com a forma plural do adjetivo). Por exemplo, uma das rainhas de Númenor chamava-se **Ancalimë**, nome claramente formado a partir da forma superlativa **ancalima** “o(a) mais brilhante, excessivamente brilhante”. (De forma parecida, nomes *masculinos* podem ser criados ao mudar-se a desinência **-a** para **-o** ou **-on**, cf. **Sauron** vs. o adjetivo **saura** “abominável, pútrido” - e de repente percebe-se porque o Senhor do Escuro não permitia que seus servos usassem o nome que os elfos haviam lhe dado!) Começando a partir de um adjetivo adequado como **nessima** “jovem”, podemos produzir um nome feminino plausível: **Nessimë** “Jovem”. Contudo, o significado dos nomes **Calandil** e **Nessimë** não é de importância para os exercícios.

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português:

A. Lelyuvalvë i mindonello i coanna.

B. Ilyë Eldar avánier Ambarello.

C. I Naucor utúlier i orontillon; elendientë i coannar ar súcar limpelva.

D. I úmië ohtari mapuvar i malta lielvava mentien harmalvar haira nórenna.

[Lielvava = lielva + desinência casual **-va**!]

E. I nís oantë coanyallo ar lendë i sírenna.

F I minya cirya tuluva Númello.

G. Quen rucë i rávillon, an amátientë i aran lielmo, ar úvantë auta nórelmallo.

H. Equë Nessimë Calandilenna: “Yondonya avánië sambenyallo!”

2. Traduza para o quenya (e note que “nosso” tem a intenção de ser, no decorrer dos exercícios, um pronome *plural*, seja inclusivo ou exclusivo, uma vez que permanece incerto se “nosso” *dual* em **-mma** é inclusivo ou exclusivo):

I. Calandil disse a Nessimë: “Seu filho saiu (*perfeito*) da casa, pois todos os meninos foram para a colina”.

J. Do céu [**Menel**] o sol está dando luz ao nosso (*inclusivo*) mundo, e a escuridão passou (*perfeito*).

K. Calandil disse ao rei maligno: “Você enviou (*perfeito*) seus guerreiros para a torre para encontrarem meus filhos. Meu servo protegerá os meninos, e eles não serão perdidos!”

L. O homem no controle [**arwa**] dos navios queria partir, e todos os navios partiram em direção ao oeste.

M. Nós (*exclusivo*) fomos a um apartamento de dois quartos [*dual de sambë!*], e o homem das colinas deu a seu filho uma grande espada, dizendo [*quétala*]: “A espada vem de uma terra distante, do extremo oeste”. (“Extremo”: use o superlativo de *haira*.)

N. Todas as árvores morreram e desapareceram de nossa (*incl.*) terra, e Calandil e Nessimë disseram: “Nós (*excl.*) enviaremos nossos (*excl.*) servos para encontrarem uma terra com [ou, ‘que possui’ = *arwa*] muitas árvores”.

O. A donzela disse ao animal: “Eu temo [/tenho medo de] seus grandes chifres (*dual*)”.

P. Eu fui para nosso (*incl.*) quarto para reunir minhas coisas, pois eu queria dar ao meu irmão meu primeiro livro; o livro estava deitado no chão.

EXERCÍCIOS ADICIONAIS

que envolvem substantivos do quenya que combinam

desinências pronominais com sufixos para número e/ou caso

(Os estudantes podem conferir as respostas dos exercícios acima antes de prosseguirem para estes exercícios.) Esses exercícios acima incluem vários exemplos de substantivos tanto com desinências pronominais quanto com desinências casuais; ex: *lielvava* “*de nosso* povo”. Um quenyarista habilidoso seria capaz de extrair o significado de tais formas num relance, percebendo de fato uma palavra como *ostolvallon* como algo como um simples significado, “de nossas cidades”, sem ter que conscientemente dividi-la em *osto-lva-llo-n* “cidade-nossa-de-plural”. É claro, um quenyarista habilidoso também seria capaz de *produzir* facilmente tais palavras, combinando as desinências relevantes sem hesitação.

3. Traduza a seguinte lista de palavra do quenya para expressões em português.

NOTA: nas respostas para este exercício, os seguintes “equivalentes” simplificados são usados: formas genitivas e possessivas-adjetivas estão como construções “de”, formas dativas são representadas como expressões preposicionais em “para”, enquanto que formas alativas e ablativas são representadas como expressões que envolvem as preposições “a, à” e “desde (de, do, da)”, respectivamente. O mesmo sistema é usado nos exercícios português-para-quenya abaixo, com especificação se “de” deve ser traduzido como uma forma genitiva (*gen.*) ou uma forma possessiva-adjetiva (*poss.*). – Nestes exercícios, há também alguns exemplos do sufixo para “nosso” dual (*-mma*) mas, visto que não sabemos se ele é inclusivo ou exclusivo, ele é simplesmente identificado com “dual” aqui.

- a) Coalvallon
- b) Hroanyan
- c) Hroalvain
- d) Lambelvar
- e) Nórellyanna
- f) Engwelmar

- g) Aranelyallo
- h) Mólínyo
- i) Mólínyaron
- j) Ostolvannar
- k) Lielmo
- l) Yondolyava
- m) Sambelmat
- n) Sambenyant
- o) Sambelyato
- p) Sambelvanta
- q) Sambelyalto
- r) Lienyava
- s) Yondolvaiva
- t) Tárilyan
- u) Lielmaiva
- v) Nerinyaiva
- w) Nerinyava
- x) Seldonyain
- y) Ciryalmalto
- z) Yondommo

4. Traduza em simples palavras em quenya (“de” = genitivo ou possessivo como especificado adiante, “para” = dativo, “a” = alativo, “desde (de, do, da)” = ablativo):

- a) Às suas colinas
- b) Para nossa (*excl.*) paz
- c) Seu livro em dois volumes (use uma forma dual de **parma**)
- d) À sua torre / Às suas torres (traduza o sing. e o pl. separadamente)
- e) De (*poss.*) nossa (*excl.*) rainha
- f) De (*poss.*) minhas irmãs
- g) De (*ablat.*) minha irmã
- h) De (*gen.*) nossos (*incl.*) dons
- i) De (*gen.*) nosso (*incl.*) ouro
- j) Para nossa (*incl.*) alegria
- k) De (*gen.*) seu vinho
- l) De (*ablat.*) seu mundo
- m) De (*gen.*) meu sol
- n) Para meu rei

- o) De (*poss.*) nosso (*excl.*) filho
- p) De (*gen.*) nossas (*excl.*) taças
- q) Para seu par de pássaros (use uma forma dual de **a iwë**)
- r) Às nossas (*excl.*) muralhas duplas (use uma forma dual de **ramba**)
- s) Desde nossas (*incl.*) muralhas duplas (*idem*)
- t) De(sde) nossas terras
- u) De (*gen.*) minhas [duas] irmãs [gêmeas] (use uma forma dual de **seler, sell-**)
- v) De (*gen.*) nossos (*excl.*) tesouros
- w) Aos nossos (*incl.*) cavalos
- x) Para nossa (*dual*) casa (= “para a casa de nós dois”)
- y) Para meu irmão
- z) Às nossas (*excl.*) árvores

LIÇÃO QUINZE

A desinência *-rya* e mais sobre desinências
pronominais possessivas
O caso locativo
Frases relativas
Obscuridades da terceira pessoa

MAIS SOBRE DESINÊNCIAS PRONOMINAIS POSSESSIVAS

(além de uma análise levemente digressiva sobre a verdadeira natureza das combinações *ly*, *ny*, *ry*, *ty*)

Na lição anterior introduzimos uma série de desinências pronominais possessivas que podem ser adicionadas a substantivos: *-nya* “meu”, *-lya* “seu”, *-lva* “nosso” (incl.) e *-lma* “nosso” (excl.); além dessas, há uma desinência para o “nosso” *dual*, evidentemente *-mma* (mas permanece a incerteza se ele é um “nosso” inclusivo ou exclusivo). Ignorando uma estranha variante da desinência *-lya* “seu” (*-lda*, mencionada apenas em WJ: 369), resta apenas uma das desinências pronominais atestadas para ser mencionada: *-rya*. Ela ocorre duas vezes no *Namárië*. Na primeira vez, ela é seguida pela desinência genitiva, produzindo regularmente a forma *-ryo*: a palavra relevante é *ómaryo*, traduzida “de sua voz”, a forma genitiva de *ómarya* “sua voz”. A palavra *óma* “voz” é atestada por si só em outro lugar (Etim., entrada *OM*; VT39: 16).

Na segunda vez que *-rya* ocorre no *Namárië*, ela também é seguida por outra desinência, neste caso o indicador de dual *-t*: a palavra *máryat* é traduzida “suas mãos”, referindo-se a um par natural de mãos (a palavra *má* “mão” também é atestada por si só). De qualquer modo, a desinência *-rya* é vista significando “suas (= dela)” e, a partir dos exemplos do *Namárië*, está claro que ela pode ser usada e combinada com outras desinências, assim como a quaisquer outros sufixos pronominais que já examinamos e praticamos (*samberya* “seu quarto”, *samberyan* “para seu quarto”, *samberyanna* “a seu quarto”, *samberyallo* “do seu quarto”, *samberyo* e *samberyava* “de seu quarto”... e assim por diante com formas plurais e duais: *samberyar* “seus quartos”, *samberyat* “seus dois quartos/seu apartamento de dois quartos”, etc. etc.)

Por quarenta anos, da publicação de *A Sociedade do Anel* (com o *Namárië* nele) em 1954 até Christopher Tolkien publicar *The War of the Jewels* em 1994, “seu (= dela)” era o único significado conhecido da desinência *-rya*. Nesse meio

tempo, tivemos mais um exemplo de **-rya** = “seu” no poema Markirya, que foi publicado em *The Monsters and the Critics* em 1983 (embora no Markirya “seu” não se refira a uma pessoa, mas a um navio). Mas quando o WJ apareceu em 1994, tornou-se evidente que o sufixo **-rya** na verdade abrangia não somente “seu (= dela)”, mas também “seu (= dele)”: **coarya** é mostrada como sendo a expressão em quenya para “a casa dele” ou “sua casa” (WJ: 369, lá escrita **köarya**). É claro, a forma **coarya** como tal também poderia significar “sua casa (= dela)” e, de modo oposto, as formas do *Namárië* **máryat** e **ómaryo** em outro contexto poderiam significar “suas mãos (= dele)” e “de sua voz (= dele)”: temos que concluir que o quenya simplesmente não faz uma distinção entre “dele” e “dela”.

Há mais para se aprender a partir dos dois exemplos de **-rya** no *Namárië*. Note a forma dual **máryat** “suas (seu par de) mãos”. Como descrito na Lição Três, o quenya desenvolveu um sistema no qual **-t** é a desinência dual normal, geralmente substituída por **-u** apenas quando os propósitos eufônicos exigem isto, como quando a palavra que for receber a desinência dual já possuir **t** ou **d** (Letters: 427, nota de rodapé). Mas na Lição Três também argumentamos a partir do exemplo **peu** “(par de) lábios” que partes do corpo que ocorrem em pares ocorrem em formas duais “antiquadas”, sempre recebendo a desinência **-u** - “refletindo o sistema mais antigo no qual apenas **-u** indicava um par lógico ou natural”. No entanto, o estudante também pode lembrar-se de um aviso parentético para o efeito no qual “a outra desinência **-t** pode, contudo, ser usada se certas desinências forem inseridas antes da própria dual; voltaremos a falar sobre isto em uma lição posterior”. É hora de olharmos isso com atenção.

Tem-se suposto frequentemente que, ao remover-se a desinência **-rya** “sua” de **máryat** “suas mãos”, ficamos simplesmente com **mát** “(um par de) mãos”. Mesmo assim, visto que a forma dual de **pé** “lábio” é atestada como **peu**, podemos supor razoavelmente que a forma dual de **má** “mão” seja, do mesmo modo, **mau** “par de mãos”, embora a última forma permaneça não atestada. Se o substantivo que geralmente possui uma forma dual em **-u** for receber um sufixo pronominal possessivo, parece que a desinência dual **-u** será suprimida, e a dualidade será expressa assim por meio da desinência **-t**, sufixada *após* o sufixo pronominal – como em **máryat**. Apesar da forma dual “(par de) lábios” ser **peu**, podemos supor que “seus (dois) lábios” seria construída a partir da forma singular **pé** “lábio” e adicionando-se **-rya** para “seu/sua (dele/dela)”, e então **-t** para o número dual, de modo que, como um paralelo a **máryat**, veríamos **péryat**. (Sucedendo então que o genitivo é **péryato**, o dativo **péryant**, o alativo **péryanta**, o ablativo **péryalto**, etc.) **Aldu** pode ser a forma dual normal “par de árvores”, mas “seu (= dela) par de árvores” talvez fosse construída a partir do singular **alda** com os sufixos apropriados, produzindo **aldaryat**. Mesmo assim, podemos suspeitar de que a desinência

dual -u poderia funcionar como uma vogal de ligação onde uma fosse necessária – assim como se sabe que a desinência de *plural* -i funciona em certos casos. A palavra para “pé” é **tál** com o radical **tal-**, de modo que talvez a dual “(par de) pés” seja **talú**. Ao adicionar-se uma desinência pronominal possessiva a **tál**, **tal-**, entretanto, se exigiria uma vogal de ligação antes que sequer possamos pensar em adicionar -t como um indicador de dual no final da palavra. “Seu (= dela) par de pés” talvez devesse então ser algo como **taluryat** com indicadores duplos de dual, -u- e -t, assim como aparentemente haveria indicadores duplos de *plural* (-i- e -r) em uma palavra no plural como (digamos) **talilmar** “nossos pés”? Assim sendo, essa seria uma exceção para a aparente regra de que o indicador de dual -u não é usado antes de um sufixo pronominal possessivo. Como sempre, carecemos de exemplos atestados, mas uma vez que a Declaração de Elendil indica que “meus herdeiros” é **hildinyar**, não seria absolutamente implausível supor que uma forma dual correspondente fosse algo como **hildunyat**. (Ou talvez a regra na qual -nya “meu” prefere -i- como sua vogal de ligação prevalecesse, produzindo **hildinyat**, mas ainda poderíamos ver -u- como uma vogal de ligação antes de outras desinências pronominais; ex: **hilduryat** “seu (= dela) par de herdeiros”).

Outra coisa a ser aprendida a partir dos exemplos **máryat** “suas (= dela) mãos” e **ómaryo** “de sua (= dela) voz” do *Namárië* é se **ry** conta aqui como um encontro consonantal (r + y) ou como uma consoante única: r palatalizado. O que aprendemos é, contudo, um tanto paradoxal. Já tocamos nesses problemas na Lição Um, mas uma nova análise pode ter lugar aqui, visto que as combinações em -y (como **ry**, **ly**, **ny** e **ty**) ocorrem em várias das desinências pronominais possessivas. Tolkien indicou repetidamente que **ómaryo** é enfatizada no **a** na penúltima sílaba (em uma de suas transcrições do *Namárië* em RGEO, ele indicou todas as maiores e menores ênfases nessa canção, e na verdade também temos *duas* gravações onde ouve-se ele usar essa ênfase). Para **ómaryo** ser enfatizada desse modo, **ry** deve contar como um encontro consonantal, e não como uma consoante única. Se **ry** fosse uma consoante única, as regras normais diriam que a ênfase não recairia sobre a vogal antes dela, mas na antepenúltima sílaba.

Temos ainda referido-nos repetidamente a outra regra observada da fonologia do quenya: não pode haver uma vogal longa antes de um encontro consonantal. Assim, a vogal longa de **má** “mão” é logicamente encurtada na forma alativa plural **mannar** “às... mãos”, atestada na *Canção de Fíriel*. ****Mánnar** não seria uma palavra possível em quenya. Logo, se **ry** também é um encontro consonantal como pensamos ter recém estabelecido, por que **á** não é encurtada na forma **máryat**? Por que não vemos **?maryat** como uma paralela a **mannar**?

Francamente, não consigo pensar em nenhuma explicação óbvia. Aparentemente devemos simplesmente aceitar que **ry** - assim como **ly**, **ny** e **ty** - contam como encontros consonantais para o propósito de tonicidade, mas uma vogal longa precedente não tem que ser encurtada. Assim teríamos **márya** “mão dele/dela”, **mánya** “minha mão” e **mályá** “sua mão” com a vogal longa precedente intacta. Antes dos outros sufixos pronominais atestados, ela teria que ser encurtada, uma vez que essas desinências inquestionavelmente introduzem um encontro consonantal seguinte: **malva** e **malma** = “nossa mão” (inclusivo e exclusivo). ****Málva** e ****málma** dificilmente seriam palavras possíveis em quenya. Tais variações seriam atentamente comparadas com algumas formas atestadas às quais nos referimos anteriormente, embora elas envolvam desinências retas (-**mmë** para “nós” e -**nyë** para “eu”) ao invés das desinências pronominais possessivas adicionadas a substantivos: a exclamação **vá**, que significa recusa, tem sua vogal longa *encurtada* antes do encontro **mm** em **vammë** “não iremos”, mas a vogal longa parece *continuar* em **ványë** “não irei” (WJ: 371 - posteriormente Tolkien mudou a desinência -**mmë** para -**lmë**, como discutido na lição anterior). Assim, podemos dizer que, enquanto **mm** é inquestionavelmente um encontro (como o **lm** posterior também seria), **ny** bem pode contar como uma consoante única - o **n** palatalizado como o *ñ* espanhol.

Existem apenas alguns substantivos que podem ser afetados por essas variações no comprimento das vogais, palavras de uma única sílaba que terminam em uma vogal longa: além de **má** “mão”, apenas **cú** “arco”, **pé** “lábio”, **ré** “dia” (24 horas) e **lú** “época, ocasião” vêm-me à mente - se também não utilizarmos o material do “qenya” mais primitivo de Tolkien. Claro, as vogais longas dessas palavras também seriam encurtadas antes de *desinências casuais* que introduzem um encontro consonantal seguinte, como indicado pelo alativo plural **mannar** “às mãos” na *Canção de Fíriel*. Mas “às suas mãos” evidentemente seria **mályannar**, ou **mályanta** como uma forma dual - uma vez que **ly**, **ny**, **ry** e **ty** não contam como encontros consonantais para esse propósito.

Por outro lado, há também alguma evidência que sugere que essas combinações *deveriam* ser entendidas como encontros. Em um manuscrito do *Namárië* reproduzido em RGEO: 76, Tolkien dividiu a palavra **ómaryo** em suas sílabas constituintes e aparentemente indicou que -**ar**- e -**yo** são sílabas separadas - como se **ry** fosse, no final das contas, um encontro consonantal genuíno, e não apenas um **r** palatalizado. (Sem dúvida, o **r** provavelmente seria palatalizado antes de **y**, mas se **y** também soasse como uma consoante distinta, ainda teríamos um encontro.) Da mesma forma, Tolkien dividiu as palavras **fanyar** “nuvens” e **ilyë** “todo” em **fan/yar** e **il/yë**. Se **ry**, **ny**, e **ly**, e por conseqüência também **ty**, realmente devem ser entendidos como encontros consonantais quando ocorrem no meio de pala-

vras, isso explicaria os padrões de tonicidade observados. Mas então nos é deixado o problema por que vogais longas não são encurtadas antes dessas combinações. Felizmente, essas aparentes inconsistências não causam problemas às pessoas que tentam *escrever* em quenya, uma vez que podemos simplesmente imitar o sistema ou sistemas que Tolkien usava.

Mesmo assim, eu não incomodei o estudante com os parágrafos acima apenas como um exercício acadêmico, pois ali permanece o problema de como **ly**, **ny**, **ry** e **ty**, ocorrendo no meio de palavras, devem realmente ser pronunciadas: estamos lidando com consoantes palatalizadas *únicas*, unitárias, consoantes palatalizadas *longas*, ou consoantes únicas *seguidas* por um **y** distinto? Parece que não podemos alcançar nenhuma resposta definitiva baseada no que foi publicado até agora. Tolkien, em RGE0: 76, ao dividir **fanyar** como **fan/yar**, parece demonstrar que ele, pelo menos, não tinha a pronúncia ***fañ-ar* em mente, embora palatais como **ny** e **ty** devam sempre ser pronunciadas como consoantes únicas unitárias quando ocorrerem inicialmente (já que o quenya não pode ter encontros consonantais no início de palavras: SD: 416-417). A escolha aparentemente fica entre *fañ-ñar* (com um *ñ* palatal longo ou duplo) e *fan-yar* ou ainda *fañ-yar* (um *y* distinto sendo ouvido). Em qualquer caso, uma palavra como **atarinya** “meu pai” (isto é, *atariñña* ou *atarinya*) seria então logicamente enfatizada no *i* de acordo com as regras normais. Por que essa combinação **ny**, assim como **ly**, **ry** e **ty**, aparentemente carece de poder para fazer uma vogal longa precedente tornar-se curta permanece um mistério. Se elas são pronunciadas com um *y* distinto, como tendo a acreditar, essas combinações não podem ser contadas como encontros consonantais normais, porque *y* é uma “semivogal” ao invés de uma consoante “propriamente dita”.

Desinências pronominais possessivas usadas com infinitivos: na Lição Dez descrevemos como formas infinitivas de verbos possuem uma forma estendida em **-ta**, que é usada quando o infinitivo for receber um sufixo que indica um pronome oblíquo: assim **carë** (**cari-**) “fazer”, mas **caritas** “fazê-lo”. Também é possível adicionar a tal infinitivo estendido uma desinência pronominal que indica o *sujeito* da ação verbal. Nosso exemplo atestado é **caritalya(s)**, que Tolkien traduziu “seu fazer (-lo)” (VT41: 17). “Você” é aqui o sujeito da ação verbal (isto é, o “fazer”), e ele é expresso como a desinência pronominal *possessiva* **-lya** “seu”. Uma segunda desinência pronominal, indicando o *objeto*, pode então ser adicionada no final da palavra: **caritalyas**, “seu fazê-lo”, **tiritanyat** “meu observá-los”. Tal expressão provavelmente pode ser usada como um substantivo, funcionando, por exemplo, como o sujeito ou objeto de uma frase. Talvez “quero que você observe-os” fosse expressa de algum modo como **merin tiritalyat**, literalmente “eu quero seu

observá-los”. O objeto do infinitivo certamente também poderia ser uma palavra independente; ex: **merin tiritalya i seldor**, “quero você para observar os meninos” (“quero seu observar os meninos”).

Por seu significado, tais infinitivos estariam muito próximos a gerúndios, e essas formas em **-ta** do quenya provavelmente estão relacionadas aos gerúndios do sindarin (que terminam em **-ad** ou **-ed**). Realmente devemos supor que gerúndios regulares (em **-ië**) também possam receber desinências pronominais possessivas; ex: **tuliera** “sua chegada” (**tulië** “chegada”). Porém, não se sabe ao certo se uma segunda desinência pronominal que indique o *objeto* pode então ser sufixada (?**carieryas** “seu (= dele) fazê-lo”).

O CASO LOCATIVO

Com relação às formas **mir**, **minna** “para dentro de”, referimo-nos à preposição **mi** “em” do quenya, que algumas vezes é combinada com o artigo definido para produzir a forma (**mi** + **i** =) **mí** “no”. Ela ocorre no *Namárië*, na expressão **mí oromardi**, traduzida “nos altos salões” (e assim em RGEO: 66, pelo menos - o texto no SdA possui **mi** com uma vogal curta, embora esse deva ser um simples “em” sem artigo incorporado e, de fato, a tradução fornecida no SdA tem simplesmente “em salões altos”).

Ainda assim, o quenya freqüentemente dispensa preposições, usando ao invés disso formas casuais especiais, como quando “a, em direção a” geralmente é expressa pela desinência alativa **-nna**, enquanto “(a partir) de” geralmente é expressa por meio da desinência ablativa **-llo** – embora o quenya possua preposições separadas que podem expressar os mesmos significados. Não seria de surpreender, então, que o quenya, ao invés de usar uma preposição como **mi**, freqüentemente prefira uma forma casual específica para expressar o significado de “em” (ou “sobre, em cima”). O caso relevante é chamado *locativo*, indicado pela desinência **-ssë** (provavelmente inspirada pela desinência finlandesa **-ssa**, **-ssä** de significado similar). Por exemplo, “em uma casa” pode ser expressa como **coassë**, “na casa” poderia ser **i coassë**, “em minha casa” seria **coanyassë**, etc. (Certamente a ênfase passa para a vogal que precede imediatamente a desinência casual, uma vez que a desinência começa em um encontro consonantal.) O locativo pode referir-se a uma “localização” no *tempo* assim como no *espaço*: em uma versão antiga da saudação “uma estrela brilha sobre a hora do nosso encontro”, Tolkien colocou o substantivo **lúmë** “hora” no caso locativo (**lúmessë**, RS: 324).

NOTA 1: os estudantes devem notar que a desinência **-ssë** não é *sempre* um indicador de locativo, significando “em” ou “sobre” onde quer que ocorra. Às vezes **-ssë** funciona como uma desinência abstrata. Já apresentamos o substantivo **alassë** “alegria, felicidade”. **Entulessë** é atestado como o nome de um navio, dito significar “Retorno” (CI: 193; **entul-** seria o

verbo “revir” = “retornar”). *Caimassë* poderia ser a forma locativa de *caima* “cama”, mas *caimassë* também é usado como um substantivo “deitar em cama” = “doença”, e essa ainda é a base do adjetivo *caimassëa* “acamado, doente” (Etim., entrada *KAY*). Algumas vezes -*ssë* como uma desinência substantiva não é abstrata, mas é vista mantendo as conotações de *localidade* que ela também possui quando usada como uma desinência locativa: o substantivo *aicassë* “pico de montanha” é derivado a partir do adjetivo *aica* “afiado”, de modo que o termo *aicassë* basicamente refere-se a algum tipo de “lugar afiado”. A desinência -*ssë* também aparece nos nomes de dois meses do calendário élfico, relacionados no Apêndice D do SdA: *Viressë* e *Lótesë*, correspondendo aproximadamente a abril e maio. O significado da palavra *Viressë* é incerto, mas *Lótesë* certamente associa-se com *lótë* “flor” e parece significar essencialmente “Em Flor”, uma descrição adequada do mês de maio (no hemisfério norte). - Não se sabe se a desinência locativa -*ssë* pode ou deve ser anexada a um substantivo que já termine em -*ssë*. *Lótesessë* parece um modo bastante incômodo de expressar “em maio”, e *aicassessë* para “em um pico de montanha” não é muito melhor. Ao invés de adicionar a desinência locativa a substantivos de tal forma, pode ser melhor usar a preposição *mi* “em”: *mi Lótesë*, *mi aicassë*. Mas na Declinação Plotz, Tolkien parece indicar que *lassessë* seria uma forma locativa aceitável de *lassë* “folha”. Ainda assim, a preposição *mi* seria sempre uma alternativa válida à desinência.

NOTA 2: como recordamos, o caso *alativo* em -*nna* nem sempre indica movimento em direção a algo, mas também pode expressar a idéia de “sobre, em, em cima de”. Em alguns contextos, talvez fosse permitido usar tanto o locativo como o alativo, resultando no mesmo significado (*caitan caimanyassë* = “eu deito em minha cama”/*caitan caimanyanna* “eu deito na minha cama”). Ainda assim, Tolkien às vezes traduzia uma forma locativa do quenya usando a preposição portuguesa “sobre”. Cf. por exemplo *ciryassë* “sobre um navio” (MC: 216, lá grafada *kiryasse*); cf. também *mahmassen* abaixo.

No *plural*, o sufixo locativo simples -*ssë* é expandido com o mesmo elemento de plural, -*n*, que também é visto nas formas plurais das desinências de genitivo (-*on*) e ablativo (-*llon*). Assim, as formas locativas plurais terminam em -*ssen*. O locativo plural de *mahalma* “trono” ocorre no Juramento de Cirion, onde os Valar são mencionados como *i hárar mahalmassen mi Númen*, “aqueles que se assentam sobre [os] tronos do Oeste”.

A desinência locativa *dual* é formada ao substituir-se o primeiro dos *s*’s da desinência -*ssë* pelo elemento dual *t*. A desinência resultante, -*tsë*, não é atestada em qualquer composição em quenya de Tolkien, mas ele relaciona-a na Carta Plotz, de modo que, presumivelmente, podemos ter formas como *sambetsë* “em um apartamento de dois quartos” ou *ciryanyatsë* “em meus navios [gêmeos]”. (Essas palavras podem ser vistas como as formas duais mais simples *sambet* e *ciryanyat* com a desinência locativa -*ssë* anexada, embora ela seja simplificada para -*së* para evitar a combinação impossível *-*tssë*.)

É claro, desinências como -*ssë*, -*ssen* e -*tsë* nunca podem ser adicionadas diretamente a um substantivo que termine em uma consoante sem produzir encontros consonantais impossíveis. Na versão original deste curso, escrevi a respeito disso:

Carecendo de exemplos atestados, só podemos supor que as vogais de ligação se encaixariam pelas mesmas regras que se aplicam aos casos alativo e ablativo: -*e*- é usada como uma vogal de ligação no singular, enquanto as formas plurais possuem -*i*-. Assim, temos presumivelmente *elenessë* “em uma estrela”, *elenissen* “em estrelas”. A dual “em um par de estrelas” pode

preferir a vogal de ligação **-e-** (?elenetsë). Formas contraídas também podem surgir; ex: **ellessë** para *elen-ssë*. As direções **Formen**, **Hyarmen**, **Númen**, **Rómen** = norte, sul, oeste e leste, quase que com certeza abandonariam seu **-n** final no locativo, assim como o fazem nos casos alativo e ablativo. Portanto, temos provavelmente **Formessë** “no norte”, etc. A *Canção de Fíriel* possui **Númessier** para “eles estão no oeste”. Essa estranha forma parece incluir a desinência **-ië** “é/está”, pl. **-ier** “(eles) são/estão” que Tolkien provavelmente abandonou posteriormente. Mesmo assim, uma forma locativa básica, **Númessë** “no oeste”, deve ser pressuposta aqui. Uma vez que o substantivo **Númen** “oeste” também aparece na forma mais curta **Númë**, não podemos ter certeza se o **-n** final foi abandonado aqui, mas essa forma locativa pode ser observada mesmo assim.

Desde que escrevi isso, novas evidências relevantes apareceram. **Cemessë** “na terra” (VT43: 16), como uma forma locativa de **cemen** “terra” poderia ser vista como um exemplo exato de um **-n** final sendo omitido antes da desinência **-ssë**. Contudo, **cemessë** pode na verdade ser pretendida como tendo evoluído de **cemen-së**, com uma versão mais curta da desinência locativa, o **ns** nesse exemplo tornando-se **ss**, por assimilação. Em seus vários rascunhos para uma versão em quenya do Pai Nosso, Tolkien é visto enfrentando a questão de como as formas locativas de **menel** “céu” e **cemen** “terra” deveriam ser. Uma versão possui **menelzë** e **cemenzë**, com a desinência locativa **-ssë** sendo encurtada para **-së** e sonorizada para **-zë** pelo contato com as consoantes sonoras **l** e **n** que precedem-na (VT43: 9). Porém, formas como **menelzë** e **cemenzë** não podem pertencer ao tipo de quenya usado na Terra-média na Terceira Era; no Apêndice E do SdA, nos é dito que “o som de *z* não ocorria em quenya contemporâneo”. Tolkien finalmente estabeleceu as formas **meneldë** e **cemendë** (VT43: 11, 12), aparentemente sugerindo um desenvolvimento **ls** > **lz** > **ld** e, de modo similar, **ns** > **nz** > **nd**. (Se isso torna obsoleta a forma **cemessë**, aparentemente pressupondo um desenvolvimento **ns** > **ss**, obviamente não está claro.) Substantivos que terminam nas consoantes **-l** e **-n** podem ter assim formas locativas em **-dë** (no plural, presumivelmente **-den**, correspondendo à desinência regular **-ssen**). Substantivos em **-s** e **-t** podem ter simplesmente formas locativas em **-së** (compare com os locativos duais em **-tsë**, que é simplesmente a desinência dual **-t** + a desinência locativa encurtada **-së**). Foneticamente, palavras em **-r** seriam excetuadas como tendo formas locativas em **-ssë** (ex: **Ambassë**, como a forma locativa de **Ambar** “mundo”), uma vez que o grupo **rs** historicamente torna-se **ss** (por exemplo, é dito que o nome **Nessa** vem de *neresâ*, evidentemente via uma forma intermediária *nersâ*: WJ: 416).

Entretanto, também parece haver um sistema muito mais simples: pode-se usar a desinência completa -ssë “em qualquer lugar”, inserindo-se uma vogal de ligação -e- antes dela onde, de outra forma, viria uma consoante. Em uma das versões do Pai Nosso, Tolkien, na expressão “Pai nosso no céu”, traduziu “no céu” através da forma adjetiva **menelessëa**, que é claramente baseada em **menelessë** como ainda outra forma locativa de **menel** (VT43: 9, 13). Esse uso de -e- como uma vogal de ligação antes de -ssë corresponde à uma de minhas sugestões na versão original deste curso. Logo, como a forma locativa de um substantivo como **elen** “estrela” pode haver pelo menos três alternativas mais ou menos igualmente válidas: **ellessë** (omitindo-se uma consoante final antes da desinência -ssë, ou -ssë pode ser considerada uma forma assimilada de -nsë aqui), **elenessë** (inserindo-se uma vogal de ligação -e- antes da desinência locativa, provavelmente -i- no plural) ou **elendë** (usando-se a desinência -dë para a -zë mais antiga, que por sua vez vem de -së). Os escritores podem fazer sua escolha, mas geralmente uma das duas últimas alternativas provavelmente seria a melhor solução. Pelo bem da clareza, a forma locativa de um substantivo como **Ambar** provavelmente deveria ser **Ambaressë** ao invés de (**Ambar-së** >) **Ambassë**, que poderia ser formada, do mesmo modo, a partir de um substantivo ****Amba**.

Os substantivos com formas duais em -u também formariam seus locativos duais em -tsë, ou essa desinência ocorre apenas onde lidamos com substantivos que possuem formas nominativas duais em -t? Podemos perguntar-nos como seria a forma locativa de **Aldu** “Duas Árvores”. **Aldussë**, com a desinência mais simples -ssë, pois a dualidade já é suficientemente expressa por -u? **Aldatsë**, formada a partir da forma não flexionada **alda**? **Aldutsë**, com indicadores duais duplos, -u e -t? Pessoalmente, inclino-me para **Aldussë**, mas eu gostaria de ver um exemplo feito por Tolkien.

A(s) desinência(s) locativa(s) certamente pode(m) ser combinada(s) com desinências pronominais possessivas assim como as outras desinências casuais que discutimos. O poema Markirya tem **ringa súmaryassë** para “em seu seio frio” (**ringa** “frio”, **súma** “seio”; a referência é ao “seio” de um navio).

FRASES RELATIVAS

No SdA, há um único exemplo de um locativo do quenya. A desinência -ssen para o locativo plural ocorre no *Namárië*, na expressão **Vardo tellumar..., yassen tintilar i eleni** = “as abóbadas de Varda..., onde [ou, nas quais] as estrelas cintilam...”.

A palavra **ya** “qual, que”, que aqui aparece com a desinência locativa -ssen para implicar “nas quais”, é um *pronome relativo*. Ele pode ser usado para construir *frases relativas*, isto é, frases encaixadas em outras frases como um tipo de

expressões descritivas. Duas frases como “o tesouro é grande” e “você encontrou-o” podem ser combinadas como “o tesouro *que você encontrou* é grande”. Note que o pronome “-o” da frase “você encontrou-o” é substituído por “que”. Esse pronome relativo é capaz de remeter às palavras “o tesouro”, e “que eu encontrei” agora torna-se uma expressão descritiva que fornece informação extra sobre “o tesouro”. Os prováveis equivalentes em quenya desses exemplos:

I harma ná alta “o tesouro é grande”

+ hirnelyes “você encontrou-o”

= i harma ya hirnelyë ná alta “o tesouro que você encontrou é grande”

Em alemão, os artigos definidos *der, das, die* (= *o, a, o/a* [neutro]), em português) também são usados como pronomes relativos. O artigo *i* do quenya pode, da mesma forma, exercer essa função. Isso é evidente a partir do Juramento de Cirion, cujas últimas palavras exemplificam o *i* usado primeiro como artigo, depois como pronome relativo: ... **i Eru i or ilyë mahalmar ëa tennoio**, “o Um *que* está acima de todos os tronos para sempre”. Se existe qualquer distinção de significado entre *i* e *ya* usados como pronomes relativos, deve ser esta: *i* refere-se a uma pessoa (em inglês, “who”), enquanto que *ya* refere-se a uma coisa ou situação (em inglês, “which”).¹ Note, a propósito, que essas palavras não têm nada a ver com as *palavras interrogativas* “quem” e “que”: a palavra *i* não pode ser usada para “quem” em uma pergunta, como “quem é você?” A palavra em quenya para “quem” é bem diferente nesse sentido (*man*).

O material que foi publicado posteriormente turvou de certo modo esse quadro. Em VT42: 33, temos a frase **lá caritas i hamil mára alasaila ná**, que Tolkien traduziu “não fazer o que você julga bom [é] insensato”. Apesar de **i hamil mára** ser traduzida aqui como “o que você julga bom”, parece que essa expressão significa, mais literalmente, “[aquilo] que você julga bom”. De acordo com a teoria à qual estava inclinando-me, eu esperaria *ya* ao invés de *i* aqui, mas parece que *i* também pode referir-se a uma coisa ou situação ao invés de uma pessoa.

Há ainda uma outra interpretação de uma possível distinção entre *i* e *ya* como pronomes relativos que é a seguinte: *i* é usado quando o pronome relativo for o *sujeito* de uma frase relativa, enquanto que *ya* é usado quando ele for o *objeto*. Por essa interpretação, podemos ter frases como **Elda i tirë Nauco** “um elfo que observa um anão”, mas **Elda ya tirë nauco** “um elfo que um anão observa”.

¹ Em português, essa distinção não existe, e o pronome relativo **que** (sendo inclusive a tradução de *who* e *which* nesse contexto) é usado para ambos os casos, isto é, *peças e coisas/situações*. [N. do T.]

Contudo, como cuidadosamente preveni na primeira versão deste curso: “Precisamos de mais exemplos antes que possamos escolher a interpretação correta com segurança.” Agora parece que **i**, pelo menos, pode funcionar como um pronome relativo se ele for o sujeito ou o objeto de uma frase relativa (sujeito: **i Eru i äa** “o Um que está”, objeto: **lá caritas i hamil mára...** “não fazer [aquilo] que você acha bom”). Do modo como se apresenta agora, pode *não* haver uma significativa distinção de significado entre **i** e **ya** usados como pronomes relativos, sendo talvez possível usar tanto **i cirya i cennen** como **i cirya ya cennen** para “o barco que eu vi”, em quenya.

Porém, em um aspecto **i** e **ya** não são intercambiáveis. A palavra **i** é em quenya o “artigo indeclinável ‘o(s), a(s)’ “ (*Etimologias*, entrada *I*). Isto é, **i** = “o(s), a(s)” não pode ser declinado; ele não pode receber quaisquer desinências casuais. Devemos supor que isso ainda é verdadeiro quando **i** funciona como o pronome relativo “que”. Contudo, **ya** é perfeitamente capaz de receber desinências casuais, como indicado pelo exemplo **yassen** “nas quais” do *Namárië*. A desinência locativa está no plural porque o pronome relativo remete a uma palavra no plural, **tellumar** “abóbadas”; no caso de uma única **telluma** ou “abóbada”, o pronome relativo que remeteria a ela estaria, da mesma forma, no singular: **yassë**. O mesmo ocorre com outros substantivos: **coa yassë** “uma casa na qual...”, mas com o plural **coar yassen...** “casas nas quais...”

Além da forma **yassen** no *Namárië*, temos mais um exemplo de **ya** que ocorre com uma desinência casual. Um antigo poema élfico de Tolkien inclui as palavras **tanya wende... yar i vilya anta miqilis**, traduzido “aquela donzela... a quem o ar manda beijos” (MC: 215, 216). Esse não é bem o quenya no estilo do SdA, de modo que eu não regularizei a grafia, mas a forma **yar** “a quem” é interessante. O **-r** final, aqui sufixado a **ya**, parece ser a antiga desinência alativa, como em **mir** “para dentro de”; assim, **yar** = “quem-a”, “a quem”. Os exemplos **yassen** “nas quais” e **yar** “a quem” sugerem que, se for necessário a um pronome relativo receber desinências casuais, tais desinências serão sempre anexadas a **ya-**. Devemos supor que **ya** pode receber todas as várias desinências de número e caso, sendo declinado como um substantivo em **-a**, como nestes exemplos:

DATIVO: **i nér yan ánen annanya** “o homem ao qual dei meu presente”, plural **i neri yain...** “os homens aos quais...” (A forma atestada **yar** “a quem”, ao ocorrer em um contexto que envolve o verbo “dar”, evidentemente também pode assumir funções do tipo dativas - mas **yar** é propriamente um alativo arcaico, e geralmente creio que **yan**, pl. **yain**, é preferido.)

GENITIVO: **i nís yo yondo cennen** “a mulher cujo [= de quem] filho vi” (devemos supor que **ya** + a desinência genitiva **-o** produziria **yo**, o **-a** sendo omi-

tido, como sempre), plural **i nissi yaron...** “as mulheres cujos [= *das quais*]...” (para uma forma como **yaron**, cf. **aldaron** com o genitivo plural de **alda** “árvore”)

POSSESSIVO: **i aran yava malta mapuvan** “o rei cujo [= *de quem*] ouro pegarei”, plural **i arani yaiiva...** “os reis cujos [= *dos quais*]...”

ALATIVO: **i coa yanna lenden** “a casa à qual fui/a casa para onde fui”, plural **i coar yannar...** “as casas às quais...”

ABLATIVO: **i coa yallo tullen** “a casa *da* qual vim/a casa de onde vim”, plural **i coar yallon** [alternativamente, **yallor**]... “as casas *das* quais...”

LOCATIVO: **i coa yassë marin** “a casa *na* qual vivo/a casa onde vivo”, plural **i coar yassen...** “as casas *nas* quais...”

No nominativo singular, a forma simples **ya** com certeza é usada: **i parma ya etécien**, “o livro que tenho escrito (= escrevi)”. É possível que ela torne-se **yar** (com a desinência de plural **-r**) quando remeter a uma palavra no plural: **i parmar yar...** “os livros que...” (Diferencie do pronome relativo atestado **yar** “a quem”, MC: 215, 216; essa forma inclui a antiga desinência alativa **-r**.) Quando **i** é usado como um pronome relativo, ele não recebe desinência de plural, uma vez que **i** é indeclinável: **Eldar i lindar** “elfos que cantam”.

Não relacionamos formas *duais*, mas elas presumivelmente seriam bastante regulares: nominativo **yat** (ex: **i peu yat...** “os [o par de] lábios que...”), dativo **yant** (ex: **i veru yant...** “o casal ao qual/para o qual...”), genitivo **yato**, possessivo **yatwa** (?), alativo **yanta**, ablativo **yalto**, locativo **yatsë** (ex: **i sambet yanta/yalto/yatsë...** “o apartamento de dois quartos ao/do/no qual...”)

Deve-se observar que, em alguns contextos gramaticais, uma desinência casual que pudesse ser adicionada a **ya** pode ser omitida e compreendida. Por exemplo, supondo que a palavra para “noite” é **lómë** (**lómi-**), presumivelmente teríamos uma frase como **lómissë yassë cennenyas** “na noite na qual o vi”, mas também é admissível deixar **ya** ocorrer por si mesma: **lómissë ya cennenyas**, uma construção comparada à portuguesa “na noite que o vi”.

Note que o artigo pode ser omitido antes do primeiro substantivo (**lómissë** no nosso exemplo); talvez ele já esteja suficientemente determinado pela frase relativa subsequente. Tolkien empregou tal construção em sua tradução para o quenya da Ave Maria. Ele parafraseou “na hora de nossa morte” como “na hora em que morreremos”: **lúmessë ya firuvammë** (VT43: 28 - aqui a desinência para “nós” exclusivo ainda é **-mmë**, posteriormente revisada para **-lmë**).

Geralmente um pronome relativo remete a um substantivo, de modo que a frase relativa subsequente fornece informação sobre aquele substantivo,

como em todos os exemplos acima. Note, entretanto, o exemplo **i carir quettar** “aqueles que formam palavras”, citado como uma descrição dos elfos (WJ: 391). **I carir quettar** por si só é uma frase relativa, e certamente poderíamos ligá-la a um substantivo e deixar a frase relativa remeter a ele; ex: **Eldar i carir quettar** “elfos que formam palavras”. Contudo, parece que **i** pode ser colocado em frente a um verbo para expressar “aquele que” (se o verbo estiver no singular) ou “aqueles que” (se o verbo estiver no plural, indicado pela desinência -r). O Juramento de Cirion fornece outro exemplo: **i hárar mahalmassen mi Númen** “aqueles que se assentam sobre os tronos no Oeste”. Provavelmente podemos sentir-nos livres para construir frases como estas:

I túla ná nís “[aquela] que está vindo é uma mulher”

I hirner i malta nar alyë “[aqueles] que encontraram o ouro estão ricos”

Hiruvan i suncer limpenya “encontrarei [aqueles] que beberam meu vinho” (singular ...**i suncë limpenya**, “aquele que bebeu meu vinho”)

Na versão original deste curso, escrevi o seguinte:

Se **ya** também pode ser usado em tais construções, e estamos certos em supor que **i** significa “quem” (em relação a pessoas) enquanto **ya** significa “que, qual” (em relação a coisas e situações), podem existir distinções de significado como **ecénien i túla** “eu tenho visto (vi) aquele que está chegando” vs. **ecénien ya túla** “eu tenho visto (vi) o que está chegando” (literalmente, “eu tenho visto (vi) [aquilo] que está chegando”). A frase “o que eu quero é vinho” talvez fosse traduzida para algo como **ya merin ná limpë** (isto é, “[aquilo] que eu quero é vinho”).

Publicações recentes obscureceram esse pequeno e belo cenário, uma vez que agora parece que **i** e **ya** podem ser amplamente intercambiáveis. Nos exercícios abaixo e nas suas respostas, porém, mantive a distinção na qual **ya** é usado no sentido impessoal de “que”, enquanto que **i** refere-se a pessoas: “que(m)” (exceto quando o pronome relativo for receber alguma desinência; **ya-**, então, deve ser usado de qualquer modo). Essa é uma distinção útil, mesmo que Tolkien não tenha pensado nela.

Ordem das palavras: alguns idiomas empregam uma ordem de palavras especial em frases relativas. O alemão insiste em colocar o verbo por último, de modo que temos construções como “o homem que lá permanece” (*der Mann der*

dort steht) para “o homem que permanece lá”. Por algum tempo imaginei se o quenya empregaria um sistema similar; o verbo *ëa* “é, existe” aparece próximo ao final da frase relativa que conclui o Juramento de Cirion: **i or ilyë mahalmar ëa tennoio**, literalmente “que acima de todos os tronos está para sempre”. Entretanto, como vemos, o verbo não é completamente final; uma ordem de palavras inteiramente “alemã” exigiria “que acima de todos os tronos para sempre está”.

No *Namárië*, o verbo na verdade vem imediatamente *após* o pronome relativo na frase relativa **yassen tintilar i eleni** “onde as estrelas cintilam”, literalmente “nas quais cintilam as estrelas”. Podemos pensar que essa é apenas uma ordem de palavras “poética”, mas Tolkien não a mudou no *Namárië* em prosa em RGE0: 66-67. Faz alguma diferença esse ser um pronome relativo com uma desinência casual anexada? Seria *errado* dizer **yassen i eleni tintilar**, com o sujeito do verbo precedendo ao invés de suceder o verbo? Não podemos dizer. Especialmente no caso de **yasse(n)**, **yanna(r)**, **yallo(n)** “em/a/do qual”, eu imitaria nosso exemplo atestado e deixaria o verbo suceder imediatamente o pronome relativo: **i osto yassë marë i nér** “a cidade na qual o homem reside”, **i tol yanna círar i ciryar** “a ilha para onde os navios estão navegando”, **i nóri yallon tulir i ohtari** “as terras de onde os guerreiros vêm”. De outro modo, não tentarei criar quaisquer regras severas para que ordem de palavras as frases relativas do quenya devam possuir.

OBSCURIDADES DA TERCEIRA PESSOA

Introduzimos acima a desinência pronominal possessiva **-rya**, que abrange “dele” e “dela”. Então, qual é a desinência reta correspondente que significa “ele” e “ela”?

Uma vez que se sabe que a desinência **-lya** “seu” corresponde à desinência **-lyë** “você”, muitos pesquisadores, começando a partir de **-rya** “dela”, extrapolaram um sufixo não atestado, **-ryë**, como a desinência reta = “ela”. Se, como indicado pelo *Namárië*, a expressão em quenya para “você encontrará” é **hiruvalyë**, “ela encontrará” seria então **hiruvaryë**. Nancy Martsch usa essa desinência extrapolada **-ryë** “ela” no decorrer de seu *Basic Quenya* - e bem pode estar correta. Agora que se sabe que **-rya** abrange “dele (seu)” assim como “dela (seu)”, teríamos que supor que **-ryë** pode significar, de modo similar, “ele”, assim como “ela”.

As desinências pronominais retas da terceira pessoa do singular – as desinências para “ele” e “ela” – pertencem, contudo, a uma das partes mais obscuras da tabela pronominal do quenya. Em material estritamente relacionado à *Canção de Fíriel*, uma desinência para “ele” é vista como **-ro**. Ela ocorre na forma **antaváro** “ele dará”, atestada na pergunta **e man antaváro?** “o que de fato ele dará?” (LR: 63). **Antáva** como o futuro simples “dará” ocorre na mesma página (e

no texto completo da *Canção de Fíriel* conforme impresso em LR: 72). Esse pode não ser quenya no estilo do SdA; como tratamos na Lição Sete, o futuro de **anta-** talvez deva ser **antuva** ao invés de **antáva**, de acordo com o sistema pelo qual Tolkien decidiu-se posteriormente. Mesmo assim, a forma **antaváro** ilustra belamente uma aparente propriedade da desinência **-ro**: por alguma razão, a vogal que precede imediatamente essa desinência é *alongada*, **antáva** tornando-se **antaváro** quando **-ro** é adicionada (e a vogal longa original de **antáva** é *encurtada* para evitar a forma ****antáváro**: é possível que o quenya não possua uma vogal longa na sílaba que precede imediatamente a vogal que recebe a principal ênfase, exceto quando essa sílaba também seja a primeira sílaba da palavra). Deveríamos atualizar **antaváro** para algo como **antuváro** em quenya no estilo do SdA?

Essa desinência **-ro** também aparece em um poema em “qenya” reproduzido em MC: 220, lá adicionada a algumas formas verbais que incluem a desinência de pretérito **-në**, e novamente a vogal que precede **-ro** é alongada, de modo que ela recebe a ênfase. Uma delas é **laustanéro**, que parece ser o verbo **lausta-** “fazer um ruído ventoso” (cf. MC: 216) + a desinência de pretérito **-në** + a desinência **-ro** “ele”. A expressão completa é **súru laustanéro**, traduzida “o vento apressou” (talvez literalmente “[o] vento, ele [-ro] apressou”). Uma vez que isso é “qenya” ao invés de quenya no estilo do SdA, não deveríamos enfatizar muito os detalhes, mas Tolkien parece estar usando a desinência **-ro**, que pode significar “ele”, e que possui o estranho poder de tornar a vogal precedente longa. Foi sugerido que a vogal *permanece* longa nessa posição porque Tolkien imaginou-a como sendo longa em élfico primitivo. Assim sendo, a vogal **-i-**, vista no aoristo de verbos primários (ex: **tulīn** “eu venho”) não deve ser alongada, uma vez que essa vogal nunca foi longa (?**tuliro** ao invés de ?**tulíro** para “ele vem”). Também é possível que tal alongamento ocorra apenas quando **-ro** é adicionada a uma palavra que termine em *duas sílabas curtas* que, por si mesmas, não são a palavra inteira (de modo que a nova penúltima sílaba pode atrair a ênfase: **laustanë** > **laustanéro**; sem o alongamento, a ênfase cairia em **-ta-** após a sufixação de **-ro**, resultando em uma pronúncia um tanto estranha). Seria interessante saber se, digamos, “ele fez” seria **carnéro** ou **carnero**; tendo a acreditar agora que não há alongamento quando **-ro** é adicionada a uma palavra com tal forma.

De onde viria essa desinência **-ro** para “ele”, e qual é a desinência para “ela”? A entrada *S-* em *Etimologias* esclarece um pouco o que Tolkien imaginou. Várias palavras élficas para “ele, ela” são lá discutidas. Uma palavra primitiva para “ele” é citada como *sô* ou *so*, “cf. *-so* flexão de verbos” - aparentemente significando que o idioma élfico primitivo pode expressar “ele” por meio de uma desinência *-so* adicionada a verbos. Essa *-so* poderia ser a origem da desinência **-ro** do quenya

pois, em quenya, o -s- que ocorre entre vogais geralmente era sonorizado para -z-, que posteriormente tornou-se -r- (o som z fundindo-se com o r original). Em *Etimologias*, Tolkien continuou a citar uma palavra primitiva para “ela” como *sî* ou *sî*, “cf. -se flexão de verbos”. Se -so produz -ro como uma desinência do quenya para “ele”, teríamos que supor que -se produz, de modo similar, -rë (-zë primitiva) como uma desinência para “ela”. Essa -rë é possivelmente atestada de modo direto na expressão em “quenya” **kiryā kalliēre**, traduzida “a embarcação brilhou” (MC: 220, 221) - literalmente “[a] embarcação, ela brilhou”? Transformar a forma **kalliēre** em quenya no estilo do SdA provavelmente exigiria mais do que apenas alterar a grafia para **calliērë**, mas pode-se notar que a desinência -rë, como -ro, parece preferir a companhia de uma vogal *longa* na sílaba precedente. Novamente, isso pode acontecer apenas quando ela é adicionada a uma palavra que termine em duas sílabas *curtas* (provavelmente **kallië** nesse caso).

Muitos escritores têm usado as desinências -ro = “ele” e -rë = “ela”, de modo que os estudantes de quenya certamente deveriam memorizá-las - mas até onde sabemos (ou não), elas são atestadas apenas em material anterior à composição do SdA. Em 1994, finalmente surgiu um pequeno pedaço de evidência a respeito das idéias pós-SdA de Tolkien sobre a desinência pronominal para “ele, ela”. No ensaio *Quendi and Eldar*, na discussão sobre o verbo sem formas temporais **equë** “disse, diz”, Tolkien observou que, enquanto essa forma geralmente não recebe desinências de qualquer tipo, ela pode ocorrer com certas desinências pronominais. Ele citou dois exemplos disso: **equen**, traduzido “disse eu”, e também **eques**, traduzido “disse ele/ela” (WJ: 414) ou “disse ele, disse alguém” (WJ: 392). Logo, aqui temos uma desinência -s que abrange tanto “ele” como “ela” (ou mesmo “alguém”). No período pós-SdA, Tolkien usou de forma demonstrável a desinência -rya tanto para “dele (seu)” como “dela (seu)”, de modo que não é surpreendente que ele possa ter decidido que o quenya também usasse uma desinência tanto para “ele” como “ela” (cf. também o pronome finlandês de gênero neutro *hän*). Na verdade, essa desinência -s também deve abranger “o, a”, pois ela dificilmente pode ser mantida separada da desinência -s que já encontramos em posição oblíqua – como em **tiruvantes** “eles o guardarão” (*Juramento de Cirion*) ou **caritalyas** “seu fazê-lo” (VT41: 17). Logo, **eques** provavelmente poderia significar “o disse” assim como “ele(a) disse”. Inversamente, -s provavelmente também pode referir-se a *peessoas* em posição oblíqua: talvez **tiruvantes** também possa significar “eles irão guardá-lo/la”.

Uma forma como **tulis** teria que ser traduzida como “ele vem” ou “ela vem”, dependendo do contexto. A existência de tal desinência não contradiz necessariamente as referências que Tolkien fez à “flexão -so” e à “flexão -se” (ambas

primitivas) de verbos em *Etimologias*: normalmente, *-o* e *-e* finais curtos do élfico primitivo vieram a perder-se em quenya, de modo que formas primitivas como *tuli-so* “ele vem” e *tuli-se* “ela vem” podem ser fundidas como **tulis** “ele(a) vem”. Não está claro onde isso deixaria as desinências de gênero específico mais longas **-ro** e **-rë**, encontradas em material mais primitivo. Tolkien pode ter pretendido que elas descendessem de desinências variantes com vogais longas (*-sô* e *-sê*), o *-ô* e o *-ê* finais tornando-se **-o** e **-ë** em quenya. Quem sabe as desinências de gênero específico deveriam ser usadas quando a desinência curta geral de 3ª pessoa **-s** “ele, ela, isto” não é específica o suficiente? Mas há muitas razões para acreditar que Tolkien mudou de idéia repetidamente sobre os detalhes; não podemos sequer excluir a possibilidade de que as desinências longas **-ro** “ele” e **-rë** “ela” foram completamente abandonadas.

De qualquer modo, se **-s** for a desinência para “ele(a)”, onde isso deixa a desinência não atestada **-ryë**, que alguns estudantes (plausivelmente) extrapolaram a partir da desinência possessiva **-rya** “dele, dela”? A desinência **-ryë** ainda pode ser válida. Talvez a desinência para “ele(a)” alterne-se entre **-s** e **-ryë** assim como a desinência para “eu” pode aparecer tanto como **-n** como **-nyë**; a desinência para “você, tu” alterna da mesma forma entre **-l** (como em **hamil** “você julga”, VT42: 33) e **-lyë**. (Enquanto as desinências **-s** e **-ryë** podem parecer menos similares do que **-n** vs. **-nyë** e **-l** vs. **-lyë**, deve-se compreender que **-ryë** viria de *-sye* mais antiga: sucedendo uma vogal, a combinação *sy* torna-se *zy* e então **ry**. Cf. *Etimologias*, entrada *SUS*; a partir dessa raiz, Tolkien produziu a palavra em quenya **surya** “consoante fricativa”, que deve ser compreendida como vinda de *susyâ* no idioma primitivo.) A desinência mais longa **-ryë** seria usada primeiramente quando uma segunda desinência pronominal, indicando o *objeto*, fosse adicionada; ex: **tiriryet** “ele(a) observa-os” - enquanto que “ele(a) observa” por si só poderia ser tanto **tiris** como **tiriryë**, mas com mais frequência a primeira. Mas os escritores que quiserem evitar a desinência não atestada **-ryë** podem optar, pelas desinências de gênero específico **-ro** e **-rë**, para inserir uma vogal de ligação: **tirirot** “ele observa-os”, **tiriret** “ela observa-os”.

Nos exercícios abaixo, contudo, evitaremos todas as desinências e construções especulativas e iremos concentrar-nos nos únicos fatos conhecidos que temos à nossa disposição com respeito à terceira pessoa do singular da tabela pronominal: em quenya, conforme Tolkien veio a enxergar esse idioma no período pós-SdA, a desinência **-s** pode ser usada para “ele, ela, isto”, enquanto que **-rya** abrange “dele” e “dela”. As desinências longas **-ro** e **-rë** não são usadas nos exercícios ou nas respostas, uma vez que sua condição no quenya no estilo do SdA é um pouco incerta (não que eu necessariamente desencoraje escritores quanto a usá-las).

SUMÁRIO DA LIÇÃO QUINZE: a desinência pronominal possessiva em quenya para “dele (seu), dela (seu)” é **-rya**, que se comporta como as outras desinências desse tipo (desinências de número ou caso podem ser adicionadas após a mesma). Se um substantivo *dual* for receber uma desinência pronominal, sua dualidade será indicada por um **-t** adicionado a essa desinência (cf. **máryat** “suas [seu par de] mãos” no *Namárië*), aparentemente mesmo no caso de substantivos que de outra forma receberiam o indicador alternativo de dual **-u**. – Os infinitivos estendidos em **-ta**, que podem receber desinências pronominais que indicam o *objeto* (ex: **caritas** “fazê-lo”) também podem receber desinências pronominais possessivas que indicam o *sujeito*; ex: **caritalya(s)** “seu fazer (-lo)”. – Substantivos que terminam em uma vogal longa, ex: **má** “mão”, encurtam essa vogal antes de um encontro consonantal; assim, o alativo plural é atestado como **mannar** (em relação à forma impossível ****mánnar**). Curiosamente, vogais longas *não* são encurtadas antes de **ry**, **ly**, **ny** e **ty**, embora essas combinações contem como encontros consonantais para fins de tonicidade. – O caso *locativo* do quenya possui a desinência **-ssë**, plural **-ssen**, e dual **-tsë** (pelo menos no caso de substantivos com formas nominativas duais em **-t**; substantivos com formas nominativas duais em **-u** podem simplesmente adicionar **-ssë**). Quando adicionadas a um substantivo que termine em uma consoante, a desinência locativa pode aparecer como **-dë** após **-l** e **-n**, e talvez como **-së** após **-s** e **-t**. (Contudo, uma consoante final também pode ser omitida antes que a desinência **-ssë** seja anexada, ou uma vogal de ligação pode ser inserida antes da desinência.) Essas desinências expressam a idéia de “em”, “sobre”, “no”; ex: **ciryassë** “sobre um navio”, **coassen** “em casas”. – As *frases relativas* do quenya podem ser formadas usando-se o pronome relativo **ya** “que, qual”. **Ya** também pode receber desinências para caso e número; cf. o locativo plural **yassen** “nas quais” ou “onde” que ocorre no *Namárië* (plural porque ele remete a uma palavra no plural). O artigo **i** “o(s), a(s)” também pode ser usado como um pronome relativo, cf. **i Eru i or ilyë mahalmar ëa tennoio**, “o Um que está acima de todos os tronos para sempre” no *Juramento de Cirion*, mas **i** aparentemente não pode receber desinências para caso e número. Em frente a um verbo, **i** pode ser usado por si só para expressar “aquele(s) que faz(em)” o que for que o verbo expresse; ex: **i carir quettar** “aqueles que formam palavras”. – As desinências pronominais para “ele” e “ela” são um tanto incertas. O material mais antigo contém verbos com as desinências **-ro** “ele” e **-rë** “ela”. Em material pós-SdA, temos uma confirmação de **-s** como uma desinência que abrange tanto “ele” como “ela”; podemos supor, então, que **-s** é uma desinência geral que abrange toda a 3ª pessoa do singular, como reta ou oblíqua. Uma suposição educada é a de que este **-s** alterna-se com a forma mais longa **-ryë** (plausivelmente extrapolada a partir da desinência possessiva **-rya** “dele/dela (seu)”), mas apenas a desinência atestada **-s** é usada nos exercícios abaixo.

VOCABULÁRIO

tatya “segundo” (O nome original do Segundo Clã dos elfos era **Tatyar**, literalmente “Segundos”, que posteriormente veio a chamar-se **Noldor** [WJ: 380-381]. Uma forma variante de **tatya** é **atya** [atestada, composta, em VT41: 10], que associa-se mais claramente ao número básico **atta** “dois”. Como será explicado na Lição 17, “segundo” foi posteriormente expresso como **attëa**, mas os estudantes também devem conhecer a forma arcaica **tatya**, e usaremos essa forma aqui.)

mar- “habitar, residir, morar”; “viver” em algum lugar no sentido de lá residir (cf. a Declaração de Elendil: **sinomë maruvan** = “neste lugar irei morar”)

ya pronome relativo “que, qual”, freqüentemente com desinências casuais; como pronome relativo, alterna-se com **i** (mas **i** aparentemente não pode receber desinências casuais)

aurë “dia” (na verdade, o período de luz do sol, e não um ciclo completo de 24 horas)

veru “casal (de cônjuges), marido e mulher” (uma antiga forma dual aparentemente carente de qualquer singular; existem apenas as palavras de gênero específico **verno** “marido” e **vessë** “esposa” a partir da mesma raiz)

má “mão”

pé “lábio”, nominativo dual **peu** (assim de acordo com VT39: 9, reproduzindo uma fonte pós-SdA. Anteriormente, na entrada **PEG** de *Etimologias*, a palavra **pé** havia sido listada como “boca” - que seria puro plágio da palavra *hebraica* para “boca”! Mas Tolkien aparentemente considerou isso com mais cuidado: no Apêndice E do SdA, a palavra em quenya para “boca” é dada como **anto**, palavra que introduzimos na Lição Onze.)

mallë “estrada, rua” (nominativo pl. **maller**, LR: 47, 56; SD: 310 - como teorizamos na Lição Dois, substantivos em **-lë** podem regularmente possuir formas plurais em **-ler** ao invés de **-li**.)

hrivë “inverno”

apa preposição “após, depois” (cf. **Apanónar** “os Nascidos-depois” como um nome élfico dos homens, os próprios elfos sendo os Primogênitos - ver o *Silmarillion*, próximo ao início do capítulo 12. VT44: 36 confirma que **apa** também aparece por si só nas notas de Tolkien.)

Hyarmen “o sul”

hyarya adjetivo “esquerdo”

NOTA: como sugerido pelas suas formas, as palavras para “sul” e “esquerda” estão intimamente relacionadas. Como explicado por Tolkien no Apêndice E do SdA, as quatro direções **Númen**, **Hyarmen**, **Rómen**, **Formen** = oeste, sul, leste e norte, eram geralmente listadas nessa ordem, “começando com e virado para o oeste” - aparentemente porque essa era a direção do Reino Abençoado. Pode não ser coincidência que as direções sejam listadas em sentido anti-horário de modo que o norte seja mencionado por último, pois na Primeira Era, quando essa convenção presumivelmente foi estabelecida, o norte era a direção da fortaleza de Morgoth (Angband ou Thangorodrim). Nosso falante imaginário, estando voltado para o oeste, teria o sul à sua esquerda, e Tolkien explicou que **Hyarmen** significa basicamente “região esquerda”. Como Tolkien também observou, esse sistema é “o oposto ao arranjo em muitos idiomas humanos”, que tendem, ao invés disso, a usar o leste (a direção do nascer-do-sol) como o ponto de partida “visualizado” pelo falante. Assim, as palavras para “sul” e “direita” podem ser associadas ou idênticas - cf., por exemplo, a palavra *hebraica yamin*.

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português (a desinência pronominal -s pode ter vários equivalentes em português):

A. Tuluvas i tatya auresse.

B. I hríressë rimbë aiwi autar marien Hyarmessë; apa i hrívë autantë Hyarmello ar tulir nórelvanna. [Aqui, Hyarmessë também poderia ser Hyarmendë.]

C. Hiritarya malta i orontissen ánë alassë lieryan, an hiritaryas carnë lierya alya.

D. Tatya hríressë ya marnes i coassë hirnes harma nu i talan.

E. Quetis lambelva, an maris nórelvassë.

F. Eques: “Cennen macil i ohtaro hyarya massë.”

G. I nér i hirnë i harma nurtuva i engwi yar ihíries samberyatsë.

H. I ambossë cenis i veru yat itíries coaryallo, ar yant ánes annarya.

2. Traduza para o quenya:

I. Ela viu um casal na rua.

J. Encontrei a mulher que vive na casa entre os rios, e observei seus lábios (*dual*) e suas mãos (*dual*); em sua mão esquerda vi um livro.

K. Vi sua (= dele) taça em suas (= dele) mãos (*dual*), a taça da qual ele verteu vinho em sua boca.

L. Aqueles que vivem nas torres às quais o homem está indo são guerreiros .

M. Beber do vinho não foi uma boa idéia, pois o que ele fez após bebê-lo não foi sábio.

N. Após nós (*excl.*) partirmos [pret. de **auta-**] de nossa (*excl.*) terra no sul, temos visto (vimos) muitos anões nas estradas.

O. As torres nas colinas são grandes; aquele que é dono [**harya** = possui] (d)a maior torre, da qual alguém [**quen**] pode ver a terra élfica [**Eldanórë**], é o homem mais rico na cidade.

P. Um povo cujo rei é sábio viverá em paz em uma terra boa, que amará profundamente.

LIÇÃO DEZESSEIS

O caso instrumental

Verbos com uma vogal não enfatizada + *-ta*

O imperativo

A fórmula *nai*

Se aceitarmos a informação fornecida na Carta Plotz como a versão definitiva de Tolkien do sistema de casos do quenya, teremos tratado até aqui de todos os casos do substantivo em quenya, com exceção de dois. Um deles é um tanto obscuro; Tolkien não forneceu informações adicionais sobre ele, não nos dizendo nem como esse caso é chamado. A desinência relevante é *-s*, plural *-is*. O padrão da Plotz sugere que esse “caso misterioso” é simplesmente uma versão alternativa mais curta do locativo: a palavra que exemplifica esse caso é listada em um parêntese abaixo da forma locativa da mesma palavra. Assim, ao invés de *coassë* “em uma casa”, plural *coassen* “em casas”, talvez se pudessem usar as formas mais curtas *coas*, pl. *coais*. Contudo, uma vez que não podemos ter completamente certeza da função desse caso, não farei exercícios que o envolvam. Por outro lado, a função do último caso do quenya que iremos discutir neste curso é relativamente bem compreendida. Estamos falando sobre:

O CASO INSTRUMENTAL

A regra na qual o caso instrumental é construído pode (para propósitos pedagógicos) ser determinada muito simplesmente: apenas adicione *-en* à forma dativa. Logo, enquanto o dativo possui a desinência *-n*, que corresponde no plural a *-in* e no dual a *-nt*, o instrumental possui as desinências *-nen*, plural *-inen*, dual *-nten*. Antes de tratarmos da função desse caso, apresentaremos mais alguns detalhes sobre as formas instrumentais como tais.

Devemos supor que a desinência instrumental básica *-nen* possa ser adicionada diretamente a substantivos que terminam em *-n* e *-r* sem criar encontros impossíveis, de modo que poderíamos ter *elennen* como a forma instrumental de *elen* “estrela”, ou *Anarnen* como a instrumental de *Anar* “sol”. (Essas formas instrumentais com certeza seriam enfatizadas na penúltima sílaba por causa dos encontros consonantais *-nn-* ou *-rn-* que sucedem a vogal dessa sílaba.) Substantivos que terminam em *-s* com radicais *-r-* (para *-z-* mais antigo) provavelmente também mostram *-rn-* no instrumental; ex: *olornen* como a forma instrumental de *olos*, *olor-* “sonho”. Substantivos em *-n* com radicais em *-m-* devem ser presumidos como

possuindo formas instrumentais em **-mnen**; ex: **talamnen** como a forma instrumental de **talan**, **talam**- “chão, assoalho”. Mas a partir desse ponto, não podemos ter certeza. Uma vez que o grupo *ln* regularmente torna-se **ld** em quenya, é possível que a forma instrumental de (digamos) **estel** “confiança, esperança” deva ser **?estelden** para **estelnen** mais antigo. De outro modo, como no caso de substantivos em **-t**, isso torna-se ainda mais difícil. Qual é a forma instrumental de um substantivo como **nat** “coisa”? Visto que ****natnen** não é uma forma possível em quenya, ela se transformaria em **?nanten** com metátese **tn > nt**, ou uma vogal de ligação (possivelmente **-e-**) se materializaria para produzir uma forma como **natenen**? No caso de substantivos com formas especiais de radicais que terminam em encontros consonantais, uma vogal de ligação *deve* ser inserida antes da desinência **-nen**; a forma instrumental de **nís** (**niss-**) “mulher” pode ser algo como **nissenen**.

Algumas vogais finais há muito perdidas de outra forma podem ser preservadas antes de desinências casuais, como quando **ambar** “destino, sina” é vista possuindo a forma instrumental **ambartanen** (o exemplo relevante é discutido mais abaixo). O radical de **ambar** pode ser dado como **ambart(a)-**: presumivelmente a palavra terminava em **-rta** em élfico primitivo, mas exceto quando protegida por desinências gramaticais, a vogal final **e** (posteriormente) o **-t** foram perdidos.

Se a desinência de plural **-inen** é adicionada a um substantivo que termina em uma das três vogais, **-a**, **-o**, ou **-u**, o **-i-** inicial da desinência funde-se com a última vogal do substantivo para formar um ditongo. Constituindo a nova penúltima sílaba, ela naturalmente atrai a ênfase. Assim, WJ: 391 possui **ómainen** como a forma instrumental plural de **óma** “voz”, a forma **ómainen** sendo enfatizada no ditongo **-ai-**. Substantivos que terminam em **-ë** podem originalmente ter se comportado de maneira similar, de modo que **lassë** “folha” possuiu certa vez a forma instrumental plural **lasseinen**, enfatizada no ditongo **ei** - mas em quenya, o **ei** mais antigo por fim tornou-se um **í** longo, e a Carta Plotz aponta para **lassinen** como a forma corrente. É claro, esse **í** longo ainda atrai a ênfase, como qualquer vogal longa que ocorra na penúltima sílaba de uma palavra. É possível que substantivos que terminem **-i**, como **tári** “rainha”, também mostrem **í** em suas formas instrumentais plurais, **tári+inen** manifestando-se como **tárinen**, uma vez que dois **i**’s curtos fundem-se em um **í** longo. Essa forma plural, **tárinen**, enfatizada no **í** na penúltima sílaba, contrastaria com o singular **tárinen**, enfatizado em **tár-**. Substantivos em **-ë** com formas de radicais em **-i** podem comportar-se de maneira similar. A forma instrumental singular do substantivo **lírë**, **líri-** “canção” é atestada no *Namárië* como **lírinen** (essa seria simplesmente **líri+nen**); talvez a forma plural fosse **lírinen** (para **líri+inen**).

Pela última vez neste curso propriamente dito, devo incomodar o estudante com a questão das formas duais: *algumas* formas instrumentais duais possuem a

desinência **-nten** como indicado pela Plotz, mas o elemento dual é obviamente o **t**, inserindo-se na desinência instrumental mais simples **-nen**. Então, a desinência **-nten** é peculiar a substantivos com formas nominativas duais em **-t**, de modo que substantivos com formas nominativas duais em **-u** adicionariam a desinência mais simples **-nen** após este **-u**? Tendo a pensar que sim; a forma instrumental de **Aldu** “Duas Árvores” seria então **Aldunen** ao invés de ?**Aldunten** (ou ?**Aldanten** ou o que seja).

Como o nome sugere, a *função* do caso instrumental é identificar o “instrumento” (em um sentido amplo) com o qual alguma ação é executada. O melhor exemplo disponível provavelmente é a expressão **i carir quettar ómainen** “aqueles que criam palavras com vozes” (WJ: 391). Essa descrição dos elfos, que envolve a forma instrumental plural de **óma** “voz”, identifica suas vozes como os “instrumentos” ou meios pelos quais eles criam palavras. Por carecer de um caso instrumental, o português frequentemente usa a preposição “com” para ele, como na tradução de Tolkien de **ómainen**: “com vozes”. Entretanto, deve-se compreender que as desinências instrumentais do quenya correspondem ao “com” português apenas onde essa preposição significa “usando” ou “por meio de” (**i carir quettar ómainen** também poderia ser traduzida “aqueles que criam palavras usando vozes”).

É muito improvável que as desinências que indicam o caso instrumental possam ser usadas para o “com” português no sentido de “junto com” (e, por favor, permitam estender-me nesse ponto por um momento, pois alguns escritores têm aplicado de maneira errônea o caso instrumental do quenya desse modo). Uma frase como “eu os vi com um elfo” dificilmente pode ser traduzida como ****cennenyet Eldanen**, pois no contexto não faz nenhum sentido, uma vez que indica que o elfo é o instrumento pelo qual “eu os vi”! Por outro lado, em uma frase como “eu os vi com meu binóculo”, seria completamente correto usar o caso instrumental para a preposição portuguesa “com”. (Infelizmente, não posso reconstruir a expressão em quenya, pois Tolkien parece não mencionar qualquer palavra élfica para “binóculo” em lugar algum: talvez os previdentes elfos simplesmente não precisassem de tais artifícios.) Em uma mensagem na lista de discussão Elfling de 18 de setembro de 2002, Kai MacTane ilustrou belamente como o significado do caso instrumental difere de “com” significando “junto com”:

Este é o “com” *instrumental* (isto é, “usar”), e não o “com” *comitativo* (isto é, “ao lado de, junto com”). Para o “com” comitativo, use a preposição **as...**

Assim, “Eu vim aqui com um elfo”: **Tullen sinomë as Elda**. (Isto é, eu recém cheguei aqui, e um elfo chegou aqui comigo.)

mas:

I ulundo palpanë i Nauco Eldanen: “O monstro espancou o anão com um elfo.” (Isto é, o monstro literalmente ergueu o elfo e usou-o para administrar uma sova no pobre anão.)

Instrumental e comitativo: duas grandes preferências que *nunca* deveriam ser confundidas.

(Fim da citação de MacTane.) As desinências instrumentais do quenya também podem ser traduzidas para o português por meio de outras preposições além de “com”. As duas formas instrumentais que ocorrem no *Namárië* Tolkien traduziu como expressões que envolvem a preposição “em”; além disso, está claro pelo contexto que o instrumental realmente não se insere na área que de outra forma é abrangida pelo locativo. A primeira forma instrumental ocorre no final do primeiro verso da canção: **Ai! laurië lantar lassi súrinen**, “ah! como ouro caem as folhas no (= em+o) vento”. Apesar da tradução de Tolkien, o contexto indica que o “vento” (**súré**, **súri-**) é visto aqui como o “instrumento” *que faz as folhas caírem*: “no vento” na verdade subentende “por meio do vento”, ou simplesmente “por causa do vento”. Esse exemplo mostra que o caso instrumental do quenya pode indicar simplesmente a *razão* pela qual alguma coisa acontece (a desinência instrumental indicando o substantivo *que faz isso acontecer*). O segundo exemplo do caso instrumental no *Namárië* é parecido, envolvendo o substantivo **lírë**, **líri-** “canção”: citando a partir da versão em prosa em RGEO, é feita referência a **Vardo... tellumar, yassen tintilar i eleni ómaryo lírinen**, isto é, “Abóbadas de Varda..., nas quais as estrelas cintilam pela canção de sua voz” (**ómaryo lírinen** = “sua voz-de-canção-pela”). De modo que a canção da voz de Varda é o *que faz as estrelas cintilarem*, e a palavra para “canção” conseqüentemente é marcada com a desinência instrumental **-nen**.

Outra desinência instrumental traduzida como “em” por Tolkien é encontrada na *Canção de Fíriel*, onde um verso diz que os Valar deram a todos os presentes de Ilúvatar **lestanen** = “em certa medida”. Aqui o substantivo instrumental nos diz algo sobre *como* a ação verbal foi realizada.

O poema *Markirya* inclui a forma instrumental plural (desinência **-inen**) da palavra **ráma** “asas”, as velas de um navio sendo poeticamente mencionadas como suas “asas”: o navio é descrito como **wilwarin wilwa... rámainen elvië**, que significa algo como “esvoaçando como uma borboleta... em asas como estrelas” (ou, “com asas como estrelas”, “por meio de asas como estrelas”). Podemos imaginar um exemplo menos poético, usando a mesma forma instrumental plural; ex: **aiwi**

vilir rámainen, “pássaros voam com (ou, usando) asas”. Ao falar de um único pássaro, poderíamos usar uma forma *instrumental dual*: **aiwë vilë rámanten**, “um pássaro voa com [um par de] asas”.

Um (na verdade, o único) exemplo de uma forma instrumental que ocorre no *Silmarillion* é particularmente interessante. Próximo ao final do capítulo 21, *De Túrin Turambar*, Níniel refere-se a seu irmão como **Turambar turun ambartanen**, “mestre do destino, pelo destino dominado”. CI: 155 indica que a leitura mais apropriada é **Turambar turún’ ambartanen**. Essa frase é peculiar por várias razões. A palavra para “destino” é aqui **ambar** com o radical **ambart(a)-**, como no nome **Turambar** “mestre do destino” e a forma instrumental é **ambartanen** “pelo destino”. Outras fontes apontam para **umbar** como a palavra para “destino, sina” (ela inclusive é mencionada no Apêndice E como o nome de uma *tengwa*). **Ambar** ocorre em outro lugar com o significado de “mundo”, como na Declaração de Elendil no SdA (onde é feita referência ao **Ambar-metta** ou “fim do mundo”), mas **ambar** “destino” coincide apenas parcialmente com esse substantivo, uma vez que a forma de radical **ambart(a)-** é distinta. Concebivelmente, a palavra “apropriada” em quenya para “destino” era **umbar**, mas a forma variante **ambar** apareceu em quenya exílico por causa da influência da palavra correspondente em sindarin (*ammarth* ou *amarth*). Devemos ter fé: talvez Tolkien explique as aparentes discrepâncias em alguma nota ainda não publicada.

Outra característica peculiar do grito de Níniel é a palavra **turun** ou mais propriamente **turún’**, traduzida “dominado”. A tradução parece indicar que esse é um particípio passivo, e a forma completa deve ser **turúna**, o -a final aqui omitido porque a palavra seguinte (**ambartanen**) começa com a mesma vogal. Essa forma **turún[a]** “dominado” deve estar relacionada com o verbo **tur-** “governar, controlar, empunhar” que introduzimos na Lição Sete. Contudo, de acordo com as regras para a formação de particípios passivos apresentadas na Lição Dez, o particípio de **tur-** deve ser **turna** (cf. **carna** “criado” como o particípio passivo atestado de **car-** “criar, fazer”) ou, com menos probabilidade, **túrina** (cf. **rácina** “partido, quebrado” como o particípio atestado de **rac-** “partido, quebrado”). A forma **turún[a]** é bem complexa. Ela pode pertencer a uma fase peculiar na evolução de Tolkien do quenya, uma experiência abandonada posteriormente. Visto que estamos lidando aqui com material publicado postumamente, nunca teremos certeza se todos os exemplos lingüísticos representam as decisões definitivas do Professor sobre como “realmente” é a gramática do quenya.

Devemos esperar que publicações futuras esclareçam a estranha forma **turún[a]**, mas se a aceitarmos como algum tipo de particípio passivo, podemos

perceber uma importante regra gramatical do grito de Níniel: após um participípio passivo, o *agente* que ocasionou a condição descrita pode ser introduzido como um substantivo no caso instrumental. Em nosso exemplo atestado, Túrin Turambar foi “dominado”, e uma vez que Níniel queria adicionar informações sobre o que “dominou” seu irmão, ela usou a forma instrumental **ambartanen** = “pelo destino”. Um exemplo menos sombrio poderia envolver, digamos, **técina** “escrito”, o participípio passivo do verbo **tec-** “escrever”: poderíamos construir uma expressão como **i parma técina i Eldanen**, “o livro escrito pelo elfo”. Após um participípio, a forma instrumental também poderia certamente assumir sua função mais básica de indicar um *instrumento*, de modo que poderíamos ter uma expressão como **técina quessenen** “escrito com uma pena [caneta]” (**quessë** = “pena”).

Devemos supor que as desinências instrumentais possam ser adicionadas ao pronome relativo **ya-** para expressar “pelo qual”, “com o qual”: singular **i cirya yanen lenden amba i sírë** “o navio *com o qual* eu subi o rio” (**amba** = “acima, para cima”), plural **i ciryar yainen...** “os navios *com os quais*...”, dual **i ciryat yanten...** “o par de navios *com os quais*...”

Embora nossos exemplos atestados envolvam outros casos, não há razão para duvidar que as desinências instrumentais também possam ser combinadas com desinências pronominais possessivas – produzindo formas como **mányanen** “com minha mão”, “usando minha mão” (**má-nya-nen** “mão-minha-com”).

Combinado com um *gerúndio* (desinência em **-ië**), o caso instrumental talvez possa expressar a idéia de “ao fazer tal coisa”; ex: **tiriénen** “ao observar” (por exemplo, em uma frase como “eu descobri ao observar”). Quando a desinência instrumental é adicionada a substantivos em **-ië**, a vogal em frente à desinência provavelmente é alongada, recebendo assim a ênfase (um padrão de ênfase um tanto estranho sendo evitado): assim, opto por **tiriénen** ao invés de **?tirianen**, que teria que ser enfatizada no segundo **i**. Não temos exemplo atestado envolvendo o caso instrumental, mas cf. **tyaliéva** de Tolkien como a forma possessiva de **tyalië** “jogo, brincadeira”. O instrumental, então, provavelmente seria **tyaliénen**. Tal alongamento vocálico – aparentemente para evitar padrões de tonicidade incômodos – também é observado em outras partes do idioma, como descobriremos na próxima seção.

VERBOS COM UMA VOGAL NÃO ENFATIZADA + **-TA**

Discutimos anteriormente quais devem ser as principais categorias de verbos do quenya. Existem alguns subgrupos menores de verbos que podem possuir suas próprias características peculiares, mas nosso conhecimento é muito limitado,

uma vez que (a ladainha da lingüística tolkieniana:) temos tão poucos exemplos. Mesmo assim, algumas observações sobre essas subcategorias podem ser feitas, e trataremos de uma delas aqui.

Em alguns dos meus exemplos e exercícios, combinei o verbo **car-** “criar, fazer” com um adjetivo; ex: exercício *C* na lição anterior: **Hiritaryas carnë lierya alya**, “achá-lo fez seu povo rico”. Devo salientar que não temos nenhum exemplo feito por Tolkien de um adjetivo sendo combinado com **car-** de tal modo, e pode ser que aqui eu esteja impondo uma expressão idiomática portuguesa ao quenya. Ora, isso pode não ser um desastre: se algum dia viermos a desenvolver uma forma utilizável de quenya, ela quase que inevitavelmente se tornaria um tanto marcada pelo uso moderno (e se os Eldar retornassem de Valinor para protestar contra o maltrato de seu idioma, essa também não seria uma coisa ruim). Mesmo assim, pode-se observar que o vocabulário do quenya inclui o que pode ser chamado de *verbos causativos derivados de adjetivos*; talvez um quenya completamente “idiomático” usasse tais formações.

Esses verbos expressam, em uma única palavra, a idéia de “fazer” um objeto possuir as propriedades descritas pelo adjetivo correspondente. O estudante já deve estar familiarizado com a desinência **-ta**, que ocorre em muitos verbos do quenya (ex: **pusta-** “parar”). Frequentemente ela é apenas uma desinência sem implicações particulares, mas ocasionalmente ela pode assumir um significado *causativo*; compare o verbo primário **tul-** “vir, chegar” com o verbo **tulta-** “invocar, convocar” (= *causar* a vinda). Adicionada a *adjetivos*, parece que essa desinência pode, de maneira similar, ser usada para produzir verbos causativos. Temos apenas alguns exemplos, mas o adjetivo **airë** “sagrado” aparentemente corresponde ao verbo **airita-** “santificar” – isto é, “*tornar sagrado*”. (O **-ë** final de **airë** “sagrado” aparece como **-i** em **airita-** porque o **-ë** de **airë** descende de **-i** no idioma primitivo, e ele mudou para **-ë** apenas quando final. Cf. a variação similar no aoristo: **silë** “brilha”, mas com um sujeito no plural, **silir** “brilham” porque, se você adicionar qualquer desinência à vogal final, ela deixa de ser final.)

A única forma do verbo **airita-** que realmente é atestada é o pretérito. Ele aparece como **airitánë** em um manuscrito não publicado de Tolkien guardado em Bodleian: de acordo com uma nota na edição 32 do jornal *Vinyar Tengwar*, novembro de 1993, pág. 7, a página em questão do manuscrito “data de cerca de 1966 e fornece muitas informações sobre os verbos do quenya. Ela será publicada em uma edição futura do *Vinyar Tengwar*”. Dez anos e doze *Vinyar Tengwar*s depois, infelizmente ainda estamos esperando para ver esse documento aparentemente muito interessante – mas pelo menos VT32 citou o pretérito **airitánë**. Ele obviamente inclui a conhecida desinência de pretérito **-në**, mas deve-

se observar que a vogal da desinência *-ta-* é aqui alongada quando a desinência de pretérito é adicionada. Desse modo, a agora longa sílaba *-tá-* atrai a ênfase. ***Airitanë* sem alongamento teria assim um padrão estranho de ênfase (ênfaticada em *-rit-*), e talvez seja por essa razão que o alongamento ocorre. Isso também pode implicar que, se alguma desinência adicional for adicionada após *-në* de modo que a ênfase não venha a recair sobre *-rit-*, o alongamento de *-ta-* pode não ocorrer: talvez, digamos, “nós santificamos” seja *airitanelvë* ao invés de *?airitánelvë*, uma vez que a ênfase deve aqui recair sobre *-ne-*, e *-ta-* não recebe nenhuma ênfase. Alguns acreditam que o quenya não pode ter uma vogal longa em uma sílaba completamente sem ênfase, a menos que essa sílaba também seja a primeira de uma palavra.

Qualquer que seja o caso, aparentemente podemos deduzir esta regra: enquanto a forma de pretérito de tal verbo (isto é, um verbo com uma vogal não ênfaticada na frente da desinência verbal *-ta*) não receber quaisquer desinências adicionais que possam deslocar a ênfase, a desinência *-ta* será alongada para *-tá-* quando a desinência de pretérito *-në* for adicionada depois dela; assim, temos *airitánë* como o pret. de *airita-*. É claro, nem todas as desinências que podem ser sufixadas a *-në* possuem o poder de deslocar a ênfase, e então o alongamento de *-tá-* deve permanecer para evitar que o acento tônico recaia em um lugar indevido: *airitáner* “santificados” (com um sujeito no plural), *airitánes* “ele(a) santificou”, *airitánen* “eu santifiquei”. Mas essa última muito possivelmente deve ser *airitanenyë* sem alongamento de *-tá-* se você usar a forma mais longa da desinência para “eu” - de modo que a ênfase move-se para *-ne-*, e *-ta-* torna-se uma sílaba completamente sem ênfase.

Em *Etimologias*, Tolkien listou pelo menos mais um verbo que parece pertencer a essa classe. A entrada *NIK-W-* fornece o verbo *ninquitá-* “embranquecer”, isto é, “tornar branco”, derivado do adjetivo “branco”: *ninquë* (radical *ninqui-*; a forma primitiva é dada como *ninkwi*). Ao escrever *ninquitá-*, Tolkien obviamente sugeriu que a vogal final é freqüentemente longa, e podemos assumir com segurança que o pretérito é *ninquitánë*.

NOTA: na entrada *NIK-W-*, Tolkien também listou o verbo *ninquita-* “brilhar brancamente” que provavelmente se flexionaria de outra forma: talvez o pretérito fosse *?ninqintë* com infixação nasal (permita-me afirmar claramente que isso é especulação!). No aoristo, os dois verbos provavelmente devem coincidir como *ninquita*, com o contexto determinando se esse deve ser interpretado “embranquece” ou “brilha brancamente”.

Podemos ser capazes de dizer mais uma coisa sobre essa classe de verbos: como o particípio passivo (ou “passado”) é formado. Porém, as evidências estão amplamente dispersas.

Em *As Casas da Cura*, capítulo 8 do Livro Cinco d’*O Retorno do Rei*, Tolkien fez Aragorn dizer que “na língua nobre de antigamente sou *Elessar*, a

Pedra Élfica, e *Envinyatar*, o Renovador”. O título em quenya **Envinyatar** = “Renovador” é interessante. Quanto ao -r final visto aqui, essa desinência pode ser adicionada a verbos (radicais A) do quenya com o mesmo significado da desinência agentiva portuguesa -dor, de modo que **Envinyatar** “Renovador” aponta para um verbo que o fundamenta: **envinyata-** “renovar”. O prefixo **en-** significa “re-”, e **vinya** é o adjetivo quenya “novo”, de forma que aparentemente estamos olhando para outro verbo derivado de um adjetivo por meio da desinência -ta.

Interessantemente, o que pode ser visto como o particípio passivo desse verbo **envinyata-** “renovar” é atestado em MR: 405, na expressão **Arda Envinyanta**. Tolkien traduziu-a como “Arda Curada” (a referência é a um mundo futuro curado das conseqüências do mal de Morgoth). Comparando-a com o título de Aragorn, **Envinyatar** = “Renovador”, podemos dizer que **Arda Envinyanta** significa mais literalmente “Arda Renovada”. Deve-se observar como o particípio passivo é formado: pela *infixação nasal* inserindo-se antes do **t** da desinência -ta do verbo **envinyata-**. A forma resultante **envinyanta** difere dos particípios passivos de verbos “normais” em -ta, que parecem possuir particípios em -taina. (Compare com **hastaina** “desfigurada” do mesmo texto que fornece o exemplo **Arda Envinyanta** “Arda Curada”: **Arda Hastaina** ou “Arda Desfigurada” era o mundo como ele realmente apareceu, desfigurado por Morgoth. Ver MR: 405, cf. 408, nota 14. É importante notar que esses tipos divergentes de particípios ocorrem no mesmo texto-fonte, permitindo-nos saber com certeza que as diferentes formações pertencem à mesma versão de quenya: de outro modo, seria tentador dispensar algumas das formações como meramente representantes de um certo estágio na evolução de Tolkien do idioma – idéias abandonadas por ele posteriormente.)

Se **envinyata-** “renovar” possui o particípio passivo **envinyanta**, podemos supor de forma plausível que o part. pass. de **airita-** “santificar” é de modo similar formado por meio de infixação nasal: **airinta** “santificado” (ao invés de ?**airitaina**, embora essa forma talvez também seja aceitável). E se **airita-** possui a forma de pretérito **airitánë** com alongamento de -ta- para -tá-, provavelmente podemos assumir que **envinyata-** “renovar” torna-se **envinyatánë** no pretérito. De forma parecida, se **ninquitá-** é o verbo “embranquecer”, com o pretérito **ninquitánë**, o particípio “embranquecido” bem pode ser **ninquinta**. (As formas **envinyanta**, **airinta** e **ninquinta** com certeza concordariam em número como adjetivos em -a, modificando essa vogal final para -ë no plural.)

Temos mencionado muito todos os poucos verbos conhecidos que podem experimentalmente ser designados a essa subclasse. Não há evidência direta de como eles se comportariam em outras formas que não as de pretérito e de particípio passivo. (Quanto ao particípio *ativo* em -la, podemos quase que com certeza ver o

mesmo alongamento da desinência **-ta** como observamos antes da desinência de pretérito **-në**: assim, **airitála** “santificante”, **envinyatála** “renovante”. Novamente, a “motivação” para alongar a vogal de **-ta** seria alcançar os padrões de ênfase eufônicos.)

É certamente difícil saber até que ponto deveríamos sentir-nos livres para produzir nós mesmos novos verbos em quenya ao adicionar-se **-ta** a adjetivos (lembrando que adjetivos em **-ë** mudam essa vogal para **-i-** antes de desinências, como em **airita-** “santificar” a partir de **airë** “sagrado”). Para retornar à frase com a qual começamos, **hiritaryas carnë lierya alya** “achá-lo fez seu povo rico”, quem sabe ela pudesse ser melhor expressa como **hiritaryas alyatánë lierya**? Assumimos então que o adjetivo **alya-** pode ser usado como a base para o verbo **alyata-** “tornar rico” ou “enriquecer”, com o pretérito **alyatánë** (e particípio passivo **alyanta**). Nessa como em outras questões, as pessoas que desejam escrever em quenya encaram uma difícil escolha: devemos tentar fazer o idioma funcionar usando somente as palavras que o próprio Tolkien forneceu, introduzindo expressões idiomáticas ou longas circunlocuções não atestadas onde sejam necessárias para contornar as lacunas no vocabulário criado por Tolkien? Ou devemos sentir-nos livres para produzir novas palavras a partir dos elementos tolkienianos ao adicionar-se os princípios do Professor até onde os compreendemos, algo que pode ser visto como uma diluição da produção lingüística real de Tolkien com elementos “falsos” (embora habilmente construídos)? Certa criatividade pós-Tolkien inquestionavelmente deve ser permitida se formos desenvolver o quenya em um idioma utilizável, mas não há respostas fáceis aqui.

O IMPERATIVO

O *imperativo* é a forma do verbo usada para expressar comandos ou pedidos. Em português, os imperativos freqüentemente são precedidos pela expressão “por favor” para torná-los mais polidos, mas deve-se compreender que uma forma imperativa como tal não deve ser necessariamente vista como uma *ordem* brusca. Na tradução de Tolkien do Pai Nosso, ocorrem vários imperativos, e uma oração como “livrai-nos do mal” certamente é apenas isso – uma oração, e não uma tentativa de mandar em Deus.

De acordo com Tolkien, o idioma élfico primitivo possuía uma *partícula imperativa* que podia ser usada em união com um radical verbal para indicar que esse devia ser considerado como um imperativo. A partícula possuía a forma *â*, e ela era “originalmente independente e variava de lugar” (WJ: 365). Algumas vezes ela era colocada *após* o radical, e em tais casos ela resultou na desinência **-a** em quenya. WJ: 364 menciona uma “exclamação imperativa” **heca!**, que significa

“suma!” ou “fique de lado!” - e na página seguinte, é sugerido que ela vem da expressão primitiva *hek(e) â*. Há também a exclamação primitiva *el-â*, “vejam!”, “olhem!”, que se acredita ser a primeira coisa que os elfos disseram ao acordar em Cuiviënen e vislumbrar primeiramente as estrelas (WJ: 360). Em quenya, essa palavra resultou em **ela**! Era “uma exclamação imperativa que direcionava a visão para um objeto realmente visível” (WJ: 362).

Se formos guiados por exemplos como **heca** e **ela**, teríamos que concluir que, pelo menos no caso de verbos primários, os imperativos podem ser formados ao adicionar-se *-a* ao radical verbal. Por exemplo, **tir-** “observar” teria o imperativo **tira!** “observe!”, representando *tir-â* ou *tir(i) â* primitivos. A forma sindarin correspondente *tiro!* é atestada. (Note que o imperativo **tira** “observe!” seria distinto da forma presente/contínua **tíra** “está observando”, uma vez que na última forma a vogal raiz é alongada.) Esse pode ser um modo de construir imperativos no quenya, mas também é possível que exclamações como **heca** e **ela** sejam consideradas formas “fossilizadas” que descendem dos estágios mais primitivos de élfico.

Quanto ao típico modo “moderno” de formar-se imperativos, há algumas evidências de que uma descendente da partícula original *â* ainda era tratada como uma palavra independente: ela era colocada *na frente do* radical verbal ao invés de ser sufixada como uma desinência. No próprio SdA um exemplo é fornecido pelo Louvor de Cormallen, a multidão saudando Frodo e Sam com as palavras **a laita te... Cormacolindor, a laita tárienna!** “Abençoi-os... Os Portadores do Anel, abençoi-os (ou louvai-os) às alturas” (traduzido em *Letters*: 308). Note como o radical verbal **laita-** “abençoar, louvar” é aqui precedido pela partícula imperativa **a** para formar a expressão imperativa **a laita!** “abençoi!” ou “louvai!”. A partícula **a** também aparece na forma longa *á*, a partir diretamente da *â* primitiva, como na exclamação **á vala Manwë!** “que Manwë ordene!” (WJ: 404). Aqui o verbo **vala-** “governar” (a origem do substantivo **Valar** e em uso posterior referindo-se, portanto, apenas a poder “divino”) é combinado com a partícula imperativa *á*: o significado literal de **á vala Manwë!** é claramente algo como “governe, Manwë!”, se fizermos um esforço para traduzir *á* como uma palavra separada. Casualmente, esse exemplo demonstra que o sujeito do imperativo (aquele que deve executar a “ordem” ou pedido) pode ser explicitamente mencionado após a expressão imperativa propriamente dita.

Há alguma razão para a partícula de imperativo aparecer na forma curta **a** em **a laita**, mas na forma longa *á* em **á vala**? Foi sugerido que *á* é encurtada para **a** sempre que ela ocorrer em frente a uma *sílabo longa* (como **lai-**, por causa do ditongo **ai**), mas não temos certeza. Talvez *á* vs. **a** seja apenas um exemplo de variação aleatória: sendo presumivelmente não enfatizada, a partícula poderia tender a ser encurtada se os falantes não a enunciassem com cuidado (a multidão

empolgada em Cormallen, saudando os hobbits que haviam salvado o mundo, possivelmente o fez). Eu geralmente preferiria a forma longa *á*, evitando confusão com a como uma partícula de *vocativa*, isto é, de *direcionamento a alguém*, como o “o” português (como na saudação de Barbárvore a Celeborn e Galadriel: *a vanimar* = “ó seres belos”, Letters: 308). Por exemplo, uma vez que o verbo “ir” é *lelya-*, o imperativo “vá!” seria *á lelya!*

A partícula imperativa *á* também pode ser combinada com a negação *vá* para formar a palavra *áva*, usada em comandos *negativos*: *áva carë!* “*não* faça [isto]!” (WJ: 371). Esse exemplo também revela como verbos *primários* comportam-se em expressões imperativas: eles aparecem com a desinência -ë, assim como o fazem quando são usados como infinitivos (e como formas aoristas sem desinência). Assim, a partir de um verbo primário como *tir-* “observar”, provavelmente podemos formar uma ordem como *á tirë!* “observe!” - negativa *áva tirë!* “não observe!”

A FÓRMULA *NAI*

Se alguém não quiser emitir uma *ordem* (mesmo polida), mas simplesmente expressar um *desejo* de que algo seja feito ou aconteça, o quenya possui uma “fórmula de desejo” especial para isso.

Próximo ao final do *Namárië*, encontramos estes versos: *Nai hiruvalyë Valimar! Nai elyë hiruva!* No SdA, isso é traduzido “talvez hajas de encontrar Valimar! Talvez tu mesmo hajas de encontrá-la!”. A palavra *nai* é aqui traduzida para o português como “talvez” mas, em outro lugar, Tolkien indicou que essa palavra em quenya não implica simplesmente que algo é *possível*. Ele observou que *nai* “expressa preferencialmente um desejo ao invés de uma esperança, e seria mais fielmente traduzida como ‘possa ser que’ (tu hajas de encontrar), ao invés de ‘talvez’”. (RGeo: 68) Podemos perguntar-nos por que ele usou a tradução “equivocada” *talvez* em primeiro lugar; possivelmente há alguns “desenvolvimentos conceituais” envolvidos aqui (isto é, Tolkien mudou de opinião sobre o significado preciso de um texto em quenya que ele já havia publicado). Em todo caso, sua decisão final sobre o significado da expressão *nai hiruvalyë Valimar* foi a de que ela deve ser interpretada como “*seja que* tu hajas de encontrar Valimar” ou “*que* tu encontres Valimar”. *Nai elyë hiruva* da mesma forma significa “*seja que* tu mesmo hajas de encontrá-la”. (A palavra *elyë* “tu mesmo”, que ocorre aqui como um pronome independente enfático, corresponde à desinência -lyë “tu, você”, enquanto que *Valimar* aparece aqui como uma alternativa para *Valinor*: Galadriel, ao cantar o *Namárië*, expressa assim um desejo de que Frodo venha eventualmente a “encontrar” ou chegar ao Reino Abençoado - e como lembramos, tanto ele como a própria Galadriel passaram sobre o Mar no final.)

Temos mais uma atestação da fórmula de desejo **nai**. Ela ocorre no *Juramento de Cirion*, com Cirion expressando um desejo de que os Valar guardem o juramento: **nai tiruvantes**, “seja que eles o guardem [/o velem]”. Tolkien observou que esse é o equivalente de “que eles o guardem” (CI: 340, 498).

Quanto ao significado básico da própria palavra **nai**, Tolkien indicou que ele é literalmente “seja que”: ele produziu **nai** em quenya a partir de *nâ-i* mais primitiva (RGEO: 68). A parte *nâ* parece ser o elemento que significa “seja!”, sem dúvida intimamente relacionado com o verbo de ligação em quenya **ná** “é”, ele próprio uma forma do verbo “ser/estar”. O *i* final deve ser o elemento correspondente ao “que” de “seja que”, e esse *i* certamente pretende estar relacionado ao artigo **i** “o(s), a(s)” do quenya.

Qualquer que seja a origem precisa ou o significado básico de **nai**, ela é uma palavra útil que aparentemente pode ser colocada na frente de qualquer frase que inclua um verbo no futuro, transformando uma simples afirmação sobre o futuro em um *desejo* sobre o que o futuro pode trazer:

Elda tuluva coalvanna. “Um elfo virá à nossa casa.” > **Nai Elda tuluva coalvanna!** “Possa um elfo vir à nossa casa!” = “Desejo que um elfo venha à nossa casa!” ou “Que um elfo venha à nossa casa!”

Hiruvan i malta. “Encontrarei o ouro.” > **Nai hiruvan i malta!** “Possa eu encontrar o ouro!” = “Desejo encontrar o ouro!” ou “Que eu encontre o ouro!”

Caruvantes. “Eles farão isto.” > **Nai caruvantes!** “Possam eles fazê-lo!” = “Desejo que eles façam-no!” ou “Que eles façam-no!”

Em *A Sociedade do Anel* de Peter Jackson, pode-se ouvir Saruman pronunciando um exemplo da fórmula **nai** na cena onde ele fica no topo de Orthanc recitando invocações para causar uma avalanche sobre a Sociedade. Ele grita para a montanha: **Nai yarvaxëa rasselya taltuva notto-carinnar!** = “Desejo que seu chifre manchado de sangue desmorone sobre as cabeças inimigas!” (O ator interrompe antes de **taltuva** “desmoronará”; Christopher Lee, representando Saruman, pode não ter compreendido que ele estava pronunciando uma única frase, e não duas).

Em nossos exemplos atestados, **nai** é combinada com o tempo futuro, mas uma vez que temos apenas três exemplos, certamente não pode-se rejeitar a possibilidade de **nai** também ser usada em conjunção com outros tempos. (Pode-se ainda dizer que temos apenas *dois* exemplos, o *Juramento de Cirion* + o *Namárië*, visto que os dois exemplos da fórmula **nai** próximos ao final do *Namárië* são muito parecidos.) Talvez **nai** também possa descrever a esperança do falante de

que um certo desejo já esteja sendo realizado, ou que foi realizado no passado – o falante não sabendo ainda se o desejo tornou-se real ou não. Assim sendo, poderíamos ter construções como **nai tíras** “possa ele(a) estar observando” = “espero que ele(a) esteja observando” (com o tempo presente ou contínuo de **tir-** “observar”), **nai hirntentes!** “possam eles ter encontrado-o” = “espero que eles tenham encontrado-o” (com o pretérito de **hir-** “encontrar”), ou **nai utúlies** “possa ele(a) ter vindo” = “espero que ele(a) tenha vindo” (com o tempo perfeito de **tul-** “vir”). Contudo, nos exercícios abaixo, **nai** é apenas combinada com o tempo futuro - como em nossos exemplos atestados.

SUMÁRIO DA LIÇÃO DEZESSEIS: o caso *instrumental* possui a desinência básica **-nen**, plural **-inen**, dual **-nten** (pelo menos no caso de substantivos com formas nominativas duais em **-t**; substantivos com formas duais em **-u** podem apenas adicionar a desinência mais simples **-nen** a essa vogal). A desinência instrumental é adicionada a substantivos que indicam o “instrumento” ou meio pelo qual alguma ação é feita ou completada, como quando os elfos são descritos criando palavras **ómainen** = “com vozes” (**óma** “voz”). A desinência instrumental pode corresponder às preposições portuguesas “com” ou “por, pelo” quando essas palavras significarem “uso”, “por meio de”. Algumas vezes a desinência instrumental pode indicar um substantivo que simplesmente mostra *o que faz algo acontecer*, como quando o primeiro verso do *Namárië* diz que folhas caem **súrinen** = “ao vento”, isto é, por causa do vento. Após um particípio passivo, um substantivo no caso instrumental pode indicar quem ou o que ocasionou a situação descrita, como quando Túrin é descrito como **turún’ ambartanen**, “dominado pelo destino”. – Verbos que incluem uma vogal não enfatizada + a desinência **-ta** parecem possuir formas de pretérito em **-tánë** (note o **á** longo) e particípios passivos em **-nta**. Exemplos atestados incluem **airitánë**, pretérito de **airita-** “santificar”, e **envinyanta**, particípio passivo de **envinyata-** “renovar, curar”. Esses verbos são formações *causativas* derivadas de adjetivos por meio da desinência **-ta**, como **airë** (**airi-**) “sagrado” é a base do verbo causativo **airita-** “tornar sagrado” = “santificar”. – Os *imperativos* do quenya são indicados pela partícula **á** (variante **a**, negativa **áva** “não”), que é colocada na frente do radical verbal: **a laita** = “louvai!”, **á vala** “governe!”. Nesse contexto gramatical, o radical de verbos primários assume a desinência **-ë**, como na ordem de negação **áva carë** “não faça [isto]!”. Algumas formas (antigas, fossilizadas?) imperativas são vistas substituindo a partícula imperativa independente **á** ou **a** pela *desinência* correspondente **-a** (**ela** “veja!”, “contemple!”, **heca!** “suma!”) - A palavra **nai**, que significa “seja que...”, pode ser colocada no início de uma frase para expressar um *desejo*: **nai tiruvantes** “possam eles guardá-lo” ou

“que eles o guardem” (cf. **tiruvantes** “eles o guardarão/o observarão”). Em nossos exemplos atestados, **nai** é colocada na frente de frases que incluem um verbo no futuro; não se sabe se **nai** pode ser combinada com outros tempos verbais.

VOCABULÁRIO

nelya “terceiro” (O nome original do Terceiro Clã de elfos era **Nelyar**, literalmente “Terceiros”, que posteriormente veio a chamar-se **Lindar** ou **Teleri** [WJ: 380, 382].)

á partícula imperativa (variante **a**, mas usaremos **á** aqui)

áva “não!” (isto é, a partícula imperativa combinada com uma negação. Também na forma **avá**, a única palavra do quenya de duas sílabas atestada que definitivamente sabemos ser enfatizada na *última* sílaba [WJ: 371] - mas usaremos **áva** aqui.)

rac- “quebrar, partir”

envinyata- “renovar”

airita- “santificar”

harna- “ferir” (e o particípio passivo evidentemente também é **harna**, definido como “ferido” na entrada *SKAR* em *Etimologias*. A formação adjetiva ou participial **harna** “ferido” é o derivado primário da raiz original; eventualmente **harna-** também veio a ser usado como o radical verbal “ferir”. É claro, se essa palavra fosse como um radical A regular, o particípio passivo deveria ser então ***harnaina**. Mas a desinência **-ina** é apenas uma variante mais longa da desinência **-na** que está presente desde o início, e dificilmente seria necessário sufixá-la duas vezes à mesma palavra.)

namba “martelo”

ehtë “lança”

yána “local sagrado, santuário”

nilmë “amizade”

Rómen “o leste” (o **ró-** inicial está estritamente relacionado ao **or-** do verbo **orta-** “erguer, levantar”, uma vez que o sol levanta-se no leste.)

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português:

A. Utúlies Rómello ninquë rocconen.

B. I nér harnanë i rá ehtenen, ar eques: “Áva matë yondonya!”

C. Quentelmë i Eldanna: “Nilmelva ná envinyanta annalyanen!”

D. I nelya auressë quentes i vendenna: “Á carë ya merilyë!”

E. Quen umë polë hirë harma nurtaina Naucoinen, an Nauco melë núravë i malta ya haryas.

F I nér ná harna rassenten i lamno; nai úvas firë!

G. Lindëas alassenen.

H. Á lelya i ostonna ar á quetë i taura tárinna: “Nai varyuvalyë nórelva i úmië ohtarillon!”

2. Traduza para o quenya (usando consistentemente a partícula imperativa independente ao invés da desinência -a, que possivelmente só ocorre em formas fossilizadas):

I. Ele disse ao anão: “Quebre a taça com um martelo!”

J. De (= pelo) navio eu parti [pretérito de **auta-**] para uma terra remota no leste.

K. A cidade é protegida por grandes muralhas, e guerreiros que lutam com lanças não podem partir as muralhas.

L. Calandil disse ao seu filho ferido: “Não morra!”

M. Que sua rainha encontre o santuário santificado pelos elfos!

N. O rei e a rainha foram à minha casa e renovaram nossa (*excl.*) amizade com grandes presentes.

O. Ela agarra o menino com suas mãos (*dual*), e ela diz: “Não vá ao rio!”

P. A mulher que vive (/mora) na terceira casa na rua disse ao elfo: “Observe os homens que estão vindo do santuário que você vê na colina, aqueles que vão para o leste.”

LIÇÃO DEZESSETE

Os demonstrativos: *sina*, *tan(y)a*, *enta* e *yana*

Declinando a “última palavra declinável”

Substantivos radicais *U*

Números ordinais em *-ëa*

DEMONSTRATIVOS DO QUENYA

“Demonstrativos” são palavras como os pronomes portugueses *este* ou *aquele*, com as formas plurais correspondentes *estes* e *aqueles*. Assim, temos um significado mais forte do que o dos simples artigos *o(s)*, *a(s)* (apesar de que, nos idiomas do mundo, muitos artigos definidos descendem de demonstrativos mais antigos que com o uso tiveram seus significados diluídos). Os demonstrativos podem ser usados junto com substantivos, produzindo expressões como “esta casa” ou “aquele homem”.

No quenya no estilo do SdA, temos apenas um demonstrativo atestado em um texto concreto: o Juramento de Cirion começa com as palavras **vanda sina**, traduzidas “este juramento”. A ordem das palavras em quenya na verdade é “juramento este”, **sina** sendo a palavra para “este”: a raiz *SI-* tem a ver com a posição *atual* no tempo ou espaço (cf. palavras como **sí** “agora” ou **sinomë** “neste lugar” = “aqui”, a última vindo da Declaração de Elendil no SdA).

Uma palavra para “aquele” aparece como **tanya** em um antigo texto em “qenya” publicado em MC: 215, que possui **tanya wende** para “aquela donzela”. Aqui, a ordem das palavras está no “estilo do português”, com o demonstrativo primeiro e o substantivo que ele qualifica sucedendo-o – o oposto da ordem de palavras vista no Juramento de Cirion. Quem sabe a ordem das palavras seja livre, de modo que **vanda sina** também poderia ser **sina vanda** – e, da mesma forma, **tanya wende** também poderia ser **wende tanya**? Seja como for, não podemos ter certeza absoluta de que a palavra **tanya** ainda é válida no quenya no estilo do SdA. *Etimologias* lista *TA* como o “radical demonstrativo élfico ‘aquele’”, e a palavra real em quenya para “aquele” é dada como **tana**. Uma vez que essa forma parece-se com uma contraparte perfeita para **sina** “este”, usaremos aqui **tana** ao invés de **tanya** como a palavra para “aquele” (embora também seja possível que a forma “qenya” **tanya** tenha sobrevivido nos estágios tardios da concepção de Tolkien). Assim, supondo que **vanda sina** é “este juramento”, devemos assumir que “aquele juramento” seria **vanda tana**. Talvez devêssemos atualizar a expressão em “qenya”

tanya vende “aquela donzela” para o quenya no estilo do SdA **wendë tana** (ou **wendë tana**, com a forma mais antiga ou arcaica de grafia para a palavra “donzela”). Então implementamos também a ordem de palavras vista no Juramento de Cirion, com o demonstrativo *sucedendo* ao invés de preceder o substantivo ao qual está ligado: na entrada **TA** no Etim, Tolkien na verdade descreveu **tana** como uma palavra *anafórica* para “aquele”, significando que ela remete a algo já mencionado.

Entretanto, **sina** “este” e **tan(y)a** “aquele” não são os únicos demonstrativos do quenya conhecidos. Embora não realmente observados em quaisquer textos em quenya, outros demonstrativos são mencionados nas notas de Tolkien. Outra palavra para “aquele” é **enta**, mencionada na entrada **EN** em *Etimologias* e lá descrita como um adjetivo que significa “aquele lá”. A própria raiz **EN** é dita ser um “elemento ou prefixo = lá, acolá”. Ainda deixando o demonstrativo suceder o substantivo com o qual está ligado, talvez possamos construir uma expressão como **coa enta**, que expressa “aquela casa” no sentido de “aquela casa lá”.

Pode ser que Tolkien tenha pretendido que o quenya distinguisse três graus de proximidade ou distância, como o fazem certos idiomas de nosso próprio mundo. O português distingue três pessoas, “este”, “esse” e “aquele”: simplificando drasticamente, podemos dizer que “este” refere-se a algo próximo da pessoa que fala; “esse” refere-se a algo afastado da pessoa que fala, mas próximo da pessoa que ouve; enquanto que “aquele” refere-se a algo afastado tanto da pessoa que fala como da que ouve. Seria possível que, em quenya, **tana** seja uma palavra para “esse” que se refere a algo perto da pessoa que ouve, enquanto **enta** refere-se a algo que está distante *tanto* do falante como do ouvinte? Atualmente, há pouco ou nenhuma evidência para sustentar tal teoria, mas pelo menos podemos ter certeza de que a palavra **enta** indica claramente a idéia de “lá”, “aquele lá”, de algo separado do falante por uma *distância física*. Pode-se observar que uma palavra em sindarin para “lá”, chamada *ennas* (SD: 129 cf. 128), é compreendida como representando uma forma locativa mais antiga que poderia corresponder à palavra em quenya **entassë** = “naquele [lugar]”. (Talvez **tana** seja simplesmente uma palavra mais geral para “aquele”, concentrando-se meramente na identidade distinta de alguém ou algo: “*aquele*” em oposição a qualquer outro.)

Uma outra palavra para “aquele” é **yana**, mencionada na entrada **YA** no Etim: após a palavra “aquele”, Tolkien adicionou uma especificação parentética: “(o anterior)”. Talvez **aran yana** signifique “aquele rei” com a implicação de que estamos falando sobre um rei anterior, agora morto ou pelo menos que não esteja mais governando. Pode haver contrastes interessantes entre **yana** e **enta** como palavras para “aquele”: em *Etimologias*, Tolkien observou que a raiz **YA** significa “lá; antigamente, anteriormente”. Ele adicionou que **EN**, a raiz que produz **enta**,

significa “de um tempo que aponta para o futuro”. Assim, “aquele dia” pode ser traduzido como **aurë enta** se estivermos falando sobre algum dia *futuro*, que ainda não chegou, enquanto que **aurë yana** é “aquele dia” com referência a algum dia no *passado*. (Uma expressão “neutra”, sem implicações especiais, pode ser **aurë tana**.)

Quanto aos demonstrativos *plurais*, como “estes” e “aqueles” do português, não temos formas atestadas em quenya. Ainda assim, as palavras **sina** “este” e **tana, yana** “aquele” se parecem com adjetivos por suas formas (-*na* sendo uma desinência adjetiva ou participial), e **enta** “aquele lá” Tolkien identificou explicitamente como um adjetivo (Etim, entrada *EN*). Logo, com toda probabilidade, podemos flexionar todas essas palavras como adjetivos, e podemos então produzir suas formas plurais simplesmente ao mudarmos o -*a* final para -*ë*:

vanda sina “este juramento” / **vandar sinë** “estes juramentos”
nís tana “aquela mulher” / **nissi tanë** “aquelas mulheres”
coa enta “aquela casa [lá]” / **coar entë** “aquelas casas”
aurë yana “aquele dia [no passado]” / **auri yanë** “aqueles dias”

Como no caso de adjetivos normais com a desinência -*a*, as formas plurais em -*ë* representariam formas arcaicas em -*ai* (**vandar sinai** etc.) Evidências indiretas confirmam que os demonstrativos podiam receber a desinência de plural -*i* em élfico mais antigo: no SdA, na inscrição do Portão de Moria, ocorre a expressão sindarin *i thiw hin*, traduzida “estas runas”. Tolkien teria pretendido que isto representasse algo como *in teñwài sinài* em um estágio mais antigo - e em quenya, um antigo demonstrativo plural *sinài* “estes” primeiro se tornaria **sinai**, e depois **sinë**.

Não está claro se os demonstrativos tratados acima podem ocorrer por si mesmos, independentemente, e não apenas junto com substantivos. Podemos usar **sina** para “este” em uma frase como “esta é uma boa casa”? (E se precisássemos da forma plural “estas”, deveríamos flexionar **sina** como um *substantivo* quando ocorresse por si mesma, de modo que o plural seria **sinar** ao invés de **sinë**?) Em PM: 401, temos a frase **sin quentë Quendingoldo**. Tolkien não forneceu uma tradução, mas isso deve significar tanto “isto Quendingoldo disse” ou “assim falou Quendingoldo”. A última interpretação tem **sin** como o advérbio “assim”, mas se **sin** significa “isto”, ela seria o que chamaríamos de *pronomes demonstrativos* – correspondendo a **sina**, essa última sendo, entretanto, um adjetivo que ocorre apenas junto com um substantivo. Por essa interpretação, seria **sin**, ao invés de **sina**, que deveríamos usar em frases como “esta é uma boa casa” ou “eu vi isto”. (E

então a palavra independente para “estes” deveria ser algo como **sini**?) Quanto aos outros demonstrativos, temos **ta** como uma forma “independente” de “aquele”, que corresponde ao adjetivo **tana** (ver Etim, entrada *TA*). Pouco ou nada se sabe de outras formas “independentes”, e nos exercícios abaixo, nos concentraremos nos demonstrativos adjetivos **sina**, **tana**, **enta** e **yana**, usados junto aos substantivos.

DECLINANDO A “ÚLTIMA PALAVRA DECLINÁVEL”

Agora que apresentamos todos os casos do quenya, podemos mostrar também que as várias desinências não são sempre anexadas ao substantivo ao qual elas “pertencem” logicamente. Quando esse substantivo for parte de uma expressão mais longa, como quando o substantivo é seguido por um adjetivo atributivo que o descreve, a desinência casual também pode ser adicionada à *última* palavra da expressão.

O Juramento de Cirion fornece o exemplo clássico. Ele inclui uma referência a **Elendil Voronda**, “Elendil, o Fiel”, **voronda** sendo um adjetivo em quenya que significa “leal, fiel”. Tolkien escreveu: “Adjetivos usados como um ‘título’ ou como freqüente atributo de um nome, são colocados após o nome”. (CI: 497; como mostramos anteriormente, o quenya difere aqui do português por *não* inserir um artigo definido entre o nome e o adjetivo - assim, não sendo **Elendil i Voronda**, pelo menos não necessariamente).

No Juramento de Cirion, a expressão de nome-e-título **Elendil Voronda** aparece no caso genitivo: o Juramento inclui as palavras **Elendil Vorondo voronwë**, “a fé de Elendil, o Fiel”. Note que a desinência genitiva **-o**, que sublinhamos, é adicionada ao *adjetivo* **voronda** (normalmente omitindo o **-a** final) ao invés do *substantivo* Elendil. De certo modo, o adjetivo que sucede o substantivo é tratado como uma extensão do nome próprio, e assim a desinência casual é adicionada no final da expressão inteira. Tolkien comentou a construção **Elendil Vorondo**: “como é costumeiro em quenya no caso de dois nomes contíguos declináveis, apenas o último é declinado” (CI: 497). **Voronda** “fiel” é aqui contíguo a “Elendil” como um “nome” ou título adicional, e apenas o último “nome” é declinado (flexionado para o caso).

Esse princípio funcionaria com todos os diversos casos. O alativo de **Elendil**, quando o nome ocorre sozinho, é atestado como **Elendilenna** “a Elendil” (PM: 401), mas “a Elendil, o Fiel” aparentemente seria **Elendil Vorondanna**, a última palavra da expressão recebendo a desinência casual.

Quando um nome próprio seguido por algum epíteto (como **Voronda** nesse caso) estiver em questão, o sistema de adicionar quaisquer desinências casuais à *última* palavra da expressão pode ser mais ou menos universal. Mesmo substantivos comuns, e não apenas nomes próprios, também podem ser qualificados por

adjetivos que *sucedem* ao invés de preceder o substantivo. Cf., por exemplo, uma expressão como **mallë téra** “reta estrada” = “uma estrada reta” (LR: 47). Se formos adicionar a desinência locativa para expressar “*em* uma estrada reta”, à qual palavra ela deve ser anexada? Devemos aplicar novamente a regra da “última palavra declinável” (**mallë télassë**) ou anexar a desinência locativa ao substantivo (**mallessë téra**)?

Parece que ambas construções seriam admissíveis. O poema *Markirya* fornece uma seqüência de exemplos de expressões substantivas onde o substantivo propriamente dito é seguido por um adjetivo (na maioria dos casos, um particípio). Três exemplos consecutivos envolvem o substantivo **isilmë** “lua” combinado com vários particípios (**ilcala** “brilhante”, **pícala** “minguante”, **lantala** “cadente”, e todas as três expressões substantivas são declinadas no caso locativo ao adicionar-se a desinência locativa à *última* palavra da expressão:

isilmë ilcalassë = “no luar brilhante”

isilmë pícalassë = “no luar minguante”

isilmë lantalassë = “no luar cadente”

(A tradução mais poética de Tolkien em MC: 215 é “na brilhante lua, na minguante lua, na cadente lua”.)

Outra expressão, novamente envolvendo o particípio **ilcala** “brilhante” mas aqui combinado com o caso alativo, é particularmente interessante:

axor ilcalannar = “sobre ossos brilhantes”

Note que o substantivo **axo** “osso” está aqui no *plural*. O alativo plural “sobre ossos” ocorrendo por si só seria, é claro, **axonnar**. Mas aqui, onde a desinência alativa plural **-nnar** é anexada à *última* palavra da expressão, o próprio substantivo **axo** recebe apenas a desinência de plural mais simples: **-r**. Usualmente, **axor** seria considerado um plural nominativo, mas na verdade o **-r** indica meramente a palavra como uma forma plural do modo mais simples possível: o indicador real de caso vem depois na expressão. Palavras com plurais nominativos em **-i** com certeza receberiam esse indicador de plural; ex: **vendi lindalaiva** = “de donzelas cantantes” (exemplo caseiro que envolve o caso possessivo, mas o princípio seria o mesmo para todos os casos: dativo **vendi lindalain**, alativo **vendi lindalannar**, etc.). Devemos supor que substantivos *duais* também apareceriam em suas formas (geralmente “nominativas”) mais simples no início da expressão: o substantivo simplesmente assumiria a desinência dual **-u** ou **-t**, e a desinência completa de *caso* dual se seguiria depois na expressão. Construindo um exemplo tolkieniano: **Aldu caltalanta** = “sobre [as] duas árvores brilhantes”.

Contudo, essa aparentemente não é uma regra rígida que diga que você *deve* anexar uma desinência casual à última palavra da expressão inteira ao invés do substantivo propriamente dito. O *Markirya* possui exemplos de expressões onde um adjetivo atributivo sucede o substantivo que ele descreve, e ainda assim a desinência é adicionada ao substantivo, e não ao adjetivo. O primeiro exemplo envolve uma forma instrumental no plural (desinência **-inen**), enquanto o segundo envolve o caso locativo (a desinência **-ssë** sendo adicionada a um substantivo que é flexionado pelo um tanto obscuro “plural partitivo”, indicado pela desinência **-li**):

rámainen elvië = “sobre [/com] asas estelares”
ondolissë mornë = “em rochas negras”

É claro, os adjetivos **elvëa** “estelar” e **morna** “negro, escuro” estão aqui no plural (**elvië**, **mornë**) para concordar com os plurais dos substantivos que eles descrevem. É possível que, em ambos os exemplos, a desinência não seja adicionada ao adjetivo porque a flexão adjetiva de plural e a declinação de caso colidiriam de alguma forma. (Na expressão **axor ilcalannar** “sobre ossos brilhantes” não há colisão, embora “ossos” seja plural, uma vez que participios em **-la** aparentemente não concordam em número.) De qualquer modo, não está muito claro como uma desinência como **-inen** poderia ser adicionada a uma forma como **elvië**: **?elviëinen** parece uma forma estranha e improvável, propensa a terminar na palavra totalmente obscura ****elvínen**. Talvez seja por isso que Tolkien preferiu adicionar a desinência casual ao substantivo **ráma**, apesar desse substantivo não ser a última palavra da expressão.

Mesmo assim, o sistema de declinar a “última palavra declinável” parece ser um fenômeno comum no idioma. Um novo exemplo foi publicado em janeiro de 2002: tornou-se evidente que, em uma tradução incompleta em quenya da *Glória ao Pai*, Tolkien usou **fairë aistan** como a forma dativa de “Espírito Santo”; aqui **fairë** significa “espírito” e o adjetivo **aista** “santo” sucede-o, e a desinência dativa **-n** é anexada à última palavra (VT43: 37). Parece que, às vezes, apenas o último item de uma *lista* recebe desinências casuais que na realidade aplicam-se a todos os substantivos que são listados. **Namna Finwë Míriello** é traduzida “o Estatuto de Finwë e Míriel” (MR: 258). Não apenas a conjunção **ar** “e” que teria separado os dois nomes é omitida, como a desinência genitiva **-o** “de” é adicionada apenas ao *último* nome (**Míriel**, **Míriell**-). A construção “plena” presumivelmente teria sido **Namna Finwëo ar Míriello**, mas aparentemente foi admissível desnudar a expressão até sua base para fornecer ao “Estatuto” um título mais conciso.

* * *

Embora não tenhamos exemplos atestados, os *demonstrativos* relacionados acima parecem ser bons candidatos a receberem desinências casuais, se a ordem de palavras observada na expressão **vanda sina** “juramento este” for normal. Por exemplo, se formos adicionar a desinência instrumental para expressar “por este juramento”, talvez seja melhor dizer **vanda sinanen**. Porém, **vandanen sina** provavelmente também seria admissível – e no *plural* (nominativo, presumivelmente **vandar sinë** “estes juramentos”), adicionar consistentemente a desinência casual ao substantivo seria o caminho mais seguro: “por estes juramentos” seria então **vandainen sinë** ao invés de ?**vandar sinëinen** ou **sinñen** ou seja lá o que for.

SUBSTANTIVOS RADICAIS U

Aparentemente, na parte tardia do estágio do “eldarin comum” da evolução simulada de Tolkien de seus idiomas élficos, duas mudanças paralelas ocorreram, afetando o que anteriormente havia sido o *-i* final curto e o *-u* final curto: eles haviam tornado-se agora *-e* e *-o*, respectivamente. Entretanto, uma vez que essa mudança ocorreu apenas onde essas vogais eram *finais*, elas permaneceram *-i-* e *-u-* sempre que alguma desinência ou outro elemento sucedia-se. Já aludimos a esse fenômeno anteriormente neste curso; em particular, o estudante lembrará disso da variação observada no aoristo de verbos primários: **silë** “brilha”, mas pl. **silir** “brilham” (porque o *-i* original não mudou para *-e* quando havia uma desinência em seguida, como o indicador de plural *-r* nesse exemplo). Pode-se observar uma variação similar em substantivos e adjetivos: já mencionamos o substantivo **lómë** “noite”, que possui a forma de radical **lómi-** (SD: 415) pois ela descende da forma mais primitiva *dômi-* (ver a entrada *DOMO* no Etim). Devemos supor que (digamos) a forma locativa “à noite” seria **lómissë**. O adjetivo **carnë** “vermelho” descende da forma primitiva *karani* (ver Etim, entrada *KARÁN*) e portanto possui a forma de radical **carni-**, por exemplo, em uma palavra composta como **Carnistir** “Rosto-vermelho” (PM: 353).

O comportamento desses “radicais *i*” certamente encontra seu paralelo nos *radicais U*, palavras que terminam em *-o* quando essa vogal é absolutamente final, mas que preservam um *-u* original quando algum elemento vem após essa vogal. Tais palavras parecem ser predominantemente (talvez exclusivamente) *substantivos*. Um exemplo de substantivo radical U é **ango** “cobra”: sua forma de radical, **angu-**, é observada diretamente na palavra composta **angulócë** (simplesmente listada como “dragão”, mas na verdade combinando a palavra para “cobra” com a palavra geralmente traduzida como “dragão”, **lócë**: ver a entrada *LOK* no Etim). Em *Etimologias*, Tolkien produziu **ango** “cobra” a partir do radical mais

antigo *ANGU* (ou *ANGWA*, que tornaria-se *angw* e depois *angu*), de modo que o -o final dessa palavra representa de fato um -u mais antigo. Sempre que o substantivo **ango** for receber desinências de casos ou pronomes, ele aparentemente assume a forma **angu-**; ex: dativo **angun** “para uma cobra”, ablativo **angullo** “de uma cobra” ou com uma desinência pronominal, como por ex: **angulya** “sua cobra”. O genitivo presumivelmente seria **anguo** “de uma cobra”. (Como demonstramos anteriormente, substantivos “normais” que terminam em -o não possuem formas de genitivo singular distintas; a desinência genitiva -o simplesmente funde-se com a vogal final.)

Quando substantivos radicais U terminam tanto em -go como em -co, eles assumem uma forma peculiar no nominativo plural. Normalmente, substantivos que terminam em -o com certeza teriam formas nominativas plurais em -or. Entretanto, onde -go e -co representam -gu e -ku mais antigos, parece que a adição da desinência primitiva de plural -i fez com que o u precedente se tornasse w, de modo que os plurais vieram a terminar em -gwi ou -kwi. Provavelmente o w fundiu-se com o g ou k precedendo-o: as combinações gw e kw são evidentemente melhor consideradas como sons unitários, versões labializadas de g e k (isto é, g ou k pronunciados com lábios arredondados – consulte novamente a Lição Um). Em quenya, esses sons labializados persistiram, apesar de, por convenção, kw ser escrito qu. O ponto principal é: quando nos é dito que **ango** “cobra” possui o radical **angu-**, também podemos deduzir que a forma plural não é ****angor** nem ****angur**, mas **angwi**! *Etimologias* confirma isso; a forma plural **angwi** é mencionada claramente na entrada *ANGWA/ANGU*.

Um exemplo de um plural em -qui é fornecido pela palavra **urco** “espectro”, que possui o plural **urqui** (= *urcwi*). A respeito dessa palavra, Tolkien observou que “como mostra a forma plural”, **urco** deve ser derivada tanto de *urku* como de *uruku* no idioma primitivo (WJ: 390). Assim, **urco** definitivamente é um substantivo radical U, com seu -o final representando -u mais antigo, e ainda veríamos **urcu-** em palavras compostas e antes da maioria das desinências flexionáveis.

NOTA: a palavra **urco** “espectro” está relacionada com a palavra sindarin *orch*, “orc”. Em WJ: 390, Tolkien observa que, na tradição do Reino Abençoado, a palavra **urco** “naturalmente ocorria raramente, exceto em contos dos dias antigos e da Marcha [dos Eldar desde Cuiviënen], e portanto [ela] é vaga em significado, referindo-se a qualquer coisa que causasse medo aos elfos, qualquer forma ou sombra duvidosa, ou criatura errante... Ela de fato pode ser traduzida como ‘espectro’”. Posteriormente, quando os Noldor retornaram à Terra-média, a palavra **urco** pl. **urqui** foi usada primeiramente com referência aos orcs, uma vez que o parentesco (“embora de equivalência não precisa”) desse termo em quenya com a palavra sindarin *orch* foi reconhecido. Em quenya exílico, uma forma influenciada pelo sindarin também apareceu: **orco**, o plural desta podendo ser tanto **orcor** como **orqui**. A forma plural **orcor** também ocorre em outro lugar (MR: 74), mas se alguém preferir **orqui**, provavelmente deveria deixar **orco** “orc” funcionar como um radical U em todos os aspectos. Por exemplo, se alguém fosse cunhar a palavra composta “idioma-orc”, ela deveria ser **orcylambë** ao invés de **orclambë**. No *Etimologias*, que antecede em muito a fonte reproduzida em WJ: 390, Tolkien também dá a palavra relevante (definida como “goblin”) como **orco** pl. **orqui**: radical *ÓROK*. No Etim, não há pista que mostre que essa palavra seja um empréstimo em quenya de outro idioma; **orco** está relacionada a uma forma primitiva *órku*. As idéias precisas de Tolkien sobre a

história da palavra em quenya para “orc” aparentemente estavam sujeitas a mudanças, mas a idéia básica de que substantivos em -co derivados de formas primitivas em -ku deviam possuir plurais em -qui ao invés de -cor persiste. – De acordo com nossa posição de evitar referências específicas aos mitos de Tolkien nos exercícios, não iremos referir-nos a “orcs” aqui, mas podemos usar a palavra **urco** no sentido de “espectro” (ela ocorrerá nos exercícios da Lição Dezoito).

Tentaremos analisar as palavras envolvidas (excluindo o material mais primitivo em “qenya”). **Ango** “cobra”, pl. **angwi**, parece ser nosso único exemplo completamente exato de um plural -gwi. Em *Etimologias*, havia também **lango** “garganta”, pl. **langwi** (ver a entrada *LANK*). A forma **langwi** por alguma razão está marcada com um asterisco, o que normalmente indicaria que essa forma não é atestada, mas possivelmente ela possui outro significado. De qualquer maneira, Tolkien decidiu modificar a palavra para “garganta”, transformando-a em **lanco**. É completamente possível que esse também seja um radical U, de modo que seu plural deve ser **lanqui** ao invés de **lancor**, embora não tenhamos qualquer informação explícita sobre isso.

Um radical U certo é a palavra para “braço”, **ranco** (forma primitiva dada explicitamente como *ranku*). Assim como esperaríamos, a forma plural é **ranqui**; ver a entrada *RAK* em *Etim*. Uma palavra que significa “braço” presumivelmente apareceria com freqüência em sua forma *dual* para significar um par natural de braços. Podemos nos perguntar se a forma dual de **ranco** seria **rancu** (com a desinência dual -u, nem um pouco relacionada com o -u final original que posteriormente se tornou -o) ou **rancut** (isto é, o substantivo radical U **ranco**, **rancu** com a desinência dual -t). Como discutimos a partir do exemplo atestado **peu** “par de lábios”, substantivos que indicam partes do corpo que ocorrem em pares podem possuir consistentemente formas duais “fossilizadas” em -u, uma vez que essa era a desinência que originalmente indicava um par lógico ou natural. Assim que uma desinência pronominal é adicionada, podemos pelo menos sufixar de forma segura o -t para indicar uma forma dual. De fato, sem essa desinência, não haveria distinção entre **ranculya** “seu braço” e **ranculyat** “seus (/seu par de) braços”, não importa qual seja a forma dual de **ranco** quando a palavra ocorre por si mesma: de qualquer modo, antes de desinências, **ranco** deve tornar-se **rancu**.

Outro radical U é **rusco** “raposa”; em nossa fonte, Tolkien mencionou tanto a forma de radical **ruscu**- como o plural **rusqui** (VT41: 10).

Nem todos radicais U terminam em -co ou -go, é claro. Um exemplo é a palavra **curo** “um artifício engenhoso” (VT41: 10, a última palavra da definição sendo incerta devido à caligrafia difícil de Tolkien). Tolkien citou a forma de radical **curu**-, e ela aparentemente ocorre também no nome em quenya de Saruman: **Curumo** (CI: 512). Esse nome parece combinar o elemento **curu**- com a desinência masculina -mo “que freqüentemente aparecia em nomes ou títulos” (WJ: 400).

Podemos imaginar qual seria o nominativo plural de **curo**, **curu-**. Poderia ser **curwi**, fazendo um paralelo com **angwi** como o plural de **ango**, **angu-** “cobra”?

De qualquer modo, os plurais nominativos especiais que terminam em **-wi** (escrito **-ui** quando parte de **-qui**) também seriam refletidos no genitivo plural e no dativo plural: se o nominativo plural de **rusco** “raposa” é **rusqui** (= *ruscwî*), as formas dativas e genitivas correspondentes dificilmente podem ser outras que não **rusquin** (= *ruscwin*) e **rusquion** (= *ruscwion*), respectivamente. Pode-se pensar que também veríamos **rusquiwa** (= *ruscwîwa*) como o possessivo plural, e **rusquinen** (= *ruscwinen*) como o instrumental plural. Há uma forma que pode ser citada contra as duas últimas hipóteses: o adjetivo relacionado **ruscuitë** “vulpino (semelhante à raposa), astuto”, mencionado na mesma fonte que fornece-nos **rusco**, **ruscu-** pl. **rusqui** (VT41: 10). Na palavra **ruscuitë**, que inclui a desinência adjetiva **-itë**, *não* há o desenvolvimento **cui** > *cwi* = **qui**; não vemos ****rusquitë**. A desinência **-itë** pode, por sua forma, lembrar as desinências casuais **-iva** e **-inen**, para possessivo plural e instrumental plural, respectivamente. Assim, se tivermos **ruscuitë**, quem sabe também vejamos - como formas fonologicamente paralelas - **ruscuiva** e **ruscuinen** ao invés de **rusquiwa**, **rusquinen**? Não podemos saber. Não farei nenhum exercício envolvendo a forma plural dos casos possessivo e instrumental.

Nos outros casos, onde as desinências casuais plurais *não* incluem a vogal **-i**, tudo que se deve lembrar é de mudar o **-o** final de um substantivo radical U para **-u** antes de adicionar qualquer desinência que seja relevante. Usando **ango**, **angu-** “cobra” como nosso modelo teríamos, por exemplo, o alativo plural **angunnar** “às cobras” (e não ****angwinna** ou ****angwinnar** ou seja o que for; cf. o singular **angunna** “a uma cobra”). De mesma maneira teríamos o ablativo pl. **angullon** ou **angullor** “de cobras” (sing. **angullo** “de uma cobra”), o locativo pl. **angussen** “em cobras” (sing. **angussë** “em uma cobra”). Como as formas duais correspondentes, presumivelmente veríamos **angunta**, **angulto** e **angutsë** = “a/de/em um par de cobras”. Desinências pronominais também seriam adicionadas à forma de radical **angu-**, e quaisquer desinências adicionais de número ou caso seriam então adicionadas após a desinência pronominal como descrito em lições anteriores: **angulya** “sua cobra”, plural **angulyar** (dificilmente ****angwilyar**) “suas cobras”, dual **angulyat** “seu par de cobras”, dativo **angulyan** “para sua cobra”, dativo plural **angulyain** (dificilmente ****angwilyain**) “para suas cobras”, etc., etc.

NOTA: No entanto, os nominativos plurais em **-wi** (**-gwi**, **-qui**) devem ser vistos como a característica mais surpreendente dos substantivos radicais U. Em pelo menos um exemplo, essa formação de plural aparentemente estendeu-se a outro substantivo por analogia: de acordo com *Etimologias*, entrada **TELEK**, o substantivo **telco** “perna” possui o plural **telqui**, mas é dito que esse plural é “análogo”. Ao que tudo indica, a idéia de Tolkien é a de que **telco** não é um substantivo radical u “verdadeiro” (ele *não* vem das palavras do élfico primitivo **teleku** ou **telku** mas, ao invés disso, descende de algo como

telekô, telkô). Portanto, seu plural “deveria” ter sido **telcor**, e a forma atual **telqui** dá-se meramente devido à influência de pares como **ranco** pl. **ranqui** ou **urco** pl. **urqui**. Contudo, **telco** parece ser excepcional nesse aspecto. Não creio que devemos substituir (dígitos) **Naucor** como a forma plural de **Nauco** “ano” por ****Nauqui**.

ORDINAIS

Já introduzimos três números *ordinais*, **minya** “primeiro”, **(t)atya** “segundo” e **nelya** “terceiro”. Todos os três possuem a freqüente desinência adjetiva -**ya** (que ocorre na própria palavra *quenya* “élfico”). Entretanto, ocorre que a maioria dos ordinais termina em -**ëa**, omitindo-se a vogal final do número *cardinal* correspondente. Assim, temos as seguintes correspondências entre cardinais e ordinais:

canta “quatro” vs. **cantëa** “quarto”

lempë “cinco” vs. **lempëa** “quinto”

enquë “seis” vs. **enquëa** “sexto”

otso “sete” vs. **otsëa** “sétimo”

tolto “oito” vs. **tolhtëa** “oitavo” (também **toldëa**, pressupondo **toldo** como uma palavra variante para “8”)

nertë “nove” vs. **nertëa** “nono”

Essa tabela é baseada em um relato dos numerais eldarin escrito por Tolkien no final dos anos sessenta, publicado em VT42: 24-27 (ver também as notas editoriais nas págs 30-31). Tolkien indicou que a palavra para “quinto” havia sido anteriormente tanto **lemenya** como **lepenya** (com a mesma desinência vista em **minya** etc.), mas essa forma “irregular” posteriormente foi substituída por **lempëa** por analogia com o cardinal simples **lempë** “cinco”. As notas de Tolkien apresentam visões variadas de quando essa substituição ocorreu (se já nas épocas pré-exílicas ou depois), mas pelos menos está claro que, nos dias de Frodo, **lempëa** seria a palavra a usar-se para expressar “quinto”.

Mesmo as palavras para “segundo” e “terceiro” poderiam ter a desinência -**ëa** ao invés de -**ya**. O ordinal **(t)atya** “segundo” foi “substituído no início” por **attëa**, que seria uma formação “regular” comparada ao cardinal **atta** “dois”. De modo similar, **nelya** como a palavra para “terceiro” também poderia ser substituída por **neldëa**, refletindo mais claramente o cardinal **neldë** “três” (mas nesse caso, nada é dito sobre **neldëa** substituindo completamente **nelya**).

VT42: 25 também lista uma palavra para “décimo”, **quainëa**, mas isso pressupõe outra palavra para “dez” além da forma **cainen** mencionada em *Etimologias*. A raiz **KAY-**, relacionada com o número “dez”, parece ter assombrado a imaginação de Tolkien por pelo menos trinta anos, de modo que hesito em

abandoná-la só porque uma forma divergente aparece em um manuscrito tardio – mas esse não é o lugar para discutirmos que formas devemos aceitar como “válidas” ou “canônicas”. O ordinal correspondente ao cardinal **cainen** poderia ser tanto **cainenya** como **cainëa** (mas dificilmente ?**cainenëa**).

Durante as próximas três lições, usaremos os ordinais atestados, começando com a palavra para “quarto” (**cantëa**).

SUMÁRIO DA LIÇÃO DEZESSETE: os demonstrativos do quenya incluem **sina** “este”, **tana** “aquele” (uma fonte antiga também possui **tanya**), **enta** “aquele (lá)” (aparentemente com ênfase na posição espacial, embora também possa referir-se a algo que se situa no *futuro*) e **yana** “aquele (anterior)” (de tempo usado de algo que se situa no *passado*, o oposto de **enta**). Pode-se supor que as formas *plurais* correspondentes (as palavras para “estes” e “aqueles”) terminem em -ë ao invés de -a, uma vez que esses demonstrativos provavelmente comportam-se como adjetivos. Demonstrativos são, ou podem ser, colocados *após* o substantivo ao qual estão ligados; O Juramento de Cirion possui **vanda sina** para “este juramento” (não temos como saber se a ordem das palavras portuguesa **sina vanda** seria igualmente válida, e a ordem das palavras observada no Juramento de Cirion é empregada consistentemente nos exercícios abaixo). – Quando houver *várias* palavras declináveis em uma expressão, como quando um substantivo é seguido por um adjetivo (ou particípio) atributivo que o descreve, uma desinência casual pode ser adicionada à *última* palavra da expressão. O próprio substantivo, não sendo singular, receberia apenas as desinências mais simples de número (as desinências geralmente associadas com o caso nominativo, como -i ou -r no plural): a desinência casual que se segue posteriormente na expressão ainda determinaria a que caso ela pertence. – Substantivos radicais U originalmente terminavam na vogal -u, que em quenya tornou-se -o quando a palavra ocorre sem desinências, mas onde não é final, a vogal permanece -u-. Assim, uma palavra como **ango** “cobra” aparece como **angu-** em um composto (ex: **angulócë** “cobra-dragão”), e sem dúvida também antes de desinências para pronome e caso (ex: **angulya** “sua cobra”, ou o alativo **angunna** “a uma cobra”). O nominativo *plural* de substantivos radicais U é formado com a desinência -i (ao invés de -r) e, pelo menos onde o substantivo vem a terminar em -go ou -co, a vogal final que representa um *u* mais antigo transforma-se em *w* antes da desinência de plural. Logo, o nominativo plural de **ango**, **angu-** é **angwi**, e o plural de **ranco**, **rancu-** é **ranqui** (com essa grafia representando *rancwí*). Esses plurais especiais também podem ser refletidos nos outros casos que possuem desinências casuais plurais que envolvem a vogal *i*; certamente o plural genitivo (**angwion**, **ranquion**) e o plural dativo (**angwin**, **ranquin**). – Os

números *ordinais* de “quarto” a “nono” são formados ao substituir-se a vogal final do número cardinal correspondente por -ëa; ex: **cantëa** “quarto” a partir de **canta** “quatro”. Mesmo os ordinais **(t)atya** “segundo” e **nelya** “terceiro” podem ser substituídos por **attëa** e **neldëa** (cf. os cardinais **atta** “dois” e **neldë** “três”).

VOCABULÁRIO

Em acréscimo ao aprendizado destas novas palavras, o estudante deve observar que o substantivo **ranco** “braço” (introduzido na Lição Três) é um radical U: **rancu-**.

cantëa “quarto”

tana demonstrativo “aquele”

enta demonstrativo “aquele [lá]” (de tempo referente a alguma entidade futura)

yana demonstrativo “aquele” = “o anterior” (de tempo referente a alguma entidade passada)

sina demonstrativo “este”

ango (angu-) “cobra”

sangwa “veneno”

lómë (lómi-) “noite”

polda adjetivo “forte, robusto” (apenas de força física; o verbo **pol-** “poder” provavelmente está relacionado)

halla adjetivo “alto”

forya adjetivo “direito”

Formen “(o) norte” (cf. **Formenos**, a “Fortaleza Setentrional” construída por Fëanor no Reino Abençoado; o elemento final **-os** é reduzido de **osto** “fortaleza; cidade”).

Isso conclui nossa relação das quatro direções **Númen**, **Hyarmen**, **Rómen** e **Formen** = oeste, sul, leste e norte (essa sendo sua ordem apropriada na Terra-média). Assim como **Hyarmen** “sul” está relacionado ao adjetivo **hyarya** “esquerdo”, também **Formen** “norte” está relacionado ao adjetivo **forya** “direito”, uma vez que o ponto de referência é o de uma pessoa virada para o *oeste* (olhando em direção à Valinor).

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português:

A. Engwë sina ná i macil hirna Calandil Hallanen.

B. Ilyë lamni avánier nóre sinallo.

C. Ango harnanë forya rancurya, ar eques: “Nai ilyë angwi firuvar!”

D. Lómë yanassë hirnentë Nauco tana ambo entassë.

- E. I hallë ciryar oantier Formenna; ciryar tanë úvar tulë i nórennar Hyarmeno.
 F. I cantëa auressë tári yana firnë anguo sangwanen.
 G. I poldë ranqui i nerion Formello polir mapa i ehti ohtari mahtalallon.
 H. Hrivë yanassë marnentë i cantëa coassë mallë tano.

2. Traduza para o quenya:

- I. Observe aquele anão, e não observe este elfo!
 J. Uma terra sem cobras é uma boa terra, pois muitos homens [Atani] morreram (*tempo perfeito*) pelo (*instrumental*) veneno de cobra.
 K. Durante (*locativo*) a quarta noite, vi um guerreiro aterrorizante naquela estrada, e ergui meus braços (*dual*).
 L. Desejo que [= nai] o filho forte de Calandil, o Alto, venha a esta terra, pois ele protegerá estas cidades nas quais nós (*inclusivo*) vivemos!
 M. Aquela torre (*lá*) é a quarta torre feita pelos elfos nesta terra.
 N. Aquelos livros estão perdidos [vanwë, o pl. de vanwa]; eles desapareceram (*tempo perfeito*) do seu quarto.
 O. Naquele dia, você verá seu filho.
 P. Naquele dia eles vieram daquela montanha [lá, distante] e foram para dentro desta casa.

LIÇÃO DEZOITO

Pronomes independentes Verbos impessoais Verbos radicais U Os vários usos de *lá*

PRONOMES INDEPENDENTES

(inevitavelmente levando a uma discussão de certas obscuridades da segunda pessoa)

Todos os pronomes tratados até agora foram *desinências*. Porém, o quenya também possui pronomes que aparecem como palavras independentes. Alguns deles são enfáticos; o pronome aparece como uma palavra separada para colocar-se uma ênfase especial nele. Trataremos desses pronomes enfáticos na próxima lição. Vamos concentrar-nos aqui nos mais simples elementos pronominais independentes.

Já citamos frases em quenya que incluíam o pronome dativo **nin** “para mim”. A desinência dativa **-n** é anexada aqui a uma palavra independente para “eu”, **ni**, atestada por si só na frase “ártica” mencionada em *The Father Christmas Letters*. (Apesar dessa obra de Tolkien publicada postumamente não ter nenhuma relação com os mitos de Arda, a frase “ártica” é claramente uma forma de quenya.) A parte relevante da frase é **ni véla tye**, “eu vejo você”. O verbo “ver” é aqui aparentemente **vel-** ao invés de **cen-** (quem sabe **vel-** seja “ver” no sentido de “encontrar”?), mas mais notável é o fato de que, para o sujeito “eu”, o pronome independente **ni** é usado ao invés da desinência **-n** ou **-nyë**. Parece não haver “razão” óbvia para essa divergência do sistema normal. Foi sugerido que, uma vez que o público-alvo de *The Father Christmas Letters* era os filhos pequenos de Tolkien, ele pode ter “simplificado” o idioma para que fosse mais fácil para eles descobrirem o que significava cada palavra. Contudo, visto que a última parte da frase “ártica” emprega uma construção gramatical bastante complexa, que certamente não é a contraparte literal da tradução fornecida, pensaríamos no idioma como estando “simplificado”. Para “eu” como sujeito, a desinência **-n(yë)** adicionada ao verbo geralmente é preferida, mas a palavra independente **ni** pode ser uma alternativa válida. Pode-se observar que, em uma das versões preliminares de Tolkien da Declaração de Elendil, a palavra que veio a ser **maruvan** “permanecerei/morarei” aparece como **nimaruva**, com Tolkien usando **ni-** “eu” como um prefixo: SD: 56. (É possível, porém, que a idéia de *prefixos* retos tenha sido abandonada; jamais foi publicada

qualquer evidência pós-SdA de tais prefixos. Se eu fosse usar o pronome independente **ni** ao invés da desinência -**n**, deixaria-o como uma palavra separada: **ni maruva**.)

Além de **ni**, temos mais alguns outros pronomes independentes atestados. Um desses pronomes é **ta**, que significa “ele/ela (*neutro*, isto é, aplicado a animais e seres inanimados)” ou “aquele” (ver o Etim, entrada *TA* - o demonstrativo **tana** “aquele” certamente está relacionado). Uma fonte relativamente primitiva sugere que ele pode receber desinências casuais. A frase *Koivienēni* de dez palavras, publicada na edição 27 do jornal *Vinyar Tengwar*, não está inteiramente em quenya no estilo do SdA, mas a frase curta **Orome tanna lende** (traduzida “Orome lá chegou”) pode bem ter permanecido como uma expressão válida após o “*qenya*” ter evoluído para o quenya que conhecemos de fontes tardias. A palavra **tanna** “para lá” parece ser **ta** “aquele, ele/ela” com a desinência alativa regular -**nna** anexada; assim, “àquele [lugar]” = “para lá”.

No *Namárië*, um pronome independente ocorre na expressão **imbë met** = “entre nós”. Esse é um pronome *dual*, que se refere a Galadriel e Varda, de modo que **met** recebe apropriadamente a desinência dual -**t** (também conhecida de substantivos) para indicar que diz respeito a duas pessoas. Ao remover a desinência dual, ficamos com **me**, que provavelmente abrange tanto “nós” (forma reta) e “nos” (forma oblíqua). No nosso exemplo, esse é um “nós/nos” *exclusivo*, correspondendo à desinência -**lmë**, que obviamente está relacionada. O indivíduo ao qual se dirige não está incluído (Galadriel estava cantando *para* Frodo *sobre* ela mesma e Varda). **Me** também é atestado com desinências casuais anexadas: dativo **men** = “para nós, a nós” (com a desinência dativa -**n**), ablativo **mello** “de nós, a partir de nós” (com a desinência ablativa -**llo**). Ver VT43: 18-19.

A desinência -**lyë** “você” corresponde a um pronome independente **le**, que aparentemente já estava presente em formas primitivas de élfico (WJ: 363). Em sindarin ele perdeu-se, mas é precisamente essa circunstância que nos permite dizer com certeza que ele sobreviveu em quenya: em suas notas sobre o hino sindarin *A Elbereth Gilthoniel*, Tolkien afirmou que o pronome reverencial de 2ª pessoa **le**, que ocorre nesse texto élfico-cinzento, foi tomado de *empréstimo* do quenya (RGEO: 73).

NOTA: após ter terminado a primeira versão deste curso, fui contatado por um certo Bob Argent, que havia comprado uma carta que Tolkien escrevera em resposta a um leitor: ela é datada de 16 de janeiro de 1968. Embaixo de sua assinatura, Tolkien escreveu uma linha em quenya: **Nai elen siluva lyenna**. Como fui capaz de dizer ao Sr. Argent, isso obviamente significa “que uma estrela brilhe sobre você”, mas a forma **lyenna** “sobre você” foi um tanto surpreendente. Ao remover a desinência alativa -**nna** “sobre”, ficamos com **lye** como o pronome independente “você”. Essa forma **lye** associa-se ainda mais claramente com a desinência -**lyë**, embora esse pareça ser um exemplo absolutamente único de uma palavra com **ly** inicial (l palatalizado). Há agora certas evidências de que, em certas versões de quenya, Tolkien quis que a desinência -**lyë** funcionasse como um “você” distintamente *singular* (ou “tu”), enquanto que a desinência -**llë** era usada para o *plural* “vocês”. Talvez ele também quisesse que houvesse uma distinção parecida nos pronomes independentes para “você”, de modo que temos **lye** “você = tu”, porém o plural é **le** “vocês”. Além disso, há também evidências de que **le** em outras

versões de quenya era tanto o sing. como o pl. para “você” (ver VT43: 28, 36 a respeito da forma *óle*, que significa evidentemente “com você”, que Tolkien listou tanto na coluna do sing. como na coluna do pl. de uma tabela pronominal). Nos exercícios que criei para este curso, uso apenas *le*, mas o estudante deve observar *lye* como um possível pronome independente para o singular “você, tu”.

Em Cormallen, a multidão saudou Frodo e Sam com as palavras **a laita te, laita te**, traduzidas em Letters: 308 como “abençoai-os, abençoai-os”. Assim, temos **te** como o pronome *oblíquo* (isto é, com função de objeto) independente “os”. (Quanto a esse significado, o Louvor de Cormallen também fornece-nos a já discutida *desinência -t*, como em **laituvalmet** = “iremos abençoá-los”. Presumivelmente, o pronome **te** e a desinência *-t* estão relacionados.) Infelizmente, não está claro se esse **te** também pode ser usado como uma forma reta (“eles”).

Esse **te** possivelmente está relacionado com a palavra **ta** “aquele, ele/ela” discutida acima: é possível que **ta** tenha recebido antigamente a desinência de plural *-i*, com a forma resultante **tai** sendo a forma plural de “aquele” – significando, assim, algo como “aqueles” ou de fato “-os, -los”. Por essa teoria, a forma atestada **te** é simplesmente a variante não enfatizada de **tai** (cf. os adjetivos em *-a* que possuem formas plurais em *-ë*, simplificados de *-ai* mais antigo). Interessantemente, a forma dativa “para eles, a eles” aparentemente é atestada como **tien** em uma linha da tradução de Tolkien do Pai Nosso: **Ámen apsenë úcaremmar sív’ emmë apsenet tien i úcarer emmen**, evidentemente = “perdoai-nos nossas ofensas como nós perdoamos para [o benefício d]aqueles que nos ofenderam”. Assim, **tien** bem poderia representar *taien* mais antiga, que seria **tai** “aqueles” + a vogal de ligação *-e-* + a desinência dativa *-n*. Nessa posição, o ditongo *ai* é reduzido para *e*, e como *taien* conseqüentemente transforma-se em *tēn* = *tēen*, essa forma um tanto instável torna-se **tien** exatamente pelo mesmo mecanismo que também transforma (*laureai* >) *laurēe* em *laurië* (a forma plural do adjetivo *laurëa* “dourado”). Podemos supor que o alativo “a (em direção d)eles” seria do mesmo modo **tienna**, enquanto que o ablativo “(a partir) deles” seria **tiello**. Essas formas coincidiriam com as formas causais correspondentes do substantivo **tië** “caminho”, mas pelo contexto pode-se ser capaz de, geralmente, compreender qual é o significado pretendido.

NOTA: o material novo publicado em VT43 (janeiro de 2002) esclareceu um pouco os pronomes para “eles/os”, pelos menos como Tolkien viu-os em *um* estágio. De acordo com VT43: 20, existe “uma discussão não publicada dos radicais pronominais do eldarin comum (por volta dos anos quarenta)”. Supostamente, essa discussão lista **te** como o radical do pronome “eles, os” quando se refere a *pessoas*. Por outro lado, **ta** é o radical correspondente para os pronomes “eles, os” quando o pronome refere-se a *coisas* inanimadas ou *abstrações*. Se **ta** e **te** existem como raízes separadas desde o “início”, isso com certeza atrapalharia a teoria apresentada acima – na qual **te** é meramente uma forma reduzida de **tai** como uma forma “plural” de **ta** “aquele, ele/ela”. De fato **ta**, com um significado *plural* de “eles, os” (referindo-se apenas a coisas e abstratos) parece tornar obsoleto o pronome *singular* **ta** “aquele, ele/ela” encontrado em material mais antigo. Há algumas pistas que mostram que **ta** foi restaurado ao seu significado singular original posteriormente (veja abaixo a respeito da forma **tai**, evidentemente “aquele que”, que ocorre em uma fonte tardia) – mas nada é tão complexo e inconstante quanto

as tabelas pronominais do quenya, com Tolkien mudando incessantemente de opinião sobre os detalhes. Nos exercícios abaixo, mantive este sistema: **ta** é usado para “ele/ela, aquele” como em *Etimologias*, **te** é usado para “os” como no SdA, e o pronome “eles, os” aparece como **tie-** quando desinências casuais são adicionadas, como na forma dativa **tien** no Pai Nosso em quenya de Tolkien (contudo, a origem dessa forma ainda está para ser explicada). Que ninguém pense que essa é a última palavra na tentativa de que haja um mínimo de sentido no caos pronominal de Tolkien.

Outro pronome oblíquo atestado é **tye**, traduzido como “te” ou “você”. Já citamos a expressão **ni véla tye** “eu vejo você” da frase “ártica”. Outras atestações vêm de uma fonte que é mais claramente quenya ou pelo menos “qenya”: em LR: 61, Herendil dirige-se a seu pai Elendil com as palavras **atarinya tye-melánë**, “meu pai, eu **te** amo”, e Elendil responde, **a yonya inyë tye-méla**, “e eu também, meu filho, **te** amo”. Há algumas coisas estranhas aqui (como **-në** ao invés de **-nyë** ou **-n** sendo usada como a desinência pronominal “eu” na primeira frase), mas pelo menos está claro que **tye** é o pronome oblíquo “te”, e essa provavelmente também é uma forma válida no quenya no estilo do SdA.

Neste ponto, deve-se observar que o quenya possui (pelo menos) *dois* grupos de pronomes na segunda pessoa. O pronome oblíquo **tye** não é “compatível” com a desinência **-l(yë)** ou com o pronome independente correspondente **le** (ou, **lye**), embora todos esses possam ser traduzidos como “você” em português. Devemos distinguir entre as formas “L”, representadas pela desinência **-l(yë)** e pelo pronome independente **le**, e as formas “T”, representadas pelo pronome oblíquo **tye** e também pela desinência verbal **-t** exemplificada em WJ: 364 (mais será dito sobre ela na próxima lição; ela não deve ser confundida com **-t** = “os” como em **laituvalmet** = “iremos abençoá-los”). Todos esses pronomes e desinências têm a ver com a idéia de “você, tu, te”, mas Tolkien parece ter mudado de opinião constantemente sobre do que realmente consiste a distinção básica entre as formas T e as formas L. Na Lição Oito, citamos uma passagem que originalmente pertenceria aos apêndices do SdA, mas que na ocasião não foi incluída neles: Tolkien afirmou que “todos estes idiomas... não, ou originalmente não, possuíam distinção entre o singular e o plural dos pronomes de segunda pessoa; mas eles possuíam uma distinção clara entre as formas *familiares* e as *polidas*” (PM: 42-43). A idéia de que não há distinção entre “você” sing. e pl. dificilmente é verdadeira para todas as variantes de quenya com as quais Tolkien lidou, mas a idéia de uma distinção básica entre formas familiares e polidas pode ser uma concepção mais duradoura.

Dentro desse esquema, as formas “L” representariam um “você” polido ou cortês, enquanto as formas “T” indicariam um “você” familiar/íntimo usado para dirigir-se a amigos próximos e membros da família. Isso concordaria bem com as evidências: no *Namárië*, Galadriel naturalmente usa formas “L” quando se dirige polidamente a um relativo estranho como Frodo, e em sindarin, o empréstimo

do quenya, *le*, é usado como um “te” singular reverencial (como no hino *A Elbereth Gilthoniel*, onde Varda é o indivíduo ao qual se dirige). Por outro lado, Herendil obviamente usaria uma forma “T” (*tye*) ao dirigir-se ao próprio pai. Quando Tolkien traduziu *tye* no último exemplo como “te” ao invés de “você”, ele provavelmente pretendia que essa fosse uma forma íntima ao invés de uma forma excessivamente solene (apesar de confuso, ele também poderia usar “tu/te” para representar um “você” formal ou polido; realmente, esse é o modo pelo qual ele traduziu as formas “L” tanto do *Namárië* como do *A Elbereth Gilthoniel*).

O que não concorda tão bem com essa reconstrução é o fato de que, em WJ: 364, Tolkien parece indicar que as formas “L” representam o plural “vocês”, enquanto as formas “T” representam o singular “você”. Isso contrasta severamente com a afirmação anterior na qual o élfico (assim como o inglês) falha na distinção entre “você” sing. e pl. – mas isso pode não ter se mostrado uma idéia duradoura. As formas “L” são inquestionavelmente usadas em um sentido singular no *Namárië*, uma vez que Tolkien traduziu-as usando o pronome inglês distintamente singular “thou” (português “tu”). Creio que a única solução que chegaria perto da assimilação de todo o material seria assumir que as formas “T” indicam propriamente o singular “você”, enquanto que as formas “L” indicam propriamente o plural “vocês” – mas as últimas formas também são usadas como um singular “você” polido, isto é, “tu” (assim como no *Namárië*). O ponto principal é que *não* se deve usar a forma oblíqua *tye* para “você, te” se de outra forma forem usadas formas “L” como a desinência *-lyë* ou o pronome *le* (ou *lye*): aparentemente estamos lidando com dois tipos de “você” aqui, e as formas “T” dificilmente são intercambiáveis com as formas “L”.

Baseados no pronome oblíquo *tye* “você = te” (e *não* o pronome reto “tu”), alguns escritores têm se aventurado a extrapolar a forma oblíqua de primeira pessoa *nye* “me, mim” (cf. *ni* “eu”). Aparentemente a forma *nye* de fato aparece nos papéis de Tolkien, de modo que iremos adotar esse *nye* = “me, mim” aqui. Deve ser observado, contudo, que quaisquer desinências casuais são adicionadas à forma mais simples do pronome, isto é, que funciona como a forma *reta* quando ocorre por si mesmo – neste caso, *ni* “eu”. Desinências casuais não são adicionadas à forma *oblíqua* *nye* “me, mim”: a forma dativa “a mim” não é ***nyen*, apesar da tradução portuguesa. Como sabemos, a forma real é *nin* (*ni-n* = “eu-para”). “Para você/para ti” da mesma forma *não* deve ser ***tyen*, pois então estaríamos novamente adicionando desinências casuais à forma oblíqua. Infelizmente, não está claro qual realmente é a forma reta correspondente a *tye* “te, ti”, de modo que o estudante paciente deve perdoar outra leva de Obscuridades da Segunda Pessoa: uma extrapolação mecânica baseada no par atestado *ni/nye* certamente levaria-nos a *?ti* como a forma reta “tu”. Porém, a história é quase que com certeza mais complicada

do que isso. A desinência pronominal *sindarin* para “você” é dita ser *-g* ou *-ch*, indicando que essas desinências apareceram como *-k-*, *-kk-* em élfico primitivo. Em quenya, um *-k* final transformaria-se em *-t* (cf. por exemplo *filic-* como a forma de radical de um substantivo que significa “pássaro pequeno”, refletindo com exatidão a raiz *PHILIK*; mas quando esse substantivo aparece sem quaisquer desinências, sua forma em quenya se torna *filit*). Se a desinência mencionada acima *-t* “tu” da mesma forma vem de um *-k* original, também devemos supor que o pronome oblíquo *tye* representa *kye* mais antigo (*ky-* inicial regularmente transformando-se em *ty-* em quenya, cf. por exemplo a entrada *KYEL* no Etim, de cuja raiz Tolkien derivou o verbo *tyel-* “terminar, cessar”). É, então, a partir desse *kye* que devemos começar ao tentar extrapolar a forma reta correspondente. Sua forma em quenya provavelmente seria *ci* (*ki*) ou então talvez *ce* (*ke*): nos pronomes, a vogal *i* parece ser peculiar à primeira pessoa (*ni* “eu”), enquanto que o *e* é mais freqüente (*le* “você”, *me* “nós” etc.). Assim, a forma dativa “para você, para ti” pode ser algo como *ʔcen*, e da mesma forma em outros casos; ex: ablativo *cello* “de ti”. Se isso estiver correto, o que temos chamado de formas “T” devem, ao invés disso, ser chamadas de formas “C/T”, uma vez que o *k* original também pode ser preservado em algumas formas em quenya (escritas c).

Na versão original deste curso, escrevi neste ponto: “Mas claro, chegamos agora no reino da Extrapolação Especulativa”. Mesmo assim, aparentemente há algumas evidências explícitas de uma forma reta *ke*, *ce* “você/tu”: de acordo com certas mensagens na lista de discussão Elfling, ela ocorre em material não publicado (a já lendária/notória “gramática CB”) que tem circulado privadamente. Em 22 de janeiro de 2002, Ryszard Derdzinski referiu-se a “formas em q(u)enya da Gramática CB como *ke* ‘tu’”. Ainda assim, a coisa toda permanece bastante obscura. Nos exercícios abaixo, apenas a forma oblíqua *tye* aparece.

Para resumir, temos *ni* “eu” (forma oblíqua *nye* “me, mim”), *le* “você” (a forma oblíqua provavelmente também é *le*), *tye* forma oblíqua “te, ti, você” (íntimo; forma reta dita como sendo *ce*), *me* “nós” (exclusivo; provavelmente ela também pode ser usada como a forma oblíqua “nos”), *te* forma oblíqua “os, as, los” (a forma reta “eles” é incerta, mas talvez idêntica; de qualquer modo, esse pronome pode aparecer como *tie-* antes de pelo menos algumas desinências casuais, como na forma dativa atestada *tien*). Isso não acrescenta muito de modo a termos uma tabela pronominal bastante completa; espero discutir o pouco que pode ser deduzido sobre essas lacunas em um apêndice deste curso.

Quanto às *funções* desses pronomes, os exemplos citados acima já terão fornecido ao estudante as pistas vitais. Essas palavras (exceto as distintas formas

oblíquas) podem receber desinências casuais; a forma dativa **nin** “para mim, a mim” é particularmente bem atestada. Presumivelmente também podemos ter o alativo **ninna** “a (em direção a) mim”, ablativo **nillo** “de mim”, locativo **nissë** “em mim” e talvez até o instrumental **ninen** “por mim”. Desde que publiquei este curso pela primeira vez, algumas formas casuais de **me** “nós, nos” apareceram em novas publicações: ablativo **mello** “de nós”, VT43: 10; locativo **messë** “em/sobre nós”, VT44: 12, em acréscimo à forma dativa **men** previamente conhecida. Deve-se observar que os pronomes recebem desinências casuais “singulares”, mesmo se o pronome estiver no “plural” pelo seu significado (como quando **me** “nós” refere-se a mais de uma pessoa). Assim, “de nós” e “em nós” devem ser **mello** e **messë** ao invés de ****mellon** (ou, ****mellor**) e ****messen**. A desinência *dual* -t, porém, pode ser adicionada a pronomes independentes, como indicado pelo exemplo **met** “nós [dois]” no *Namárië*. Logo, quaisquer desinências casuais presumivelmente também seriam duais: dativo **ment**, alativo **menta**, ablativo **melto**, instrumental **menten**. (Outra forma dual plausível poderia ser **?let** = “vocês dois”).

Outra função dos pronomes independentes aparece sucedendo preposições, como no exemplo **imbë met** “entre nós [dois]” no *Namárië*. Em inglês, as preposições são seguidas pela forma oblíqua (caso acusativo), resultando, por exemplo, em “as me” (lit. “como mim”) ao invés de “as I” (lit. “como eu”).¹ Se isso também aplica-se ao quenya, o equivalente seria **ve nye**, mas não podemos ter certeza; talvez os Eldar na verdade falassem **ve ni** = “como eu”. O exemplo atestado **imbë met** “entre nós [dois]” não é de ajuda neste assunto, uma vez que **me** (com ou sem a desinência dual -t) provavelmente abrange tanto a forma reta “nós” como a forma oblíqua “nos”. Pelo menos não temos como errar ao lidar com **me** e **le** (e **te?**), visto que esses pronomes parecem não possuir formas retas/oblíquas distintas.

Em VT43: 29 aparece uma tabela que inclui a forma **óni**, que significa evidentemente “comigo”; esse aparentemente é o pronome **ó** “com” + **ni** “eu” escrito como uma única palavra. Se **ni** é apenas a forma reta “eu”, a forma **óni** parece indicar que pelo menos algumas preposições em quenya de fato são seguidas por sua forma reta onde em inglês teríamos a forma oblíqua; diga-se “com eu” ao invés de “comigo”.² - Casualmente, Tolkien pode ter abandonado posteriormente **ó** como uma palavra geral para “com”, possivelmente em favor de **as**: sua tradução da Ave Maria possui **aselyë** para “convosco”; aqui “vosco (vós)” é expressa por meio da desinência -lyë, a mesma desinência que também pode ser adicionada a

¹ Exatamente o contrário do português, que emprega a forma reta, como no exemplo “como eu”; a forma oblíqua pode aparecer após preposições desde que esteja no final da oração. [N. do T.]

² Essa é uma exceção quanto à regra de colocação pronominal no português, apresentada na nota anterior. [N. do T.]

verbos. Evidentemente também se pode dizer **as le** ou **as lye**, usando, ao invés disso, um pronome independente; compare com **imbë met** para “entre nós (dois)” no *Namárië*, com um pronome separado ao invés de uma desinência sucedendo a preposição.

A função das formas *oblíquas* (as palavras atestadas **nye** “me, mim”, **tye** “você/te, ti”, **te** “os” + as prováveis formas não distintas **me** “nos” e **le** “você, vos” tratadas acima) obviamente seria aparecer como o objeto de uma frase. Afinal, objetos pronominais nem sempre podem ser expressos como uma das duas desinências oblíquas atestadas: **-t** “os, as, lhes” ou **-s** “o, a” (embora a lista completa das desinências oblíquas provavelmente seja um tanto mais longa). Essas desinências oblíquas podem ser adicionadas a infinitivos estendidos em **-ta** (**caritas** “fazê-lo”) ou a um verbo que também possua uma desinência reta (**utúvienyes** “eu encontrei-a”), mas esse ambiente gramatical nem sempre está presente. Os pronomes oblíquos independentes podem, por exemplo, ser usados em expressões imperativas, como no exemplo atestado **a laita te** “abençoi-os” já citado. Presumivelmente tais pronomes também podem ser usados após gerúndios declinados no dativo (ex: **utúlien cenien tye** “eu vim [para] ver você”). Também podemos ter que usar pronomes oblíquos independentes quando o verbo não possuir uma desinência pronominal *reta* à qual uma desinência pronominal *oblíqua* possa ser adicionada - porque o sujeito é expresso como uma palavra separada. Logo, enquanto “iremos abençoá-los” pode ser comprimida em uma palavra como **laituvalmet**, uma frase como “o povo irá abençoá-los” talvez deva ser **i lië laituva te**, com uma palavra separada para “-los”. (Não sabemos se é admissível dizer **?i lië laituvat** com a desinência **-t** adicionada ao verbo mesmo que a expressão não possua uma desinência reta; usar uma palavra separada para “-los” é, portanto, mais seguro, assim como mais claro.)

A ordem de palavras preferencial é um tanto incerta. O quenya parece preferir a colocação de pronomes independentes na *frente* do verbo. Algumas vezes Tolkien até prefixou o pronome oblíquo ao verbo por meio de um hífen, como no exemplo **tye-melánë** “eu **te** amo” citado acima. Então, frases como “vim para **te** ver” ou “o povo irá abençoá-lo**s**” quem sabe devam ser **utúlien tye-cenien** e **i lië te-laituva**, respectivamente? Às vezes Tolkien colocava os pronomes *dativos* na frente do verbo, como na pergunta que ocorre no meio do *Namárië*: **Sí man i yulma nin enquantuva?** = “Agora quem reencherá a taça **para mim**?” (note como a ordem de palavras do quenya difere daquela da tradução em português). Temos ainda um exemplo extremo, envolvendo o verbo **lumna-** “situar-se pesadamente”, onde um pronome dativo não apenas é prefixado ao verbo como a desinência dativa **-n** também é *assimilada* ao **l-** inicial do próprio verbo: **mel-lumna** é traduzido “nós-é-pesado” (LR: 47), isto é, “é pesado para nós”; essa deve ser a forma dativa **men** “para nós, a nós” + a forma aorista **lumna** “situa-se pesadamente”. A forma

fundamental não atestada **men-lumna** aparentemente teve que ser alterada, porque **men** uniria-se completamente à palavra seguinte e seria percebida como *parte* desta - e então de repente haveria de fato um encontro **nl** que a fonologia do quenya não permitiria, de modo que ele teve que tornar-se **l-l**. Ainda assim, tais complicações extras aparentemente são evitáveis, pois outros exemplos indicam que pronomes independentes também podem *suceder* o verbo. No VT41: 13 temos a frase **órenya quéta nin** = “meu coração está dizendo a mim” (variante **órenya quetë nin**, página 11). Presumivelmente, **órenya nin quéta** (ou mesmo ... **nin-quéta**) seria igualmente possível, mas aparentemente não é “necessário” empregar tal ordem de palavras, ou mesmo prefixar pronomes oblíquos/dativos diretamente ao verbo.

Quanto às “formas retas” tratadas acima, elas certamente podem aparecer como o sujeito de uma frase, como **ni** “eu” em **ni véla tye** “eu vejo você”. No entanto, aqui o quenya usa com mais frequência desinências pronominais (como **vélan** ou **vélanyë** nesse caso - supondo que o verbo **ʔel-** “ver” seja válido no quenya no estilo do SdA). Para os poetas que procuram manter uma certa métrica, pode ser útil ser capaz de escolher entre pronomes independentes e desinências pronominais. Contudo, as “formas retas” tratadas acima seriam com mais frequência encontradas não como sujeitos gramaticais, mas com desinências casuais anexadas. Mesmo assim, é provável que pronomes como **ni** ou **le** funcionem frequentemente como o sujeito de frases quando o verbo de ligação “é, está/são, estão/sou, estou” é omitido e subentendido: **ni aran** “eu [sou] rei”, **le halla** “você [é] alto”, etc.

VERBOS IMPESSOAIS

Tendo examinado formas dativas independentes como **nin** “para mim, a mim”, podemos compreender completamente nossos poucos exemplos atestados de frases que envolvem os assim chamados verbos *impessoais*. Em CI: 436, Tolkien cita o verbo **óla-** “sonhar”, adicionando uma breve observação quanto ao fato desse verbo ser “impessoal”. O que precisamente ele quis dizer com isso por muito tempo esteve obscuro, mas agora temos pelo menos um exemplo que pode ser útil a esse respeito.

As frases em questão envolvem o verbo primário **or-** “impelir, incitar, instigar” (também dado em outro lugar como um radical **A ora-**). O aoristo regular **orë** “impele, incita, instiga” ocorre na frase **orë nin caritas**, traduzida “gostaria de fazer assim” ou “sinto-me instigado a fazê-lo”. Literalmente significa “[isto] impele-me a fazê-lo”. Note que essa frase *não* possui *sujeito* (embora em nossa tentativa de tradução literal tenhamos que inserir o falso sujeito “isto” para alcançar algo que pudesse ser tomado como aceitável em português - “isto” não possui significado

real aqui). O quenya, por sua própria construção gramatical, indica que o “impulso” percebido pelo falante chega a ele vindo de fora, por assim dizer. *Sentir-se instigado* a fazer algo não é um “ato” deliberado realizado por um sujeito; esse sentimento, ao invés disso, *afeta* a pessoa envolvida, e em quenya isso é indicado apropriadamente pelo caso *dativo*. Em nosso exemplo atestado, um *pronome* dativo está envolvido, mas devemos supor que ele também poderia ser um substantivo regular: *orë i Eldan lelya* = “[isto] impele para que o elfo vá” = “o elfo sente-se instigado a ir”. O verbo é a primeira palavra da frase; normalmente o sujeito viria primeiro, mas aqui simplesmente não há qualquer sujeito.

Quanto ao verbo impessoal *óla-* “sonhar”, devemos supor que a idéia fundamental seja a mesma: sonhar não é um “ato” *realizado* por um sujeito, e sim algo que *acontece* a você; seus sonhos vêm a você completamente independentes de sua própria vontade, e portanto o sonhador é melhor apresentado como uma pessoa *afetada* por seus sonhos: por essa razão temos o dativo para o sonhador. Tolkien não nos forneceu exemplos que envolvam *óla-*, mas “a donzela sonha sobre elfos” talvez possa ser traduzida em algo como *óla i venden Eldaron* (note que *vendë* “donzela” aparece aqui como uma forma dativa, indicando que “a donzela” é percebida como a receptora dos sonhos e não como a criadora deles – cf. o uso do dativo para indicar o receptor em relação ao verbo “dar”).

Tais construções, mesmo em relação ao verbo “sonhar”, não são estranhas aos idiomas de nosso próprio mundo. Como David Kiltz escreveu na lista de discussão Elfling (25 de abril de 2001): “O dativo possui muito mais funções do que apenas a de objeto indireto. Ele pode... indicar o ‘experimentador subjetivo’ como no... alemão *mir ist kalt* ‘eu estou com frio’, onde você usa[ria] o nominativo para o sujeito lógico em português, mas não em muitos outros idiomas”. *Mir ist kalt* significa “para-mim [isto] é frio”; a forma dativa alemã *mir* corresponde à forma em quenya *nin*. Supondo que a palavra em quenya para “frio” seja *ringa*, é inteiramente possível que *mir ist kalt* possa ser traduzida diretamente em quenya como *nin ná ringa* (ou talvez de preferência *ná ringa nin* “[isto] é frio para mim”).

Porém, não conhecemos muitos verbos em quenya que exijam tais construções. Na entrada *MBAW-* em *Etimologias*, Tolkien mencionou que o verbo “noldorin” *bui* “compelir” é impessoal (o “noldorin” sendo o predecessor conceitual do idioma *sindarin* exemplificado no SdA). O verbo em quenya que corresponde ao “noldorin” *bui* é dado como *mauya-*. Se esse verbo também pode funcionar como um verbo impessoal (embora ele provavelmente também ocorra com um sujeito explícito), podemos ter uma pista de como “eu devo” ou “eu preciso” seriam expressos em quenya. Talvez “eu devo ir” fosse (ou pelo menos poderia ser) expresso como *mauya nin lelya* = “[isto] compele para que eu vá”.

Em alguns casos, sequer pode ser necessário complementar um verbo impessoal com um substantivo ou pronome dativo. A respeito de uma forma “noldorin” do verbo correspondente em quenya a **ulya-** “verter”, chamada *oeil* ou *eil*, Tolkien observou que ela era usada para “está chovendo” (Etim, entrada *ULU*).

VERBOS RADICAIS U

Esse é um obscuro subgrupo de verbos; tendo discutido os substantivos radicais U na lição anterior, agora podemos explorar os verbos radicais U. Por nossos dados serem muito limitados, esta discussão deve, por necessidade, ser constituída principalmente de especulações.

Radicais verbais com a desinência **-u** não são incomuns no material antigo de Tolkien sobre o “qenya”, mas com o passar das décadas, ele parece ter reduzido o número destes. Das mais de 1.200 palavras em quenya mencionadas em *Etimologias*, há apenas um único verbo radical U, chamado **palu-** “estender, expandir” (e mesmo esse verbo possui uma forma alternativa **palya-** com a desinência verbal muito mais comum **-ya**: ver a entrada *PAL*). Por volta de 1960, no seu ensaio *Quendi and Eldar*, Tolkien mencionou o verbo **nicu-** “sentir frio” com referência ao clima (WJ: 417). Alguns anos depois, ele também usou alguns verbos radicais U na última versão do poema *Markirya*: **fifiru-** “desaparecer lentamente” (elaboração do verbo mais simples **fir-** “morrer, desvanecer”), **hlapu-** “voar ou fluir no vento”, **nurru-** “murmurar, resmungar” (MC: 223).

Como esses verbos são flexionados? O *Markirya*, como impresso em MC: 222, indica que o particípio ativo de **hlapu-** é **hlápula**, indicando que o particípio ativo é formado ao adicionar-se a desinência normal **-la** e ao alongar-se a vogal principal se possível (**hlapu-** tornando-se **hlápu-**). O particípio de **nurru-** “murmurar” é atestado como **nurrula**; aqui a vogal não poderia ser alongada por causa do encontro consonantal seguinte (****núrrula** sendo uma palavra impossível em quenya). A formação do particípio ativo é a única coisa sobre a qual podemos ter certeza absoluta no que diz respeito a essa classe de verbos (e, portanto, também a única coisa que menciono nos exercícios abaixo de tradução para o quenya).

O particípio *passivo* é problemático. A desinência normal **-na** ou sua variante mais longa **-ina** presumivelmente seriam aplicadas de algum modo. Algumas pessoas têm sustentado que *podemos* ter um exemplo atestado do particípio passivo de um verbo radical U. Referimo-nos anteriormente à forma misteriosa **turún'** (obviamente encurtada a partir de **turúna**) no grito de Nienor: **A Túrin Turambar turún' ambartanen**, “[ó Túrin] senhor do destino pelo destino dominado” (CI: 155). O verbo primário **tur-** “empunhar, exercer, controlar, governar” ocorre no

material de Tolkien, mas esperaríamos que seu particípio passivo fosse **turna** (cf. **carna** “criado” como o particípio passivo atestado de **car-** “criar, fazer”). Poderia a estranha forma **turúna** “dominado” ser na verdade o particípio passivo de um verbo *radical U* diferente, **turu-** “dominar”? Contudo, não está claro por que adicionar a desinência **-na** a **turu-** produziria **turúna** com uma vogal *longa* – enquanto que outras evidências indiretas apontam em outra direção. Como tem sido observado por alguns, a desinência **-(i)na**, que é usada para produzir particípios passivos, também aparece em outros tipos de palavras, e temos pelo menos um exemplo que demonstra o que acontece quando ela é adicionada a um radical *substantivado* em **-u**: o adjetivo **culuina** “laranja” é produzido a partir da raiz **KUL**, **KULU** “ouro”. Aqui o ditongo **ui** surge quando o **-U** final do radical é combinado com a desinência **-ina**. Aplicando esse princípio aos *verbos* radicais **U**, poderíamos argumentar que o particípio passivo de **palu-** “expandir” deveria ser **?paluina** “expandido”. A analogia com verbos radicais **A** apontaria na mesma direção (cf. **hastaina** “desfigurado” como o particípio atestado de **hasta-** “desfigurar”) – mas carecendo de exemplos atestados, não podemos ter certeza.

O *infinitivo* é bastante problemático. Ele deve ser um radical sem adições. Na lição anterior mostramos que os *substantivos* radicais **U** originalmente terminavam em um **-u** curto. Essa vogal original é preservada inalterada sempre que alguma desinência segue-se, mas em quenya ela transformou-se em **-o** quando tornada absolutamente final. Aplicando o mesmo princípio aos *verbos* radicais **U**, o infinitivo de **palu-** “expandir” poderia concebivelmente ser **?palo**. É claro, ainda veríamos **palu-** antes de desinências, como por exemplo se essa classe de verbos também pode ser estendida a formas em **-ta**: assim, **?paluta**, ou com uma desinência oblíqua **?palutas**, “expandí-lo(a)”.

O *auristo* é um pouco menos obscuro. Como lembramos, os verbos primários assumem a desinência **-i**, preservada como tal antes de desinências adicionais, mas transformando-se em **-ë** quando final (**silë** “brilha”, mas com o pl. **silir** “brilham”). Uma vez que a mudança fonológica que faz um **-i** final original tornar-se **-ë** equipara-se com a mudança que transforma um **-u** final original em **-o**, poderíamos argumentar plausivelmente que **palu-** “expandir” deveria ter o aoristo **?palo** “expande” (idêntico ao infinitivo), preservado como **?palu-** antes de qualquer desinência (ex: **palur** “expandem”, no plural, **palun** ou **palunyë** “expando”, **palus** “ele/ela expande”, etc., etc.). Porém, um pedaço de evidência diverge desse cenário: após mencionar o verbo radical **U** **nicu-** “sentir frio”, Tolkien também citou a forma **niquë**, que ele traduziu como “é frio, gela” (WJ: 417). Esse verbo **niquë** deve ser compreendido como a forma aorista de **nicu-**? Devemos compreender que, assim como no caso de verbos primários, a desinência **-i** também foi adicionada

ao radical U, e que um desenvolvimento *nicui* > *nicwi* sucedeu-se? Após a mudança do -i curto final para -ë, isto de fato produziria a forma atestada (*nicwe* =) **niquë**. Assim sendo, o aoristo de **palu-** poderia ser ?**palwë** ou, com desinências, ?**palwi-**. Entretanto, podemos perguntar-nos por que os verbos radicais U adotam a desinência de aoristo -i, enquanto que os radicais A não fazem-no. Não seria muito estimulante para nossa pequena teoria a desinência -i ser aplicada a verbos primários meramente como um tipo de tapa-buraco para suprir a falta de qualquer outra desinência (pois os verbos radicais U obviamente *possuem* outra desinência - o próprio -u!). E, de fato, era na forma **niquë** que eu estava pensando quando preveni o estudante na Lição Sete: “esta concepção ‘simplificada’ não está completamente livre de problemas, mas ela funciona na maior parte do tempo”. Alcançamos agora o ponto onde isso pode não funcionar mais.

Enquanto o aoristo de **palu-** pode ser plausivelmente suposto como sendo ?**palwë** ou, com desinências, ?**palwi-**, equiparando perfeitamente (*nicwe* =) **niquë** como o aoristo de **nicu-**, só podemos perguntar-nos de que maneira verbos como **hlapu-** ou **nurru-** teriam comportado-se se tivessem recebido a desinência -i ainda no idioma primitivo. Eles dificilmente poderiam evoluir para ****nurrwë** ou ****hlapwë**, uma vez que seriam palavras completamente impossíveis em quenya. Quem sabe o ditongo original **ui** fosse preservado em todas as posições, e pudéssemos ver ?**nurrui** e ?**hlapui** sem mudança de -i para -ë mesmo onde a vogal é absolutamente final? Porém, é desnecessário dizer ao estudante que entramos agora no reino da Especulação Extrema.

O tempo *presente* também deve ser especulativo, mas Tolkien forneceu uma pista excelente. Deve ser lembrado que o presente (ex: **síla** “está brilhando”) na verdade representa um tipo de radical verbal “contínuo”, produzido ao alongar-se a vogal raiz (se possível) e ao adicionar-se a desinência -a. Na última versão do poema *Markirya*, Tolkien substituiu um dos participios pelo o que parece ser um radical contínuo: como está evidente pela observação de Christopher Tolkien em MC: 222, seu pai alterou **nurrula** “resmungando, sussurrando” para **nurrua**. Aqui, o radical contínuo na verdade funciona como um participio (que ainda significa “resmungando”), e a revisão de fato parece bastante sem sentido, mas pelo menos Tolkien revelou que a desinência -a pode ser adicionada a um verbo radical U. Em outro contexto, **nurrua** presumivelmente poderia ter funcionado como o presente “está murmurando”. Nesse caso, a vogal raiz não poderia ser alongada por causa do encontro consonantal seguinte, mas o presente de um verbo como **palu-** “expandir” seria com toda probabilidade **pálua** “está expandindo”.

No *pretérito*, podemos estar razoavelmente certos de que a desinência regular de pretérito -**në** seria adicionada. Pelo menos esse era o caso no “quenya” mais

primitivo de Tolkien: o *Qenya Lexicon* de 1915 lista **allunë** como o pretérito do verbo **allu-** “lavar” (QL: 30). Eu uso esse sistema nos exercícios abaixo (mas apenas na seção de tradução *do* quenya, de modo que pelo menos levarei meus alunos a construírem por conta própria formas verbais incertas do quenya).

O tempo *perfeito* é obscuro. O aumento (a vogal raiz prefixada) presumivelmente seria prefixado como de costume, enquanto que a vogal seria – se possível – alongada em sua posição normal. Logo, os tempos perfeitos de **palu-** e **nurru-** presumivelmente começariam como **apál-** e **unurr-**. Mas o que vem a seguir é apenas suposição. Como pode a desinência -ië, que é associada ao tempo perfeito, ser adicionada a um verbo radical U? O -i- inicial da desinência se fundiria com o -u final do radical verbal para formar um ditongo -ui-, de modo que veríamos ?**unurruuië** para “tem murmurado”? O tempo perfeito “tem expandido” dificilmente poderia ser ?**apáluië**, pois o novo ditongo **ui** atrairia a ênfase e deixaria a sílaba imediatamente anterior a ele completamente sem ênfase. Portanto, o **á** longo dificilmente poderia sobreviver, pois parece haver uma regra fonológica que proíbe uma vogal longa em uma sílaba completamente sem ênfase a menos que essa também seja a primeira sílaba da palavra – e aqui ela não é. Veríamos, então, ?**apaluië** com uma vogal curta? Contudo, como discutimos anteriormente, a desinência -ië, que é usada no tempo perfeito, aparentemente anula o -a final quando adicionada a um verbo radical A, de modo que é inteiramente possível que ela também anule o -u final de um radical U. A partir de **nurru-** e **palu-**, veríamos então simplesmente as formas de tempo perfeito **unurrië** “tem murmurado” e **apálië** “tem expandido”. (Provavelmente, -ië como uma desinência *gerundial ou infinitiva*, da mesma forma anularia o -u final, de modo que poderíamos ter ?**nurrië** para “murmurando”. Mas “murmúrio”, como um mero substantivo verbal, quase que com certeza poderia ser **nurrulë**, embora os exemplos atestados da desinência abstrata -lë envolvam radicais A.)

No tempo *futuro* presumivelmente veríamos a desinência usual -uva. Porém, podemos apenas especular se o -u- inicial da desinência simplesmente fundiria-se com o -u final do radical, de modo que o futuro de **palu-** seria **paluva**, ou se os dois u’s se uniriam para formar um **ú** longo, de maneira que veríamos, ao invés disso, **palúva**.

OS VÁRIOS USOS DE **LÁ**

Na Lição Nove, introduzimos o verbo de negação **um-** “não fazer, não ser” (pretérito **úmë** de acordo com o Etim., futuro **úva** de acordo com a *Canção de Fíriel*). Até agora, em todos os exemplos e exercícios, temos usado esse verbo + infinitivo sempre que uma frase era negativa. Contudo, usar o verbo de negação

não é a única opção disponível a esse respeito. Como o português, o quenya possui uma palavra separada para “não”, chamada **lá** (ou **la**, quando sem ênfase).

O verbo de negação **um-** e a negação separada **lá** coexistem claramente no idioma, uma vez que ambas são listadas em *Etimologias* (entradas *UGUI/UMU* e *LA*). Dificilmente existem quaisquer regras muito específicas que dizem quando usar uma ou outra. Se usa-se o verbo de negação **um-**, ele aparentemente adota as desinências relevantes de tempo verbal e pronome, enquanto que o verbo que ele nega presumivelmente aparece como um infinitivo (em quenya: em português, ele é mostrado já no pretérito): **úmen lelya**, “eu não fui [*pretérito de primeira pessoa*]”. Se usa-se a negação separada **lá**, o verbo que é negado recebe por si só todas as desinências relevantes, da mesma forma como se nenhuma negação estivesse presente: **lenden** “fui” poderia ser negado como **lá lenden** = “não fui”. (Nossos poucos exemplos sugerem que a ordem de palavras preferida é a de colocar **lá** antes do verbo a ser negado, embora, por tudo que sabemos, **lenden lá** “fui não” também seria aceitável. Mas não se deve usar uma ordem de palavras alternativa onde possa surgir ambigüidade; veja abaixo.)

Esse obviamente é um modo mais fácil de negar uma frase ao invés de usar o verbo de negação + infinitivo; simplesmente começa-se com a frase afirmativa e insere-se uma palavra a mais. Na verdade, só introduzi agora a palavra **lá** no curso em parte porque não quis “acostumar mal” meus alunos com essa negação de fácil construção antes que eles tivessem a chance de se familiarizarem com o verbo de negação. Em muitos casos, usar o verbo de negação parece ser o método mais elegante de tornar frases negativas, e às vezes a palavra **lá** “não” talvez deva ser evitada porque uma forma similar também possui uma função bastante diferente (veja abaixo). Mesmo assim, em alguns contextos pode ser melhor usar **lá** ao invés do verbo de negação. Em particular, parece ser estranho construir o verbo **um-** como uma forma presente ou “contínua”, que corresponde em português à construção gerundial “está ... -ndo”. A forma seria **úma**, mas “o elfo não está observando o anão” deve ser traduzida **i Elda úma tirë i Nauco**? Creio que qualquer coisa é possível, mas acho que eu primeiramente começaria com a frase afirmativa **i Elda tíra i Nauco** e a tornaria negativa ao inserir **lá** na frente do verbo: **i Elda lá tíra i Nauco**. Da mesma maneira, pode ser melhor usar a negação **lá** no tempo *perfeito*, especialmente uma vez que não se sabe ao certo como seria a forma perfeita de **um-**: **?úmië** sem aumento, visto que o radical começa em uma vogal, ou quem sabe **?umúmië**, com toda a sílaba inicial repetida? Em qualquer caso, “não tenho vindo (vim)” talvez seja melhor expressa como **lá utúlien**. Embora **(um)úmien tulë** possa ser inteligível, ela parece ser uma construção estranha.

Ao traduzir do quenya para o português, deve-se às vezes ter cuidado para ligar a negação **lá** com o verbo certo. Observe a frase **alasaila ná lá carë tai**

mo navë mára, traduzida “é insensato não fazer o que alguém julga ser bom”. (VT42: 34; **mo** é apresentado como sendo o pronome indefinido “alguém”, aparentemente uma alternativa para **quen**. Mais obscura é a forma **tai**: talvez seja **ta-i** “aquilo-que”, com **i** como um pronome relativo diretamente sufixado, sendo assim **lá carë tai mo navë mára** = “não fazer aquilo-que alguém julga ser bom”.) Para uma pessoa acostumada à ordem de palavras do inglês, pode ser tentador interpretar as palavras **ná lá** como uma expressão associada “is not (é não)” e traduzir erroneamente **“*não é* insensato fazer o que alguém julga ser bom”. Contudo, se for levado em consideração que **lá** liga-se com o verbo *seguinte*, nesse caso o infinitivo **carë** “fazer”, o mal-entendido pode ser evitado: as expressões estão corretamente divididas como **alasaila ná** “insensato é” + **lá carë...** “não fazer...” (etc.).

Como mostra esse exemplo, **lá** também pode ser usada para negar infinitivos, e outro exemplo do VT42: 34 indica que não faz diferença se o infinitivo é estendido com a desinência **-ta** para receber um sufixo oblíquo: **lá caritas**, **navin**, **alasaila ná** - literalmente “não fazê-lo, creio, insensato é”. O próprio Tolkien propôs a tradução “não fazer isto seria (acredito) insensato”. Em um exemplo, Tolkien usou **lá** até para negar um infinitivo estendido em **-ta** que *não* possui uma desinência pronominal oblíqua anexada: **lá carita i hamil mára alasaila ná**, “não fazer o que você julga ser bom seria [literalmente ‘é’] insensato” (VT42: 33). Aqui o infinitivo estendido **carita** assume o significado de um *gerúndio*, a frase relativa inteira **i hamil mára** “aquilo [que] você julga ser bom” sendo seu objeto. Parece, então, muito provável que **lá** também possa ser usada para negar o gerúndio mais comum em **-ië**. Não temos exemplos, mas talvez **lá carië i hamil mára...** possa ser uma expressão igualmente possível.

Quanto a variante *sem ênfase* da negação **lá**, isto é, sua forma mais curta **la**, nossa única confirmação da mesma ocorre na frase **la navin caritalyas mára**, “não julgo ser bom o que você faz” (VT42: 33; esse é um modo de expressar “não lhe aconselho a fazê-lo”). Aqui a ênfase principal presumivelmente recai sobre a primeira sílaba do verbo **navin** “julgo”, com a negação **la** não recebendo ênfase. Alguém poderia pensar, porém, que uma palavra importante como a negação (invertendo totalmente o significado da frase!) normalmente receberia alguma ênfase e, nos exercícios abaixo, usei de modo consistente a forma longa/enfatizada **lá**.

A forma curta **la**, contudo, possuiria mais uma coisa que a tornaria recomendável, que é o fato dela não entrar em conflito com a palavra bastante distinta **lá**, que é usada em expressões que apresentem *comparação* (embora o material que aparece na edição 16 do jornal *Tyalië Tyellelliéva* pareça indicar que esse segundo **lá** também pode ocorrer como a forma mais curta **la**). De acordo

com o artigo *Negação em Quenya*, de Bill Welden (VT42: 32-34), Tolkien de fato estava um tanto confuso com esse conflito, e por algum tempo ele realmente abandonou a negação *lá* “não”. Entretanto, nos últimos anos de sua vida, ele reintroduziu-a, de modo que temos que viver com a função dupla dessa palavra. No contexto, dificilmente não seria possível distinguir entre os dois *lá*’s.

De acordo com outro manuscrito de Tolkien não publicado citado por Welden em seu artigo, a fórmula “*A (ná) calima lá B*” pode ser usada para “*A é mais brilhante do que B*” (note que o verbo de ligação *ná* “é” pode ser omitido e subentendido). Se quisermos uma frase completa, podemos substituir *A* e *B* para produzir (digamos) *Anar ná calima lá Isil*, “[o] sol é mais brilhante do que [a] lua”. Porém, essa tradução em português difere da expressão em quenya nestes aspectos: *calima* é o adjetivo simples “brilhante”, e não a forma comparativa “mais brilhante”, e *lá* não significa realmente “do que”. É dito que esse *lá* é justamente a preposição “além”, de modo que a frase em quenya na verdade significa “o sol é brilhante além da lua”.

Certamente podemos imaginar frases que incluem *lá* ocorrendo com ambos significados: *i mindon lá ná halla lá i oron*, “a torre não é mais alta *do que* a montanha” (literalmente “... alta além da montanha”). Aqui o verbo de negação certamente seria preferível, ao menos por razões estilísticas: *i mindon umë halla lá i oron*. Pode ser possível contornar as ambigüidades. É dito que, ao invés de *lá* “além” em expressões de comparação, também se pode usar a preposição *epë* “antes” - erroneamente listada “após” no artigo de Welden. Independente desse erro, na verdade há alguma evidência que sugere que *epë* ou uma forma similar significava “após” em certo ponto do cenário lingüístico em constante evolução de Tolkien (aparentemente ela era uma variante de *apa*, introduzida na Lição Quinze). Por causa das incertezas relacionadas a *epë*, iremos deixá-la sossegada aqui, e usaremos *lá*, apesar de sua ambigüidade.

SUMÁRIO DA LIÇÃO DEZOITO: em acréscimo às *desinências* pronominais tratadas anteriormente neste curso, o quenya também possui vários pronomes *independentes* (veja o Vocabulário abaixo). Um pronome como *me* “nós” ou “nos” pode receber desinências casuais (ex: dativo *men* “para nós, a nós”, locativo *messë* “sobre/em nós”) ou, quando diz respeito a duas pessoas, desinências duais (ex: *met* “nós [dois]”). - Alguns verbos do quenya são *impessoais*, não exigindo sujeito, mas quando alguém é, no entanto, afetado pela ação verbal, esse alguém pode ser mencionado como uma forma *dativa*: *ora nin* = “[isto] impele para mim” = “sinto-me instigado [a fazer algo]”. - Os verbos *radicais U* do quenya, como *hlapu-* “voar [no vento]”, formam um grupo particularmente obscuro de verbos. A única coisa que se sabe com toda certeza sobre eles é que o participio ativo é

formado por meio da desinência normal **-la**, combinada com o alongamento da vogal principal do verbo (a menos que essa tenha que permanecer curta por causa de um encontro consonantal; assim, o particípio de **nurru-** “resmungar” é simplesmente **nurrula**, embora o particípio de **hlapu-** seja **hlápula**). Material mais antigo sugere que o *pretérito* de verbos radicais U seja formado ao adicionar-se a desinência de pretérito **-në**, embora não tenhamos exemplos de formas mais compatíveis com o quenya do SdA. – A palavra **lá** possui vários usos. Ela pode ser usada como a negação “não” (aparentemente colocada na frente da palavra, geralmente o verbo, a ser negada). **Lá** também é a preposição “além” e, como tal, é usada em expressões que indicam *comparação* – VT42: 32 cita a fórmula “**A ná calima lá B**” para “A é mais brilhantes do que B” (literalmente “A é brilhante além de B” - note que o adjetivo **calima** “brilhante” aparece em sua forma mais simples, sem qualquer desinência que corresponda ao *mais* de “mais brilhante”).

VOCABULÁRIO

Para abranger todos os números ordinais atestados, introduziremos dois por vez nesta e nas duas últimas lições.

lempëa “quinto”

enquëa “sexto”

urco (**urcu-**) “espectro”

lá 1) negação “não”, 2) preposição “além”, também usada em *comparação*

ni pronome independente “eu”, forma oblíqua **nye** “me, mim”

le pronome independente “você” (plural *ou* singular polido (= “tu”), a menos que adotemos a forma distinta **lye** como a forma sing.), provavelmente inalterado quando usado como oblíquo

tye pronome oblíquo independente “você”, “te, ti” (singular íntimo)

me pronome independente “nós” (exclusivo, cf. o elemento final da desinência pronominal **-lmë**), provavelmente inalterado quando usado como oblíquo “nos”

ta pronome independente “ele/ela (neutro)” ou “aquele”, provavelmente inalterado quando usado como oblíquo; o alativo **tanna** pode ser usado = “para lá” (De acordo com VT43: 20, outra versão de quenya usa **ta** como o pronome plural “eles, os/as/lhes” quando o pronome refere-se a um número de *coisas* ao invés de pessoas, mas nos exercícios abaixo, **ta** é usado no sentido singular de “aquele, ele/ela” que Tolkien relacionou-lhe no Etim.)

te “os, as, lhes” (possivelmente também a forma “eles”), evidentemente **tie-** antes de pelo menos algumas desinências casuais (forma dativa **tien** atestada). (Ainda de acordo com VT43: 20, **te** refere-se especificamente a *pessoas*, enquanto que **ta** é usado com referência

a *coisas*, como observado acima. Apesar de usarmos **ta** em outro sentido aqui, **te** de fato só é usado com referência a pessoas nos exercícios que criei para este curso, embora isso seja apenas um feliz acidente - essa informação ainda não havia sido publicada quando escrevi pela primeira vez estas lições.)

palu- “expandir”

or- (também **ora-**) “impelir, incitar, instigar” (verbo impessoal; usado com uma forma dativa para expressar “[alguém que] sente-se instigado [a fazer algo]”)

óla- “sonhar” (verbo impessoal; o sonhador aparentemente é introduzido como uma forma dativa)

EXERCÍCIOS

Observe que, nos exercícios abaixo, assim como nas respostas, usamos “você” como o equivalente em português dos pronomes de forma “L” em quenya (plural, ou singular polido, “tu”), enquanto que “te, ti” é usado como o equivalente da forma oblíqua singular íntima **tye**. - Quanto às *negações*, praticaremos aqui a negação independente lá ao invés de usarmos um verbo de negação. - Não usamos aqui pronomes *retos* independentes, apenas as desinências pronominais discutidas anteriormente.

1. Traduza para o português:

A. Utúlientë cenien me, lá cenien tye.

B. Nai óluva len Eldaron!

C. Neldë neri lelyuvar tanna, ar i Naucor tiruvar te, an i neri haryar harma i ná alta lá malta.

D. I enquëa auressë ornë tien tulë ninna.

E. I enquëa aran i nóreo ná saila lá atarerya i lempëa aran.

F. Palunes coarya, cárala ta i analta coa i mallëo.

G. Carnelyes tien; lá carnelyes men.

H. Cennelmë le i cilyassë nu me, an lantanelyë mir ta.

2. Traduza para o quenya:

I. Meu braço direito é mais forte do que meu braço esquerdo.

J. Chame-os a [*alativo*] mim!

K. Os espectros estão observando-me, pois eu temo-os [quenya: “temo a partir deles”, *ablativo*].

L. Nós [*exclusivo*] não viremos para ver-te na noite.

M. O menino não sonhará sobre [*genitivo*] espectros.

N. As duas mulheres disseram: “Seu rei não quis nos dar [*dativo dual*] as coisas tomadas [ou “agarradas, confiscadas” - **mapaině**, pl.] de nós [*ablativo dual*] por seus (= dele) guerreiros.”

O. O homem expandindo sua casa está fazendo-o [ou, fazendo isto] (para) criar muitos lugares para [*dativo*] todas as suas coisas.

P. O sexto dia será [**nauva**] melhor do que o quinto dia, e nós [*exclusivo*] não nos sentiremos instigados a partir [**auta**]. [“melhor do que” = “bom além”!]

LIÇÃO DEZENOVE

Pronomes em expressões imperativas

Pronomes enfáticos

Palavras interrogativas: *man, mana, manen*

Posposições

PRONOMES EM EXPRESSÕES IMPERATIVAS

Expressões imperativas podem incluir elementos pronominais. Esses pronomes podem referir-se tanto ao *sujeito* da expressão imperativa (o indivíduo ao qual pede-se para ou manda-se fazer algo) quanto ao *objeto* direto ou indireto da ação requisitada.

Pronomes retos opcionais podem ser introduzidos para tornar claro se o falante quer que *uma* ou *várias* pessoas façam algo. Partindo da exclamação imperativa **heca!** “suma!/parta!” ou “não se intrometa!”, Tolkien observou que essas palavras apareciam “frequentemente” em uma forma estendida “com afixos pronominais reduzidos de 2ª pessoa” (WJ: 364). Se uma *única pessoa* é a destinatária de um imperativo, ele pode receber o sufixo *-t* (sem dúvida relacionado com o pronome oblíquo singular *tye* “te, ti”). Assim, enquanto o imperativo **heca!** pode ser direcionado a uma ou várias pessoas, a forma estendida **hecat!** é explicitamente indicada com singular. Ela pode ser traduzida por “retira-te!”. (Quem sabe a dura dispensa de Fëanor em relação a Melkor, quando o último chegou a Formenos, traduzida “retira-te de meu portão” próximo ao final do capítulo 7 do *Silmarillion*, fosse algo como **hecat andonyallo** no original em quenya?) Tolkien observou mais adiante que, no plural, o imperativo simples **heca!** poderia receber a desinência *-l*, de modo que **hecal!** é uma ordem com *vários* destinatários: “Sumam [todos] vocês!”. Esses exemplos também demonstram que, quando escreveu isso, Tolkien via a distinção entre as formas “T” e as formas “L” da segunda pessoa como sendo antes de tudo uma distinção entre o singular “você” e o plural “vocês”. Claro que essa questão fica um pouco confusa pelo fato de que formas “L” como a desinência *-l* ou *-lyë* também funcionam como um “você” *singular polido* (traduzido como “tu” no *Namárië*). Certamente ninguém pode dizer se a desinência *-l* poderia ser usada em uma expressão imperativa para indicar uma ordem “polida” a um único destinatário.

Hecat! sing. e **hecal!** pl. são nossos únicos exemplos atestados desse uso das desinências *-t* e *-l*. O imperativo **heca!** talvez não seja um imperativo muito típico. Como apresentado na Lição Dezesesseis, ao invés da desinência *-a*, geral-

mente emprega-se a partícula imperativa independente **á** (ou **a**), combinada com um radical verbal seguinte. Exemplos atestados incluem **á vala!** “governe!” e **a laita!** “louve!”. Se as desinências **-t** e **-l** forem introduzidas em tal expressão, elas provavelmente devem ser anexadas ao radical verbal; ex: **a laitat!** “louve!” (a uma pessoa), **a laital!** “louvai!” (a várias pessoas).

Laita- “abençoar, louvar” certamente é um radical A. Verbos primários como **car-** “criar, fazer” aparecem com a desinência **-ë** em tais comandos, como é evidente a partir do imperativo negativo **áva carë!** “não faça [isto]!” (WJ: 371). Esse **-ë**, com relativa certeza, vem de um **-i** mais antigo, e antes de desinências ainda vemos **-i-**, assim como no aoristo desses verbos. Assim, temos provavelmente **áva carit!** “não faça [isto]!” (a uma pessoa), plural **áva caril!** “não façam [isto]!” (a várias pessoas). Ou com um comando afirmativo como **á tulë!** “venha!”, da mesma forma poderíamos ter **á tulit!** se fosse pedido a uma pessoa que viesse, enquanto **á tulil!** iria referir-se a mais de uma pessoa: “venham vós!”

Uma expressão imperativa também pode incluir elementos pronominais que se referem ao *objeto* direto ou indireto da ação requisitada. Na lição anterior, referimo-nos a vários pronomes independentes. **Nye** “me, mim”, **me** “nos”, **le** “você, vos”, **tye** “te, ti”, **ta** “ele/ela (neutro)” e **te** “os, as, los” podem todos aparecer como palavras independentes; de fato, nossa única atestação de **te** “os” envolve uma expressão imperativa onde essa palavra ocorre sozinha: **a laita te, laita te!** “abençoi-os, abençoai-os!” (do Louvor de Cormallen). Contudo, a tradução de Tolkien em quenya do Pai Nosso indica que pronomes oblíquos também podem aparecer *sufixados* à partícula imperativa **á**. O princípio pode ser ilustrado por um exemplo caseiro: considere uma expressão imperativa simples como **á tirë!** “observe!”. Se quiséssemos dizer “observe-os”, inserindo o pronome oblíquo **te**, seria possível deixá-lo suceder o verbo (como no exemplo atestado **a laita te** “louvai-os”), ficando assim **á tirë te**. Entretanto, aparentemente seria igualmente admissível deixar o pronome oblíquo vir antes do verbo, que nesse caso se uniria com a partícula imperativa **á**. “Observe-os!” portanto poderia ser **átë tirë!**

NOTA: Uma vez que **te** “os, as, los” torna-se agora a sílaba final de uma palavra de várias sílabas, as convenções ortográficas que adotamos exigem que o **-e** final seja escrito aqui com um trema: **-ë**. O mesmo se aplicaria ao **-e** dos pronomes oblíquos **nye**, **me**, **le** e **tye** se eles fossem sufixados diretamente a **á** – ex: **ámë tirë** “observe-**nos**”. Certamente, essa é apenas uma complicação ortográfica que nada tem a ver com a estrutura do idioma: em muitos textos, Tolkien de fato não usa o trema.

Pronomes *dativos* (como **nin** “a/para mim”, **men** “a/para nós”, **tien** “a/para eles”) também podem ser sufixados diretamente à partícula imperativa **á**; pelo menos o Pai Nosso de Tolkien em quenya possui um exemplo de **men** sendo

sufixado desse modo. Uma expressão como, digamos, “cante para nós!” seria assim traduzida **ámen linda!**

O que acontece se uma expressão imperativa possuir dois pronomes, indicando tanto o objeto direto como o indireto? Não temos nenhum exemplo feito por Tolkien para orientar-nos, mas a partícula imperativa dificilmente pode receber mais do que um sufixo pronominal, e o exemplo **a laita te** indica que um pronome não *tem*, necessariamente, que ser sufixado à partícula. Logo, certamente seria admissível deixar um dos pronomes, para objeto direto ou indireto, permanecer como uma palavra independente e sufixar apenas o outro pronome à partícula **á**. “Faça-o *por mim!*” poderia então ser tanto **ánin carë ta!** como **áta carë nin!**, de acordo com a preferência de cada um. (Talvez também seja possível dizer **ánin caritas!**, usando um radical verbal estendido **carita-** e o sufixo **-s** para “-o”.)

A tradução de Tolkien de “não nos deixeis cair em tentação” em seu Pai Nosso em quenya revela que a forma negativa da partícula imperativa (“não!”) também pode receber afixos pronominais. Por volta de 1960, em *Quendi and Eldar*, Tolkien usou **áva** como o imperativo negativo, combinando a partícula **á** com a negação **vá** (-*va*). Em sua antiga tradução do Pai Nosso, ele usou uma palavra levemente diferente para “não” (**ála**, que incorpora a negação **lá** ao invés de **vá**), mas não há razão para duvidar que os pronomes que indicam o objeto direto ou o indireto também podem ser anexados à forma tardia **áva**. Assim, enquanto “observe-nos!” pode ser evidentemente traduzida como **ámë tirë!**, a ordem negativa “não nos observe!” provavelmente pode ser traduzida como **ávamë tirë!**

PRONOMES ENFÁTICOS

Na lição anterior, discutimos alguns pronomes independentes (também mencionados na seção acima). Existem também outros pronomes que da mesma forma aparecem como palavras separadas, embora eles estejam intimamente relacionados às desinências pronominais correspondentes. Essas palavras funcionam como pronomes *enfáticos*.

Considere os versos finais do *Namárië*: **Nai hiruvalyë Valimar! Nai elyë hiruva!** no SdA, onde Tolkien forneceu a tradução “talvez tu hajas de encontrar Valimar! Talvez tu mesmo hajas de encontrá-la!”. É claro, **hiruvalyë** significa “tu hajas de encontrar” - “tu” sendo expresso por meio da desinência pronominal **-lyë**. Mas isso é então repetido com **nai elyë hiruva**, “talvez tu mesmo hajas de encontrá-la”. Note como a desinência **-lyë** é substituída pela palavra independente **elyë**, que obviamente está estritamente relacionada. **Elyë** significa simplesmente “tu” ou “você”, mas com ênfase especial nesse pronome. Usar tal forma independente é

como escrever em *itálico* o pronome em português: “talvez [ninguém a não ser] *tu* hajas de encontrar”. Tolkien usou a tradução “tu mesmo”, adicionando uma palavra extra para salientar a qualidade enfática do pronome. (A palavra independente mais curta para “você, tu”, **le** ou **lye**, aparentemente não é enfática.)

Outro pronome enfático independente é **inyë** “eu” – ou, uma vez que ele é enfático, “eu mesmo”, “eu e ninguém mais”. Em LR: 61, Herendil diz a seu pai que o ama, e Elendil responde em quenya: **a yonya inyë tye-méla**, “e eu também, meu filho, te amo” (o **a** inicial, aparentemente traduzido “e”, parece ser uma variante da palavra mais comum **ar** – embora **a** também possa ser uma partícula de direcionamento). Aqui o pronome **inyë**, traduzido “eu também” por Tolkien, dá uma ênfase especial à própria identidade de Elendil: “*eu* te amo [assim como você me ama]”. **Inyë** é mais enfático do que a forma mais curta **ni**, assim como **elyë** é mais enfático do que **le** ou **lye**.

A forma **inyë** obviamente está relacionada à desinência pronominal **-nyë**, e o **Namárië** demonstra claramente que **elyë** corresponde à desinência **-lyë**. (Versões preliminares do **Namárië** possuem, ao invés disso, o pronome **ellë** e a desinência **-llë**. Alguns acham que isso possui outro significado, talvez um “você” ao invés de “tu”. Originalmente eu estava cético quanto a isso, mas é algo que pode ser sustentado pelo material publicado em VT43: 36, que mostra aparentemente **-lyë** e **-llë** coexistindo como as desinências para o sing. “você” e o pl. “você”, respectivamente, em uma versão de quenya.)

Está evidente a partir desses exemplos que pronomes enfáticos podem ser produzidos a partir das desinências pronominais correspondentes ao sufixar-se a desinência a alguma vogal. Mas que vogal? Temos um **e**- em **elyë** “você”, mas um **i**- em **inyë** “eu”. Essa palavra enfática para “eu” pode ser excepcional ao preferir **i**- como sua vogal inicial. O estudante pode lembrar-se que a desinência para “meu”, **-nya**, parece preferir **-i**- como sua vogal de ligação quando se exige alguma (como em **atarinya** “meu pai”, LR: 61). A estreita associação dessas formas pronominais de primeira pessoa com a vogal **i** parece refletir a vogal raiz do radical mais básico **NI** “eu”, listado em *Etimologias*. Podemos concluir experimentalmente que os outros pronomes enfáticos mostram a vogal inicial **e**-, como em **elyë**. Isso é sustentado pela versão em quenya de Tolkien do Pai Nosso, onde ele usou **emmë** como o pronome enfático correspondente à desinência pronominal **-mmë** para “nós” exclusivo (a tradução do Pai Nosso foi escrita antes que Tolkien mudasse essa desinência para **-lmë**). Ele ocorre na sua tradução do verso “e perdoai-nos nossas ofensas como nós perdoamos aqueles que nos ofenderam”. Aqui, o pronome é enfático para atrair uma atenção especial a ele (ênfatizando o paralelismo: “nós” queremos que Deus nos perdoe assim como *nós*, por nossa vez, perdoamos

outros). Parece natural deixar esse pronome também ser enfático em português, embora isso seja indicado meramente ao colocar-se uma ênfase extra nele, e a distinção não é representada na escrita (a não ser que alguém use *italico*). O sistema do quenya de usar pronomes enfáticos distintos é inegavelmente mais elegante.

Apesar de *inyë*, *elyë* (*ellë* sendo tanto uma variante como um “vocês” distintamente plural) e *emmë* serem todos os pronomes enfáticos que ocorrem em material publicado, podemos extrapolar com segurança pelo menos mais algumas formas. Em primeiro lugar, uma vez que Tolkien eventualmente corrigiu a desinência de “nós” exclusivo de *-mmë* para *-lmë*, devemos supor que o pronome enfático correspondente mudaria do mesmo modo de *emmë* para *elmë*. A forma atestada *emmë* ainda seria válida como tal, mas agora ela indicaria um “nós” *dual* (não sabemos se inclusivo ou exclusivo), para combinar com o novo significado da desinência *-mmë*.

Visto que na última versão de quenya conhecida de Tolkien a desinência para “nós” inclusivo aparentemente tornou-se *-lvë* (variante *-lwë*), pode-se supor que a palavra enfática correspondente para “nós” fosse *elvë* (ou *elwë*). Essas formas extrapoladas, *elmë* e *elvë* para “nós” exclusivo e inclusivo, são usadas nos exercícios abaixo - embora deva ser compreendido que elas não possuem a autoridade completa que apenas as formas atestadas podem ter. Possivelmente a desinência *-ntë* para “eles” corresponderia à palavra independente *entë*.

A forma *elyë* pode funcionar como “você” no singular, como é evidente pela tradução de Tolkien “mesmo tu” em sua tradução do *Namárië* no SdA. Como sugeri anteriormente, as formas “L” de segunda pessoa parecem indicar um “você” ou “tu” *polido*. As formas “T” da segunda pessoa, exemplificadas pelo pronome oblíquo *tye* e pela desinência *-t* que podem ser usados no imperativo, parecem indicar um “você” *íntimo*, mas há incerteza quanto ao que seria a forma enfática: depende de como reconstruímos a forma mais longa da desinência *-t*. Se for *-tyë*, o pronome enfático provavelmente seria *etyë*. Mas também tenho algumas razões para acreditar que Tolkien pretendia que *-t* representasse um *-k* mais antigo, caso no qual a variante mais longa da desinência pode bem ser *-ccë* - e então o pronome enfático provavelmente seria *eccë*. (Por uma reconstrução, *-tyë* e *-ccë* são as desinências para “você” *íntimo*, sing. e pl. respectivamente, enquanto *-lyë* e *-llë* são as desinências para “você” *formal* ou *polido*, novamente sing. e pl. respectivamente. Logo, as formas enfáticas correspondentes seriam *etyë*, *eccë*, *elyë* e *ellë*. Mas esse sistema, apesar de ser metódico e simétrico, não pode ser completamente comprovado baseado no material disponível de Tolkien.)

As coisas também são particularmente obscuras na terceira pessoa. Está claro que os pronomes enfáticos são produzidos a partir das formas *longas* das

desinências pronominais. A palavra *inyë* “eu” corresponde à desinência reta longa *-nyë*, e não a sua forma mais curta (e mais comum) *-n*; do mesmo modo, *elyë* “tu” corresponde à desinência longa *-lyë*, embora pareça que essa desinência também possa aparecer na forma mais curta *-l*. Dificilmente existem quaisquer pronomes enfáticos curtos como ***in* e ***el* para combinar com as desinências curtas. Nosso problema é que, na terceira pessoa, a desinência *curta* *-s* é a única forma atestada no material que Tolkien com certeza pretendia que fosse compatível com o SdA. Teorizamos anteriormente que *-s* *pode* corresponder a uma desinência mais longa *-ryë* (para *-syë* e *-zyë* primitivos); essa desinência mais longa teria então a mesma relação com a desinência *-rya* “seu, sua (dele, dela)” que a desinência *-lyë* “você” tem com a desinência *-lya* “seu (de você)”. Se tal desinência *-ryë* existe, ela poderia corresponder a um pronome enfático *?eryë* “(mesmo) ele/ela”. Mas quando começamos a extrapolar a partir de extrapolações, o risco de perder contato com as reais intenções de Tolkien obviamente torna-se maior.

De qualquer forma, sabemos mais algumas coisas sobre os pronomes enfáticos. Eles podem receber desinências casuais; na tradução de Tolkien em quenya do Pai Nosso, o pronome enfático *emmë* “nós” ocorre uma vez com a desinência dativa *-n* anexada: *emmen*. (Apesar disso posteriormente tornar-se *elmë* e *elmen* se editarmos o material de acordo com as revisões de Tolkien, essas formas confirmam que pronomes aceitam as desinências casuais mais simples, isto é, aquelas usadas com substantivos no singular - mesmo se o pronome for plural pelo seu significado: “nós” deve referir-se a várias pessoas, mas a desinência dativa mais simples *-n* é usada ao invés da forma plural *-in*.) Como mostrado na lição anterior, a forma dativa de 1ª pessoa, *nin*, “a mim, para mim” é particularmente bem atestada, mas se alguém quiser dizer “para *mim* mesmo”, “para *mim* [e ninguém mais]”, seria melhor começar a partir da forma enfática *inyë* e produzir a forma dativa *inyen*.

Já citamos os versos finais do *Namárië*, onde parte de uma frase é repetida com ênfase especial no pronome: *Nai hiruvalyë Valimar! Nai elyë hiruva!* A partir desse exemplo parece que, se uma desinência pronominal é substituída por um pronome independente, a desinência é removida do verbo (e não *nai elyë hiruvalyë*, com um pronome independente *e* com a desinência correspondente ainda anexados ao verbo). Apesar disso, na versão preliminar, quando o pronome *elyë* ainda era *ellë*, Tolkien usou precisamente esse sistema: *Nai ellë hiruvalle*. Ele aparentemente decidiu que essa versão estava um tanto sobrecarregada, e os escritores provavelmente devem evitar esse sistema.

Mesmo assim o verbo, vindo após um pronome enfático, talvez deva receber pelo menos a desinência de plural *-r* se o pronome estiver no plural. Se quiser-

mos transformar (digamos) **hiruvalmë** “encontraremos” em duas palavras para colocar uma ênfase especial no pronome “nós”, creio que a expressão resultante seria **elmë hiruvar**, e não ***elmë hiruva**. Se o pronome **elyë** indica tanto o singular polido “você/tu” como o plural “vocês”, o verbo seguinte pode então revelar em que sentido ele é usado. Em **nai elyë hiruva!**, o pronome deve ser singular (“tu”) uma vez que não há um -r anexado ao verbo. Talvez **nai elyë hiruvar!** também possa ser uma frase possível, mas aqui estaria claro que seria pretendido o plural “vocês”. Assim sendo, Frodo poderia afinal de contas ter certeza de que Galadriel dirigiu o *Namárië* apenas a ele (“tu”), e não à Comitiva inteira (“vocês”) – embora o pronome **elyë** como tal talvez seja um tanto ambíguo a esse respeito. Por outro lado, se **elyë** fosse um “tu” distintamente singular correspondendo a **ellë** para o plural “vocês”, obviamente não haveria ambigüidade – mas **ellë** ainda deveria ser seguido por um verbo no plural: o exemplo de Tolkien **emmë avatyarir** “nós perdoamos” (VT43: 8) obviamente é pré-datado à revisão -mmë > -lmë para o “nós” exclusivo, mas ele confirma que um pronome independente no plural deve ser seguido por um verbo no plural (com a desinência -r).

Como apontado acima, os pronomes enfáticos podem receber desinências casuais, assim como os pronomes independentes mais curtos tratados na lição anterior. É um tanto incerto, porém, se as desinências para genitivo e possessivo devam ser adicionadas a tais pronomes independentes. Obviamente, algum tipo de palavras independentes para (digamos) “meu” ou “seu” seria exigido para ter-se um idioma completamente funcional. A desinência -lya pode ser usada para expressar “seu”, como em **parmalya** “seu livro”, mas como dizemos “o livro é seu”?

Na versão original deste curso, apontei com resignação: “Os exemplos publicados de quenya não fornecem pistas”. Contudo, continuei a apresentar uma antiga teoria: há muito suspeita-se que não apenas as desinências retas podem ser sufixadas aos verbos como também as desinências possessivas que podem ser adicionadas a substantivos (como -nya “meu” ou -lya “seu”), possuem formas enfáticas correspondentes. Isso nunca foi explicitamente confirmado. Entretanto, uma vez que a desinência -lyë “você, tu” corresponde a uma forma independente **elyë** “você” (enfática), certamente parece plausível supor que a desinência -lya “seu” poderia corresponder a uma forma independente **elya** “seu”. Essa palavra poderia ser, então, usada em uma frase como **i parma ná elya**, “o livro é seu”. Mas ela também poderia ser usada para uma ênfase especial, de modo que, enquanto **parmalya** significava simplesmente “seu livro”, **elya parma** significaria “seu livro [e de mais ninguém]”.

Por essa teoria, outros pronomes enfáticos possessivos seriam **erya** “dele, dela”, **elva** “nosso [inclusivo]” e **elma** “nosso [exclusivo]” – correspondendo obvi-

amente às desinências **-rya**, **-lva** e **-lma**. Quanto à forma independente do pronome possessivo “meu”, correspondendo à desinência **-nya**, provavelmente suporíamos a forma **inya** (visto que a desinência reta **-nyë** corresponde a uma forma independente **inyë**).

Essas extrapolações não são, porém, inteiramente desprovidas de problemas. Algumas dessas formas na verdade ocorrem em escritos publicados de Tolkien, mas com significados bastante diferentes! **Inya**, por exemplo, é mencionada em *Etimologias* - mas lá ela não é uma palavra enfática para “meu”: está como o adjetivo “feminino”, de uma derivação bem diferente (ver a entrada *INI*). E **erya**, sugerida acima como uma palavra enfática para “dele” ou “dela” (correspondendo à desinência **-rya**), coincidiria em forma com o adjetivo **erya** “único, sozinho” (Etim, entrada *ERE*). Observando tais conflitos, escrevi: “Algumas pessoas, sem dúvida, achariam que isso acrescenta uma dúvida considerável sobre todo esse assunto de extrapolarem-se pronomes possessivos enfáticos para combinarem com os pronomes retos atestados. Na verdade, creio que essas extrapolações são quase tão plausíveis quanto quaisquer formas não diretamente atestadas podem ser”.

Ainda creio que essas formas são relativamente plausíveis, e não ficaria surpreso se evidências diretas para tais formações realmente venham a ser descobertas nos manuscritos do próprio Tolkien. Contudo, o que já se descobriu é evidência para outro sistema e, uma vez que esse sistema produz formas menos ambíguas, ele certamente é o sistema que de qualquer forma eu recomendaria aos escritores: pronomes possessivos independentes podem ser produzidos ao adicionar-se a desinência adjetiva **-ya** às formas dativas correspondentes. Um exemplo atestado é **menya** como uma palavra independente para “nosso”; ela aparentemente é derivada de **men** “a nós, para nós”, a forma dativa de **me** “nós, nos”. Esses pronomes em **-ya** devem concordar em número como os adjetivos, de modo que **menya** torna-se **menyë** (para **menyai** arcaico) se ele unir-se a um substantivo no plural: em variantes experimentais de seu Pai Nosso em quenya, Tolkien escreveu **menyë luhtar** ou **menyë rohtar** para “nossas ofensas” (VT43: 19).

Outra atestação de tal pronome possessivo parece ser **ninya** “meu”, muito atestado na *Canção de Fíriel* e agora compreendido como sendo derivado do pronome dativo **nin** “a mim, para mim”: **indo-ninya** é traduzido “meu coração”. Aqui **ninya** é sufixado a um substantivo exatamente como a desinência mais simples **-nya** “meu” poderia ser, mas talvez **indo-ninya** coloque mais ênfase em “*meu* coração” do que **indonya**. Sem dúvida também se poderia dizer **ninya indo**, colocando o pronome na frente.

Menya (pl. **menyë**) e **ninya** permanecem como os únicos pronomes possessivos atestados em tal forma, mas evidentemente também poderíamos ter pro-

nomes como **tienya** “dele(a)” (cf. a forma dativa **tien** no Pai Nosso em quenya de Tolkien) e **lenya** “seu, sua” (ou **lyenya** se o pronome for distintamente singular: “teu, tua”). Entretanto, uma vez que esses pronomes possessivos independentes não eram bem compreendidos (e, de fato, mal atestados!) quando escrevi este curso pela primeira vez, eles não aparecem em nenhum dos exercícios.

PALAVRAS INTERROGATIVAS

Muitas palavras portuguesas freqüentemente usadas em *perguntas* mostram um *qu-* inicial: “quem?”, “quê?”, “qual?”, “quando?”, etc. No élfico de Tolkien, um **ma-** inicial possui conotações similares; ele referiu-se ao “elemento interrogativo eldarin *ma, man*” (PM: 357). Esse “elemento” Tolkien parece ter pego emprestado dos idiomas semíticos; cf. por exemplo *ma* ou *man* hebraico = “o quê?” (A *manna* do Êxodo 16 é nomeada segundo a pergunta *man hu?*, “o que é isto?” - uma pergunta natural quando os israelitas repentinamente encontraram essa coisa doce comestível no solo, e um processo de nomeação que os Eldar poderiam ter apreciado!)

Não temos nada como uma lista completa de palavras élficas interrogativas, mas algumas delas ocorrem em material publicado. Melhor atestada é a palavra para “quem”, **man**, que ocorre em uma pergunta no meio do *Namárië*: **Sí man i yulma nin enquantuva?** “Agora quem reencherá a taça para mim?”. **Man** = “quem” ocorre repetidamente no poema *Markirya*; ex: na pergunta **man tiruva fána ciryá[?]** “quem prestará atenção a [/observará] um navio branco?”. (Em uma das cinco ocorrências, o *Markirya* como impresso em MC: 221-222 possui, ao invés disso, **men**, mas esta deve ser uma leitura errada do manuscrito de Tolkien; parece não haver variação gramatical que possa explicar a forma variante.) Talvez **man** possa receber desinências casuais, de modo que podemos ter (digamos) a forma genitiva **mano** = “de quem?”

Se **man** é “quem” (referindo-se a pessoas), qual é a palavra para “o que” (referindo-se a coisas)? Em LR: 58, Tolkien aparentemente deixa **man** abranger também “o quê?”: **man-ië** é traduzida “o que é isto?”. Isso dificilmente é quenya no estilo do SdA; a desinência **-ië** = “é” foi com relativa certeza abandonada posteriormente. A *Canção de Fíriel* também usa **man** em outra frase: **Man... antáva nin Ilúvatar[?]** = “O que o Pai [Ilúvatar, Deus] dar-me-á?”. Se Tolkien em determinado ponto pretendeu que **man** significasse tanto “quem” como “o que”, ou se ele simplesmente mudou de idéia constantemente quanto ao significado preciso de **man**, isso não pode ser determinado agora. Voltando-nos para uma fonte pós-SdA, encontramos a pergunta **mana i-coimas Eldaron[?]**, que é traduzida “o que é o *coimas* [“pão-da-vida” = sindarin *lembas*] dos Eldar?” (PM: 395; uma leitura diferente ocorre em PM: 403). Como devemos interpretar essa palavra **mana**,

que parece corresponder a “o que é” na tradução? Poderia ser uma palavra **ma** “o que” (que seria um empréstimo direto do hebraico!) + o verbo de ligação **ná** “é”, aqui diretamente sufixado e encurtado para **-na**. Contudo, sabe-se que a forma **ma** possui pelo menos dois outros significados diferentes em quenya (ver a próxima lição), de modo que tendo a duvidar que Tolkien pretendesse que ela também significasse “o quê?”. Ao invés disso, **mana** é simplesmente uma palavra para “que”, e não há verbo de ligação “é” explícito na frase **mana i-coimas[?]** = “o que [é] o pão-da-vida?”. É possível que **mana** “que” possa receber desinências casuais. O material publicado não fornece uma palavra para “por quê?”, mas segundo uma sugestão podemos contornar essa lacuna ao adicionar a desinência dativa **-n** à **mana** - a forma resultante **manan** significando literalmente “para quê?”

Por sua forma, **mana** lembra os demonstrativos **sina** “este”, **tana** “aquele” e **yana** “aquele (lá)”. Uma vez que **vanda sina** significa “este juramento” (CI: 340, 497), talvez **vanda mana?** significasse “que juramento?” ou “qual juramento?”. **Mana vanda?** significaria assim “o que [é] um juramento?”, dado o exemplo de Tolkien **mana i-coimas[?]** = “o que [é] o pão-da-vida?”.

O mesmo documento tardio que fornece esse exemplo também inclui uma palavra para “como?”, que aparece como parte da pergunta **manen lambë Quendion ahyanë[?]** = “Como o idioma dos elfos mudou?” (PM: 395). Interessantemente, essa palavra **manen** “como?” parece incluir a desinência instrumental **-nen**, adicionada ao “elemento interrogativo” **ma-** (PM: 347). **Manen** poderia significar, literalmente, “pelo quê?/por o quê?” (isso pode até mesmo ser uma contração de **mananen** por tudo que sabemos). Parece altamente plausível que outras desinências casuais além da instrumental possam ser adicionadas a **ma-**. Talvez possamos ter o locativo **massë?** “onde?”, ablativo **mallo** “de onde?” e alativo **manna** “para onde?”, preenchendo as lacunas subjacentes em nosso vocabulário. Porém, os exercícios abaixo envolvem apenas as formas atestadas **man** “quem?”, **mana** “[o] quê?” e **manen** “como?”

POSPOSIÇÕES

Introduzimos várias *preposições*, tais como **nu** “sob”, **or** “sobre” ou **ve** “como”. Preposições são assim chamadas porque elas são tipicamente “posicionadas” antes (*pre*) da(s) palavra(s) à(s) qual(is) conectam-se. Em quenya, assim como em português, se diria **nu alda** “sob uma árvore” - e não ****alda nu** “uma árvore sob”. (Claro, a ordem das palavras pode ser bastante alterada na poesia, como a versão do *Namárië* no SdA que tem **Vardo tellumar nu luini** “de Varda abóbadas sob azuis” para “sob as abóbadas azuis de Varda”. Aqui, estamos discutindo particularmente a ordem de palavras normal e não-poética.)

Existem também *posposições*, similares em função com as preposições, mas que aparecem após (*pos*) a palavra ou palavras às quais elas conectam-se. Em português, a palavra *atrás* pode ser vista como uma posposição, uma vez que ela vai ao final de expressões como “três anos atrás”. Alguns idiomas, ao invés disso, usariam uma preposição, expressando esse significado através de uma expressão parecida com “antes de três anos”. Interessantemente, uma palavra simplesmente definida como *ago* (em português, “atrás”, no sentido temporal) é mencionada em *Etimologias*: *yá*. Ela não é mencionada ou exemplificada em nenhum outro lugar no material publicado, e visto que a palavra em inglês é tudo que temos para basear-nos, podemos supor que *yá* também seja uma posposição em quenya. Assim sendo, “três anos atrás” poderia ser traduzida diretamente como **neldë loar yá**.

Em um estágio mais antigo, o élfico aparentemente possuía muitas posposições. Tolkien afirmou que no mais antigo dos estágios, elementos “preposicionais” geralmente eram “anexados” - aparentemente significando *suffixados* - a radicais substantivos (WJ: 368). Tolkien claramente pretendia que muitas das desinências casuais do quenya representassem originalmente elementos independentes que se fundiram aos substantivos que eles sucediam. Por exemplo, a desinência -**nna** para o alativo está obviamente relacionada à preposição **na** ou **ana**, que significa da mesma forma “a, em direção de”. Mesmo assim, o quenya possui pelo menos algumas posposições que não evoluíram para desinências casuais, mas que ainda aparecem como palavras independentes. Enquanto *yá*, tratada acima, é atestada apenas como uma palavra isolada mencionada no Etim, a palavra **pella** “além” aparece em textos em quenya reais, e parece ser uma posposição. O *Namárië* possui **Andúnë pella** para “além do Oeste”, e aparentemente esse não é apenas outro exemplo de uma ordem de palavras poética, pois Tolkien não alterou essa expressão em sua versão prosaica da canção. (A palavra **Andúnë** “oeste” é uma alternativa à palavra mais comum **Númen**. **Andúnë** também pode ser definida como “pôr-do-sol” ou mesmo “anoitecer”.) **Pella** também é usada como uma posposição no poema *Markirya*, onde ela liga-se a um substantivo declinado no ablativo plural: **elenillor pella** é traduzida “de além das estrelas” (literalmente “das estrelas além”).

Na versão original deste curso, escrevi: “É impossível dizer se **pella** também pode ser usada como uma preposição, assim como sua equivalente em português, ‘além’”. Agora sabe-se que, em um rascunho para seu Pai Nosso em quenya, Tolkien usou a expressão **i ëa pell’ Ëa**, evidentemente = “que está além de Ëa” (isto é, *Eä*, o universo criado - VT43: 13). Uma circunlocução um tanto drástica para “que estais no céu”, essa expressão parece usar **pella** (encurtada para **pell’**) como uma preposição. Mas essa era apenas uma expressão experimental que Tolkien logo abandonou; ele substituiu **pell’** por **han**, evidentemente uma palavra bastan-

te diferente para “além”. Talvez isso tenha acontecido precisamente porque ele queria que **pella** fosse apenas uma posposição (e uma vez que **i ëa Eä pella** soaria um tanto estranha, ele teve que usar outra palavra). Apesar de ser outra palavra para “além”, o **lá**, que também é usado em comparação, não parece ser uma preposição (e talvez a última sílaba de **pella** esteja relacionada com esse **lá**). Mesmo assim, eu usaria apenas **pella** como uma posposição, empregando a ordem de palavras observada no *Namárië* e no *Markirya*.

SUMÁRIO DA LIÇÃO DEZENOVE: as expressões imperativas podem, de vários modos, incluir pronomes. Se uma ordem tem um único destinatário, a desinência -t (que significa basicamente “tu”) pode ser adicionada ao verbo da expressão imperativa; se for pedido que várias pessoas façam algo, a desinência -l (que significa basicamente “vocês”) pode ser preferencialmente usada. Os pronomes que indicam o objeto direto ou indireto do imperativo podem juntar-se à partícula imperativa **á**. - As (formas longas das) desinências pronominais retas que podem ser sufixadas a verbos também podem ser usadas para produzir *pronomes enfáticos* independentes ao adicionar-se a desinência relevante a e-. Por exemplo, a desinência reta -lyë “você, tu” corresponde ao pronome enfático independente **elyë** “(mesmo) tu”. A palavra enfática para “eu”, que corresponde à desinência -nyë mostra, porém, i- ao invés de e- como sua vogal inicial: **inyë**. - As palavras *interrogativas* em quenya aparentemente mostram um **ma-** inicial; exemplos atestados são **man** “quem”, **mana** “[o] que” e **manen** “como”. - *Posposições* são similares em função às preposições, mas sucedem ao invés de preceder a(s) palavra(s) à(s) qual(is) elas unem-se. A palavra **pella** “além” parece funcionar como uma posposição; o *Namárië* tem **Andúnë pella** (e não **?pella Andúnë**) para “além do Oeste”. A palavra **yá** é listada “atrás (com sentido temporal)” (Etim, entrada *YA*), de modo que talvez ela funcione como uma posposição assim como a palavra portuguesa.

VOCABULÁRIO

otsëa “sétimo”

toltëa “oitavo” (Em um documento tardio, Tolkien na verdade mudou essa forma para **toldëa**: VT42: 25, 31. Aparentemente ele considerou mudar a palavra para “8” de **tolto** para **toldo**. Podemos aceitar **toldo** “8” e **toldëa** “8º” como variantes válidas, mas nos exercícios abaixo prefiro **toltëa** - para combinar com **tolto**, a forma da palavra “8” como listada no *Etimologias*.)

inyë “eu” (pronome enfático)

elyë “você, tu” (pronome enfático) (Algumas pessoas acham que esse é o “você” no sing., correspondendo ao pl. **ellë**; qualquer que seja o caso, apenas **elyë** é usado nestes exercícios.)

elmë “nós”, exclusivo (pronome enfático) (Essa forma não é atestada diretamente, mas “atualizada” da forma mais antiga **emmë**; Tolkien eventualmente mudou a desinência para “nós” exclusivo de **-mmë** para **-lmë**.)

elvë “nós”, inclusivo (pronome enfático). (Não atestado diretamente, mas extrapolado a partir da desinência **-lvë**.)

man “quem?”

mana “o quê?” (de acordo com uma interpretação de uma frase onde essa palavra ocorre)

manen “como?”

pella “além” (posposição)

yá “atrás (com sentido temporal)” (posposição como o equivalente em português?)

frë “quando”

NOTA sobre a palavra **frë** “quando”: essa (quase com certeza) não é uma palavra interrogativa, apesar de seu equivalente em português. Uma pergunta como “quando você virá?” dificilmente pode ser traduzida ****frë tuluvalyë?** Nenhuma palavra em quenya para “quando?” como uma palavra interrogativa genuína foi publicada, embora possa ser possível contornar essa lacuna – por exemplo, poderíamos usar uma circunlocução como **lú mana(ssë)?** = “(a) que horas?”. A palavra **frë** é usada para “quando” no sentido de que ela *introduz informação sobre quando algo ocorre*; ela é atestada na Canção de Fíriel. As expressões relevantes não estão exatamente em quenya no estilo do SdA, mas o uso de **frë** pode ser observado mesmo assim: **yéva tyel ar i-narquelion, irë ilqua yéva nóina** = “haverá um fim e o Desvanecer, quando tudo estiver contado”; **man... antáva nin llúvatar... irë Anarinya queluva?** = “o que o Pai dar-me-á... quando meu Sol faltar-me?”. Atualmente não temos uma atestação tardia de tal palavra e, uma vez que ela é muito útil, podemos adotar **frë** “quando” para a nossa tentativa de um quenya padrão ou unificado. Muitos escritores pós-Tolkien já usam-na. Foi sugerido que o **f**-inicial de **frë** está relacionado ao artigo definido **i** “o, a”, enquanto que o **-rë** final pode ser equiparado à palavra **ré** “dia [de 24 horas]” (a palavra **auré** refere-se apenas ao período de luz solar). Sendo assim, **frë** significa basicamente “o dia” – e, é claro, “o que o Pai dar-me-á... o dia em que meu Sol faltar-me” ainda faria sentido. Contudo, parece que a palavra **frë** “quando” já existia muito antes do substantivo **ré** “dia”; o último aparentemente surgiu enquanto Tolkien escrevia os Apêndices do SdA. Não hesitaria em usar **frë** para “quando” em geral (não limitando sua aplicação a “o dia quando...”).

EXERCÍCIOS

Como descrito acima, Tolkien às vezes adicionava palavras extras ao traduzir pronomes enfáticos; ex: **elyë** = “mesmo tu” (para salientar a qualidade enfática da palavra). Porém, nas respostas dos exercícios abaixo, assim como na seção “Traduza para o quenya”, adotamos o sistema mais simples de escrever em *italico* os pronomes enfáticos (ex: **elyë** = *você*):

1. Traduza para o português:

A. **Man marnë i coassë cainen loar yá, frë inyë lá marnë tassë?**

B. **Mana elvë polir carë?**

C. **Áta antat nin, ar ávata nurtat nillo!**

D. **Man elyë cennë i otsëa auressë?**

E. Antuvantë ilyë i annar inyen ar lá elyen!

F. Mana i neri hirner i nóressë i oronti pella?

G. Manen elyë poluva orta i alta ondo írë inyë úmë polë caritas?

H. Sellelma marë coa entassë; elmë marir i toltëa coassë mallë sinassë. Á tulil ar á cenil coalma!

2. Traduza para o quenya:

I. Quem fez [*tempo perfeito*] aquilo [ta]?

J. O que *você* encontrou na sétima sala quando você foi lá [tanna]?

K. Quando *você* chegar [*tempo perfeito*], *eu* quero partir [auta].

L. Dê-nos o vinho! (uma ordem explicitamente direcionada a várias pessoas.)

M. Dê o vinho a *nós* e não [lá] aos guerreiros! (“Nós” é exclusivo aqui. “Para” = dativo, não alativo. Essa ordem é explicitamente direcionada a apenas uma pessoa.)

N. O sétimo guerreiro veio [*tempo perfeito*] de além das grandes montanhas.

O. Além [ou, atrás] da oitava porta [ou, “portão”, ando] *você* encontrou um grande tesouro; *nós* [exclusivo] que viemos depois de você [apa le] não encontramos nada!

P. Como os anões maus encontraram-nos sete dias atrás?

LIÇÃO VINTE

O obscuro verbo “ser”.

Ma como uma possível partícula interrogativa.

Sa introduzindo cláusulas nominais.

Estamos agora esgotando rapidamente os “fatos” razoavelmente certos sobre o quenya (embora, como tenho tentado deixar claro, muitos dos “fatos” devem ser considerados deduções experimentais). Esta última lição regular já está entrando na misteriosa zona das obscuridades lingüísticas.

O VERBO “SER”

(incluindo algumas observações sobre a forma *ëa*)

As várias formas do verbo “ser” sempre foram um problema. A versão do *Namárië* no SdA inclui o verbo de ligação *ná* “é”. Uma versão preliminar do mesmo poema combina o verbo de ligação com um sujeito no plural, resultando na forma *nar* “são”. Em julho de 2001, a forma de tempo futuro, *nauva* “será”, finalmente surgiu na edição 42 do jornal *Vinyar Tengwar*, pág. 34. Mencionamos e praticamos todas essas formas anteriormente.

Várias formas temporais, assim como o infinitivo, estão faltando. Para começar com o infinitivo, como é “ser” em quenya? Não temos outra pista além do aparente fato de que o infinitivo de verbos radicais A é idêntico ao próprio radical verbal, sem adições. Em Etim, *NÁ* é listado como o “radical do verbo ‘ser’ em Q[uenya]”. Assim, *concebeivelmente*, *ná* também pode funcionar como um infinitivo: “eu quero ser um elfo” = ?*merin ná Elda*. Mas, claro, Tolkien pode ter imaginado algo completamente diferente.

Ná, *nauva* e outras formas temporais podem ser combinadas com as desinências pronominais normais? Por décadas, isso era incerto e não estava claro mas, em janeiro de 2002, o exemplo tolkieniano *nalyë* “tu és” foi finalmente publicado em VT43: 27. Esse exemplo claramente incorpora a desinência bem conhecida *-lyë* “você, tu”, e ele também parece dizer-nos que o verbo de ligação assume a forma curta *na-* quando são adicionadas desinências. A forma *nar* “são” (usada com sujeitos no plural), ao invés de ?*nár*, aponta na mesma direção.

Porém, o corpus publicado pode não ser completamente consistente. No muito antigo (alguns dizem ser até mesmo o *primeiro*) poema em “quenya”, *Narqelion*, escrito em 1915 ou 1916, Tolkien usou a forma *náre*. Uma vez que

não há uma tradução direta desse poema feita por Tolkien, não podemos ter certeza absoluta do que ele significa. Christopher Gilson, ao analisar todo o poema levando em consideração o quase contemporâneo *Qenya Lexicon*, concluiu que **náre** pode significar “[isto] é” (VT40: 31). O indicador de 3ª pessoa **-re** (ou se você quiser, **-rë**) talvez também estivesse presente nas formas tardias de quenya de Tolkien, embora nos estágios mais tardios suporíamos que significasse “ela” ao invés de “isto” - veja a Lição 15.

Contudo, parece melhor extrapolar a partir do exemplo pós-SdA **nalyë**. Sendo assim, o seguinte padrão pode surgir:

nan ou **nanyë** “eu sou”
nat “você [singular íntimo] é”, talvez também com uma forma mais longa (**naccë** ou **natyë**?)
nal ou **nalyë** “você [polido = *tu*] é (ou *és*)” (talvez **nallë** se for distintamente plural)
nas “ele/ela é”, concebivelmente com uma forma mais longa **?naryë**; também *podem* existir formas específicas de gênero **naro** “ele é”, **narë** “ela é”
nalmë “nós [exclusivo] somos”, **nalvë** “nós [inclusivo] somos”, **nammë** “nós [dual] somos”
nantë “eles são”

Na versão original desta lição, publicada antes que o exemplo **nalyë** se tornasse disponível, sugeri um sistema parecido, mas não idêntico. Usei a forma curta **na-** sempre que um encontro consonantal vem a seguir, como quando as desinências **-lmë**, **-lvë**, **-mmë** e **-ntë** são anexadas. Presumi que as desinências com uma consoante + **y** (**-nyë** e **-lyë**, mais as duas desinências extrapoladas **?-tyë** e **?-ryë**) *não* teriam o poder de encurtar uma vogal precedente. Compare com o **á** de **má** “mão” existente muito antes da desinência pronominal possessiva **-rya** “sua (= dela)” no *Namárië*: **máryat** “suas mãos (= dela)”, dual. Esse sistema produziria **nályë** ao invés da forma agora atestada **nalyë** para “você é”. Ainda não creio que isso seja inteiramente implausível; o verbo de ligação **ná** pode aparecer na forma curta **na** mesmo quando aparecer sozinho (VT43: 26), de modo que variantes como **nályë** e **nalyë** provavelmente poderiam coexistir na mesma forma de quenya. Porém, ao adicionar desinências, usei consistentemente formas com **na-** curto nos exercícios abaixo.

O futuro **nauva** “será” seria capaz de receber todas as desinências pronominais sem modificações: **nauvan** ou **nauvanyë** “serei”, **nauvalmë** “seremos”, etc.

Talvez o verbo **ná** possa até receber *duas* desinências pronominais, para o sujeito e o predicado; ex: **nanyes** = “eu sou *ele*”. (Compare com a forma criada por Tolkien **utúvienyes** = “eu encontrei-*a*”, a segunda desinência indicando o objeto.)

Ao invés de adicionarem-se desinências pronominais ao verbo de ligação **na-**, pode-se também simplesmente usar um pronome independente e omitir o verbo de ligação totalmente: ele fica subentendido. Ao traduzir “bendita sois vós” em sua versão em quenya da *Ave Maria*, Tolkien simplesmente escreveu **aistana elyë**, isto é, **aistana** “bendita” imediatamente seguida pelo pronome **elyë** “vós”. Não há nenhum verbo de ligação “sois” no texto em quenya. Assim, podemos aparentemente sentir-nos livres para construir frases sem o verbo de ligação como **inyë Elda** “eu [sou] um elfo” ou **elyë vanya** “você [é] linda”. Os pronomes mais curtos menos enfáticos presumivelmente também funcionariam: **ni Elda**, **le vanya** (ou, **lye vanya**), etc.

Ainda assim, não podemos sempre abrir mão do verbo “ser”, e outro problema tem a ver com o pretérito “foi”. Não temos atestações exatas dele. Adicionar o indicador normal de pretérito **-në** ao radical **NĀ** certamente produziria algo como **?nānë**, mas essa forma estranha parece muito improvável. Com toda probabilidade, Tolkien realmente previu uma forma irregular. Sempre houve rumores de que uma forma **né** “foi” ocorria nos papéis não publicados de Tolkien. O mais perto que já chegamos de ter essa hipótese confirmada seria a análise de Christopher Gilson do mesmo antigo poema em “qenya” mencionado acima, *Narqelion*. Na edição 40 do jornal *Vinyar Tengwar*, págs 12-13, encontramos Gilson tentando decifrar o que ele chama de uma expressão “especialmente enigmática” do poema. Ela incorpora a forma **né**, e Gilson argumenta (pág. 13):

O pretérito do verbo “ser” não é dado no Q[enya] L[exicon], mas essa forma temporal é listada para muitos verbos, e frequentemente identificada como tal. O pretérito do qenya possui uma variedade de formações, mas um dos tipos familiares é visto em *kanda-* “chamejar”, pret. *kandane*... É possível que formas como *kanda-ne* na verdade tenham surgido como uma construção com o radical verbal mais uma forma do verbo “ser”, isto é, que um significado como “chamejou” derivou-se sintaticamente como em expressões portuguesas do tipo “estava chamejando”, com uma forma originalmente sem tempo verbal do radical *kanda-* “chamejar, chama” combinada com o pretérito expresso na desinência *-ne* “foi”... O presente do verbo “ser” é dado no QL como *ná* “é”... e se o pretérito for *né* ou *ne*, haveria um paralelo com certos outros verbos onde o presente vs. pretérito é indicado somente por uma mudança de *-a* para *-e*, como em *panta-* “abrir, expor, revelar, estender”, pret. *pante*, ou *sanga-* “embalar apertado”, pret. *sange*.

Acontece que o Sr. Gilson tem, na prática, acesso a todos os escritos lingüísticos de Tolkien, de modo que ele deve saber perfeitamente bem se uma

forma **né** “foi” ocorre no material ou não. Logo, podemos supor que Gilson sinta que estaria violando os direitos autorais de alguém se dissesse alto e claro que “**né** é a palavra em quenya para *foi*” – e assim ele tem que fingir que está meramente deduzindo essa palavra a partir de material já publicado. Lembrando que Tolkien certamente deve ter discutido as várias formas de “ser” na grande quantidade de manuscritos lingüísticos que deixou para trás, e combinando o artigo de Gilson com afirmações mais recentes feitas pelo seu grupo para o efeito de que eles não escreveriam algo que *soubessem* estar errado, aparentemente podemos tratar **né** = “foi” tão bem quanto uma palavra atestada.

Entretanto, mesmo se tal palavra tenha existido nas formas mais primitivas de “quenya”, ela obviamente pode ter sido abandonada nas formas do idioma mais compatíveis com o SdA que surgiram décadas mais tarde. Pode-se observar, porém, que a desinência de pretérito **-në** nunca foi abandonada – e se a teoria de Gilson de que há uma ligação entre essa desinência e o verbo “foi” reflete as verdadeiras idéias de Tolkien, a palavra **né** “foi” pode ter sobrevivido no quenya no estilo do SdA. De qualquer modo, os escritores dificilmente podem abrir mão de uma palavra para “foi”, e atualmente não temos melhor alternativa do que **né**. Alguns escritores têm usado essa palavra e, baseadas no par **ná** “é”/**nar** “são”, algumas pessoas também têm extrapolado uma forma **ner** “foram” para ser usada junto com sujeitos múltiplos ou no plural.

Visto que o exemplo **nalyë** demonstra que a forma do presente do verbo de ligação pode assumir desinências pronominais, podemos supor que isso é igualmente verdadeiro para a forma de pretérito “foi”. Ela talvez aparecesse como **ne** antes das várias desinências: **nenyë** “eu fui”, **nelyë** “você foi”, **nes** “ele/ela foi”, **nentë** “eles foram”, etc. Mas, ao invés de ser combinada com desinências pronominais, também é possível que o verbo de ligação fosse simplesmente omitido no pretérito, um pronome independente sendo usado ao invés de uma desinência: **elyë vanya** = pretérito “você [foi] belo” ou presente “você [é] belo”, de acordo com o contexto. (Contudo, suspeito que o verbo de ligação no futuro **nauva** “será” raramente seria omitido desse modo.)

Cinco tempos verbais são atestados em quenya: presente (ou contínuo), aoristo, pretérito, futuro e perfeito. O verbo “ser” pode não fazer qualquer distinção entre o presente e o aoristo (**ná** “está/é” abrangendo ambos); o pretérito “foi” pode ser **né** como tratado acima, e o futuro é atestado como **nauva** “será”. Isso deixa-nos apenas o tempo perfeito – “tem sido”. Geralmente, o perfeito é formado ao prefixar-se um aumento parecido à vogal raiz, alongando a vogal raiz em seu lugar normal e adicionando a desinência **-ië**; ex: **utúlië** “tem vindo” a partir do radical **TUL** “vir”. Contudo, não está claro de que modo o radical **NÂ** poderia ser

encaixado nesse modelo. Uma forma ?anáie seria bastante instável; o grupo ái tenderia a tornar-se um ditongo ai normal. Ainda assim ?anaie não me convence como uma forma particularmente provável, e apenas poderia recomendá-la aos escritores realmente desesperados. Atualmente é simplesmente impossível dizer como os Eldar diriam “tem sido” (presumivelmente uma palavra muito freqüente, visto que os elfos tolkienianos “estavam cada vez mais envolvidos no passado” – VT41: 12).

O *imperativo* de ná também é um tanto incerto. Não está nem um pouco óbvio como dizer “seja!” como em “seja bom!”. Tenho usado às vezes a forma inventada ána, combinando ná (-na) com uma variante prefixada da partícula imperativa á. Por sua forma, esse imperativo ána “seja!” teria a mesma relação com ná que a palavra de Tolkien áva “não!” tem com a negação simples vá “não!”. Porém, em suas várias traduções em quenya do Pai Nosso, Tolkien traduziu “abençoado seja vosso nome” tanto como na airë esselya como esselya na airë, evidentemente “seja sagrado vosso nome/vosso nome seja sagrado” (VT43: 9-12). Seria então na = imperativo “seja”? Ainda assim parece que na também pode ser usada como uma mera partícula que indica um desejo. Tolkien observou que na, precedendo uma frase, indica “que seja” (VT43: 14). Ele traduziu “seja feita vossa vontade” como na carë indómelya, evidentemente “que seja [aquela a] vossa vontade”. Talvez o nai da “fórmula de desejo” tratada na Lição 16 (como em nai hiruvalyë Valimar, “que você encontre Valimar”) seja na verdade na-i “seja que”. Para “seja!”, na parece a melhor opção no momento, mas não construirei nenhum exercício baseado nessa interpretação.

Em acréscimo às formas “N” do verbo “ser” (ná/nar, né, nauva e talvez na), algumas formas inteiramente diferentes de significado relacionado ocorrem no material. O texto pré-SdA *Canção de Fíriel* possui ye para “é” e yéva para “será”. Ao invés de aparecerem como palavras independentes, elas também podem ser transformadas em *desinências*, manifestando-se então como -ië e -iéva, atestadas em formas como márië “é bom” e hostainiéva “será reunido” (cf. mára “bom”, hostaina “reunido, agrupado”). Porém, como mostrei na Lição Quatro, Tolkien parece ter abandonado tais formas. A desinência -ië possui tantos outros significados (desinência gerundial como em enyalie “rechamamento”, desinência abstrata como em verië “audácia”, desinência feminina como em Valie “Vala feminina”) que Tolkien pode ter decidido que ela não deveria também ser sobrecarregada com o significado “é”. Alguns escritores têm usado a desinência -ië “é”, mas meu conselho seria o de deixar essas formações da *Canção de Fíriel* em paz.

Outro verbo que devemos considerar definitivamente não é uma palavra que Tolkien abandonou, pois ela é encontrada em escritos de data posterior à publica-

ção do SdA - com o *Namárië*, que incorpora o verbo *ná* “é”, nele. Assim, é clara a intenção de que ele coexista com *ná*, e provavelmente expressa uma nuance de significado um tanto diferente. Estamos falando do verbo *ëa* (ou, com E maiúsculo, *Eä*).

Os leitores do *Silmarillion* irão lembrar-se dessa palavra do mito da criação de Tolkien. Deus, Eru Ilúvatar, concede existência externa à Música dos Ainur com essa palavra: “Conheço o desejo de suas mentes de que aquilo que viram venha na verdade a ser... mas como vocês são e, no entanto, diferente. Logo, eu digo: *Eä!* Que essas coisas Existam!” (*Ainulindalë*). Tolkien explicou que *Eä*, como um nome do universo, originalmente não é um substantivo, mas na realidade um verbo: “Os elfos chamavam o Mundo, o Universo, *Eä* – de *Ē*” (nota de rodapé em Letters: 284). “Esse mundo, ou Universo, [o Criador] chama de *Eä*, uma palavra élfica que significa ‘É’ ou ‘Que seja’” (MR: 330).

Logo, *ëa* pode ser tanto o presente (ou aoristo) “é” como o imperativo “que seja!”. (No último sentido ela seria comparada a imperativos de uma palavra em -a como *heca!* “suma!” ou *ela!* “veja!”.) Como *ëa* “é” difere em significado de *ná*? Foi sugerido que um desses verbos significa “é” referindo-se meramente a algum caso em particular, enquanto que o outro refere-se a um estado permanente ou habitual. Em uma frase como “o homem está bêbado”, uma palavra para “está” indicaria simplesmente que “o homem” está bêbado neste momento, enquanto que a outra implicaria que ele é um bêbado por hábito. Paralelos de tal sistema podem ser encontrados em espanhol (um idioma que Tolkien amava).

Dada a extrema escassez de material das fontes, nada pode ser rejeitado neste estágio, mas eu apostaria em outra teoria. Deve-se observar que Tolkien traduziu *ëa* não apenas como “é”: ele também usou a tradução “existe” (VT39: 7). Isso sugere que *ëa* possui um significado mais *absoluto* do que *ná*. O verbo *ëa* está relacionado ao substantivo *engwë* “coisa”, uma “coisa” sendo percebida como “algo que existe”. É possível que *ná* seja um mero verbo de ligação usado em expressões que descrevem o *estado* de algo, que introduzem um substantivo (*sambë sina ná caimasan* “este aposento é um quarto de dormir”), um adjetivo (*sambë sina ná pitya* “esta sala é pequena”) ou mesmo uma expressão preposicional (*sambë sina ná ve i sambë yassë hirnenyet*, “esta sala é como a sala na qual eu encontrei-os”). Por outro lado, *ëa* refere-se à *existência* ou *presença* independente e sólida de algum sujeito, e talvez ele possa ser usado sem outras adições além desse sujeito (ex: *Eru ëa* = “Deus existe”). Tolkien informa-nos que a palavra *ëala*, por sua forma obviamente o particípio ativo de *ëa*, também era usada como o substantivo “ser, entidade” - indicando um espírito cujo estado natural é existir sem um corpo físico. Balrogs, por exemplo, eram *ëalar* (MR: 165). Basicamente, a palavra refere-se apenas àqueles “existentes”. No início de uma frase, o verbo *ëa* possivelmente pode ser usado no

mesmo sentido do “há” português, para afirmar a *existência* ou *presença* de algo: **ëa malta i orontissen** “há ouro nas montanhas”, **ëa nér i sambessë** “há um homem na sala”, **ëar neldë nissi i coassë**, “há três mulheres na casa”.

Porém, todas as frases do parágrafo anterior foram construídas por mim. Um dos nossos poucos exemplos criados por Tolkien de **ëa** ocorrendo em uma frase real faz parte do Juramento de Cirion. **Eä** aparece como o verbo de uma frase relativa: **i Eru i or ilyë mahalmar ëa tennoio**, “o Um [Deus] que está acima de todos os tronos para sempre”. Uma vez que o significado literal poderia bem ser de que Eru *existe* nessa posição sublime, isso não contradiz a interpretação apresentada acima. Em sua tradução do Pai Nosso, Tolkien traduziu “[Pai nosso] que estais no céu” como ... **i ëa han ëa**, que aparentemente *não* é uma tradução direta da expressão tradicional. Tem-se teorizado que isso significa “[Pai nosso] que estais além de Eä”, isto é, além do universo criado, embora o segundo **ëa** não esteja em letra maiúscula como um nome no texto de Tolkien. O primeiro **ëa** é com certeza o verbo “estais”.

Deve-se observar que **ëa**, ao invés de **ná**, é o verbo a usar-se ao descrever-se a *posição* de alguma coisa (a posição sendo especificada tanto por uma expressão que inclui uma preposição, como **or ilyë mahalmar** “acima de todos os tronos” ou **han ëa** “além de Eä” [?]) nas frases acima, como por um substantivo que aparece no caso locativo). Talvez possamos ter frases como **i sambë yassë ëa i harma ëa or i sambë yassë ëa i nér sí** “a sala na qual está o tesouro está acima da sala onde o homem está agora” - referindo-se não tanto a meros estados como à *existência*, *presença* e *posição*. Isso é o melhor que o presente gramático pode fazer com tão poucos exemplos.

Como **ëa** é flexionado? **Eä** parece estar na forma presente ou na forma aorista; o imperativo (usado por Eru no *Ainulindalë*) é idêntico. Talvez **ëa** também possa funcionar como o infinitivo. O futuro poderia ser algo como **euva**. O perfeito “tem existido” parece impossível de reconstruir-se mesmo com um mínimo de confiança. Quanto ao *pretérito*, ele era incerto quando publiquei este curso de quenya pela primeira vez mas, como argumentei, ele teria que ser **ëanë** ou **engë**. A última forma está agora confirmada pelo VT43: 36, ocorrendo na tradução inacabada de Tolkien do *Glória ao Pai*: **Alcar i ataren ar i yondon ar i airefëan tambë engë i...** “Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, como **ëra** no...” (a próxima palavra seria “princípio”, mas Tolkien nunca chegou tão longe).

Engë, como o pretérito de **ëa**, pode parecer uma forma um tanto surpreendente, mas ela é historicamente justificada: Tolkien aparentemente pretendia que **ëa** representasse a primitiva *eñâ*, o símbolo *ñ* representando o *ng* da palavra inglesa *king*. Em quenya, esse som perdeu-se entre vogais. Porém, o pretérito foi formado por meio de inflexão nasal, e antes de *ñ* o infixos manifestou-se como outro *ñ*.

Assim temos *eññ-*, e esse *ññ* duplo posteriormente tornou-se o **ng** do quenya (como na palavra inglesa *finger*, com um som distinto do *g*): logo, o pretérito de **ëa** veio a ser **engë**. Somente um outro verbo dessa classe é conhecido, **tëa** “indica”, com o pretérito **tengë** (ver VT39: 6-7). Foi esse exemplo que sugeriu que o pretérito de **ëa** seria **engë**, antes que o VT43: 36 fornecesse uma confirmação explícita disso.

O verbo **ëa** presumivelmente pode receber desinências pronominais como qualquer outro verbo; ex: **ëan** “existo”, **ëalmë** “existimos”, **enges** “existiu”, etc.

MA: UMA PARTÍCULA INTERROGATIVA?

Na lição anterior, introduzimos as palavras **man** “quem?”, **mana** “o quê?” e **manen** “como?”. Elas podem ser usadas para construir certos tipos de perguntas, mas o tipo mais comum de pergunta não é exemplificado no material publicado: como construímos o tipo de pergunta que pode ser respondida com um simples “sim” ou “não”?

O inglês usa vários procedimentos para transformar uma simples afirmação em uma *pergunta* quanto a alguma coisa ser realmente verdadeira. O modo mais usual é através da colocação do verbo “to do” no início da frase: “he wrote the book.” (ele escreveu o livro.)/“did he write the book?” (ele escreveu o livro?). O português não faz uso de uma partícula desse tipo, e a pergunta forma-se (como visto no exemplo acima) ao acrescentar-se simplesmente o ponto de interrogação ao final da frase afirmativa.

Muitos idiomas do nosso próprio mundo empregam tais partículas (ex: *czy*, em polonês), e esse modo simples e elegante de construírem-se perguntas do tipo “sim/não” também parece possuir um apelo considerável junto aos construtores de idiomas. O esperanto possui a partícula interrogativa *chu* (*cxu*), aparentemente baseada na palavra polonesa, e a frase “ele escreveu o livro” – *li skribis la libron* – transforma-se na pergunta “ele escreveu o livro?” simplesmente ao adicionar-se *chu* no início: *chu li skribis la libron?*

Mas e quanto ao quenya? Usando o mesmo exemplo, como transformamos o enunciado declarativo **tences i parma** “ele(a) escreveu o livro” em uma pergunta? O quenya possui uma partícula interrogativa que podemos introduzir?

Em PM: 357, citada na lição anterior, Tolkien refere-se a *ma* ou *man* como um “elemento interrogativo eldarin”. **Man** é a palavra em quenya para “quem”, mas o “elemento interrogativo” mais curto possível **ma** pode funcionar como uma partícula interrogativa? Alguns escritores têm feito essa suposição. Pode-se observar que um verbo em quenya para “perguntar” é **maquet-** (pretérito **maquentë**, PM: 403). Uma vez que **maquet-** significa claramente “*ma*-dizer”,

pode-se suspeitar que, de um modo ou de outro, as perguntas em quenya freqüentemente envolvem o elemento **ma**.

Chegou ao meu conhecimento que há um manuscrito de Tolkien que se refere a **ma** como uma partícula interrogativa. Se Tolkien pensou em uma partícula como a polonesa *czy* ou o *chu* do esperanto, aparentemente podemos transformar um enunciado declarativo em uma pergunta do tipo “sim/não” ao inserir simplesmente um **ma**, muito provavelmente no início da frase (sem exemplos atestados):

Tences i parma. “Ele(a) escreveu o livro.” > **Ma tences i parma?** “Ele(a) escreveu o livro?”

Nís enta ná Elda. “Aquela mulher (lá) é uma elfa.” > **Ma nís enta ná Elda?** “Aquela mulher (lá) é uma elfa?”

Eä malta i orontessë. “Há ouro na montanha.” > **Ma ëä malta i orontessë?** “Há ouro na montanha?”

I nér caruva coa. “O homem vai construir uma casa.” > **Ma i nér caruva coa?** “O homem vai construir uma casa?”

Concebivelmente, **ma** também pode ser usada nas chamadas perguntas *dependentes*, com o auxílio da conjunção “se” do português: **umin ista ma utúlies**, “eu não sei se ele(a) chegou.” Porém, isso é especulação, e deve-se enfatizar que ainda temos que ver a partícula interrogativa **ma** em *alguma* frase real em quenya escrita por Tolkien. O manuscrito no qual ele refere-se a **ma** como uma partícula interrogativa aparentemente é bastante antigo, de modo que essa partícula bem pode pertencer a alguma variante de “quenya” ao invés das formas de quenya mais compatíveis com o SdA.

Mesmo supondo que o sistema que pressupus ao construir os exemplos acima de fato corresponde às intenções de Tolkien em determinado estágio, ele pode muito bem ter se decidido por alguma outra coisa posteriormente. Certos fragmentos de material de quenya pós-SdA realmente incluem uma palavra **ma** com um significado completamente diferente: ela funciona como um pronome indefinido “algo, alguma coisa” (VT42: 34). Se isso significa que **ma** como uma partícula interrogativa foi abandonada, é impossível de se dizer (PM: 357 pelo menos confirma que *ma* como um “*elemento*” interrogativo sobreviveu no período pós-SdA). Se os dois **ma**’s podem coexistir na mesma versão de quenya, acaba sendo uma questão de gosto, a menos que apareça em algum manuscrito que Tolkien realmente tenha tratado dessa questão. Atualmente, o sistema esboçado acima provavelmente é o melhor que podemos fazer para construir perguntas do tipo “sim/não” em quenya.

SA INTRODUZINDO CLÁUSULAS NOMINAIS

Como sabemos, os substantivos podem exercer várias funções em uma frase. Eles aparecem com muita frequência como o sujeito ou o objeto de um verbo, como quando o substantivo **Elda** “elfo” funciona como o objeto do verbo **ista-** “conhecer” na frase **istan Elda** “eu conheço um elfo”. Às vezes, porém, é útil tratar uma frase inteira como um substantivo, de modo que ela exerça funções como as de um substantivo em uma frase. Considere uma frase simples como “você está aqui”. Se quisermos tratar essa frase como um substantivo e inseri-la em uma frase mais longa para funcionar como (digamos) o objeto, o português pode indicar o estado de substantivo das palavras “você está aqui” ao colocar a palavra “que” na frente delas: “que você está aqui”. Agora essa frase inteira, uma *cláusula nominal*, pode funcionar como o objeto de um verbo: “eu sei que você está aqui”. Ela também poderia ser usada como o *sujeito* de uma frase, como em “que você esteja aqui é bom”. (Mas no último caso, o português inverteria a ordem da frase e colocaria o sujeito no final: “é bom que você esteja aqui.”)

Qual, então, é o equivalente em quenya de “que” como uma partícula formadora de cláusulas nominais?

Nossa única comprovação dessa importante partícula vem de uma fonte particularmente obscura. Alguns anos atrás, uma pessoa que se identificou como Michael Dawson mandou uma mensagem para a lista de discussão por e-mail Tolkien Internet. Ele afirmava estar fazendo uma citação de uma antiga carta de Tolkien que não poderia ser datada mais precisamente do que de “anos” antes de 1968. Era uma saudação em quenya incluindo as palavras **merin sa haryalyë alassë** - que supostamente significa, literalmente, “desejo que você tenha felicidade”. (O **merin** inicial na verdade apareceu como “meriu” na mensagem de Dawson; **n** e **u** minúsculos **u** frequentemente são muito difíceis de distinguir-se na caligrafia de Tolkien. “Meriu” seria uma forma bastante sem sentido, e a tradução fornecida resolve o problema.) Como vemos, a palavra **sa** é usada aqui como uma partícula que transforma a frase **haryalyë alassë** “você tem felicidade” em uma cláusula nominal, de modo que ela pode funcionar como o objeto do verbo **merin** “eu quero/desejo”.

Existem vários pontos questionáveis aqui. Em primeiro lugar, nem todo mundo está convencido de que a frase “Merin”, como geralmente é chamada, seja realmente genuína. Descobri que várias tentativas de entrar-se em contato com esse Michael Dawson até agora mostraram-se inúteis, e é um tanto perturbador observar que sua mensagem foi enviada em 1º de abril. Por outro lado, Carl F. Hostetter (que tem visto quase todos os manuscritos lingüísticos de Tolkien) comentou brevemente essa frase em VT41: 18 e aparentemente reconheceu-a como

genuína, embora ele tenha especificado posteriormente que ela não ocorre em nenhum manuscrito que ele conheça. A palavra **sa** não é fundamentalmente implausível; ela poderia significar basicamente “o, a” (relacionada com a desinência -s). Mas é claro, mesmo se a palavra **sa** for genuinamente de Tolkien, é impossível dizer a qual estágio de q(u)enya ela pertence. Supondo que a frase Merin seja na verdade escrita por Tolkien, eu diria que ela é bastante antiga, uma vez que seu vocabulário corresponde tão bem àquele de *Etimologias* (da metade dos anos trinta – note o uso do verbo **harya-** “ter, possuir”, de outra forma atestado apenas no Etim). Assim, dada a natureza inconstante da concepção de Tolkien, **sa**, como uma partícula formadora de cláusulas nominais, bem pode ter sido abandonada à época em que Tolkien publicou o SdA. Ainda assim, os escritores dificilmente podem ir adiante sem essa importante palavra, e atualmente **sa** é nossa única alternativa.

Aceitando **sa** como uma palavra para esse significado, nosso exemplo acima – “eu sei que você está aqui” – talvez pudesse ser traduzido em quenya como algo do tipo **istan sa äalyë sinomë** (cf. **ista-** “saber, conhecer”, **sinomë** “nesse lugar, aqui” – e acima teorizamos que **ëa**, ao invés de **ná**, é a palavra usada para “é, está” quando uma certa *posição* é discutida). “Que você esteja aqui é bom” presumivelmente poderia, da mesma forma, ser traduzida **sa äalyë sinomë ná mára**. “É bom que você esteja aqui” poderia corresponder a algo como **ná mára sa äalyë sinomë** (se o verbo **ná** “é” puder ser colocado frontalmente).

SUMÁRIO DA LIÇÃO VINTE: o verbo “ser” é pouco atestado em quenya. **Ná** significa “é”; foi sugerido que **né** é a palavra para “era”; **nauva** é atestado como o futuro “será”. O exemplo atestado **nalyë** “tu és” parece indicar que as desinências pronominais normais podem ser adicionadas às formas do verbo “ser”; **ná** assume a forma mais curta **na-** antes de desinências (cf. também **nar** “são”). Se **né** é de fato a palavra para “era”, a analogia sugeriria que ela apareceria como **ne-** quando desinências fossem adicionadas. Ao invés de usar formas de “ser” com uma desinência pronominal anexada, também é admissível usar um pronome independente e omitir o verbo de ligação (cf. uma expressão como **aistana elyë** “bendita [sois] vós” na tradução de Tolkien da *Ave Maria*). Outro verbo também traduzido “é” é **ëa** (pretérito **engë**), que significa mais apropriadamente “existe”: ele seria usado para “é” em contextos que tratam de *presença*, *existência* ou *posição* de alguma coisa (no último caso, **ëa** pode unir-se a uma expressão preposicional, como no exemplo atestado **i or ilyë mahalmar ëa** “[Deus,] que está acima de todos os tronos”). - De acordo com certos pedaços de evidência, o quenya (ou pelo menos alguma variante de “qenya”) possuía uma partícula interrogativa **ma**. Presumivelmente ela pode ser adicionada no início (?) de enunciados declarativos para transformá-los em perguntas do tipo “sim/não”.

- De acordo com uma fonte (possivelmente duvidosa), a forma **sa** pode ser usada para “que” como uma partícula que introduz cláusulas nominais (como em “eu sei que você está aqui”, “ele disse que isto é verdade”, etc.)

VOCABULÁRIO

nertëa “nono”

quainëa “décimo” (Assim de acordo com um texto sobre numerais eldarin publicado em VT42. Isso pressupõe outra palavra para “dez” ao invés da forma **cainen** que ocorre no Etimologias - talvez **quainë**, não atestada por si mesma. Talvez **cainen** correspondesse a um ordinal “décimo” do tipo **cainenya**, e talvez os escritores devessem usar tanto **cainen/cainenya** como **quainë/quainëa** mas, para completar nossa lista dos ordinais 1º-10º em quenya, usaremos a forma atestada **quainëa** aqui.)

ma, *possível* partícula interrogativa

sa, “que” introduzindo cláusulas nominais (de acordo com uma fonte de valor um tanto questionável)

nómë “lugar”

sinomë “neste lugar” ou simplesmente “aqui” (aparentemente combinando **si-** como em **sina** “este” com **-nomë**, uma forma encurtada de **nómë** “lugar”; assim, **sinomë** = “[n]este lugar”)

tenna preposição “até”

ëa verbo “é” = “existe” (pretérito tanto **ëanë** como **engë**, futuro talvez **euva**)

mal conjunção “mas”

né sugerido como o pretérito de **ná** “é”; assim, “era”

ista- “saber, conhecer” (note o pretérito irregular **sintë** ao invés de ****istanë**; talvez o perfeito “tem sabido” devesse ser, de forma parecida, **isintië**)

lerta- “poder” no sentido de “ser permitido a”

NOTA 1: O quenya possui vários verbos que correspondem ao “poder” do português. Como explicado em um manuscrito de Tolkien publicado em VT41, pelo menos três verbos em quenya podem ser usadas para expressar a idéia de “ser capaz de”. O verbo **pol-**, que apresentamos anteriormente, significa primeiramente ser fisicamente capaz de fazer alguma coisa (cf. o adjetivo **polda** “[fisicamente] forte”, aparentemente relacionado a esse verbo). O verbo **lerta-** significa ser *permitted* a fazer algo, ser *live* para fazer alguma coisa porque não há proibição – embora em alguns contextos ele também possa ser intercambiável com **pol-**. O verbo **ista-** “saber, conhecer” (pret. **sintë**) pode ser combinado com um infinitivo para expressar “poder” no sentido de “saber como”, referindo-se à habilidade *intelectual*. Logo, **istas tecë** significaria “ele pode (sabe) escrever [porque ele conhece as letras do alfabeto]”. **Polis tecë** seria “ele pode escrever” no sentido de que “ele é fisicamente capaz de escrever [porque suas mãos não estão paralisadas ou amarradas ou algo assim]”. **Lertas tecë** significaria “ele pode escrever” no sentido de que “ele tem permissão para escrever”.

NOTA 2: listei acima **mal** como a conjunção em quenya para “mas”. Na verdade, muitas palavras para “mas” aparecem no material de Tolkien, e realmente são tantas que parece duvidoso que ele realmente pretendesse que elas pertencessem a uma única forma de quenya. O *Etimologias*, entrada **NDAN**, lista **ná** ou **nán** como palavra em quenya para “mas”. A Canção de Fíriel usa a forma curta **nan** (LR: 72), uma palavra que muitos escritores pós-Tolkien também têm usado. Contudo, **ná** também significa “é”, e **nán** ou **nan** talvez também possam significar “eu sou”. Outras palavras para “mas” aparecem em várias tentativas de tradução em quenya do Pai Nosso: **anat**, **onë**, **ono** (VT43: 8-9); além disso, outra fonte

tardia possui **nó** (VT41: 13). Porém, **nó** também pode significar “antes”, e as formas **anat**, **onë** e **ono** talvez tenham sido substituídas pela palavra que Tolkien usou para “mas” ns versão final de sua tradução do Pai Nosso: **mal**. De todas as palavras para “mas” que foram publicadas até agora, **mal** parece-me a menos ambígua, e essa é a palavra que usaremos aqui.

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português:

A. Elyë Nauco, lá Elda.

B. Cennen sa i nero ranco né rácina.

C. I aran né taura, mal i tári né saila lá i aran.

D. Ma sintelyë sa nu i coa ëa nurtaina harma?

E. Ma lertan lelya nóme sinallo?

F. Áva sucë, an ëa sangwa yulmalyassë!

G. Ma engelyë sinomë i quainëa auressë írë tullentë?

H. Istalmë sa ëa nulda sambë coa sinassë, mal lá ihírielmes, ar tenna hirilmes úvalmë ista mana ëa i sambessë.

2. Traduza para o quenya (usando, por conveniência, formas L ao invés de formas T para traduzir “você”):

I. Eu era rico [várias traduções possíveis].

J. O rei disse: “Você não pode ir ao lugar de onde [yallo] você veio (*perfeito*)”, mas eu sei que irei para lá [tanna].

K. Eu sei ler, mas não posso ler na escuridão.

L. Nós (*incl.*) sabemos que elfos existem.

M. Ele moraram [mar-] aqui até o nono ano quando os guerreiros chegaram?

N. Nós (*excl.*) sabemos que os homens podiam falar a língua élfica [Eldalambë], mas não a língua anã [Naucolambë].

O. As mulheres disseram que você viu (*perfeito*) o grande verme [ango] que estava na montanha.

P. No décimo dia o sol estava brilhante.

APÊNDICES

Baseado em todo o material publicado, apresentei a maioria das informações sobre o quenya que imaginei que pudéssemos deduzir com um mínimo de confiança. Estes Apêndices do curso fornecerão apropriadamente algumas informações adicionais, mas primeiramente eles serão dedicados a discutir certas características do quenya que não são tão bem atestadas ou compreendidas a ponto que me sentisse capaz de construir quaisquer exercícios que tratassem desses assuntos. Se mais material sobre o quenya for publicado no futuro, também poderei resumir a nova informação aqui (a menos ou até que a insira nas lições existentes, ou escreva lições adicionais para abranger a informação recente).

QUAL É A FUNÇÃO DO PLURAL PARTITIVO?

Neste curso tratamos de três números do quenya: singular, plural e dual. Porém, há também um quarto, chamado de *plural partitivo*, ignorado no decorrer deste curso por eu acreditar que sua função não é bem compreendida. Portanto, também sou incapaz de garantir que Tolkien não teria usado o plural partitivo onde usei o plural “normal” em alguns dos exercícios deste curso.

Antes de tratar da possível função do plural partitivo, discutiremos como ele é formado. A desinência básica é **-li**, derivada da raiz **LI** “muitos”, que também é a origem do substantivo **lië** “povo”. A Carta Plotz aponta para **lasseli** e **ciryali** como as formas plurais partitivas de **lassë** “folha” e **ciryä** “navio”. Está pouco claro como **-li** pode ser adicionada a substantivos que terminam em uma consoante, pois isso normalmente resultaria em encontros consonantais impossíveis (apenas substantivos que terminam em **-l** podem receber a desinência **-li** sem dificuldades adicionais, uma vez que o quenya permite **ll**). Em um exemplo atestado, que envolve o plural partitivo de **Casar** “anão” (baseado na palavra *Khazâd* da língua anã e uma alternativa para a palavra nativa **Nauco**), vemos assimilação: ao invés da forma impossível ****Casarli**, temos **Casalli**. *Etimologias* aponta, do mesmo modo, para **Telelli** como o plural partitivo de **Teler** (um elfo do Terceiro Clã); ver WJ: 388, LR: 391.

Substantivos que terminam em **-s** ou **-n** também podem assimilar essa consoante a **l** antes da desinência **-li**, de modo que talvez o plural partitivo de substantivos como **elen** “estrela” ou **olos** “sonho” seja **elelli** e **ololli**. O comportamento de substantivos que terminam em **-t**, como **nat** “coisa”, deve permanecer um mistério por ora. Ou a forma impossível ****natli** teria suas consoantes trocadas, produzindo **nalti**, ou devemos provavelmente inserir alguma vogal de ligação –

resultando talvez em uma forma como **nateli** (com a mesma vogal extra -e-, como em **Elendilenna** “a Elendil”, PM: 401).

Quanto às várias formas casuais conforme apresentadas na Carta Plotz, o arcaico “quenya livresco” apresenta a desinência longa **-lí** no nominativo e o acusativo igualmente, mas em quenya tardio, ela é encurtada para **-li** como nos exemplos acima. A desinência **-lí-** com uma vogal longa, entretanto, ainda é usada antes das desinências **-nen** para o instrumental e **-va** para o possessivo, de modo que, nesses dois casos, a forma plural partitiva **ciryali** aparece como **ciryalínen** e **ciryalíva** respectivamente (e a vogal longa obviamente recebe a ênfase). O genitivo simplesmente adiciona a desinência **-on** como no plural normal; assim, **ciryalion**. O dativo adiciona a desinência dativa mais simples **-n**; assim, **ciryalin**.

No locativo, alativo e ablativo, é opcional usar as desinências mais simples **-ssë**, **-nna** e **-llo** ou suas formas plurais **-ssen**, **-nnar** ou **-llon** (alternativamente **-llor**). A desinência **-li-** já indica que a palavra está no plural, de maneira que não é importante se um segundo indicador de plural segue-se ao final da palavra ou não. Assim, locativo **ciryalissë** = **ciryalissen**, alativo **ciryalinna** = **ciryalinnar**, ablativo **ciryalillo** = **ciryalillon** (ou **ciryalillor**). No *Namárië* no SdA, Tolkien usou **falmalinnar** como o alativo plural partitivo do substantivo **falma** “onda (espumante)”, de modo que os escritores que quiserem usar estritamente uma forma de quenya no estilo do SdA podem optar pelas formas com indicador duplo de plural.

Listar as formas é fácil; o mais difícil é dizer precisamente qual a *função* das mesmas. Se **ciryar** é simplesmente “navios”, de que modo a forma plural alternativa **ciryali** difere em significado?

Na tradução inglesa (assim como na portuguesa), Tolkien traduz as formas “plurais partitivas” em **-li** como formas plurais inglesas (e portuguesas) normais (em **-s**): a expressão alativa **i falmalinnar** no *Namárië* é traduzida “sobre as ondas espumantes”. Contudo, em sua tradução entrelinhas do *Namárië* em RGEO: 67, Tolkien separou essa forma de **falma** como **falma-li-nnar** e indicou que o elemento central significa “muitas” - que, como vimos, também é o significado do radical básico **LI** (LR: 369). Além disso, um ent em certa ocasião usou a palavra **taurelilómëa**, que no Apêndice F do SdA é dito que significa “Floresta-muitasombra”. Embora isto não seja quenya genuíno como tal, mas meramente “fragmentos da língua dos elfos alinhavados à moda dos ents”, Tolkien mais uma vez sugere que o elemento **-li** indica “muitos(as)”.

Assim, inevitavelmente, e não sem razão, muitos pesquisadores concluíram que as formas em **-li** são exemplos de um chamado *plural múltiplo*. Pensou-se que essa forma de plural implica que há *muito* da coisa em questão: enquanto que **ciryar** é simplesmente “navios” (poucos ou muitos, mas pelo menos mais de um), **ciryali** in-

dicaria “muitos navios”. O exemplo *i falmalinnar* “sobre as ondas espumantes” no *Namárië* concordaria bem com essa interpretação: Galadriel está cantando sobre as ondas do vasto oceano entre ela mesma e Varda - obviamente uma grande quantidade de ondas.

Porém, temo que essa interpretação das formas plurais em *-li* seja muito simplista; ao menos essa dificilmente pode ser toda a história. Barbárvore saudou Celeborn e Galadriel como *a vanimar, vanimálion nostari*, saudação que Tolkien traduziu como “ó seres belos, geradores de seres belos” (SD: 73). *Vanimálion* “de seres belos” é o genitivo plural partitivo de *vanima* “(ser) belo”. Novamente Tolkien traduz uma forma plural partitiva como um plural normal português, e não há nada para sugerir que o significado “de *muitos* seres belos” seja pretendido. (A menos que Barbárvore exagere ao ser polido, isso também não concordaria muito bem com os fatos: Celeborn e Galadriel foram os “geradores” de *uma* criança conhecida, sua filha Celebrían. Mesmo se também inserirmos sua neta Arwen, há ainda apenas *dois* “seres belos”; isso dificilmente pode ser contado como “muitos”).

Há também um exemplo de um plural partitivo (desta vez no caso locativo) no poema *Markirya*, mas isso não é de muita ajuda: *Man cenuva rácina cirya ondolissë mornë*, pergunta que Tolkien traduziu “quem prestará atenção em um navio partido nas rochas negras[?]” (MC: 222, cf. 215, 220). Assim, temos aqui *ondolissë mornë* = “nas rochas negras”; mais uma vez, um plural do quenya em *-li* é traduzido como um plural normal português em *-s*. Apesar de não haver nada que exclua a possibilidade de que o navio seja descrito como estando encalhado em *muitas* “rochas negras”, também não há nada que confirme essa interpretação.

Material antigo (muito anterior ao SdA) fornece-nos ainda mais exemplos de plurais em *-li*. Nas primeiras versões das narrativas do *Silmarillion*, o clã dos Noldor é chamado de *Noldoli* (ex: LT1: 21). Aqui a desinência *-li* parece ser usada como um tipo de “plural genérico”, referindo-se à raça inteira dos elfos noldorin. De modo similar, na entrada *TELES* em *Etimologias* (LR: 391), Tolkien parece igualar na prática a forma *Telelli* à palavra composta *Telellië* “povo Teler” (*Teler* “elfo telerin” + *lië* “povo”; note a assimilação regular *rl > ll*). Entretanto, ao discutir várias formas de *Casar* “anão” em uma fonte muito tardia (pós-SdA), Tolkien parece fazer claramente uma distinção entre “o plural partitivo” *Casalli* e “o nome da raça” *Casallië* (o último evidentemente = “povo anão”, *Casar* + *lië*). Ver WJ: 388. Nas narrativas tardias, Tolkien também abandona a forma *Noldoli* e refere-se consistentemente a esse povo como os *Noldor* - um plural “normal” em *-r*, embora a referência seja claramente ao clã inteiro dos elfos noldorin como um “povo”. A forma *Noldoli* certamente não era obsoleta como tal, mas talvez sua função fosse redefinida.

Em uma passagem em *Letters*, Tolkien faz algumas observações que pelo menos esclarecem algumas das várias formações de plural, mas ele usa exemplos do sindarin:

Os idiomas eldarin diferem em forma e uso entre um plural “partitivo” ou “particular”, e o plural geral ou total. Assim temos *yrch* “orcs, alguns orcs...” ... os orcs, como uma raça, ou o todo de um grupo previamente mencionado teria sido *orchoth*. (*Letters*: 178)

Se *yrch* “orcs” é um exemplo de um plural sindarin “partitivo” ou “particular”, ele deve corresponder a um plural em quenya em **-li** (embora historicamente *yrch* descenda particularmente de um plural em **-i**, desinência de plural que ainda existe em quenya). Devemos então igualar o plural “normal” do quenya em **-i** ou **-r** ao “plural geral ou total”. De acordo com o que Tolkien diz, esse plural seria freqüentemente usado para *raças* inteiras (ou para *grupos* distintos previamente identificados). De fato vemos formas como **Valar**, **Quendi**, **Eldar** referindo-se às “raças” relevantes (isso torna obsoleta a noção de que o plural em **-li** também pode ter esse significado, sendo por isso que Tolkien substituiu **Noldoli** por **Noldor** em suas narrativas?). Certamente essas formas plurais também podem possuir uma referência mais limitada, apontando para algum grupo em particular ao invés da “espécie” inteira da coisa em questão. Barbárvore dirige-se a Galadriel e Celeborn como **a vanimar** “ó seres belos”; eles obviamente são apenas um casal de pessoas belas, não constituindo por si próprios a “raça” inteira de pessoas belas do mundo.

Talvez o sistema funcione mais ou menos assim: se você referir-se a um grupo usando o plural “normal” em **-r** ou **-i** e não *inserir o artigo definido antes do substantivo plural*, o substantivo com freqüência poderá possuir uma referência genérica, a menos que o contexto indique claramente de outra maneira. Cf. um exemplo feito por Tolkien como **Valar valubar**, “a vontade dos [/de todos os] **Valar** [Deuses, Poderes] será feita” (WJ: 404). **Valar** é aqui um plural “geral ou total”; ele não se refere a “alguns” deuses ou Poderes, mas à “raça” inteira dos Valar. Se você quiser introduzir *alguns* Valar em oposição à raça inteira de deuses, talvez seja apropriado usar o plural partitivo: **Valali**. (Cf. uma explicação de Tolkien na qual “alguns orcs” é uma possível tradução do plural partitivo sindarin *yrch*.) O próprio termo plural *partitivo* sugeriria então que estamos lidando com um subgrupo, uma *parte* do grupo total de Valar no mundo. Mas uma vez que esses **Valali** estivessem estabelecidos como “um grupo previamente mencionado”, voltaríamos para o plural “total”, que agora se refere ao total do subgrupo previa-

mente mencionado. Agora seria apropriado falar desse subgrupo como **i Valar** (com o artigo definido: *os* deuses específicos que estamos levando em consideração aqui).

Quando Barbárvore dirige-se a Galadriel e Celeborn como **a vanimar** “ó seres belos”, ele evidentemente usa o plural “particular”, uma vez que ele está dirigindo-se a duas “belas” pessoas em particular. Mas quando ele descreve-os como **vanimálion nostari** “geradores de seres belos”, ele muda para o plural “partitivo” para deixar claro que Galadriel e Celeborn são os pais (e avós) de *alguns* “seres belos”, em oposição a todos os seres belos do mundo. (Talvez a expressão de Barbárvore também pudesse significar que *alguns*, mas não *todos* os filhos de Galadriel eram “belos”. Contudo, o contexto, assim como a cortesia, indicaria o contrário.) Quanto ao navio que está encalhado **ondolissë**, ele simplesmente é descrito como estando encalhado em *algumas* rochas, *certas* rochas, *várias* rochas.

Assim, em resumo, é possível que o quenya tipicamente usasse os plurais em **-li** onde em português teríamos “alguns” + um substantivo no plural. Ainda assim, a teoria mais antiga dos “plurais múltiplos” pode não estar completamente errada; permanece o fato de que a raiz **LI** originalmente significa “muitos”. Talvez seja especialmente quando os plurais em **-li** são combinados com o artigo definido que essas formas podem carregar a idéia de um grande número, como na expressão do *Namárië* **i falmalinnar** “sobre as [ou ?o vasto oceano de] ondas espumantes”. Mas, geralmente, pode ser igualmente sensato usar um adjetivo separado para indicar “muitos” (neste curso usamos o adjetivo **rimba** pl. **rimbë**, listada por Tolkien como “numeroso”, para expressar esse significado).

Visto que temos tão poucos exemplos, essas teorias devem permanecer experimentais. Como eu disse, certamente não posso excluir a possibilidade de que Tolkien algumas vezes teria usado plurais em **-li** onde usei plurais “normais” nos exercícios deste curso. E muito menos posso dizer se ele teria rejeitado a expressão alternativa como completamente “errada” ou como agramatical em quenya.

A APLICAÇÃO DE DESINÊNCIAS CASUAIS QUE INCLUEM T

Como lembramos, há duas desinências em quenya que indicam número dual: **-u** e **-t** (ex: **Aldu** “duas árvores”, **ciryat** “dois navios”). Qual desinência é usada depende da forma do substantivo ao qual ela é anexada.

Na Carta Plotz, Tolkien listou várias desinências casuais que também incluíam o elemento dual **-t-**: genitivo **-to**, dativo **-nt**, alativo **-nta**, ablativo **-lto**, locativo **-tsë**, instrumental **-nten**. Obviamente, essas são meras variações das desinências casuais mais simples, geralmente associadas com o singular: **-o**, **-n**, **-nna**, **-llo**, **-ssë** e **-nen**. As

desinências duais correspondentes são produzidas simplesmente ao inserir-se um **-t-** e (onde necessário) adaptar o resultado para adequar-se à fonologia do quenya. Logo, a questão é: uma vez que **-t** obviamente é o indicador dual aqui, as desinências casuais que incluem **-t-** devem ser anexadas *apenas* a substantivos com formas duais nominativas em **-t**, como **ciryat**? Quem sabe substantivos que no nominativo recebem o outro indicador dual, **-u**, *não* devam receber desinências casuais que incluem **-t**?

Essa é uma questão que discuti brevemente em muitas das lições e, como indiquei, não há uma resposta certa disponível. Ainda assim podemos formar uma teoria plausível se pudermos compreender como as desinências casuais que incluem **-t-** originalmente surgiram no idioma. Talvez Tolkien tenha imaginado que, inicialmente, as desinências casuais eram simplesmente adicionadas à forma dual mais simples em **-t**.

Assim, começando a partir do simples nominativo **ciryat** “dois navios, um par de navios”:

ciryat + **-o** para genitivo = **ciryato**

ciryat + **-n** para dativo = **ciryatn**

ciryat + **-nna** para alativo = **ciryatnna**, simplificado para **ciryatna**

ciryat + **-llo** para ablativo = **ciryatllo**, simplificado para **ciryatlo**

ciryat + **-ssë** para locativo = **ciryatssë**, simplificado para **ciryatsë**

ciryat + **-nen** para instrumental = **ciryatnen**

Porém, o grupo **tn** veio a ser rejeitado, de modo que as consoantes passaram por *metátese*; isto é, elas foram trocadas para produzir **nt**. Desse modo, o dativo **ciryatn**, o alativo **ciryatna** e o instrumental **ciryatnen** transformaram-se nas formas atuais listadas em Plotz: **ciryant**, **ciryanta**, **ciryanten**. Da mesma forma, **tl** mudou para **lt**, de modo que o ablativo mudou de **ciryatlo** para a forma atestada em Plotz **ciryalto**. Apenas o genitivo **ciryato** e o locativo **ciryatsë** continuaram como eram, sem metátese – revelando que, originalmente, as desinências casuais eram sufixadas diretamente à forma dual mais simples em **-t**.

Sendo assim, temos toda razão para supor que as mesmas desinências casuais também foram sufixadas às formas duais em **-u**, como isto, por exemplo (usando **Aldu** “Duas Árvores” como nosso exemplo padrão):

Aldu + **-o** para genitivo = **Alduo**

Aldu + **-n** para dativo = **Aldun**

Aldu + -**nn**a para alativo = **Aldunna**
 Aldu + -**llo** para ablativo = **Aldullo**
 Aldu + -**ssë** para locativo = **Aldussë**
 Aldu + -**nen** para instrumental = **Aldunen**

Essas formas não passariam por mudanças adicionais, visto que todas são aceitáveis em quenya no que diz respeito à fonologia. Por essa teoria, as desinências duais -**nt**, -**nta**, -**lto**, -**tsë** e -**nten** deveriam apenas ser sufixadas a substantivos com formas duais nominativas em -**t**. Substantivos com formas duais nominativas em -**u** meramente adicionariam as desinências casuais mais simples -**o**, -**n**, -**nn**a, -**llo**, -**ssë** e -**nen**. A única incerteza seria quanto à forma dativa. Ela poderia ser **Aldun** como sugerido anteriormente, mas como demonstramos na Lição Treze, Tolkien usou a desinência mais longa -**en** em um exemplo atestado datando do período quando -(e)**n** ainda era a desinência genitiva ao invés da dativa: **veruen** como o genitivo da forma dual **veru** “casal, cônjuges” (Etim, entrada *LEP*, cf. *BES*). Se essa formação sobreviveu como tal, sem considerar a redefinição de Tolkien dessa desinência casual, o dativo de **Aldu** deveria ser **Alduen**.

Quanto à forma do caso possessivo-adjetivo, as desinências duais não são atestadas em lugar algum. Teorizamos que ela deve possuir a desinência -**twa** no caso de formas duais em -**t** (*ciryatwa* “de um par de navios”), mas se a teoria apresentada acima for correta, a desinência deveria simplesmente ser -**va** no caso de formas duais em -**u** (*Alduva* “das Duas Árvores”).

INFINITIVOS COM A- PREFIXADO

O poema *Markirya* inclui dois exemplos de um infinitivo especial que é marcado com o prefixo a-. (Tolkien primeiro escreveu **na-**, depois mudando para **a-**, sugerindo talvez que essa fosse uma característica gramatical que surgiu espontaneamente em sua mente conforme ele trabalhava na última versão desse poema.) Os dois versos relevantes consecutivos são estes:

Man cenuva lumbor ahosta “Quem verá [as] nuvens juntarem-se,”
Menel acúna... “os céus curvando-se...[?]”

Os verbos envolvidos são os radicais A **hosta-** “juntar, reunir” e **cúna-** “curvar”. Qual é a função do prefixo a- que ocorre aqui?

Tolkien forneceu uma breve, porém obscura, nota sobre ele: “Quando o radical puro do verbo é usado (como após ‘ver’ ou ‘ouvir’) como infinitivo, [a-] é

prefixado se o substantivo for o objeto e não o sujeito” (MC: 223). Há pelo menos duas interpretações possíveis disso, mas a interpretação “tradicional” – refletida em muitos textos pós-Tolkien – é esta: após verbos de sentidos (como “ver”, “observar”, “ouvir” etc.) tipicamente encontraremos algum substantivo que é o *objeto* do verbo de sentido em questão. Nos exemplos acima, **lumbor** “nuvens” e **Menel** “os céus” são os *objetos* (e não os sujeitos!) do verbo **cenuva**, “verá”. Apesar disso, esses verbos também são os *sujeitos* lógicos dos verbos “juntar” e “curvar”: as nuvens juntam-se, os céus curvam-se. Logo, para expressar o que um objeto *está fazendo por si mesmo* enquanto é o sujeito de outro verbo, você usa um infinitivo com um **a-** prefixado. Em outras palavras, **man cenuva lumbor ahosta** é o modo de dizer em quenya “quem verá [as] nuvens enquanto elas juntam-se”. Mas, diferente de “juntam” nessa circunlocução em português, **ahosta** permanece um infinitivo, como é visto claramente pelo fato dele não receber a desinência de plural **-r**, embora seu sujeito lógico (**lumbor** “nuvens”) esteja no plural.

Podemos perguntar-nos como o prefixo **a-** seria adicionado a um radical verbal que comece por uma vogal, especialmente em **a-**. Como sugerido por Nancy Martsch em seu *Basic Quenya*, algumas vezes pode ser melhor inserir um hífen, como por exemplo em uma frase como **cennen i nís a-anta [?] i seldon parma**, “vi a mulher dar ao menino um livro”.

Também não se tem certeza de como o prefixo **a-** seria adicionado a verbos primários. Um verbo como (digamos) **mat-** “comer” provavelmente incluiria a desinência **-ë** em sua forma de “radical”, do mesmo modo que o faz quando funciona como um infinitivo. É claro que podemos prefixar **a-** e construir uma frase como **tirnen i Naucor amatë** = “eu observei os anões comerem” (= “eu observei os anões *enquanto eles comiam*”). Entretanto, uma forma como **amatë** seria enfatizada na primeira sílaba, no próprio prefixo. Quem sabe devemos ignorar as regras normais de tonicidade e deixar a ênfase recair sobre a sílaba após o prefixo (a grafia **a-matë** poderia ser empregada para sugerir isso)? Na verdade, o poema *Markirya* contém um exemplo relevante envolvendo o verbo **cir-** “navegar” mas, nesse exemplo, o prefixo **a-** de modo algum é usado. Corrigindo algumas prováveis leituras erradas (*a* no manuscrito de Tolkien sendo três vezes lido como *e*), esse verso ficaria assim: **Man cenuva fána cirya métima hrastallo círa** = “Quem verá um navio branco navegar a partir da última costa [?]” (a tradução poética de Tolkien em MC: 214 é “quem verá um navio branco deixar a última costa” - mas está claro qual é o significado literal). A construção completa é muito similar aos exemplos citados acima; o “navio branco” é o *objeto* do verbo **cenuva** = “verá”, mas ele também é o *sujeito* lógico do verbo **cir-** “navegar”. O último é aqui construído simplesmente como um radical “continuativo”, parecido em forma

com o tempo “presente” ou “contínuo”: *círa*. De modo que devemos supor que “eu observei os anões comerem” poderia ser expresso de maneira semelhante como *tirnen i Naucor máta*, e creio que eu preferiria essa construção à incerta forma *amatë*.

Obviamente podemos então perguntar por que um simples radical “continuativo” não pode substituir o infinitivo com *a-* prefixado *em qualquer lugar*. Os verbos *hosta-* “reunir, juntar” e *cúna-* “curvar” presumivelmente produziriam as formas *hostëa* e *cúnëa*. Por que, então, “quem verá as nuvens juntarem-se, os céus curvando-se?” não pode ser expressa como *man cenuva lumbor hostëa*, *Menel cúnëa*? Por que, ao invés disso, Tolkien usou as formas *ahosta* e *acúna*? É claro que, por tudo que sabemos, ambas as construções poderiam ser igualmente possíveis, e Tolkien simplesmente escolheu aquela que veio primeiro à sua cabeça, ou aquela que adequava-se melhor à métrica de seu poema.

Contudo, “Gildor Inglorion” (da lista de discussão Elfling) sugeriu uma nova interpretação da função do prefixo *a-* que nos permitiria explicar todas as formas atestadas. Já citamos a observação de Tolkien que “quando o radical puro do verbo é usado (como após ‘ver’ ou ‘ouvir’) como infinitivo, [*a-*] é prefixado se o substantivo for o objeto e não o sujeito” (MC: 223). Ele quer dizer: quando o “substantivo” (isto é, o objeto do verbo principal da frase) é o objeto lógico – e não o sujeito – *do próprio infinitivo*? Se for assim, fica óbvio por que o prefixo *a-* não é usado em uma frase como “quem verá um navio branco navegar...”, pois o navio é o *sujeito* lógico do verbo “navegar”, e não o objeto. Essa interpretação faria com que os verbos *hosta-* “juntar” e *cúna-* “curvar” fossem na verdade *transitivos* nos exemplos onde o prefixo *a-* ocorre, e não *intransitivos* como na tradução em português: “Quem verá as nuvens se juntarem, os céus se curvando?” Em português, são apenas as próprias nuvens que “juntam-se” ou reúnem-se, e os próprios céus que “curvam-se”; eles não “juntam” ou “curvam” outra coisa.

Ainda assim *hosta-* também é definido como “juntar”, que é claramente transitivo. Certamente esse verbo poderia ser tanto transitivo como intransitivo, assim como pelo menos um outro verbo em *-ta* (*orta-* = transitivo “erguer” ou intransitivo “levantar”). Mas se *hosta-* for usado com o significado de “reunir” no sentido transitivo de “juntar”, e o prefixo *a-* indica que o “substantivo” próximo ao infinitivo é “o objeto e não o sujeito” desse verbo, então *man cenuva lumbor ahosta*[?] na verdade significa “quem verá as nuvens *sendo reunidas*”. De modo similar, *man cenuva... Menel acúna* na verdade significaria “quem verá... os céus *sendo curvados*?”. Por essa interpretação do prefixo *a-*, nosso exemplo caseiro *tirnen i Naucor amatë* não significaria “observei os anões comerem”, mas sim “observei os anões sendo comidos”! O prefixo *a-* indicaria que o substantivo na frente do infinitivo deve, na verdade, ser considerado “o objeto e não o sujeito” da refeição em questão.

Talvez nunca saibamos com certeza qual dessas duas interpretações é correta. É bem possível que o prefixo **a-** (variante **na-**) tenha sido inventado espontaneamente enquanto Tolkien trabalhava na última versão do poema *Markirya*, e que não ocorre em nenhum outro lugar em suas notas.

ELISÃO DE VOGAIS FINAIS

A saudação **elen síla lúmenn' omentielvo** “uma estrela brilha sobre a hora do nosso encontro” exemplifica uma característica freqüente, mas não obrigatória, da fonologia do quenya: quando uma palavra termina em uma vogal e a próxima palavra começa em uma, a primeira vogal pode ser retirada. Assim, o **-a** final de **lúmena** “sobre [a] hora” é omitido antes do **o-** inicial de **omentielvo** “do nosso encontro”. Na Declaração de Elendil ocorre as palavras **tenn' Ambar-metta**, “até o fim do mundo”, a preposição **tenna** “até” sendo reduzida para **tenn'** antes do **a-** inicial de **Ambar-metta** “o fim do mundo”. Ocasionalmente, esse fenômeno pode até resultar em novas palavras aparentemente unitárias, como quando a mesma preposição **tenna** “até” e o substantivo **oio** “um período infinito” são contraídos: **tennoio** (para **tenn' oio**) “para sempre” (CI: 340, 498).

Quando uma vogal é retirada desse modo, sons e combinações geralmente não permitidos podem finalmente ocorrer nessa posição: como o duplo **-nn** em **lúmenn'**, ou o **-m** “final” em **ám' etelehta** “livrai-nos” (VT43: 12, onde a forma completa **ámë etelehta** também é citada).

Naturalmente, tal omissão de vogais finais é especialmente comum quando uma palavra termina em uma vogal que é parecida ou idêntica à vogal inicial da palavra seguinte (como a omissão de **-a** antes de **o-** e **a-** nos exemplos acima). Na *Canção de Fíriel*, tal como está impressa em LR: 72, há um ponto sob algumas vogais finais, que pode ser entendido como um sinal de que elas podem ser elididas. Substituindo o ponto por sublinhado e não alterando de outra forma a grafia original desse texto em “qenya”, podemos assim citar as expressões relevantes: 1) **Ilú Ilúvatar en káre eldain** “Ilúvatar criou o mundo para os elfos”; aqui o **-e** final de **káre** “criou” aparentemente é omitido antes de uma vogal idêntica; 2) **íre ilqa yéva nórina** “quando tudo estiver contado” e **íre Anarinya qeluva** “quando meu sol faltar”; aqui temos a omissão de **-e** final antes de **i** e **a**, respectivamente; 3) **enyáre tar i tyel** “naquele dia além do fim”, que, se interpretamos as intenções de Tolkien corretamente, é um exemplo único de uma vogal final sendo elidida antes de uma *consoante* inicial na palavra seguinte (**tar**). Porém, o último exemplo tem sido questionado; a versão impressa pode estar errada ao colocar um ponto sob o **-e** final de **enyáre**. (Ver a mensagem 13.75 da lista de discussão TolKLang de autoria de David Salo.)

Qualquer que seja o caso, tal omissão de vogais finais claramente não é necessária para produzir um quenya correto, motivo pelo qual nós a ignoramos nos exercícios deste curso. A expressão **lúmenn’ omentielvo** é atestada *duas vezes* em sua forma completa **lúmenna omentielvo** (WJ: 367, Letters: 424). Nosso pequeno corpus também possui exemplos de uma vogal final permanecendo mesmo quando a palavra seguinte começa por uma vogal *idêntica* – como na frase **aurë entuluva** “o dia virá novamente”, citada no *Silmarillion*, capítulo 20. Presumivelmente ela também poderia ser encurtada (**aur’ entuluva**), mas não necessariamente. A elisão de vogais finais provavelmente seria mais comum na linguagem falada, e também pode ser útil na poesia ser capaz de livrar-se de uma sílaba onde a métrica exige-o.

FORMAS HISTORICAMENTE JUSTIFICADAS OU NIVELAMENTO ANÁLOGO?

Como tratado nas lições de quenya, características aparentemente “irregulares” do idioma são com muita frequência justificadas pela longa evolução histórica prevista por Tolkien. Por exemplo, quando o substantivo **talán** “assoalho, chão” possui a forma plural **talami** ao invés de **talani**, isso ocorre porque a base élfica primitiva original tinha a forma *TALAM*: conforme as características distintas da fonologia do quenya evoluíam, o *-m* final veio a não ser mais tolerado e foi alterado para o som “admissível” mais próximo: *-n*. Assim, *talam* mais antigo aparece como **talán** quando a palavra ocorre sem desinências. Mas quando desinências são adicionadas de modo que aparece uma vogal, o *-m* original não se torna final e, portanto, não tem que ser modificado. Por isso a forma plural **talami** “assoalhos”.

Apesar disso, também poderia haver outra consequência: por analogia com pares como **aran/arani** “rei/reis”, **elen/eleni** “estrela/estrelas” e muitos outros, o par **talán/talami** “assoalho/assoalhos” poderia ter sucumbido ao chamado *nivelamento análogo*. Os falantes poderiam ter simplesmente adaptado **talán** ao modelo mais simples, de modo que seu plural teria tornado-se **talani**. Neste caso, Tolkien optou pela permanência da forma historicamente justificada. Ainda assim, formas análogas não são estranhas aos seus idiomas (veja, por exemplo, a entrada *PHILIK* em *Etimologias*).

O quenyarista tem que encarar o problema de que é impossível adivinhar até que ponto Tolkien pretendia que as formas análogas substituíssem as historicamente justificadas. A suposição silenciosa que fundamenta algumas das formas apresentadas neste curso é a de que o nivelamento análogo foi bastante longe, convenientemente acabando com muitas das complexidades e “irregularidades”

extras com as quais, de outra forma, os estudantes teriam que lidar. Mesmo assim não podemos ter certeza absoluta de que é assim que o próprio Tolkien imaginou seu quenya. Algumas das possíveis complicações podem ser brevemente comentadas aqui.

Um dos problemas tem a ver com o *aumento*, a vogal raiz prefixada ao radical verbal no tempo perfeito: **tul-** “chegar”, mas **utúlië** “tem chegado”. Ao prefixar-se uma vogal de tal modo, muda-se o ambiente fonológico no qual a consoante seguinte ocorre. Se começássemos a olhar para a evolução do quenya a partir do élfico primitivo, em alguns casos isso poderia significar que a própria consoante mudaria.

Pegue, por exemplo, um verbo como **lanta-** “cair”. A maioria dos escritores presumiu que sua forma perfeita, “tem caído (caiu)”, seria **alantië**. Um minuto e meio após o início dos créditos de *A Sociedade do Anel* de Peter Jackson, pode-se escutar Enya cantar **mornië alantië**, “a escuridão caiu”. A forma **alantië** também é usada repetidamente neste curso. Ainda assim, alguém poderia argumentar plausivelmente que o tempo perfeito de **lanta-** na verdade deveria ser **arantië**! Por quê? Porque **lanta-** é produzido a partir do radical **DAT-**, ou especificamente de sua variante infixada nasal **DANT-**. Em quenya primitivo, o *d-* inicial do élfico primitivo transformou-se em *l-* (WJ: 353; excepcionalmente *d-* também poderia tornar-se *n-*). Assim, temos **lanta-** “cair” a partir do primitivo *dantâ-*. Porém, o *d* primitivo desenvolvia-se de um modo bastante diferente quando não era inicial. Após uma vogal ele transformava-se em *z* e posteriormente fundiu-se com *r*; por exemplo, discutimos como **mir** “para dentro de” evidentemente teria vindo do primitivo *mi-da* “em-para” (ver a nota na Lição Catorze). Logo, se o aumento perfeito fosse prefixado ao radical *dant-* antes do *d-* inicial ter transformado-se em *l-*, o *adant-* mais antigo evoluiria regularmente para **azant-** e depois para **arant-**, de modo que “tem caído (caiu)” seria **arantië** ao invés de **alantië**.

Se isso estiver correto, verbos que de outra forma seriam idênticos às vezes permaneceriam distintos no tempo perfeito. Em quenya há dois verbos **lav-**, um significando “lamber” e o outro “entregar, permitir, conceder”. O primeiro é derivado do radical **LAB**, de modo que o *l-* inicial é original; o segundo vem do radical **DAB** e fundiu-se assim com o outro verbo apenas quando o *d-* inicial transformou-se em *l-*. **Lav-** “lamber”, a partir de **LAB**, teria a clara forma de perfeito **alávië**, enquanto que **lav-** “permitir”, a partir de **DAB**, teria a forma de perfeito **arávië** (de **azávië** mais antiga). Por esse sistema, teríamos que saber, em cada caso, se o *l-* inicial de qualquer verbo é original ou derivado do *d-* mais antigo antes de construir a forma de perfeito!

Mas isso não pára aqui; recém abrimos uma Caixa de Pandora de potenciais complicações extras, de maneira que o quenya repentinamente parece-se mais com o idioma “extremamente difícil” que Tolkien de fato insistiu que era

(Letters: 403). Como muitos idiomas africanos de nossa própria era, o élfico primitivo não era avesso às oclusivas nasalizadas iniciais *mb-*, *ng-* e *nd-*; o presidente sul-africano Thabo Mbeki presumivelmente estaria mais capacitado para pronunciar antigas palavras élficas como *mbundu* “focinho” do que a maioria dos ocidentais. Em quenya, o antigo *mb-* inicial foi simplificado para *m-*: *mbundu* surgiu como a palavra em quenya **mun**do (Etim, entrada *MBUD*). O *nd-* inicial original do élfico primitivo foi da mesma forma simplificado para *n-*, como quando diz-se que a palavra em quenya **na**lla “escuro, obscuro” veio da palavra mais antiga *ndulla* (Etim, entrada *NDUL*). O *ng-* inicial original primeiro tornou-se *ñ-*, tal como Tolkien frequentemente escrevia o som de *ng* como em *king* (isto é, pronunciado sem qualquer *g* distinto). Por exemplo, temos **Ñoldo** do primitivo *ngolodô* (ou, tecnicamente, *ñgolodô*). Na Terceira Era, o *ñ-* inicial veio a ser pronunciado como um *n-* normal, de forma que a grafia é assim **Noldor** ao invés de **Ñoldor** no SdA (mas, aparentemente, a distinção entre *ñ-* e *n* foi mantida na escrita Tengwar). Para resumir: *mb-*, *nd-* e *ñg-* originais tornaram-se *m-*, *n-* e *ñ-* respectivamente, e em quenya falado, *ñ-* posteriormente fundiu-se com *n-*.

Mas essa mudança acontecia apenas quando as antigas combinações iniciais *mb-*, *nd-* e *ñg-* ocorriam no *início* de palavras. Após uma vogal no meio de palavras, essas combinações sobreviveram sem mudanças. Assim, em quenya a raiz *NDIL*, que produz palavras para “amigo, amizade, devoção”, permanece inalterada em uma palavra composta como **Eldandil** “amigo-de-elfo” (WJ: 412), embora o *nd-* tenha sido simplificado para *n-* em uma palavra relacionada como **nilmë** “amizade”. Compare com SD: 241, onde o personagem de Tolkien, Lowdham, discute esses fenômenos (referindo-se ao quenya como “avalloniano”). O que é relevante para o nosso propósito é obviamente o fato que, se um verbo em *m-* ou *n-* é produzido a partir de um radical em *mb-* ou *nd-/ñg-*, pode-se argumentar que essas combinações sobreviveriam após o aumento que é prefixado no tempo perfeito. Verbos como **namba-** “martelar” (radical *NDAM-*), **nanda-** “tocar harpa” (**ñanda-** mais antigo, radical *ÑGAN*) e **mar-** “habitar” (radical *MBAR*) podem então aparecer concebivelmente como **andambië**, **angandië** e **ambárië** no tempo perfeito. É claro que verbos em *n-* e *m-* que apenas tenham sido simples *n-* e *m-* desde o começo não comportariam-se desse modo. Se um radical verbal simples como *nac-* “morder” for tudo o que se possuir, não se saberá ao certo se o tempo perfeito deverá ser **anácië** (radical original *NAK*) ou **andácië** (como se, ao invés disso, o radical fosse *NDAK-*).

Verbos com *h-* inicial também seriam problemáticos. Algumas vezes o *h-* do quenya é derivado *kh-* aspirado do élfico primitivo (ver abaixo), que também evoluiria para *h* após uma vogal, mas às vezes é dito que o *h-* vem do *sk-* primitivo-

vo, como quando o radical *SKAT-* dá origem ao verbo do quenya **hat-** “quebrar em pedaços”. O *sk-* primitivo torna-se **h-** apenas no início de palavras. Após uma vogal, esse encontro algumas vezes permanece inalterado e às vezes tem suas consoantes invertidas para produzir **ks** (ou, em grafia regularizada, **x**); Tolkien é bastante inconsistente nesse assunto. No Etim, entrada *MISK-*, ele lista o adjetivo **miksa** (ou, **mixa**) “molhado”; o cabeçalho da entrada sugere que aqui o **ks** da palavra em quenya vem do *sk* mais antigo. Em fontes tardias, Tolkien apresenta o encontro **sk** (**sc**) sobrevivendo inalterado em quenya, como em **rusco** “raposa” (PM: 353, VT41: 10). Logo, pode-se argumentar que o tempo perfeito de um verbo como **hat-** “quebrar em pedaços” deva ser não **ahátie**, mas **axátie** ou **ascátie**, uma vez que a raiz original é *SKAT-* e o perfeito deveria concebivelmente descender de *askât-*. O verbo **ascat-** na verdade aparece em um texto em quenya (no pretérito nasal-infixado: **ascantë**, significando evidentemente “partiu em pedaços” - ver SD: 310, onde a grafia usada é “askante”). Em **ascantë**, a vogal raiz prefixada aparentemente é usada como um intensificador e não é realmente o aumento do tempo perfeito como tal, mas talvez esse aumento tenha um efeito similar no resto da palavra.

E quanto aos verbos em *s-*? O *s-* primitivo era inalterado no início de palavras, mas entre vogais ele era geralmente sonorizado para **z** e então fundido com **r**. Logo, quem sabe o tempo perfeito de um verbo como **salpa-** “bebericar” devesse ser não **asalpie**, mas sim **aralpie** para **azalpie** mais antigo? Por outro lado, se o *s-* representa o **P-** mais antigo (mais ou menos como o “th” da palavra inglesa *thing*), também veríamos *-s-* entre vogais: o perfeito de **sinta-** “desvanecer” seria **isintie**, uma vez que a raiz original é *THIN-* e as formas mais antigas em quenya teriam sido **Pinta-** com o perfeito **iPintie** (é dito que a grafia correspondente permanece na ortografia Tengwar). Mas, por outro lado, o *s-* inicial em quenya também pode vir do primitivo encontro inicial *st-*, que seria preservado *inalterado* entre vogais. Contudo, atualmente não é conhecido nenhum verbo em quenya derivado de um radical em *st-*. Talvez devêssemos ser gratos por isso.

Temos então a combinação primitiva *sy-*, que produz o **hy-** em quenya quando ocorre inicialmente mas, após uma vogal, *sy* aparentemente torna-se **ry** (como quando Tolkien produz no Etim **pirya** “xarope” a partir do radical *PIS*; a forma primitiva da palavra deve ter sido *pisyâ*). Talvez o tempo perfeito de um verbo como **hyar-** “fender” (radical *SYAD-*) seja **aryárië** ao invés de **ahyárië**, então? E quanto ao **hl-** inicial? Ele é derivado do *sl-* mais antigo, uma combinação que provavelmente tornaria-se *-ll-* entre vogais. (Pelo menos o *sr-* primitivo, que no início de palavras produz **hr-** em quenya, é visto tornar-se *-rr-* entre vogais: Tolkien produziu a palavra **mirroanwë** “encarnado” a partir da primitiva *mi-srawanwe*, MR: 350.) Logo, quem sabe o tempo perfeito de **hlar-** “ouvir” não seja realmente **ahlárië**, mas sim **allárië**?

Em resumo: dentro do sistema geral de Tolkien há espaço para muitas complicações extras aqui, se alguém quiser estabelecer as conseqüências completas da evolução fonológica fundamental que ele imaginou. O aumento, a vogal raiz prefixada que ocorre no tempo perfeito, parece ter sido prefixado tão cedo que as consoantes seguintes ainda não tinham assumido a forma que as consoantes iniciais teriam em quenya. (Em WJ: 366, Tolkien cita alguns perfeitos “pré-históricos” já apresentando o aumento.) Para voltar ao nosso primeiro exemplo, o *d-* do radical *DA(N)T-* “cair” ainda não havia tornado-se *l-* como em **lanta**, e então o perfeito “tem caído (caiu)” poderia ser plausivelmente (**azantië** >) **arantië** porque o *d* original tornou-se *z* e depois *r* após uma vogal. Devemos então entrar em contato com Enya e dizer-lhe que deve gravar sua música novamente, com **mornië arantië** ao invés de **alantië**?

Não sabemos dizer. Nesse e em todos outros casos fonológicos recém listados, é simplesmente impossível adivinhar até que ponto Tolkien desejava que as formas “historicamente justificadas” sucumbissem ao nivelamento análogo – se realmente tal nivelamento ocorreu em verbos com aumento. Na verdade, no momento não podemos sequer saber se Tolkien alguma vez considerou essas coisas. Dada a história que Tolkien imaginou para o quenya – que na Terra-média não era a língua materna de ninguém, mas meramente um antigo idioma ritual – parece bastante plausível que a gramática do quenya exílico tendesse a tornar-se um tanto simplificada. **Lanta-**, como um verbo, corresponde ao substantivo **lanta**, composto em **lasselanta** “queda-das-folhas, outono” (essa palavra ocorre no Apêndice D do SdA, tornando essa forma tão canônica quanto qualquer palavra em quenya pode ser). Se a palavra composta fosse antiga o suficiente, ela “deveria” ter sido, ao invés disso, ****lasseranta**, uma vez que o *d* original de *dant-* é aqui intervocálico. Outra possibilidade que consideramos acima foi a de que verbos produzidos a partir de radicais originais em *mb-*, *nd-* e *ñg-* ainda preservariam essas combinações após o aumento perfeito, de modo que (digamos) **mar-** “habitar” a partir do radical *MBAR* deveria ter a forma perfeita **ambárië** ao invés de **amárië**. Pode-se notar que, em *Etimologias*, Tolkien produziu a palavra em quenya para elefante – **andamunda** – a partir da primitiva *andambundâ* “de focinho longo” (ver entrada *MBUD*). Essa forma em quenya poderia ter sido ****andambunda**, pois o *mb* original bem poderia sobreviver nessa posição. Mesmo assim, o segundo elemento “de focinho” parece ter sido aqui alterado de **-mbunda** para **-munda** por analogia com formas como **mundo** “nariz” (ela mesma veio da primitiva *mbundu*, com o *mb-* inicial produzindo regularmente o *m-* do quenya). É claro que tais palavras compostas podem não dizer-nos como formas perfeitas aumentadas comportariam-se; as últimas provavelmente seriam compreendidas como palavras unitárias, enquanto que as palavras compostas são mais obviamente uma

combinação de dois elementos que geralmente também podem aparecer independentemente. Apesar disso, enquanto não houver evidência absoluta do contrário, os escritores podem escolher assumir que, mesmo no tempo perfeito, as consoantes iniciais de verbos foram reformadas normalmente por analogia com a forma não aumentada do verbo. Não temos que tornar nosso neo-quenya mais complicado do que definitivamente sabemos o quanto Tolkien imaginou que seu quenya fosse.

Um problema um tanto parecido tem a ver com o “prefixo superlativo ou intensivo” **an-**, que pode ser prefixado a adjetivos (Letters: 279). Como discutimos na Lição Cinco, o **n** deste prefixo provavelmente deve ser assimilado pela consoante seguinte quando essa for **l-**, **r-**, **s-**, ou **m-**, como nestes exemplos:

an + lauca “quente” = **allauca** “o mais quente”

an + ringa “frio” = **arringa** “o mais frio”

an + sarda “duro” = **assarda** “o mais duro”

an + moina “querido” = **ammoina** “o mais querido”

Ancalima “o mais brilhante” permanece o único exemplo *atestado* desse sufixo superlativo, e aqui não é necessária nenhuma assimilação (uma vez que o grupo **nc** encaixa-se muito bem na fonologia do quenya). Contudo, o sistema geral parece exigir assimilações como as postuladas acima, para evitar os encontros impossíveis **nl**, **nr**, **ns** e **nm** (embora **ns** aparentemente fosse admissível em algumas formas primitivas de “qenya”). Um exemplo paralelo envolve o prefixo **lin-** “muitos” (listado por si mesmo na entrada **LI-** no Etim): em um adjetivo mencionado em MC: 223, a saber, **lillassëa** “folhoso”, o **-n** de **lin-** é assimilado para **l** antes de outro **l** (compare com **lassë** “folha”).

Porém, um exemplo de **lin-** que ocorre no *Etimologias* é de particular interesse: a partir do substantivo **norno** “carvalho” é produzido o adjetivo **lindornëa** “possuidor de muitos carvalhos”. Por que **lindornëa** e não ****linnornëa**, se **norno** é a palavra básica aqui? É porque **norno** “carvalho” é derivado do radical **DORON** (entrada na qual estas palavras são listadas no Etim). **Norno** é um dos casos excepcionais onde o *d-* inicial do élfico primitivo produz **n-** ao invés de **l-** em quenya. Contudo, após o prefixo **lin-**, o **d** original ainda é preservado em quenya: talvez o adjetivo **lindornëa** remeta ao primitivo *lin-doronôya* ou qualquer que seja. Pois, enquanto que o *d-* inicial foi finalmente alterado para **l-** ou **n-** em quenya, a combinação **nd** permaneceu inalterada entre vogais.

A questão diante de nós é esta: o mesmo princípio se aplicaria ao prefixo superlativo **an-**? Pegue o adjetivo **norna** “duro, rígido”, que Tolkien produziu a partir

do radical *DORO* (WJ: 413-14). Se fornecermos o prefixo *an-*, “o mais duro” deve ser **andorna** ao invés de **annorna**? De modo similar com adjetivos em *l-* originando-se a partir de *d-*: uma palavra como **lumna** “nefasto”, derivada do radical *DUB* no Etim, deveria ter a forma superlativa **andumna** por causa dessa derivação? Sendo assim, deve-se saber em cada caso se o *l-* ou *n-* inicial de um adjetivo é original ou modificado a partir de *d-* antes de construir-se a forma superlativa apropriada.

Complicações parecidas poderiam ocorrer no caso de *m-* ou *n-* inicial onde são simplificados a partir de *mb-* ou *nd-/ñg-* originais (cf. nossa discussão dos perfeitos aumentados acima). O adjetivo **marta** “fadado” evidentemente vem do primitivo *mbaratâ* (o radical *MBARAT* é listado no Etim), e é possível que *an-mbaratâ* aparecesse como **ambarta** em quenya. É dito explicitamente que o adjetivo **nulla** “obscuro” vem de *ndulla* mais antigo (entrada *NDUL* no Etim) e, logo, “o mais obscuro” talvez devesse ser **andulla** (para *an-ndulla*) ao invés de **annulla**. Palavras que originalmente possuíam *ñg-* inicial ainda apresentavam *ñ-* (como descrito acima) nas mais antigas formas “históricas” ou “registradas” de quenya, embora ele tenha fundido-se com *n-* na pronúncia da Terceira Era. Considere adjetivos como **nóla** “instruído, culto” ou **nwalca** “cruel” (radicais *ÑGOL* e *ÑGWAL*): **ñóla** e **ñwalca** mais antigos. Aplicar o prefixo *an-* provavelmente produziria **angóla** e **angwalca**, se começássemos a partir das primitivas *an-ñgôla* e *an-ñgwalkâ* ou **an-ñóla** e **an-ñwalca** tardias (pois **nñ** de qualquer modo seria assimilado para **ññ**, e essa combinação também produz o **ng** ou tecnicamente **ñg** em quenya).

Adjetivos em *v-* também podem ser problemáticos. Algumas vezes *v-* vem do *b-* primitivo, algumas vezes do *w-*. Na mais antiga forma “registrada” de quenya, o *w-* ainda permanecia inalterado, de modo que a distinção original *b-* vs. *w-* foi preservada como *v-* vs. *w-*. (As palavras em *w-* original são freqüentemente escritas assim por Tolkien; ex: **wendë**, além **vendë** para “donzela”.) Parece que, mesmo após o *w-* inicial tornar-se *v-*, a combinação **nw** permaneceu inalterada; não há, por exemplo, pistas de que uma palavra como **anwa** “real, verdadeiro” em algum momento tenha tornado-se ****anva**. Assim, poderíamos argumentar que um adjetivo como **yéra** “privado, pessoal” tornaria-se **anwéra** se o prefixo *an-* fosse aplicado, uma vez que em “quenya antigo” esse adjetivo aparecia como **wéra** (PM: 340).

Por outro lado, um adjetivo com *v-* derivado do *b-* original poderia comportar-se de maneira muito distinta. **Varna** “seguro” vem da original *barnâ* (radical *BAR*), e *an-barnâ* bem poderia surgir como **ambarna** em quenya, com assimilação *nb* > **mb**. Logo, para aplicar corretamente o prefixo *an-*, talvez seja necessário saber se o *v-* inicial de um adjetivo em quenya vem de *b-* ou *w-*.

Pelo menos não pode haver dúvidas de que adjetivos em *w-* mostrariam originalmente **anw-** se o prefixo *an-* fosse aplicado; na Lição Cinco listei **anwenya**

“o mais verde” como um possível exemplo. (Detalhe: **wenya** “verde” é derivada da raiz *GWEN* e, enquanto o *gw-* inicial foi simplificado para *w-*, o grupo *ngw* poderia sobreviver entre vogais... então, “o mais verde” talvez devesse ser **angwenya**! Bem, de qualquer forma, a palavra mais comum para “verde” é **laica** ou **laiqua**...) A verdadeira questão é se o prefixo **an-** pode simplesmente ser adicionado às formas “contemporâneas” em *v-*, sem ter que ser considerado todo o cenário histórico fundamental. Se **wenya** finalmente tornasse-se **venya**, “o mais verde” poderia ser simplesmente **anvenya**, independente da história fonológica?

Talvez. Temos um exemplo paralelo envolvendo o prefixo **en-** “re-, novamente”. Nas palavras atestadas **envinyanta** “curado, renovado” (MR: 405) e no título de Aragorn, **Envinyatar** “Renovador”, ele é simplesmente prefixado a uma palavra que incorpora a forma contemporânea de **vinya** “novo”. Se **vinya** vem de *binyâ*, então Aragorn talvez “devesse” ter chamado a si mesmo de ****Embinyatar**. Alternativamente, se **vinya** for derivado de *winyâ* (e isso é provavelmente o que Tolkien imaginou), então a forma historicamente justificada deveria ter sido ****Enwinyatar**. As formas atestadas **Envinyatar** e **envinyanta** sugerem que *não* é sempre necessário considerar a completa evolução suposta como embasadora das palavras como elas aparecem no quenya da Terceira Era. Não há razão para supor que os prefixos **en-** e **an-** comportariam-se de modo diferente quanto a isso. Assim, “o mais novo” evidentemente poderia ser simplesmente (**an-** + **vinya** =) **anvinya**. Mesmo se ele fosse **anwinya** em estágios mais antigos, a forma prefixada também poderia ter sido alterada quando **winya** tornou-se **vinya** (embora **nw** permanecesse em palavras unitárias como **anwa** “verdadeiro”). Esse princípio pode ser relevante para muitos dos problemas em potencial tratados aqui.

Também podemos considerar as consoantes *aspiradas* primitivas *kh*, *th* e *ph*, pronunciadas mais ou menos como em *backhand*, *outhouse* e *scrap-heap* (para pegar emprestado meus próprios exemplos da Lição Um). Em quenya, o *kh-* inicial tornou-se primeiro *ch* como no alemão *ach*; posteriormente ele foi enfraquecido para soar como o *h-* inglês. O original *ph-* inicial tornou-se *f-* em quenya. O *th-* primeiro veio a ser pronunciado de certo modo como o *th* inglês (como em *think*); posteriormente esse som fundiu-se com *s-*. Assim, formas primitivas como *khithwâ*, *phirin-* e *thausâ* produziram os adjetivos em quenya **hiswa** “cinza”, **firin** “morto” e **sauro** “abominável” (relacionado ao nome **Sauron**). Contudo, pelo menos após algumas consoantes, as aspiradas primitivas *kh*, *ph* e *th* perderam sua aspiração (o elemento *h*) e tornaram-se as não aspiradas *k*, *p* e *t*. Esses sons sobreviveram normalmente em quenya (*k* aqui escrito *c*). Essa perda de aspiração ocorreu após **n**, como quando Tolkien produziu o verbo quenya **manca-** “trocar” a partir da raiz **MBAKH** “permutar”: evidentemente essa *mbakh-* no início passou por

infixação, e vê-se que *nkh* tornou-se **nk** (**nc**) em **manca-**. Se a mesma coisa fosse acontecer após o prefixo superlativo **an-**, então *an-khithwâ*, *an-phirin* e *an-thausâ* surgiriam como as palavras **anciswa**, (**anpirin** >) **ampirin** e **antaura** em quenya: formas particularmente inesperadas se comparadas a **hiswa**, **firin** e **saura** sem o prefixo. Esse sistema também levaria à confusão com outras palavras: os adjetivos bastante distintos **taura** “poderoso” e **saura** “abominável” *compartilham* a forma superlativa **antaura**?! Pode-se notar que, na entrada *PHIR* em Etim, de cujo radical o adjetivo **firin** “morto” deriva, Tolkien também mencionou a palavra “imortal”: **ilfirin**. Aqui, **firin** é fornecida com a negação **il-**. Interessantemente, Tolkien observou que a forma **ilfirin** ocorria “para **ilpirin*”. Em outras palavras, após *l* o *ph-* original do radical *PHIR* teria tornado-se normalmente *p*, de modo que a palavra em quenya “deveria” ter sido **ilpirin**, mas Tolkien marcou com um asterisco essa forma para indicar que ela não estava em uso. Evidentemente ela foi refeita como **ilfirin** por analogia com a palavra independente **firin**. Então provavelmente também seria admissível deixar os adjetivos manterem sua consoante inicial normal mesmo quando o prefixo superlativo **an-** vier antes dela.

Se começarmos a considerar como a evolução fonológica fundamental poderia afetar as formas declinadas em quenya, uma outra possível complicação teria a ver ainda com os substantivos em **-il**, que descende do *-la* do élfico primitivo. A idéia de Tolkien era a de que uma palavra primitiva como *makla* “espada” primeiro tornou-se *makl*, uma vez que o *-a* curto final desapareceu bem cedo. Essa *makl* era pronunciada como duas sílabas, *mak-l*, com um L silábico no final (assim como a palavra inglesa *little* é pronunciada *lit-l*). Finalmente, uma nova vogal *i* desenvolveu-se antes desse L silábico, de modo que a palavra veio a terminar em **-il**. Dessa maneira, a original *makla* evoluiu para a palavra **macil** em quenya. Outras palavras desse tipo incluem **tecil** “pena (de escrever)” e **hecil** “pária, abandonado” (primitivas *tekle* e *hekle*).

Mas o que acontece se tais palavras receberem desinências casuais? Se, por exemplo, adicionarmos a desinência instrumental **-nen** à **macil** para expressar “com uma espada”, devemos começar a partir da forma primitiva *makla-nen*? Essa combinação se desenvolveria de modo diferente. Em *makla-nen* o *-a* final de *makla* não é realmente final e, portanto, presumivelmente não seria perdido. Poderíamos argumentar que, em quenya, a forma instrumental historicamente justificada “com uma espada” deveria ser algo como **malcanen** - visto que em quenya o encontro *kl* que ocorre entre vogais transformou-se em *lk* = *lc*. (Por exemplo: **alcar** “glória” vem da primitiva *aklar-*; compare com a palavra sindarin *aglar*.) De maneira similar, “com uma pena” (**tecil**) poderia ser **telcanen**, uma vez que **tecil** descende da primitiva *tekle*.

Ao construir formas casuais, é admissível tomar o caminho mais simples de começar-se a partir de **macil**, **tecil**, etc, e decliná-las como os outros substantivos? (A forma instrumental de **macil** seria, então, tanto **macilenen**, com uma vogal de ligação antes de **-nen**, como **macilden**, para *macilnen*, com o desenvolvimento normal *ln > ld*.) Pode-se observar que, após produzir o substantivo **hecil** “pária, abandonado” em quenya a partir da primitiva *hekla*, Tolkien também mencionou formas masculinas e femininas do mesmo: masc. **hecilo**, fem. **hecilë** (WJ: 365). Essas palavras parecem ser produzidas ao adicionarem-se simplesmente as desinências masculina e feminina **-o** e **-ë** à palavra **hecil** como ela existe na forma “contemporânea” de quenya: a desinência masculina **-o** provavelmente descende do **-ô** primitivo, e a primitiva *hekla-ô* poderia aparecer como ****helco** em quenya – mas essa forma não ocorre. Se desinências derivacionais podem ser adicionadas ao substantivo **hecil** sem complicações adicionais, então talvez também seja admissível anexar desinências casuais a esses substantivos em **-il** sem que coisas estranhas aconteçam ao próprio radical do substantivo. Pode não ser necessário, mais uma vez, levar em conta o desenvolvimento histórico inteiro que se supõe tenha produzido a forma “contemporânea” (*sincrônica*, como dizem os lingüistas) do substantivo.

Como já indiquei, atualmente não há uma resposta definitiva disponível para as questões levantadas acima. Meramente esboçamos algumas das implicações *em potencial* do sistema fonológico geral de Tolkien, que é inseparável de sua visão de como o quenya evoluiu das formas mais primitivas de élfico. Como vimos, existem indicações de que o nivelamento análogo às vezes seria admissível, mas também existem exemplos que apontam na direção contrária. Apenas futuras publicações poderão esclarecer esses problemas, supondo que Tolkien discuta tais assuntos em seus manuscritos. Certamente haverá algumas pistas, dado o profundo interesse de Tolkien na evolução histórica de seus idiomas (que, para ele, freqüentemente parece ser mais importante do que sua manifestação “moderna” ou *sincrônica*).

VARIAÇÃO DE RADICAL

Na Lição Três deste curso, um importante fato sobre o quenya foi introduzido: comparada à forma sem desinência (a forma *simples*) de uma palavra, a palavra em alguns casos *mudará* sutilmente quando desinências forem adicionadas a ela – assim como a forma plural de **talán** “assoalho, chão” é **talami** ao invés de ****talani**. Assim, a *simples* **talán** possui a *forma de radical* **talam-**. A forma de radical tipicamente reflete como a palavra aparecia nos estágios mais antigos do

idioma (por exemplo, a simples *talam* foi alterada para **talan** porque o quenya em determinado estágio não mais tolerava *-m* final e modificou-o para o som admissível mais próximo: isto é, *-n*). Escrevi, de modo tranquilizador: “O estudante não deve desesperar-se, pensando que todos os tipos de coisas estranhas acontecem sempre que adiciona-se uma desinência a uma palavra em quenya, de forma que haveria uma grande capacidade para causar-se enganos embaraçosos (ou pelo menos muitas coisas extras para memorizar-se). A maioria das palavras do quenya parece comportar-se muito bem, com nenhuma forma de ‘radical’ distinta que deva ser lembrada; apenas adiciona-se a desinência e é só”. Tentaremos agora uma análise mais completa das palavras excepcionais que possuem formas de radical especiais.

O próprio Tolkien referia-se a essas formas de radical de várias maneiras. Às vezes ele as listava como fazemos aqui, com um hífen onde deve vir a desinência; ex: **nén**, **nen-** “água” (Etim, entrada *NEN*). Isso indica que, digamos, o plural “águas” deve ser **neni** ao invés de ****néni**. Outras vezes, o próprio Tolkien menciona uma forma declinada completa, freqüentemente o plural ou o genitivo (que em *Etimologias* ainda possui a desinência *-(e)n* ao invés de *-o*; no quenya no estilo do SdA, essas formas como tais presumivelmente ainda são válidas, mas devem ser consideradas como formas *dativas*). O fato de que **talan** “assoalho” possui o radical **talam-** Tolkien indica ao citar a forma plural **talami** (ver Etim, entrada *TAL*, *TALAM*). Na mesma entrada ele também menciona a palavra **tál** “pé”. Antes de desinências essa palavra aparece como **tal-**, com uma vogal curta e, para indicar isso, Tolkien citou a forma “g. sing.” (genitiva singular, mais tarde evidentemente dativa singular) **talen**.

Resumindo vários grupos de formas de radical, um quadro mais ou menos como o que se segue emerge. Pouquíssimos substantivos que possuem formas simples em *-n*, *-r* ou *-l* possuem formas de radical que adicionam um *-d-* a essa consoante:

andon “grande portão” > **andond-**

car “construção, casa”, também “feito” (subst.) > **card-**

falmarin “ninfa, espírito do mar” > **falmarind-**

fion (“falcão”? – a nota de Tolkien era ilegível) **fiond-** (mas também simplesmente **fion-**)

hen “olho” > **hend-**

hwan “esponja” > **hwand-**

Laurelin (nome da Árvore Dourada de Valinor) > **Laurelind-** (mas também **Laureling-**, ver abaixo)

Lórien (nome de lugar) > **Lóriend-** (locativo **Lóriendessë** em RGEO: 66)

meren “festa” > **merend-**

neltil “triângulo” > **neltild-**

óman “vogal” > ***omand-** (ex: pl. **omandi**, impresso ou lida errada como “amandi” na entrada OM no Etim conforme publicado no LR; contudo, pode estar correto a vogal longa inicial tornar-se curta)

pilin “flecha” > **pilind-**

sar “(pequena) pedra” > **sard-**

Solonel “elfo Teler” > **Soloneld-**

Taniquetil (nome de montanha) > **Taniquetild-** (mas, no ablativo, a forma contraída **Taniquetillo** talvez seja melhor do que **Taniquetildello**)

wen “menina, donzela” > **wend-**

wilwarin “borboleta” > **wilwarind-** (nessa e na palavra anterior, leia talvez **v-** para o **w-** inicial mais antigo no quenya exílico tardio)

No *Namárië* encontramos a palavra **oromardi**, traduzida “altos salões”. Se **mardi** é na verdade a forma plural de **mar** “casa” (cf. **car**, **sar** pl. **cardi**, **sardi**), a palavra **mar** também pertence a essa categoria. Mas **mardi** também pode ser a forma plural de uma palavra distinta **mardë** “salão”, não atestada de outro modo.

A desinência **-on**, que ocorre freqüentemente em nomes masculinos (ex: **Ancalimon**, **Sauron**), torna-se **-ond-** antes de uma desinência? Tolkien informa-nos que **Sauron** vem da palavra mais antiga ***Thaurond** (Letters: 380). Portanto, genitivo ***Saurondo**, dativo ***Sauronden**? Contudo, as desinências patronímicas **-ion** “filho” e **-iel** “filha” evidentemente são inalteradas (isto é, não se tornam ****iond-** e ****ield-**), embora elas correspondam às palavras independentes **yondo** e **yeldë**: em PM: 192, 196 cf. 441, encontramos **Isildurioni** ao invés de ****Isilduriondi** para “os herdeiros [lit. filhos] de Isildur” e, da mesma forma, **Anárioni** ao invés de ****Anáriondi** para “os herdeiros de Anárion”. Portanto, as desinências patronímicas **-ion** “filho” e (presumivelmente da mesma forma) **-iel** “filha” permanecem inalteradas antes de sufixos gramaticais. Essas desinências provavelmente representam as formas mais simples das raízes **YON** e **YEL**, enquanto que as formas independentes **yondo** e **yeldë** incluem um “fortalecimento” da consoante média (**n** tornando-se **nd** e **l** tornando-se **ld**).

NOTA: a desinência **-riel** no nome **Altariel** “Galadriel” não está relacionada com **-iel** “filha”; essa é uma forma encurtada de **riellë** “donzela coroada com grinalda”, de modo que esse nome torna-se **Altariell-** ao invés de ****Altariel-** antes de uma desinência (genitivo **Altariello** “de Galadriel” em RGEO: 66)

Outras desinências freqüentes em nomes, **-dil** ou **-nil** “amigo, amante”, da mesma forma **não** se tornam ****nild-** ou ****dild-** antes de uma desinência, embora correspondam às palavras independentes **nildo** e **nildë**, “amigo” e “ami-

ga”, respectivamente. Isso fica evidente a partir da forma **Nendili** “Amantes da Água” em WJ: 411 - e não ****Nendildi**. Mais uma vez, deve-se supor que a desinência representa a forma mais simples da raiz original *NIL*, *NDIL*.

Alguns radicais adicionam um **t** (ou, historicamente falando, perdeu-se um **-t** final nas formas simples):

oron “montanha” > **oront-**

umbar “fê, destino” > **umbart-** (e, de forma similar, no nome **Turambar**, **Turambart-**, contendo **ambar(t)-** como outra palavra para “destino”, não relacionada a **Ambar** “mundo”; a forma instrumental de **ambar** “destino” é atestada como **ambartanen**)

Mandos (nome usual do Vala Námo, propriamente o lugar onde ele habita) > **Mandost-**

Uma vez que o elemento final de **coimas** “pão-da-vida, lembas” é uma forma reduzida de **masta** “pão” (Etim, entrada *MBAS-*), **coimas** poderia tornar-se **coimast-** antes de desinências. Compare com **Mandos**, **Mandost-**; o elemento final desse nome é uma forma encurtada de **osto** “castelo, fortaleza; cidade”. Ainda assim, em seus escritos tardios, Tolkien também experimenta **massa** (e não **masta**) como a palavra para “pão” e, assim, talvez **coimas** tivesse o radical **coimass-**.

Alguns radicais são *contraídos*. Isso reflete simplesmente a “síncope” regular do quenya (o processo pelo qual a segunda de duas vogais curtas idênticas normalmente desaparece em uma palavra com mais de duas sílabas, como quando a palavra primitiva *galadâ* “árvore” produziu, em quenya, **alda**; note como o segundo *a* da palavra primitiva foi omitido). Aqui, a forma de radical *não* reflete a forma mais antiga da palavra; ela foi encurtada. Esta lista esperançosamente abrange a maioria dos radicais contraídos mencionados nas obras publicadas de Tolkien:

coron “globo, esfera” > **corn-**

feren “faia” > **fern-**

haran “líder, chefe” > **harn-**

huan “cão de caça” > **hún-**

laman “animal” > **lamn-** (mas também, não contraído, **laman-**)

nelet “dente” > **nelc-** (tanto com contração como com variação **t/c-**; ver abaixo)

seler “irmã” > **sell-** (para **selr-** mais antiga ou, historicamente, na verdade **sels-**, uma vez que o radical é **THELES**)

soron “água” > **sorn-**

toron “irmão” > **torn-**

Em poesia, o substantivo **elen** “estrela” algumas vezes pode aparecer como uma forma contraída: **eld-** (ex: pl. **eldi**, representando a mais antiga **elni** [ainda dessa forma no dialeto telerin]; o desenvolvimento do quenya **ln > ld** é regular). Contudo, em analogia com a forma simples, esse substantivo geralmente preserva o radical inteiro **elen-** mesmo onde ele ocorre com desinências (assim, temos o pl. **eleni** no *Namárië*). Ver WJ: 362.

NOTA: a desinência possessiva **-va** provavelmente aparece como **-wa** ao ser adicionada a substantivos que terminam com uma consoante. É provável que radicais contraídos *não* sejam usados quando essa desinência for adicionada – ex: a forma possessiva de **toron** “irmão” provavelmente seria **toronwa**, dificilmente *?torneva* com um radical contraído + a vogal de ligação **-e-**. A adição de **-wa** após a consoante final de uma palavra cria um encontro consonantal (como o **nw** de **toronwa** no nosso exemplo), e por isso a síncope da vogal anterior não pode acontecer (**toronwa** possivelmente não pode tornar-se ***tornwa*). O mesmo princípio provavelmente se aplicaria às formas locativas curtas em **-së** (ao invés da desinência completa **-ssë**, que sempre exige uma vogal de ligação antes dela se uma vogal já não estiver presente). Como explicamos na Lição Quinze, a desinência mais curta **-së** aparentemente pode ser adicionada a substantivos em **-t** e **-s** e, após substantivos em **-n** e **-l**, a desinência locativa pode aparecer como **-dë** (modificada a partir de **-zë**, que por sua vez vem da **-së** original); desse modo, Tolkien usou **meneldë** e **cemendë** como as formas locativas de **menel** “céu” e **cemen** “terra” (VT43: 16, 17). Apesar de **coron** “esfera” geralmente ser contraída para **corn-** antes de desinências, o locativo “em uma esfera” talvez devesse ser **corondë** – embora **cornessë** possa ser uma alternativa válida. Mas o instrumental provavelmente deve ser **coronnen**, e dificilmente *?cornenen*.

Sabe-se que alguns radicais que terminam em **-s** duplicam essa consoante antes de desinências:

eques “dito” > equess-

lis “mel” > liss-

nís “mulher” > niss-

Tulkas (o nome de um Vala) > Tulkass-

Note que o **í** longo de **nís** torna-se curto antes de um encontro consonantal em **niss-**. (A forma simples **nís** ocorre em MR: 213, talvez tornando obsoleta a forma de vogal curta **nis** mencionada em *Etimologias*, entradas *NDIS*, *Nî'*, e *NIS*.)

Diferentes variações de radical:

caimasan “quarto de dormir” > **caimasamb-** (**-san** na primeira palavra sendo uma forma reduzida de **sambë** “quarto”. Outras palavras compostas que terminam em **-san** “quarto” se comportariam do mesmo modo)

flit “pequeno pássaro” > **filic-** (o radical originalmente terminava em **c**, mas conforme o idioma desenvolvia-se, não era mais possível uma palavra que terminasse em **c**, de modo que esse tornou-se **t** – mas em uma posição não final, “protegida” por uma desinência, ele permanecia **c**. Compare com **nelet**, **nelc-** abaixo.)

halatir “martim-pescador” > **halatirn-** (com um -n extra porque o segundo elemento do nome é derivado de **tirno** “observador”; o nome em quenya do pássaro significa “observador de peixe”)

Laurelin “L.” > **Laureling-** (ou **Laurelind-**; ver abaixo)

miril “jóia brilhante” > **mirill-**

nelet “dente” > **nelc-** (tanto com contração como com variação t/c-; a base que gera palavras para “dente” é dada como NÉL-EK- no Etim)

noa, nó “concepção” > **nów-** (ou talvez **nów-** seja a forma de radical apenas de **nó**; a expressão de Tolkien não é clara. Ele citou o plural de **nó** como **nówi**, enquanto que **noa** presumivelmente teria a forma plural **noar**.)

peltas “eixo” > **peltax-**

quelet “cadáver” > **quelett-** (Tolkien listou uma forma arcaica **kwelett-** e o plural em quenya **queletsi**; esse plural reflete a idéia de que t antes de um i não enfatizado pode tornar-se s. Cf. outra forma do Etimologias: **maisi**, como a forma plural do adjetivo **maitë** “hábil” - mas há algumas indicações de que Tolkien posteriormente abandonou essa idéia, de modo que talvez o plural de **quelet** também poderia simplesmente ser **queletti**.)

quesset “travesseiro” > provavelmente **quessec-** (uma vez que a palavra “noldorin”/sindarin cognata ou correspondente, **pesseg**, indica que a forma primitiva é **kwessek-**; cf. **filit** com o radical **filic-** a partir do radical **PHILIK**, com a palavra “n.”/s. cognata **fileg**)

rá “leão” > **ráv-**

Silmaril “Silmaril” > **Silmarill-**

talán “assoalho” > **talam-** (um caso similar à mudança de c para t mencionada acima; originalmente, o radical sempre terminava em **m**)

tó “lá” > provavelmente **tów-** (a partir de **TOW**; cf. **nó, nów-** a partir de **NOWO** acima)

tol “ilha” > **toll-** (pl. “tolle”, de acordo com o Etim, entrada **TOL**². Visto que não há outros exemplos de quaisquer plurais -ë, e por **LT1**: 85 possuir a forma mais regular **tolli**, parece que “tolle” é provavelmente uma mera leitura errada ou um erro de impressão.)

yat “pescoço” > **yaht-**

O nome da Árvore Dourada de Valinor, **Laurelin**, geralmente era interpretado “Canção (**lindë**) de Ouro” e possuía o radical **Laurelind-** antes de uma desinência. Mas o nome também era interpretado “Ouro Suspenso” (cf. **linga-** “suspender”) e, conseqüentemente, tornava-se **Laureling-** quando uma desinência era adicionada a ele (Etim, entrada **LIN**²). Os escritores podem usar a forma que preferirem.

Uma vez que **amil** “mãe” parece ser encurtada a partir de uma forma mais longa **amillë** (VT44: 7), é provável que **amil** deva ter o radical **amill-**, ex: genitivo **amillo** “de mãe”.

As formas em **-t** com formas de radical em **-c-** podem exigir atenção especial. Mencionamos **filit** “pequeno pássaro” (**filic-**), **nelet** “dente” (**nelc-**) e **quesset** “travessero” (provavelmente **quessec-**). Se adicionarmos a desinência **-wa** do caso possessivo, a combinação *c-w* se equipararia a **qu**, de modo que teríamos (*filic-wa* =) **filiqua** “de um (pequeno) pássaro”, **nelequa** “de um dente” (provavelmente sem contração aqui, embora **nelqua**, como tal, seja uma palavra possível em quenya) e **quessequa** “de um travessero”. Se adicionarmos a desinência locativa curta **-së**, a combinação resultante *c-s* teria de ser escrita **x** de acordo com a ortografia adotada aqui: **filixë** “em um pássaro”, **nelexë** “em um dente” (definitivamente sem contração aqui, visto que ****nelxë** é impossível), e **quessexë** “em (/sobre) um travessero”. Mas, com toda a probabilidade, também se poderia inserir uma vogal de ligação **-e-** e usar a desinência locativa completa **-ssë**: **filicessë**, **nelcessë**, **quessecessë**.

Pode-se mencionar também que substantivos com formas de radical em **-m-** (para **-n** nas formas simples) provavelmente ainda mostrariam um **-n-** antes da desinência possessiva **-wa**: o *mw* mais antigo surgiu como **nw** em quenya (ver VT41: 5, onde Tolkien produz o substantivo **sanwë** “pensamento” a partir do *sam-wê* mais antigo). Portanto, a forma possessiva de **talan**, **talam-** “assoalho” presumivelmente ainda seria **talanwa**, e não ****talamwa**. E quanto ao locativo? A menos que alguém diga **talamessë** com uma vogal de ligação antes da desinência longa **-ssë**, *talam-se*, com a desinência mais curta, presumivelmente se desenvolveria em *talamze* e depois **talandë**, novamente com a mesma mudança de **m** para **n** que ocorre também na forma simples, embora por uma razão diferente: parece que o *md* mais antigo torna-se **nd** em quenya, como quando Tolkien, no Etim, produziu **pilindi** “flechas” a partir da raiz **PÍLIM**. Essa forma plural deve refletir a mais antiga *pilim-d-î*, o grupo *md* tornando-se **nd**.

VARIAÇÕES DE VOGAL

Alguns substantivos encurtam uma vogal longa antes de uma desinência (ou, historicamente falando com mais precisão, *alongam-na* quando nenhuma desinência está presente):

nén “água” > **nen-**
nér “homen” > **ner-**
quén “pessoa” > **quen-**

De acordo com a entrada **YEN** do Etim, a vogal longa de **yén** “longo ano” torna-se curta antes de uma desinência (**yen-**), mas no *Namárië* a forma

plural é **yéni**, com a vogal longa intacta (assim também em VT44: 33, na tradução fragmentária de Tolkien, em quenya, da *Gloria in Excelsis Deo*; aqui temos também o genitivo plural **yénion**). Parece que Tolkien alterou a etimologia final da palavra, de modo que ela possuía uma vogal longa já nos estágios primitivos da língua élfica. Se quisermos discutir a partir de uma perspectiva “interna”, também podemos teorizar que, no quenya exílico tardio, o sistema mais antigo estava sucumbindo de maneira que a vogal longa era introduzida “em qualquer lugar” em analogia com a forma simples. Sendo assim, Galadriel talvez também estivesse propensa a usar plurais como **?néni**, **?néri** e **?quéni** para “águas, homens e pessoas”, embora deversem ter sido **neni**, **neri** e **queni** de acordo com o sistema clássico mais antigo (as formas **neri** e **queni** são diretamente atestadas).

Existem também algumas palavras onde a vogal na sílaba final da forma simples torna-se *longa* antes de desinências:

Eruhin “Filho (= “criança”) de Eru” > **Eruhín-** (como no pl. **Eruhíni**; cf. a vogal longa da palavra independente **hína** “criança”)

Valatar “rei Vala” > **Valatár-** (pl. **Valatári**; cf. a vogal longa de **tár** “senhor, rei”)

Casar “anão” > **Casár-** (pl. **Casári**, mas também simplesmente **Casari**, WJ: 388, 389, 402)

Os dois primeiros exemplos demonstram como a vogal longa de uma palavra geralmente é encurtada quando a palavra (ou uma forma reduzida dela, como **-hin** vs. **hína**) ocorre no fim de um composto. Antes de desinências, a vogal longa é preservada. Quanto à **Casar**, ela supostamente é um empréstimo do termo da língua anã (khuzdul) *khazâd*, ela própria na forma plural “anões”. (Em conversas com anões, supõe-se que **Casar** seja um termo mais polido e politicamente correto do que **Nauco**, que é derivado do adjetivo **nauca** “atrofiado”.) Evidentemente é o *â* longo do termo khuzdul que está refletido no plural quenya **Casári**.

Atanatári “Pais dos Homens” (PM: 324) é o plural de **Atanatar** “Pai-de-homem”, essa forma singular sendo atestada como o nome pessoal de um dos reis de Gondor (Apêndice A do SdA). Note o alongamento do *á* na forma plural (assim como no genitivo plural **Atanatá^uri^{on}**, MR: 373 - fonte na qual esse é o título de uma compilação de lendas e traduzido “Legendário dos Pais dos Homens”, mas a palavra “Legendário” é subentendida em quenya). Esses exemplos indicam que a forma plural de **atar** “pai” é regularmente **atári**, assim como o plural de **Casar** é **Casári**, de modo que **atar** teria o radical **atár-**? Talvez não pois, no *Etimologias*, a forma plural de **atar** é simplesmente **atari** (entrada *ATA-*). Embora Tolkien possa

ter mudado de idéia quanto a essa última, é possível que uma palavra composta longa como **Atanatar** “Pai-de-homem” não comporte-se da mesma maneira que a simples **atar** “pai”. Uma forma plural **?Atanatari** teria que ser enfatizada em *-nat-*, que soaria um tanto estranha; talvez seja por isso que a vogal na sílaba seguinte é alongada de modo a receber a ênfase: **Atanatári**. Pode-se observar que, em algumas fontes antigas, escritas antes que Tolkien mudasse a desinência genitiva de *-(e)n* para *-o*, o genitivo de **Ilúvatar** “Pai de todos” era **Ilúvatáren** (LR: 47, 72). Entretanto, na entrada “Filhos de Ilúvatar” no glossário do *Silmarillion*, o genitivo revisado do mesmo nome aparece como **Ilúvataro** *sem* alongamento do *a* na penúltima sílaba. Deve-se perguntar se essa formação deveria ser lida **?Ilúvatáro** (se ao menos **Ilúvataro** presumivelmente fosse enfatizada em *-vat-*, uma acentuação bastante estranha).

Anar “sol” originalmente era *Anâr*, com uma vogal longa na penúltima sílaba (Etim, entrada **ANÁR**). De acordo com o que Tolkien escreveu na Carta Plotz, o encurtamento de vogais longas na última sílaba de palavras polissilábicas é uma característica do quenya exílico. É possível que seja essa vogal originalmente longa que é preservada no nome **Anárion** (filho de Elendil e irmão de Isildur); o nome parece significar “Filho do Sol”. O genitivo plural “dos sóis” seria, da mesma forma, **anárion**, por sua vez discutindo a existência de uma forma plural **anári**, uma forma genitiva **anáro**, etc? Não podemos ter certeza. Em algumas palavras trissílabas, uma vogal longa na sílaba do meio é encurtada (de modo que a ênfase vai para a sílaba inicial da palavra). Por exemplo, a palavra em quenya **naraca** “áspero, duro” Tolkien disse referir-se à mais antiga *narâka* (Etim, entrada **NARÁK**). Se *narâka* pode produzir em quenya **naraca** ao invés de ****naráca**, talvez uma forma plural como **?anári** “sóis” do mesmo modo tenderia a tornar-se **anari**. O fato de que uma vogal longa continua em **Casári** “anões” é facilmente explicado: essa é apresentada como um empréstimo tardio do khuzdul *khazâd*, e não uma palavra herdada. De fato, mesmo **Casári** poderia ser substituída por **Casari** (e, presumivelmente, do mesmo modo em outras formas envolvendo desinências; ex: **Casáro** *ou* **Casaro** como o genitivo singular “de anão”). Ver WJ: 388.

Algumas vezes o *som* de uma vogal final é diferente antes de desinências (uma vogal transformando-se em outra, e não apenas a mesma vogal sendo alongada ou encurtada, como nos casos tratados acima).

Palavras com *-ë* e *-o* finais às vezes apresentam variação de radical quando são adicionadas desinências: quando essas vogais são produzidas a partir de *-i* e *-u* curtos finais no élfico primitivo, ainda vemos *-i-* e *-u-* quando essas vogais são seguidas por uma desinência. Isso ocorre o tempo todo nas formas aoristas de verbos primários: **topë** “cobre” vs. **topin** “eu cubro” (a forma **topë** vem da mais antiga

topi). No caso de *adjetivos* em -ë, quase sempre representando o -i mais antigo, a qualidade original da vogal também seria preservada em muitos casos. Isso ocorre freqüentemente quando os adjetivos são compostos, como em **morë** “escuro, negro” vs. **Moriquendi** “elfos-escuros” (ver o *Silmarillion* quanto ao último termo). Há algumas exceções; **ninquë** “branco” vem da primitiva *ninkwi* e, portanto, deve ter a forma de radical **ninqui-**; ainda assim, vemos **ninque-** no nome **Ninquelótë** “Flor Branca” (ver o Apêndice do *Silmarillion*, entrada *loth-*). No caso de **carnë** “vermelho”, Tolkien, na primeira edição do SdA, usou simplesmente **carne-** na palavra composta **Carnemírië** “Com jóias vermelhas” (a sorveira na canção do ent Tronquesperto; ver *As Duas Torres*, capítulo quatro no Livro Três; compare com a entrada *caran* no apêndice do *Silmarillion*). **Carnemírië** é também a leitura encontrada em Letters: 224. Mesmo assim, **carnë** é derivada da primitiva *karani* e, logo, deve ter a forma de radical **carni-**. Aparentemente ao perceber isto, Tolkien, na segunda edição revisada do SdA, corrigiu **Carnemírië** como **Carnimírië**. A forma **Ninquelótë** permanece aparentemente anormal, mas **ninqui-**, como a forma de radical de **ninquë** “branco”, é atestada na palavra **ninquilda** “mais branco”. Essa forma foi publicada na edição 16 do jornal *Tyalië Tyelelliëva*, pág. 24, onde Lisa Star apresentou evidências de uma forma de quenya (ou “qenya”) que possuía a desinência comparativa -lda.

Sabe-se que esses adjetivos em -ë possuem, ou pode-se deduzir seguramente que possuam, formas de radical em -i-:

carnë (**carni-**) “vermelho” (primitiva *karani*, Etim, entrada *KARAN*)

fortë (**forti-**) “setentrional” (?) (primitiva *phoroti*, daí a palavra “noldorin”/sindarin *forod* de acordo com a entrada *PHOR* no Etim; contudo, a palavra mais comum em quenya para “setentrional” parece ser *formenya*)

lúnë (**lúni-**) “azul” (primitiva *lugni*, Etim, entrada *LUG²* - mas no *Namárië*, a forma plural do adjetivo “azul” aparece como **luini**, talvez o sing. seja **luinë**, mas muito possivelmente essa também teria o radical **luini-**)

maitë (**maiti-**, ou **maisi-**) “hábil” (primitiva *ma3iti*, Etim, entrada *MA3*)

morë (**mori-**) “preto, negro” (primitiva *mori*, Etim, entrada *MOR*)

nindë (**nindi-**) “frágil, fino” (a entrada *NIN-DI-* no Etim parece representar uma palavra primitiva *nindi*)

ninquë (**ninqui-**) “branco” (primitiva *ninkwi*, Etim, entrada *NIK-W-*)

nítë (**níti-**, or **nísi-**) “úmido, orvalhado” (primitiva *neiti*, Etim, entrada *NEI*)

ringë (**ringi-**) “frio” (a entrada *RINGI* no Etim aparentemente representa uma palavra primitiva, e não apenas uma raiz - mas, posteriormente, Tolkien parece ter alterado a palavra em quenya para “frio” para **ringa**)

sindë (**sindi-**) “cinza” (primitiva *thindi*, PM: 384 e Etim, entrada *THIN*)

varnë (**varni-**) “marrom, castanho, moreno” (Tolkien menciona explicitamente a forma de radical no Etim, entrada *BARÁN*, de modo que a forma primitiva seria *barani*; compare com **carnë** acima)

vindë (**vindi-**) “azul ou cinza claro” (forma primitiva *windi* dada no Etim, entrada *WIN/WIND*)

Parece que, na prática, *todos* os adjetivos do quenya em -ë representam formas primitivas em -i e pertencem a essa lista (**terenë** “delgado”, da primitiva *terênë* é a única exceção que me vem à mente). Muitos dos adjetivos em -i indicam cores, como está evidente na lista acima.

Certos *substantivos* em -ë também podem ter formas de radical em -i-, que surgem antes de desinências e quando tais substantivos aparecem como o primeiro elemento de uma palavra composta. Esta é uma lista parcial de tais substantivos (não incluindo o material do “quenya” primitivo de Tolkien):

ehtë (**ehti-**) “lança” (visto que, no Etim, Tolkien decidiu produzir essa palavra a partir de *EKTI* ao invés de *EKTE*, como primeiramente escrevera)

finë (**fini-**) “cabelo” (primitiva *phini*, PM: 362; cf. **Finicáno** como o nome quenya de Fingon em alguns rascunhos, PM: 361 nota 35, embora Tolkien posteriormente alterasse-o para **Findecáno** usando outra palavra para “cabelo”)

hísë “neblina, bruma” (primitiva *khithi*, Etim, entrada *KHIS*, *KHITH*; cf. também a palavra composta **Hísilómë**, um nome de lugar mencionado no *Silmarillion*)

linwë (**lingwi-**) “peixe” (primitiva *linwi*, Etim, entrada *LIW*; cf. a palavra composta **lingwilócë** “dragão-peixe, serpente marinha”, Etim, entrada *LOK*)

lírë (**líri-**) “canção” (instrumental **lírinen** no *Namárië*)

lómë (**lómi-**) “noite” (primitiva *dômi-*, Etim, entrada *DOMO*; SD: 415 confirma explicitamente a forma de radical)

nengwë (**nengwi-**) “nariz” (a entrada *NEÑ-WI-* no Etim parece representar uma palavra primitiva inteira, e não apenas um “radical” ou raiz)

noirë (**noiri-**) “túmulo” (composta em **Noirinan** “Vale dos Túmulos”, CI: 187 - a não ser que essa palavra composta tenha a forma plural **noiri** “túmulos”)

porë (**pori-**) “farinha, alimento” (primitiva *pori*, Etim, entrada *POR*)

súré (**súri-**) “vento” (instrumental **súrinen** no *Namárië*)

rincë (**rinci-**) “florescimento, tremor rápido” (primitiva *rinki*, Etim, entrada *RIK(H)*)

Deve-se observar, porém, que as formações *adjetivas* derivadas dessas palavras ao adicionar-se -a à última vogal não fazem o -ë reverter para -i-. Isso fica

evidente a partir do exemplo **nengwëa** “nasal”, um adjetivo derivado de **nengwë** “nariz” (Etim, entrada *NEN-WI*). Talvez a forma “esperada” ****nengwia** fosse alterada em analogia aos outros numerosos adjetivos em **-ëa**.

Em *Etimologias*, a palavra em quenya para “dia” é **arë**, derivada de **ari** (**ARⁱ**), de modo que a forma de radical seria **ari-**; mas Tolkien posteriormente alterou a palavra para “dia” para **aurë**. É incerto, e possivelmente duvidoso, se essa palavra possui a forma de radical **?auri-**.

A lista de substantivos acima abrange apenas os exemplos onde Tolkien mencionou explicitamente a forma primitiva em **-i**, ou onde o radical **i** pode ser diretamente observado em alguma forma declinada ou composta. Certamente há muitas palavras em **-ë** para as quais nenhuma forma primitiva é citada e, logo, não podemos ter sempre certeza de que o **-ë** do quenya deriva do **-i** curto (caso no qual ele pertence à lista acima) ou do **-ê** longo mais primitivo (caso no qual o **-ë** do quenya *não* muda sua qualidade ao ser final). Pode-se supor, porém, que o substantivo **tallunë** “sola do pé” seja um radical **I** (**talluni-**), visto que ele deriva de *talrunya* mais antigo (Etim, entrada *RUN*). A idéia provavelmente é a de que *talrunya* produziu a palavra em eldarin comum *talruny* após a perda do **-a** curto final, e que a consoante **y** tornou-se então a vogal **-i** (*talruni*, a forma que fundamenta diretamente a palavra em quenya **tallunë**). Compare com a evolução do radical **U** **ango**, **angu-** a partir de *angwa* via *angw* e *angu*; ver abaixo.

Como um paralelo aos radicais **I** recém listados temos os *radicais U*, que apresentam **-o** como a vogal final da forma simples, mas **-u-** antes de desinências. Onde a forma simples de tais substantivos termina em **-co** ou **-go**, o nominativo plural termina em **-qui** ou **-gwi**, respectivamente (ao invés de **-cor**, **-gor** como normalmente seria o caso). Compare com *WJ*: 390, onde Tolkien afirma que **urco** “espectro; orc” deve vir de *urku* ou *uruku* porque possui a forma plural **urqui**. A implicação é que, se ao invés disso **urco** tivesse vindo de *ur(u)kô*, sua forma plural teria sido ****urcor**. No caso do substantivo **tulco** “suporte, apoio” derivado de *tulku* (Etim, entrada *TULUK*), Tolkien não fez qualquer observação a respeito da forma plural mas, dada a derivação, ela provavelmente deveria ser **tulqui** ao invés de **?tulcor** (ou, quanto a isso, **?tulcur**).

NOTA: **telco** “perna” é um caso especial; ela possui a forma plural **telqui**, mas Tolkien afirmou que essa forma é “análoga” (Etim, entrada *TÉLEK*). Logo, parece que **telco** não é realmente um radical **U**; o plural **telqui** é formado meramente por analogia ao plural de certos radicais **U** verdadeiros. A tradução em quenya de “Passolargo” feita por Aragorn, **Telcontar**, parece conter de algum modo **telco** “perna” (é possível que um verbo **telconta-** “usar a perna” = “andar com passos largos” esteja implícito aqui), e o fato de que não vemos ****Telcuntar** confirmaria, portanto, que **telco** “perna” não é um radical **U**, apesar de sua forma plural.

Como observado acima, assim como substantivos em **-co** derivados de *-ku* mais primitivo possuem formas plurais em **-qui** (= **-cwi**), substantivos em **-go** derivados de *-gu* mais primitivo possuem formas plurais em **-gwi**. O substantivo **ango** “cobra” possui o radical **angu-**, como fica evidente pela palavra composta **angulócë** “dragão” no Etim, entrada *LOK* (literalmente algo como “serpente-cobra”, composta de **ango** e **lócë**), e a entrada *ANGWA* confirma que **ango** possui a forma plural **angwi**. (Nesse caso, o **-u** do radical parece ter se desenvolvido a partir de um *-w* original, que tornou-se final após a perda da vogal final curta original *-a* em eldarin comum: *angwa* > *angw*, posteriormente *angu*, por sua vez produzindo em quenya **ango**, **angu-**.) É dito que o substantivo **lango** “garganta” possui, da mesma maneira, a forma plural **langwi**, provavelmente indicando que Tolkien pretendia que **lango** fosse derivado de *langu*, mas então ele modificou **lango** para **lanco**. Ver entradas *LAK*⁷ e *LANK* no Etim. É possível que a forma substituta **lanco** seja de modo similar derivada de *lanku*, caso no qual ela deveria possuir o radical **lancu-** e a forma plural **lanqui**, embora nenhum seja atestado.

Não incluindo o material do “qenya” primitivo, esta lista deve abranger quase todos os radicais U conhecidos:

ango (**angu-**, pl. **angwi**) “cobra” (Etim, entrada *ANGWA*, composta **angu-** em **angulócë**, Etim, entrada *LOK*)

líco (evidentemente **lícu-**) “cera”; compare com a palavra relacionada **lícuma** “vela” **malo** (**malu-**) “pólen, pó amarelo” (primitiva *smalu*, Etim, entrada *SMAL*)

orco “orc, goblin” (**orcu-**, pl. **orqui**) (primitiva *órku*, Etim, entrada *ÓROK*, ou uma forma de **urco** [q.v.] influenciada pelo sindarin, WJ: 390; essa forma influenciada pelo sindarin também pode ser tratada como um substantivo normal em **-o** e ter assim a forma pl. **orcor**; compare com MR: 74 e WJ: 390)

ranco (**rancu-**, pl. **ranqui**) “braço” (primitiva *ranku*, Etim, entrada *RAK*)

rusco (**ruscu-**, pl. **rusqui**) “raposa” (PM: 352, VT41: 10)

súlo (**súlu-**) “taça, cálice” (primitiva *suglu*, Etim, entrada *SUK*)

tulco (**tulcu-**, pl. presumivelmente **tulqui**) “suporte, apoio” (primitiva *tulku*, Etim, entrada *TULUK*)

tumbo (**tumbu-**) “vale profundo (sob ou entre colinas)” (primitiva *tumbu*, Etim, entrada *TUB*)

tumpo (**tumpu-**) “corcunda” (a entrada *TUMPU* no Etim aparentemente representa uma palavra primitiva, e não apenas uma simples “raiz”)

tundo (**tundu-**) “colina, monte” (primitiva *tundu*, Etim, entrada *TUN*)

ulco “mal” (**ulcu-**; o ablativo **ulcullo** é atestado, VT43: 12, 23-24; pl. provavelmente **ulqui**)

urco “espectro; orc” (**urcu-**, pl. **urqui**) (primitiva *urku* ou *uruku*, WJ: 390)

Utumno (**Utumno-**) “Utumno”, primeira fortaleza de Melkor (forma primitiva tanto *Utupnu*, MR: 69, como *Utubnu*, Etim, entrada *TUB*)

No caso de **rauco** “demônio”, Tolkien parece não ter certeza se a forma primitiva era *rauku* ou *raukô*, ou talvez ele pretendesse que ambas tivessem coexistido (WJ: 390). Se fosse *rauku*, a palavra quenya **rauco** deveria ter então o radical **raucu-** (e o plural **rauqui?**). Uma forma plural da palavra composta **Valarauco** “Demônio de Poder” (WJ: 415, sindarin *balrog*) de fato ocorre no *Silmarillion*, mas essa forma é mais surpreendente: temos **Valarauçar** com a vogal **a** antes da desinência de plural! Isso deve refletir uma formação primitiva alternativa e bastante distinta *raukâ-*. (Ver “Variação de vogais finais?” abaixo.)

Tuo “músculo”, que Tolkien produziu a partir da primitiva *tûgu* (entrada *TUG* no Etim), pode ser um caso especial. Se **tuo** for um radical **U**, ele conceivelmente pode assumir a forma **tú-** (para *tú'u-*) antes de desinências, ou apenas **tu-** antes de um encontro consonantal (ex: dativo **tún** “para um músculo”, ablativo **tullo** “de um músculo”). Mas também é possível que *u'u* sofresse uma desassimilação para **uo** (como sabe-se que ocorre com *o'o*) ao invés de ser contraído para **ú**; sendo assim, veríamos simplesmente **tuo-** também antes de desinências.

Uma característica provável dos radicais **I** e **U** não é discutida em nenhum lugar no material publicado, mas parece ser uma consequência necessária do sistema geral: no “quenya livresco” arcaico, que preservava uma forma “objeto” ou *acusativa* distinta, como **ciryá** como o acusativo de **cirya**, as vogais finais alongadas presumivelmente preservavam a qualidade original da vogal: foram apenas o *-i* e *-u* *curtos* finais originais que tornaram-se *-ë* e *-o* em quenya. Assim, **finë** “cabelo” com o radical **fini-** presumivelmente teria a forma acusativa **finí**, enquanto que **súlo** “taça”, com o radical **súlu-**, teria a forma acusativa **súlú**. Mas no quenya falado na Terra-média, a distinção entre nominativo e acusativo foi abandonada; “ela era expressa adequadamente pela ordem das palavras” (Carta Plotz). Fonologicamente, os acusativos mais antigos **finí** e **súlú** poderiam ter produzido em quenya exílico **fini** e **súlu**, ainda permanecendo distintos dos nominativos **finë** e **súlo** - mas Tolkien parece estar dizendo-nos que as formas acusativas distintas foram abandonadas completamente.

Variação de vogais finais?

Outro tipo de variação de radical é tão parcamente atestada que não podemos ter certeza se ela realmente existe “internamente”, ou meramente reflete a indecisão de Tolkien quanto à forma exata da palavra. Já mencionamos como **Valarauco** “Demônio de Poder” (WJ: 415, sindarin *balrog*) possui a forma plural **Valaraucar**, se acreditarmos no *Silmarillion*. Por que essa mudança de um -o final na forma simples para -a- antes da desinência de plural -r? Veríamos a mesma mudança antes de outras desinências, como por exemplo o dativo ?**Valaraucan** = “para um Valarauco”? Temos apenas um outro possível exemplo dessa variação de -o vs. -a-: em *Etimologias*, a palavra em quenya para “raiz” é **sundo** (entrada *SUD*), e essa palavra também ocorre em outro lugar com referência a “raízes” ou bases *lingüísticas* (WJ: 319). Ainda assim a forma plural “raízes” parece ser **sundar** na palavra composta **Tarmasundar** “Raízes da Coluna” (o nome das encostas da montanha Meneltarma em Númenor, CI: 187). Mas tal variação de -o vs. -a- parece difícil de justificar-se dentro do cenário de Tolkien de como o quenya evoluiu a partir do élfico primitivo. (Em comparação, é facilmente explicado por que -o e -ë finais às vezes transformam-se em -u- e -i- antes de desinências: o -u e o -i curtos originais eram modificados na posição final, mas não em outro lugar.) Deve-se observar que, em nenhum dos dois casos “atestados”, a forma singular e a plural são fornecidas *na mesma fonte*, ou sequer percebidas como contemporâneas próximas. Logo, talvez Tolkien às vezes pensasse na palavra em quenya para “Balrog” como **Valarauca** (daí o pl. **Valaraucar**) ao invés de **Valarauco**, e talvez ele, da mesma forma, oscilasse entre **sundo** e **sunda** como a palavra para “raiz”. Também é possível que **sundo** tenha vindo a ser usada especificamente para uma “raiz” lingüística (palavra básica, palavra raiz), enquanto que **sunda** refere-se à uma “raiz” natural (de árvores etc., também usada metaforicamente para as encostas de uma montanha).

Vogais finais perdidas preservadas antes de desinências (consonantais)?

Quando uma desinência que começa com uma consoante (tal como -**нна** para o alativo) é adicionada a um substantivo que termina em uma consoante, uma *vogal de ligação* é inserida antes da desinência para evitar um encontro consonantal impossível (a não ser que a própria desinência esteja de algum modo simplificada). Pode-se usar -e- como tal vogal de ligação, essa sendo a vogal mais neutra (como na forma alativa atestada **Elendilenna** “a/para Elendil”, PM: 401). O quenya perdeu certas vogais finais curtas conforme o idioma evoluiu do élfico primitivo, e se poderia especular se essas vogais seriam *preservadas* antes de certas desinências .

Como observado acima, o nome **Mandos** possui o radical **Mandost-** porque o elemento final é a forma reduzida de **osto** “castelo, fortaleza; cidade” (MR: 350). O **-o** final original de **osto** deveria ser preservado em algumas formas casuais, como por exemplo **?Mandostonna**, como o alativo “a Mandos”? Ou a vogal de ligação neutra **-e-** também seria introduzida aqui, de modo que teríamos assim **?Mandostenna**? E quanto a um substantivo como **tol** “ilha”? É dito que ele deriva da primitiva *tollo* e, portanto, possui o radical **toll-** como na forma plural **tolli** (escrita errada como “tolle” no Etim, entrada *TOL*²). Mas o **-o** final perdido da *tollo* original seria preservado em alguns casos, como por exemplo o locativo **?tollossë** “em uma ilha”? Sendo assim, o radical de **tol** teria que ser citado como **toll(o)-**, o **o** final aparecendo apenas antes de desinências que começam por uma consoante.

A forma instrumental de **ambar**, **ambart-** “destino, fado” (mais usualmente **umbar**, **umbart-**) é atestada como **ambartanen** em CI: 155. Note a vogal **-a-** que aparece antes da desinência instrumental **-nen**. Pode ser que a idéia de Tolkien quanto à palavra para “destino” fosse algo como *m’bartā* em élfico primitivo, e que o **-a** final original fosse preservado na forma instrumental **ambartanen**, embora essa vogal (assim como o **-t** precedendo-a) tenha sido perdida na forma simples **ambar** “destino”.

A forma locativa de **tál**, **tal-** “pé” aparece como **talassë** em um manuscrito tardio (VT43: 16; presumo que o **tál** aqui discutido signifique “pé”, embora nenhuma nota seja fornecida nessa fonte). Mais uma vez a idéia pode ser de que “pé” fosse *tala* em élfico primitivo, e que o **-a** final original é preservado antes de desinências que começam com uma consoante. Mesmo assim o material é – como sempre – menos do que consistente. No *Etimologias*, entrada *TAL*, a forma genitiva (mais tarde presumivelmente dativa) de **tál** é dada como **talen**, cuja forma provavelmente é melhor interpretada como **tal-** mais a desinência genitiva (posteriormente: dativa) **-n**, a vogal de ligação normal **-e-** materializando-se entre o substantivo e a desinência para evitar a forma impossível ****taln**. Tolkien posteriormente teria dito que a forma dativa de **tál**, **tal-** deveria ser **talān** ao invés de **talen**, para combinar com **talassë** como a forma locativa? A forma **talassë** é supostamente tirada de uma declinação mais completa de **tál**, de modo que o mesmo documento (de cerca de 1967) pode fornecer a resposta – mas ele não está disponível para nós.

Não se pode chegar a conclusões definitivas nesse estágio; eu normalmente usaria a vogal de ligação “neutra” **-e-**, a menos que haja uma forte razão para acreditar-se que outra vogal é preferida. Deve-se observar que **-i** (ao invés de **-r**) é, de qualquer modo, a desinência de plural preferida de maneira que, mesmo se **tol**, **toll-** “ilha” aparecer como **tollo-** antes de desinências que começam com uma consoante, o plural “ilhas” deve ser **tolli** (atestado em LT1: 85) ao invés de

****tollor.** O mesmo princípio se aplicaria a todas as desinências casuais que incorporam o elemento plural **-i-**, como o dativo plural **-in** ou o instrumental plural **-inen**, e ele também se aplicaria à outra desinência casual que começa com uma vogal, a genitiva em **-o**. Assim, embora “pelo destino” seja atestada como **ambartanen**, uma forma plural correspondente “pelos destinos” provavelmente deveria ser **ambartinen**, sem **-a-** antes da desinência. O genitivo teria que ser **ambarto** (pois o *ambartao* mais antigo seria assim alterado mesmo se alguma vez tivesse existido).

AFIXOS DO QUENYA

O quenya faz uso extensivo de *afixos*, prefixos e sufixos, para formar palavras. Relativamente poucas palavras consistem de uma raiz nua. (Entretanto, algumas das formações são muito antigas; nem todas as desinências listadas abaixo eram realmente efetivas no quenya valinoreano ou exílico tardio. Alguns métodos de derivação que pertencem ao quendiano primitivo ao invés do quenya são ignorados, embora o vocabulário do quenya possa incluir descendentes de palavras assim derivadas.) Se os afixos listados abaixo forem usados para produzir novas palavras, deve-se tomar cuidado para evitar combinações (especialmente de consoantes) que são impossíveis em quenya.

Desinências nominais e abstratas

Esta é uma lista, sem a intenção de ser exaustiva, das desinências que ocorrem nos substantivos do quenya. (Os radicais referidos, *KOR*, *GALA*, *PAR* etc., são encontrados em *Etimologias* em LR: 347-400, a menos que qualquer outra referência seja dada.) Além das desinências listadas aqui, substantivos comuns podem ser produzidos a partir do radical puro ao adicionar-se qualquer das vogais **-a**, **-ë**, **-o** ou (muito raramente) **-u**; este às vezes é combinado com o alongamento da vogal raiz, às vezes não: **porë** “farinha” a partir de *POR*, **mírë** “jóia” a partir de *MIR*, **róma** “som alto” a partir de *ROM*, **malo** “pólen” a partir de *SMAL*. (Os poucos substantivos em **-i** parecem ser femininos; ver *Desinências femininas* abaixo.) A consoante final do radical pode ser duplicada ou passar por infixação nasal antes que a vogal final seja adicionada (ex: **quetta** “palavra” a partir de *KWET* “dizer”, **quinga** “arco” a partir de *KWIG*; formas primitivas **kwettâ*, **kwingâ*).

-at: em *hyapat* “costa”, *lanat* “tecido”, *sarat* “letra rúmiliana” (*SKYAP*, *LAN*, *WJ*: 396). Significado básico desconhecido; pode representar simplesmente uma forma estendida do radical. Em alguns casos parece indicar algo produzido pela ação

verbal correspondente, como **lanat** “tecido” a partir de *LAN* “tecer”. Muito provavelmente, as palavras em **-at** são exemplos dos chamados radicais *kalat*, formados pela sufixação da vogal raiz (chamada *ómataina*, WJ: 417) e pela adição de um **-t** (ver WJ: 392). Assim sendo, a desinência na verdade não é **-at**, mas apenas **-t** (cf. *rukut* produzida a partir de *RUKU* [WJ: 389]; essa palavra parece não possuir qualquer descendente em quenya).

-ba: talvez uma alomorfa de **-wa** (veja abaixo) que ocorre após **m**: **romba** “trombeta” a partir de *ROM* “ruído alto, sopro de chifre”. Alternativamente, o **B** de **-ba** é simplesmente parte de uma “fortificação média” **M** > **MB**.

-ë combinada com o alongamento da vogal raiz é usada para produzir o que são propriamente substantivos verbais. Algumas vezes o sentido das palavras produzidas vai do puro abstrato para o mais concreto, indicando um objeto ou fenômeno que é produzido pelo verbo correspondente: **nut-** “atar”, **nútë** “nó” (etimologicamente “*amarração?”), **lir-** “cantar”, ***lírë** “canção” (etimologicamente “*canto”; a palavra está marcada com asterisco porque só é atestada no caso instrumental: **lírinen**); cf. também **sírë** “rio” (etimologicamente “fluente”) a partir de **sír-** “fluir”. Esse método de derivação parece ser limitado aos radicais verbais do padrão (consoante-)vogal-consoante. Mas a desinência **-ë** também pode ser usada para produzir substantivos abstratos a partir de adjetivos em **-a**: **aira** “sagrado”, **airë** “santidade” (PM: 363).

-ië: substantivos abstratos. Em WJ: 394 **tengwestië** “linguagem [como abstrata ou fenômeno]” é chamada de uma “formação abstrata” baseada em **tengwesta** “sistema ou código de signos”, “*[qualquer] linguagem [individual]”. (**Tengwesta** também é listada “gramática” [*TEK*], mas apenas referindo-se à gramática ou sistema de um idioma específico, e não “gramática” como um abstrato). Exemplos de **-ië** de *Etimologias* incluem **verië** “audácia, ousadia” a partir do adjetivo **verya** “audaz, ousado” (ou o verbo **verya-** “ousar”, *BAR*) e **voronwië** “tolerância, qualidade durável” a partir do adjetivo **voronwa** “resistente, duradouro” (*BORÓN*). Note que essa desinência retira o **-a** final e toda a desinência **-ya**. Algumas vezes ela pode indicar um grupo de alguma coisa: **sarna** “de pedra” (*SAR*), **sarnië** “seixo, leito de pedra” (CI: 323). Cf. também **olassië** “apanhado de folhas, folhagem” (< **lassë** “folha”); o prefixo **o-** significa “junto” (Letters: 282). A palavra **enquië** “semana [de seis dias]” a partir de **enquë** “seis” refere-se a uma unidade ou grupo de seis (dias, neste caso).

-lë é tipicamente usada para produzir substantivos verbais: **horta-** “apressar, impelir”, **hortalë** “velocidade, encorajamento” (*KHOR*), **intya-** “adivinhar, supor”,

intyalë “imaginação”, **vesta-** “casar”, **vestalë** “casamento” (*BES*). Esses substantivos verbais podem ser formados diretamente a partir do radical quando este termina em uma vogal: **tailë** “alongamento” (*TAY* [ou **TAI*] “estender, tornar [mais] longo”), **cuilë** “vida, estar vivo” (*KUY* “voltar a si”). No caso de radicais básicos que terminam em uma consoante, a desinência **-lë** pode ser adicionada a uma forma nasal-infixada deles: **mancalë** “comércio” a partir de **manca-** “comercializar”, que por sua vez é derivada de *MBAKH* “troca, permuta”, ou **quentialë** “narrativa, história” a partir de *KWET-* “falar”. A desinência **-lë** também é usada para produzir substantivos concretos a partir de um adjetivo: **oia** “eterno, perpétuo”, **oialë** “[?era, idade] duradoura” (A caligrafia de Tolkien estava ilegível; *OY*), **aica** “afiaço”, **aicalë** “um pico” (*AYAK*), **merya** “festivo”, **meryalë** “festividade” (*MBER*).

-ma: desinência que indica uma coisa possuindo alguma relação com o significado da raiz, quer possuindo suas propriedades, quer sendo produzida pela ação verbal em questão, ou mesmo sendo uma ferramenta usada para realizá-la: **corma** “anel” a partir de *KOR* “redondo” (**corma** não é encontrado em *Etimologias*, mas cf. **cormacolindor** “Portadores do Anel” em *SdA3/VI* cap. 4/Letters: 308), **parma** “livro” a partir de *PAR* “compor, reunir”, **neuma** “armadilha, cilada” a partir de *SNEW* “enredar”. A “coisa” pode ser abstrata ou concreta: **alma** = abstrata “boa sorte, prosperidade” ou mais concretamente “riqueza” (radical *GALA* “prosperar”, cf. quenya **alya** “próspero, rico”). É possível que **-ba** e **-wa** sejam alomorfos dessa desinência, sendo usadas após **m** e **n**, respectivamente.

-më: geralmente indica coisas abstratas ou, pelo menos preferencialmente, intangíveis: **melmë** “amor” (**mel-** v. “amar”; *MEL*), **qualmë** “agonia, morte” (*KWAL* “morrer com dor”), **hormë** “urgência” (*KHOR* “incitar”), **milmë** “cobiça” (*MIL-IK*), **nilmë** “amizade” (*NIL* “amigo”). Menos abstratas, mas ainda intangíveis são **lúmë** “tempo, hora” e **lómë** “noite” (*LU* e *DO3, DÔ*; o significado das raízes não é dado). Às vezes o sentido abstrato básico é expandido para incluir algo mais concreto: um exemplo é **holmë** “odor”, enquanto que a palavra quendiana primitiva **ñolmë* (reconstrução minha) era o substantivo verbal “cheiro” derivado a partir de *ÑOL* “cheirar (intr.)”, isto é, dar uma cheirada (cf. também **laimë** “sombra” a partir de *DAY* “sombra” [como o verbo “sombrear”?]). Da mesma forma, a palavra **telmë** “cobertura” também pode ser usada para um objeto concreto: “capuz” (*TEL*). Cf. também **silmë** “luz das estrelas” (*Apêndice E*) ou “luz de Silpion” (Telperion) a partir do radical *SIL* “brilhar como prata”. Em alguns casos, **-më** funciona simplesmente como uma desinência nominal: **palmë** “superfície” a partir de *PAL* “escancarado”. Pode-se dizer que este e alguns outros casos possuem

um significado *local*: **undumë** “abismo” a partir de **undu** “abaixo”, **erumë** “deserto” a partir de **ERE** “estar sozinho, privado”, **celumë** “corrente, correnteza” a partir de **KEL** “ir, correr (especialmente de água)”. (Não está claro de onde o **u** de **erumë** e **celumë** vem; provavelmente devemos supor que os radicais também ocorrem nas formas ***ERU**, **KELU**; a raiz **kelu-** “fluir rapidamente” é na verdade mencionada em CI: 275.)

-në: evidentemente uma contraparte nominal da desinência adjetiva **-na**; compare o adjetivo **corna** “redondo” (**KOR**) com o substantivo **cornë** “forma [redonda]” (LT1: 257), compare também **sarna** “de pedra” e **sarnë** “lugar forte” (lit. *****“algo forte como pedra”? **SAR**), cf. também **lannë** “tecido” a partir de **LAN-** “tecer” (**lannë** sendo a contraparte nominal da adjetiva ***lanna** “(algo) tecido”, de modo que **lannë** = “algo criado ao se tecer”).

-on (-ond-) em **andon** “grande portão”, **aldëon** “avenida” - ver **-on** sob *Desinências masculinas* abaixo.

-rë: parece que **X-rë** significa “estado de ter/ser X” (**almarë** “bem-aventurança” a partir de **alma** “boa sorte, prosperidade, riqueza”). Não confundir com a desinência feminina **-rë**.

-së: desinência vista em alguns substantivos, como **lapsë** “bebê”, **litsë** “areia” (radicais **LAP**, **LIT**, o significado não é dado), também **taxë** (tacse) “prego” a partir de **TAK** “consertar, tornar rápido”, forma primitiva dada como ***taksê**. No caso de **nixë** (**nicsë**) “geada” a partir do radical **nicu-** “ficar frio, gelado”, deve ser observado que a desinência **-së** exclui a vogal final do radical (WJ: 417). Essa desinência também ocorre em **essë** “nome” a partir de **ES** “indicar, ?nomear”? Ou é apenas a consoante final duplicada?

-sta: vista em **tengwesta** “gramática” (**TEK**) ou “sistema ou código de sinais” (WJ: 394). *Etimologias* e WJ: 394 não concordam sobre a origem da palavra **tengwesta**, mas se aceitarmos WJ: 394, que é a fonte mais recente, essa palavra é produzida a partir de **tengwë** “indicação, sinal, símbolo”, indicando que **X-sta** significa “grupo de Xs, sistema de Xs”. Contudo, sob **KHAW**, a palavra primitiva ***khau-stâ** é definida como “descanso”, indicando que **-stâ** (> quenya **-sta**) é simplesmente uma desinência de substantivos verbais. Devemos ignorar essa fonte mais antiga ou concluir que **-sta** possui várias nuances de significado? Qualquer que seja o caso, essa desinência não parece ser produtiva em quenya.

-t: em **nat** “coisa, algo” a partir de *NA*² “ser”: literalmente “*” algo que é”. Essa é, com quase certeza, a mesma desinência **-t** que é sufixada aos radicais *kalat*–; ver **-at** acima.

-wa: em **lanwa** “tear (subst.)” a partir de *LAN* “tecer”; possivelmente uma alomorfa de **-ma** usada após **n**. Não confundir com a desinência adjetiva **-wa**.

-wë: basicamente abstratos, como **voronwë** “fidelidade” (CI: 340, 498), evidentemente a partir do radical *BORÓN*. Após **n**, como neste caso, **-wë** pode ser vista como uma forma alternativa de **-më**. Palavras em **-wë** também podem indicar alguma coisa produzida pela ação descrita pela raiz: assim, *SKAR*– “rasgar, rachar” produz **harwë** “ferida” (primitiva **skarwë*; provavelmente houve uma graduação semântica de “rasgar, rachar” completamente abstratas para um *rasgo* ou ferida concretos).

Desinências masculinas

Muitas, ou a maioria dessas desinências, algumas vezes são *agentivas*, indicando alguém que pratica o que o significado do radical expressa, como a desinência portuguesa **-dor** em *pensador*, produzida a partir de *pensar*, mas às vezes elas simplesmente indicam o gênero masculino.

-do: evidentemente uma alomorfa de **-no** (veja abaixo) usada primeiramente após **l** e **n**. Agentiva em **lindo** “cantor” a partir de *LIN*² “cantar”. Também em **noldo**, representando a primitiva *-dô* (**ngolodô*, WJ: 383), de modo que essa desinência já devia ser distinta de **-nô** (em forma, se não em significado) no idioma primitivo. (Após **l**, **-no** poderia ter tornado-se **-do** por diferenciação comum, mas não após **n**. Cf. **Nando**, dita descender de **ndandô*, WJ: 412.)

-indo: sufixo agentivo masculino, atestado em **melindo** “amante” (m.) e **colindo** “portador” (*Cormacolindor* “Portadores do Anel”, SdA3/VI cap. 4). A desinência feminina correspondente é **-indë**.

-ion: em **morion** “o escuro”, referindo-se a Morgoth (LR: 72). Talvez na verdade **-on** (veja abaixo) sufixada à palavra antiga **mori* “preto, negro” (> quenya **morë** como uma palavra independente, *MOR*). Fora isso, **-ion** é uma desinência patronímica que significa “-filho” (*YON*).

-mo: Tolkien observa que “a desinência **-mo** freqüentemente aparecia em nomes ou títulos, algumas vezes com um sentido agentivo: *Ulmo* era interpretado como

‘o Vertedor’ < **UL* ‘verter’”. (WJ: 400. Essa interpretação de *Ulmo* na verdade era outra etimologia popular élfica, pois o nome desse Vala foi adaptado do valarin *Ulubôz*, *Ullubôz*.) Mas em *ciryamo* “marinheiro”, a desinência *-mo* não possui sentido agentivo; ela simplesmente é adicionada a *ciryá navio*, de modo que o significado é literalmente *”pessoa de navio” ou algo parecido. Da mesma forma *Súlmo*, título de Manwë, parece significar *”pessoa do vento” (*súlë*, *súli-* + *mo*). Outros exemplos são *sermo* “amigo” a partir de *SER* “amar, gostar de (de afeição, amizade)” e *ingolmo* “mestre de tradição” (WJ: 383); cf. *n(g)ólë* “tradição”; cf. também o nome do Vala *Irmo*, “Aquele que Deseja” (WJ: 403). A contraparte feminina de *-mo* é *-më*, mas essa desinência é rara.

-no: ainda outra desinência masculina que às vezes é agentiva, às vezes não: simplesmente masculina em *otorno* “irmão (de coração)” (< *TOR* “irmão”), agentiva em *tirno* “observador” a partir de *TIR* “observar, guardar” (cf. *SKAL*), também o pode ser em *samno* “carpinteiro, armador, construtor” (o significado do radical *STAB* não é dado).

-o: desinência masculina, algumas vezes com sentido agentivo: *tyaro* “realizador, ator, agente” a partir do radical verbal *tyar-* “causar”, *Pityo* apelido *”o pequeno” a partir de *pitya* “pequeno” (PM: 353). Em PM: 340, essa desinência (lá com um sinal diacrítico indefinido) é chamada de “sufixo pronominal” e definida como “uma pessoa, alguém”. Parece que essa desinência é propriamente masculina.

-on: “desinência (de nomes masculinos)” (WJ: 400). Isso é tirado de um contexto em relação ao sindarin, mas essa desinência também é válida em quenya: compare os nomes *Sauron* e *Ancalimon* com os adjetivos *saura* “abominável” e *ancalima* “o mais brilhante”. De acordo com Letters: 380, *Sauron* originalmente era *Thaurond* (*th* lá sendo escrito com uma letra grega), e o *d* final pode ser preservado antes de uma desinência (ex: genitivo **Saurondo*). Compare a palavra sindarin *lhathron* “ouvinte” a partir da primitiva **la(ns)ro-ndo* (*LAS*²) e a palavra em quenya *fion* “?falcão” (a caligrafia de Tolkien estava ilegível) a partir do radical *PHI*; o plural é dado tanto como *fioni* como *fiondi*, de modo que a forma primitiva pode ter sido **phiondo* (minha reconstrução). Também encontramos *andon* “grande portão” (*andond-*) a partir de *ando* “portão” (*AD*). Essas palavras indicam que a desinência *-on* não é usada exclusivamente em nomes. Cf. também *aldëon* “avenida” < adj. *aldëa* “sombreado por árvore” (LT1: 249), embora isso seja “qenya” muito primitivo e possa não possuir autoridade total. Essas palavras obviamente não são masculinas; elas nem mesmo indicam seres animados.

-r ou **-ro**: desinências agentivas (WJ: 371), como a portuguesa **-or**: **ista**- “saber, conhecer” > **istar** “mago, *conhecedor” (em Letters: 202, Tolkien traduz **Istari** como “aqueles que sabem”); ***envinyata**- “renovar” > **Envinyatar** “renovador”. As desinências **-r** e **-ro** também podem ser adicionadas a substantivos: **X-r(o)**, significando então “pessoa que possui X, tendo a ver com X”, como **istya** “conhecimento” > **istyar** “erudito, homem instruído”. É possível que a desinência **-r** não indique sexo, enquanto que **-ro** é explicitamente masculina (como **-rë** é explicitamente feminina). Cf. **ontaro** e **ontarë** “progenitor” e “progenitora”, respectivamente (*ONO*). Parece que a desinência **-ro** forma seus plurais em **-ri**; visto que essa também seria a forma plural de **-rë**, a distinção de sexo perde-se no plural: **ontari** “pais”.

-u: desinência masculina, às vezes com sentido agentivo: **ERE**- “estar sozinho” > **Eru** “O Um, Deus”, **KHER**- “governar, reinar” > **heru** “senhor”. A palavra **ainu** é um caso especial. Essa palavra, que indica um dos espíritos angelicais originalmente trazidos à existência pelo Único Criador, na verdade era um empréstimo da palavra valarin *ayanûz*. Mas os elfos acharam que **ainu** parecia como uma forma pessoal, nominalizada do adjetivo (até então) não existente ***aina**, e assim eles realmente começaram a usar esse adjetivo, dando a ele o significado “sagrado”, a santidade sendo uma característica primária dos Ainur (WJ: 399). Essa etimologia popular indica que a desinência **-u** (junto com **-o**) era com frequência muito usada para produzir formas pessoais, nominalizadas a partir de adjetivos. O equivalente feminino de **-u** parece ser **-i**; veja abaixo. (Mas formas plurais como **Ainur** evidentemente referem-se à raça inteira, sem distinção de sexo. Isso provavelmente é verdadeiro para várias das desinências masculinas dadas aqui.)

-wë: de acordo com LR: 398, um “sufixo abstrato” que ocorre em nomes como **Manwë**, **Elwë**, **Ingwë** e **Finwë**. Contudo, Tolkien posteriormente decidiu que esse era simplesmente um elemento que significa “pessoa”, “geralmente, mas não exclusivamente, masculina” (PM: 340 - o único caso atestado de uma mulher que possui um nome em **-wë** é **Elenwë**). Em Letters: 282, **Manwë** é traduzido como “ser abençoado”. (Isso também foi explicado como um empréstimo da palavra valarin *Mânawenûz*; ver WJ: 399.)

Desinências femininas

Essas geralmente são contrapartes diretas das desinências masculinas.

-ë: desinência feminina, evidentemente a contraparte da masculina **-o**: **antë** “do-

adora” a partir de **anta-** “dar” (o *Etimologias*, entrada *ANA'*, fornece **anto** “doador”, embora no SdA seja dito que **anto** significa “boca”). Não confundir com a desinência abstrata ou adjetiva **-ë**.

-i: desinência feminina, evidentemente a contraparte da masculina **-u**. Compare **heru** “senhor” com **heri** “senhora”, cf. também **tári** “rainha”, **aini** “ainu feminina”.

-ië: desinência feminina. **Valië** “Vala feminina”; cf. também nomes femininos como **Amárië**. Como está evidente a partir do exemplo **Vala/Valië**, essa desinência pode retirar uma vogal final. Não confundir com a desinência abstrata **-ië**.

-iel: “filha”, como em **Uinéniel** “Filha de Uinen” (CI: 207).

-issë: sufixo agentivo feminino, atestado em **melissë** “amante” (f). Cf. também PM: 345.

-indë: sufixo agentivo feminino, aparentemente o equivalente feminino de **-indo**, atestado em **Serindë** “Bordadeira” (embora traduzido “Costureira” em PM: 333).

-llë: sufixo agentivo feminino, atestado apenas em **Tintallë** “Inflamadora” < **tin-ta-** “inflamar, fazer cintilar”. Nota: **-llë** também é usada como uma desinência diminutiva; veja abaixo.

-më: o equivalente feminino da desinência masculina **-mo:** **sermë** “amiga”, **sermo** “amigo” - ambas a partir de **SER** “amar, gostar de (de afeição, amizade)”. Essa desinência parece ser rara, talvez porque ela seja facilmente confundida com a desinência nominal **-më**.

-rë: desinência feminina, com significado agentivo em **Vairë** (**Weirë* mais antiga, “Tecelã”, radical *WEY* “tecer”), mas não em **Ilmarë**, o nome de uma Maia (a partir de **Ilma** “luz estelar”). Não confundir com a desinência abstrata **-rë** ou a desinência **-rë** que indica um grupo de alguma coisa.

Desinências adjetivas

Essas são bem numerosas. Note, entretanto, que adjetivos nunca terminam em **-o** ou **-u** em quenya maduro.

-a: desinência adjetiva geral: **olórë** “sonho”, **olórëa** “sonhador, ilusório” (LT1: 259).

-arwa: “possuidor, no controle de”, ex: **aldarwa** “arbóreo, árvores crescidas” a partir de **alda** “árvore” (3AR, em LR: 360).

-ba: talvez a forma que **-wa** (veja abaixo) assume após **m**: **himba** “aderido, fincado” a partir de **KHIM-** “fincar, fender, aderir”. Nesse caso, a desinência assume um significado quase participial.

-ca: desinência adjetiva usada em radicais que terminam em uma vogal: **PHAU** “bocejar, estar de boca aberta” > **fauca** “de boca aberta, sedento, ressecado”, **POY** (o significado não é dado) > **poica** “limpo, puro”. Cf. também **GAYA-** traduzida **gayakâ* (chamada de uma “forma adjetiva” em PM: 363) > quenya **aica** “terrível, horrível, apavorante” após síncope. Essa desinência é muito antiga (quendiana primitiva **-kâ*) e pode não ser produtiva em quenya tardio. (Note que, em *Etimologias*, Tolkien produziu **aica** a partir do radical **AYAK** e não, como posteriormente, a partir de **GAYA-** com essa desinência. A desinência como tal também é, apesar de tudo, encontrada no material do Etim.)

-da: ver **-na** abaixo.

-ë: desinência adjetiva rara; entre nossos poucos exemplos está **lissë** “doce”, evidentemente produzido a partir do radical **LIS** “mel” (esse adjetivo não é encontrado em *Etimologias*, mas ocorre no *Namárië*). Alguns adjetivos parecem exibir uma desinência mais longa **-në**, como em **carnë** “vermelho”, **varnë** “marrom (escuro)”. Contudo, essas palavras também exemplificam a desinência adjetiva **-ë**, pois o **-n** é parte da raiz (**KARÁN**, **BARÁN**). Esse **-ë** descende do **-i* do élfico primitivo, uma desinência comum em adjetivos de cor. - Note que **-ë** também é uma desinência feminina e abstrata.

-ëa: representa tanto **-ë + a**, como em **olórë** “sonho” > **olóreä** “sonhador”, como **-aya* e **-oya* mais primitivos, isto é, a desinência **-ya** (veja abaixo) adicionada a um radical que termina em alguma vogal: **alda** “árvore”, adjetivo **aldayal** **aldaia** (minha reconstrução) > **aldëa** “sombreado por árvore” (LT1: 249).

-ima: “X-ima” freqüentemente significa “X-ável”, “apto a X” ou “merecedor de X”: cf. alguns adjetivos com o prefixo privativo **ú-** “in-”: a partir do radical verbal **not-** “contar” é produzida **únótima** “incontável”, e a partir de **quet-** “falar” vem **úquetima** “indizível”. Note que a desinência **-ima** faz a vogal raiz tornar-se longa se não for seguida por um encontro consonantal (**tyelima** “final” [**KYEL**] e **mirima**

“livre” [*MIS*] não se encaixam nesse padrão; aqui e em alguns outros casos, **-ima** parece funcionar simplesmente como uma desinência adjetiva). Cf. também **Fírimar**, traduzido “aqueles capazes de morrer” em WJ: 387 (cf. **fir-** “desvanecer, morrer”). Aqui o adjetivo é usado como um substantivo e adota a desinência nominal de plural.

-in: em **qualin**, **firin**, ambas significando “morto” (*KWAL*, *PHIR*), cf. também **quorin** “afogado” (LT1: 264).

-ina é evidentemente uma forma mais longa de **-in**: **malina** “amarelo” (*SMAL*), **telpina** “de prata” (*KYELEK*). É confirmado que **-ina** deve ser compreendida como uma variante mais longa da desinência **-in** mencionada acima pelo fato de que um adjetivo que significa “aberto, livre, limpo (de terra)” é dado como **latin(a)** sob *LAT*.

-inquá: desinência com o significado básico “cheio, completo”: **alcarinqua** “glorioso” basicamente significa “cheio de glória” (**alcar** “glória” + **-inquá**). WJ: 415 também menciona uma desinência alternativa ***-unqua** (na verdade, apenas a forma arcaica *-uñkwâ* é dada) que era usada para produzir adjetivos “aplicados a coisas pesadas, desajeitadas, feias ou ruins”. Porém, tais adjetivos não são atestados.

-itë ou **-ítë**, desinência adjetiva rara: **hanuvoitë** “masculino”, **inimeitë** “feminino” (*INI*). Cf. também **maitë** “útil, hábil, jeitoso” a partir de **má** “mão” (*MA3*) e **hloníti** “fonético” (pl.; sing. ***hlonítë**; WJ: 395), claramente derivada de ***hlon** “som” (apenas o pl. **hloni** é atestado”, WJ: 394).

-na: basicamente a desinência para o particípio passado (ou passivo), ainda usado em quenya, mas às vezes é difícil distinguir esses particípios de adjetivos, ou é realmente impraticável apresentar essa distinção. Assim, **harna** “ferido” a partir de *SKAR-* “rasgar, rachar” (primitiva **skarnâ*). Em **cuina** “vivo” a partir do radical *KUY-* “vir a si, despertar”, o adjetivo descreve a condição na qual alguém encontra-se ao completar a ação indicada pelo radical verbal (cf. a relação semântica entre o verbo português *ir* vs. o particípio passado correspondente *ido*). A desinência **-na** pode mudar para **-da** após L, como em **helda** “nu” a partir da primitiva **skelnâ* (radical *SKEL*).

-rin: uma desinência encontrada freqüentemente nos nomes de *idiomas*, **sindarin**, **vanyarin**, **valarin** etc. Mas tais palavras também podem ser usadas como adjetivos gerais: “Quando os historiadores precisaram de um adjetivo geral ‘quendiano, pertencente aos elfos como um todo’, eles criaram o novo adjetivo *quenderin* (no

modelo de *eldarin*, *noldorin*, etc)” (WJ: 407). Essas palavras podem ser chamadas de adjetivos étnicos. Algumas vezes expandidos para **-rinwa**: **noldorinwa**, **sindarinwa**.

-sa: em **telepsa** “de prata” (*KYELEP*). Provavelmente não produtiva em quenya.

-wa: desinência adjetiva que às vezes parece relacionada à desinência possessiva **-va**, às vezes não: **anwa** “real, verdadeiro” (*ANA*²), **noldorinwa** “noldorin” (ver **-rin**).

-vëa: desinência adjetiva com o significado específico de “ser como alguma coisa”: **él** “estrela”, **elvëa** “estelar”, pl. **elvië**. (O **é** longo em **él** torna-se curto antes do encontro **lv**.)

-viltë, **-valta**: “sem” (ver *Parma Eldalamberon* 11, pág. 23), evidentemente usada para produzir adjetivos como “inútil” etc., mas os adjetivos como tais não são atestados. Essa desinência pertence ao “qenya” muito primitivo, mas nenhuma desinência correspondente é conhecida em quenya maduro.

-ya: desinência adjetiva geral: **númen** “oeste”, **númenya** “ocidental”. (Nota: **-ya** também é uma desinência verbal freqüente, aparentemente não relacionada.) Veja também **-ëa** acima. Adjetivos em **-ya** (assim como outras desinências) também podem ser usados e declinados como substantivos. **Attalya** “bípedes” (WJ: 389) é claramente o adjetivo ***attalya** “de dois pés, de duas pernas” (**atta** “dois” + **tal-** “pé” + **ya**) com a desinência nominal de plural **-r**.

Desinências verbais

Existem apenas algumas desinências verbais.

-ya: desinência verbal geral: **sirya-** “fluir” a partir do radical *SIR*, de sentido parecido. Essa desinência parece não modificar o significado do radical de qualquer modo. Ela não deve ser confundida com a freqüente desinência adjetiva **-ya**, que aparentemente não está relacionada.

-sa: uma desinência “freqüente”, atestada em **lapsa-** “lamber (freqüentemente)” (*LAB*). O verbo normal **lav-** significa lamber alguma coisa (geralmente no sentido de prová-la) *uma vez*. Não confundir com a desinência adjetiva **-sa** (que parece ser igualmente rara).

-ta: outra desinência verbal geral, algumas vezes tão geral como **-ya**, outras com um significado causativo: **tul-** “vir, chegar”, **tulta-** “invocar” (= fazer vir) (*TUL*), **airë** adjetivo “sagrado”, **airita-** “santificar” (= tornar sagrado) (de acordo com a edição 32 do jornal *Vinyar Tengwar*, pág. 7, essa palavra ocorre no material não publicado). Mas em alguns casos, essa desinência parece ser escolhida apenas baseada na eufonia, isto é, ela é freqüentemente usada em radicais que terminam em uma vogal ou semivogal: **roita** “perseguir” a partir de *ROY* “caçar”, **caita** “estender, deitar” a partir de *KAY* “deitar” (o verbo **caita** não é dado em *Etimologias*, mas é atestado no *Namárië*).

Existem também exemplos de verbos sendo produzidos a partir de adjetivos, como **cúna** “curvado” > **cúna-** “curvar” (MC: 223), ou **harna** “ferido” > **harna-** “ferir” (*SKAR*).

Variadas

Algumas desinências de significado variado:

-il: em **siril** “córrego” a partir de **sir-** “fluir”, a desinência parece indicar um agente impessoal (mas ela pode ser apenas uma forma variante da desinência diminutiva **-llë**; veja abaixo). Cf. também **sicil** “adaga, faca” a partir de *SIK* (significado da raiz não dado) e **tecil** “pena (de escrever)” a partir de *TEK* “escrever”; a forma primitiva é dada como **tekla*; o **i** evidentemente é inserido após a perda do **-a* curto final para desmanchar o encontro final **-kl*. Em pelo menos uma palavra, **-il** parece funcionar como uma desinência agentiva normal: ***nacil** “vencedor”, atestada apenas (na forma **-dacil**) em palavras compostas como **Hyarmendacil** “Vencedor do Sul”, o nome assumido por um rei gondoriano. Certamente esse elemento vem a ser produzido a partir de **ndakla*, o radical *NDAK* significando “matar” (LR: 375).

-incë: desinência diminutiva: **atar** “pai”, **atarincë** “papai” (PM: 353) Em CI: 222, Zamîn dirige-se à jovem Ancalimë como **hérincë**, significando evidentemente **“pequena senhora”* (**heri** “senhora”, veja *KHER*; mas o **e** longo em **hérincë** pode sugerir que essa palavra é derivada de **hér-**, a forma de **heru** “senhor” que é usada antes de uma desinência [PM: 210], indicando que a desinência **-incë** não mostra o sexo).

-llë: desinência diminutiva. **Nandë** “harpa”, **nandellë** “pequena harpa” (*ÑGAN*. Também em **nellë** “riacho”? [*NEM*] Cf. **nén** “água” - de forma que **nen-lë* > **nellë**, lit. **“pequena [corrente de] água”*?) Não confundir com a desinência feminina em **Tintallë**.

-*ně*: um grupo de alguma coisa: *carca* “dente”, *carcaně* “fileira de dentes” (*KARAK*).

-*rě*: desinência que indica um grupo das coisas em questão: *fanya* “nuvem”, *fanyarě* “os céus... os ares superiores e as nuvens” (MC: 223). Poderia a desinência -*ně*, que parece ser de sentido similar, ser simplesmente uma leitura errada para -*rě*? *Carcaně* deveria ser lida **carcarě*?

-*ssě*: sufixo que indica abstrato ou localidade, não confundir com a desinência locativa (embora esta possa estar relacionada). Exemplos de tal derivação incluem *Vala* “poder angelical, deus” > *valassě* “divindade” (*BAL*), *laiqua* “verde” > *laiquassě* “verdor” (LT1: 267), *handa* “inteligente” > *handassě* “inteligência” (*KHAN*), *hópa* “baía” > *hopassě* “ancoradouro” (*KHOP*; o *ó* longo de *hópa* é encurtado), *findě* “cabelo” > *findessě* “os cabelos; o cabelo de uma pessoa como um todo” (PM: 345). Cf. também *celussě* “regato, água caindo rapidamente de uma fonte rochosa” a partir da raiz *kelu-* “fluir rapidamente” (CI: 318).

-*ya*: “sufixo de afeto” mencionado em CI: 249, visto em *Anardilya* *”querido Anardil” (CI: 195). Não confundir com as desinências verbais e adjetivas -*ya*.

Prefixos

O quenya possui alguns prefixos que podem ser adicionados a substantivos e verbos.

ala- “não-, des-”: *Alahasta* “Desfigurado” (MR: 254). Esse prefixo parece ter o poder de transformar o radical verbal seguinte em um particípio passado mesmo se nenhuma desinência participial explícita estiver presente. Ao contrário de *ú-* (veja abaixo), esse prefixo não parece ter conotações negativas.

am- “prefixo *am-* acima” (*AM*²), visto em *amortala* “levantamento”, literalmente *”levante”, indubitavelmente *am* + *ortala* (MC: 222; *orta-* = “erguer, levantar”). Evidentemente torna-se *ama-* antes de uma consoante; cf. *amatixě*, ponto (*tixě*) colocado sobre a linha de escrita, literalmente *”ponto-acima” ou *”sobreponho”. Também *amba-* *”para cima” em *Ambalotsě* “Flor Ascendente” (WJ: 318; cf. *amba* “acima, para cima”, *AM*²).

an- “prefixo superlativo ou intensivo” (*Letters*: 279), de modo que *ancalima* significa “o mais brilhante”, a partir de *calima* “brilhante”.

apa- “após”, em **Apanónar** “os Nascidos-depois” (um nome élfico para os homens, WJ: 387/Silm cap. 12), também em ***apacenya** “de previsão” (pl. **apacenyë** atestado em MR: 216; isso literalmente refere-se a *pós-visão* - o que virá *após* o presente). Variante **ep-** em **epessë** “apelido” (lit. “pós-nome”, isto é, um nome dado após o nome usual, CI: 301). Parece que **ep-** é usado ao invés de **apa-** quando a palavra a qual ela é prefixada começa em uma vogal.

ata-, at- “atrás-, novamente-, re-” (*AT[AT]*). De mera *repetição*, **en-** pode ser mais usual, mas **ata-** aparentemente também pode implicar *reversão* de algum tipo (cf. nota de Tolkien “atrás”).

au- um prefixo que é melhor explicado comparado com **hó-**; veja abaixo.

ava- um prefixo que ocorre em certos adjetivos, indicando algo proibido ou perigoso: Tolkien compara **avaquétima** “para não ser dito, que não deve ser dito” e **avanyárima** “para não ser contado” com **úquétima** “indizível, impossível de dizer” e **únyárima** “impossível de relatar” (ex: porque os fatos não são conhecidos, e não porque alguém *proibiu* que se contasse o conto). (WJ: 370)

can- “quadri-” (*KÁNAT*), não atestado em qualquer palavra composta real; um exemplo poderia ser ***cantil** “quadrado” (cf. **neltil** “triângulo”, ver **nel-**).

en- “re”: **enquat-** “reencher” (futuro **enquantuva** no *Namárië*), **entulesse** “retorno” (CI: 193). Uma variante primitiva em “qenya” possuía, por sua vez, **an-**; ver LT1: 114, 184.

ep- “após”, ver **apa-** acima.

et- “para fora, fora”. Usado em um verbo, em **ettul-**, provavelmente ***“sair, surgir”** (SD: 290, cf. *ET*, *TUL*)

hó- “fora, desde, dentre”, prefixo usado em verbos. De acordo com WJ: 368, o “ponto de vista estava fora da coisa, lugar ou grupo em pensamento”. O verbo **hótuli-** ***“vir desde”** significa assim *vir de fora*, “de modo a deixar um lugar ou grupo e entrar em outro no pensamento ou lugar do falante”, e de maneira similar **hóciri-** ***“cortar de”** significa assim *cortar, isolar* “de modo a ter ou usar uma porção exigida”. Compare o prefixo **au-**, que possui um significado parecido ***“de, fora”**, mas aqui o ponto de vista permanece com a coisa, lugar ou grupo em questão.

Auciri- também significa “cortar”, mas agora para livrar-se de uma porção.

il- prefixo de negação *”in-, des-”; ele “denota o oposto, o reverso, isto é, mais do que mera negação” (LT1: 255). Sob o radical *PHIR* temos **firin** “morto” e **ilfirin** “imortal”; pode ser visto que a forma negada não significa simplesmente “não morto”.

lin- “muito” (*LI*), prefixado a adjetivos como **lintyulussëa** “tendo muitos choupos” (isto é, **lin-** “muitos” + **tyulussë** “choupo” + a desinência adjetiva -a). **Lil-** assimilado em **lillassëa** “muito folhoso” (pl. **lillassië** no poema *Markirya*), isto é **lin-** “muito” + **lassë** “folha” + a desinência adjetiva -a.

nel- “tri-” (*NEL*), **neltil** “triângulo” (*TIL*).

nun- *”sob” em **nuhuinenna** “sob a sombra” (SD: 246), provavelmente também em **nucumna** “humilhado” (SD: 246) - literalmente *”sob-inclinação”.

nun- *”sob, abaixo, debaixo”, atestado em **nuntixë** *”sob-ponto”, um sinal abaixo da linha de escrita (*TIK*).

o- (vogal longa quando enfatizada: **ó-**) “um prefixo freqüente... usado em palavras que descrevem o encontro, junção, ou união de duas coisas ou pessoas, ou de dois grupos vistos como unidades. Assim: **o-mentië** (encontro ou junção das direções de duas pessoas) como na saudação familiar entre duas pessoas, ou duas companhias, cada uma indo por um caminho que acaba por encontrar-se com a da outra: *Elen síla lúmenna omentielvo!* ‘Uma estrela brilha sobre a hora do encontro de nossos caminhos’. ... Esse prefixo geralmente não era enfatizado em verbos ou derivados de verbos, ou geralmente quando a próxima sílaba seguinte era longa. Quando enfatizado, ele possuía a forma **ó-**, como em **ónoni** ‘gêmeos’, além do adj. **onóna** ‘nascido gêmeo’, também usado como um substantivo ‘um de um par de gêmeos’. (WJ: 367). Cf. também **otorno** *”com-irmão”, isto é, um irmão de coração em oposição ou em acréscimo a um natural (**toron**, **torn-** “irmão”). Note que esse prefixo, ao contrário de **yo-** (veja abaixo), refere-se primeiramente a *duas* pessoas, coisas ou grupos. Contudo, esse não parece o caso em **olassië** “grupo de folhas, folhagem” (< **lassë** “folha”), que aparentemente refere-se a qualquer número de folhas reunidas (Letters: 282).

oa-, **oar-** *”distante, ausente”, “ocasionalmente usado como um prefixo em palavras compostas de formação posterior” (WJ: 366). **Oareldi** *”Eldar-Ausentes”,

elfos que partiram de Beleriand para Valinor, em oposição àqueles que permaneceram lá (os Sindar). (WJ: 363 cf. 360)

ter- “através”. Usado em verbos, esse prefixo pode indicar duração no tempo, de modo que **termar-** “permanecer através” (CI: 340, 497) significa “permanecer” no sentido de “perdurar”. Também no substantivo **tercen** “percepção”, literalmente “através-da-visão” (MR: 230).

ú- “não-, in-, des-” (*GŪ*) freqüentemente, embora não sempre, com conotações negativas: **úquetima** “indizível”, (WJ: 370), **únótimë** “incontável” (pl., do *Namárië*). Também usado em substantivos: **vanimo** “belo”, **úvanimo** “monstro”, isto é, exatamente o oposto (*BAN*). Usado em substantivos, **ú** também pode implicar ausência da coisa em questão: **úner** “homem nenhum” (CI: 244).

un- “descida, abaixo”. Em **untúpa** “cobertura” (*Namárië* cf. RGEO: 67). Esse prefixo pode bem ser produtivo, de modo que podemos cunhar palavras como **untul-** “vir a baixo” = “descer”.

undu- “abaixo” em **undulávë** “mergulhado” (*Namárië* cf. RGEO: 67). Essa aparentemente é uma forma mais longa de **un-** usada quando a última produz um encontro consonantal não permitido em quenya como ****nl**, neste caso. Em LR: 47 também encontramos um prefixo **unu-**, que pode ser tornado obsoleto por **undu-** do *Namárië*.

yo- é basicamente a preposição “com”, junto com (SD: 56: **yo hildinyar** “com meus herdeiros”); ela ocorre como um prefixo em **yomenië** “encontro, reunião” (de três ou mais vindo de diferentes direções). (WJ: 407) Compare com **o-** acima.

VOCABULÁRIO DE QUENYA

Estas listas, quenya-português e português-quenya, abrangem o vocabulário usado nos exercícios das Lições 2-20 deste curso, exceto por alguns nomes próprios. (Palavras que ocorrem no texto principal das lições, mas que não são usadas nos exercícios, estão excluídas. As palavras que ocorrem nos exercícios da Lição Um também estão excluídas, uma vez que seus significados são irrelevantes para os exercícios.) Note que todas as palavras são listadas aqui em suas formas mais básicas; o próprio texto dos exercícios emprega frequentemente ou exige formas declinadas ou derivadas mais complexas. Desinências declináveis não estão incluídas na lista quenya-português, mas desinências pronominais estão incluídas na lista português-quenya abaixo.

LISTA QUENYA-PORTUGUÊS

á (variante **a**), partícula imperativa, combinada com uma forma do verbo similar ao infinitivo (ex: **á carë!** “faça!”)

airita-, verbo “santificar” (pretérito **airitánë**)

aiwë, substantivo “pássaro” (primeiramente referindo-se a pássaros pequenos)

alassë, substantivo “alegria”

alda, substantivo “árvore”

alta, adjetivo “grande” (= referindo-se apenas ao tamanho físico)

alya, adjetivo “rico”

Ambar, substantivo “(o) mundo” (aparentemente tratado como um nome próprio)

ambo, substantivo “colina”

an, conjunção e preposição “para” (usada apenas como conjunção neste curso)

an-, prefixo superlativo

Anar, substantivo “(o) sol” (aparentemente tratado como um nome próprio)

ando, substantivo “portão”

ango (**angu-**), substantivo “cobra”

anna, substantivo “presente”

anta- verbo “dar”, pretérito irregular **ánë** (embora a forma regular **?antanë** talvez também seja possível)

anto, substantivo “boca”

anwa, adjetivo “real, verdadeiro”

apa, preposição “após”

ar, conjunção “e”

aran, substantivo “rei”

arwa, adjetivo “possuidor”, “no controle de”, seguido de genitivo
Atan, substantivo “homem” (genérico: homem mortal, “humano” em oposição a elfo; compare com o termo não-genérico **nér**)
atta, cardinal “dois”; **attëa**, ordinal “segundo” (substituindo os mais antigos **tatya**, **atya**)
aurë, substantivo “dia” (o período de luz do dia, e não um ciclo completo de 24 horas)
auta- “partir, ir/falecer”, pretérito **oantë** e perfeito **oantië**, quanto a deixar fisicamente um lugar e ir para outro, mas o pretérito **vánë** e perfeito **avánier** quanto a desaparecer ou morrer gradualmente.
áva “não!”, a partícula imperativa **á** + a negação **-va**; a forma **áva** é combinada com a uma forma do verbo similar ao infinitivo para expressar um comando de negação (ex: **áva carë** “não faça [isto]!”)
cainen, cardinal “dez”
caita-, verbo “deitar”
cala, substantivo “luz”
calima, adjetivo “brilhante”
canta, cardinal “quatro”; **cantëa**, ordinal “quarto”
cap-, verbo “pular”
car-, verbo “criar, fazer”
carnë, adjetivo “vermelho” (também o pretérito do verbo **car-**)
cen- verbo “ver”
cenda-, verbo “ler”
cilya, substantivo “fenda, desfiladeiro”
cirya, substantivo “navio”
coa, substantivo “casa”
ëa, verbo “é” = “existe”, pretérito **engë**, futuro talvez **euva**
ehtë (talvez com radical **ehiti-**), substantivo “lança”
Elda, substantivo “elfo”
elen, substantivo “estrela”
elmë, pronome enfático “nós”, exclusivo. (A forma **elmë** não é atestada diretamente no material publicado, mas é extrapolada a partir da desinência correspondente **-lmë**. Esse pronome enfático para “nós” exclusivo é atestado como **emmë**, mas os textos relevantes foram escritos antes que Tolkien mudasse a desinência correspondente de **-mmë** para **-lmë**.)
elyë, pronome enfático “você, tu”
elvë, pronome enfático “nós”, inclusivo. (A forma **elvë** não é atestada diretamente no material publicado, mas é extrapolada a partir da desinência correspondente **-lvë**.)
engë, ver **ëa**
engwë, substantivo “coisa”

enquë, cardinal “seis”; **enquëa**, ordinal “sexto”

enta, demonstrativo “aquele [lá]” (de tempo referente à alguma entidade futura)

envinyata-, verbo “renovar”

equë, verbo “dizer (diz, disse)” (verbo sem tempo verbal que introduz citações)

et, preposição “fora” (quando seguida por ablativo: “fora de”)

?euva, ver **ëa**

farya-, verbo “bastar, ser suficiente”, pretérito **farnë**

fir-, verbo “morrer, falecer”

firin, adjetivo “morto” (não confundir com **firin** “eu morro”, a 1ª pessoa do aoristo do verbo **fir-**)

Formen, substantivo “(o) norte” (aparentemente tratado como um nome próprio)

forya, adjetivo “direito” (de direção)

haira, adjetivo “longe, remoto”

halla, adjetivo “alto”

harma, substantivo “tesouro”

harna-, verbo “ferir”

harya-, verbo “possuir, ter”

hen (hend-), substantivo “olho”

hir-, verbo “encontrar”

hlar-, verbo “ouvir”

hosta-, verbo “juntar, reunir”

hrávë, substantivo “carne”

hrívë, substantivo “inverno”

hroa, substantivo “corpo”

Hyarmen, substantivo “(o) sul” (aparentemente tratado como um nome próprio)

hyarya, adjetivo “esquerdo” (de direção)

i, 1) artigo “o(s), a(s)”; 2) pronome relativo “que”

ilya, substantivo/adjetivo “todo, tudo”. Antes de um substantivo no singular, **ilya** significa “cada”, ex: **ilya Elda** “cada elfo”, mas **ilya** ocorrendo sozinho significa “todo”. Antes de um substantivo no plural, **ilya** também significa “todo”; nessa posição ele é flexionado como um adjetivo, assumindo assim a forma **ilyë**; ex: **ilyë tier** “todos caminhos” (*Namárië*)

imbë, preposição “entre”

inyë, pronome enfático “eu”

írë, conjunção “quando” (não interrogativa)

Isil, substantivo “(a) lua” (aparentemente tratada como um nome próprio)

ista-, verbo “saber, conhecer”, pretérito irregular **sintë**. Antes de um infinitivo, esse verbo é usado para “poder, ser capaz de” no sentido de “saber [como]”.

lá, 1) negação “não”, 2) preposição “além”, também usada para comparação

laíta-, verbo “abençoar, louvar”

lala-, verbo “rir”

laman (**lamn-**), substantivo “animal” (a forma de radical também pode ser simplesmente **laman-**)

lambë “língua” (= idioma; “língua” como parte do corpo é **lamba**)

lanta-, verbo “cair”

le, pronome independente “você”, provavelmente inalterado quando usado como oblíquo. (Em algumas versões de quenya, **le** abrange tanto o singular “você” como o plural “vocês”, mas Tolkien também pode ter introduzido **lye** como uma forma distintamente singular, presumivelmente deixando **le** distintamente plural.)

lelya-, verbo “ir, prosseguir, viajar”, pretérito irregular **lendë**, perfeito [e]**lendië**

lempë, cardinal “cinco”; **lempëa**, ordinal “quinto”

lendë, pretérito de **lelya**, q.v.

lerta-, verbo “poder, ser capaz” no sentido de “ser permitido a”

lerya-, verbo “libertar, soltar”

lië, substantivo “povo”

limpë, substantivo “vinho” (dentro dos mitos de Tolkien, também um tipo de bebida especial dos elfos ou dos Valar)

linda-, verbo “cantar”

linta, adjetivo “rápido” (atestado apenas na forma plural: **lintë**)

lómë (**lómi-**), substantivo “noite”

ma, possível partícula interrogativa

má, substantivo “mão”

macil, substantivo “espada”

mahta-, verbo “lutar”

mal, conjunção “mas”

mallë, substantivo “estrada, rua”

malta, substantivo “ouro”

man, pronome interrogativo “quem?”

mana, pronome interrogativo “o que?” (de acordo com uma interpretação da frase onde essa palavra ocorre)

manen, pronome interrogativo “como?”

mapa-, verbo “agarrar, segurar”

mar-, verbo “morar, habitar”; “viver” em algum lugar no sentido de morar lá

mára, adjetivo “bom” (no sentido de “adequado, útil”, e não de qualidades morais)

mat-, verbo “comer”

me, pronome independente “nós” (exclusivo, cf. a desinência **-lmë**), provavel-

mente inalterada quando usado como o oblíquo “nos”. Ocorrendo freqüentemente com desinências casuais (ex: dativo **men** “para nós”).

mel-, verbo “amar” (como amigo)

Menel, substantivo “o firmamento, céu, os céus” (aparentemente tratado como um nome próprio)

menta-, verbo “enviar”

mer-, verbo “desejar, querer”

metya-, verbo “terminar” = “pôr fim a”

mindon, substantivo “(grande) torre”

mině, cardinal “um”; **minya**, ordinal “primeiro”

minquě, cardinal “onze”

minya, ordinal “primeiro” (cf. **mině**)

mir, preposição “em, para dentro de”

mól, substantivo “servo, escravo”

morě, adjetivo “negro, preto”

morniě, substantivo “escuridão”

muilě, substantivo “segredo”

ná, verbo “é” (**nar** “são”), futuro **nauva** “será”; ver também **né**.

namba, substantivo “martelo”

Nauco, substantivo “anão”

nauva, ver **ná**

né tem sido sugerido como o pretérito de **ná** “é”; assim, “foi”

neldě, cardinal “três”; **nelya** (posteriormente também **nelděa**), ordinal “terceiro”

ner (**ner-**), substantivo “homem” (macho adulto de qualquer raça senciente)

nertě, cardinal “nove”; **nertěa**, ordinal “nono”

ni, pronome independente “eu”, ocorrendo freqüentemente com desinências casuais (ex: dativo **nin** “para mim”). Forma oblíqua **nye** “mim, me”

nilmě, substantivo “amizade”

ninquě, adjetivo “branco”

nís (**niss-**) “mulher” (fêmea adulta de qualquer raça senciente)

noa, substantivo “idéia”

nómě, substantivo “lugar”

nórě, substantivo “terra” (associada com um povo em particular)

nu, preposição “sob”

nulda, adjetivo “secreto”

Númen, substantivo “(o) oeste” (aparentemente tratado como um nome próprio)

núra, adjetivo “profundo”

nurta-, verbo “ocultar, esconder”

nye, pronome oblíquo “mim, me” (cf. **ni**)
oantë, oantië, formas de pretérito e perfeito de **auta**, q.v.
ohtar, substantivo “guerreiro”
óla-, verbo impessoal “sonhar”
ondo, substantivo “pedra” (como material); também usado = “(uma) rocha”
or- (também **ora-**), verbo impessoal “impelir, incitar, instigar” (usado com uma forma dativa para expressar “[alguém] sente-se instigado [a fazer algo]”).
or, preposição “sobre, acima”
oron (oront-), substantivo “montanha”
orta-, verbo “levantar”, também usado transitivamente: “erguer”
osto, substantivo “cidade (fortificada)” (usada nesse sentido no decorrer deste curso, mas a palavra também pode referir-se à uma verdadeira fortaleza)
otso, cardinal “sete”; **otsëa**, ordinal “sétimo”
palu-, verbo “expandir”
parma, substantivo “livro”
pé, substantivo “lábio”, nominativo dual **peu**
pella, posposição “além”
pol-, verbo “ser (fisicamente) capaz de”, geralmente traduzido “poder” (referindo-se à habilidade física: e não “poder” significando “saber como”, que é **ista-**, ou “poder” = “é permitido a”, que é **lerta-**)
polda, adjetivo “(fisicamente) forte, robusto”
pusta-, verbo “parar”
quainëa, ordinal “décimo” (de acordo com uma fonte tardia; pressupõe outra palavra que não **cainen** como o cardinal “dez”)
quen, pronome indefinido “alguém”
quet-, verbo “falar, dizer”
rá (ráv-), substantivo “leão”
rac-, verbo “partir, quebrar”
ramba, substantivo “muralha, muro”
rancu (rancu-), substantivo “braço”
rasë “chifre” (especialmente em animal vivo, mas também usado quanto a montanhas)
?rasta, cardinal “doze” (extrapolado a partir do radical *RĀSAT*, que é tudo que Tolkien forneceu; ele não listou os derivados)
rimba, adjetivo “numeroso” (neste curso usado para traduzir “muito”, aparecendo na forma plural **rimbë** quando ligado a substantivos no plural)
rocco, substantivo “cavalo” (cavalo ligeiro para cavalgada)
roita-, verbo “perseguir”
Rómen, substantivo “(o) leste” (aparentemente tratado como um nome próprio)

ruc- verbo “sentir medo ou horror”, também usado para “temer” e dito ser construído com “de” do objeto temido (presumivelmente significando que o que seria o objeto direto em português aparece no caso ablativo em quenya)

ruhta-, verbo “aterrorizar, amedrontar”

sa, partícula “que” introduzindo cláusulas nominais (de acordo com uma fonte de valor um tanto questionável)

saila, adjetivo “sábio”

sambë, substantivo “quarto, câmara, aposento”

sangwa, substantivo “veneno”

sar (**sard-**), substantivo “(uma pequena) pedra”

seldo, substantivo ?“menino” (Tolkien não forneceu uma tradução explícita, mas a palavra é citada em um contexto onde ele discute as palavras em quenya para “criança”, e **seldo** parece ser uma forma masculina)

seler (**sell-**), substantivo “irmã”

sérë, substantivo “paz”

sil-, verbo “brilhar” (com luz branca ou prateada)

sina, demonstrativo “este”

sinomë, advérbio “neste lugar” ou simplesmente “aqui”

sírë, substantivo “rio”

suc-, verbo “beber”

ta, pronome independente “ele/ela (neutro)” ou “aquele”, provavelmente inalterado quando usado como oblíquo; o alativo **tanna** pode ser usado = “para lá”. (Em outra versão de quenya, **ta** significa “eles, os/as/lhes”, com referência a coisas inanimadas. Compare com **te**.)

talán (**talam-**), substantivo “assoalho, chão”

tana, demonstrativo “aquele”

tári, substantivo “rainha”

tasar, substantivo “salgueiro”

tatya, ordinal (arcaico) “segundo” (em uma fonte tardia, Tolkien escreve que os elfos eventualmente substituíram **tatya** por **attëa**, cf. **atta** como a palavra para “dois”)

taura, adjetivo “poderoso”

te, pronome independente “os, as, lhes” (de acordo com uma fonte referindo-se apenas a *peçoas*; compare com **ta**).

tec-, verbo “escrever”

telda, adjetivo “final, último”

tenna, preposição “até”

ter, preposição “através”

tir-, verbo “observar, guardar”

tiuca, adjetivo “grosso, gordo”
tolto, cardinal “oito”; **tolhtëa**, ordinal “oitavo”
toron (torn-), substantivo “irmão”
tul-, verbo “chegar, vir”
tulta-, verbo “convocar, invocar, mandar buscar/vir”
tur-, verbo “governar, controlar, empunhar”
tye, pronome oblíquo independente “você”, “te, ti” (singular íntimo)
ú, preposição “sem” (geralmente seguida de genitivo)
ulya-, verbo “verter, derramar, despejar” (pretérito transitivo **ulyanë**, intransitivo **ullë**)
um-, verbo de negação “não fazer” ou “não ser”, pretérito **úmë**, futuro **úva**
úmëa, adjetivo “mau, maligno”
urco (urcu-), substantivo “espectro” (dentro dos mitos de Tolkien, usado também para “orc”)
úva, futuro do verbo de negação (ver **um-**)
vánë, um pretérito de **auta**, q.v.
vanwa é chamado de “particípio passado” de **auta-** (q.v.), mas ele parece tão irregular que pode bem ser tratado como um adjetivo independente; o significado é, de qualquer modo, “perdido, desaparecido, ido”
vanya, adjetivo “belo, bonito”
varya-, verbo “proteger”
ve, preposição “como”
vendë, substantivo “donzela”
veru, substantivo dual “cônjuges, marido e mulher, esposos”
verya-, verbo “ousar”
ya, pronome relativo “que, qual”, freqüentemente com desinências casuais; como pronome relativo, alterna-se com **i**
yá, posposição (?) “atrás” (com sentido temporal)
yána, substantivo “local sagrado, santuário”
yana, demonstrativo “aquele” = “o anterior” (de tempo referente a alguma entidade *passada*)
yondo, substantivo “filho”
yulma, substantivo “taça”

LISTA PORTUGUÊS-QUENYA

abençoar **laita-** (louvar)
 acima **or** (sobre)
 agarrar **mapa-** (segurar)

alegria **alassë**
 além **pella** (usada como uma posposição em quenya)
 alguém **quen**
 alto **halla**
 amedrontar **ruhta-** (aterrorizar)
 amizade **nilmë**
 anão **Nauco**
 animal **laman** (**lamn-** ou simplesmente **laman-**)
 após **apa**
 aquele – *pronome demonstrativo*: **tana**
 aquele, ele, ela (neutro) – *pronome independente*: **ta**
 aquele (lá) – *pronome demonstrativo*: **enta** (de tempo referente a alguma entidade *futura*).
 aquele, o anterior – *pronome demonstrativo*: **yana** (de tempo referente a alguma entidade *passada*)
 aqui **sinomë** (neste lugar)
 árvore **alda**
 assoalho **talán** (**talam-**)
 até **tenna**
 aterrorizar **ruhta-** (amedrontar)
 atrás **yá**
 através **ter**
 bastar **farya-**, pretérito **farnë** (ser suficiente)
 beber **suc-**
 belo **vanya** (bonito)
 boca **anto**
 bom (no sentido de “adequado, útil”, e não de qualidades morais) **mára**
 braço **ranco** (**rancu-**)
 branco **ninquë**
 brilhante **calima**
 brilhar (com luz branca ou prateada) **sil-**
 cada **ilya** (+ um substantivo no singular)
 cair **lanta-**
 câmara **sambë** (quarto)
 cantar **linda-**
 carne **hrávë**
 casa **coa**
 casal (cônjuges) **veru** (marido e mulher, esposos)

cavalo **rocco**

céu, céus **Menel** (firmamento). Aparentemente tratado como um nome próprio.

chifre (de animal ou de montanha) **rassë**

cidade **osto**

cinco **lempë**; quinto **lempëa**

cobra **ango** (**angu-**)

coisa **engwë**

colina **ambo**

comer **mat-**

como **ve**

como? **manen**

cônjuges **veru** (marido e mulher, esposos)

controlar **tur-** (governar, empunhar); no controle de **arwa** (possuidor – esse adjetivo é seguido pelo caso genitivo)

corpo **hroa**

criar **car-** (fazer)

dar **anta-** (pret. **ánë**, embora a forma regular **antanë** talvez também seja admissível)

deitar **caita-**

deixar ir **lerya-** (libertar)

dela, sua, seu – *desinência possessiva* **-rya** (também abrangendo “dele, sua, seu”)

dele, sua, seu – *desinência possessiva* **-rya** (também abrangendo “dela, sua, seu”)

desaparecido **vanwa** (ido, perdido, passado)

desejar **mer-** (querer)

desfiladeiro **cilya** (fenda)

dez **cainen**; décimo **quainëa** (a última forma, encontrada em uma fonte tardia, aparentemente pressupõe outra palavra que não **cainen** como o cardinal “dez”)

dia **aurë**

direito (de direção) **forya**

dizer **quet-** (falar). *Cf. também* diz, disse **equë** (verbo sem tempo verbal que introduz citações)

dois **atta**

donzela **vendë**

doze ?**rasta** (extrapolado a partir do radical **RÁSAT**, que é tudo o que Tolkien forneceu; ele não listou os derivados)

e **ar**

é **ná**

ela – *desinência* **-s** como *pronominal reta* (provavelmente também usada como o pronome oblíquo “a, lhe”) (também abrangendo “ele”)

ele – *desinência -s* como *pronominal reta* (provavelmente também usada como o pronome oblíquo “o, lhe”) (também abrangendo “ela”)

eles – *desinência pronominal reta -ntë*

elfo **Elda**

em, para dentro de **mir**

empunhar **tur-** (controlar, governar)

encontrar **hir-**

entre **imbë**

enviar **menta-**

erguer **orta-** (levantar)

escravo **mól** (servo)

escrever **tec-**

escuridão **mornië**

espada **macil**

espectro (dentro dos mitos de Tolkien, também, “orc”) **urco** (**urcu-**)

esposos **veru** (cônjuges, marido e mulher)

esquerdo (de direção) **hyarya**

este (*pronome demonstrativo*) **sina**

estrada **mallë** (rua)

estrela **elen**

eu – *desinência pronominal reta -n* ou *-nyë*, *pronome independente ni* (como oblíquo, *nye* = “mim, me”), *pronome enfático inyë*

existir **ëa** (pretérito **engë**, futuro talvez **euva**)

expandir **palu-**

falar **quet-** (dizer)

falecer **auta-** (ir embora, partir), pretérito **oantë** e perfeito **oantië** quanto a deixar fisicamente um lugar, mas pretérito **vánë** e perfeito **avánië** quanto a desaparecer ou morrer gradualmente

falecer **fir-** (morrer)

fazer **car-** (criar)

fenda **cilya** (desfiladeiro)

ferir (verbo) **harna-**

filho **yondo**

final **telda**

firmamento **Menel** (céu, os céus). Aparentemente tratado como um nome próprio.

foi **né** (?)

fora **et**; fora de **et** + ablativo

forte (fisicamente) **polda** (robusto)

gordo **tiuca** (grosso)
 governar **tur-** (controlar, empunhar)
 grande **alta**
 grosso **tiuca** (gordo)
 guardar **tir-** (observar)
 guerreiro **ohtar**
 habitar **mar-** (residir)
 homem (genérico, “humano” ou mortal, em oposição a elfo) **Atan**
 homem (macho adulto de qualquer raça senciente) **nér** (**ner-**)
 idéia **noa**
 idioma **lambë** (língua)
 ido **vanwa** (perdido, passado, desaparecido)
 impelir (*verbo impessoal*) **or-**, variante **ora-** (instigar)
 instigar (*verbo impessoal*) **or-**, variante **ora-** (impelir)
 inverno **hrivë**
 invocar **tulta-**
 ir **lelya-** (prosseguir, viajar), pretérito **lendë**, perfeito [e]**lendië**. *Cf. também:* deixar ir **lerya-** (libertar)
 ir embora **auta-** (partir, falecer), pretérito **oantë** e perfeito **oantië** quanto a deixar fisicamente um lugar, mas pretérito **vănë** e perfeito **avánië** quanto a desaparecer ou morrer gradualmente
 irmã **seler** (**sell-**)
 irmão **toron** (**torn-**)
 juntar **hosta-** (reunir)
 lábio **pé** (dual **peu** = par de lábios)
 lança **ehtë** (talvez com o radical **ehiti-**)
 leão **rá** (**ráv-**)
 ler **cenda-**
 leste **Rómen** (aparentemente tratado como um nome próprio)
 levantar **orta-** (erguer)
 libertar **lerya-** (soltar, deixar ir)
 língua (= idioma) **lambë**
 livro **parma**
 local sagrado **yána** (santuário)
 longe **haira** (remoto)
 louvar **laita-** (abençoar)
 lua **Isil** (aparentemente tratado como um nome próprio)
 lugar **nómë**

lutar **mahta-**

luz **cala**

mão **má**

marido e mulher **veru** (cônjuges, esposos)

martelo **namba**

mas **mal**

mau, maligno **úmëa** (nota: essa palavra é atestada apenas em *Etimologias*. Uma palavra mais comum “mau” parece ser **ulca**, mas **úmëa** é usada no decorrer deste curso para praticar os (de outro modo bastante raros) adjetivos em -ëa.)

menino **seldo**

meu, minha – *desinência possessiva* -**nya**

mim, me **nye** (*ver* eu); para/a mim **nin** (dativo)

montanha **oron** (**oront-**)

morrer **fir-** (falecer)

morto **firin**

muito **rimba** (numeroso). Quando ligado a substantivos no plural, esse adjetivo aparece na forma plural **rimbë**.

mulher (fêmea adulta de qualquer raça senciente) **nís** (**niss-**)

mundo **Ambar** (aparentemente tratado como um nome próprio)

muralha **ramba**

não **lá**; *cf também o verbo de negação* não ser, não fazer **um-** (pretérito **úmë**, futuro **úva**)

não (introduzindo comandos de negação) **áva**

navio **cirya**

neste lugar **sinomë** (aqui)

no controle de **arwa** (possuidor – esse adjetivo é seguido pelo caso genitivo)

noite **lómë** (**lómi-**)

norte **Formen** (aparentemente tratado como um nome próprio)

nos (*exclusivo*) **me** (*ver* nós)

nós – *desinências pronominais retas* -**lvë** (*inclusivo*), -**lmë** (*exclusivo*), correspondendo aos *pronomes enfáticos independentes* **elvë** e **elmë**. (Há também uma *desinência dual* -**mmë** “nós”, que significa “nós dois”; não está claro se ela é inclusiva ou exclusiva, ou se de fato há alguma distinção.) *pronome não enfático independente* **me**, também usado como o *pronome oblíquo* “nos” - possivelmente apenas exclusivo.

nosso, nossa - *desinência pronominal possessiva* -**lva** (*inclusivo*), -**lma** (*exclusivo*) (mais uma *desinência pronominal dual* “nosso”, que significa “de nós dois”: -**mma**.

Não se sabe se a última desinência é inclusiva ou exclusiva, ou se de fato há qualquer distinção.)

nove **nertë**; nono **nertëa**
 numeroso **rimba** (*ver* muito)
 o, a – *desinência -s* como *pronominal reta* ou *obliqua*; também o *pronome independente* **ta** (aquele)
 o(s), a(s) **i**
 observar **tir-** (guardar)
 ocultar **nurta-** (esconder)
 oeste **Númen** (aparentemente tratado como um nome próprio)
 oito **tolto**; oitavo **tolhtëa**
 olho **hen** (**hend-**)
 onze **minquë**
 o que? (*pronome interrogativo*) **mana**
 os, as, lhes – *desinência pronominal obliqua -t*, *pronome independente* **te**
 ouro **malta**
 ousar **verya-**
 ouvir **hlar-**
 para (*conjunção*) **an**
 para lá **tanna**
 parar **pusta-**
 (partícula imperativa) **á**, variante **a**
 (partícula interrogativa) **ma**
 partir **auta-** (ir embora, falecer), pretérito **oantë** e perfeito **oantië** quanto a deixar fisicamente um lugar, mas pretérito **vănë** e perfeito **avánië** quanto a desaparecer ou morrer gradualmente
 partir **rac-** (quebrar)
 passado **vanwa** (ido, perdido, desaparecido)
 pássaro **aiwë**
 paz **sérë**
 pedra (uma pequena pedra) **sar** (**sard-**); pedra como material **ondo** (também usada = “uma rocha”)
 perdido **vanwa** (ido, passado, desaparecido)
 perseguir **roita-**
 poder (verbo “ser capaz”) **pol-** (de habilidade física), **lerta-** (no sentido de “ser permitido a”), **ista-**, pretérito **sintë** (no sentido de “saber como”)
 poderoso **taura**
 pôr um fim a **metya-**
 portão **ando**
 possuir **harya-** (ter)

possuidor **arwa** (no controle de – esse adjetivo é seguido pelo caso genitivo)
 povo **lië**
 (prefixo superlativo) **an-**
 presente **anna**
 preto, negro **morë**
 primeiro **minya**
 profundo **núra**
 prosseguir **lelya-** (ir, viajar), pretérito **lendë**, perfeito [e]**lendie**
 proteger **varya-**
 pular **cap-**
 quando (*não interrogativo*) **irë**
 quarto **sambë** (câmara)
 quatro **canta**; quarto **cantëa**
 que – partícula introduzindo cláusulas nominais: **sa**.
 que – *pronome relativo*: **i, ya**
 quem? (*pronome interrogativo*:) **man**, (*pronome relativo*:) **i, ya**
 querer **mer-** (desejar)
 quinto **lempëa**
 rainha **tári**
 rápido **linta** (atestado apenas na forma plural: **lintë**)
 real **anwa** (verdadeiro)
 rei **aran**
 remoto **haira** (longe)
 renovar **envinyata-**
 residir **mar-** (habitar, morar)
 reunir **hosta-** (juntar)
 rocha **ondo** (também usado = pedra como material)
 rico **alya**
 rio **sířë**
 rir **lala-**
 robusto **polda** (forte)
 rua **mallë** (estrada)
 saber (+ infinitivo: saber como) **ista-** (pretérito **sintë**)
 sábio **saila**
 salgueiro **tasar**
 santificar **airita-** (pretérito **airitánë**)
 santuário **yána** (local sagrado)
 são **nar**

secreto **nulda**

segredo **muilë**

segundo (*número ordinal*) **tatya** (ou **atya**), substituído em quenya tardio por **attëa**

segurar **mapa-** (agarrar)

seis **enquë**; sexto **enquëa**

sem **ú** (seguido por genitivo)

sentir-se instigado (a fazer algo) – esse significado pode ser expresso pelo verbo impessoal **or-**, **ora-** “impelir, incitar, instigar” combinado com uma forma dativa representando aquele que “sente-se instigado”.

ser suficiente **farya-**, pretérito **farnë** (bastar)

será **nauva**

servo **mól** (escravo)

sete **otso**; sétimo **otsëa**

seu, sua – *desinência pronominal possessiva* **-lya** (teu, tua)

sob **nu**

sobre **or** (acima)

sol **Anar** (aparentemente tratado como um nome próprio)

sonhar (*verbo impessoal*) **óla-**

sul **Hyarmen** (aparentemente tratado como um nome próprio)

taça **yulma**

te, ti (*pronome oblíquo, singular íntimo*) **tye** (você)

temer, sentir medo ou horror **ruc-**

ter **harya-** (possuir); possuidor **arwa** (no controle de – este adjetivo é seguido pelo caso genitivo)

terceiro **nelya**, também **neldëa**

terminar **metya-**

terra (associada com um povo em particular) **nórë**

tesouro **harma**

teu, tua – *desinência pronominal possessiva* **-lya** (seu, sua)

todo, tudo **ilya** (antes de um substantivo no plural, **ilyë**)

torre **mindon** (usada para uma grande torre)

três **neldë**; terceiro **nelya**, também **neldëa**

tu – *desinência pronominal reta* **-lyë**, *pronome independente* **le** (ou, **lye**), *pronome enfático* **elyë** (você)

um **minë**; cf. *também o pronome indefinido* alguém **quen**

veneno **sangwa**

ver **cen-**

verdadeiro **anwa** (real)

vermelho **carnë**

verter, derramar **ulya-** (pretérito transitivo **ulyanë**, intransitivo **ullë**)

viajar **lelya-** (ir, prosseguir), pretérito **lendë**, perfeito [e]**lendië**

vinho **limpë**

vir, chegar **tul-**

você – *desinência pronominal reta -lyë, pronome independente le, pronome enfático elyë* (você). (Não está claro se essas formas L abrangem tanto o sing. “você” como o pl. “vocês”, ou apenas o sing. “tu”. Em algumas versões de quenya, “vocês” aparentemente é indicada pela desinência -llë, pronome enfático **ellë**, mas essas formas não são usadas nos exercícios deste curso. O pronome curto **le** pode ter uma forma secundária **lye** que talvez seja distintamente um “você” sing., mas apenas **le** é usado nos exercícios.) - Também a forma oblíqua de singular íntimo **tye** (= te, ti).

RESPOSTAS

LIÇÃO UM

1. Marcar a vogal ou ditongo que recebe a ênfase:

- A. Alcar
- B. Alcarë
- C. Alcarinqua
- D. Calima
- E. Oronti
- F. Únótimë
- G. Envinyatar
- H. Ulundë
- I. Eäruilë
- J. Ercasë

Quanto à entonação de Christopher Lee de **nai yarVAXëa RASSelya TALTuva notto-CARinnar**, as palavras **yarvaxëa** e **taltuva** são corretamente pronunciadas. Contudo, **rasselya** devia ter sido pronunciada **rassELya** ao invés de **RASSelya**, e **notto-carinnar** deveria ter sido **notto-carINNar** ao invés de **notto-CARinnar**. Quem sabe devemos supor que “Saruman” nesta cena usa alguma métrica especial empregada em invocações mágicas, descartando as regras normais de tonicidade?

2.

- K. **Ohtar**: C (ach-Laut)
- L. **Hrávë**: D (**hr** originalmente indicando **r** surdo, tornando-se posteriormente **r** normal)
- M. **Nahta**: C (ach-Laut)
- N. **Heru**: A (H aspirado como no inglês, embora no quenya valinoreano tenha sido ach-Laut)
- O. **Nehtë**: B (ich-Laut)
- P. **Mahalma**: provavelmente C (ach-Laut) em quenya exílico primitivo, mas na Terceira Era evidentemente tornou-se A (H aspirado).
- Q. **Hellë**: A (H aspirado)
- R. **Tihtala**: B (ich-Laut)

S. **Hlóčë**: D (o grupo **hl** originalmente indicando l surdo, tornando-se posteriormente l normal)

T. **Hísië**: A (H aspirado)

LIÇÃO DOIS

1.

A. Cavalos

B. Tanto “rei” *como* “um rei” com um artigo indefinido, dependendo do que a gramática portuguesa exigir no contexto onde a palavra ocorrer.

C. O cavalo

D. Os cavalos

E. Reis

F. Um povo sob um rei.

G. O rei e a rainha.

H. Donzelas

2.

I. **Tasari**

J. **Eldar**

K. **I arani**

L. **Lier**

M. **I rocco nu i tasar.**

N. **Vendë ar tári.**

O. **I tári ar i vendi.**

P. **Anar ar Isil** (provavelmente não **i Anar ar i Isil**, uma vez que em quenya as palavras que indicam esses corpos celestiais parecem contar como nomes próprios, não exigindo artigo definido)

LIÇÃO TRÊS

1.

A. (Dois) olhos, (par natural de) olhos.

B. Dois olhos (= **atta hendi**, referindo-se a “dois olhos” apenas casualmente relacionados, como dois olhos de duas pessoas diferentes, um olho de cada uma. A forma dual **hendu**, por outro lado, refere-se a um par natural de olhos.)

C. Duas árvores.

D. Duas árvores (= *atta aldar*, referindo-se a quaisquer duas árvores. *Aldu*, por outro lado, refere-se a algum tipo de par de árvores intimamente relacionadas, como as Duas Árvores de Valinor nos mitos de Tolkien.)

E. Um homem e uma mulher.

F. As pedras.

G. Assoalhos.

H. Montanhas.

2.

I. Atta ciryar.

J. Ciryat.

K. Rancu (se o exemplo *peu* “par de lábios” mantém-se, a desinência dual -u ao invés de -t é sempre usada no caso de partes do corpo que ocorrem em pares, mesmo quando não há *d* ou *t* no substantivo)

L. Orontu (visto que *oron* “montanha” possui o radical *oront-*, com um *t* aparecendo na palavra, a desinência dual seria -u ao invés de -t)

M. Andu (a desinência -u ao invés de -t por causa do *d* que ocorre nessa palavra)

N. Aiwet.

O. Atta aiwi.

P. Neri ar nissi.

LIÇÃO QUATRO

1.

A. Um cavalo preto.

B. Olhos brilhantes (*hendu* = um par natural de olhos)

C. Três homens mortos.

D. Pássaros belos.

E. Uma rainha é uma mulher poderosa.

F. As montanhas são grandes.

*G. Melhor interpretado “um rei [é] poderoso”, o verbo de ligação sendo omitido e subentendido, mas também pode significar “um poderoso rei” com uma ordem de palavras um tanto incomum (um adjetivo atributivo viria mais freqüentemente antes do substantivo que ele descreve: *taura aran* ao invés de *aran taura*).*

H. O homem e a mulher são sábios.

Pelo menos teoricamente, os exercícios A, C, e D também poderiam ser interpretados “um cavalo [é] preto”, “olhos [são] brilhantes”, “pássaros [são] be-

los”, com o verbo de ligação sendo omitido assim como no exercício G. Mas quando o adjetivo vem imediatamente a frente do substantivo que ele descreve, deve-se assumir que ele é usado atributiva e não predicativamente. Por outro lado, quando a ordem é substantivo + adjetivo, como em G, um verbo de ligação “é/são” pode bem ser omitido.

2.

I. I ninquë ando.

J. Alta ciryä.

K. I talan ná carnë.

L. Minë morë sar ar neldë ninqui sardi.

M. Sailë arani nar taurë neri.

N. I taura nér ar i vanya nís nar úmië.

O. Eldar nar vanyë.

P. Eldar nar vanya lië. (Note que, aqui, o adjetivo concorda em número com o substantivo no singular *lië* “um povo”, que ele descreve atributivamente. Ele não concorda com o substantivo no plural “elfos”, como no exercício anterior.)

(Nos exercícios *K*, *M*, *N*, *O* e *P*, o verbo de ligação *ná/nar* pode ser omitido e ser subentendido.)

LIÇÃO CINCO

1.

A. A mulher está rindo.

B. O anão mais gordo está comendo.

C. A rainha está observando o rei.

D. A maior montanha é poderosa.

E. O homem está convocando a donzela mais bela.

F. O pássaro está cantando.

G. Os anões estão segurando os quatro elfos.

H. O rei mais poderoso é sábio.

2.

I. I nís tíra i analta ciryä.

J. I anúmië neri nar firini.

K. I Elda mápëa i parma.

L. Canta neri caitëar nu alda.

M. I assaila Elda cendëa parma (an-saila tornando-se assaila por assimilação)

N. I aran ar i tári cendëar i parma.

O. I aiwi lindëar.

P. I canta Naucor tírar aiwë.

LIÇÃO SEIS

1.

A. O homem leu o livro.

B. Os anões comeram.

C. O rei convocou a rainha.

D. Uma mulher cantou.

E. As donzelas observaram o elfo.

F. Os cinco cavalos deitaram (/?estavam deitados) *sob o salgueiro grande.*

G. As estrelas brilharam.

H. O anão viu o cavalo.

Como sugerido em *F*), pode ser que também seja admissível traduzir pretéritos do quenya usando a construção “estava/estavam... -ndo”; ex: *B*) “os anões *estavam comendo*”, *D*) “uma mulher *estava cantando*”, *F*) “os cinco cavalos *estavam deitados*”. Contudo, o quenya bem pode possuir formas distintas de verbo para esse significado. O material publicado não fornece pistas sobre essa questão.

2.

I. Nauco hirnë i harma.

J. I Elda quentë.

K. I rocco campë.

L. I aran mellë Eldar (ou ... i Eldar com o artigo se a expressão “os elfos” é considerada como referindo-se a alguns elfos em particular ao invés da raça élfica em geral)

M. Nér tencë lempë parmar.

N. I tári ortanë.

O. I arani haryaner altë harmar.

P. I aran ar i tári tultaner canta Eldar ar lempë Naucor.

* * *

LIÇÃO SETE

1.

- A. Muitos anões possuem tesouros.
- B. O sol se erguerá e os pássaros cantarão.
- C. Seis homens observarão (/guardarão) o portão.
- D. Cada homem (= humano não-elfo) morrerá.
- E. Todos os homens morrem.
- F. Um homem sábio lê muitos livros.
- G. Cada estrela brilha sobre o mundo.
- H. O elfo segura o anão.

Em *A*, *B*, *E*, *F*, e *G*, o tempo aoristo é usado para descrever várias “verdades universais” que são mais ou menos atemporais. Em *H*, o aoristo é usado para descrever uma ação momentânea, atemporal.

2.

- I. Ilya Elda ar ilya Atan.
- J. I Elda hiruva i Nauco.
- K. I rocco capë or i Nauco.
- L. I aran turë rimbë ohtari ar turuva ilya Ambar.
- M. I aran ar i tári cenduvar i parma.
- N. I ohtar turë macil.
- O. Ilyë rávi matir hrávë.
- P. Enquë rávi mátar hrávë.

Em *K*, o aoristo descreve uma ação momentânea, atemporal. Em *L* e *N*, o aoristo (**turë**) descreve uma característica ou “hábito” de um indivíduo: o rei (sempre) controla muitos guerreiros, o guerreiro (geralmente, habitualmente) empunha uma espada. Em *O*, o aoristo descreve uma “verdade universal” sobre leões, contrastando com o tempo presente (contínuo) em *P* (**mátar** = “estão comendo”), descrevendo, ao invés disso, a atividade *corrente* de alguns leões *em particular*.

LIÇÃO OITO

1.

- A. O homem encontrou o tesouro.

- B.* Os leões têm comido (comeram) a carne.
- C.* O rei tem convocado (convocou) a rainha.
- D.* As mulheres têm lido (leram) o livro.
- E.* A rainha má tem agarrado (agarrou) os sete anões.
- F.* Você escreveu sete livros.
- G.* Eu tenho falado (falei).
- H.* Você tem visto (viu) isto.

2.

- I.* I nér utúlië.
- J.* I otso Naucor amátier.
- K.* I seldor ecénier rá imbë i aldar.
- L.* I enquë Eldar oroitier i otso Naucor.
- M.* I Nauco unurtië harma.
- N.* Alaitien [ou, alaitienyë] i aran, an i aran elérië ilyë móli.
- O.* Alantiel [ou, alantielyë], ar ecénienyes.
- P.* Emétienyes.

LIÇÃO NOVE

1.

- A.* [A] lua brilhante está erguendo-se sobre o mundo.
- B.* O anão saltador caiu através do (/pelo) chão.
- C.* Eu posso ouvir uma donzela cantante.
- D.* Um homem empunhando uma espada não amedrontará os oito poderosos guerreiros.
- E.* Um escravo segurando um homem poderoso não é sábio.
- F.* Os oito leões deitados sob as árvores levantaram-se, pois os leões queriam comer os homens.
- G.* Um leão não pode parar de comer [/deixar de comer] carne.
- H.* O guerreiro assustador parou de observar [/deixou de observar] o povo, pois o guerreiro não era sábio. (Outra interpretação possível: “parou de proteger” ao invés de “parou de observar”.)

2.

- I.* I nér roitala i Nauco ná ohtar.
- J.* I aran mernë lelya.
- K.* I vendë úmë verya cenë i tári.

L. I lálala nissi lender mir i coa.

M. I tolto lelyala Naucor polir hirë rimbë harmar.

N. Ûmel(yë) laita i Elda, umil(yë) laita i Atan, ar úval(yë) laita i Nauco.

O. Merin(yë) lelya ter Ambar ar lerya ilyë lier.

P. Veryala nér lendë ter i ando ar mir i oron.

A resposta para o Exercício K (“a donzela não ousou ver a rainha”) é a única tradução possível usando-se o vocabulário que forneci até aqui, mas não posso dizer com certeza se *cen-* “ver” também pode ser usado no sentido de “encontrar”, que é como uma pessoa falante do inglês geralmente interpretaria essa palavra usada em tal contexto. Mas então “ver” = *cen-* pode, é claro, ser usada no seu sentido mais básico, de modo que *i vendë úmë verya cenë i tári* pode ser interpretado “a donzela não ousou *olhar para* a rainha”.

LIÇÃO DEZ

1.

A. Eu amo-os profundamente.

B. Eles cantam belamente, como (os) elfos cantam.

*C. O tesouro escondido não será encontrado. (Possivelmente, a expressão em quenya *úva hirna* sugeriria: “... não terá sido encontrado”, referindo-se a alguma situação futura.)*

D. Eles querem encontrá-lo rapidamente.

E. Você tem dois livros, e finalmente você tem lido-os (leu-os).

F. Eu tenho realmente [/verdadeiramente] visto (realmente vi) um elfo.

G. Todos os nove portões são observados.

H. Eles não queriam fazê-lo, pois vê-lo era o suficiente [/bastava].

2.

I. Elendientë nuldavë ter i nórë.

J. I hostainë Eldar merner cenitas.

K. Técina lambë umë ve quétina lambë.

L. Lempë ciryar úmer farya; nertë farner.

M. Anwavë pustuvan [ou, pustuvanyë] caritas.

N. Lintavë hostanentë i nertë ruhtainë Naucor.

O. Teldavë cenuvalyet ve emériel(yë) cenitat.

P. Umintë merë hlaritas.

A ordem das palavras é um tanto flexível; os advérbios em *M*, *N*, e *O* provavelmente também poderiam *suceder* o verbo (ex: **hostanentë lintavë** para “eles reuniram rapidamente”). Ver minha própria resposta para *I*. Mas quando um objeto ou um infinitivo sucede-se, creio ser um pouco estranho separá-lo do verbo finito ao inserir-se um advérbio entre eles. Claro, você também sempre pode ter o advérbio no *final* da frase.

LIÇÃO ONZE

1.

A. Eles encontraram a espada do guerreiro morto. (Genitivo de possuidor anterior.)

B. As estrelas do céu estão brilhando. (Genitivo de lugar: as estrelas estão no céu.)

C. Eu observei os olhos da mulher (dual). (Genitivo partitivo: os olhos da mulher são fisicamente parte dela.)

D. Eles verão o Rei dos Homens e de todas as terras. (Genitivo que descreve a relação entre um governante e o governado - povo ou território.)

E. Uma casa sem assoalhos não é uma casa real. (A preposição *ú* “sem” é seguida de genitivo; assim, *ú talamion* em quenya.)

F. Os irmãos maus da rainha querem governar os povos do mundo. (*I tário úmië torni*: genitivo de relação familiar. *Ambaro lier*: genitivo de lugar - os povos estão no mundo.)

G. Os chifres dos animais são grandes. (Genitivo partitivo, como no Exercício C acima.)

H. Os dez leões rapidamente comeram a carne do cavalo. (*I rocco hrávë* “a carne do cavalo” - genitivo de fonte, a carne vindo do cavalo. Note que o substantivo *rocco* “cavalo” é inalterado no genitivo singular, uma vez que ele já termina em -o.)

2.

I. **Menelo aiwi** [ou, (*i*) **aiwi Menelo**] **cenuvar cainen ohtari imbë i altë síri**. (*Menelo aiwi* “os pássaros do céu” – genitivo de lugar.)

J. **I arano mól** [ou, (*i*) **mól i arano**] **ulyanë limpë mir (i) analta i yulmaron** [ou, **mir i yulmaron analta**]. (*I arano mól* “o servo do rei” – genitivo indicando a relação entre o governante e o governado, ou várias relações entre pessoas em geral. Note *ulyanë* como o pretérito “derramou” no sentido transitivo. [*i*] **analta i yulmaron** ou **i yulmaron analta**: “a maior das taças”, genitivo partitivo - a maior taça sendo uma de todas as taças mencionadas. Cf. *elenion ancilima* “a mais brilhante das [dentre as] estrelas”, de Tolkien)

K. **I Eldo toron** [ou, (*i*) **toron i Eldo**] **hostanë (i) cainen parmar elenion**. (*I Eldo toron* “o irmão do elfo”: genitivo de relação familiar. Note que quando a desinência de genitivo -o é adicionada a um substantivo que termina em -a, como *Elda*, ela retira essa vogal final. (*I*) **cainen**

parmar elenion “os dez livros sobre estrelas”: o genitivo sendo usado no sentido de “sobre, a respeito de”. Talvez a ordem de palavra **elenion cainen parmar** também seja possível, mas parece menos natural.)

L. (I) alta sírë i nórëo [ou, **i nórëo alta sírë**] **ullë mir cilya**. ([I] **alta sírë i nórëo** “o grande rio da terra” - genitivo de lugar. Note **ullë** como o pretérito “verteu” no sentido intransitivo; compare com o transitivo **ulyanë** no Exercício J acima.)

M. Nér ú anto umë polë quetë. (A preposição **ú** é seguida de genitivo, mas aqui a desinência de genitivo é “invisível”, uma vez que o substantivo **anto** “boca” já termina em -o.)

N. Ecénien (i) analta ilyë orontion nu Menel. (Genitivo partitivo; ver Exercício J acima.)

O. Merin hirë nórë ú altë lamnion ve rávi. (A preposição **ú** é seguida de genitivo; assim, **lamnion** aqui.)

P. Cenuval(yë) laman ú rasseto. (Genitivo após **ú**; **rasseto** genitivo dual de **rassë** “chifre”. Se formas duais que indicam partes do corpo sempre assumem a desinência -u - ver **peu** “par de lábios” ou **hendu** “dois olhos”, de Tolkien - talvez a dual de **rassë** deva ser então **rassu**, o genitivo dessa sendo talvez **rassuo**. As intenções de Tolkien não podem ser reconstruídas com total certeza. Diferente de lábios ou olhos, chifres não vêm necessariamente em pares, de modo que não está claro se uma forma fossilizada como **rassu** ao invés de **rasset** é justificável.)

LIÇÃO DOZE

1.

A. Ambas expressões podem ser traduzidas “o vinho dos elfos”. Contudo, a expressão genitiva **i limpë Eldaron** implica “o vinho vindo dos elfos”, isto é, o vinho de alguma forma originando-se com os elfos ou obtido com eles. Por outro lado, a expressão possessiva **i limpë Eldaiva** implica “vinho pertencente aos elfos” no momento em que ele está sendo considerado, independente da origem do vinho.

B. Você tem (/possui) uma taça de ouro. (**Yulma maltava** “taça de ouro”: o caso possessivo-adjetivo usado em seu sentido “compositivo”, indicando do que alguma coisa é feita.)

C. O cavalo do elfo caiu em um desfiladeiro profundo. (**I rocco i Eldava** “o cavalo do elfo”: caso possessivo usado para posse atual. Poderia-se argumentar que os elfos tolkienianos parecem estar tão próximos de seus cavalos que, para eles, seus corcéis são mais como membros da família do que possessões, e então seria mais apropriado usar o caso genitivo: **i rocco i Eldo** or **Eldo rocco**. Mas como eu disse na introdução, os “elfos” destes exercícios não são necessariamente elfos tolkienianos.)

D. Homens de paz não serão guerreiros. (**Neri séreva** “homens de paz”: caso possessivo-adjetivo usado como uma característica permanente.)

E. Grandes muralhas de pedra ocultaram as casas dos dez homens mais ricos da cidade. (**Rambar ondova** “muralhas de pedra”: compositivo -va. **I coar i cainen analyë neriva** “as

casas dos dez homens mais ricos”: caso possessivo usado para posse atual. [neri] i osto “[homens] da cidade”: genitivo de lugar, os homens estando na cidade. Note que a palavra **osto** aqui é declinada para o genitivo, embora a desinência -o seja invisível uma vez que esse substantivo já termina em -o. Ver também Exercícios L e N abaixo.)

F. A casa da irmã do rei é vermelha. (Na expressão **i coa i arano selerwa**, o genitivo **i arano** “do rei” é dependente de **selerwa** “da irmã”, cuja forma possessiva por sua vez aponta de volta para **i coa** “a casa”. O genitivo refere-se a uma relação familiar, o possessivo a uma posse atual da casa. **I coa i selerwa i arano**, “a casa da irmã do rei”, seria uma expressão mais clara.)

G. Um dos servos segurou a espada do rei. (**Minë i mólion** “um dos servos”: genitivo partitivo; **i macil i aranwa** “a espada do rei”: o caso possessivo usado para posse atual. É claro, se o servo fugir com a espada do rei, ela eventualmente irá tornar-se, ao invés disso, **i macil i arano**, o genitivo indicando posse anterior. Se o servo rebelde mata o rei com sua própria espada, essa ação produziria imediatamente o mesmo efeito, o rei sendo instantaneamente reduzido a um possuidor anterior: **I macil i aranwa** penetra no peito do rei, **i macil i arano** sai pelas suas costas.)

H. O irmão da donzela encontrou todos os tesouros dos onze anões entre os quatro chifres das montanhas brancas. (**I vendëo toron** “o irmão da donzela”: genitivo de relação familiar; **i harmar i minquë Naucoiva** “os tesouros dos onze anões”: caso possessivo indicando posse atual. **I canta rassi i ninqui orontion** “os quatro chifres das montanhas brancas”, tanto genitivo partitivo, se os chifres são vistos como sendo parte das montanhas, como genitivo de lugar, se os chifres são vistos como estando nas montanhas.)

2.

I. Síri limpeva uller mir i nero anto [ou, **mir (i) anto i nero**]. (**Síri limpeva** “rios de vinho”: compositivo -va. **I nero anto** “a boca do homem”: genitivo partitivo, a boca do homem sendo parte dele. Note também **uller**, e não **ulyaner**, como o pretérito intransitivo de **ulya-** “verter”).

J. I seldoron seler [ou, **(i) seler i seldoron**] **hostanë (i) engwi i seldoiva ar lendë mir (i) coa i táriva**. (A expressão genitiva **i seldoron seler** “a irmã dos meninos” refere-se a uma relação familiar; as formas possessivas **seldoiva** e **táriva** têm a ver com a posse atual das “coisas” e da “casa”, respectivamente.)

K. Uma possibilidade: (I) muilë i nissiva varyanë alta harma maltava. (Na expressão **harma maltava** “tesouro de ouro”, o caso -va é usado no mesmo sentido como no Exercício B acima – mas “o sigilo das mulheres” pode ser traduzido de vários modos. Usando o caso possessivo-adjetivo como sugerido aqui, ele se refere ao “sigilo das mulheres” como um atributo mais ou menos permanente delas. Mas também pode-se usar o genitivo, **i nission muilë** ou **(i) muilë i nission**, centrando-se assim no “sigilo” no tempo especificado no passado que está sendo relatado. Pode-se ainda interpretá-lo como um tipo de genitivo de sujeito, “as mulheres” sendo aquelas que são sigilosas e, assim, os sujeitos do sigilo.)

L. Uma possibilidade: I minquë ohtari úmer polë varya (i) sérë i osto [ou, **i osto sérë**], **an alta mornië lantanë**. (Traduzir “a paz da cidade” como **i sérë i osto**, usando-se o caso

genitivo, centralizaria-se na “paz” da “cidade” como seu atributo em um momento específico - a paz emanando da cidade, aparentemente. Concebivelmente, ele também poderia ser interpretado como um genitivo de lugar, a paz estando na cidade. Certamente também pode-se dizer (i) **sérë i ostova**, usando o caso possessivo, mas então estamos falando sobre paz como um atributo permanente da cidade, e a mensagem dessa frase é que a paz provou não ser permanente, afinal. Mas um prefeito falante de quenya, expressando um desejo respeitoso “que a paz da cidade dure para sempre”, bem pode dizer **ostova**.)

M. Uma possibilidade: **Lelyuvantë ter nórë altë aldaiva ar rimbë ondoiva, an merintë cenë (i) osto i taura ohtarwa**. (**Nórë altë aldaiva ar rimbë ondoiva** “uma terra de grandes árvores e [de] muitas pedras”: o caso possessivo-adjetivo descrevendo traços característicos da “terra”. (i) **osto i taura ohtarwa** é a tradução mais natural de “a cidade do guerreiro poderoso” se o imaginarmos ainda vivo, “possuindo” de alguma forma a cidade onde mora. Mas, é claro, podemos também estar falando sobre um guerreiro há muito falecido que trouxe fama à cidade onde ele certa vez viveu, e então seria mais natural usar o caso genitivo, indicando um possuidor anterior: (i) **osto i taura ohtar** ou **i taura ohtar osto**. Essa expressão também pode ser apropriada se o “guerreiro” veio a fundar a cidade em questão, uma vez que o caso genitivo pode indicar um originador - vivo ou morto.)

N. Uma possibilidade: **Ramba muiléva varyanë (i) nurtaina malta i osto [ou, i osto nurtaina malta], ar úmen hiritas**. (**Ramba muiléva** “uma muralha de sigilo”: o caso -va é usado em seu sentido compositivo, a muralha metafórica sendo “feita de” sigilo. Note o alongamento da vogal final em **muilë** “sigilo” quando a desinência -va é adicionada, como parece ser característica de palavras com **ui** em sua penúltima sílaba; ver o exemplo atestado **huinéva** “de obscuridade”. - Se traduzirmos “o ouro oculto da cidade” usando um genitivo como sugerido aqui - (i) **nurtaina malta i osto** - ele provavelmente seria um genitivo de lugar: o “ouro oculto” está na “cidade”. Mas se assumirmos que a palavra “cidade” refere-se primeiramente às pessoas da cidade, poderíamos então usar o caso possessivo de posse atual: **i nurtaina malta i ostova**.)

O. (i) **nórë (i) Eldaiva ná nórë rimbë vanyë engwíva; nórë ú Eldaron ná nórë morniéva, an i Atani i nórëo [ou, i nórëo Atani] umir hlarë (i) alya lambë (i) Eldaiva**. (Possivelmente **Eldaiva** deveria receber aqui o artigo **i** em ambas suas ocorrências, uma vez que a referência pode não ser aos “elfos” como uma raça, mas sim “aos” elfos específicos que vivem em um país específico. De qualquer modo, essas formas possessivas referem-se à posse atual da terra [**nórë**] e do idioma [**lambë**]. Nas expressões **nórë rimbë vanyë engwíva** “uma terra de muitas coisas belas” e **nórë morniéva** “terra de escuridão”, o caso possessivo-adjetivo descreve traços característicos da “terra”; ver Exercício M acima. Note as vogais longas de **engwíva** e **morniéva**. A primeira representa *engweiva* mais primitiva [**engwë** + -iva], o ditongo *ei* tornando-se posteriormente *f* longo, enquanto que em **morniéva** o -ë final de **mornië** “escuridão” é alongado porque a palavra termina em duas sílabas curtas. - Na expressão **ú Eldaron** “sem elfos”, a preposição **ú** geralmente rege o caso genitivo. - De acordo com o uso de Tolkien em uma fonte tardia, também pode-se usar o genitivo na expressão “idioma dos elfos”; assim, **Eldaron** ao invés de **Eldaiva**, mas isto iria contradizer o que Tolkien escreveu em outra parte.)

P. I arano sello hostalë parmaiva Eldaron. (I arano sello “da irmã do rei”: o primeiro genitivo refere-se a uma relação familiar, mas **sello hostalë** “reunião da irmã” é um exemplo de genitivo de sujeito: a irmã do rei é o sujeito executando o “encontro”. **Parmaiva** “de livros”: o caso possessivo-adjetivo aqui assume a função de genitivo de objeto, os “livros” sendo os objetos do “encontro”. **Eldaron** “de elfos” ou “sobre elfos”: o caso genitivo é usado em seu sentido mais abstrato de “sobre” ou “a respeito de”, como no exemplo atestado **Quenta Silmarillion** = “a História das Silmarils”.)

LIÇÃO TREZE

1.

A. O homem deu à mulher um presente.

B. O sol dá luz ao mundo.

C. Nós (*inclusivo*) encontraremos o tesouro, e nós (*inclusivo*) o daremos aos doze anões.

D. Comer torna uma pessoa gorda, e nós (*inclusivo*) não queremos corpos gordos, pois corpos gordos não são belos.

E. Nós (*exclusivo*) entramos na cidade (para) encontrar as mulheres sábias, pois nós (*exclusivo*) queríamos vê-las.

F. Um homem possuidor de boas idéias é sábio e dará [ou trará] paz e alegria para a cidade.

G. Nós (*exclusivo*) os invocamos (para) falar de/sobre muitas coisas.

H. Beber vinho não é bom para o corpo de alguém.

2.

I. **Quen ánë i ohtaren alta macil.** (Note a vogal auxiliar -e- inserindo-se entre **ohtar** e a desinência -n, para evitar a forma impossível ****ohtarn**.)

J. **Carië coa i seldoin ná mára noa.** (Aqui o gerúndio **carië** “fazer” rege tanto um objeto direto como um indireto – **coa** e **i seldoin**, respectivamente.)

K. **Mahtalvë séren; mahtië umë anta i lien alassë, an ecénielvë i cala.**

L. **Quetië i Eldalambë ná alta alassë Atanin.** (Possivelmente **alta alassë** não é uma tradução perfeita de “grande alegria”, uma vez que o adjetivo **alta** significa primeiramente “grande” com referência ao tamanho físico - mas não temos uma palavra para “grande” em um sentido menos concreto.)

M. (I) **ohtari i atta nórion** [ou, **i atta nórion ohtari**] **mahtuvar i lient, ar lelyuvalmë ter alta mornië hirien cala.** (Alternativamente, “as duas terras”, e não apenas “os [dois] povos”, também pode ser expressa como uma forma dual aqui: **i nóret**, genitivo **i nóreto**, ao invés de **i atta nórion**.)

N. **I neri arwë i mára limpëo merner yulmar sucien i limpë, ar i arano móli áner i nerin rasta yulmar maltava.** (Note o genitivo sucedendo **arwa** [aqui no pl. **arwë**]; assim, **limpëo**.)

O. Merilmë lelya mir i osto lerien ilyë Atani ar antien (i) malta i aranwa i mólin.

(Note que, enquanto a expressão “nós queremos ir” certamente expressa um propósito, “ir” deve ser traduzido aqui simplesmente como o infinitivo simples *lelya*, e não como um gerúndio no dativo, uma vez que ***merilmë lelien* = “nós queremos [para] ir” não faria sentido algum. Por outro lado, o teste “para” revela que os verbos *leriya*- “libertar” e *anta*- “dar” devem aparecer como gerúndios no dativo, isto é, *lerien* e *antien*: “queremos entrar na cidade [para] libertar todos os homens e [para] dar o ouro do rei aos escravos”.)

P. (I) rambar i osto [ou, **i osto rambar**] **nar altë; acárielvet varien i lië.** (Varien: gerúndio dativo de *varya*- “proteger”.)

(Nessas respostas não listamos todas as possíveis variações na ordem das palavras, como dizer *acárielvet i lië varien* ao invés de *acárielvet varien i lië*.)

LIÇÃO CATORZE

1.

A. Nós (*inclusivo*) iremos da torre à casa. (Interpretação alternativa: “da torre”, “para dentro da casa”.)

B. Todos os elfos têm desaparecido (desapareceram) do mundo.

C. Os anões vieram das montanhas; eles foram às [ou, para dentro das] casas e estão bebendo nosso (*incl.*) vinho.

D. Os guerreiros malignos pegarão o ouro de nosso (*incl.*) povo para enviar nossos (*incl.*) tesouros a uma terra remota.

E. A mulher foi embora da minha casa e foi para o rio.

F. O primeiro navio virá do oeste.

G. Teme-se os leões [quenya: “... sente medo dos leões”], pois eles comeram o rei de nosso (*exclusivo*) povo, e não irão embora da nossa (*exclusivo*) terra. [ou simplesmente: “... não deixarão nossa terra”.] (Uma vez que *rá* “leão” possui a forma de radical *ráv-*, e ***rávillon* não é uma palavra possível, o ablativo plural presumivelmente exigiria uma vogal de ligação, que é -i- no caso de palavras no plural: assim, usamos *rávillon* como o ablativo pl. de *rá*. Note também *lielmo* como o genitivo de *lielma* “nosso povo”.)

H. Nessimë disse [ou, diz] a Calandil: “Meu filho desapareceu do meu quarto!”

2.

I. Equê Calandil Nessimenna: “Yondolya elendië [ou, oantië] et i coallo, an ilyë i seldor lender [ou, oanter = “foi embora”] i ambonna.” (A palavra *et* pode ser omitida, visto que o ablativo simples *i coallo* pode expressar “para fora da casa” por si só – mas sem *et*, o ablativo também pode ser interpretado “[longe] da casa”.)

J. Menello Anar antëa cala Ambarelván [dativo!], **ar i mornië avánië**. (Talvez Menelello com uma vogal de ligação -e- também fosse uma forma ablativa válida de **Menel**. Note que “a nosso mundo” nesse contexto deve ser uma forma dativa ao invés de uma alativa; cf. Exercício B na Lição Treze acima. Mas talvez o alativo **Ambarelvanna** também fosse possível, o significado sendo: “o sol está distribuindo luz [que está indo] ao nosso mundo”. Os casos dativo e alativo estão intimamente relacionados; a forma da carta Plotz sugere que o dativo em -**n** pode ter originado-se como uma variante mais curta do alativo em -**nna**.)

K. Equë Calandil i úmëa aranna: “Ementiel(yë) ohtarilyar i mindonna hirien yondonyar. Mólinya varyuva i seldor, ar úvantë vanwë!” (Formas alternativas de **aran** e **mindon** podem ser **aranenna** e **mindonenna**. Note como a desinência -**nya** sempre prefere -**i-** como sua vogal de ligação onde uma é exigida; assim, “meu servo” = **mólinya**. Por outro lado, **ohtarilyar** “seus guerreiros” mostra -**i-** apenas porque a palavra está no plural, cf. também **móilmar** “nossos servos” no Exercício N abaixo. De acordo com o sistema que temos tentado criar, as formas no singular seriam **ohtarelya** “seu guerreiro” e **móelma** “nosso servo”. – Possivelmente “meus filhos” também poderia ser expresso como uma forma contraída a partir de **yonyar** [ao invés de **yondonyar**], mas **yonya** “meu filho” [LR: 61] pode ser usado primariamente como uma forma de referência.)

L. I nér arwa i ciryaron mernë auta, ar ilyë i ciryar oanter Númenna.

M. Lendelmë sambenta, ar i nér i ambollon [ou, **ambollor**] **ánë yondolyan** [dativo!] **alta macil, quétala: “I macil tulë haira nórello, (et) anhaira Númello.”**

N. Ilyë aldar firner ar váner nórelvallo, ar equë Calandil ar Nessimë: “Mentuvalmë móilmar hirien nóre arwa rimbë aldaron.” (Note que o verbo **equë** não recebe a desinência -**r** mesmo quando possui sujeitos múltiplos.)

O. I vendë quentë i lamnenna: “Rucin(yë) altë rasselyalto.” (Uma vez que **vendë** é um substantivo comum e não um nome próprio, o verbo especial **equë** não deve ser usado aqui. Quanto à construção “temor” = “ter medo de”, cf. Exercício G acima. Uma forma alativa alternativa de **laman** “animal” pode ser **lamanna** como uma contração de **laman-nna** [ao invés de envolver a forma de radical **lamn-**, necessitando da adição de uma vogal de ligação antes que -**nna** possa ser adicionada].)

P. Lenden(yë) sambelvanna hostien engwenyar, an mernen(yë) anta torninyan minya parmanya; i parma caitanë i talamenna. (“Meu irmão”: usamos **torninya** [aqui com a desinência dativa -**n**], formada a partir de **toron**, **torn-** “irmão” com a vogal de ligação -**i-** que é preferida pela desinência -**nya** “meu”. Talvez **toronya**, para **toron-nya**, também fosse possível [dativo **toronyan**]. **Talamenna** como o alativo de **talán** “chão” leva em consideração a forma de radical **talam-**, mas talvez **talanna** para **talán-nna** também fosse uma forma aceitável.)

Exercícios adicionais:

3.

a) De (*ablat.*) nossas (*incl.*) casas

- b) Para meu corpo
- c) Para nossos (*incl.*) corpos
- d) Nossas (*incl.*) línguas (nominativo)
- e) À nossa terra
- f) Nossas (*excl.*) coisas (nominativo)
- g) De (*ablat.*) seu rei
- h) De meu servo
- i) De meus servos
- j) Às nossas (*incl.*) cidades
- k) De nosso (*incl. dual*) povo [= “do povo de nós dois”]
- l) De seu filho

Traduzindo as formas duais de sambë “quarto” como “apartamento de dois quartos”:

- m) Nosso (*excl.*) apartamento de dois quartos (nominativo)
- n) Para meu apartamento de dois quartos
- o) De seu apartamento de dois quartos
- p) Ao nosso (*incl.*) apartamento de dois quartos
- q) Do (*ablat.*) seu apartamento de dois quartos
- r) De meu povo
- s) De nossos (*incl.*) filhos
- t) Para sua rainha
- u) De nossos (*excl.*) povos
- v) De meus homens
- w) De meu homem
- x) Para meus meninos
- y) Desde nossos (*excl.*) navios [gêmeos] (*dual*)
- z) De nosso (*incl. dual*) filho [= “do filho de nós dois”]

4.

- a) **Ambolyannar**
- b) **Sérelman**
- c) **Parmalyat**
- d) **Mindonelyanna/mindonilyannar** (Note como o -e- funciona como uma vogal de ligação no singular, enquanto que o -i- é usado no plural.)
- e) **Tárilmava**
- f) **Sellinyaiva**
- g) **Sellinyallo** (Note como a desinência -**nya** “meu” prefere -i- como sua vogal de ligação mesmo no singular, como aqui após **seler**, **sell-** “irmã”. Cf. também os exercícios M, N, U e Y abaixo.)
- h) **Annalvaron**

- i) Maltalvo
- j) Alasselvan
- k) Limpelyo
- l) Ambarelyallo
- m) Anarinyo
- n) **Aranyan** (para *aran-nya-n*; alternativamente *araninyan* com uma vogal de ligação inserida)
- o) Yondolmava
- p) Yulmalmaron
- q) Aiwelyant
- r) Rambalmanta
- s) Rambalvalto
- t) **Nórelyallon** [alternativamente, **nórelyallor**]
- u) **Sellinyato** (supomos que a desinência *-nya* “minhas” prefira *-i-* como sua vogal de ligação também em formas duais)
- v) **Harmalmaron**
- w) **Roccolvannar**
- x) **Coamman**
- y) **Torninyan** (ou talvez *toronyan* para *toron-nya-n*, independente de *torn-* como a forma radical normal de *toron* “irmão”)
- z) **Aldalmannar**

LIÇÃO QUINZE

1.

A. Ele(a) virá no segundo dia.

B. No inverno[,] muitos pássaros partem para viver no sul; após o inverno, eles partem do sul [ou, deixam o sul] e vêm para nossa (*incl.*) terra.

C. Achar ouro nas montanhas deu alegria a seu povo, pois ele/ela, ao encontrá-lo, tornou seu povo rico.

D. No segundo inverno no qual ele(a) viveu na casa[,], ele(a) encontrou um tesouro sob o assoalho.

E. Ele(a) fala nossa língua, pois ele(a) reside (/vive) em nossa (*incl.*) terra.

F. Ele(a) diz/disse: “Vi uma espada na mão esquerda do guerreiro”. (Note o encurtamento da vogal longa de **má** antes de um encontro consonantal: locativo **massë**.)

G. O homem que encontrou o tesouro esconderá as coisas que encontrou em seu apartamento de dois quartos (... isto é, se continuarmos a traduzir as formas duais de **sambë** “quarto” como “apartamento de dois quartos”. Note que o segundo *i* da frase em quenya é o pronome

relativo “que”, e não o artigo “o”. O pronome relativo *ya* “que” aparece aqui na forma *yar*, com uma desinência de plural sendo anexada, porque ele remete à palavra no plural “coisas”: supomos que *ya* seja declinado como um substantivo em -a. Esse *yar* não deve ser confundido com a forma atestada *yar* “a quem”, que não é plural mas possui a antiga desinência alativa -r [como em *mir* “para dentro de”] anexada.)

H. Sobre a colina[,] ele(a) vê o casal que ele(a) tem observado (observou) de sua casa, e ao qual ele(a) deu seu presente. (Supomos que o pronome relativo *ya* aparece com desinências duais ao referir-se a uma palavra dual: *yat*, dativo *yant*.)

2. [A distribuição exata de *i* e *ya*, quando ocorrem como pronomes relativos sem desinências de caso e número, ainda é incerta. O que segue-se é meramente uma sugestão a esse respeito. É completamente possível que poderia-se usar *i* onde as respostas seguintes têm *ya*, e vice-versa. Contudo, *i* funcionando como o artigo “o(s), a(s)” não pode ser substituído por *ya*.]

I. Cennes veru i mallessë.

J. *Hirnen(yë) i nís i marë i coassë imbë i síri, ar tirnen(yë) péryat ar máryat; hyarya máryassë cennen(yë) parma.* (Note que o segundo *i* dessa frase funciona como o pronome relativo “que”, e não como um artigo. Cf. o exercício G acima: *i nér i...* “o homem que...”)

K. *Cennen(yë) yulmarya máryatsë, i yulma yallo ulyanes limpë mir antorya* (ou, *antoryanna*, usando um alativo simples ao invés da preposição *mir*).

L. *I marir i mindonissen yannar lelyëa [ou, lelya] i nér nar ohtari.* (Note a ordem das palavras: o verbo imediatamente sucede *yannar* “às quais”, assim como ele imediatamente sucede *yassen* “nas quais” no nosso exemplo atestado no Namárië. Mas é provável que ...*yannar i nér lelyëa* fosse igualmente possível.)

M. *Sucitarya i limpë úmë mára noa, an ya carnes apa sucitaryas úmë saila.* (Talvez a *sucitarya* inicial também pudesse ser *sucierya* - a desinência pronominal sendo anexada ao gerúndio de *suc-* “beber”.)

N. *Apa oantelmë nórelmallo (i) Hyarmessë, ecénielmë rimbë Naucor i mallessen.*

O. *I mindoni i ambossen nar altë; i harya i analta mindon, yallo polë quen cenë i Eldanórë, ná i analya nér i ostossë.* (...*yallo polë quen cenë*, literalmente “da qual pode-se ver”: suponho que em uma expressão como *polë cenë* “pode ver”, com um verbo finito seguido por um infinitivo, é apenas o verbo finito que é remanejado para imediatamente suceder um pronome relativo como *yallo*. Mas carecemos de exemplos atestados, é claro; talvez deva ser *yallo polë cenë quen* com o sujeito sucedendo a expressão verbal inteira. E por tudo que sei, *yallo quen polë cenë*, com uma ordem de palavras “portuguesa”, também pode ser admissível.)

P. *Lië yo aran ná saila maruva séressë mára nóressë ya meluvantë núravë.* (Se *ya* realmente pode ser declinado da mesma forma que um substantivo em -a, como sugerido pelo exemplo *yassen*, o genitivo “cujo (de quem)” seria no singular *yo* – o grupo -ao sendo simplificado para -o como sempre.)

LIÇÃO DEZESSEIS

1.

A. Ele(a) veio do leste em um cavalo branco. (É claro, a forma instrumental em **-nen** não parece significar realmente “em” mas subentende “por meio de” – o cavalo sendo identificado como o meio de viagem. Não é inteiramente óbvio como **rocconen** é melhor traduzido em português, de modo que a expressão precisa da tradução não é importante enquanto o estudante compreender claramente o significado da própria forma instrumental. Pode-se bem traduzir: “... cavalcando um cavalo branco”, embora nenhum elemento que signifique “cavalcando” esteja presente.)

B. O homem feriu o leão com uma lança, e ele disse: “Não coma meu filho!”

C. Nós (*excl.*) dissemos ao elfo: “Nossa (*incl.*) amizade é renovada pelo seu presente!”

D. No terceiro dia ele(a) disse à donzela: “Faça o que você quiser!” (... *ya merilyë* = “[aquilo] que você quiser”.)

E. Uma pessoa não pode encontrar um tesouro escondido por anões, pois um anão ama profundamente o ouro que ele possui.

F. O homem está ferido pelos chifres (*dual*) do animal; espero que ele não morra! (literalmente: “possa ele não morrer!”)

G. Ele(a) está cantando com alegria (/por causa da alegria).

H. Vá para a cidade e diga à rainha poderosa: “Que você proteja nossa (*incl.*) terra dos guerreiros malignos!” (Nai *varyuvalyë nórelva...* = literalmente “possa você proteger nossa terra...”)

NOTA SOBRE EHTË “LANÇA”: no exercício B, usei **ehtenen** como a forma instrumental desse substantivo. Em Etimologias, Tolkien primeiro produziu essa palavra a partir de EKTË, mas de acordo com uma nota do editor, uma leitura variante EKTÍ também foi introduzida. Se aceitarmos essa última versão, de modo que a palavra em quenya **ehtë** “lança” seja produzida a partir da palavra do élfico primitivo *ekti*, a palavra em quenya provavelmente deve possuir a forma de radical **ehiti-** de maneira que a forma instrumental seria **ehtinen** ao invés de **ehtenen**. Mas a forma instrumental plural provavelmente deve ser **ehtinen** (como no exercício K abaixo) não importando que “etimologia” preferimos, uma vez que **ehtinen** poderia representar tanto **ehiti+inen** (dois i's curtos fundindo-se em um í longo) como **ehite+inen** (ei regularmente tornando-se í longo).

2.

I. Eques [ou, quentes] i Nauconna: “Á racë i yulma nambanen!”

J. Ciryānen oanten(yë) haira nórenna Rómessë.

K. I osto ná varyaina altë rambainen, ar ohtari i mahtar ehtínen umir polë racë i rambar.

L. Equë Calandil harna yondoryanna: “Áva firë!” (Alternativamente: Calandil quentë harna yondoryanna... Como tratado na lição, é possível que o participio passivo de **harna-** “ferir” seja simplesmente **harna** ao invés de **harnaina**, uma vez que o radical verbal já contém o elemento **-na** que está estritamente relacionado à desinência mais longa **-ina**.)

M. Nai tárilya hiruva i yána airinta (i) Eldainen!

N. I aran ar i tári lender coanyanna ar envinyatáner nilmelma altë annainen.
O. Mapas i seldo máryanten, ar eques [ou, quetis]: “Áva lelya i sírenna!”
P. I nís i marë i nelya coassë i mallessë quentë i Eldanna: “Á tirë i neri i túlar i yánallo ya cenil(yë) i ambossë, i lelyar Rómenna.”

LIÇÃO DEZESSETE

1.

A. Esta coisa é a espada encontrada por Calandil [o] Alto. (Calandil Hallanen “por C. [o] Alto”: note como a desinência casual instrumental é adicionada à última palavra da expressão.)

B. Todos os animais desapareceram desta terra. (nórë sinallo = “desta terra”; note mais uma vez como a desinência casual, aqui ablativa, é adicionada à última palavra - o demonstrativo *sina* “esta”. Contudo, *nórello sina* talvez fosse igualmente possível.)

C. Uma cobra feriu seu braço direito, e ele(a) disse: “Quero que todas as cobras morram!” (Rancurya = “seu [dele/dela] braço”; note como *ranco* “braço” aparece na forma *rancu-* antes de desinências, uma vez que este é um radical U. Possivelmente, a dual “par de braços” também teria a forma *rancu*, mas se essa forma fosse pretendida aqui, também veríamos o indicador dual extra -t após a desinência -rya. Cf. *máryat* = “suas (seu *par de*) mãos” no Namárië.)

D. Naquela noite, eles encontraram aquele anão lá naquela colina. (Yana pode significar “aquela” de algo que existiu anteriormente ou no passado, e uma vez que a referência é a uma noite no passado, essa palavra é apropriada aqui – se tivermos reconstruído as intenções de Tolkien corretamente! Cf. também *hrivë yanassë* “durante aquele/naquele inverno” no exercício H abaixo. *Nauco tana*: “aquele anão”, a palavra *tana* “aquele” simplesmente focalizando-se em uma única identidade. *Ambo entassë*: “lá naquela colina”: a palavra *enta* aparentemente significa “aquela” com ênfase na posição espacial.)

E. Os navios altos partiram em direção ao norte; aqueles navios não virão às terras do sul. (Ciryar tanë “aqueles navios”: supomos que *tana* “aquele” possa possuir a forma plural *tanë* “aqueles”, o demonstrativo comportando-se como um adjetivo.)

F. No quarto dia, aquela rainha morreu pelo [do] veneno de uma cobra. (Tári yana: “aquela rainha” de uma rainha que está morta, *yana* sendo usado para algo que é passado – mas “aquela rainha” provavelmente também poderia ser *tári tana*, focalizando-se meramente em uma única identidade.)

G. Os braços fortes dos homens do norte podem agarrar as lanças de guerreiros lutadores. (Ohtari mahtalallon “de guerreiros lutadores”: note como a palavra *ohtari* “guerreiros” recebe apenas a desinência de plural mais simples, geralmente associada com o caso nominativo, mas a desinência ablativa plural -llon adicionada ao participio *mahtala* “lutador” indica que toda a expressão está no

caso ablativo. - A ordem de palavras **mahtala ohtarillon** seria igualmente possível: aqui a desinência ablativa é adicionada ao substantivo “guerreiros”, uma vez que ele agora é a última palavra da expressão.)

H. Naquele inverno, eles viveram (/moraram) na quarta casa daquela estrada (/rua). (**Hrīvë yanassë**: locativo “durante aquele/naquele inverno”; cf. Exercício D acima. **Mallë tano** “daquela estrada”, genitivo de **mallë tana** “aquela estrada” - a desinência de genitivo -o substituindo o -a final como sempre.)

2.

I. Á **tirë Nauco tana**, ar **áva tirë Elda sina!** (Alternativamente **Nauco enta** = “aquele anão [lá]”.)

J. **Nórë ú angwion ná mára nórë, an rimbë Atani ifrier angusangwanen.** (**Ú angwion** “sem cobras”: como o estudante deve lembrar-se, a preposição **ú** “sem” rege o caso genitivo. **Angusangwanen** “pelo veneno de cobra”: note como o substantivo radical **U angō** “cobras” aparece como **angu-** em uma palavra composta.)

K. **I cantëa lómissë cennen(yë) ruhtala ohtar mallë tanassë, ar ortanen(yë) rancunyat.** (Alternativamente **mallë entassë** = “naquela estrada [lá]”. **Rancunyat** “meus braços” é aqui sem dúvida alguma dual, por causa da desinência dual -t após a desinência pronominal -nya “meu”. Compare com o Exercício C acima.)

L. **Nai Calandil Hallo polda yondo [ou, ... i polda yondo Calandil Hallo] tuluva nórë sinanna, an varyuvas ostor sinë yassen marilvë!** (Como no Exercício A acima, a desinência casual é adicionada à última palavra da expressão **Calandil Halla** “Calandil [o] Alto”, e como no exemplo atestado **Elendil Vorondo** “de Elendil, o Fiel [**Elendil Voronda**]”, a desinência genitiva substitui o -a final.)

M. **Mindon enta ná i cantëa mindon carna Eldainen nórë sinassë.**

N. **Parmar tanë nar vanwë; avánientë sambelyallo.**

O. **Aurë entassë cenuval(yë) yondolya.** (Alternativamente **aurë tanassë**, mas **enta** pode referir-se a algo que se situa no futuro, e como está evidente pela expressão “verá”, a referência aqui é sobre um dia futuro.)

P. **Aurë yanassë tullentë oron entallo ar lender coa sinanna.** (Alternativamente **aurë tanassë** de novo, mas **yana** pode referir-se a algo que se situa no passado, e como está evidente pelo verbo no pretérito “vieram”, a referência é sobre um dia no passado. - Em alguns textos, Tolkien usa **túlë** ao invés de **tullë** como o pretérito “veio” [LR: 47, SD: 246], mas **tullë** é atestado em outro lugar e encaixa-se melhor nos padrões gerais. Cf. algumas formas discutidas anteriormente: **villë** “voou”, **ullë** “verteu”).

Até o momento, como o sistema de adicionar desinências casuais à “última palavra declinável” não é necessariamente obrigatório, as desinências provavelmente também poderiam ser adicionadas aos substantivos relevantes; ex: **mallessë tana** (ou, **enta**) ao invés de **mallë tanassë** (ou, **entassë**) para “naquela estrada” no Exercício K.

LIÇÃO DEZOITO

1.

A. Eles vieram para ver-nos, não para ver-te.

B. Que você sonhe sobre elfos! (Desejo que você sonhe com elfos!)

C. Três homens irão para lá, e os anões os observarão, pois os homens possuem um tesouro que é maior do que [lit. “grande além”] ouro.

D. No sexto dia eles sentiram-se instigados a virem a mim. [Lit. “... (isto) impeliu-os a virem a mim.”]

E. O sexto rei da terra é mais sábio do que [“sábio além”] seu pai, o quinto rei.

F. Ele(a) expandiu sua casa, tornando-a [ou, fazendo dela] a maior casa da rua.

G. Você o fez por eles; você não o fez por nós. (Alternativamente, “você criou-o para eles; você não criou-o para nós”: *car-* abrange tanto “fazer” como “criar”).

H. Vimos você no desfileiro abaixo de nós, pois você caiu nele (= dentro dele).

2.

I. Forya rancunya ná polda lá hyarya rancunya.

J. Á tulta te ninna!

K. I urquí tírar nye, an rucin(yë) tiello.

L. Lá tulualmä cenien tye i lómissë.

M. Lá óluva i seldon urquion.

N. I atta nissi quenter: “Aranelya lá mernë anta ment i engwi mapainë melto ohtariryainen.”

O. I nér púlula coarya cára ta carien rimbë sambi ilyë engweryain.

P. I enqüë aurë nauva mára lá i lempëa aurë, ar lá oruva men auta.

Outras ordens de palavras aparentemente também seriam possíveis, tais como prefixar alguns pronomes independentes a verbos: *K)* nye-tírar ao invés de tírar nye, *L)* tye-cenien ao invés de cenien tye, *N)* ment-anta ao invés de anta ment, *O)* ta-cára ao invés de cára ta e *P)* men-oruva ao invés de oruva men.

LIÇÃO DEZENOVE

1.

A. Quem viveu [ou, “morou”] na casa dez anos atrás, quando *eu* não vivia nela?

B. O que *nós* (*inclusivo*) podemos fazer?

C. Dê isto para mim, e não o esconda de mim! (A desinência -t em *antat*, *nurtat* indica que a frase é dirigida a apenas uma pessoa.)

D. Quem *você* viu no sétimo dia?

E. Eles darão todos os presentes para *mim* e não para *você*!

F. O que os homens encontraram na terra além das montanhas?

G. Como *você* será capaz de erguer a grande pedra quando *eu* não pude fazê-lo?

H. Nossa irmã vive naquela casa (lá); *nós* vivemos na oitava casa nesta rua. Venha e veja nossa casa! (*Á tulil ar á cenil* = “venha e veja”; a desinência -l indica que a frase é dirigida a várias pessoas.)

2.

I. Man acárië ta?

J. Mana elyë hirnë i otsëa sambessë írë lendel(yë) tanna?

K. Írë elyë utülië, inyë merë auta! (Se elyë pode funcionar como um pronome no plural e é interpretado aqui como “vocês”, o verbo talvez também deva estar no plural: *elyë utülier*.)

L. Ámen antal i limpë!

M. Á antat i limpë elmen ar lá i ohtarin!

N. I otsëa ohtar utülië i altë orontillon (ou, -llor) pella.

O. I toltëa ando pella elyë hirnë alta harma; elmë i tuller apa le úmer hirë [ou, lá hirner] engwë! (Alternativamente elyë hirner se o pronome for considerado como plural; cf. o Exercício K acima. Note que o “que” da frase relativa “nós que viemos” é traduzido por meio do pronome relativo i: a palavra *man* indica um tipo diferente de “que”, usado em verdadeiras perguntas.)

P. Manen i úmië Naucor hirner te [ou, te-hirner] otso auri yá?

LIÇÃO VINTE

1.

A. Você [ou, *você* enfático] é um anão, não um elfo. (Elyë Nauco: o verbo de ligação “é” é omitido e subentendido. Evidentemente *nályë Nauco* teria sido uma alternativa possível.)

B. Eu vi que o braço do homem estava quebrado.

C. O rei era poderoso, mas a rainha era mais sábia do que o rei.

D. Você sabia que debaixo da casa há um tesouro escondido?

E. Posso deixar [literalmente, ir deste] este lugar?

F. Não beba, pois há veneno em sua taça!

G. Você estava aqui no décimo dia quando eles chegaram?

H. Nós (*excl.*) sabemos que há uma sala secreta nesta casa, mas nós não a encontramos e, até a encontrarmos, não saberemos o que está na sala.

2.

I. “Eu era rico” pode ser traduzida de vários modos. A solução “mais segura” talvez fosse omitir o verbo de ligação e usar um pronome independente (**ni** ou **inyë**) para “eu”: **ni alya** ou **inyë alya**. Claro, isso também pode significar “eu *sou* rico”, uma vez que não há indicador de tempo verbal. Se quisermos incluir um, devemos usar a forma não inteiramente bem atestada **né** “era”. Adicionar a desinência **-n** ou **-nyë** para “eu” pode resultar em uma forma do tipo **nen(yë)**; sendo assim, “eu era rico” poderia ser traduzido **nen alya** ou **nenye alya**.

J. **I aran quentë** [ou talvez **equë**]: “**Lá lertal(yë) lelya i nómena yallo utúliel(yë)**”, **mal istan(yë) sa lelyuvan(yë) tanna**. (Tradução alternativa de “você não pode ir”: **umil(yë) lerta lelya**.)

K. **Istan(yë) cenda, mal lá polin(yë) cenda i morniessë**. (Tradução alternativa de “eu não posso ler”: **umin(yë) polë cenda**. Observe a diferença entre **ista-** “poder” = “saber como” e **pol-** “poder” = “ser fisicamente capaz de”: o falante sabe como ler, mas é incapaz de ler no escuro.)

L. **Istaltvë sa Eldar ëar**.

M. **Ma marentë sinomë tenna i nertëa loa írë i ohtari tuller?**

N. **Istalmë sa i neri sinter quetë i Eldalambë, mal lá i Naucolambë**.

O. **I nissi quenter sa ecéniel(yë) i alta ango i engë i orontessë**.

P. **I quainëa auressë Anar né**.

informação da gráfica, tipo de papel, fonte
utilizada e data de impressão

